

ELIANA ALMEIDA DE SOUZA REZENDE

IMAGENS DE CIDADE: CLICHÊS EM FÓCO...
SÃO PAULO E LISBOA (1900 – 1928)

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas sob a orientação da
Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani.

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em
24/10/2002

BANCA

Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani (orientadora)

Prof. Dr. Ítalo Arnaldo Tronca

Profa. Dra. Cristina Meneguello

Profa. Dra. Myriam Bahia Lopes

Profa. Dra. Maria Lucia Caira Gitahy

Profa. Dra. Marisa Varanda Teixeira Carpintéro (suplente)

Profa. Dra. Isabel Andrade Marson (suplente)

AGOSTO/2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

200400874

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP R339i
V	EX
TOMBO BC	56937
PROC	JG/JJ/04
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	21/02/04
Nº CPD	

0400197316-6

bib id 8084 22

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

R339i

Rezende, Eliana Almeida de Souza
Imagens de cidade : clichês em foco... (São Paulo e Lisboa
1900-1928) / Eliana Almeida de Souza Rezende. - - Campinas,
SP : [s. n.], 2002.

Orientador: Maria Stella Martins Bresciani.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Cidades e vilas - São Paulo (SP) - 1900-1928. 2. Cidades e vilas - Lisboa (Portugal) - 1900-1928. 3. Fotografia. 4. Saúde e higiene - História. 5. Crescimento urbano. 6. Fotógrafos. 7. Setor informal (Economia). 8. São Paulo (SP) - Urbanização - 1900-1928. 9. Lisboa (Portugal) - Urbanização - 1900-1928.

I. Bresciani, Maria Stella Martins. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Agradecimentos

A conclusão de um trabalho como este envolve, sem dúvida, o agradecimento a muitos. É um caminho longo que no seu decurso contou com diferentes formas de apoio e incentivo.

Agradecer também é uma forma de lembrar, é uma forma de não deixar se apagar memórias de momentos vividos e sentidos, trajetórias percorridas. E neste sentido, e talvez por isso, seja tão difícil agradecer. Como fazer caber numa palavra a importância de um sorriso, de um afeto, de uma palavra dita num momento difícil, um telefonema dado a 5 mil milhas de distância?

Assim desde já minhas desculpas pelo eventual esquecimento. Aqueles que me acompanharam ao longo destes anos com certeza saberão compreender alguma “falha” de memória.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) que, através de uma bolsa, me proporcionou as condições para o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha querida orientadora, Maria Stella Martins Bresciani, incentivadora coruja. Sempre atenta e pronta a dar sugestões e incentivos. Por perto, mesmo quando o Atlântico teimava em nos manter afastadas por 5 mil milhas.

À Banca de Qualificação, composta pelo Profº Drº Ítalo Arnaldo Tronca e pela Profª Drª Maria Alice Rosa Ribeiro que, através de uma leitura atenta e colocações pertinentes, me fizeram pensar sobre uma série de questões que, de alguma forma tentei respondê-las no decurso desta pesquisa.

Aos familiares de Joshua Benoliel e Geraldo Horácio de Paula Souza, pela atenção e a disponibilização de documentações e informações sobre seus antepassados.

Ao Instituto Moreira Salles, em São Paulo pela cedência do uso das imagens de Vicenzo Pastore.

A todos da Secretaria de Pós-Graduação do IFCH, nomeadamente ao Júnior, Cidinha e Lurdinha, sempre tão solícitos, gentis e prontos: meu muitíssimo obrigada... em alguns momentos não saberia o que teria sido sem vocês!

A querida e atenciosa Roselene Rodrigues dos Santos, pelo cuidado e atenção em auxiliar-me na árdua tarefa de “formatar idéias” e encontrar para elas formas gráficas visíveis para a página impressa, meu muito obrigada.

Ao pessoal do Centro de Memória da Unicamp, em especial a Denise e Marli, meu obrigada pelo tempo de convívio e trabalho no tratamento de coleções de fotografia.

Aos colegas do doutorado e dos amigos da Linha de Pesquisa Cultura e Cidades da Unicamp e aos amigos conquistados na FAU/USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo).

Um agradecimento especial às Professoras Maria Lúcia Githay e Ana Lanna pela disciplina na FAU/USP em que os primeiros passos na definição desta tese foram ali esboçados, propiciados por discussões instigantes.

Dos leitores críticos, meu muito obrigada a uma trindade brasileira perdida em terras alfacinhas: Luiz, Marilda e Vanda. Obrigada pelas conversas animadas regadas a bom vinho. Ao Luiz muito obrigada pela leitura cuidadosa dos originais, sugestões e puxões de orelha.

A Fernando Costa, Coordenador do Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia, pela amizade e apoio em diferentes momentos da elaboração da tese, em especial a disponibilização de meios técnicos e a digitalização de imagens. Obrigada também pela leitura atenta dos originais e as sugestões que, na medida do possível, foram incorporadas, além do empréstimo de livros e sugestões bibliográficas.

À Paula Janovitch, querida amiga, “quase” irmã, deixo registrado o meu mais profundo obrigado: pela “agudeza” de espírito, franqueza, companherismo, pelas longas horas de conversas, convívio, troca de experiências, bibliografias, textos, amizade e cumplicidade.

À querida e doce Cristina Campos, companheira na paixão por Paula Souza, companhia de arquivos, seminários e trocas, muitas trocas. Ao Felipe, que ao seu lado souberam dar sentido à palavra “a dois”. Obrigada.

Ao clã matriarcal português das Abreu Esteves meu obrigada especial. Souberam como ninguém fazer-me sentir em Lisboa como em casa. A todas meu mais sincero obrigado. À Ana Esteves pela amizade e apoio em diferentes momentos, às longas conversas e aos saborosos pratos da culinária portuguesa. À querida Fernanda Esteves por me possibilitar o acesso e apoio informático nos momentos de conclusão da tese.

Aos amigos portugueses obrigada pelo apoio nos anos mais difíceis da minha existência: Sandra Castelo Branco, Cristina Andrade, Fernando Delgado, Rute e Paulo, obrigada: sem vocês teria sido muito difícil “sobreviver”.

Ao Jorge, amigo herdado, obrigada pelos jantares seguidos de longas caminhadas pelas calçadas sinuosas de Lisboa... aprendi muito caminhando por estas ruas, becos e ruelas.

Ao Zezinho pelo apoio cotidiano na vida dividida: foi bom tê-lo ao lado como amigo em terras lusitanas!

Presentes na ala brasileira de amigos estão o apoio de Cleverson, Lilly, Débora, David Magot, Fernando Alves, Márcia Amazonas: obrigada pela torcida.

Ao José, pelos anos de dedicação e afeto, apoiando, mesmo que à distância meus projetos e empreitadas.

Ao meu querido filho Thiago, que desde sempre se acostumou a ver-me entre livros, textos e a feitura de duas teses. Obrigada por ter sobrevivido a elas!!!

Aos meus pais e familiares que compreenderam minhas “ausências” e souberam respeitar meus projetos de vida.

Ao Fê pelo encontro... Por me fazer descobrir o elo de ligação... a ponte entre duas existências...

RESUMO

O trabalho aqui desenvolvido parte da análise de três coleções de fotografias consideradas como conjuntos documentais que estão interseccionadas por temáticas que se interpenetram.

A pesquisa apresentada não pretende ser nem a somatória das diferentes imagens e nem a segmentação das mesmas por agência produtora, mas antes de tudo, pretende ser um discurso sobre a cidade, onde cada imagem dialoga com as demais produzidas sobre o mesmo tema. O eixo de construção deste diálogo entre as diferentes imagens está no discurso sanitário e pretende contribuir, com um dos muitos olhares possíveis sobre a cidade.

ABSTRACT

This thesis starts with the analysis of three different photo collections considered as documentary sets linked by thematic connections.

I doesn't intend to be the summation nor the segmentation of the different photos by the agency which produced them but a dissertation about the city, where each photo dialogues with others produced on the same theme.

The axis of this dialogue among images is the hygienic discourse seeks to contribute to one of the many ways of regarding the city.

SIGLAS UTILIZADAS NA PESQUISA

AFCML	Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa
AFL	Arquivo de Fotografia de Lisboa
AFLCPF	Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia
CML	Câmara Municipal de Lisboa
CPF	Centro Português de Fotografia
ECA/USP	Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
FAU/USP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
FCSH/UNL	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa
IAN/TT	Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo
IFCH/UNICAMP	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
ILP	Ilustração Portuguesa
IMS	Instituto Moreira Salles
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	VII
Abstract.....	VII
Abreviaturas.....	VIII

PARTE I - RAIOS X

Olhares sobre a cidade, clichês em foco

Apresentação.....	02
Coleções e seus produtores – organização e trabalho com as fontes.....	15
Introdução.....	25
Olhares sobre a cidade clichês em foco.....	25
A Cidade: o espaço urbano no espaço fotográfico.....	27
A escrita fotográfica: algumas considerações teórico-metodológicas.....	30
Escrita Sanitária da Cidade na Imagem Fotográfica.....	34

PARTE II – DAS VEIAS E ARTÉRIAS

Nas praças e pelas ruas, em túneis sob pontes.....	44
Lisboa: o orgulho alfacinha.....	50
Ritmos e sons na Paulicéia.....	55
De ritmos e deslocamentos: a cidade veloz.....	58
Os ritmos do abastecimento: a cidade alimenta-se.....	70
Vozes e folhas pela cidade: ardinhas e seus jornais.....	76
Roda a Roda da Fortuna.....	89

Em esquinas, por becos e ruelas.....	92
Em cestos sobre saias.....	104
Taxando e mercadejando.....	111
A cidade e o sanitaria: imagens de um percurso.....	116
Olhares ilustrados.....	126
Ventres urbanos.....	130
 Mercados e Mercadores.....	 146
Vozes pela cidade: pregões e seus pregoeiros.....	154
Mercadejando na Paulicéia.....	157
Mercado & regulação: controle de fluxos.....	169
Inspeção e polícia sanitária.....	181
Os envenenadores do povo.....	184

PARTE III – REJEITOS E DEJETOS

Rastreando rejeitos, conhecendo dejetos – os rastros dos restos

De Rejeitos e Dejetos.....	195
Caminhos do sanitarismo lusitano.....	204
Geraldo Horácio de Paula Souza e os caminhos do sanitarismo em São Paulo.....	205
Imagens de um percurso: Paula Souza e o olhar sanitaria sobre a cidade.....	210
Os caminhos dos rejeitos e dejetos: rastros de restos.....	219
Nos caminhos dos rastros dos restos alfacinhas.....	230
Os caminhos administrativos dos rejeitos da Paulicéia.....	235

Fabricando Anjos.....	255
O mal que vem das águas: o tifo em Lisboa.....	260
Cortiços em Lisboa.....	266
Vida nos cortiços da Paulicéia.....	288
Considerações Finais.....	298
Bibliografia.....	302
Anexos e Apêndices	
Apêndice 1 - Benoiel e o Século.....	334
Apêndice 2 - Benoiel e a Ilustração Portuguesa.....	337
Apêndice 3 - Distribuição de matérias com clichês de Benoiel na ILP...355	
Apêndice 4 - Comparação entre os fotógrafos.....	471
Apêndice 5 - Perfil das instituições pesquisadas em Lisboa.....	472
Arquivo do Alto da Eira.....	476
Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia.....	478
Biblioteca Nacional.....	480
Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.....	481
Anexo 1 - Mapas de Condenações em Lisboa no período de 1897 a 1930.....	482
Anexo 2 – Glossário.....	489

PARTE I - RAIOS X

Olhares sobre a cidade, clichês em foco...

Apresentação

O trabalho de elaboração da dissertação de mestrado¹, onde se procurou recuperar dimensões da vida paulistana no início do século XX através da crônica fotográfica e escrita, presentes em publicações ilustradas, jornais e álbuns de família entre as décadas de 1900 e 1930, indicou que muito ainda poderia ser trabalhado quanto ao cruzamento de possibilidades e potencialidades técnicas da linguagem fotográfica e a instituição de novas práticas sociais.

A partir desta percepção iniciou-se um trabalho de coleta de material para análise que propiciasse o contacto com tais reflexões ao mesmo tempo em que a cidade pudesse ser abordada. A fotografia neste sentido seria a porta de acesso para um determinado olhar, transformando-se em fonte de investigação e ponto de partida para a reflexão proposta.

Desta forma, o trabalho aqui desenvolvido parte da análise de três coleções de fotografias consideradas como conjuntos documentais que estão interseccionadas por temáticas que se interpenetram, e que poderiam ser assim caracterizadas:

- O primeiro conjunto de imagens pertence ao fotógrafo profissional Vincenzo Pastore e é composta por 41 imagens da cidade de São Paulo e seus habitantes entre as décadas de 1910/20 e estão localizados no Instituto Moreira Salles, em São Paulo. Neste conjunto, estão incluídas fotografias produzidas em estúdio acompanhadas de *anotações* realizadas por sua esposa, que trabalhava no laboratório e realizava os serviços de acabamento e fotopintura. As anotações são quase sempre feitas em português e italiano e contém uma série de fórmulas e processos utilizados.

¹ Intitulada “Alquimia sedutora substanciada em imagem: a crônica fotográfica de São Paulo nas primeiras décadas do século XX”, apresentada à Puc/SP em 1996.

Esta coleção compõe-se de “retratos da cidade” onde a atenção volta-se, não para os aspectos arquitetônicos e de fachadas, mas especificamente sobre os tipos humanos que circulam por suas ruas. Pastore provavelmente se insere em uma tendência muito comum nas grandes cidades de princípio do século XX e que tem na questão social e nos aspectos pitorescos das cidades seu campo de atuação², - este fato pode ser corroborado pelas viagens a cada dois ou três anos à Europa colocando-o em contato com as atualizações no campo da fotografia. Suas imagens têm um caráter documental e de crônica da cidade. Hábitos de vida, profissionais em diferentes ramos de atividade no espaço urbano são seu alvo predileto. É o burburinho da vida pelos espaços da rua que move a direção de sua câmara, com lentes em posição revela com lirismo a vida de uma Paulicéia que se espalha. Seus atores são entre tantos os vendedores ambulantes, as lavadeiras, os pequenos engraxates e entregadores de jornal. Sua produção, no entanto não se limita ao trabalho realizado como profissional autônomo em seu estúdio Photographia Pastore, localizado na Rua da Assembléia nº 12 em São Paulo, mas também como fotógrafo colaborador de revistas ilustradas como “A Cigarra” e “A Vida Moderna”. Neste caso, suas imagens têm o tom da pauta das revistas ilustradas, crônica de costumes e vida mundana, um perfil comum não apenas a estas revistas, mas a todas produzidas no período, dentro e fora do Brasil.

Vicenzo Pastore vem da cidade de Casamassima, região de Puglia do sul da Itália e em 1894 instala seu estúdio fotográfico na rua da Assembléia e obtém poucos anos mais tarde as condições para estabelecer uma filial – desta feita, na rua Direita, nº 24A, conseguindo no decorrer destes anos reconhecimento como profissional de qualidade. Já em 1908, participa da Exposição Nacional no Rio de Janeiro apresentando diferentes trabalhos. O sucesso profissional levou-o em 1914 a fundar na cidade de Bari, na Itália um novo estúdio, chamado de “Fotografia Ítalo - Americana - ai Due Mondi”. No título uma referência à sua vivência como imigrante que “fez América”. O empreendimento, no entanto, devido à 1ª Guerra Mundial necessita ser interrompido e Pastore retorna ao Brasil.

² É o caso, por exemplo, de fotógrafos em diferentes países que tinham na questão social sua fonte de inspiração: Eugene Atget (França), Jacob Riis (EUA), Lewis Hine (EUA), August Sander (Alemanha), Allinari (Itália), George Asfeld (Argentina), Ernesto Schilie (Argentina), Cristiano Júnior (Argentina), Fernando Paillet (Argentina).

Dois anos antes de sua morte, em 1916, a Ordem da Coroa da Itália lhe concede o título de Cavaleiro, motivo de orgulho familiar e objeto de ostentação do mesmo no logotipo do estúdio.

- O segundo conjunto de imagens se refere a produção amadora do Dr. Geraldo Horácio de Paula Souza, médico sanitaria que atuou na área de saúde nos primeiros anos do século XX na cidade de São Paulo. A coleção se compõe de 153 imagens produzidas entre as décadas de 1910 e 1920 e estão localizadas na biblioteca de Arquitetura e Urbanismo da USP. O conjunto documental é resultado da guarda de imagens produzidas como hobby do médico pela filha do Dr. Paula Souza, senhora Ada Celina Paula Souza de Anhaia Mello.

Geraldo Horácio de Paula Souza teve sua formação na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e se forma em 1913. Neste ínterim, vai à Europa (1911), mais especificamente na Alemanha, onde com uma carta de apresentação do Dr. Emílio Ribas consegue uma vaga no Instituto de Moléstias Tropicais. Em Berna, Paula Souza faz cursos que complementarão seus estudos no Brasil. De Berna, o jovem médico vai à Munique e visita inúmeros laboratórios químicos da cidade. Segundo Cristina Campos “(...) *Através de cartas de recomendação do Dr. Eugênio Lindenberg, conseguiu trabalho com dois importantes químicos da cidade, além do seu já iniciado estágio em química fisiológica na clínica do Dr. Müller (...) também irá a Dresden ver uma exposição de Higiene, (...). É o primeiro contato de Geraldo com o higienismo (...)*”³

De volta ao Brasil em 1912, conclui seus estudos em 1913 no Rio de Janeiro, retornando à São Paulo inicia seu trabalho em laboratório com o Dr. Hottinger. Dentre os trabalhos desenvolvidos, Cristina Campos cita o desenvolvimento de um filtro especial de água, o **salus** comercializado depois pelo laboratório Hottinger.

³ Campos, Cristina. “A formação médica e higienista de Geraldo Horácio de Paula Souza. Brasil e Estados Unidos. 1908 a 1920”. Trabalho Programado apresentado ao Programa de Pós – Graduação em Estruturas Urbana da FAU/USP, 2000, pág. 6.

O ano de 1914 o vê ingressar academicamente como assistente da cadeira de Química da recém – criada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, e em 1917 já está com as funções de professor – substitutivo de Higiene e auxiliar de Samuel Taylor Darling⁴. Segundo Cristina de Campos, este ingresso na carreira acadêmica se dava por pelo menos três razões: *“(...) primeiro, até 1918 Geraldo tinha acumulado três graduações em Farmácia, Química e Medicina, cursos em faculdades européias e diversos estágios em laboratórios nacionais e estrangeiros, tornando-se uma das pessoas mais bem qualificadas a assumir posto na Faculdade de Medicina de São Paulo; segundo, Geraldo tinha contato com todas as autoridades de saúde em São Paulo, Arnaldo Vieira de Carvalho, Emílio Ribas, e outros (...); terceiro, a influência acadêmica de seu pai, Antonio Francisco de Paula Souza, que tinha como responsabilidade as cadeiras de Física e Química desta faculdade na Escola Politécnica(...)”*⁵

Entre os anos de 1918 e 1920, Paula Souza vai como bolsista da Fundação Rockefeller para a recém criada Escola de Higiene e Saúde Pública na Universidade de Baltimore⁶, juntamente com aquele que será seu companheiro de vida profissional daí por diante, o Dr. Francisco Borges Vieira.

Parece ser exatamente deste período a aproximação de Paula Souza com a fotografia, inicialmente como um hobby, mas que rapidamente se incorpora à suas atividades como médico – sanitarista. De acordo com correspondências⁷ enviadas à mãe quando estudava nos Estados Unidos, sua primeira câmara foi adquirida em Janeiro de 1919 e se tratava de uma Kodak. A descrevia como sendo *“(...) uma pequena máquina fotográfica que cabe*

⁴ Vasconcelos, Maria da Penha C. Memórias da Saúde Pública. A fotografia como testemunha. São Paulo, Hucitec/Abrasco, 1995, pág. 59.

⁵ Campos, Cristina. A formação médica e higienista de Geraldo Horácio de Paula Souza. Brasil e Estados Unidos. 1908 a 1920”. Trabalho Programado apresentado ao Programa de Pós – Graduação em Estruturas Urbana da FAU/USP, 2000, pág. 10 e 11.

⁶ Candeias, Nely Martins Ferreira. “Memória Histórica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – 1918-1945” In: Revista de Saúde Pública. São Paulo: n° 18, 1984, pág. 06.

⁷ As correspondências foram-me cordialmente concedidas por Cristina de Campos, que desenvolveu dissertação de Mestrado, intitulada: “A cidade através da Higiene, 1925-1945. As propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para São Paulo”, defendida em Março de 2001 sobre a atuação deste médico – sanitarista, sendo que várias foram incorporadas em seu Trabalho Programado de Pós – Graduação em Estruturas Ambientais Urbanas da FAU/USP, sob o título: “A formação médica e higienista de Geraldo de Paula Souza. Brasil e Estados Unidos. 1908 a 1920”, no decorrer do 1º semestre de 2000.

no bolso (...)”, conforme carta escrita em 25/01/1919. Sobre a experiência de ser fotógrafo, Paula Souza escreve em carta datada de 16/03/1919:

“(...) aqui é muito fácil ser fotógrafo. Compra-se uma máquina. Aprende-se a apertar o botão da objetiva, manda-se o rolo de filmes para a farmácia e recebe-se a foto revelada e copiada em papel dois ou três dias depois (...)”.

Seu encanto pela produção de imagens começa aí e neste ponto inicia-se uma longa série de correspondências que autodenomina “série ilustrada”. Alguns meses depois, mais precisamente em agosto de 1919, Paula Souza escreve à mãe contando que comprou uma nova câmara. A carta é de 24/08/1919 e diz em alguns trechos: *“(...) e como ainda não me satisfizesse bem, para os fins que tenho em vista, sanitarismo por vezes tenho de tirar fotos, em más condições de luz, etc, vendi-a por 77 e comprei uma raça diferente (Graflex auto 4”x 5”) (Banoh x lomb. Tessar f. 45) que fez-me um rombo definitivo nas finanças, pois custou-me 150 dólares! Jesus credo! Geraldo, você está louco!”*

Para Paula Souza, a fotografia passa a se relacionar diretamente com a sua atividade profissional, e tem entre seus colegas de profissão e de estudo o mesmo fascínio.

A utilização da fotografia pela medicina e pela justiça com fins de identificação e/ou documentação foi uma constante desde a sua invenção e conseguiu no decorrer do século XIX e XX ampla divulgação. Os registros fotográficos são utilizados como apontamentos de expedições sanitárias e incorporação de relatórios de viagem e até os dias de hoje não receberam uma reflexão mais aprofundada. As imagens são tomadas pelo que mostram e são tidas como meio eficaz de retratar aquilo que é visto, são consideradas radiografias das patologias sociais. Neste respeito, Laura Antunes Maciel, comenta que *“(...) as ferrovias Noroeste do Brasil e a Madeira - Mamoré (...), o assentamento das linhas telegráficas Rondon, as expedições sanitárias de Manguinhos, os trabalhos de explorações como as da Comissão Brasileira - Peruana de Reconhecimento do Alto Perus, (...) entre outras, paulatinamente incorporaram a fotografia como instrumento de registro visual da expansão e domínio de determinadas formas de viver, de conhecer e de se relacionar*

*com a natureza e o social. A fotografia funcionava como um documento comprobatório, a servir de atestado ao término dos trabalhos e apresentação dos relatórios finais, compondo vistosos álbuns fotográficos (...)*⁸.

Este caráter documental e comprobatório era tomado como prova de realidade e acompanhava a rotina de trabalho de diferentes profissionais, em nosso caso específico, os ligados à saúde. Traçando um paralelo entre o clínico e o higienista, Maria da Penha Vasconcelos comenta que o primeiro *“(...) fazia ‘ciência’ nas ruas e as suas reflexões concretizadas em registros de aulas e palestras ou nas publicações, constituem um relato forte, colorido e, às vezes passional sobre a vida na cidade. Armado de máquinas fotográficas e cartilhas, ele inspecionava cortiços, fábricas, casas comerciais e escolas, transformando a cidade num grande laboratório para a experimentação e demonstração de seu saber, imprimindo sua presença no cenário urbano (...)*⁹

Utilizada desta forma, a fotografia serve aos interesses da medicina como instrumento de dissecação do tecido social, fragmentando e oferecendo ao olhar especialista elemento para análise com um referencial vindo do século XIX, a imagem tem por seus utilizadores um estatuto de veracidade e passa a ser utilizado como “prova”.

- O terceiro conjunto documental foi localizado no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa por ocasião de um estágio realizado na área de conservação e preservação de coleções de fotografias, e no acervo do Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia. Na ocasião foi possível tomar contato com diferentes fotógrafos portugueses como Antonio Passaporte, António Novaes, Eduardo Portugal, Bobone e Joshua Benoliel, para citar alguns, no período entre as décadas de 1900 e 1920. Dos fotógrafos acima, Joshua Benoliel foi escolhido pela qualidade de suas imagens e os temas que envolvem a cidade, presentes em sua produção concentrada entre os anos 1906 e 1918, quando fornecia inúmeros clichês para a

⁸ Maciel, Laura Antunes. A nação por um fio – caminhos, práticas e imagens da ‘Comissão Rondon’. Tese de Doutorado, Puc/SP, 1997, pág. 143 e 144.

⁹ Vasconcelos, Maria da Penha C. Memórias da Saúde Pública. A fotografia como testemunha. São Paulo, Hucitec/Abrasco, 1995, pág. 40 e 41.

Ilustração Portuguesa¹⁰ e para o Jornal O Século.

Outros fotógrafos poderiam ter sido escolhidos, já que os dois arquivos reúnem obras de importantes fotógrafos que se ocupam da cidade, mas as imagens de Benoliel por serem consideradas como representativas de uma determinada forma de olhar sobre a cidade, mereceram ser trabalhadas não apenas por sua beleza e qualidade técnica, facilmente verificáveis, mas também pelo tratamento diferenciado dado aos temas que envolvem a cidade, como por exemplo os trabalhadores urbanos, as multidões, as greves, aspectos relacionados à higiene e saúde, etc.

Joshua Benoliel, nasceu em Lisboa, em 13 de Janeiro de 1873 e faleceu na mesma cidade a 03 de Fevereiro de 1932. Filho de Judah e Esther Benoliel morava na Rua Ivens nº 06 – 4º, Lisboa.

Inicia sua vida profissional trabalhando na Alfândega de Lisboa, ao lado do fotógrafo Chaves Cruz, ao mesmo tempo em que se iniciava na fotografia como fotógrafo amador. Até 1902 manteve o mesmo trabalho, assumindo só posteriormente a atividade de fotógrafo profissional. No decorrer de 30 anos de atividade, dedicou-se ao *foto-jornalismo*¹¹, registrando através de imagens os principais fatos vividos pela sociedade de então. Fotografando de tudo, e enfrentando com coragem e determinação os diferentes problemas políticos e sociais da sociedade portuguesa em fins do Império e início da República, suas imagens chegaram a um total estimado de 60.000 clichês.

Entre os anos 1906 e 1918, trabalhou como repórter fotográfico do Jornal “O Século” e da Ilustração Portuguesa, retornando em 1924 para a redação do jornal e aí permanecendo até sua morte em 1932. No decorrer deste tempo teve seus trabalhos reconhecidos internacionalmente, sendo correspondente da revista ABC espanhola e de revistas

¹⁰ Um levantamento sobre a produção de Joshua Benoliel na Ilustração Portuguesa foi realizado e consta em anexo ao fim deste trabalho. Tal levantamento reúne as reportagens feitas pelo fotógrafo durante todo o período em que trabalhou na revista e o número de clichês por matéria realizada. O anexo encontra-se em ordem cronológica com divisões semestrais.

¹¹ A expressão aqui de repórter fotográfico será melhor explicitada com o decorrer da exposição da investigação

brasileiras. Em Portugal, colaborou com várias revistas ilustradas do período, nomeadamente com a Ilustração Portuguesa, o Brasil - Portugal, O Ocidente, e com o Jornal O Século. Recebeu diversas condecorações, dentre as quais estão as medalhas de ouro na exposição de Artes Gráficas, em Outubro de 1913, e na exposição de Leipzig, em Julho de 1915.

Diferente de outros fotógrafos seus contemporâneos, Benoliel nunca se estabeleceu em um estúdio. Era um repórter fotográfico e assim viveu por toda a sua vida. Dedicou toda sua energia e capacidade de trabalho em fornecer clichês à imprensa *alfacinha*¹².

Segundo Isabel Corda¹³, após sua morte, seu filho passou a vender suas imagens, o que levou a uma pulverização de sua obra por diferentes acervos. A maior parte está localizada no arquivo do Jornal O Século e é composto por um universo de cerca de 11.000 imagens custodiados pelo Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia, provisoriamente instalado na Torre do Tombo. Cerca de 3.500 clichês foram incorporados ao Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa e outra parte, bastante menor dispersou-se, entre a Guarda Nacional Republicana, o Automóvel Clube de Portugal, a Antiga Brasileira e o Museu Histórico - Bibliográfico da Assembléia Nacional.

Benoliel introduz na imprensa portuguesa uma forma diferente de fazer reportagens: que é o fotojornalismo. Nesta nova forma de se fazer reportagem o fotógrafo não é mero acessório na construção da matéria jornalística. Na realidade, está em suas mãos transformar imagens em texto. Definida a pauta a ser coberta o repórter fotográfico saía a campo e fazia de sua câmara a pena, a imagem era seu texto. O caminho da reportagem fotográfica, resultado do fruto do trabalho do fotógrafo é explicada em minúcias em uma das publicações da Ilustração Portuguesa.

¹² Termo que designa o habitante de Lisboa.

¹³ Historiadora e conservadora do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.

Segundo projeto editorial exposto pelo número 1 da nova série da Ilustração Portuguesa (iniciada em 1906), a fotografia passaria por alguns critérios de escolha e seleção de temas, e somente aí se iniciaria o trabalho de reportagem:

“(...) trata-se, primeiro que tudo, de discriminar quaes assumptos que apresentam maior actualidade para os escolher de preferencia a outros. Calcula-se quantas páginas exige a reportagem photographica dos acontecimentos da semana e trata-se da illustração dos artigos seleccionados em obediencia áquelle criterio. (...)”

(...) Chegam as provas photographicas relativas aos acontecimentos da semana e é preciso escolher as que convém aproveitar, fazer egualmente enquadramentos e orlas para ellas. Há uma que vale a pena ampliar ao tamanho da pagina, ou, como succede em casos mais excepcionaes, de uma dupla pagina. Outras, teem de ser, pelo contrario, reduzidas (...)

(...) Cada semana o reporter photographico da Ilustração Portuguesa não faz regularmente menos de quinze dúzias de chapas. São cêrca de 8.640 chapas photographicas empregadas por anno, e tomando o tamanho de 9 X 12 como média, poderia com ellas construir-se um amplo telhado de vidro com mais de novecentos metros quadrados.

Cortadas as photographias e dispostas conforme devem compôr as paginas, desenhadas estas, os respectivos originaes são enviados á officina da photogravura, enquanto o texto litterario vae, por sua vez, para a officina de composição typographica. (...)”¹⁴

A produção semanal desta revista atingia em 1908 uma tiragem de 24.400 exemplares, e segundo os números apresentados pela própria revista entregavam-se semanalmente aos seus vendedores (na época mais de 300): *“(...) 4.800 exemplares e distribue mais 2.800 pelas tabacarias e kiosques, elevando-se por consequencia, a sua venda aulso de cada*

¹⁴ Ilustração Portuguesa de 13 de Julho de 1908 – nº 125

numero, em Lisboa, á totalidade de 7.600 exemplares (...) No Porto, a venda avulsa da Ilustração Portuguesa sobe a 3.200 exemplares (...)”

“(...) Desde o começo do seu aparecimento até terminar a primeira série, a Ilustração Portuguesa conservou uma tiragem média de 6.500 exemplares. Foi em 1906 que o formato do jornal se transformou, para o tornar mais commodo (...) A média deste ano foi de 11.170 exemplares. Deve, comtudo, notar-se que, sob á nova fôrma adoptada, no primeiro semestre apenas houve dezoito numeros. No segundo anno, que foi o de 1907, a tiragem média geral foi de 10.885 exemplares. (...)

A Ilustração Francesa, fundada em 1843, tem uma tiragem de 100.000 exemplares, o que em relação aos 36 milhões de população de França representa uma proporção de venda de 2.700 numeros por milhão de habitantes. Esta proporção é, para a Ilustração Portuguesa, de 6.000 numeros por milhão de habitantes (...)”¹⁵

O que se percebe, é que como se torna óbvio, a leitura desta revista atingia um determinado extrato da população, apesar dos esforços do articulista em querer provar o contrário. Apesar disso, o que temos de concreto é que Benoliel colaborava com uma revista que tinha uma boa circulação nas camadas mais endinheiradas da população e seus clichês eram utilizados em larga escala, com uma preferência maior para assuntos relacionados a acontecimentos ocorridos no espaço urbano.

E são com as transformações editoriais sofridas pela Ilustração Portuguesa a partir de 1906 que Benoliel desponta como sendo de longe um dos melhores fotógrafos portugueses. Não sem mérito, é verdade, visto que, ao ingressar na Ilustração Portuguesa e no Jornal O Século, que a publicava, Benoliel já tinha atrás de si um vasto repertório de trabalhos realizados como fotógrafo. Isto o tornava um profissional qualificado e com perfeito domínio das técnicas fotográficas, envolvendo uma ampla gama de atividades que exigiam habilidade e prática, como por exemplo, a necessidade de mudanças rápidas das placas de vidro, necessárias no momento de se fotografar. Ou ainda, as opções envolvendo

¹⁵ Idem.

enquadramento para obtenção de imagens que dessem idéia de movimento – suas preferidas. Além disso, necessitamos ressaltar que como bom repórter, necessitava estar no lugar certo, na hora certa, e isto implicava como ainda ocorre hoje em dia, conhecimento antecipado dos acontecimentos e livre trânsito por diferentes esferas.

O diferencial de Benoliel em relação aos demais fotógrafos seus contemporâneos, era saber buscar a notícia, nunca de forma estática, mas como se ela estivesse em movimento. Suas imagens buscavam ser impactantes ao mesmo tempo em que procuravam informar o leitor sobre os acontecimentos dos fatos.

Conforme ele próprio comentou em certa ocasião, quando se referia a uma viagem que fez à cidade do Porto para cobrir uma viagem de João Franco: “(...) *salto para cima dum coupé que ao acaso passava e dali consigo obter alguns magníficos clichês. (...) Provada a minha identidade, consigo alcançar um primeiro andar e dali consigo obter belos aspectos daquele tumultuar de idéias (...) E note-se, chegando o comboio às três horas da tarde ao Porto e seguindo outro duas horas depois para Lisboa, eu aproveitaria este curto prazo para enviar ao Século vinte clichês (...)*”¹⁶

A busca de uma boa imagem custava sempre algum esforço ao repórter fotográfico. Afinal, era necessário além de oportunismo, fôlego e força para transportar o material fotográfico que incluía câmara, tripé, placas de vidro usadas como negativo e em muitos casos, uma escada que auxiliava na procura de um bom ângulo para se fotografar e obter com isso uma visão mais ampla do conjunto do acontecimento retratado.

Em matéria publicada no Jornal O Século de 12/02/1912, temos um relato de uma destas situações vivenciadas por nosso fotógrafo, que cobria uma reportagem sobre um grande temporal em Lisboa e adjacências:

¹⁶ ABC, nº 149, 24/05/1923 – “As grandes reportagens gráficas”.

“(...) Percorrendo metros de estrada a pé, sobre lamaçal imundo, sendo ás vezes necessario taparmos primeiramente as covas com pedras, mato e troncos de arvores, para que o automovel pudesse passar, assim vencemos o resto da estrada(...) Em breve começam a aparecer á nossa vista os campos (...) completamente inundados. O pressentimento da impossibilidade de atravessarmos a estrada faz-nos, inconscientemente, sustar a respiração. Sentimos no peito como que o coração a contrair-se. De subito o automovel pára. Na nossa frente um extenso lençol d’agua (...) Sentimo-nos vencidos. Era absolutamente impossivel a passagem do automovel. (...) Era preciso transpôr o rio, custasse o que custasse. Já estavamos resolutamente decididos a irmos de pé por sobre as guardas da estrada, (...), quando vimos vir do lado de lá, em nossa direção, um carro de bois, cortando as aguas da estrada. Aguardámos a sua chegada, e, vencida a renitencia do boieiro, conseguimos que ele se resolvesse a transportar-nos para a outra margem. Carregado o carro com milhares de Seculos de que nos faziamos acompanhar e que destinavamos á venda em Santarém, e entrámos na agua. O fotografo, que ficara sobre a guarda da ponte a focar-nos, não conseguiu entrar no carro porque os bois, apanhando-se dentro d’agua, não houve forças humanas para os fazer parar. O nosso colega teria de vir pela barreira fóra, pois o boieiro afirmava não voltaria mais atravessar com o carro, porque a inundação ia crescer (...). Devido, porém, á gentileza de um cavalheiro, que n’uma charrette, aparecera na ocasião, o redator fotografico do Século, ponde ser transportado para o lado de lá da estrada. (...)”¹⁷

No caso da cobertura fotográfica desta reportagem é o próprio Benoliel, o ator da descrição transformada em matéria jornalística para o jornal, que nos fornece indícios de que o ofício de repórter fotográfico envolvia muitos desafios.

Esta forma especial de fotografar, buscando sempre o momento mais oportuno, acabou influenciando de tal forma a produção da Ilustração Portuguesa, que com o passar dos anos quase não havia mais texto redigido, cabendo à imagem esta tarefa. A revista passa a

¹⁷ Jornal O século de 12/02/1912

distanciar-se dos seus primórdios, quando as reportagens eram caracterizadas por extensos textos escritos e quase nenhuma imagem.

Monarquista por convicção, Benoliel conseguirá trânsito fácil entre os membros da corte, e mesmo após o fim da Monarquia (1910) conseguirá manter relações que lhe conferirão certos privilégios. Acostumado ao pequeno círculo das influências políticas, ele próprio sabia como ninguém como trafegar nos diferentes círculos sociais, nunca perdendo de vista seu profissionalismo. Desta forma, conseguia andar de forma tranqüila nos diferentes acontecimentos que recheavam o fim da monarquia e o princípio da implantação da República.

Foram anos tumultuosos e difíceis. Para a população em geral foram anos de grave crise econômica, agravada por desemprego e muitas, muitas greves. Foram anos de grandes crises internacionais e até uma Grande Guerra. Eram estes os elementos que serviam como pano de fundo para a produção de suas imagens, o palco era o cenário urbano de onde seus personagens viviam e se relacionavam.

Joshua Benoliel oferece um grande desafio àqueles que procuram analisar sua obra. Em primeiro lugar, pelo volume de sua produção e a beleza de suas imagens colocando ao pesquisador a necessidade de selecionar e recortar o que também já é uma fragmentação. A escolha neste caso significa automaticamente exclusão. De outro lado, impõe o desafio de conciliar seus olhares sobre a cidade, sempre múltiplo e polivalente e abstrair deles uma visão de cidade.

Seu olhar é de um profissional, altamente qualificado e em sintonia com todo o desenvolvimento técnico necessário à sua profissão no período, e em segundo lugar, mas não menos importante: seu olhar é o de um homem com posicionamento político-ideológico claro pertencente há um determinado extrato da população. Seu trabalho era um meio de ganho, como o de tantos outros. No entanto, tinha uma origem que lhe permitia trafegar nas altas rodas de convívio social da época. E isto influenciava seu modo de ver e pensar a sociedade e por conseqüência as suas imagens.

Da sua vasta obra, considerou-se por uma questão de acessibilidade apenas as imagens existentes no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, as do Arquivo Fotográfico de Lisboa do Centro Português de Fotografia e algumas imagens publicadas na Ilustração Portuguesa. O total das imagens existentes no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa é de 3.036, e as do Arquivo Fotográfico de Lisboa do Centro Português de Fotografia é de cerca de 11.000 imagens, das quais procurou-se trabalhar com um número que fosse representativo da obra do fotógrafo. Deste modo, desconsiderando-se imagens repetidas ou muito similares umas das outras e buscando tomar imagens com diferentes temáticas chegou-se ao número de 200, das quais 75 são digitalizadas e as demais publicadas na Ilustração Portuguesa.

Encontrar um acervo fora do Brasil com imagens produzidas que em muito se assemelham às imagens produzidas por um fotógrafo profissional em São Paulo e um fotógrafo amador, indicam que alguns temas vinham ocupando a mente, e conseqüentemente os olhares produzidos sobre a cidade. A hipótese de haver repetição de temas nas várias capitais do mundo no início do século XX se reforçou. Assim sendo, seria possível falar de *imagens de cidades* e não apenas imagens da Paulicéia, como vinha pensando inicialmente.

Coleções e seus produtores – organização e trabalho com as fontes

O trabalho conjunto com as diferentes coleções fotográficas revelou diferenças quanto à qualidade técnica, quantidades e objetivos para a sua produção.

Os três fotógrafos são aqui tomados como agentes produtores que possuem diferenças substanciais em termos de qualidade técnica, já que dois deles são profissionais e viviam do seu trabalho, voltados para um universo específico de circulação e consumo destas imagens, enquanto que o terceiro entra na categoria de amador e utilizava suas imagens como documentação a ser incorporada a relatórios sanitários e/ou pesquisas científicas.

Deste modo, as imagens não foram escolhidas meramente por sua qualidade técnica ou por seu valor estético, mas sim em função das temáticas trazidas e que poderiam ser tomadas como forma de aproximação dos problemas das cidades analisadas. Este foi um dos critérios que nortearam a definição e o recorte dos conjuntos de imagens a ser trabalhado.

A coleção de Vincenzo Pastore talvez seja a que se apresente mais fragmentado de todas, justamente por ter chegado às mãos do acervo em que se encontra de forma quase casual. Sua ordenação não obedece qualquer seqüência e há ausência de legendas ou outras informações sobre as imagens. As fotografias aparecem com um caráter documental e típico e poderiam ser “lidas” em qualquer seqüência. No caso específico desta coleção, as imagens têm um sentido de exemplar único e tipificante de uma determinada realidade urbana, no caso, de São Paulo de princípios do século XX.

A característica dominante no caso desta coleção é sem dúvida o tratamento dispensado ao elemento humano e a “ausência” da cidade de onde esses elementos são extraídos. Pastore parece ser um contraponto em relação tanto a Benoliel quanto à Paula Souza, já que nos dois outros casos a cidade aparece como o pano de fundo de onde todos os personagens e temáticas surgem.

Pastore ao produzir suas imagens de tipos urbanos transpõem a forma como fotografa em estúdio, e dá às suas imagens a impressão de ausência de fundo. Como se todos os seus tipos urbanos tivessem sido fotografados em seu estúdio, absolutamente desvinculados da realidade que os justificava, no caso: a cidade. Seus vendedores ambulantes e todos os tipos encontrados nas ruas encontram-se como que “descolados” do espaço onde atuam. São tipificantes neste sentido e servem como forma de exibição daquilo que é típico nas ruas da cidade.

A coleção do Dr. Geraldo Horácio de Paula Souza representa uma paciente guarda de sua filha através dos anos e tem por isso uma coerência bem maior. Muitas imagens possuem legendas e anotações e indicam claramente os objetivos de seu produtor e sua opção por determinados ângulos e/ou preferências temáticas. Sua organização interna, dividida em

temas é artificial e foi realizada por terceiros a partir das informações existentes na própria imagem ou através das legendas por ele colocadas. Apesar disso, não perde sua coerência interna e mostra claramente o percurso seguido na sua elaboração, já que esta era uma característica de seu produtor. Suas imagens normalmente recebiam observações, que eram colocadas em álbuns com anotações pessoais escritas no verso da imagem ou ao lado das imagens nas páginas do próprio álbum.

Complementando esta forma de produção existe uma gama de correspondências, onde muitas das imagens são minuciosamente descritas e recebem muitas vezes comentários do seu produtor.

A produção, deste modo tem um caráter didático e exemplificador. Os temas estão organizados hierárquicamente compondo exemplos didáticos dos principais problemas a serem enfrentados pelos profissionais da saúde. Os tipos e espaços urbanos surgidos destas imagens são produto de uma reflexão e de uma forma de ver os problemas a serem enfrentados pelo sanitarismo. Detectados e exemplificados o produtor das imagens procura ir à direção de propôr soluções.

Já as imagens de Joshua Benoliel, por estarem intimamente relacionadas à sua função de repórter fotográfico possuem uma clareza impressionante e realmente compõem uma crônica urbana sobre a cidade de Lisboa e o seu tempo. Os temas sociais abordados e a vida cotidiana ganham força quando tomadas em seu conjunto e relacionadas com os difíceis dias de implantação da República portuguesa em 1910. No caso desta coleção, cada uma das imagens tem seu sentido de produção atrelado a uma pauta jornalística que por sua vez está relacionada a um evento social, político, econômico ou cultural.

Poderíamos dizer que duas são as organizações do conjunto formado pelas imagens de Joshua Benoliel:

- 1) Uma que é dada a partir da pauta da revista Ilustração Portuguesa e do próprio Jornal O Século e que se encontram distribuídas pelas páginas de ambos;

2) Outra que é a forma encontrada pelos arquivos para organizá-las. As trajetórias de cada conjunto das imagens de Benoliel são bem diferentes, já que do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa é resultado de uma “quebra” de conjunto e posterior compra de espólio de imagens que tinham apenas que ver com a cidade; enquanto que as do Arquivo Fotográfico de Lisboa do Centro Português de Fotografia representam um conjunto de imagens provenientes do Jornal O Século com a cobertura de diferentes temas, especialmente os políticos. Em sua maior parte são imagens repetidas, provenientes de idênticas missões fotográficas fruto da cobertura de pautas jornalísticas.

Aplicando-se o princípio de **respeito à proveniência**¹⁸, considerou-se cada registro de cada uma das coleções como tendo sua produção motivada por um objetivo específico e servindo a uma determinada função (profissional, didática, estética, documental, etc). A opção por esta forma de tratamento se deu pelo fato de considerar que o objeto fotográfico, para além de sua representação, fornece informações sobre os processos técnicos utilizados, as dificuldades e opções de seu produtor para este ou aquele tipo de imagem.

Seria bom frisar que no caso do documento fotográfico, temos sempre um objeto único e, portanto, com características muito peculiares. No entanto, se tecermos a rede das tramas que nos trouxeram estes objetos, sozinhos ou em coleções caminharemos à horizontes mais abertos.

Tal consciência por parte de quem pesquisa é de fundamental importância, e é dever do pesquisador não descontextualizar a imagem de seu produtor ou momento histórico em que foi produzida. Foram estes os aspectos que subsidiaram a pesquisa pertinente aos temas abordados pelas imagens. Cada fotógrafo e seus conjuntos documentais foram considerados como agências produtoras, e que, como tais, têm interesses a defender. Os caminhos da

¹⁸ Princípio arquivístico segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa, garantindo com isso a unicidade do documento. Ver Camargo, Ana Maria de Almeida; Bellotto, Heloísa Liberalli (coordenadora). Dicionário terminologia arquivística. São Paulo. Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura – Departamento de Museus e Arquivos. 1996, Pág. 61 e 76.

preservação destas imagens através do tempo e no espaço nos revelam quais seriam alguns destes objetivos.

Considerar a imagem fotográfica como um objeto único e por isso, fruto de uma cultura material, nos auxilia em momentos onde outras informações parecem não fornecer elementos suficientes para compreendermos sua produção. A fotografia neste sentido, passa a representar um todo, composto por seu suporte, técnicas empregadas, eventuais inscrições e/ou carimbos, dedicatórias, assinaturas, etc, e oferecem por isso importantes informações sobre aspectos sociais, culturais e/ou estéticos no universo de sua produção, podendo ir além e também fornecer informações técnicas envolvendo áreas do conhecimento exato, como a química e a física, pertinentes ao universo da técnica fotográfica.

Ter claro todos estes pressupostos auxiliou-nos na organização do material trabalhado e indicou-nos os caminhos para proceder à análise.

Em todos os casos, a preocupação metodológica foi a de obter a maior quantidade possível de informações sobre estes fotógrafos: seu campo de atuação, trabalhos desenvolvidos paralelamente e outros registros, quer fotográficos quer de outra natureza¹⁹. O leque oferecido por outros tipos de registro é grande devido à própria atuação de cada um destes fotógrafos, isto porque, por exemplo, no caso do Dr. Paula Souza somam-se registros de trabalhos acadêmicos, cadernos de anotações, relatórios oficiais de quando estava a frente do Serviço Sanitário, entrevistas em jornais e programas de rádio, correspondências, etc.

Benoliel, também possui uma série de entrevistas publicadas em diferentes veículos de comunicação onde fornecia informações sobre sua atuação como fotógrafo oficial da corte portuguesa e posteriormente republicana. Integram estes artigos suas posições político-partidárias como monarquista convicto e influente em diferentes seguimentos sociais. Além disso, boa parte de sua produção foi utilizada para integrar reportagens jornalísticas, o que de certa forma veio complementar as informações sobre os motivos de determinados

¹⁹ Incluem-se aqui trabalhos escritos, artigos publicados em jornais, trechos de depoimentos, conferências e documentos oficiais.

clichês. As reportagens acabavam por fornecer pistas sobre os eventos alvos dos clichês e que necessitavam ser melhor investigados.

A coleção Vincenzo Pastore, conta com diferentes depoimentos e anotações em um caderno feitos por sua esposa, onde eram registrados processos fotográficos e outras informações técnicas. Há ainda uma coleção de recortes de jornais com reclames feitos na imprensa sobre o trabalho desenvolvido por este fotógrafo em São Paulo e na Itália. Apesar disso, é dos três fotógrafos o que oferece menores informações sobre a produção de suas imagens. Isto porque, as revistas ilustradas nas quais trabalhava não tinham como hábito creditar os registros fotográficos, dificultando sua contribuição nas mesmas.

Detectada a origem e a forma de produção destes fotógrafos, o segundo momento de pesquisa foi procurar a “intimidade” com os temas trazidos pelas imagens. Detectá-los e trazê-los à tona começou a fornecer uma dinâmica de trabalho que consistiu na busca de constâncias e/ou permanências no interior das coleções e entre os diferentes conjuntos documentais.

Do *reconhecimento* em torno da produção de cada um destes fotógrafos, procurou-se dividir as coleções tematicamente: ou seja, procurou-se estabelecer algumas permanências e/ou constâncias de temas agrupando-os de modo a obter uma espécie de mosaico, que espelhasse de forma coerente o olhar de cada um deles sobre a cidade. Esta estratégia mostrou-se muito útil, pois as temáticas surgiam quase que naturalmente a partir dos registros destes fotógrafos. Neste sentido, as próprias imagens indicavam o caminho a seguir. A única pergunta inicial feita era sobre qual a imagem de cidade que cada um deles procurava registrar com seus clichês. A partir daí iniciou-se um diálogo entre os registros buscando fazer aproximações e distanciamentos entre as fotografias no interior de cada coleção, para em um estágio posterior cruzar as imagens de cidade entre as diferentes coleções. Foi o momento em que se procurou alinhar os temas anteriormente soltos em cada coleção transformando-os em uma única costura, sendo a cidade o tecido e os personagens urbanos as tramas deste. O fio para a tecitura destas tramas foi descoberto

mais tarde a partir da maior familiaridade com as imagens e seus temas. Era necessário encontrar um eixo comum que permitisse o diálogo e o trânsito entre as diferentes coleções.

Trazido pelo contato com as imagens e tomado como porta de entrada, o eixo de análise do discurso sanitaria possibilitou ver com maior clareza os temas propostos para abordar a cidade e compreender a produção das imagens nas diferentes coleções.

As fotografias começaram a fornecer através de suas temáticas “janelas” que possibilitavam olhar a cidade. O cruzamento das temáticas, e em muitos casos sua constância levou à investigação dos motivos pelos quais cada um dos fotógrafos se ocupava destes temas e rapidamente notou-se que na realidade, não eram apenas temáticas destes fotógrafos em especial, mas eram temas de todos os que viviam a urbanidade e metropolização dos espaços sociais.

Os meandros da investigação das temáticas, levantados pelas imagens, nos levaram ao contato com diferentes fontes, que acabaram por informar e fundamentar algumas considerações acerca de diferentes problemas urbanos. Estas outras fontes que serviam como fontes secundárias de apoio, em muitos casos aprofundavam temas trazidos pelas imagens.

Deste modo, o trabalho que inciou-se a partir de imagens passou a encontrar comunicação com outras fontes, outros registros que auxiliavam na complexa tarefa de montar o mosaico de olhares dos diferentes fotógrafos trabalhados.

Dentre as fontes trabalhadas e utilizadas no decorrer da pesquisa encontram-se uma documentação oficial produzida pelas Câmaras das respectivas cidades abordadas e materiais formados por decretos, leis, projetos-de-lei, etc. Além desses, as discussões realizadas nas Câmaras de vereadores foram também tomadas como possibilidade de compreender os *caminhos* de determinadas leis propostas aos habitantes da cidade. As regras e normatizações para uma cidade que se expande eram assim trazidas através de uma documentação oficial.

Além deste tipo de fonte utilizaram-se relatórios, boletins de ocorrências policiais, dados e tabelas estatísticas, palestras e conferências em congressos, entrevistas radiofônicas, materiais produzidos pela imprensa em geral, como revistas ilustradas e jornais, etc.

A lista de fontes utilizada inclui para além das citadas anteriormente: relatórios sanitários, relatórios administrativos das Câmaras Municipais, Estatísticas geradas pelo sanitarismo e pela polícia, Atos, Leis, Decretos, Projetos de Lei, Posturas Municipais, Legislação Sanitária, Boletins sanitários produzidos no Brasil e pelo Instituto Ricardo Jorge em Portugal, Ofícios, discursos realizados na Câmara de vereadores de São Paulo, crônicas e relatos de viajantes, imprensa diária: Jornal do Comércio, Jornal O Século, O Estado de São Paulo; revistas ilustradas (Ilustração Portuguesa, O Ocidente e Brasil-Portugal em Portugal e Fon-Fon!, Vida Moderna, A Rolha para São Paulo), revistas especializadas na área de saúde publicadas no Brasil e em Portugal no começo do século XX, teses produzidas pela Faculdade de Higiene e Saúde Pública no começo do século XX, Palestras proferidas em rádio e congressos (Dr. Paula Souza), correspondências pessoais, Inquéritos policiais (Carlos Pimenta, 5º Delegado e Armando Soares Cayuby, 6º Delegado ambos em São Paulo) Código Civil Português (1894-1905), além de depoimentos colhidos com descendentes dos 3 fotógrafos.

Dos caminhos da pesquisa pode-se verificar que o conjunto das imagens, traziam temáticas muito próprias de grandes cidades em fins do século XIX e início do XX e eram alvo de inúmeros clichês em diferentes países, nos indicando que seria possível falar em imagens de cidades.

Esta noção reforçou-se ainda mais quando foi realizado um levantamento de imagens produzidas por diferentes fotógrafos em diferentes cidades do mundo como, por exemplo, Eugene Atget na França, Jacob Riis e Lewis Hine nos EUA, August Sander na Alemanha, Allinari na Itália, e os argentinos George Asfeld, Ernesto Schilie, Cristiano Júnior, Fernando Paillet; quase todos fotógrafos no princípio do século XX e preocupados com as temáticas em torno da cidade.

Este levantamento só serviu para reforçar a convicção de que a cidade era um tema constante para aqueles que produziam imagens no começo do século XX, movidos provavelmente pelo fascínio do ritmo e da velocidade tão presente nas cidades deste período. O elemento humano foi tratado por cada um deles de modo a também constituir uma crônica urbana. Em todos os casos os tipos urbanos surgem de dentro da cidade olhada como fonte de “inspiração”.

O produto deste trabalho com as diferentes fontes, e em especial com as três coleções de fotografias pode ser apresentado como estando distribuído da seguinte forma:

Parte I – Raios X

Introdução, no qual se procuram explicitar a aproximação e definição do tema, as fontes utilizadas e a proposta de análise a partir das diferentes fontes trabalhadas.

Olhares sobre a cidade clichês em foco... no qual o objeto de análise é apresentado e onde as questões teóricas em torno da utilização da fotografia como fonte de pesquisa são tratadas. A questão do respeito à proveniência das imagens, sua produção, circulação e preservação nos diferentes acervos e suportes (entendidos aqui como, por exemplo, as provas contato, negativos de vidro ou flexível e fotografias acondicionadas em álbuns, além das provas em papel). Este capítulo retoma a importância do uso destas fontes para abordar o espaço da cidade, e a sua relação com outros tipos de fontes: relatórios, registros de atas, discursos, entrevistas, imprensa, correspondências, etc.

Parte II - Das veias e artérias

Esta segunda parte está dividida em dois capítulos. O primeiro, **Nas praças e pelas ruas, em túneis sob pontes** onde o enfoque é a ocupação da rua: a circulação entendida em todas as suas acepções: circulação de víveres, de vivos e de mortos, de

mercadorias e de vida. É o capítulo onde se tenta responder a questão de como pulsam as cidades representadas nas imagens fotografadas.

No segundo capítulo *Mercados e Mercadores*, onde as diferentes formas de trabalho informal, abastecimento da cidade via mercados e vendedores ambulantes são trazidos como centro da análise. As questões sanitárias são tratadas sob a luz dos diferentes problemas gerados pelo abastecimento urbano: a questão do leite, da carne, do sorvete de creme, da farinha de trigo, além dos problemas de falsificação. As redes tecidas em torno do trabalho informal e as tentativas de normalização e legalização de um mercado produtor e consumidor são abordados como meio de se perceber de que maneira a informalidade do trabalho urbano começa a ser cerceada, padronizada e normatizada por regras de mercado.

Parte III – Rejeitos e Dejetos

Neste terceiro capítulo, *Rastreando rejeitos conhecendo dejetos – os rastros dos restos...* desenvolvem-se dois temas trazidos pelo sanitarismo que é a higiene física e a moral, representada pelos rejeitos da cidade. É aqui que se trata de um lado dos rejeitos físicos representados pelo destino do lixo, da distribuição de redes de esgoto, dos mortos em geral; e por outro lado dos rejeitos morais, entrando aí os marginalizados, os mendigos, prostitutas, alcóolatrás, doentes mentais, desempregados, os presidiários, etc. Nas formas representadas pelos rejeitos da cidade está o discurso eugênico de purificação de raças e defendido pelo sanitarismo como meio de solucionar os problemas sociais existentes nas cidades devido às imigrações. É neste capítulo que são abordadas as doenças que contribuíram para a mortalidade infantil no período como, por exemplo, os casos de coqueluche, sarampo, escarlatina, desnutrição, verminoses, além de problemas relacionados ao trabalho infantil. É também neste capítulo que se abordam a proposta de educação sanitária, apresentada por Paula Souza quando estava à frente da Secretaria de Saúde.

Introdução

Olhares sobre a cidade clichês em foco...

O contato com os diferentes conjuntos documentais e bibliografias correspondentes revelaram a existência de um debate no interior das Ciências Humanas sobre a utilização de imagens fotográficas como fonte e objeto de pesquisa e indicou alguns caminhos possíveis de investigação.

O trabalho com imagens vem se colocando como proposta em diferentes trabalhos, resultando em múltiplas abordagens para o estudo do social. Na maior parte dos casos são estudos que priorizam a fotografia como técnica, esquecendo-se, como nos lembra Raymond Williams, de que é necessário considerar as relações sociais envolvidas em sua disseminação²⁰.

Apesar disso, são pesquisas minuciosas²¹ envolvendo a história da fotografia e por isso, fundamentais como obras clássicas de referência. É o caso, por exemplo, de Gilberto Ferrez (neto do fotógrafo Marc Ferrez) que desenvolveu um trabalho sobre a atuação de seu avô como fotógrafo oficial da cidade do Rio de Janeiro. Há também os trabalhos de Pedro Vasquez, estudioso da fotografia no Rio de Janeiro. Em São Paulo, Boris Kossoy, pesquisador conhecido por ter sido um dos pioneiros no estudo da história da fotografia, bem como no desenvolvimento de reflexões teórico metodológico em torno do significado

²⁰ O autor referindo-se à disseminação da escrita tece um comentário que com propriedade pode também ser aplicado à fotografia: “(...) a tecnologia da escrita não é somente a série de invenções – um sistema de notação gráfica, alfabeto e materiais para a sua produção – que dão início ao processo, mas o modo de distribuição da obra assim produzida. E esse modo de distribuição é por sua vez não apenas técnico – (...) –, mas depende de uma tecnologia mais ampla, primordialmente determinada por relações sociais, nas quais se produz a própria capacidade de ler, que é a verdadeira substância da distribuição (...)” In: Williams, Raymond. “Cultura”. São Paulo, Paz e Terra, 1992, pag. 108.

²¹ Todos os autores comentados tem seus trabalhos citados em bibliografia.

social das imagens fotográficas. Seus trabalhos tornaram-se consultas obrigatórias para os que se dedicam ao estudo da fotografia.

A coletânea organizada por Annateresa Fabris publicado pela Edusp em 1991 e intitulada “*Fotografia: usos e funções no século XX*”, representa uma incursão no campo das discussões em torno da circulação social e o consumo da fotografia e a maneira como esta pode ser analisada em diferentes campos, como: na arquitetura²², no fotojornalismo²³, na fotomontagem e pinturas pré-rafaelitas²⁴, na pintura acadêmica paulista²⁵, entre outros.

Além destes, outros trabalhos podem ser citados, como o papel da fotografia nas exposições universais²⁶, a rotina de trabalho de fotógrafos na cidade²⁷ ou mesmo as relações entre fotografia e fotojornalismo²⁸.

Num outro universo de análise, mais preocupados com questões teóricas metodológicas relativas à imagem, estão trabalhos expressivos de autores²⁹ como: Roland Barthes, Pierre Bourdieu, Gisèle Freund. No Brasil, autores como Míriam Moreira Leite, Boris Kossoy, Annateresa Fabris, Arlindo Machado, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus revelam diferenças substanciais na forma e na abordagem da fonte fotográfica, mantendo em comum o tratamento serial das imagens trabalhadas e em alguns casos uma ênfase em destacar as

²² Carvalho, Maria Cristina Wolf de; Wolf, Silvia Ferreira dos Santos. *Arquitetura e fotografia no século XIX*. In: Fabris, Annateresa (org). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo, Edusp, 1991, pág. 131-172

²³ Costa, Helouise. *Pictorialismo e Imprensa: o caso da revista O Cruzeiro (1928-1932)*. In: Fabris, , Annateresa (org). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo, Edusp, 1991, pág. 261- 292.

²⁴ Pavan, Margot. *Fotomontagem e pintura pré-rafaelista*. In: Fabris, Annateresa (org). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo, Edusp, 1991, pág. 233 – 259.

²⁵ Carvalho, Vânia Carneiro de. *A representação da natureza na pintura e na fotografia brasileira do século XIX*. In: Fabris, Annateresa (org). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo, Edusp, 1991, pág. 199 - 231

²⁶ Ver Turazzi, Maria Inês. “*Poses e trejeitos na era do espetáculo – a fotografia e as Exposições Universais no século XIX (1839-1889)*”. Rio de Janeiro, Rocco / Funarte , 1995

²⁷ Grangeiro, Cândido Domingues. “*As artes de um negócio: a febre fotográfica. São Paulo 1862 – 1886*”. Campinas, 1993, Dissertação de Mestrado / Unicamp. Ver também Camargo, Mônica Junqueira e Mendes, Ricardo. “*Fotografia – cultura e fotografia paulistana no século XX*”. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

²⁸ Costa, Helouise. “*Aprenda a ver as coisas: Fotojornalismo e modernidade na revista ‘O Cruzeiro’*. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 1996”.

²⁹ Consultar bibliografia citada.

dificuldades e os limites destas pesquisas, colocando em relevo a ausência de uma tradição em nosso país, naquele momento, para pesquisas acadêmicas envolvendo fontes documentais iconográficas. A preocupação metodológica de criação de categorias para possibilitar o tratamento e a investigação de grandes conjuntos documentais pode ser verificado nos trabalhos de Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus, Vânia Carneiro Carvalho e Solange Ferraz de Lima.

Numa abordagem semiótica, podemos citar os trabalhos de Umberto Eco, Philippe Dubois, tendo no Brasil a contribuição de Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus com uma proposta de análise histórico-semiótica das imagens fotográficas.

A Cidade: o espaço urbano no espaço fotográfico

Outro campo por onde a reflexão com as imagens fotográficas obrigatoriamente teriam de passar seria a cidade. Isto porque seria através dos olhares dos diferentes fotógrafos que se buscaria uma imagem de cidade. Deste modo, um levantamento inicial da bibliografia sobre este tema revelou que a cidade encontra por parte de alguns arquitetos e urbanistas uma noção com caráter apenas estético – visual, sem receber um tratamento adequado à noção de cidade como palco da história e local de fazeres e viveres por agentes sociais³⁰. Apesar disso, já encontramos entre arquitetos, urbanistas e outros pesquisadores, a preocupação de estar pensando o espaço com outros olhos, e com isso, ampliando o diálogo com os aspectos culturais.

A inserção de tais preocupações numa perspectiva de história social seria, portanto de compreender a cultura como campo de forças e levaria para o campo teórico metodológico a visão que norteia o pensamento de Raymond Williams sobre a materialidade dos fenômenos da linguagem.

³⁰ Para os que se enquadram neste perfil, Michel de Certeau tece a seguinte crítica: “(...) o urbanista é incapaz de articular essa racionalidade em concreto com os sistemas culturais, múltiplos e fluidos, que organizam a ocupação efetiva dos espaços internos (apartamentos, escadarias, etc) ou externos (ruas, praças, etc) e que debilitam com vias inumeráveis. Ele pensa em uma cidade vazia e a fabrica; retira-se quando chegam os habitantes, como diante dos selvagens que perturbarão os planos elaborados por eles (...)” In: “A cultura no plural”, Campinas, Papirus, 1995, pág. 233.

Sob esta ótica, abordar imagens significa circunscrevê-las em seu universo de produção, incluindo-se aí a perspectiva de pensar a fotografia como uma linguagem, e que, como tal deve ser entendida como *articulação da experiência ativa e em transformação: uma presença social e dinâmica no mundo*. As imagens visuais neste sentido, tanto quanto as imagens produzidas pela literatura, engenharia, arquitetura ou outra qualquer, são faces de um mesmo fenômeno histórico, que interagem no processo de constituição das relações sociais.

A preocupação de situar nas imagens produzidas por fotógrafos, viveres e fazeres na e da cidade se dá pelo fato de considerar que “(...) *As formas urbanas são o produto da história (...) e que (...) No termo “cidade”, mais do que o rigor dum conceito, acumula-se uma grande soma de experiências históricas (...) Mais do que um conceito de análise, a cidade é sem dúvida uma categoria de prática social (...)*”³¹.

Tomado como ponto fulcral, a noção de espaço aplicado à cidade revela-se como produto de relações sociais. É o palco onde a História se desenvolve, onde todas as formas de conflitos, tensões e solidariedades são vividas e/ou administradas. É neste espaço que a vida urbana se desloca e aonde vão sendo construídas as fronteiras “(...) *simbólicas que separam, aproximam, nivêlam, hierarquizam,... ou ordenam categorias e grupos sociais (...)*”³²

Pensado desta forma, o espaço constitui-se em ponto fundamental para articulação com as especificidades da História, tornando-se uma fonte privilegiada de pesquisa, visto que “(...) *o espaço é instância da sociedade (...) ele contém e é contido pelas demais instâncias (...) Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Neste caso, o espaço não pode*

³¹ Roncayolo, Marcel. “Cidade” In: Enciclopedia Einaudi, vol 8, Região, Lisboa, Ed. Casa da Moeda, 1985, pág. 397 e 400

³² Arantes, Antonio A. “A Guerra dos lugares – sobre fronteiras e liminariedades no espaço urbano” In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 23, 1994, pág. 191.

*ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais, artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade(...)*³³

Se o espaço tem como essência o social e se ele próprio pode ser visto e analisado como sendo uma instância da sociedade tal como ocorre com o político, o econômico, o ideológico, etc, torna-se evidente sua importância como categoria de análise. Sua importância é destacada por Raquel Rolnik quando afirma que *“(...) é fonte na medida em que se lê, na história da organização do espaço da cidade, as formas de organização do trabalho, as formas de relação social, etc (...) Então, uma rua, para além de ser um lugar onde se passa ou se deixa de passar, uma rua está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiência que o sujeito teve, que seu grupo teve e que a história de seu grupo naquele espaço teve (...)”*³⁴. O espaço deste modo configura-se como *“(...) marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais (...)”*³⁵.

O espaço urbano acaba por ser tema central das diferentes problemáticas dos que vivem e habitam cidades como São Paulo e Lisboa no princípio do século XX. É neste espaço que hábitos de vida sedimentados, passam a ser modificados e começam a imprimir novas maneiras de estar e se relacionar. As cidades começam a crescer e trazer mudanças nos hábitos de vida e nas diferentes formas de relação social, observadas especialmente na constituição das relações de trabalho que começam a sofrer uma regulamentação e organização, passando de formas informais a formais.

As cidades de princípios do século XX começam a “distanciar-se” do modelo até então corrente de organizações urbanas, com um pequeno núcleo centralizador de atividades cercado por uma área periférica abastecedora. É o momento onde se iniciam processos de institucionalização e regulamentação de hábitos e modos de vida que iam desde as formas

³³ Santos, Milton. “Uma palavrinha a mais sobre a natureza e o conceito de espaço”. In: Espaço & Método. São Paulo, Nobel, 1997. Coleção Espaços, pág. 1.

³⁴ Rolnik, Raquel. “História urbana: história na cidade?” In: Cidade & Cidade: Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. UFBA/Arquitetura, pág. 27 e 28.

³⁵ Id. Ibid.

como o tempo estava dividido (horas de trabalho e de lazer) até no código postural, ligado a comportamentos e atitudes sociais.

As pessoas passam a relacionar-se com novas formas de conceber o tempo, o deslocamento, o ritmo e a velocidade. As trocas aceleram-se e o tempo passa, como em nenhuma outra época até então, ser considerado *mercadoria*. Diferentes alternativas são buscadas para atender necessidades crescentes para as demandas dos habitantes citadinos. Como em nenhuma outra época, dependeu-se tanto de uma produção *extramuros*. O abastecimento chega por diferentes vias.

Além disso, o ritmo e a velocidade da vida e a busca pela sobrevivência, também vêm imprimir nos habitantes destas cidades a necessidade pela busca vertiginosa pela informação. Informação prestada a diferentes fins e com diferentes objetivos. Saúde, lazer, cultura, política, investimentos, etc., etc. A tecnologia ligada à imprensa e as diferentes formas de comunicação geram uma busca de saber sobre fatos e acontecimentos ocorridos à distância e neste contexto de busca pela informação múltipla ocorrida em diferentes espaços gera a produção massiva de publicações assentadas na imagem: proliferam-se jornais e revistas diários e semanais que possuem como intuito informar. É neste contexto que irão surgir as inúmeras revistas ilustradas que serão consumidas em diferentes países e como não podia deixar de ser pelas cidades aqui analisadas: São Paulo e Lisboa.

A escrita fotográfica: algumas considerações teórico-metodológicas

A oportunidade de utilização de imagens fotográficas como fontes documentais para análise do espaço urbano vem ganhando contribuições relevantes, ao mesmo tempo em que vem revelando a necessidade de se encarar questões importantes relativas não apenas a aspectos teórico metodológicos, mas também aos aspectos relacionados à sua produção, circulação e preservação como fonte.

O trabalho com as fontes fotográficas coloca em relevo a questão de sua produção e o sentido de sua elaboração como *construção*. O fotógrafo como agente produtor, nos conduz

o olhar para uma determinada direção e constrói sua narrativa a medida em que suas imagens vão sendo fixadas nas dimensões espaço/tempo³⁶, fornecendo elementos para o estudo dos viveres e dos fazeres na e da cidade. Esta construção tem sua semelhança com uma crônica de cotidiano, no sentido de procurar revelar aspectos do corriqueiro, do miúdo³⁷. Tal como a crônica escrita, a crônica fotográfica consegue exprimir uma intrincada rede de relações e comportamentos, transmitindo *imagens de um tempo social*. Recorta, fragmenta e enfoca o tema desejado atribuindo-lhe significado. Arlindo Machado, falando a respeito desta característica intrínseca à fotografia comenta que “(...) *Toda visão pictórica, mesmo a mais “realista” ou a mais ingênua, é sempre um processo classificatório, que joga nas trevas da invisibilidade extra - quadro tudo aquilo que não convém aos interesses da enunciação e que, inversamente, traz à luz da cena o detalhe que se quer privilegiar(...)*”³⁸.

A imagem fotográfica desta forma nos dirige o olhar para um determinado ponto que se quer deixar em evidência, obscurecendo e/ou ocultando o que para o produtor da imagem não é relevante ou digno de ser registrado.

A *leitura* desta narrativa por parte do pesquisador não ocorre sem problemas. Ao pesquisador está reservado o confronto com problemas metodológicos que tratam das possibilidades e potencialidades técnicas da linguagem fotográfica e a instituição de novas práticas sociais que necessitam ser decodificadas a partir de seu contexto de produção e veiculação, além de se confrontar com a questão do *realismo* e *verismo* fotográfico, onde entram as discussões entre história e linguagem, entendidas como práticas sociais concretas.

³⁶ Rezende, Eliana Almeida de Souza. “Alquimia Sedutora substanciada em imagem – a crônica fotográfica nas primeiras décadas do século XX”. Dissertação de Mestrado, Puc/SP, 1996, pág. 7

³⁷ Cândido, Antonio. “A vida ao rés-do-chão” In: Crônica: o Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Unicamp, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pág. 13.

³⁸ Machado, Arlindo. “A ilusão especular”. São Paulo, Brasiliense, 1994, pág. 76.

Ler neste caso significa lidar com as formas pelas quais se deu a construção do olhar e das formas pela qual este se expressa³⁹.

Como nos fala Ismail Xavier a respeito da imagem cinematográfica, e que com propriedade pode ser também aplicado à fotografia: “(...) *A imagem que recebo compõe um mundo filtrado por um olhar exterior a mim, que me organiza uma aparência das coisas, estabelecendo uma ponte mas também se interpondo entre eu e o mundo. Trata-se de um olhar anterior ao meu (...)*”⁴⁰.

Esta *construção* trazida pela imagem fotográfica ganha em alguns casos uma característica de crônica do *real*, sendo em muitos casos utilizada como forma de denúncia. Por características que lhe são intrínsecas, a fotografia foi ganhando no decorrer do tempo um estatuto de reprodutora dos fragmentos do real e, portanto, muitas vezes utilizada por diferentes meios de comunicação como testemunha de um evento, ou até mesmo servindo como prova em evidências judiciais.

No entanto, atualmente este estatuto de fragmento do real e testemunha de um evento vem sendo questionado, e diferentes áreas do conhecimento têm proposto teorias que, de alguma forma, alimentam os métodos de trabalho para a utilização de imagens fotográficas. É o caso, por exemplo, da história social, em particular a que tem no campo cultural sua maior fonte de reflexões, e que toma a fotografia como sendo um produto de relações sociais que são travadas no espaço urbano.

Neste sentido, dois são os espaços a se pensar quando se busca ler uma imagem: um é o espaço fotográfico, entendido aqui como o enquadramento, ângulo, luminosidade, nitidez, figuração e que serão dispostos em um determinado suporte (vidro, platina, prata, papel, plástico, etc), outro será o espaço de onde a imagem foi extraída: a cidade, entendida aqui

³⁹ Lucas, Meize Regina de Lucena. “Imagens do Moderno: os sentidos do olhar de Jacques Tati”. São Paulo, Dissertação de Mestrado PUC/SP, 1996, pág. 11.

⁴⁰ Xavier, Ismail. “Cinema: revelação e engano” In: O Olhar (org. Aduino Novaes). São Paulo, Cia das Letras, 1988, pág. 370.

nos seus movimentos sociais, aglomerações urbanas, trabalho informal ou mesmo nos conjuntos arquitetônicos e/ou paisagísticos.

Além dos aspectos relacionados acima, seria importante retomar aqui uma outra preocupação que norteia os caminhos de uma pesquisa com imagens fotográficas. Esta se refere ao **respeito à proveniência**⁴¹ destas fontes. Não importa se pesquisadores, se conservadores ou arquivistas, devemos ter sempre claro a origem do material iconográfico trabalhado e utilizado como fonte. É a partir deste princípio que se pode compreender a coerência interna de uma produção e os caminhos de sua circulação. Enfim, o respeito à proveniência é que garantirá a unicidade do documento tornando-o indivisível, garantido com isso sua individualidade e inserção no universo de sua produção. Isto porque, pesquisar com fontes iconográficas não significa reunir grupos de imagens apenas por qualidades estéticas subjetivas, mas significa caminhar através dos caminhos que vão de sua produção à sua preservação.

Este respeito à proveniência permitirá que coleções de fotografias mantenham-se unidas e ajudem a espelhar o universo de sua produção, não como a *realidade*, mas como uma forma de representação. Nas palavras de Luis Pavão: *“(...) Uma coleção pode resultar da paciente procura do colecionador ao longo de anos ou da pesquisa de um historiador ou crítico de arte sobre um tema ou época; pode resultar das recolhas de um geógrafo, de um biólogo ou antropólogo sobre o seu trabalho de investigação; pode ainda advir da acumulação de fotografias de uma família ao longo de gerações, ou pode ser o resultado do trabalho de um fotógrafo ou geração de fotógrafos. A coleção tem a chancela do seu criador. O relacionamento ou a coesão entre fotografia pode igualmente acontecer em conjuntos de imagens reunidos acidentalmente por um jornal, uma agência de notícias ou uma instituição no decurso de sua atividade. A coleção de um jornal descreverá uma época, através dos acontecimentos que foram notícia; as imagens de uma cidade, acumuladas casualmente pelo município ou*

⁴¹ Princípio arquivístico segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa, garantindo com isso a unicidade do documento. Ver Camargo, Ana Maria de Almeida; Belloto, Heloísa Liberalli (coordenadoras). Dicionário de terminologia arquivística. São Paulo. Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo / Secretaria de Estado da Cultura – Departamento de Museus e Arquivos. 1996, pág. 61 e 76.

departamento de turismo, ilustram seqüencialmente a evolução da região, complementando-se e confirmando-se mutuamente.

*Muitos exemplos se poderiam acrescentar a esta lista, para sempre se extrair a mesma conclusão: uma coleção tem mais valor e detém mais informação do que a soma de cada uma das partes individualmente. (...)*⁴²

O respeito à proveniência das imagens garantirá que muito do seu sentido de produção seja esclarecido e indicará ao pesquisador um leque mais amplo de hipóteses de trabalho. Tal como conjuntos de documentos textuais, os documentos iconográficos exigem por parte de quem os analisa uma série de cuidados e nunca deverá ser tomado o documento pelo documento.

A preocupação em respeitar a proveniência das imagens levou-nos diretamente a reflexões que envolviam os caminhos de sua preservação indicando com quais objetivos estas imagens tiveram sua integridade garantida através de décadas enquanto outras se perdiam através do tempo por diferentes razões. Além disso, viu-se a necessidade de buscar contextualizar tais imagens, já que nada é produzido por acaso. Tecer os caminhos do universo de produção das imagens e cruzar informações imagéticas com outros tipos de documentação mostrou-se necessário e abriu maiores possibilidades de interpretação.

Escrita Sanitária da Cidade na Imagem Fotográfica

Do outro lado, e também procurando subsidiar o trabalho com as imagens, iniciou-se uma série de reflexões sobre temas que eram trazidos pelas imagens e que eram tocados de perto por temas trazidos pelo *sanitarismo*. Este foi se transformando em uma possibilidade de tecitura das tramas do tecido social que surgiam a partir do contacto com os diferentes clichês.

⁴² Pavão, Luis. Conservação de Coleções de Fotografia. Lisboa, Dinalivro, 1997, pág. 255.

Trazido pelo contato com as imagens e tomado como porta de entrada, o eixo de análise do discurso sanitarista possibilitou ver com maior clareza os temas propostos para abordar a cidade e compreender a produção das imagens nas diferentes coleções.

Neste ponto, foram fundamentais para algumas reflexões estudos do período sobre a concepção de sanitarismo⁴³, higiene, circulação, vadiagem, educação, moral, vícios, reclusão (aqui entendidas não apenas como prisões e penitenciárias, mas também as instituições de saúde mental como os hospícios, hospitais e asilos).

Acreditando que nos fins do século XIX e princípios do XX o pensamento higienista informava as concepções sobre o corpo físico e social e interferia sobremaneira nas diferentes abordagens do espaço urbano influenciando práticas, reflexões e intervenções nas cidades do mundo ocidental, este trabalho tem como um dos eixos de análise as reflexões colocadas pelo sanitarismo e a medicina social. Isto porque é este o momento onde a cidade passa a ser objeto e agente da principal questão colocada pelas transformações daquele período histórico: a **questão social**.

O sanitarismo neste sentido, passa a emprestar às reflexões sobre o espaço urbano repertório: termos como higiene, circulação, habitação, desinfecções, circulação, miasmas, esgotos, começam a ser recorrentes. Neste sentido, o *discurso sanitário* se desdobra em seqüências que tecem as tramas discursivas em torno da cidade e oferecem diferentes imagens da cidade e seus problemas. É ele que estará informando e alimentando diferentes concepções do que vem a ser problema social e, portanto alvo de críticas e/ou denúncias via imagem fotográfica.

Todo um arcabouço e aparato de regulamentação da cidade passam a ser utilizados pelos que de alguma forma tentam normatizar os espaços urbanos e em especial as atividades que envolvem diferentes formas de troca e circulação de mercadorias. É um momento chave e de transição de uma economia informal para a constituição de um mercado onde novas

⁴³ Do latim *salubritas-atris* (séc. XVI), derivado de *saluber-bris-bre* – saudável. Conjunto de condições propícias à saúde.

regras sociais se colocam, onde a regulamentação das relações sociais se torna uma questão social.

É do pensamento higienista que urbanistas e outros técnicos estarão interferindo no espaço urbano, modificando, transformando, construindo novos espaços de convivência e regulamentando antigas formas de socialização e vida. Assim, torna-se fácil compreender de que modo do pensamento higienista seríamos remetidos diretamente à engenharia, tida exatamente como àquela que trabalharia em prol da edificação da cidade limpa e saneada e que está estreitamente relacionada a uma concepção mesológica – que sustenta a idéia de que a boa cidade produziria bons cidadãos e que a limpeza e higiene gerariam disciplina, boa moral e ausência de vícios. Esta concepção prende-se a uma teoria miasmática – sendo o miasma uma “(...) *designação genérica dada aos supostos causadores de certas doenças. Pela teoria miasmática acreditava-se que as doenças eram causadas pelas emanções nocivas, provenientes da terra, animais ou plantas em decomposição, ou ainda, pela influência das estrelas, dos ventos, das águas e das estações do ano. A teoria é atribuída a Hipócrates (460? – 370 a C) que a expõe em sua obra ‘Dos ares, das águas e dos lugares’.* Na visão hipocrática, a doença ou a falta de saúde é causada pela desarmonia entre corpo e o ambiente (...)”⁴⁴ esta visão se manteve por um bom tempo, e segundo Sakaguchi ganha no século dezesseis a teoria do *contagium vivum*, “(...) *baseada nas (...) observações sobre epidemias de peste, sífilis e tifo no homem e na febre aftosa nos bovinos. (...) Os miasmas eram considerados emanções nocivas, geradas fora do organismo humano, e que se espalhavam pelo ar, gerando doenças (...) O contágio originava a doença a partir de um organismo doente e o miasma provinha mais freqüentemente das emanções provenientes de matéria morta presente nos ambientes. Só com o advento da bacteriologia, por volta de 1880, com a divulgação dos trabalhos de Louis Pasteur e Robert Koch, implantou-se e difundiu-se a teoria microbiana. Esta teoria passou a explicar a origem das doenças infecciosas, levando ao abandono definitivo da teoria miasmática. (...)*”⁴⁵

⁴⁴ Sakaguchi, Maria Akemi. Da medicina ao urbanismo, a origem do primado da mobilidade. Dissertação de Mestrado FAU/USP, 1999, pág. 124

⁴⁵ Idem.

Com base neste ponto vista, não é difícil compreender a importância atribuída à circulação nas cidades, em especial os usos das suas ruas, entendida como uma metáfora das artérias que oxigenam o sangue de um organismo. A apropriação deste termo deu-se também pela economia, que começava a pensar as trocas e circulação de mercadorias. Pensar a cidade desta forma significa analisá-la sob uma ótica funcionalista, pois a circulação é considerada uma função vital e fundamental para a existência de um corpo.

A concepção metafórica provavelmente prende-se a uma tradição herdada do saber médico do século XVII que remonta as descobertas de William Harvey (1578 – 1657) sobre circulação sanguínea, e que, baseado na lógica aristotélica do movimento dos corpos, explicava como o sangue ‘circulava’ através das artérias por todo o corpo sem, contudo, se esgotar. Da influência de seus estudos sobre outras pesquisas, a que mais de perto nos interessa é a da função respiratória desenvolvida mais de um século depois por Lavoisier.

A pesquisa desenvolvida, segundo Sakaguchi, dava conta dos processos físico-químicos envolvidos na transformação da matéria e possibilitava relacionar os processos respiratórios aos de decomposição de plantas e animais com a circulação do sangue, assim “(...) *Soube-se que o ar estava presente no sangue e isto abriu novas possibilidades de entendimento na relação entre homem e o ar circulante (...). Como o ar podia conter os germens das doenças, ele podia ser perigoso, assim como também o ar viciado e parado. Esta crença fez com que fosse valorizada e recomendada a movimentação do ar como um aspecto desejável para a manutenção da saúde. A valorização da ventilação para a salubridade também decorre desta crença. (...) Os elementos exteriores ao homem também estavam em circulação, assim como os fluídos vitais no interior de seu corpo. Esta conscientização reforçou a preocupação com a saúde do ambiente de um local insalubre, que passou a se destacar no quadro de preocupações urbanas desde*”. meados do século dezoito. O ar, constituído por vários gases, podia ser considerado *são ou malsão. (...) houve uma preocupação geral por parte dos cientistas por encontrar formas para a melhoria das condições da saúde. O primeiro passo foi descobrir seus indícios. O cheiro passaria a ser um fator importante no controle da qualidade do ar, e, por conseguinte, do meio. O ar passaria a ser visto como condutor ou continente de doenças e problemas. (...) A descoberta da*

composição química da água e do ar possibilitou pensar as relações existentes entre os dois elementos entre si, o ambiente e o homem. Passa-se a considerar e valorizar a circulação do ar assim como da água. (...) Assim, pode-se dizer que, no século dezoito, na seqüência dos estudos da circulação do sangue, foram descobertas outras 'circulações' a serem valorizadas – a da matéria, e principalmente, a do ar e da água.(...)"⁴⁶

A tônica neste sentido passa a ser a idéia de movimento: das águas, dos corpos, do sangue, do ar. Princípio fundamental e fundador da idéia salubridade nas cidades. Segundo Corbin *"(...) As definições de são e malsão, bem como a organização das normas do salubre e do insalubre, esboçam-se em função do pensamento "arerista"(...)"⁴⁷*

Esta visão arerista e seus desdobramentos, ou seja, de que o corpo respira através da pele e dos pulmões e que através da corrente sangüínea este mesmo ar chegaria a diferentes órgãos do corpo humano gerou uma verdadeira revolução nos meios científicos e no terreno das sensibilidades.

Os odores passam a ser detidamente investigados e começam a ser encarados como sintomas de eventuais patologias. Espaços onde a circulação do ar poderia trazer prejuízos tornaram-se alvo de atenção de diferentes especialistas: hospitais, cemitérios, matadouros, feiras, cortiços, etc, eram detidamente investigados e políticas sanitárias passavam a ser aplicadas. Inicia-se com isso a adoção de medidas higiênicas de regulamentação destes espaços existentes especialmente em áreas de aglomerações humanas. Novas posturas em relação aos aspectos ligados à salubridade das cidades gerarão um discurso voltado às questões de saúde pública. Entram neste campo, tanto políticas sanitárias, como políticas públicas envolvendo poderes administrativos e técnicos.

A preocupação com a higiene passa a ser um ideal de salubridade, pois através dela se mantém a purificação dos ares em circulação. Tal higiene invadiria as ruas, casas e

⁴⁶ Ibidem. Pág. 30-31.

⁴⁷ Corbin, A. Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social dos séculos XVIII e XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pág. 22-23.

finalmente os corpos e traria mudanças comportamentais que em última instância traria virtude e boa moral à sociedade como um todo.

O sanitarismo deste modo, passa a subsidiar a elaboração de um discurso bipolar sobre a cidade. É a partir deste, que se acredita que o meio é responsável pela formação moral e física do homem, cabendo aos que possuem conhecimento técnico e competente a transformação deste meio.

Aliado ao uso de fotografias, as duas linguagens – escrita e visual – tecem um discurso que se relacionam e interpenetram. Visto que, no discurso sanitário temos pressupostos morais e físicos que tentam normatizar a vida dos que vivem na cidade e que encontram referência em imagens produzidas no período.

Pensar os temas tratados nas imagens inseridas em seu tempo nos ajudam a lê-las com os elementos que compõe seus códigos de produção, ou seja, não se pode descontextualizá-la de seu tempo e das imagens mentais e ideológicas circundantes.

Tal forma de pensar os códigos visuais que necessitam ser aprendidos pelos que desejam ler as imagens aproxima-se do que Chartier coloca para o caso da leitura: a questão de ter havido no decorrer da história diferentes *protocolos de leitura* que eram transmitidos e ensinados. Chartier, mencionando sobre a diferença existente entre o escrito e o lido, esclarece: “(...) *a leitura não está, ainda, inscrita no texto, (...) não há, portanto, distância pensável entre o sentido de que lhe é imposto (por seu autor, pelo uso, pela crítica, etc) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores: conseqüentemente um texto só existe se houver um leitor que para lhe dar um significado (...)*”⁴⁸. Partindo destas idéias a tarefa do historiador seria procurar “(...) *reconstruir as variações que diferenciam os “espaços legíveis” – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que governam as circunstâncias de sua “efetuação” – ou seja, as*

⁴⁸ Chartier, Roger. “A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília. Editora UNB, 1998, 2ª edição. pág. 11

*leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação(...)*⁴⁹

Para a fotografia, os diferentes **protocolos de leitura** estariam atrelados em especial aos processos fotográficos e sua utilização por diferentes profissionais e áreas. Neste sentido o domínio das diferentes técnicas para a sua produção estaria interferindo não apenas na produção como também na circulação destas imagens (não se pode esquecer de que os processos muito bons em termos de resolução técnica não conseguiram ter no público consumidor a mesma aceitação, quer por causa dos preços quer pelo resultado obtido: pensar nas fotografias a carvão⁵⁰ e os cianotipos, ambos com ótima qualidade técnica, mas que não obtiveram os resultados esperados junto ao público, o primeiro pela dificuldade de produção e o segundo por deixar um tom azulado nas imagens, ocorrendo exatamente o contrário com processos que apresentavam uma resolução inferior).

Chartier nos instiga neste sentido e comenta:

“(...) as estreitas relações estabelecidas na tradição ocidental entre texto e imagem, leitura do escrito e “leitura” do quadro incitam a colocar como centrais as relações entre as duas formas de representação, que sempre se excedem uma à outra, mas que também, como testemunha Poussin, sempre articulam o visível sobre o legível (...)”⁵¹

A leitura do quadro, tal como a leitura do escrito pressupõe que haja uma apropriação por parte de quem lê tais discursos e os elabora a partir de um repertório muito próprio. Obtêm-se com isso diferentes níveis de leitura⁵² que irão das intenções e objetivos do fotógrafo, que ao sugerir um tema a ser fotografado imprime ali a sua marca indicando por quais

⁴⁹ Idem. Pág. 12

⁵⁰ Processo criado por Alphonse L. Poitevin (1819-1882) e aperfeiçoado por John Pouncy (1818-1894), segundo Maria Inez Turazzi citada em bibliografia.

⁵¹ Chartier, Roger. “A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília. Editora UNB, 1998, 2ª edição. Pág. 22”.

⁵² Seria interessante neste ponto pensar a questão dos diferentes níveis de leitura das imagens fotográficas, em relação ao que ocorria no período de disseminação da leitura das sociedades européias. Segundo Chartier, existiam neste período de ampliação da alfabetização o que denominou de “protocolos de leitura”, adequados a cada época, e que com pertinência nos fazem pensar o mesmo para as imagens fotográficas. Ou seja, que de acordo com os diferentes momentos de divulgação e apropriação da imagem fotográfica se estabeleceram diferentes “protocolos” para a sua “leitura”. Tais protocolos estariam relacionados em especial às diferentes tecnologias utilizadas na produção dos registros fotográficos.

caminhos trilhou, até o uso e as eventuais reflexões dos que se apropriam destas imagens – incluem-se aí antropólogos, cientistas sociais, historiadores, semiólogos, etc.,.

Desta forma, a grande preocupação como historiadora foi a de tentar utilizar-me da fotografia como meio de captar o significado que a imagem tinha para seu produtor. Imagem aqui tomada num sentido mais amplo, ou seja, o de ser uma forma de visão de mundo tal como a forma discursiva é uma forma de visão.

Se encararmos a fotografia como uma linguagem, a veremos como sendo fruto de relações sociais que são produzidas em um determinado tempo histórico e que de alguma forma ajudam a reconstituir um determinado período.

Pensando assim a fotografia não vem a ser reflexo do real, e sim uma de muitas formas de apreender este real.

Os fotógrafos trabalhados são tidos como cronistas da cidade. Cada um ao seu modo e de sua maneira imprime sua marca e sua visão de cidade. Esta forma de *ver* pode ser identificada nos temas escolhidos para se fotografar, nos tons, nas técnicas empregadas, nos espaços visitados, nos formatos e até nas disposições dos elementos fotografados no espaço fotográfico.

Não se pode deixar de pensar no estatuto que a imagem fotográfica tem no período que é o de ser documental. Talvez por isso, seja até hoje tão importante enquanto crônica do social. Além disso, não se pode deixar de mencionar a similaridade que tais cronistas fotográficos mantêm com os cronistas literários de início do século XX. Ambos expressam sua admiração por um mundo em constante modificação de hábitos e modos de vida. Preocupam-se, imensamente com o tempo e a forma como este transcorre tão velozmente, interferindo diretamente na vida das pessoas. Seus registros apontam sempre para o movimento gerado pela passagem do tempo.

O trabalho aqui apresentado não pretende ser nem a somatória das diferentes imagens e nem a segmentação das mesmas por agência produtora, mas antes de tudo, pretende ser um discurso sobre a cidade, onde cada imagem dialoga com as demais produzidas sobre o mesmo tema. O eixo de construção deste diálogo entre as diferentes imagens está no discurso sanitário e pretende contribuir, com um dos muitos olhares possíveis sobre a cidade.

PARTE II – DAS VEIAS E ARTÉRIAS

Nas praças e pelas ruas, em túneis sob pontes

Mercados e Mercadores

Nas praças e pelas ruas, em túneis sob pontes

*A cidade está mais agitada a meidia.
As ruas devastam minha virgindade
E os cidadãos talvez marquem encontro nos meus lábios.
(Mário de Andrade)*

A rua, local de passagem, sinônimo de caminhos abertos. Lugar de onde se vem ou para onde se vai. No dicionário apenas definido como o caminho de casas e seus habitantes. Para cronistas, literatos e poetas ilustrados, a imagem da rua vai além: possui identidade, fisionomia, como sugere Mário Pederneira:

*“(...) A Rua tem vida e alma
Vibra conosco quando nós vibramos
E é calma
Quando a calma da Rua procuramos (...)*

*(...) Na Rua o sol tem mais seiva, mais cor,
Mais amplo se derrama...
Nella é que nasce o amor
Ella é que faz a fama (...)”⁵³*

Para muitos destes, é considerada como metáfora do organismo humano e é pensada como artéria por onde a seiva da vida circula.

“(...) Já notaram como tem uma particular beleza, um encanto novo, um fim de tarde na Avenida? (...) E assim, de um extremo ao outro, vai a linda artéria larga, a cujo centro a moda impéra e a vida, durante o dia e durante a noite fervilha, para só

⁵³ Revista Fon-Fon!. 14/10/1911.

adormecer áquella hora vésper e pelas madrugadas, se ponteando aos poucos de luzes ao longo dos passeios amplos para, de súbito, ao centro, no seguimento extenso dos seus postes altos que se perfilam. (...) irradiar de um jacto núma explosão intensa e clara, ao clarão repentino, brusco, das lampadas immensas! (...) Já notaram esses momentos preciosos: a suavidade encantadôra do crepusculo sobre a Avenida e a melancolia afastada, suavíssima, dos extremos distantes, depois, o começo da sombra enquanto os alampadarios dos passeios vão ponteando luzes como reticências que se vão alongando a um lado e a outro (...) E a vida recomeça, no seu largo perimetro central, vozeiadôro, borbulhante! (...) Já notaram? É lindo! (...)”⁵⁴

A rua em sua forma mais alargada e melhorada – a avenida – encontra por parte do seu admirador muitos motivos para ser olhada mais detidamente. Reverenciada e admirada como sendo o local onde a vida corre e se torna borbulhante, o cronista usa a metáfora dos postes de iluminação como sendo reticências à sua beleza iluminada.

É desta imagem da rua como artéria, cada vez mais comum em fins do século XIX e início do XX que partiremos para iniciarmos nossa análise sobre a cidade.

Este olhar nos remete aos elementos constitutivos do espaço onde a vida urbana se desenvolve, onde os sons da sociabilidade se dão, onde as tramas sociais são tecidas.

Se tomarmos a cidade como um corpo social, suas ruas seriam artérias que funcionariam como meio de circulação da vida e por onde, obrigatoriamente os produtos para a sua manutenção encontrariam o caminho para trafegar.

É no saber médico que o tema da circulação encontrará subsídios para estar formulando noções que mais tarde seriam utilizadas pelo urbanismo.

⁵⁴ Revista Fon-Fon!. 15/04/1911.

Desta forma, a idéia de circulação necessita se historicizada para ser possível compreendermos sua apropriação através dos tempos, por diferentes áreas como ocorre com a economia, o urbanismo e a medicina, entre outras.

William Harvey (1578 – 1657) é considerado o sintetizador do conhecimento sobre circulação sangüínea adquiridos a partir de seus predecessores⁵⁵. Apropriando-se de conceitos próprios da lógica aristotélica – que se caracteriza pela idéia de movimento circular, Harvey passa a dedicar-se ao estudo da mecânica corpórea. Deste modo, o estudo da circulação sangüínea conseguia ser explicado pelas leis da física e podiam ser expressas numa linguagem matemática e, portanto, científica. Seus estudos conseguiram ampla repercussão e contribuíram enormemente para pesquisas sobre as funções vitais.

Um dos estudos que sofreram a influência de sua descoberta, mas que só foram sistematizadas mais de um século depois foi a função respiratória desenvolvida por Lavoisier.

Nas palavras de Sakaguchi: *“(...) Assim como a teoria de Harvey marcou uma mudança epistemológica, a de Lavoisier, (...) também implicaram uma outra mudança. Surgia naquele momento uma nova postura em relação ao ambiente e à saúde, principalmente nas cidades. A saúde do homem passou a depender diretamente das condições de salubridade do ambiente em que vivia. Muito embora esta fosse uma noção já antiga, do tempo de Hipócrates, as pesquisas científicas desenvolvidas a partir de meados do século dezoito revitalizaram e ‘atualizaram’, por assim dizer, as noções relativas à salubridade e higiene principalmente em relação ao espaço urbano (...)”*⁵⁶.

⁵⁵ Esta afirmação e outras considerações sobre a circulação sanguínea foram extraídas da Dissertação de Mestrado apresentada a FAU/USP em 1999 por **Maria Akemi Sakaguchi**, intitulada **“Da medicina ao urbanismo, as origens do primado da mobilidade”**.

⁵⁶ Sakaguchi, Maria Akemi. Da medicina ao urbanismo, as origens do primado da mobilidade. Dissertação de Mestrado FAU/USP, 1999, pág. 27.

Tomadas neste sentido a cidade e suas ruas passam a ser olhadas como tema e objeto de diferentes abordagens, em especial as que envolvem aspectos relacionados à salubridade dos espaços urbanos. A idéia da cidade como ser que respira, passa a mobilizar toda uma produção em torno da necessidade de livre circulação nos espaços para evitar a insalubridade e conseqüentes prejuízos à saúde.

A visão do corpo que respira através da pele e dos pulmões e que por meio da corrente sanguínea traz ar a diferentes órgãos do corpo humano gerou profundas alterações no campo das sensibilidades, e trouxe inúmeras discussões sobre um dos principais indícios de perigo de contaminações: os odores. Considerados indiciais no que concernia a eventuais tipos de doenças, eram criteriosamente analisados e combatidos. Seus principais focos eram alvo de ações sanitárias e incluíam esforços de controle de áreas como hospitais, cemitérios, matadouros, cortiços, prisões, etc. Inicia-se com isso a adoção de medidas higiênicas de regulamentação destes espaços e a introdução de políticas públicas respaldadas por poderes técnicos e administrativos.

Esta forma de pensar a cidade como organismo podia ser encontrada por toda parte, e quase sempre era utilizada para justificar políticas de intervenção no espaço urbano. Abordando o tema da distribuição de água e a política de esgotos Anhaia Mello em discurso proferido na Câmara do Município de São Paulo dizia: *“(...) A hygiene (...) é a necessidade primordial da vida e a norma directora das aglomerações urbanas. Sciencia quasi desconhecida há um seculo é hoje a regra preponderante da vida individual e colletiva. A cidade pode ser comparada a um organismo que vive e se desenvolve – a agua distribuida é o sangue arterial que vivifica, o effluxo urbano, é o sangue venoso que necessita de purificação(...)”*⁵⁷

Novamente a metáfora da água como sangue arterial e os esgotos da cidade como sangue

⁵⁷ Anhaia Mello em discurso da Câmara do Município de S. Paulo em indicação nº 201, de 1920. Coleção Actos e Decretos do Município, pág 283.

venoso e, portanto, passível de purificação. As analogias sempre freqüentes povoam inúmeros discursos no período.

A limpeza dos espaços, das ruas, das casas, e dos corpos passa a ser considerado fundamental para a salubridade e condutora de princípios ligados à boa ordem e moral, tornando os indivíduos virtuosos e civilizados. Nas palavras do engenheiro Francisco Teixeira da Silva Telles: *“(...) A arborização da cidade em grande escala contribuirá para refrescal-a e manter mais uniforme sua temperatura (...) vantagens estas todas de ordem sanitaria. Bem disposta a arborização, trará incomparável realce esthetico, donde resulta importante benefício moral (...)”*⁵⁸

De braços dados ao urbanismo, o sanitarismo procura relacionar estética e higiene, conforto e circulação. Deste modo, *“(...) o urbanismo é sciencia infinitamente complexa, dizendo respeito a todos os problemas desde a apresentação de um orçamento até a regulamentação esthetica da publicidade e das reclames (...) Mas o urbanismo (...) não é apenas sciencia; é arte também (...) É preciso, segundo a expressão de Azache, professor de urbanismo no Collegio de Sciencias Sociaes, que todas as soluções technicas, hygienicas ou economicas sejam traduzidas “em beleza” (...)”*⁵⁹

As pretensões neste sentido eram de um projeto estético para a cidade e que tinham na higiene os seus alicerces. Segundo um ditado corrente no período, a higiene seria fundamental para a boa moral de todos os homens, já que *“a virtude se assenta no meio”*⁶⁰.

Desta política saneadora, resulta uma profunda tentativa de reordenação dos espaços a partir de um saber competente, no caso, o pensamento higienista. Das remodelações dos espaços públicos e as transformações vivenciadas a partir daí surgem uma lista extensa de temas que são amplamente encontrados na documentação analisada: problemas relacionados ao abastecimento de gêneros alimentícios e água; destino do lixo e outras formas de rejeitos;

⁵⁸ Telles, Francisco Teixeira da Silva. “Vias Públicas” In: Annaes do Primeiro Congresso Medico Paulista. São Paulo, 1917, pág. 367.

⁵⁹ Idem. Pág. 282.

⁶⁰ Citado pelo vereador Orencio Vidigal em discurso na Câmara Municipal de S. Paulo, em 1913.

serviço de limpeza urbana; a manutenção da ordem e as questões de administração de problemas político e sociais; a ocupação do solo e questões ligadas à produção industrial e manufatureira, entre outros.

Com São Paulo e Lisboa do começo do século os problemas não seriam diferentes. As duas cidades vivem um amplo processo de metropolização e assistem dia a dia sua população aumentar e com elas todos os problemas relacionados à sua administração.

*Lisboa: o orgulho alfacinha*⁶¹

Lisboa de princípios do século XX vive um amplo processo de metropolização que se converte em diferentes problemas e modos de viver para o habitante alfacinha. Considerado por muitos como quintal da Europa, Portugal entra o século XX sob diferentes contradições tendo de lidar com uma economia deficitária, miséria das populações urbanas que enfrentavam além da pobreza e péssimas condições de vida o perigo sempre crescente de doenças exterminadoras como o tifo e a tuberculose, constante êxodo no campo como resposta às péssimas condições de vida e de trabalho agrícola, uma modernização insipiente e problemas políticos de várias ordens que culminariam com a Proclamação da República em 1910.

Das cidades portuguesas, Lisboa surgia como a possuidora de maior número de habitantes, cerca de 356 mil em 1900, seguida pelo Porto com 167 mil, e à distância por Braga (24 mil), Setúbal (22 mil), Coimbra (18 mil), Évora (16 mil), Viana (10 mil), Aveiro (10 mil), Faro (12 mil), Santarém (9 mil), Vila Real (7mil); num universo total de 800 mil habitantes em Portugal⁶².

Eram tempos de mudanças bruscas, trazidas em sua maior parte pelo desenvolvimento de diferentes tecnologias, como a eletricidade, o cinema, a fotografia, o telégrafo entre outras e que encontravam um país agrícola, semi-analfabeto com gigantescas distâncias sociais. Segundo diferentes fontes, o analfabetismo chegava em 1900 a atingir cerca de 70% dos homens e 85% das mulheres.

⁶¹ Apelido utilizado para designar os lisboetas.

⁶² Samara, Maria Alice e Rosas, Fernando. "Política e Economia Portugal 1900" In: Portugal 1900 – Catálogo de Exposição – 29 de Junho-10 de Setembro de 2000. Museu Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2000. Pág. 15 e Sardica, José Miguel. "A Sociedade Portuguesa em 1900". In: Portugal 1900 – Catálogo de Exposição – 29 de Junho-10 de Setembro de 2000. Museu Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2000. Pág. 29.

Em números isto significava que: “(...) Em 1890 o numero total de analfabetos, sem excluir as creanças até 7 anos, era de 157.949; diminuidas estas, ficaram em 109.824, para uma população de 301.206 pessoas.

*Em 1900 o numero de analfabetos é de 192.043, dos quaes 46.702 são creanças até 7 anos, numa população de 356.000: pelo recenseamento ultimo verifica-se que em 436.434 pessoas há 121.387 analfabetos e mais 66.322 creanças ate 7 anos (...)*⁶³

Dentro dos centros urbanos, a modernidade chegava sobre trilhos e na popularização dos carros elétricos, que vieram em substituição ao *americano*⁶⁴. Chegaram com o novo século, e já em 1901 ligavam o Terreiro do Paço com a Praia de Algés. Segundo José Miguel Sardica “(...) a electrificação dos transportes públicos em Lisboa, na primeira década do século XX, levou a uma extensão da rede de eléctricos das 40 para as 72 milhas, ou seja, dos 10 para 50 milhões de utentes. Se, em 1890, cada alfacinha usava o “americano” umas 20 vezes, em 1910, esse mesmo alfacinha viajaria de eléctrico umas 115 vezes, à medida que a tarifa barateava. (...)”⁶⁵

O aumento no número de veículos na cidade além de diminuir distâncias, trazia para o universo urbano novos problemas, estes de relacionamento entre homens e máquinas. Os

registros de acidentes envolvendo automóveis e os registros de atropelamentos começam a aumentar.

⁶³ Jornal O Século, “O analfabetismo em Lisboa”, 18.04.1912.

⁶⁴ Nome utilizado em Portugal para o sistema de viação, que consistia em carros de tração animal, circulando sobre vias férreas, para transporte de passageiro.

⁶⁵ Sardica, José Miguel. “A Sociedade Portuguesa em 1900”. In: Portugal 1900 – Catálogo de Exposição – 29 de Junho-10 de Setembro de 2000. Museu Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2000. Pág. 29.

Os automóveis ganhavam a rua, e já em 1901 surge o “Primeiro Código de Estrada” português determinando como velocidade máxima os 10 Km/h⁶⁶.

Nas Posturas Municipais lisboetas editadas em 21 de Agosto de 1915 a velocidade máxima passa a ser de 20 Km/h dentro da cidade e podendo chegar a 40 Km/h nas estradas de ligação de povoados. Além destas determinações, o mesmo código determinava que os condutores deveriam ter inscrição na Repartição de Polícia Municipal de Lisboa, além de usarem uniforme, constituído por “(...) *farda, polaina de coiro e bonet com pala voltada para baixo. (...)*”

Em relação aos veículos, as Posturas Municipais de Lisboa determinavam que:

“(...) Art. 9º - Todos os automoveis que transitarem na via publica deverão ter, pelo menos, as seguintes luzes”:

Duas lanternas voltadas para frente, sendo a da direita verde e a da esquerda branca, e uma na parte trazeira exposta por fôrma a iluminar o numero de registro. (...)

(...) Art. 21º - É proibido dentro da cidade o uso de sinais acusticos de som agudo, do escapamento livre, das buzinas de mais de um som, do apito no escapamento ou qualquer outra disposição, e das sereias.

Os sinais acusticos só poderão ser dados com aparelhos que produzam som grave. (...)”

As determinações contra os barulhos nos automóveis vinham de encontro as tentativas de solução para o alarido e barulho encontrado nas ruas da cidade.

⁶⁶ Jornal O Século. “Os Electricos – é atropelado o dr. Joaquim Evaristo, que soffre fractura de uma perna”. 13.12.1910

Deste mesmo período, tem-se o registro⁶⁷ de pelo menos 13 praças para automóveis na cidade de Lisboa e que estavam assim distribuídas:

- 1- Avenida da Liberdade
- 2- Praça D. Pedro IV
- 3- Aterro
- 4- Praça do Comércio
- 5- Praça do Rio de Janeiro
- 6- Praça do Duque de Saldanha
- 7- Rua Ivens
- 8- Praça Brasil
- 9- Largo da Abegoaria
- 10- Rua Vitorino Damasio
- 11- Rua Garret
- 12- Rua de Vasco da Gama
- 13- Largo da Estrela

Os preços praticados em contos de réis eram estabelecidos por três tabelas diferentes onde se discriminava preços praticados por percursos e tempo, demonstrando uma forma de regulamentação de uma nova atividade que começava a ganhar as ruas em substituição aos antigos coches:

⁶⁷ Dados localizados na Postura Municipal de 21 de Agosto de 1915.

Tabela 1
Serviço às horas

a) ½ hora com direito a percurso de 5 Km.....	24\$00
b) 1 hora com direito a percurso de 10 Km.....	32\$00
c) Por cada km percorrido a mais dentro dos limites ½ e 1 hora.....	2\$00
d) Por cada hora que o automovel estiver parado.....	10\$00

Tabela 2
Serviço por corrida por conta-quilometro

a) Dentro dos limites da antiga área da cidade, por Km.....	4\$50
b) Dentro dos limites da nova área da cidade, por Km.....	5\$00

Tabela 3
Serviço por taxímetro

a) Pelos primeiros 900 metros ou fração.....	3\$75
b) Cada 300 metros a mais ou fração.....	\$75
c) Tempo de espera, cada 5 minutos.....	\$75

Para além dos automóveis, a rede ferroviária no princípio do século XX era de 2500 Km e a malha rodoviária atingia a cifra de 14.000 Km o que, no entanto não representava o suficiente para atender as necessidades de integração nacional, já que os caminhos de ferro

uniam menos do que 10% de todo o território português e boa parte das estradas serviam apenas para transportar animais⁶⁸.

Pelo mar chegavam navios, fragatas e outros tipos de embarcação, de onde provinha o alimento e os produtos para a vida lisboeta. Era através de seu porto que Lisboa via chegar e partir migrantes e imigrantes, riquezas e trabalho.

Ritmos e sons na Paulicéia

Tal como Lisboa, e outras capitais do mundo nos princípios do século XX, São Paulo também vêem sua vida urbana crescer e se modificar. Assiste atônita uma gama imensa de transformações nos hábitos de vida.

As ruas da Paulicéia encontram por parte dos que a administram problemas de todas as ordens e constantemente são alvo de acalorados discursos realizados na Câmara Municipal ou mesmo na imprensa diária onde os problemas urbanos ganham o tom de reivindicações populares.

São Paulo convive com um aumento indiscriminado de sua população originária desde os tempos da imigração na cidade, logo após a abolição da escravatura. Com a imigração não apenas mais pessoas passaram a ser incluídas nos censos... Novos hábitos e rotinas de vida foram acrescentados ao viveres na e da cidade. Temperos, sabores e alimentos ganhavam tons de diferentes nacionalidades. São Paulo assistia de perto uma forte modificação dos seus hábitos alimentares: cada vez mais se viam tomates sicilianos e massas napolitanas. No ramo das bebidas a cervejaria ganhava influência alemã e encontrava entre os paulistas número crescente de adeptos. Para os vinhos a influência vinha de diferentes

⁶⁸ Idem.

nacionalidades: portugueses, espanhóis, franceses, húngaros, italianos, alemães, entre outros.

O burburinho aumenta, e o ritmo de vida se acelera, gerando cada vez mais políticas que visavam regulamentar espaço, gestos e modos de viver a urbanidade. Temas como o trânsito e o barulho na cidade são tratados periodicamente, e em muitos casos pode-se verificar a tentativa de inclusão do maior número possível de situações passíveis de punição.

Os sons que vem da vida urbana são muitos e variados e colocam a quem deles se ocupa a árdua tarefa de elencar uma vasta lista. A imprensa em geral colabora neste sentido e com certa frequência publica artigos como o Dr. J. M. de Azevedo Marques, intitulado “*A tranquilidade publica perante a Municipalidade*”, onde o autor faz menção a alguns destes sons da vida urbana:

“(...) Há dias passados um illustre cientista estrangeiro queixava-se, pela imprensa, com razão e escarneo, de ser S. Paulo uma cidade insupportavelmente barulhente alludindo ao ruido exaggerado dos bondes, dos automoveis, dos sinos, dos vendedores de jornaes, dos caixeiros de cafés, da cachorrada a uixar, dos pregoeiros ambulantes ensurdecendo, atordoando, causando mau humor, impedindo o repouso, socego, a saude e o trabalho.(...) Que diferença contra nós, si compararmos isso com o que vimos nas cidades mais agitadas do velho mundo: Londres, Paris, Berlim Bruxelas, Lucerna, Genebra, Vichy (...), onde tudo se passa calmamente, em relativo silencio: os vehiculos não incommodam pelos ruidos, os sinos são raros e commedidos, os automoveis fazem “chic” em não buzinar, ninguem grita, não há guizos estridentes; e por isso, alli se pode conversar nas ruas, nos cafés, nos vehiculos, nos escriptorios, como se pode repousar, dormir, viver. (...) Aqui impossivel. (...)”⁶⁹

⁶⁹ Marques, J. M. Azevedo. “A tranquilidade publica perante a Municipalidade”. In: Jornal O Comércio de S. Paulo, 29/04/1914.

Os sons desta cidade que cresce num ritmo vertiginoso vêm de diferentes meios de transporte, diferentes personagens urbanos e seus pregões feitos para chamar atenção ao seu trabalho, ou mesmo de animais que trafegam soltos por ruas, ruelas e avenidas.

O artigo prossegue e se torna interessante quando se referindo ao trânsito, relaciona a convivência com determinados aspectos do comportamento urbano com a ausência de moral, ou seja, quanto mais imoral e próximo da barbárie e desqualificação moral mais suscetível ao hábito de sons que perturbem a ordem alheia.

“(...) Há é certo, uma parte do povo que se não incommoda com tudo isso; são os insensíveis, os pandegos, os endurecidos e, podíamos dizer, os idiotas, cujas funções meramente physiologicas e impertubaveis predominam sempre sobre as moraes; comem e bebem sempre bem, dormem sempre bem, riem sempre bem, vagam sempre bem, passam sempre bem, como si o mundo fora só elles. Mas essa minoria de “homens-vegetaes” não merece dictar regras ou servir de padrão aos outros, ás senhoras, ás crianças, aos velhos, aos doentes, aos trabalhadores, aos estudiosos aos sensiveis, aos civilizados. (...)”⁷⁰

⁷⁰ Idem.

De ritmos e deslocamentos: a cidade veloz

Este mesmo trânsito, considerado caótico, é o centro de duras críticas e revela um articulista preocupado. Referindo-se ao barulho e a forma descuidada que muitos veículos eram conduzidos e os resultados em números de acidentes, acrescenta:

“(...) A norma - “é gritar e matar” - o bonde dispara, tocando os tympanos em selvagem Ze-Pereira, e vai esbarrando e esmagando, haja o que houver; o automóvel faz a mesma cousa: e assim substitui-se a pericia pelo barulho, entendendo os heróes conductores que buzinando e badalando podem matar livres de culpa e pena. (...)”⁷¹

Os registros de acidentes de trânsito são muitos e variados, incluindo-se batidas de automóveis em outros veículos, em postes ou em outras formas de obstáculos, bondes que se chocavam ou saíam dos trilhos e atropelamentos em geral, eram a maioria das ocorrências policiais. Indicando-nos um número crescente de pessoas circulando pelas ruas e experimentando uma nova vivência, relacionada com os ritmos da velocidade e das deslocações pelo espaço social.

Os relatos de tais ocorrências em vários casos transformavam-se em inquéritos policiais redigidos por delegados responsáveis nas diferentes circunscrições, torna-se uma espécie de crônica policial sobre os problemas relacionados ao trânsito da cidade.

Carlos Pimenta, Delegado da 5ª Circunscrição em São Paulo, é um destes *cronistas policiais*. Sua escrita miúda, recheada de pequenos detalhes ajuda a dar cor e tom às impressões de uma autoridade sobre diferentes infrações ocorridas no espaço da cidade, tentando da melhor forma encontrar argumentos que venham convencer da culpa ou

⁷¹ Ibidem.

absolvição as partes envolvidas. São relatos envolvendo crimes de diferentes ordens, em especial os que são relacionados à moral e bons costumes (inserem-se aí os crimes de vadiagem, prostituição, jogo, defloramentos, homicídios, entre outros), além das infrações de trânsito.

Citando algumas destas infrações, o delegado Carlos Pimenta comenta sobre os atropelamentos e a forma considerada descuidada de motorneiros e passageiros conduzirem e se portarem nos veículos que transitam pela cidade:

“(..). Trata este inquerito da eterna questão dos atropellamentos por vehiculos. Enquanto tivermos leis benignas para o caso, os taes senhores condutores, chaffeurs e cocheiros andarão sempre sem o necessario cuidado, á matroca, a catar as pernas de um pobre mortal, ou mandal-o sem demora para outro mundo (...)”⁷²

No caso específico deste inquérito, Carlos Pimenta retoma a questão da ausência de uma lei de trânsito que viesse atender de perto à necessidade de punir eficientemente infratores perigosos. A tônica sobre as leis de trânsito é constante e em sua fala e em mais de uma oportunidade retoma este mesmo tema, em especial em relação ao número elevado de acidentes envolvendo atropelamentos e/ou imprudência da parte de motorneiros, condutores, passageiros e pedestres. São os casos, por exemplo, dos seguintes inquéritos:

1) *“(..). É um eterno problema a questão de desastre por automoveis e dia a dia os atropelamentos vão crescendo de modo assustador. Este inquérito trata de mais um, cuja vítima é o menor Antonio de Toledo, com 6 annos de idade (...) O automovel que apanhou o menor tinha o nº 2950 e (...) o auto caminhava com marcha acelerada e com pharóes apagados (...)”⁷³*

⁷² Inquérito redigido por Carlos Pimenta, Delegado da 5ª Circunscrição de São Paulo, em 16.08.1922.

⁷³ Idem.

2) “(...) O veso antigo de todos os conductores de vehiculos, nesta Capital, andarem em vertiginosa carreira, procurando a morte para si e para os outros, é coisa que lhes póde tirar.

*São multados, processados, castigados, afinal dentro de nossas benignas leis e dos nossos liberrimos regulamentos. Mas a atração, a sympatia pela vertigem de corrêr é inevitável. (...) Devido a essa loucura, ou melhor, essa falta de prudencia, este inquerito registra um desastre desta natureza. No dia 10 do corrente, Segunda feira, ás 21 horas, o bonde de passageiros nº 423, na linha Tamandaré, tendo como conductor Abilio Pires, chapa nº 476 e como motorneiro Manoel de Moraes, chapa nº 877, ao fazer a curva da rua Castro Alves para entrar na rua acima referida, por imprudencia absoluta do alludido motorneiro, saltou dos trilhos, subindo no passeio, ficando as primeiras rodas sobre o mesmo (...)*⁷⁴

Carlos Pimenta se coloca como mais um dos que critica as leis em vigência na capital e a forma considerada branda de tratamento dos infratores em geral. Em diferentes circunstâncias se refere às leis de trânsito como sendo benignas demais para serem respeitadas...

Além da velocidade e descuido dos condutores de veículos, os inqueritos nos fazem saber sobre a imprudência cometida pelos que trafegavam nas ruas. Um destes refere-se especificamente a distração e ao hábito sempre corrente de saltar dos bondes quando estes ainda estavam em movimento:

“(...) ás 21 horas, João Rebulhedo, que guiará o automovel nº 4016 pela Avenida Brigadeiro Luiz Antonio com destino á Avenida Paulista, seguia atraz de um bond da linha Paraizo quando, perto da rua Conselheiro Ramalho, o conductor Daniel Paes, que se achava de folga viajando neste bond, ao descer delle, em movimento, foi apanhar e ferir este conductor (...)

⁷⁴ Ibidem.

*(...) João Rebulhedo explica em suas declarações que seguia o bond numa distancia de dois metros quando, inesperadamente, saltou delle esse conductor de folga. Sem tempo de evitar o desastre, pois Daniel, ao descer, lhe passou á frente – conseguiu ainda evitar sua morte, com a monobra rapida que fez. (...)*⁷⁵

A prática de saltar dos bondes quando estes ainda estavam em movimento, além da travessia imprudente de pedestres acabaria por levar diferentes propostas à Câmara de vereadores de São Paulo sobre a aplicação de multas. Dentre alguns destes projetos temos, por exemplo:

“(...) Não existe, entre nós, a regulamentação do transito de pedestres. Essa falha é absurda, tanto quanto, no meu entender, essa regulamentação é o ponto de partida para uma boa legislação que venha resolver esse problema. (...) em Londres, (...) qualquer pessoa que atravessar uma rua em momento improprio, não pagará sómente multa; será presa immediatamente.

*E, si essa imprudencia der origem a um desastre, responderá pela parte dos danos que provocar (...)*⁷⁶

As discussões mostram-se acaloradas e seguem-se diferentes sugestões para um problema que não conseguiu no decorrer do tempo uma solução satisfatória.

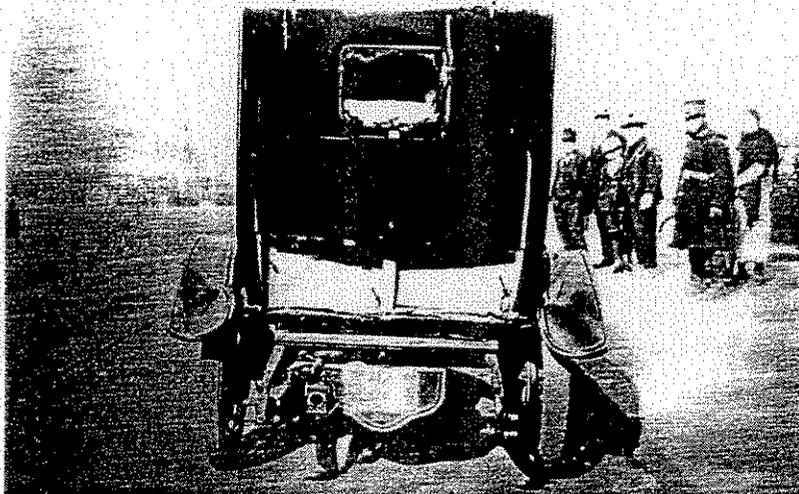
Destas ocorrências há diferentes registros fotográficos detalhados pela perícia técnica e interessante quanto ao fornecimento dos tipos de acidentes⁷⁷, ruas de maiores incidências, e assim por diante. Dois exemplos destas imagens podem ser verificados abaixo, onde encontramos um acidente envolvendo um automóvel e um outro envolvendo um bonde. As

⁷⁵ Inquérito redigido por Armando Soares Cayuby, Delegado da 6ª circunscrição, em 08.02.1922

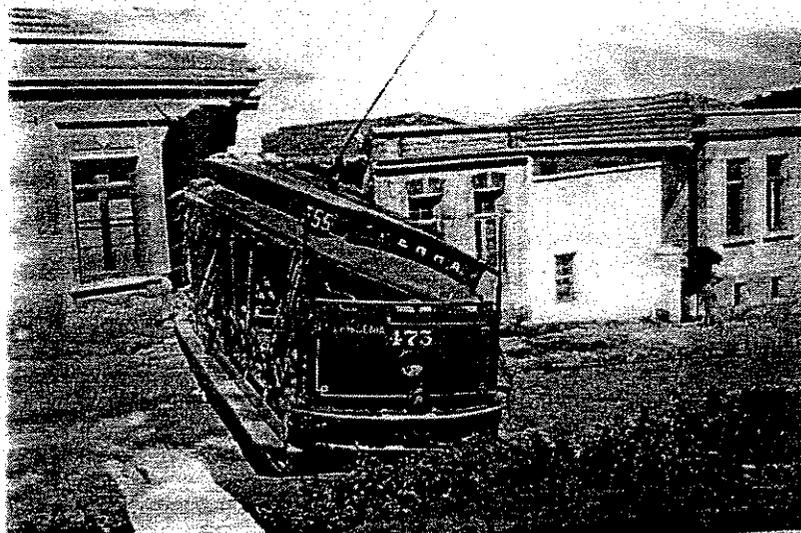
⁷⁶ Projecto nº 3, de 1924. Coleção Actos e Decretos do Município.

⁷⁷ Os registros fazem parte da coleção existente nos Arquivos do Museu do Crime, da Academia da Civil de São Paulo.

imagens tomadas como documentação para incorporar o inquérito revela em detalhes a forma como o acidente se desenvolveu: em alguns casos estas fotografias recebiam anotações em vermelho indicando a trajetória do veículo até encontrar o seu destino contra um poste, um muro ou outro veículo. As rotinas de acidentes acabaram por instituir uma prática de registros fotográficos para os acidentes que ocorriam pela cidade e revelam mais uma aplicação da fotografia para fins comprobatórios e jurídicos.



Arquivo da Polícia de São Paulo



Arquivo da Polícia de São Paulo

Os projetos na Câmara Municipal de S. Paulo se sucediam, tendo todos em comum a preocupação em regulamentar a chamada “tranqüilidade pública”. Discursando a este respeito temos um projeto de autoria do vereador Luiz Fonseca, apresentado à Câmara em 1915 e que propunha entre outras coisas:

“(...) Em beneficio do socego e segurança dos habitantes da cidade são estabelecidos os principios seguintes:

Paragrapho 1º - Os bondes, automoveis, auto-caminhões e vehiculos semelhantes, quando perceberem adeante de si a possibilidade de perigo, usarão de signal de alarme uma só vez. Si porém, esse signal fôr insufficiente para remover o perigo, deverão parar, sem que lhes seja licito substituir a parada pela repetição dos signaes ruidosos.

Paragrapho 2º - Nos cruzamentos das ruas, os referidos vehiculos, depois de darem o aviso do paragrapho anterior deverão diminuir consideravelmente a sua velocidade de modo a terem segurança de parar ou de retroceder quando descubram probabilidade de encontros. (...)

Paragrapho 4º - Durante a noite, a partir das 21 horas, os vehiculos deverão diminuir sensivelmente os seus ruidos, não lhes sendo licito, jámais, caminhar com velocidade que cause rumor incommodo, trepidações ou abalos dos predios.(...)”⁷⁸

Além de incluir normas quanto à segurança envolvendo veículos de transporte em geral, o citado projeto propunha ainda algumas normas quanto à outros sons e barulhos na cidade, fazendo-nos conhecer um pouco as diferentes formas de se apregoar ou de chamar à atenção de determinados produtos na venda ambulante. Dentre os instrumentos mais comuns estavam entre outros: o uso de sinos, campainhas além da própria voz do mercador, conforme se verifica a seguir:

“(...) Art. 2º. São prohibidos os actos seguintes:

⁷⁸ Projecto nº 12, de 1915, pág. 80. Coleção Actos e Decretos do Municipio.

“(...) 3) usarem os vendedores ambulantes das campainhas das casas, ou bater-lhes ás portas, para offerecerem mercadorias, salvo si tiverem prévio consentimento dos moradores.(...)”

5) as réclames por meio de campainhas, sinetas ou outros signaes ruidosos externos nos cinematographos, theatros ou outros estabelecimentos publicos ou particulares.

6) usar apitos, por mais um minuto e mais de duas vezes em cada dia util, nas fábricas, serrarias ou outros estabelecimentos; bem como usare de motores ruidosos(...)

7) apregoar, por meio de cornetas, sons ruidosos ou em altas vozes, ou em correrias nas ruas da cidade, jornaes ou outras mercadorias de modo a incommodar o socego e o transito publicos. Poderão, porém, fazel-o em voz normal e andando a passo acelerado até ás 22 horas.(...)”

Alguns anos mais tarde, mais especificamente em 1920 surge uma lei que dispunha sobre a inspeção e fiscalização de trânsito de veículos na cidade⁷⁹, onde algumas regras que norteariam as leis de trânsito para o período ficam discriminadas.

A primeira delas se referia à autorização para tráfego via licença junto à Prefeitura. Tal concessão de licença era feita a partir de um número de matrícula dado ao veículo onde constavam às características principais do mesmo, como peso, lotação, número do motor, nome do fabricante, velocidade máxima, etc. A partir daí o veículo recebia uma placa com numeração. Os veículos destinados ao transporte de passageiros eram divididos em três categorias: aluguel, particular e oficial, assim identificados: com letra **A**, os da primeira categoria; os pertencentes a segunda categoria, que eram os veículos particulares, com letra **P**, e finalmente, os veículos que permaneciam em cocheiras ou garagens e eram identificados pela letra **G**.

⁷⁹ Lei nº 2.264, de 13 de Fevereiro de 1920. Coleção Actos e Decretos do Municipio.

Tal como ocorria no transporte de passageiros, os veículos para transporte de cargas eram divididos em três categorias: de aluguel, particulares e oficiais. As respectivas letras para sua identificação eram:

“(...) a) – Os primeiros são os destinados a servir o público mediante remuneração ou frête, estacionando ou não nos pontos referidos nesta lei, e trarão na placa a letra S.

b) – Os segundos são destinados ao serviço exclusivo de seus proprietário e trarão na placa a letra P.

c) – Os terceiros são os de propriedade da União, do Estado e do Município, e trarão os emblemas respectivos (...)”⁸⁰

As normas quanto ao uso de faróis determinavam que estes deviam obedecer a uma distância de vinte metros para seus raios luminosos e ficar da altura do chão apenas um metro. O uso de duas lanternas laterais e uma na parte posterior do veículo com luz vermelha, servindo para iluminação da placa de identificação tinham seu uso obrigatório. Além disso, a lei determinava as velocidades máximas dos veículos motorizados. Nos termos da lei:

“(...) no perímetro central, em ruas e horas de grande trânsito, dez quilômetros e nas demais, vinte quilômetros, no perímetro urbano, trinta quilômetros e, no suburbano, quarenta quilômetros (...)”⁸¹

As velocidades acima descritas procuravam através de uma regulamentação criar formas de diminuir os problemas ligados às altas velocidades dos carros, como batidas e atropelamentos muito correntes no período.⁸²

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Ibidem.

⁸² Vide imagens anexadas sobre acidentes envolvendo automóveis.

Além das normas citadas anteriormente, a lei estabelecia inclusive os preços para a locação de veículos, como forma de regulamentação de preços e serviços especificando claramente tempos, trajetos e custos tornando-se uma forma do que viríamos a conhecer atualmente como códigos de proteção ao consumidor:

“(...) Art. 20 – Fica estabelecida a seguinte tabela de preços para locação de veículos de condução pessoal:

a) Para os de quatro rodas, de tração animada, de estacionamento:

Pela primeira meia hora ou fracção.....3\$000

Por quarto de hora seguinte ou fracção.....1\$500

De cocheiras, não estacionando:

Pela primeira hora ou fracção.....8\$000

Por quarto de hora seguinte ou fracção.....2\$000

b) Para os de duas rodas (Tilburis⁸³), estacionando ou não:

Pela primeira meia hora ou fracção.....2\$000

Por quarto de hora seguinte ou fracção.....1\$000

c) Para os movidos a motor (Automoveis), de estacionamento:

Pela primeira meia hora ou fracção.....5\$000

Por quarto de hora seguinte ou fracção.....2\$000

De Garage, não estacionado:

Pela primeira hora ou fracção.....10\$000

Pela meia hora seguinte ou fracção.....4\$000

⁸³ Espécie de cabriolé (antiga carruagem de duas rodas, puxada por um cavalo) leve, com dois acentos.

d) Quando no serviço fôr empregado o taxímetro:

Pela saída, inclusive qualquer fracção dos primeiros duzentos metros.....1\$000

Cada duzentos metros seguintes.....\$200⁸⁴

Estas tarifas deveriam ser aplicadas nos perímetros central, urbano e suburbano, sendo acrescidas de 20% na madrugada (entre 1 e 5 horas da manhã). Segundo esta lei, portadores de moléstias infecciosas ou contagiosas estariam proibidos de usar este serviço, devendo ser transportados em veículos apropriados. Além disso, nas ruas 15 de Novembro, Boa Vista, S. Bento e Direita eram proibidos de circular “(...) os prestitos funebres, os de batizados e os de casamentos, e os veículos tirados por mais de dois animais. (...)”⁸⁵

O número de veículos circulando pela cidade levando e trazendo passageiros indicam uma aceleração nos ritmos de transporte de bens e de mercadorias, além de revelar uma circulação maior de pessoas pelos espaços urbanos. As ruas, praças, avenidas passam a contar com um número cada vez maior de pessoas. Estatísticas oficiais indicam que nos fins dos anos 20 havia na Paulicéia duas categorias de auto-omnibus. A primeira, partindo do perímetro central para o urbano e suburbano e os de 2ª categoria que saíam do perímetro suburbano para o rural. Segundo estes dados, estas linhas haviam transportado em fins da década de 1920 15.959.423 passageiros em 845.108 viagens⁸⁶. As distribuições por categorias, viagens e número de passageiros estavam assim distribuídas:

1ª Categoria

Número de carros.....1240

Viagens efetuadas.....770.448

Passageiros conduzidos.....14.770.320

⁸⁴ Lei nº 2.264, de 13 de Fevereiro de 1920. Coleção Actos e Decretos do Município

⁸⁵ Idem

⁸⁶ Estatística Oficial do Estado de São Paulo, 1929.

2ª Categoria

Número de carros.....	331
Viagens efetuadas.....	74.660
Passageiros conduzidos.....	1.189.103

Destes números fica claro um movimento acentuado de pessoas pelas ruas por diferentes motivos além de ser um indício de que todas estas pessoas tinham necessidades ligadas ao consumo a serem satisfeitas.

Os ritmos do abastecimento: a cidade alimenta-se

O primitivo triângulo central paulista parece diminuir de tamanho diante do aumento do tráfego de bens e mercadorias. Conforme nos diz Ernani Silva Bruno: “(...) *O próprio comércio de ambulantes se enriqueceu desde logo de várias modalidades novas: ao lado das velhas quitandeiras de tabuleiros - que o poder municipal vivia empurrando de um canto para outro, talvez porque elas atrapalhassem cada vez mais o trânsito, que se tornava intenso - apareceram os vendedores de jornais, em geral italianinhos imigrantes, que foram também os primeiros engraxates, enquanto que seus patrícios adultos andavam pelas ruas negociando com flores, com frutas, com hortaliças, com peixe e camarão trazidos do litoral (...)*”⁸⁷

O trabalho ambulante aumenta e encontra grande variedade de produtos comercializados nas ruas, praças e de casa em casa. Dentre os mais citados em documentação oficial e com maior número de imagens nas coleções de fotografias estão os mercadores de hortaliças, verduras e legumes; mercadores de vassouras; vendedores de jornais, de bilhetes de loteria, de sorvetes, castanhas, de pescados entre outros.

As imagens analisadas incluem clichês de diferentes trabalhadores urbanos e dentre estes estão, por exemplo, o verdureiro ambulante (foto nº 45) retratado por Geraldo Horácio de Paula Souza. Em seu carrinho contendo diferentes produtos o trabalhador saía diariamente em direção aos bairros residenciais à procura de eventuais compradores. Em muitos casos, dado ao hábito dos próprios moradores, tais vendedores ambulantes fixavam-se em determinadas esquinas e fazia dali seu ponto de trabalho. Outros, entretanto, percorriam diferentes ruas arrastando seus pesados carrinhos ao som de seus próprios pregões. Objeto da atenção sanitária, o verdureiro traz à tona a questão das procedências. De onde tais

⁸⁷ Bruno, Hernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo – Metrópole do Café (1872 – 1918) e São Paulo de Agora (1918 – 1953) . vol III. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1954, pág. 1131 e 1132.

produtos vinham e de que forma eram cultivados e chegavam ao consumidor? Problemas higiênicos, sem dúvida...

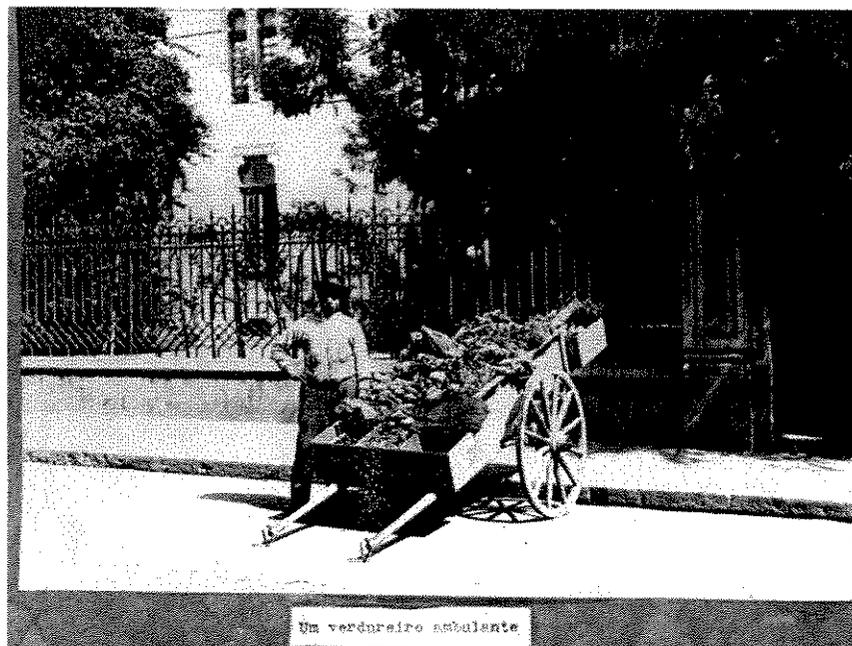
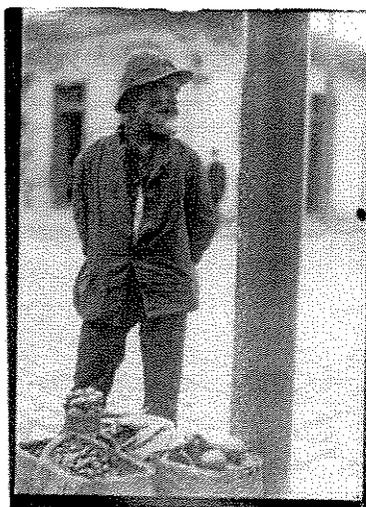


Foto nº 45 – Verdureiro (Coleção Paula Souza)

Paula Souza neste sentido mostrava-se atento a toda a rede de preocupações sanitárias tecidas em torno da imagem daquele verdureiro – representante de toda uma categoria de trabalhadores presentes em diferentes pontos da cidade. Apesar de única, a imagem nesta coleção indica a forte preocupação que norteava toda uma concepção sobre as procedências.

O abastecimento destes produtos hortifrutigranjeiro provinha de chácaras existentes nos arredores da cidade e que compunham um cinturão verde ao redor do centro de São Paulo. Sem os rigores de uma fiscalização, e dificuldades de acesso à água tratada, muitos destes locais eram considerados potencializadores de transmissão de doenças via alimentos. Nascidos e crescidos de forma rasteira, a maioria destes produtos conhecia os perigos vindos do contato com um solo contaminado por esgotos sem tratamento, ou mesmo por dejetos depositados de forma descuidada. Daí provavelmente o interesse num mercador ambulante tão específico.

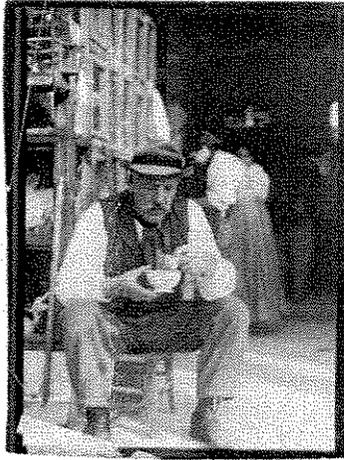
O perfil dos ambulantes trafegando pelas ruas de São Paulo era variado, e mostrado através das lentes de Vincenzo Pastore como sendo bastante heterogêneos e compostos por jovens, velhos, pretos e brancos, homens e mulheres. Ofereciam nas ruas e esquinas produtos diversificados que atendiam uma necessidade de consumo cotidiano. Sobre estes, Pastore se demora e os busca no desenvolvimento de suas atividades. Ali está o vendedor distraído de frutas (foto nº 11); o mercador ambulante de cestos, vassoura e espanadores (foto nº 15); o vendedor de galinhas, este sim estabelecido e com clientela fixa (foto nº 16); as quitandeiras (foto nº 17) ou mesmo as vendedoras de verduras e hortaliças (foto nº 18) com seus tabuleiros na cabeça e cestos à mão.



Vendedor de frutas - Foto nº 11 (Coleção Vincenzo Pastore)



Mercador ambulante de vassouras e espanadores - Foto nº 15 (Coleção Vincenzo Pastore)



Vendedor de galinhas - Foto nº 16 (Coleção Vincenzo Pastore)



Quitandeiras - Foto nº 18 (Coleção Vincenzo Pastore)



Vendedora de Verduras e Hortaliças - Foto nº 18 (Coleção Vincenzo Pastore)

Apesar da atenção dispensada a cada um deles em separado, o fotógrafo detém-se sobre os detalhes de seus trajes e os produtos oferecidos. Seu olhar atento e perfeccionista fixam-se em detalhes que servem como indicativo da procedência humilde destes personagens como os pés descalços ou as roupas simples e bastante surradas. O fotógrafo aqui, longe de preocupar-se com aspectos higiênicos aponta para as diferentes formas de se conseguir a sobrevivência. Seus trabalhadores surgem como tipos urbanos desempenhando funções numa cidade cosmopolita.

Além destes, seu olhar também se dirige aos pequenos trabalhadores que confundem suas tarefas laborais com pequenos intervalos de lazer, onde entre uma tarefa e outra jogam bolinhas de gude e assumem o papel de crianças que são (fotos nº 27 e 29). A rua aqui é explorada em suas diferentes dimensões: a do trabalho, da troca e do lazer sem, contudo, haver distinções ou seguimentações. Vive-se e experimenta-se toda a experiência de uma única vez.



Foto n. 27 - Meninos jogando bolas de gude (Coleção Vincenzo Pastore)



Foto n. 29 - Meninos jogando bolas de gude (Coleção Vincenzo Pastore)

O campo de experiências de trabalho laboral infantil é tocado de forma natural, provavelmente por esta ser uma realidade dentro do universo da cidade. Assim, as imagens não têm um caráter de denúncia, mas muito mais de cotidiano de vida urbana.

Vozes e folhas pela cidade: ardinás e seus jornais

O trabalho desenvolvido por pequenos trabalhadores são diversos e incluem entre outros, serviços como de engraxate ou a distribuição de jornais. No caso destes últimos, o apregoar característico identificava o produto vendido mesmo à distância e de forma inconfundível. O vendedor de jornais é sem dúvida, um dos personagens prediletos e representativos das cidades que se metropolizam no princípio deste século e alvo de inúmeros clichês por todo o mundo. Para o caso de São Paulo, o historiador Ernani Silva Bruno nos esclarece sobre a origem deste apregoar tão característico:

“(...) Foi nessa época – 1876 – que se inaugurou também a venda avulsa dos jornais pelas ruas. Com uma touca branca na cabeça e utilizando-se de uma buzina para chamar a atenção do povo, o francês Bernard Gregorie começou a vender naquele ano ‘A Província de São Paulo’. Já tinha feito o mesmo serviço para o ‘Petit Journal’ de Paris e a Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro. Um ano antes um negro norte-americano que tinha banca de engraxate no largo do Rosário vendia aos seus fregueses um ou outro número da revista literária Astreia. Em 1890 os jornaleiros eram em sua maioria italianinhos.(...). Nesse tempo ou antes um pouco aliás haviam surgido os primeiros engraxates ambulantes: menores italianos imigrantes que percorriam as estações da estrada de ferro e as ruas e largos da cidade. Tinham em geral de dez a quatorze anos de idade e recebiam pelo seu serviço três vinténs. (...) percorriam todos os dias quase todos os largos e ruas de São Paulo. Alguns anos depois o serviço passou a ser feito também por italianos adultos que gritavam – segundo aquele cronista – “Ingraxatorie!”. Ou então cantavam assim: “Ingraxate, ingraxate, la mode de Parisi, que seje de invernize, que seje cordovone”. (...) Em 1890 já havia na cidade cadeiras de engraxates abrigadas por enormes guarda-sóis, onde os fregueses podiam ler cômodamente o seu jornal.(...)”⁸⁸

⁸⁸ Idem. Pág. 1137.

As palavras do historiador indicam uma certa divisão de trabalho não apenas por categorias, mas também por nacionalidade e neste sentido pode-se afirmar que cada grupo imigrante acabava por se concentrar em uma determinada área do espaço urbano desempenhando uma atividade específica. É o caso dos italianinhos na venda e distribuição de jornais e no trabalho como engraxates, os espanhóis vendendo e comprando ferro-velho, os portugueses no fabrico e distribuição de pão, por exemplo.

Através de diferentes propostas municipais quanto a estas categorias de trabalhadores, podemos analisar suas condições de vida e trabalho. A primeira se refere a um projeto de José Oswald na Câmara dos vereadores em 12 de novembro de 1904, onde para justificar a proibição do trabalho de menores na venda de jornais, deixa-nos saber sob que condições este trabalho era realizado:

“(...) É de todos conhecida a pernicioso prática existente entre nós de ser a venda avulsa de jornaes effectuada por menores, os quaes, pela tolerancia dos paes, que, seduzidos por pequeno lucro ou por se aliviarem do encargo da alimentação de seus filhos, os abandonam quasi; elles se entregam á vagabundagem, dormem muitas vezes no relento, andam maltrapilhos, e nessa vadiagem apprendendo toda sorte de vicios (...) assim, e por motivo da ordem moral, a Camara Municipal de S. Paulo decreta:

Art. 1º - Fica prohibida neste municipio a occupação de menores na venda avulsa de jornaes.

Art. 2º - Os infractores incorrerão na multa de 10\$000 e nas reincidencias na multa de 20\$000 e 3 dias de prisão (...)”⁸⁹

O projeto em suas entrelinhas põe a nu a questão da exploração de menores realizada por parentes diretos e que acabava por colocá-los em contato com outras formas de estar na vida

⁸⁹ Coleção Actos e Decretos do Municipio de S. Paulo, Projecto nº 47, de 1904

muito mais próximas da delinquência. Normalmente, como ocorria também para o caso de Lisboa, este trabalho era infantil e praticado por camadas muito pobres da população. Tais meninos rapidamente transformavam-se em arrimos de suas famílias e por pressão, abandono ou excesso de compromissos largavam ou eram largados de seus progenitores e engrossavam estatísticas de menores dormindo nas ruas ou nos vãos de escadas.

No entanto, transcorridos sete anos após este projeto encontramos novas determinações no sentido de regulamentar o trabalho, criando-se a profissão de vendedor de jornais. A lei é de nº 1428 de 26 de Maio de 1911, quando Raymundo Duprat é prefeito da cidade. Na regulamentação o trabalho fica autorizado para maiores de 13 anos com autorização de seus representantes legais e identificação expedida pela polícia, além disso, teriam que pagar uma taxa de 10\$000 para os maiores de 21 anos e 2\$000 para os menores desta idade.⁹⁰

A contestação para o pagamento destas taxas viriam quatro anos mais tarde, assim justificadas pelo vereador Oscar Porto: *“(...) meu projecto (...) pede apenas a supressão dessa taxa paga pelos que se encontram nas ruas de S. Paulo, dormindo nos desvãos das portas.(...) Os que não se encontram nessa situação, são, na maioria dos casos, o arrimo da sua família. Mourejam das 4 da manha ás 11 horas e meia da noite, para levar para o aconchego de seu lar uns miseraveis nickeis, destinados a garantir a subsistencia da sua família no dia de amanhã.(...)”*⁹¹

Era de fato, uma atividade desenvolvida por classes menos favorecidas e demandavam horas de muito trabalho e pequena remuneração. Em muitos casos, tais meninos constituíam o meio de ganho de famílias inteiras.

Na crônica de Jorge Americano, o trabalho dos vendedores de jornal aparece assim descrito:

⁹⁰ Idem. Lei 1428, 26.05.1911, pág. 65 e 66

⁹¹ Ibidem. Pág. 83, Março de 1915.

“(...) Ali pelas duas e meia ou tres horas da tarde juntavam-se na rua, em frente ás oficinas dos jornais da tarde, no centro da cidade, uns vinte ou trinta meninos, á espera de terminar a impressão.

De repente, vinham homens lá do fundo, sobraçando enormes pacotes de jornais, para a distribuição. Os meninos quase assaltavam os distribuidores e chegavam a esmurrar-se para obter prioridade.

E os que recebiam os jornais primeiro saíam correndo pelo centro e vendiam tudo depressa. Os que compunham a segunda leva saltavam para os estribos dos bondes (...) e iam gritando “Diário, Platéia, Gazeta”, caminhando ao longo dos estribos.(...)”⁹²

As notícias desta forma, ganhavam a rua com o apregoar de pequenos vendedores que vinham de diferentes procedências, e que através dos trilhos dos bondes distribuíam as notícias pelos quatro cantos da cidade. O ritmo da velocidade do transporte se aliava ao ritmo da distribuição da informação, e sobre os trilhos chegavam a diferentes partes, se espalhando e encontrando pontos cada vez mais distantes.

A corrida para a entrega das notícias indo através de trilhos, levava muitos destes pequenos trabalhadores ao encontro às vezes da própria morte, ou de diferentes impedimentos físicos decorridos por acidentes e/ou atropelamentos.

Na *crônica policial* deixada pelo delegado Carlos Pimenta, encontramos o registro de um destes acidentes envolvendo este tipo de trabalhador infantil. Nas suas palavras:

“(...) O menor Daniel Brasil, de cor parda, com 10 annos de idade, foi victima, no dia 19 do corrente, ás 15 ½ horas, de um atropello pelo automovel nº 623, á rua da Liberdade (...)

⁹² Americano, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895-1915). São Paulo, Edição Saraiva, 1957, pág. 193

(...) Daniel é um desses infelizes galopins que vivem a apregôar a venda de jornaes pelas ruas da capital, sobrecarregados e sobraçando formidaveis maços de jornaes e revistas, á cata de tostões, para satisfazerem, na generalidade dos casos, a exigencia dos pais. É elle, como bem diz Viveiros de Castro, “uma dessas meigas e pallidas ciranças que ou vivem martyrizadas, victimas da especulação, ou dormem ao relento, famintas e núas, sob a luz protectora da solidaria estrella”. O facto é que Daniel, na sua vida de andarilho, foi apanhado pelo vehiculo, ficando gravemente ferido (...)

(...) Ao que parece, Antonio dos Santos Penedo não observou uma das disposições regulamentares dos vehiculos, qual seja a de ter tocado a buzina, porque se o fizesse, distrahido como caminhava Daniel, se teria apercebido e evitaria ser colhido pelo auto. Mas como a nossa sorte é morrermos esmagados pelos vehiculos, nesta capital, porque não há uma lei forte e proficua que ponha termo aos desmandos dessa gente, ou melhor dessa classe de chaffeurs que zomba de tudo e de todos, vá mais este caso para o numero daquelles de que a victima é que foi a culpada, “essa pallida e meiga criança, que tem como unico leito a pedra das ruas e única lampada a solidaria estrela” (...)⁹³

Daniel sem dúvida está entre os tantos que estão na casa dos 10 anos ou pouco mais e que repetem a mesma história de auxílio a famílias carentes.

Os vendedores de jornais, ou também chamados *ardinas*⁹⁴ são apontados como aparecendo nas ruas de Lisboa junto com os primeiros jornais. Mas como ocorria com diferentes cidades do mundo a imagem mais presente em nosso imaginário são as de final do século XIX e princípio do XX, onde meninos descalços, na maior parte das vezes muito magros sempre munidos de sua sacola saíam às ruas para apregoar seus jornais e revistas. Segundo Marina Tavares Dias, “(...) Muitos destes rapazes tinham menos de 10 anos; eram geralmente explorados por um “empresário” de bairro que os vestia mal e alimentava pior.(...)”⁹⁵

⁹³ Inquérito redigido por Carlos Pimenta, 5º Delegado, em 26.08.1922.

⁹⁴ Definidos como rapazes que vendiam preferencialmente pelas ruas jornais, bilhetes postais, papel, etc.

⁹⁵ Dias, Marina Tavares. Lisboa Desaparecida. Lisboa. Quimera Editores, 1992, vol 3, pág. 51.

À semelhança do que ocorria em São Paulo, tais meninos descobriam cedo as dificuldades em ganhar a sobrevivência e a responsabilidade de ajudar ou até mesmo manter uma família.

Lisboa os conhecia bem, distribuíam seus jornais pelas ruas da cidade às vezes em grupos, às vezes individualmente. Conhecidos principalmente pelo jornal que distribuíam tais ardinias percorriam diferentes pontos da cidade. Benoliel os registra em diferentes momentos e são eles que estão ali após uma longa greve dos jornaleiros a aguardar o momento de voltar a inundar as ruas de Lisboa com o Jornal o Século: estão ali ensaiando uma bem-humorada coreografia às portas do jornal. (Cx 262 clichê 10). Todos guardando em comum além da pouca idade, a origem humilde, as roupas rotas e os pés descalços.



Ardinas do Jornal O Século - Foto do AFL - Cx 262 clichê n. 10

Há também o *ardina* que oferece sozinho seu jornal a quem por ele passa (foto nº A25437). Perambulando pelas ruas, escolhiam pontos de maior ajuntamento e ali ficavam, procurando chamar atenção para as notícias que muitas vezes anunciavam aos gritos.



Ardina do Jornal O Século - Foto do AFCML n. A25437

Dos pequenos trabalhadores que percorriam a cidade de São Paulo, outra categoria, a dos engraxates, também encontrou regulamentação de suas atividades, o que implicou seu afastamento de determinadas ruas e a obrigatoriedade de estabelecer-se, tudo em nome da “ordem pública”. Conforme nos permite saber o então vereador Nicolau Baruel: “(...) *Aos engraxates, (...) que andavam exercendo seu commercio nas ruas da capital, foi retirado este direito, (...), obrigando-os a se localizar, a pagarem um aluguel de casa. Ve a Camara que essa medida só havia uma vantagem: era o publico deixar de ver o espectáculo daquellas cadeiras enfileiradas pelas sargetas...(...)*”⁹⁶

Sobre o campo das proibições a ambulantes e outras formas de comércio, o mesmo vereador acrescenta sobre os quiosques: “(...) *os kiosques foram retirados a bem da conveniencia*

⁹⁶ Projecto nº 24, de 1906, pág. 176

publica, a bem da ordem publica (...)” e recebendo apoio de Antonio Prado que acrescentou: “(...) *Sim. A bem do transito publico (...)*”⁹⁷

Novamente, a questão da legislação sobre ambulantes passando pela justificativa da ordem e do bem público. A limpeza dos espaços e a desobstrução do trânsito são invocadas como justificadores de todas estas medidas.

Esta forma de regulamentar os espaços incluía também os quiosques, que mantinham um comércio popular localizado nas ruas da cidade. Pronunciando-se a este respeito, o articulista da revista *Fon – Fon!* comenta sobre estas medidas aplicadas à Capital Federal:

“(...) Num rompante violento de civilização, desfaz todas as feias tradições que nos deixaram os velhos habitos de aldeia, que eramos (...) que davam o nome amavel de kiosques. (...) Eles eram bem a representação tradicional da vida vagabunda da cidade. (...) O kiosque desapareceu. A honesta mão forte de um Prefeito energico, supprimiu para sempre, da vida intima da cidade, aquelles immundos cylindros grotescos, que punham uma nota de immundicie e de sujeira na esthetica que nasce da nossa linda cidade (...)”⁹⁸

Nesta fala temos um discurso que relaciona sujeira e vício na representação de determinados espaços da cidade. Novamente temos um discurso muito próximo do sanitário, que põe em relevo uma concepção de sujeira como desvio moral.

Os quiosques, segundo Ernani S. Bruno “(...) *montavam-se no centro ou nos bairros, procurando sobretudo os largos, a vizinhança das estações e das pontes, a proximidade dos mercados. Eram feitos de madeira e de formato cilíndrico – escreveu Cassio Mota –*

⁹⁷ Idem.

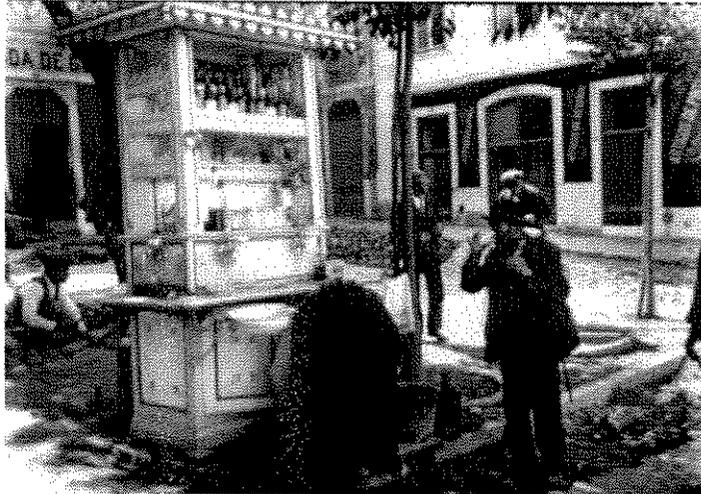
⁹⁸ *Fon – Fon!* 18.11.1911.

espécie de “cafés-bars” cravejados de moscas, onde além do popular café com leite e pão com manteiga encontravam-se refrescos diversos, bebidas, cigarros de palha e de papel, charutos, fumo de corda, biscoitos, balas de açúcar cãndi, jornais e bilhetes de

loteria, graxa e cordões para sapato. Alguns eram providos de pequenas rodas que facilitavam seu deslocamento de um ponto para outro. Eram esses quiosques - botequins paulistanos, em geral maiores do que os usados no Rio de Janeiro. (...) Cresceram e multiplicaram loucamente na cidade, chegando a haver de 1890 em diante uma Empresa Industrial de Quiosques.(...)”⁹⁹

Lisboa convive com a realidade dos quiosques e tal como ocorria no Brasil tinha seus defensores e acusadores. Em uma de suas imagens, Benoliel nos permite conhecer estes quiosques e os eventuais produtos comercializados (foto nº A8539), no caso específico refrescos e bebidas. Instalados em locais de movimento e tocados inclusive por mulheres, os quiosques sobreviveram as críticas e às épocas e persistem até os dias de hoje. Locais concorridos principalmente no verão, os quiosques ofereciam refrescos e capilés frescos. Os registros de Benoliel, preparados para incorporar uma reportagem sobre o calor em Lisboa no verão e o papel destes quiosques como pontos de encontro e de venda de produtos para refresco são imagens descontraídas de espaços públicos para convivência de pessoas de diferentes procedências e idades. Como ocorrem com diferentes formas de trabalho desenvolvidos nas ruas de Lisboa, à frente destes quiosques muitas mulheres ganham sua vida e sustentam suas famílias: ganham o pão refrescando alfacinhas.

⁹⁹ Bruno, Ernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo – MetrÓpole do Café (1872 – 1918) e São Paulo de Agora (1918 – 1953) . vol III. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1954, pág. 1155 e 1156.



Quiosque de Venda de Refrescos e Bebidas - Foto do AFCML n. A8539

No caso de Pastore, este tema não parece ter sido relevante e a rua nas suas imagens tem espaços de trabalho muito definidos e podem aprioristicamente ser dividido em trabalho infantil; trabalho de pobres brancos e negros comercializando gêneros de necessidade quotidiana e mulheres pobres que ganham a vida nos espaços da rua. São elas que mantêm conversas animadas (fotos nº 13 e 14); ou que simplesmente circulam pela rua extraindo delas a existência para si e para seus filhos (foto nº 10). Algumas auxiliam seus maridos ou companheiros nas atividades de abastecimento (nº 12), ou como lavadeiras nas margens dos rios e córregos da cidade.



Trabalho Ambulante em São Paulo - Foto n. 13 - Coleção Vicenzo Pastore



Trabalho Ambulante em São Paulo - Foto n. 14 - Coleção Vicenzo Pastore



Trabalho no Mercado em São Paulo - Foto n. 12 - Coleção Vicenzo Pastore

São tais trabalhadores urbanos que ritmam a existência das cidades. Empréstam-lhe cor e sabor, e nos indicam que os espaços urbanos são múltiplos com vivências e experiências

que se alimentam dia-a-dia a partir de uma proximidade solidária, gerando laços que tecem as tramas sociais de que são feitas as cidades.

Esta forma de produzir registros sobre a cidade e seus habitantes pode ser verificada também para o caso de Lisboa, graças as lentes de Joshua Benoliel.

Dos que trafegam pelas ruas de Lisboa, Benoliel explora diferentes imagens sobre os trabalhadores urbanos. Dentre eles podemos citar, os vendedores de bilhetes de loteria (nº A25946), os vendedores de pescados, de rendas. Todos têm focado sobre si o trabalho que desempenham e todos os clichês procuram mostrá-los no desempenho de suas funções. Estão também retratados os vendedores ambulantes de rendas, *hespanholitos* que traziam de Espanha pequenos pedaços de tentação colorida em fardos de riscado azul no ombro e ofereciam-nos de casa em casa¹⁰⁰; ou o vendedor de bilhetes de loteria da Santa Casa de Misericórdia, que espalhava seu apregoar por todas as ruas de Lisboa chamando atenção para o dia da Roda da Fortuna.

¹⁰⁰ Os registros de Benoliel sobre este tipo de trabalhador podem ser verificados em imagens que compuseram uma reportagem para a ILP que tratava da venda de rendas de casa em casa. Aviamentos, tecidos, fitas e brocados eram trazidos por estes espanhóis e encantavam portuguesas de diferentes classes sociais. O comércio para bens pessoais e de consumo chegavam de porta em porta trazido por diferentes ambulantes.



Loteria da Santa Casa de Misericórdia em Lisboa - Foto do AFCML n. A25946

Roda a Roda da Fortuna

Criada em decreto de 18 de novembro de 1783, a loteria deveria ser feita em benefício de hospitais e instituições de caridade. Inicia-se anualmente, mas em breve passa a ser colocada no campo da jogatina. Segundo a Ilustração Portuguesa:

“(...) Este bilhetes eram indivisios, (...) em 1862 dividiram-os em quartos, em nonos (...) e por fim em decimos e em vigesimos. (...)”.

Remetidos por fim á thesouraria abre-se a venda, que tem sido um espectáculo curioso. Surge-nos aqui o numeroso elemento dos revendedores e dos emissarios, - os cambistas e os cautelleiros.

Desde o dinheiroso cambista e do capellista habilitado, até ao vendedor ambulante, a anciedade de açambarcar o maior numero de bilhetes os obriga a todos a alliciar gente, em geral das mais baixas camadas sociaes, rapazes, mulheres, vadios, mendigos, para fazer numero e concorrência disputando em tropel, em descontrações apertões a sua vez de entrar na sala onde se effectua a venda suspirada dos bilhetes.

Foi sempre tormentos esta operação, tempo houve em que de vespera ia a turba de maltrapilhos tomar logar no largo de S. Roque, que ostentava o aspecto pittoresco de uma feira ou arraial, onde figurava o vendeor ambulante obrigatorio em taes ajuntamentos. Os vendedores formavam bicha pelo largo, até á palmatoria. Abriam-se as portas de madrugada, com interferencia de forças militares, muitas vezes impotentes para conter a turbulenta populaça. (...) Tumultuosa bolsa de loterias, em que não raro havia entalões, esmagamentos, pessoas feridas e contusas. (...)

Quantos typos curiosos de cautelleiros poderíamos apontar - o do burrinho coberto de cautellas, como mostrador ambulante, o do casaco, (...), o preto que dá sorte, os cegos, o aleijado da cadeira de rodas, que vende no Rocio, o Arte Nova e tantos outros, cuja relação se tornaria interminável. (...)

Tem mudado muito o espectáculo das extracções. (...) A agitação, o movimento do largo, onde vendilhões apregoam castanhas, bolos, burriés, limonadas e agua fresca, a

aglomeração á porta, guardada por municipaes, tudo denuncia ao mais distrahido transeunte o dia da extracção. (...)

O epilogo da loteria é a lista geral, que leva todos os recantos do paiz, apregoada pelos vendedores, tantas alegrias e muito maior numero de desenganos. (...)

Os cambistas mandam deitar areia vermelha, na rua, em frente das suas portas; a rapaziada grita pelas ruas: - Quem quer vêr a lista geral! Os curiosos agrupam-se ás portas dos estabelecimentos onde a lista é affixada e onde em grandes lettreiros se lêem os numeros dos premios da extracção do dia! (...)

*Sobre as listas exercem os jogadores os seus estudos e cogitações, e assim como na roleta, visionarios exaltados pretendem encontrar processos e calculos para exito seguro nas subseqüentes loterias. (...)*¹⁰¹

A loteria lisboeta ganhava em seus dias de extração um colorido muito próprio com rituais específicos e comportamentos que envolviam diferentes extratos da população da cidade. De um lado os interessados em mudar sua sorte e transformar-se da noite para o dia em afortunados bem sucedidos, e todos os demais buscando obter lucros da corrida frenética pelos tais bilhetes premiados. Estão ali atentos e fazendo seus negócios os cambistas, os vendedores ambulantes de bolos e refrescos, além é claro, dos *municipais* que tentam em meio ao tumulto fazer cumprir seu dever.

E são estes todos os elementos que surgem nos registros fotográficos de Benoliel, captados por lentes atentas e em constante movimento.

Tais vendedores de bilhetes de loteria pareciam estar por toda parte e especificamente no caso de São Paulo gerava protestos de autoridades sobre o grande alarido que provocava nas ruas, junto às aglomerações de pessoas.

¹⁰¹ Ilustração Portuguesa. 31.12.1906

Na Câmara de São Paulo, por exemplo, várias discussões em plenário sugeriam a proibição de tal tipo de comércio com argumentos, por exemplo, colocados por Luiz Fonseca: “(...) *é preciso que se note que o tripeiro, o bananeiro e outros vendedores ambulantes apregoam as suas mercadorias nos bairros da cidade, pelas ruas de pequeno transito, sem a insistencia irritante dos vendedores de bilhetes. (...) não só agridem a população, como fazem um berreiro infernal...(...)*”¹⁰²

O projeto, no entanto é rejeitado e a cidade continua a contar com as vozes sonantes dos vendedores de bilhetes de loterias, que haviam tido sua profissão regulamentada em lei de 1911¹⁰³.

¹⁰² Coleção Actos e Decretos do Município de S. Paulo . Parecer nº 48, da Comissão de Justiça, pedindo revogação do art. 13, da lei nº 2162, de 26.10.1918.

¹⁰³ Coleção Actos e Decretos do Município de S. Paulo. Lei nº 1397 de 23.03.1911, pág. 29

Em esquinas, por becos e ruelas

Em diferentes pontos, por vezes em esquinas, ruelas, becos e calçadas diferentes trabalhadores aguardavam sua sobrevivência que vinha através do trabalho oferecido pelas ruas.

Normalmente, tal como ocorria em São Paulo, são os jovens e crianças que viviam em áreas de exclusão social, que seriam os principais protagonistas das imagens de Benoliel: são os limpadores de chaminé (foto n.º A25429), os jornaleiros (foto n.º A25437), os *galegos*¹⁰⁴ *aguadeiros*¹⁰⁵, entre outros que ajudarão a construir e constituir este espaço urbano. As imagens captadas destes trabalhadores infantis conseguem extrair de seus comportamentos uma certa solidariedade e camaradagem próprias dos jovens, que apesar do trabalho difícil ainda encontram espaço para brincadeiras e alguma descontração.



Foto do AFCML n. A25429 – Limpadores de chaminés

¹⁰⁴ Referência aos provenientes da região da Galiza, norte da Espanha.

¹⁰⁵ Eram aqueles que vendiam e acarretavam água para os habitantes da cidade

Conhecidos como *aguadeiros*, os *galegos* surgem junto com a necessidade de Lisboa por abastecimento de água. Vindos de Tuy, região da Galiza, estes homens carregavam sobre os ombros a água dos chafarizes e fontes para o abastecimento das casas. Até os anos 1930 podia-se encontrá-los nas ruas da cidade. Vêm de longe, e permanecem em pontos estratégicos da cidade, “fazendo esquina” (como se dizia), aguardando um trabalho aqui e acolá. Benoiel os mostra em diferentes clichês e nos mostra que o trabalho era sempre em grupo. Homens jovens e fortes mostram-se dispostos a qualquer trabalho (foto n° A25430). Em diferentes imagens Benoiel os flagra e os mostra transportando de barris com água à pianos, tudo o que uma casa pudesse conter. Acostumados ao peso de seu trabalho eram também conhecidos como aqueles que conseguiam “equilibrar o recheio de uma casa em duas travessas sobre suportes de rodas”, sendo muito utilizados para fazer mudanças. Trabalhavam mais nos fins de semestre, quando a renovação do aluguel inviabilizava a permanência do inquilino, que saía pela cidade à procura de um outro quarto para alugar. Também eram eles que auxiliavam os habitantes da ribeira durante as enchentes de inverno, esvaziando suas casas invadidas pelas águas.



Foto do AFCML n. A25430 – Moços de frete

Benoliel registra diferentes momentos desta forma de trabalho e onde podemos ver as dificuldades de transportar mobílias por portas estreitas em casas de andares pelas ruas de Lisboa. Um exemplo disso são as imagens (CX 37 nº 18 do CPF) e as A8562 e A6860.

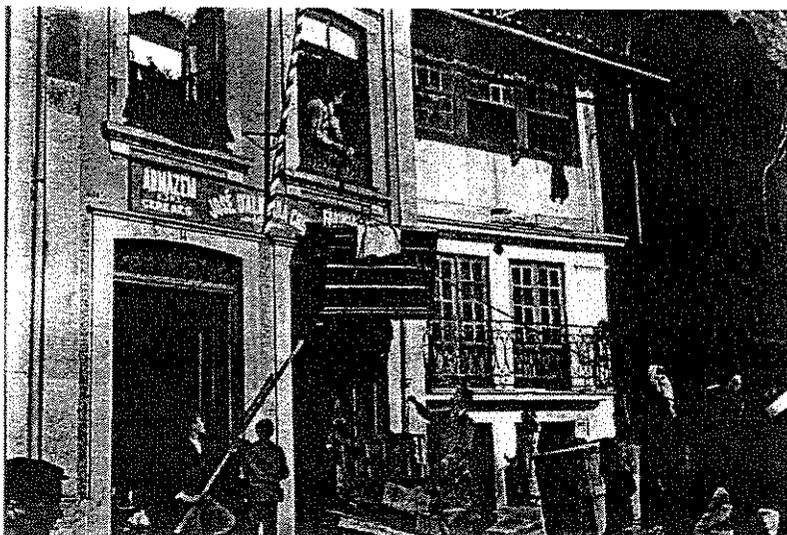


Foto do AFL Cx 37 clichê n. 18 – Dia de mudança

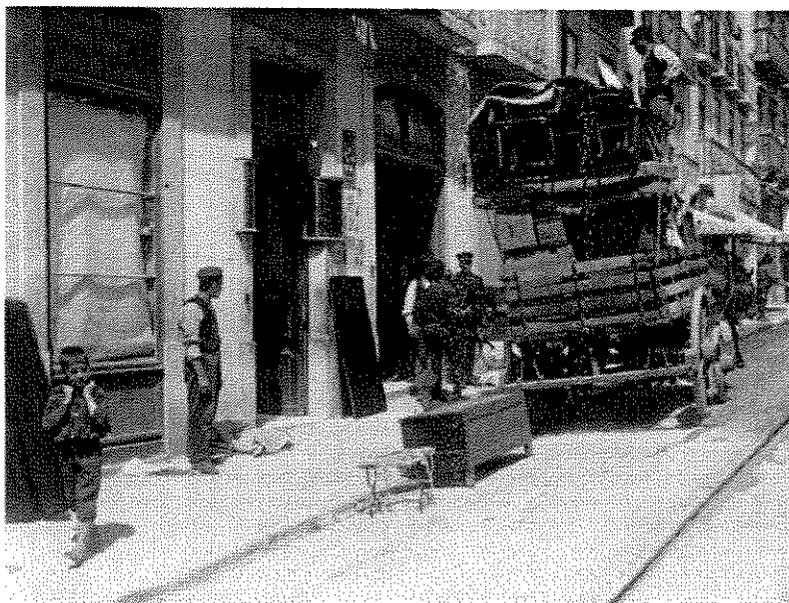


Foto do AFCML n. A8562 – Dia de mudança

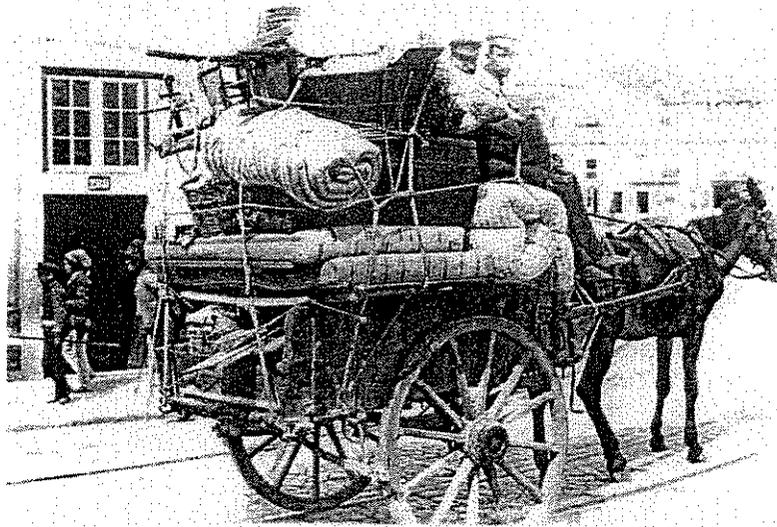


Foto do AFCML n. A6860 – Dia de mudança

Alguns vencidos pelo cansaço, entregam-se ao sono enquanto aguardam o próximo trabalho (A6428) ou conversam animadamente em uma das esquinas transformadas em pontos de espera de trabalho (A6429).

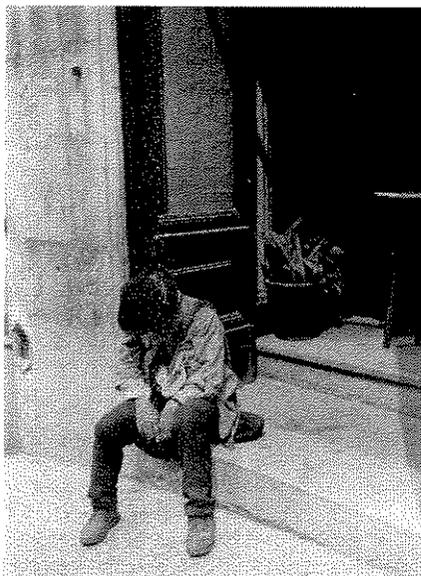


Foto do AFCML n. A6428 – Moço de frete



Foto do AFCML n. A6429 – Moços de frete

Sobre o problema das mudanças na cidade de Lisboa em função do aumento de rendas a ILP escreve:

“(...) Quando chega junho, o lisboeta que se muda de casa tem sobre si um encargo mais pesado que o mundo: - é o de arrajar carroças ou gallegos que lhe transportem a mobília de um extremo ao outro da cidade. Dizia um ratão que mais vale um incendio do que quatro mudanças seguidas. É possível que seja verdade. Caso é que a transferencia de casa acarreta dissabores e despezas que não pagam por dinheiro nenhum. Ha creaturas que de semestre a semestre põem os tarecos ao sol para fugirem ao espantinho da decima, mudando de bairro para escapar aos esbirros. Mas quem ganha, no meio de toda esta degradingolade, é o cidadão de Tuy ou Compostella que apanhando o freguez com a corda na garganta, lhe pede um preço exorbitante por uma padiola a dois. Que Deus nos livre de mudanças e de moços de fretes, que são uma praga pior que a dos gafanhotos e que nos levam, n’este momento critico, - o couro e o cabelo! (...)”¹⁰⁶

¹⁰⁶ Ilustração Portuguesa. 09.09.1907.

Este trabalho de esquina revelava um mercado bastante informal de trabalho onde todas as transações eram feitas na hora, de acordo com a “cara” do freguês, levando ao horror alguns no momento de efetuar seus pagamentos. A dinâmica de prestação de serviços em troca de pagamento também deixava claro o menosprezo por determinadas atividades que eram recusadas de ser feita pela população em geral, levando tais galegos cobrar o preço que quisessem.

Este fato não apenas acontecia com as mudanças, mas também com o transporte de água pelos aguadeiros, igualmente cidadãos galegos em sua maior parte.

Descrevendo a teia de pequenos trabalhos e sua relação com clientes o articulista da ILP pinta em tons coloquiais algumas situações comuns aos utilizadores deste serviço realizados nas esquinas das ruas:

“(...) o galego (...) já era o terror das donas de casa no tempo das mudanças, e o suplício dos namorados impacientes que se servem d'elle, como Mercurios alados, para levar as suas cartas inflammadas a todos os cantos da cidade. Mas com a falta de agua tornava-se um verdadeiro imperador dos chafarizes. Encostado ao seu barril, pimpão, elle esperava pachorreiramente que o viessem procurar. Já não se cançava em apregoar pelas ruas, com seu pregão característico, tão alfacinha. Como as peixeiras que atiram ás creadas o seu insolente “venha abaixo”, o gallego fazia-se rogado: “Não vou lá por menos de dois tostões”. E era pegar ou largar.

Os seus olhos não erguiam anciosos para as janellas das trapeiras do Bairro Alto, da Mouraria ou de Alfama, n'aquelle appetite tão feroz de ganhar honradamente a vida. Como um capitalista que pacientemente esperasse uma alta da cotação das inscrições, sem pressa de dinheiro, - porque esta existencia são dois dias e não vale a pena cancelas, - o aguadeiro mirava de soslaio que uma criadinha azougueada viesse ao seu encontro e lhe pedisse com empenho para ir lá a casa despejar o barril. Puxava lento a fumaça do seu brejeiro, piscava-lhe um olho satyro, dizia duas lérias.

- É pena, com um palminho de cara tão bonito...

- *Ella, porém, zangava-se, batendo o pé.*

- *Vá de graças. Quer ou não?*

Se queria! Mas puxava a fieira do preço.

- *Não dá então mais um vintemsinho?*

Resmungava então sua triste vida, sempre a trabalhar sem coalhar uma chéta na algibeira. E, no entanto, não se sabe como, ia comprando leiras lá na terra, - esse paiz verde de esmeralda que é toda a Galliza (...)"¹⁰⁷

Do trabalho carregado nos ombros pelas ruas e ruelas os galegos junto com outros personagens urbanos iam trazendo movimento e vida para diferentes espaços. Ao lado dos fragateiros¹⁰⁸, ajudavam no abastecimento da cidade e no escoamento de tudo o que a cidade depende e produz. Dos registros de Benoliel encontramos estas embarcações em um dia de greve, onde a paralisação das embarcações significava ausência de trabalho, prejuízos econômicos, ao mesmo tempo que um belo espetáculo de harmonia e tons...



Foto do AFCML n. A6887 – Fragatas em dia de greve

¹⁰⁷ Ilustração Portuguesa. 25.03.1907. “Lisboa com séde”

¹⁰⁸ Tripulante de fragatas no Tejo. As fragatas eram embarcações de guerra, especialmente utilizadas no serviço de transporte de cargas.

Estes últimos também acostumados ao trabalho duro de transportar com o próprio corpo o que a cidade necessita. Benoliel os registra em ação e nos fornece clichês onde o movimento e o ritmo do trabalho de transporte de carvão, madeiras ou peixe deixam transparecer o trabalho duro realizado por homens e por jovens trabalhadores. É o caso do registro nº A6358 da descarga de carvão no Cais do Sodré ou sua manipulação em fábricas, como a imagem A4351, onde o trabalho duro desenvolvido por mãos infantis; ou no registro nº A6893 no descarregamento de madeira e no nº A6894 onde os fragateiros trabalham no cais na descarga do peixe. Estes trabalhos não escolhiam idade, e muitas vezes nem mesmo o sexo, já que era comum o trabalho de mulheres na carga e descarga de diferentes produtos no Porto de Lisboa. Em relação à idade, nota-se a juventude de muitos, alguns ainda quase crianças que já sabem o peso que o trabalho pode ter.



Foto do AFCML n. A6358 – Descarga de carvão no Cais do Sodré



Foto do AFCML n. A4351 – Trabalho com carvão

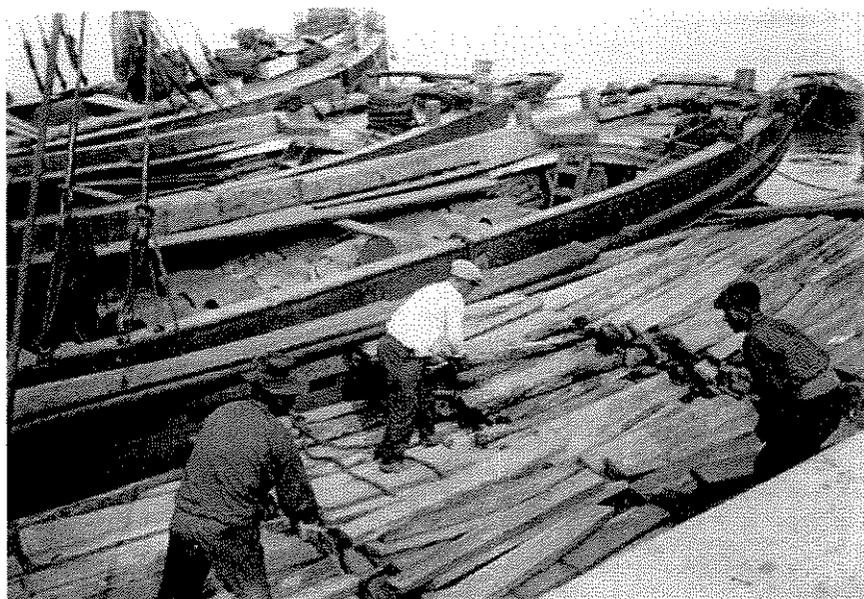


Foto do AFCML n. A6893 – Descarregamento de madeira por frigateiros

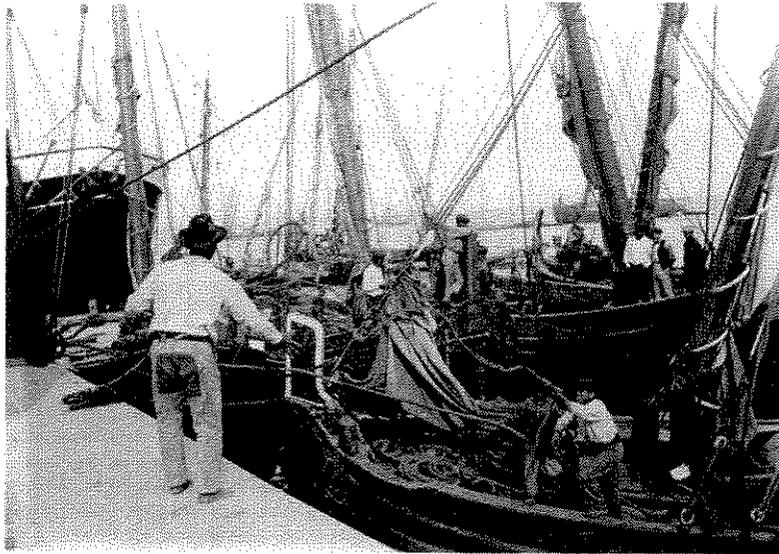


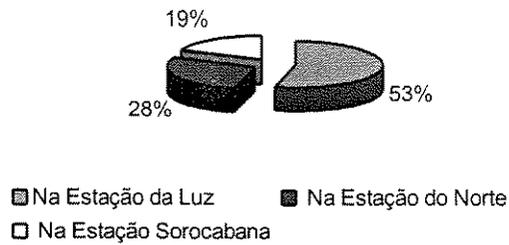
Foto do AFCML n. A6894 – Fragateiros na descarga do peixe

Uma categoria muito semelhante de trabalhador nas ruas de São Paulo eram os chamados *carregadores*, que chegaram a ter sua profissão regulamentada por lei em março de 1911 e exigia que fossem maiores de 18 anos com documentação expedida por órgãos competentes e que trabalhassem uniformizados com blusa e calça de brim e boné com pala de couro. As licenças concedidas pela prefeitura do município seriam cassadas em caso de embriaguez habitual e eventual “crimes contra a propriedade”. Com respeito a esta última infração não há maiores detalhes, mas nos parece que por estarem envolvidos no carregamento de objetos particulares a lei protegia proprietários em caso de se sentirem lesados de alguma forma. A embriaguez parece ser corrente. Todavia só seriam cassados os que fizessem isso habitualmente, indicando que eventuais casos de embriaguez pareciam ocorrer com certa frequência¹⁰⁹.

O número dos que tinham licença para este trabalho na cidade era acompanhado através das matrículas concedidas pela prefeitura e apareciam em estatísticas e relatórios oficiais. Ao final na década de 1920 sua distribuição nas principais estações da cidade obedecia a seguinte ordem:

¹⁰⁹ Idem. Lei nº 1398, de 23 de Março de 1911, pág. 32.

Número de matrículas de carregadores



Das 236 licenças concedidas, 127 ou 53% concentravam-se na Estação da Luz, as Estações do Norte e Sorocabana ficavam com 65 e 44 respectivamente.

A Estação da Luz ponto de importante intersecção da capital com outras cidades, atraía para suas imediações amplo comércio de lojas, hotéis e pensões, tornando-se por isso ponto de atração para que os profissionais que viviam de fretes encontrassem ali trabalho. Pastore, sensível a esta forma de trabalho desenvolvido nas ruas da cidade nos deixa um registro. É a foto n° 25, onde o carregador de malas aguarda clientes enquanto lê o jornal do dia.



Foto n. 25 – Carregador na Estação da Luz – Coleção Vicenzo Pastore

Outro dos pontos fixos destes profissionais eram os mercados da cidade. Com uma regulamentação bem detalhada, estes últimos deveriam usar blusa de linho parda ou azul, com boné de mesma cor tendo uma tira de couro escrita correspondendo à sua função. Eram considerados responsáveis pelo que transportavam e deveriam estar sempre munidos de documentação pessoal e licença concedida pela prefeitura¹¹⁰.

¹¹⁰ Acto nº 11, de 23/09/1896, pág. 225. Coleção Actos e Decretos do Município.

Em cestos sobre saias

Dos trabalhadores abordados por Benoliel se verifica que boa parte da força de trabalho encontrada nas ruas *alfacinhas* vem em sua maioria do trabalho infantil e do trabalho de mulheres. São estes os que ocupam o espaço da rua para dela obter os meios de sobrevivência e garantir o fervilhar da vida urbana. Neste respeito, suas imagens adquirem muita força e vida a partir do momento que começa a retratar tais mulheres em ação. Numa metáfora simples estas mulheres auxiliam na alimentação e manutenção dos *alfacinhas*; estão nos principais centros de distribuição da cidade, como nos mercados onde são feitas a distribuição de frutas, legumes, hortaliças e do peixe.

Vêm de longe, dos arredores de Lisboa e são conhecidas como *saloias*¹¹¹.

A produção *saloia* incluía em especial produtos hortifrutigranjeiros, como: frutas, legumes, verduras, hortaliças, galinhas, perus, leite, azeitonas, azeite, ovos, queijos, etc., e que eram transportados em jumentos e muito consumidos pela população urbana de Lisboa. Figuram também nesta produção *saloia* outras delícias, como: “(...) o *requeijão em cestinhos*, os *bolos de Belas*, o *pão de Melaças*, as *queijadas de Sintra*, a *marmelada de Odivelas*, os *vinhos de Bucelas ou de Colares* (...)”¹¹²

Eram nas ruas, largos e praças que ofereciam seus produtos.

Nas imagens de Joshua Benoliel, estas mulheres são representadas sempre de forma alegre e dando sempre uma idéia de movimento e ritmo. São por exemplo, as vendedoras de figos com seus cestos após a descarga no Cais da Ribeira Nova (foto nº A6361), ou a vendeira

¹¹¹ Termo que serve para designar o camponês ou aldeão que vive nos arredores de Lisboa, e possui sempre uma conotação de rusticidade. É também um termo sinônimo de Moiro, originário de Salé. Sobre a origem do termo *saloio*, Marina Tavares explica: “(...) A primeira população árabe instalada nos arredores de Lisboa beneficiara da tolerância do conquistador cristão. Depois, estendeu-se (...) pagando sempre o seu *çalaio* pelo pão cozido.(...) O estipulado *çalaio* acabou por degenerar em “çaloio” como designação étnica (...)” In: Dias, Marina Tavares. Lisboa Desaparecida. Lisboa. Quimera Editores, 1992, vol 3, pág. 91.

¹¹² Dias, Marina Tavares. Lisboa Desaparecida. Lisboa. Quimera Editores, 1992, vol 3, pág. 96

ambulante de galinhas (foto nº A3914). Esta última, com uma característica interessante: ao invés de ter suas aves soltas em grande número roçando pelos pés – característica do modo como as *saloias* vendiam seus animais, esta os traz presos à cabeça por uma capoeira¹¹³ armada sobre uma canastra¹¹⁴, coberta com uma rede segura por uma estaca, nos braços um cesto provavelmente contendo ovos frescos. Vendidos aos poucos, não chamavam tanta atenção quando esta cruzava as ruas.



Foto do AFCML n. A6361 – Vendedoras de figos no Cais da Ribeira

¹¹³ Cesto grande, gradeado onde se guardam e criam capões ou outras aves.

¹¹⁴ Cesta larga e pouco alta.



Foto do AFCML n. A3914 – Vendeira ambulante de aves

Além destes produtos, uma imagem freqüente das mulheres *saloias* são a das lavadeiras. Responsáveis pela brancura das roupas dos *alfacinhas*, as *saloias* tem suas imagens sempre ligadas a imensas trouxas de roupas transportadas sobre as cabeças. Estas trabalhadoras desenvolvem seu trabalho nos lavadouros públicos municipais ou nas ribeiras existentes em torno da cidade, e em muitos casos, devido à distância tinham de pernoitar no caminho entre o trabalho e sua casa.

A imagens de Benoliel nos mostram com beleza estas mulheres e seus afazeres. Por exemplo, as lavadeiras no lavadouro público municipal (foto A3900), ou a imagem nº A3895 que nos mostra a quantidade de trouxas aguardando para ser transportada, ao seu lado uma menina, que como muitas outras acompanhava a mãe nestas tarefas.



Foto do AFCML n. A3900 – Lavadouro Público Municipal



Foto do AFCML n. A3895 – Lavadeiras saloias

Ainda cuidando das roupas dos alfacinhas, mas numa outra categoria de trabalho estavam as costureiras. Sempre gentis e atenciosas tais profissionais eram tidas como artesãs do bom gosto e bem vestir, dando formas elegantes a fitas e brocados, usando em habilidosas mãos

agulhas e dedais. Apesar de em sua maioria procederem de locais humildes, sua graça e atenção dava-lhes a estima de clientes e fregueses. Trabalho era duro e de muita paciência, ritimado pelos sons das máquinas de costura. Ao menos é o que nos deixa transparecer o articulista da Ilustração Portuguesa:

“(...) Descendo o Chiado, subindo a rua do Ouro a caminho dos seus lares pobres, nos dias de trabalho é ainda fácil distingui-la, mas aos domingos, com suas galas, incorpora-se na multidão de lindas e bem vestidas lisboetas. Também bem o merece. A sua vida durante a semana, das oito da manhã às oito da noite, com intervalo d’uma hora para comer o lanch; a sua atenção fixa o trabalho, o seu desaneio de mulher a não poder seguir enquanto não der a tarefa pronta, a graça, a delicadeza a usar com as freguezas na casa das provas, tudo isso são méritos que os domingos mal pagam. É necessário saber sorrir á mulher que chega para provar o seu vestido, prendel-a á casa, ou antes, aos seus dedos, ligal-a por uma simpatia, mesmo que no fundo da sua alma haja um abatimento na hora em que tem de fazer o seus trabalho (...)”¹¹⁵

Todo este esforço prosseguiria até que conseguisse montar se próprio atelier e ganhar seu dinheiro de uma forma menos sacrificada. E dando origem ao um novo ciclo que se repetiria infundavelmente dando emprego a novas moças que viam de áreas mais humildes e distantes para trabalhar na cidade.

Algumas mulheres ganham nas imagens de Benoliel um sentido muito especial e passam a significar a própria Lisboa. É o caso, por exemplo, das *varinas*¹¹⁶ (foto nº A3872). Sempre muito faceiras, com seus chapéus de abas, saias rodadas, mãos à cintura e um andar quase sempre de dançarina, tornam-se alvo de inúmeros clichês e figura símbolo de uma cidade que tem sua face voltada para o mar. As varinas personificam o alimento que vem do mar,

¹¹⁵ Ilustração Portuguesa, nº 338, 12.VIII.1912 – “Costureira lisboeta”

¹¹⁶ A vendedora ambulante de peixe. Segundo Marina Tavares, “(...) A designação “varina” – abreviada de ovarina – abrange todas as mulheres oriundas da zona de Ílhavo, Aveiro, Murtosa e Ovar. Diz Pinho Leal, No Portugal Antigo e Moderno, que os vareiros eram oriundo exclusivamente de Ovar (“vareiro”, etimologicamente, de “vara” – percha para conduzir os barcos). (...) Fisicamente, o varino reúne uma porção de atributos tidos como herança fenícia: elegância de gestos, altivez de porte, feições enérgicas, olhos invariavelmente escuros. (...)” In: Dias, Marina Tavares. Lisboa Desaparecida. Lisboa. Quimera Editores, 1992, vol 3, pág 57 e 58.

metaforicamente considerado como sendo o maior e mais antigo mercado da humanidade. Nas palavras do articulista da Ilustração Portuguesa “(...) *O mar é o melhor, mais fecundo e mais economico mercado da humanidade (...)*”¹¹⁷



Foto do AFCML n. A3872 – Varinas na venda do peixe

Sobre estas mulheres que vivem do trabalho com o comércio do peixe, o mesmo articulista a descreve como “(...) *a menear-se como um rebolo, de formas opulentas, rosto appetitoso e pregão constante, até o Vatel de carapuço e acental branco que a prepara, origina múltiplos e rendosos comércios e industriais, que vivem exclusivamente da sua benfica acção. (...)*”¹¹⁸ Considerada figura símbolo de Lisboa, e num sentido mais amplo de Portugal, a varina podia ser considerada “(...) *uma singular figura do nosso meio trabalhador. É brava, incansavel, uma verdadeira mourinha de labuta sendo, ao mesmo tempo, quasi sempre encantadora (...)* É a varina das mais belas mulheres da nossa terra, onde as há tão formosas (...)”¹¹⁹

¹¹⁷ Ilustração Portuguesa, n° 188 de 27.IX.1909 – “A alimentação que o mar nos pode dar”

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Ilustração Portuguesa, n° 371, 31.III.1913 – “Costumes Portugueses”



Foto do AFCML n. A3861 - Varina

Em todos os registros de Benoliel a figura feminina é uma constante e através do seu olhar somos capazes de ver por onde o trabalho feminino andava. Em seus clichês há uma valorização pelo trabalho feminino, mostrado sem preconceito e com o movimento próprio das ruas. Talvez, simplesmente por ser este um trabalho realizado com naturalidade e em quantidade.

Taxando e mercadejando

Para o caso de São Paulo, apesar da variedade crescente no número de ambulantes e de produtos comercializados a legislação procurava ser rigorosa e impunha à maioria destes trabalhadores pesadas taxas, numa provável tentativa de inibir o comércio ambulante e favorecer com isso o comércio estabelecido, que teria na pouca concorrência maiores possibilidades de lucro. Um exemplo destas taxações e do universo que abrangia pode ser verificado na seguinte tabela contendo o valor alguns valores em vigência para a cidade de São Paulo, de acordo com o Acto nº 73, de 03 de Fevereiro de 1900¹²⁰.

Meias, mercador de	150\$000
Oleos, mercador de	50\$000
Linha, mercador de.....	30\$000
Peltes, mercador de.....	30\$000
Amendoim, mercador de	20\$000
Gaiolas, mercador de.....	20\$000
Ratoeiras, mercador de.....	20\$000
Palha de milho, mercador de.....	10\$000
Louça de barro, mercador de	50\$000
Bengalas, mercador de.....	20\$000
Folhas de Flandres, agenciador de concertos de	15\$000
Objetos para iluminação a kerozene, mercadores de.....	100\$000

¹²⁰ Coleção Actos e Decretos do Município.

Bonnets, mercadores ambulantes de.....	150\$000 ¹²¹
Toucas, mercador ambulante.....	30\$000 ¹²²
Fogos, mercador ambulante.....	200\$000 – 100\$000 – 50\$000 ¹²³
Água ardente, mercador ambulante.....	50\$000 ¹²⁴
Serrotinhos, mercador ambulante.....	60\$000 ¹²⁵
Barbantes, mercadores ou fabricantes.....	100\$000 fixo + 5% proporcional ¹²⁶
Chifres, mercador ambulante.....	150\$000 fixo + 5% proporcional ¹²⁷
Hortaliças, verduras e legumes, mercador ambulante de.....	50\$000 ¹²⁸

As diferentes tentativas de taxaço e regulamentação do trabalho ambulante nos indicam o momento em que a cidade passa a conviver com a normatização de regras para o comércio dentro da cidade. Um mercado de consumo estabelecido e criado por dinâmica própria de livre concorrência e informal, começa a sofrer tentativas de formalização. Para tanto, além das taxas, a Câmara procura cercear de tal forma o mercado de trocas, que em alguns casos chega à efetiva proibição de alguns tipos de comércio. É o que podemos verificar, por exemplo, com um Projeto que tramitou na Câmara dos vereadores de São Paulo no ano de 1906 de autoria de Celso Garcia:

“(...) A Camara Municipal de S. Paulo decreta:

Art. 1º - A começar de 1907, fica prohibido neste municipio, em volumes conduzidos de qualquer fórma, a venda ambulante de armarinho, de perfumarias, de jóias, de

¹²¹ Lista constante no Acto nº 73 de 03/02/1900 da Coleção Actos e Decretos do Município.

¹²² Acto nº 41 de 23/06/1899. Coleção Actos e Decretos do Município

¹²³ Acto nº 39 de 07/04/1899. Coleção Actos e Decretos do Município

¹²⁴ Acto nº 39 de 07/06/1899. Coleção Actos e Decretos do Município

¹²⁵ Acto nº 62 de 25/11/1899. Coleção Actos e Decretos do Município

¹²⁶ Acto nº 65 de 20/12/1899. Coleção Actos e Decretos do Município

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Acto nº 2513 de 22/04/1925. Coleção Actos e Decretos do Município

fazendas, de roupas feitas, de calçados, de ferragens, de louça, de fumo, de phosphoros, das mercadorias, em summa, geralmente vendidas em estabelecimentos destinados a esse comércio.

Art 2º - Os infractores incorrerão na multa de 50\$000, sendo apprehendidos os objetos que conduzirem, de acordo com legislação viegente(...)"¹²⁹

Tal projeto, no entanto, não passou sem problemas, e encontrou por parte de alguns vereadores amplas resistências. Em sessão posterior, Antonio Prado argumentava que tal restrição era ilegal quanto à pratica de liberdade de comércio e acrescentava: “(...) o commercio estabelecido, o commercio localizado exerce tambem, ao mesmo tempo o commercio ambulante, por meio de seus caixeiros que andam pelos arrabaldes, por toda a parte, vendendo os generos de seus negócios, sobretudo á população menos abastecida de fortuna, á população pobre que se utiliza muito dos negociantes ambulantes (...)”¹³⁰. A discussão não para por aí, e encontra nas palavras de Nicolau Baruel defesa contra o comércio ambulante e a aplicação das taxas. Em suas próprias palavras: “(...) Essas pequenas carrocinhas, (...) percorrem os suburbios esses negociantes ambulantes com grandes malas, perturbando o transito, impedindo mesmo em certas ruas o movimento da população, e v. exa. acha que não deve ser tolhido esse direito, porque attenta contra a liberdade de commercio! Há mesmo uma série de commercios, que é taxada de generos alimentícios, e tantos outros, cujas carrocinhas infectas percorrem as ruas da cidade, como as de tripas, etc., e eu não vejo, absolutamente, porque se deva conceder isso a esse commercio, que deve ser localizado nos mercados (...) Eu estou certo de que haveria um meio de se equilibrar essa receita, poupando-se á população desta cidade isso, que eu considero vergonhoso, vendo nossas ruas cheias de mascates, de individuos que se transformam em bestas de carga...(...)"¹³¹

¹²⁹ Idem. Projeto nº 20, de 1906.

¹³⁰ Discussão do Projeto nº 24 de 1906, referente aos negociantes ambulantes, pág. 172 em diante

¹³¹ Idem. Pág. 177 e 178

Após muita discussão e o consenso de que tal medida afetaria muito os cofres do Município, já que, nas palavras de Antonio Prado “(...) *os negociantes ambulantes, que se pretendem suprimir, pagam um imposto á Camara Municipal de 131:230\$000, si, em vez de exercerem o commercio ambulantes, elles se estabelecessem como negociantes fixos e, por conseguinte, tendo de pagar o imposto renderia á Camara apenas a quantia de 1:300\$000. (...) É evidente, portanto, que a prohibição do exercício dos diversos ramos do comercio ambulante (...) trará, pelo menos, uma diminuição de 130:000\$000 (...)*”¹³², o projeto acabou não sendo aprovado e a convivência com os ambulantes prosseguiu pelo tempo e nos espaços...

A variedade de produtos ia desde objetos pessoais, decorativos, alimentares, à produtos de limpeza e de utilidade doméstica, como por exemplo: sementes, pedras de amolar, lixívia, colaráu, utensílios de alumínio, telhas e objetos de zinco, gravatas, boás de pelle para senhoras, cartões postais, gado vacuum, lâmpadas elétricas, bordados, entre outros.

As diferentes tentativas de proibições de venda ambulante nos permitem conhecer ainda outras formas de comércio, como é o caso, por exemplo, de venda de doces: “(...) *considerando que é anti - higienico o costume de se exporem á venda de doces em cestas ou tabuleiros sem estarem convenientemente cobertos, o que certamente tem contribuido para a grande mortandade de crianças de S. Paulo, apresento á consideração da Camara o seguinte projecto de lei:*

Art. 1º - Fica terminantemente prohibida a exposição á venda de doces em tabuleiros sem que estejam convenientemente fechados em vidros.

Art. 2º - Os infratores incorrerão na pena de multa de 10\$000 de cada tabuleiro que não esteja nas condições do artigo precedente (...)”¹³³

¹³² Ibidem

¹³³ Projecto nº 89, de 1912 de autoria de João José Pereira. Coleção Actos e Decretos do Município

Os resultados deste projeto não são conhecidos, mas com certeza a cidade continuou contando com vendedores de doces e balas pelas ruas. Ao menos é o que o articulista de *Fon – Fon!* nos informa alguns anos mais tarde:

“(...) Ah! a nossa extraordinária liberdade de apregoar nas ruas: de apregoar ou de chamar a atenção para a mercadoria que pretendemos impingir. (...) O que é preciso é fazer barulho, muito barulho (...) Abi estão os doceiros com suas gaitas musicas: o vendedor de miudos com sua corneta, os baleiros com seu réco – réco, enfin, toda a infinidade de instrumentos que servem para amolar a nossa paciência.(...)”¹³⁴

¹³⁴ Revista Fon –Fon!. 08/08/1914.

A cidade e o sanitaria: imagens de um percurso

Com um número tão expressivo de mercadores ambulantes não seria de se estranhar que o tema da circulação fosse cada vez mais tomado em consideração pelas autoridades administrativas, e que sempre se discutisse a necessidade de normatizar os espaços de uso público. Assim, de forma crescente, introduz-se a questão do tráfego e trânsito para uma cidade com necessidades de alargar-se para fluir riquezas e serviços.

Por isso, não se deveria estranhar a produção fotográfica de Paula Souza por exemplo, no que concerne a este tema. A cidade no seu olhar, é constituída por espaços que distribuem funções, e neste sentido se mostra hierarquizante e com espaços bem definidos. Em suas imagens sobre grandes cidades como Nova Iorque (foto nº 23), New Orleans (foto nº 21) ou Toronto, Paula Souza mostra sua admiração pelas possibilidades que as ruas destas cidades oferecem quanto à circulação de pedestres e veículos. Nos casos destas cidades, sua preferência está nas grandes tomadas panorâmicas onde se preocupa o movimento das ruas, a circulação de veículos e de pedestres. É um olhar estrangeiro, já que são imagens tomadas assim que foi morar nos Estados Unidos para estudar, e de algum modo refletem um certo deslumbramento pelo novo, pelo ritmo moderno de vida numa grande metrópole cosmopolita.

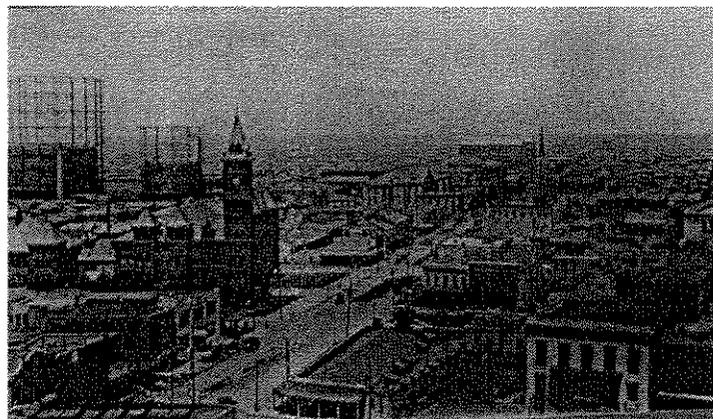


Foto n. 21 – New Orleans - (Coleção Paula Souza)

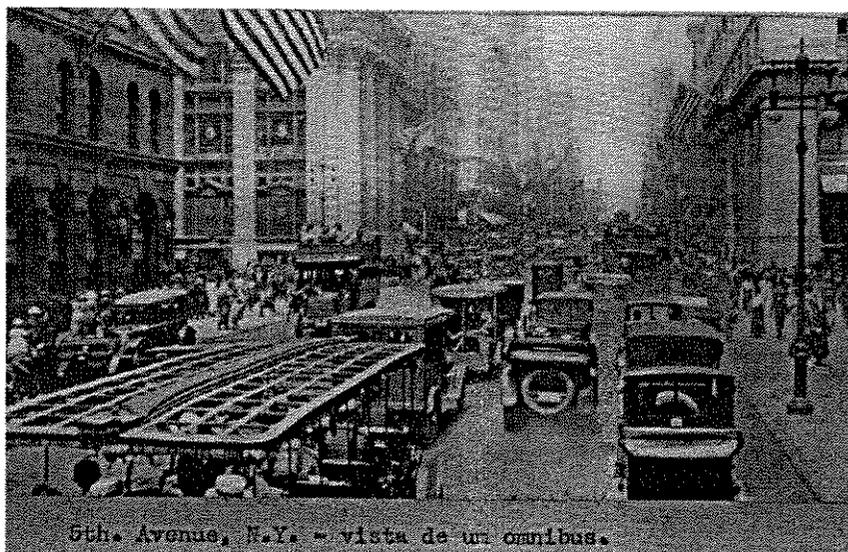


Foto n. 23- New York - (Coleção Paula Souza)

Já para São Paulo, suas imagens quase sempre excluem o fluxo intenso de pessoas, e o elemento humano não parece ser priorizado, mas sim a ordem e limpeza das edificações, vistas como paisagem.

O conjunto destas imagens não está organizado em ordem numérica ou seqüencial de qualquer natureza, recebendo um ordenamento artificial que não corresponde a qualquer forma de álbum ou algo que se assemelhe. No entanto, estas imagens possuem uma coesão interna bastante consistente, onde se pretende um documentário da cidade; incluindo-se um levantamento pormenorizado de ruas e edifícios representativos de uma metrópole em expansão. As vistas em sua maioria panorâmicas onde se procuram mostrar os locais de eventuais aglomerações urbanas e sua distribuição pelo espaço social.

A cidade analisada pelo olhar sanitário tem características peculiares e quase sempre estão livres do burburinho de ambulantes e em muitos casos os registros fotográficos têm a ausência do elemento humano: elemento perturbador e poluidor da harmonia de formas...

Apesar disso, é interessante verificar que a preferência pelas ruas do triângulo central, os jardins de arquitetura eclética do Museu Paulista¹³⁵, além das principais edificações consideradas modernas como o Edifício Martinelli, ainda em construção ou o Teatro Municipal. Além disso, o complexo arquitetônico da estação ferroviária Santos-Jundiaí (Estação da Luz) ganha destaque em tomadas panorâmicas, é a rota do capital cortando como cicatriz o tecido urbano, merecendo por parte de nosso fotógrafo um olhar mais atento.

As ruas do triângulo central, talvez tenham sua preferência por ser esta a rota do comércio e das atividades ligadas à prestação de serviço enquanto, por exemplo, a Av. São João (foto nº 140) e Av. Paulista (foto nº 141) aparecem como verdadeiros ícones de modernidade e expansão da maior cidade do país.



Foto n. 140 – Av. São João - (Coleção Paula Souza)

¹³⁵ Conhecido popularmente no Brasil como Museu do Ipiranga.



Foto n. 141 – Av. Paulista - (Coleção Paula Souza)

Do conjunto de imagens do triângulo central destacamos a Rua XV de Novembro (foto nº 121) que era o local do comércio, sede de quase todos os bancos da cidade, confeitarias de luxo; a Rua Florêncio de Abreu (foto nº 118) rua de das principais fiações de algodão, tipografias, carros, entre outros, Rua dos Tymbiras (foto nº 120) que herdou toda área de prostituição vinda da rua Libero Badaró após a intensificação das reformas urbanas no centro da capital¹³⁶.

¹³⁶ Rezende, Eliana Almeida de Souza. Alquimia sedutora substanciada em imagem: a crônica fotográfica de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Dissertação de Mestrado/Puc – SP, 1996, pág. 72.



Foto n. 121 – Rua XV de Novembro - (Coleção Paula Souza)



Foto n. 120 – Rua dos Tymbiras - (Coleção Paula Souza)

Os limites desta cidade são dados por alguns marcos. Muitos deles físicos como é o caso da Ponte Grande (foto n° 151), limite ao norte da cidade com o Rio Tietê, ou os cortiços do Brás, além dos focos de larvas de mosquito encontrados no córrego Pacaembú e na Barra Funda. É o caso das imagens sobre os focos de larvas de insetos próximos aos córregos.

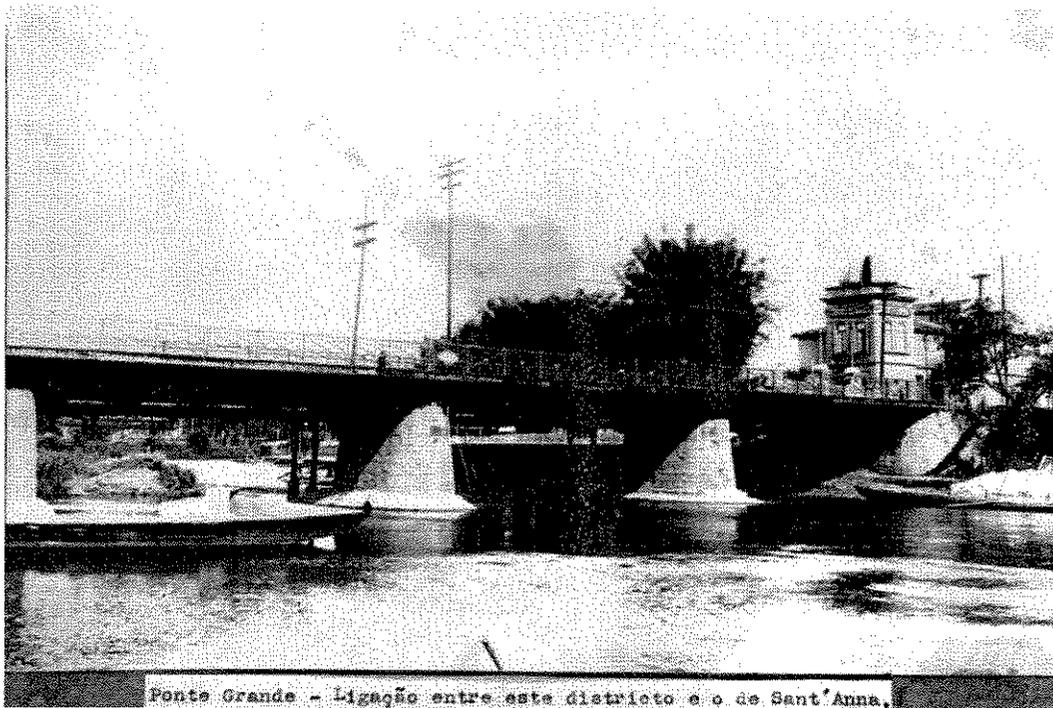


Foto n. 151 – Ponte Grande - (Coleção Paula Souza)

Ganham também interesse as edificações e construções de grandes pavimentos ou áreas que congregam grande número de pessoas, como são os casos das fábricas¹³⁷, hotéis¹³⁸, penitenciária e outros locais de aglomeração humana.



Foto n. 76 – Fábrica Falchi - (Coleção Paula Souza)

¹³⁷ É o caso das imagens nº 75 e 76 sobre a Fábrica Falchi. A foto nº 75 é uma tomada externa da fábrica onde se prioriza o conjunto arquitetônico. O elemento humano, tal como ocorre nas imagens de cidade simplesmente não aparece. A foto de nº 76 mostra uma cobertura simples como um quiosque utilizada no interior da fábrica como local onde os funcionários tomam suas refeições. Ao que tudo indica, nosso fotógrafo interessa-se pela forma como o alimento chega e é consumido pelos funcionários em seu local de trabalho.

¹³⁸ No conjunto temos quatro imagens. A primeira, de nº 47 é uma vista externa no Hotel Terminus onde, de novo o elemento arquitetônico é privilegiado. Uma segunda imagem para este mesmo hotel é a foto de nº 49 onde há uma vista interior de um quarto de solteiro, absolutamente limpo e impecável. A terceira imagem para este mesmo hotel é a de número 52, onde se mostra as instalações da lavanderia. Esta última é mostrada completamente inundada pela água, o que dá uma nota dissonante para uma imagem tão opulenta do seu exterior, ou mesmo do seu sentido de limpeza e organização presente na imagem do quarto. A quarta imagem é a de nº 65 do Hotel Falcão, mas que muito provavelmente apesar de ter uma fachada de hotel parece ser muito mais um local utilizado como uma pensão assemelhada a um cortiço.



Foto n. 47 – Vista Externa do Hotel Terminus - (Coleção Paula Souza)

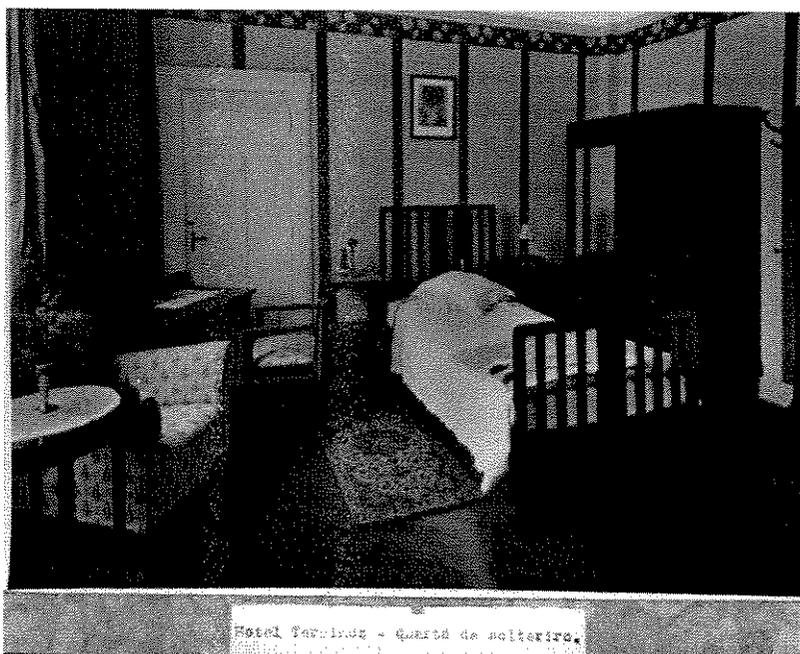


Foto n. 49 – Vista Interior de um quarto de solteiro do Hotel Terminus

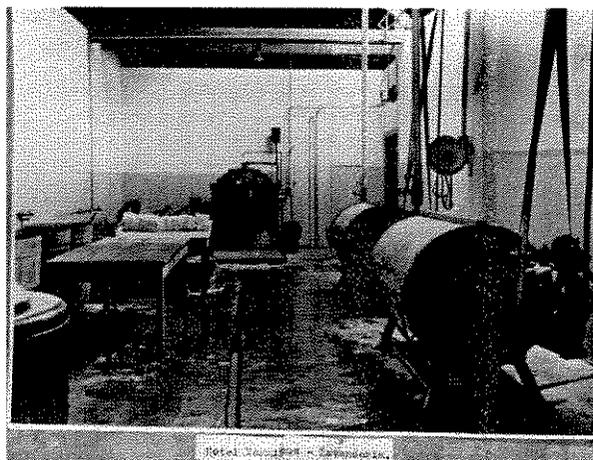


Foto n. 52 – Instalações da Lavanderia - (Coleção Paula Souza)



Foto n. 65 – Hotel Falcão - (Coleção Paula Souza)

A cidade do sanitarista possui prédios, ruas e praças vazias em oposição aos espaços “sujos” da multidão: as pessoas só aparecem em suas fotos sobre cortiços, focos infecciosos, ou no mercado municipal.

A coleção divide-se didaticamente em espaços considerados objetos de organização sanitária, são os cortiços, os mercados, os hospícios, etc, e passa por contraste, para àqueles

que na visão sanitaria, têm a solução para os problemas sociais encontrados na cidade: são os espaços destinados à educação, saúde e disciplina, personificados aqui por escolas, prisões, hospitais, quartéis, praças, e meios de transporte, entre outros.

Para nosso sanitaria duas são as ruas: àquelas estreitas e carregadas de vício e imoralidade, habitadas por mendigos, malandros, doentes e outros marginais, localizadas nas periferias do centro da capital e identificadas principalmente com os bairros operários em oposição àquela por onde a vida sã e cultural passa, identificada pelas ruas de comércio elegante, ou as que conduzem aos cinemas, teatros e parques da cidade.

Os espaços destinados ao lazer, normalmente estão nos espaços públicos, mas de convívio restrito, como são os casos dos teatros, cinemas e os cassinos. As praças e parques escolhidos como motivo de registro são em sua maioria os que denotam um projeto urbanístico claro, indicando um vivo interesse nas intervenções efetuadas na cidade.

Olhares ilustrados

Esta forma de dialogar com o espaço urbano, mostra-se bastante diferenciado do que ocorre por exemplo com as imagens de Vincenzo Pastore. O conjunto formado por suas imagens não inclui conjuntos arquitetônicos e/ou paisagísticos. Os personagens são extraídos do universo urbano e recortados de tal forma que não permitam se quer a identificação do local fotografado. Só o elemento humano interessa e apresenta-se ao alcance do enquadramento.

Enquadramento garantido por uma certa neutralidade de temas, dando-nos a impressão de que o fotógrafo lança mão de um recurso semelhante ao fundo neutro presente em imagens de estúdio, ou seja, tudo o que esteja à volta do fotografado é neutralizado de modo a não interferir ou aparecer no registro.

Para o caso dos registros de Pastore, o que temos é uma preferência pelo espaço enquanto distribuidor de funções altamente compartimentado. As imagens parecem tratar dos grupos separadamente e apenas no local onde interagem com seus pares.

Assim, temos as mulheres de um lado; homens, em sua maioria velhos e negros de outro, e os trabalhadores infantis. Setores produtivos e comércios estabelecidos parecem não seduzir o fotógrafo. Grandes planos, tomados por exemplo em ruas de movimento, feiras e mercados inexistem nesta coleção.

São nas praças que conversas animadas são travadas, assuntos quotidianos tratados, trabalhos desenvolvidos. É essa a praça vista nas imagens de Pastore (fotos nº 09, 21, 14), são os locais da conversa miúda e onde as trocas de todas as naturezas são feitas.

Através de suas imagens vê-se um espaço público partilhado por diferentes personagens, onde a socialização se efetiva através das trocas. São elas que darão o tom das relações. Apesar disso, não é um espaço retratado como democrático! A rua mostrada é a dos que vivem dela e extraem dela sua subsistência.



Foto n. 09 – Coleção Vicenzo Pastore



Foto n. 21 – Coleção Vicenzo Pastore

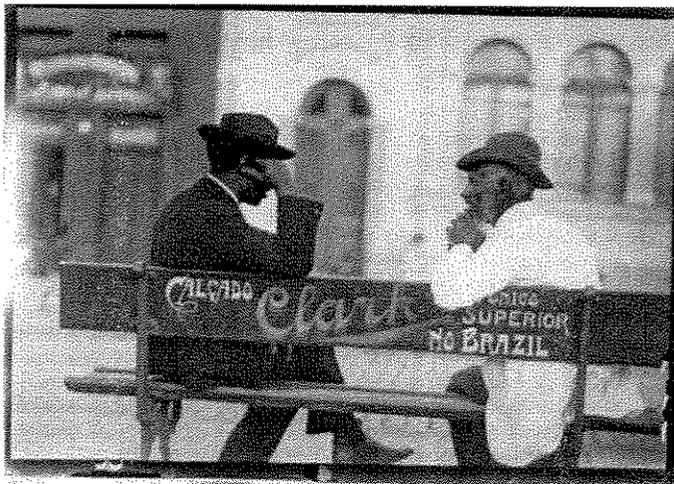


Foto n. 14 – Coleção Vicenzo Pastore

Diferindo dos precedentes, Joshua Benoliel ocupa-se de todos os elementos excluídos e/ou ignorados pelos outros fotógrafos. Observa detidamente o movimento das ruas e opta por registrar diferentes formas de ocupação e circulação do espaço urbano. Suas imagens incluem manifestações dos estudantes de Coimbra que se dirigiam à Lisboa a favor da Monarquia, ou no caso das greves de fragateiros (foto nº A6884); de motorneiros, ferroviários, de caixeiros, corticeiros¹³⁹, entre outros. São imagens onde a multidão não é de forma alguma ignorada e onde ocupa posição central, sem contudo, excluir os elementos arquitetônicos, facilitando com isso sua identificação num plano mais geral. São vistas panorâmicas, com ampla valorização dos movimentos sociais, talvez por isso, sejam tão impactantes.



Foto do AFCML n. A6884 – Greve de fragateiros

¹³⁹ O período anterior e principalmente posterior à implantação da República contou com diferentes greves em vários setores da sociedade. Mobilizavam trabalhadores, em sua maioria descontentes com suas condições de vida e salário. Em virtude disso, os clichês produzidos por Benoliel eram fartos e integravam com regularidade as páginas da imprensa diária do Jornal O Século e da Ilustração Portuguesa.

A praça, as ruas, os largos, ganham força como espaços potencializadores de manifestações: propiciam o ajuntamento e favorecem a visibilidade de grandes massas descontentes. E neste sentido, as imagens de Benoliel possuem muita força. Suas imagens tratam da questão da multidão de uma forma bastante interessante. Diferente de fotógrafos seus contemporâneos, Benoliel preocupava-se com os movimentos do social, com as diferentes formas de ajuntamento de sujeitos urbanos, especializou-se num sentido estrito em imagens de multidão, enquanto que seus companheiros normalmente fotografavam um aspecto muito pontual de qualquer acontecimento, nosso fotógrafo estava lá para buscar uma imagem mais abrangente que o usual. São imagens de grande força, mas nunca violentas. Procura sempre mostrar as multidões homogêneas, unidas em torno de um objetivo comum.

As praças não são ocupadas apenas para manifestações, podem também ser usadas como ajuntamento para outros fins, como por exemplo as feiras e os passeios praticados no Domingo a tarde. São nas ruas e parques da cidade que se faz a Avenida e onde encontros e flertes são amplamente realizados. O lisboeta aproveita os inúmeros atrativos desta rua, agora muito mais passarela do que local de circulação para desfrutar os prazeres reservados a poucos: o lazer como forma de descontração. Tal forma de lazer coloca-se em oposição ao ócio vagabundo, e é praticado pela camada endinheirada da população e por isso não possui uma conotação de vadiagem ou desocupação.

Ventres urbanos

Para Paula Souza, a preocupação com a circulação no interior das cidades, acaba sendo tônica dominante em sua produção fotográfica e detém-se demoradamente sobre o transporte de gêneros alimentícios, em especial os de produtos como verduras, leite, carnes, etc. Não apenas se registram fotograficamente os meios de transporte de alimentos perecíveis, como também àqueles utilizados para o transporte de doentes e defuntos. A circulação pela cidade é uma preocupação constante em suas imagens, talvez por ser, segundo sua visão, que é através destas vias que saúde e doença circulam e se proliferam, cabendo às autoridades competentes o exame e o monitoramento das formas pelas quais tal transporte se dá.

Assim sendo, a distribuição de gêneros perecíveis pela cidade detém a atenção do sanitarista e colocam em evidência outras categorias de produtos a ser analisado. Suas imagens revelam preocupação com a circulação no interior da cidade, e acaba sendo a tônica dominante em sua produção fotográfica. Os gêneros perecíveis motivos de suas imagens são especialmente as verduras, leite e carnes.

A provável justificativa para tal preocupação talvez se deva à visão já mencionada anteriormente de que são através das vias urbanas que saúde e doença se movimentam e proliferam cabendo, portanto, às autoridades competentes o exame e o monitoramento das formas pelas quais tal transporte se dá.

Notem-se as imagens sobre os carros utilizados no transporte de leite (foto nº 43)..



Foto n. 43 – Transporte de leite (Coleção Paula Souza)

As imagens produzidas revelam uma preocupação em documentar os meios existentes deste tipo de transporte e verificar se todas as normas prescritas para sua utilização estavam sendo cumpridas, dentre elas a especificação de se manter os nomes de seus produtores com letras bem legíveis. Medidas que visavam prevenir problemas de contaminação, tão em voga no período. O regulamento para o comércio de leite era claro neste sentido:

“(...) Art. 35 – Os veículos utilizados no transporte e distribuição do leite, bem assim os frascos e respectivos fechos e vasilhas destinadas ao leite, deverão trazer, em caracteres bem legíveis, a firma ou emblema da usina a que pertençam. (...)”

Art. 56 – Os veículos para transporte, distribuição e venda de leite, serão typos aprovados pela Diretoria Sanitaria e deverão preencher as seguintes condições: - 1º) – poderão ser á tracção animal, a motor ou conduzidos á mão pelos proprios vendedores; 2º) – deverão ser assentes sobre molas; 3º) – serão completamente fechados com paredes e isoladas com substancias más conductoras de temperaturas; 4º) – possuirão a parte interna revestida de lamina metallica, estanque e impermeavel e que comporte facil e completa limpeza; 5º) – terão, na parte superior do espaço interno, dispositivo

*que comporte gelo, suficiente para manter o leite em temperatura maxima de 10 grãos, até á entrega ao consumidores; 6º) – terão dispositivos moveis, para collocação de frascos, de modo a facilitarem uma rigorosa limpeza; 7º) – serão providos de portas, de material isolante, e collocadas na parte posterior; 8º) – serão totalmente pintados, a esmalte branco, na parte externa e os disticos, á tinta encarnada. (...)*¹⁴⁰

As questões referentes à contaminação do leite e da carne bem como sua fiscalização toma boa parte das preocupações de autoridades públicas, em especial sanitárias. Paula Souza revela sua preocupação com tais meios de transporte, e sugere: “(...) *Parág. único – A busca para a fiscalização se estenderá mesmo aos armazens e vehiculos das empresas de transporte em que essas mercadorias estejam depositadas ou em transito, ainda que nocturno, e aos domicilios em que se achem occultadas (...)*”¹⁴¹

Assim, todos os meios de transporte são cuidadosamente registrados (figuram aí carroças, bondes, automóveis em geral, trens, etc), além do cuidado especial em registrar os processos de saneamento e abastecimento das águas para São Paulo, enfocando-se as necessidades, limitações e efetivas conquistas nesta área.

A lei neste sentido criava mecanismos que garantissem de alguma forma maior controle sobre doenças transmissíveis através de alimentos como o leite, e em alguns momentos criava algumas situações que não chegamos a saber se realmente eram cumpridas pelos produtores em geral. Uma destas refere-se à identificação de gado bovino por fotografia, e nos casos de contaminação sacrificio dos animais:

“Art. 34º - Ficam creados, em cada um dos quatro pontos cardeaes da cidade, hospitais veterinários para o exame e identificação das vaccas de leite destinado ao consumo do municipio.

¹⁴⁰ Acto nº 2602, de 12/12/1925. Coleção dos Actos e Decretos do Município

¹⁴¹ Paula Souza e Nicolino Moreno. Sugestões para a melhoria da legislação sanitaria estadual, sobre gêneros alimentícios. Instituto de Hygiene – Boletim nº 20, 1924

Art. 35º - Todas as vacas leiteiras, já existentes e bem assim que derem entrada no município, serão examinadas e identificadas(...)

Art. 36º - Feito o exame e identificação(...) fornecerá o veterinário do hospital respectivo aos seus proprietários a caderneta de identidade da vacca, com indicação de todos os seus característicos, n. de ordem e photographia.¹⁴²

Dos exames realizados por estes veterinários as vacas que tivessem doenças que pudessem ser tratadas seriam encaminhadas para fora do município, devendo retornar à cidade só depois de estarem curadas. As que estivessem contaminadas com doenças incuráveis deveriam ser sacrificadas no Matadouro Municipal, e seu proprietário receberia uma indenização correspondente à metade de seu valor de mercado.

A distribuição ambulante de leite pela cidade preocupava em especial pela forma como era transportado. O Dr. Felix Vianna Júnior em tese de doutoramento comentava que:

“(...) Existem atualmente em São Paulo, cerca de 1350 vendedores de leite e 350 leiterias.

Dos vendedores ambulantes, a maior parte traz o seu producto acondicionado em garrafas, dentro de carrinhos as mais das vezes muito pouco limpos e alguns até descobertos, vindo assim o leite exposto ao sol e á poeira durante muito tempo.

Chegamos mesmo a ver mesmo, leiteiros trazendo garrafas destampadas e deixando-as nas portas das casas dos freguezes durante largo tempo, ficando assim o leite exposto ás poeiras (...) De outra feita, presenciámos um vendedor ambulante collocar na lata que consigo trazia, água proveniente da torneira de um jardim, com o fim pouco escrupuloso de augmentar a quantidade de seu producto (...) As lactas contendo leite, são constantemente abertas pelos leiteiros, quer para a sua repartição, quer mesmo para juntar-lhe agua, isto em plena rua(...)”¹⁴³

¹⁴² Projecto nº 32, de 1924. Coleção Actos e Decretos do Municipio.

¹⁴³ Vianna Júnior, Felix. Contribuição ao estudo do leite e seu fornecimento na cidade de S. Paulo. These apresentada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1921, pág. 86.

Não fica difícil perceber a preocupação das autoridades com o transporte deste tipo de produto e as sucessivas tentativas de regulamentação. Além desta, as autoridades sanitárias tinham a preocupação de localizar vacas contaminadas pela tuberculose e os dados indicam que o sacrifício raras vezes ocorria, como determinava a lei.

Comentando neste sentido, o mesmo médico nos faz saber que das 12.000 vacas fornecedoras de leite no período, 3600, ou seja, 30% eram tuberculosas, sendo que a maioria estava localizada nas regiões mais baixas da cidade, compreendendo os bairros do Ipiranga, 6ª Parada, Pari, Lapa, Pinheiros em oposição aos casos encontrados em pontos mais elevados como Perdizes e Santana.

As doenças transmissíveis através do leite não se limitavam à tuberculose, segundo Felix Vianna *“(...) pode ainda servir o leite como vehiculador do pús, nos casos muito frequentes de mammites (estreptococcus). (...) quando poluido accidentalmente, o leite póde servir de vehiculo a um certo numero de molestias infecciosas, taes como a pneumonia, febre typhoide, diphteria, escarlatina, cholera, etc. (...)”* da origem destas contaminações acrescenta: *“(...) O leite póde ser contaminado pela agua empregada na lavagem do vasilhame, molestias no pessoal do estabulo, principalmente ordenhadores, animaes domesticos doentes ou molestias em pessôas da familia do leiteiro, e que pódem polluir o leite por meio das mãos, das fézes, pannos usados pelos doentes, etc (...)”*¹⁴⁴

A preocupação com as formas de distribuição do leite, também preocupava fora do Brasil, e no caso de Lisboa a revista Ilustração Portuguesa elaborou uma série de artigos sobre a alimentação do lisboeta e incluía um número específico sobre a distribuição de leite nas ruas da cidade, o clichê de Benoliel mostra a ordenha realizada na própria rua de uma cabra (foto nº A3883).

¹⁴⁴ Idem. Pág. 115.

O fotógrafo direciona nossos olhares para o ordenhador e a forma informal de como realiza seu trabalho: de cócoras e longe de cuidados e preocupações higiênicas. Feita diante dos olhares de todos a ordenha segue de porta em porta servindo diferentes moradores.



Foto do AFCML n. A3883 – Ordenha de leite de cabra em Lisboa

Em Lisboa, as primeiras medidas legislativas de fiscalização e venda de leite são de 1899 e só posteriormente regulamentadas em 1900 e 1901¹⁴⁵. No entanto, isto em si não servia como garantia de ausência de problemas. O fornecimento de leite por *saloios*, vindo com seu gado solto e ordenhados pelas ruas era rotineiro e trazia junto com este hábito vários problemas aos consumidores.

O Jornal O Século, do mesmo grupo que a Ilustração Portuguesa, também realizou diversas reportagens sobre o tema e através de cartas de leitores chegamos a conhecer alguns dos problemas relativos a este tipo de contaminação. Um exemplo destas cartas foi a publicada em 21.01.1913, onde o leitor mostra toda sua indignação sobre as formas em que o leite chegava aos lares lisboetas:

¹⁴⁵ Segundo o Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge. Ano II, nº 8, 1947, pág. 244.

“(...) Moro n’uma rua por onde passam as carroças que dos suburbios da cidade trazem bilhas de leite para o consumo dos lisboetas e, por isso, notei uma coisa que me levou a deixar de ser bebedor de leite, tal a repugnância sentida pelo que vou narrar-lhe.

De manhã, essas carroças passam para dentro da cidade carregadas com bilhas de leite; á tarde, essas bilhas saem para fóra da cidade cheias de comida, lavaduras de pratos, etc; uma porcária nauseabunda, causando vomitos só o vê-la.

Quando dei por isto, não me affligi muito, porque, estando afreguezado em uma vacaria, onde via bons animaes, supuz que o leite consumido em minha casa fosse das vacas expostas á minha admiração. Qual não foi, porém, minha surpresa ao saber que essas vacas serviam de reclamo para estar na montra e o leite vendido pelo estabelecimento era quasi todo comprado aos donos d’essas carroças que todos os dias me passavam á porta! Fiquei horrorizado! (...) As vacas estabuladas na cidade muitas vezes estão sêcas e nada produzem. (...)”

O relato do leitor prossegue e chama atenção para outros perigos associados ainda ao transporte do leite e o abastecimento da cidade:

“(...) Ha carroças que no regresso de Lisboa não conduzem comida pôdre, mas sim roupa suja e as lavadeiras tudo amontoado e confundido na maior promiscuidade. Ora, essa roupa suja pode ter servido a tifosos, a tuberculosos, a doentes de todas as doenças contagiosas. Durante o trajeto, facil será operar-se uma sementeira nas bilhas, ainda sujas de leite (...)”

Na conclusão de sua carta, o leitor indignado lança uma pergunta aos responsáveis pela fiscalização sanitária:

“(...) Mas, agora pergunto eu: Para que servirá a luxuosa engrenagem sanitaria que possuímos, emaranhada de químicos, de analistas, doutores, engenheiros, policiais, diretores e sub-diretores, fiscaes, repartições, institutos, laboratorios, e o diabo? Vê que, praticamente, serve para ser permitido beber-se leite desnatado e porco, a tostão o litro. (...)”

A oposição sobre esta forma de fornecimento de leite era grande e nos diferentes veículos de comunicação surgiam seus principais oponentes, em sua maior parte autoridades sanitárias, que eram capazes de elencar inúmeros motivos para que o fornecimento de leite à porta com ordenha manual fosse evitado.

Um destes artigos, publicado no Jornal O Século de 26.03.1913 era de autoria do Dr. Holtreman Rego, chefe dos serviços de química sanitária do Laboratório do Instituto Central de Higiene e que entre outras coisas afirmava que:

“(...) A venda do leite mungido na via publica deve ser abolida, como sistema anti-higienico e fraudulento. (...) É anti-higienico não só pela impossibilidade de se proceder, na rua, a lavagem das tetas da vaca e das mãos do mungidor, focos perigosos de germens nocivos, que por incuria de limpeza, contaminam o leite frescamente mungido, mas tambem porque se torna impossivel, (...) rejeitar os primeiros centimetros cubicos de leite de cada teta (...) além da má alimentação, do deficiente tratamento devido á ignorancia dos tratadores do gado, há a acrescentar a falta de higiene e dos meios indispensáveis para a boa conservação do leite como por exemplo o refrigeramento logo após a mungidura. (...)”

(...) Quanto aos processos de falsificação, podemos dar muito felizes, visto que os mais condenáveis não são usados entre nós.

Como mais nocivo há a citar a adição do carbonato de soda e da cal. A adição de agua essa é frequente, e, na epoca propria, é pratica vulgar a mistura de leite de ovelha com o de vaca. (...)”

A justificativa do dr. Holtreman para as más condições para o transporte do leite em Lisboa estaria por estar *“(...) nas mãos de pequenos fornecedores. D’hai a falta de seriedade comercial, porque falta a fiscalização exercida pelos proprios interessados: d’hai a falta de higiene, porque o pequeno fornecedor não dispõe de meios suficientes para a aquisição do material e aparelhos aperfeiçoados usados na limpeza e refrigeração do leite; d’hai a falta de asseio, base principal para a boa conservação do leite, por faltar muitas vezes o conforto tão util na pratica d’essa medida higienica (...)”*

Além do problema da contaminação do leite, produtos derivados do mesmo causavam doenças a seus consumidores. É o caso, por exemplo, do queijo. Em matéria publicada no Jornal O Século de 04.12.1910 temos o relato de um desses casos:

“(...) O pateo Vila Alegre é um saguão immundo que fica na travessa do Pé de Ferro, no centro populoso da Madragoa. (...) ocupando um exíguo compartimento, moram João Ferreira Carvaquinho, (...) serralheiro da Companhia Industrial Portuguesa, (...) e sua mulher Emilia da Conceição, (...) filha da varina Maria Rosa, (...) que se ocupa na descarga do carvão (...)

Hontem, cêrca de meia noite, (...) os dois, sentindo-se com vontade de comer, mandaram comprar uma quarta de queijo á antiga tenda do Amaro (...) queijo que tasquiaram, mettendo-se depois tambem dentro da cama.

Passado pouco tempo, porém, o marido e mulher entraram a soffrer afflições e taes que tiveram que gritar por socorro, acudindo as vizinhas (...) a primeira das quaes, vendo o serralheiro a estoucer-se no chão e a mulher a vomitar com ancia, correu a chamar a policia. (...) os dois foram conduzidos ao hospital, enquanto (...) a policia ia á mercearia apoderar-se do resto do queijo, a fim de ser convenientemente analysado (...)”

Casos como este recheavam prontuários médicos e registros policiais indicando o perigo da contaminação dos alimentos derivados do leite.

Apesar de tantas queixas e reclamações a população alfacinha permaneceu por longos anos enfrentando problemas de fornecimento.

Não apenas o leite, mas outros gêneros alimentícios eram transportados de forma irregular pela cidade gerando protestos. É o caso do transporte de carnes na cidade. Em ofício dirigido a Câmara Municipal, o presidente de uma associação protesta quanto à forma como a carne vinha sendo transportada através da cidade até chegar aos talhos:

“(...) percorrem as avenidas e ruas principaes, em que a todas as vistas, cobrindo-se de poeira e enchendo-se de microbios sendo envolvidos por pannos immundos e esfarrapados, que nem logram resguardar o conteudo do carro.

Ocioso é insistir nos inconvenientes de ordem hygienica e no pouco decente aspecto de taes vehiculos, no seio de uma capital. Urge prover de remedio este defeito de tão importante serviço, empregando para o transporte das carnes carros adequados de bom aspecto e offerecendo resguardo efficaz (...)”¹⁴⁶

Depois de encontrar seu destino no talho, as carnes continuavam muitas vezes à mostra, expostas quase que às portas da rua. Em um de seus clichês, Benoliel mostra um destes talhos vendendo carnes e salsicharia, localizado no mercado da Praça da Figueira. Trata-se do registro nº A3905. As carnes, em especial as de porco são expostas à venda nas portas de acesso ao mercado. Penduradas ao ar recebem de todos os que passam um olhar desatento, indicando quanto isto era prática corriqueira. O objetivo das carnes assim expostas era o incentivo à compra por ser um dia de feriado e a população estava em quantidade nas ruas da cidade.

São Paulo, não se mostrava muito diferente em relação a venda de leite nas ruas. Apesar da ausência de um registro fotográfico tal como ocorreu com Lisboa, temos a imagem da crônica de Jorge Americano, que nos fala sobre tal abastecimento:

“(...) Às 6 horas da manhã bateu á porta seu José leiteiro. Trazia ás costas a lata de leite das vacas do estábulo, um funil e uma colher redonda, para tira-lo da lata e despejar na garrafa que o fregues trouxesse. Vinham duas vacas e dois bezerros. (...) Seu José fez o bezerro chupar a teta da vaca, e pôs a mondá-lo, jorrando o leite no copo graduado. Encheu um litro e despejou no caldeirão. (...)”

¹⁴⁶ Officio nº 341 de 05.11.1908.

*De repente escutava-se um badalo como de madrinha de tropas. São seis cabras amarradas umas ás outras pelo pescoço repuxando em tôdas as direções (...) trazidas por um menino. (...)*¹⁴⁷

Apesar do crescimento das cidades como São Paulo e Lisboa e sua metropolização, alguns hábitos permaneciam inalterados, como era o caso da venda de leite distribuído por vacas e cabras ordenhadas nas ruas da cidade.

Para, além disso, havia a venda de galinhas e outras aves realizadas nas ruas e em muitos casos com os animais soltos.

Toda esta situação acabava gerando inúmeros casos de contaminações na população e em alguns casos levava muitas de suas vítimas, em especial as crianças, ao óbito. Relatórios sanitários nos dão conta dos elevados índices de mortalidade infantil por problemas gastrintestinais de diferentes ordens, e dentre as doenças as mais comuns para este tipo de contaminação: a desintéria e a difteria.

Geraldo Horácio de Paula Souza discorrendo sobre este tema em um congresso oferece alguns dados sobre os índices de mortalidade infantil por afecções no aparelho digestivo. Os dados referem-se aos anos entre 1909 e 1922¹⁴⁸:

Annos	Óbitos de 0 a 1 ano	Óbitos por afecções do aparelho digestivo	Total de óbitos por todas as edades
1909	167,31	76,42	517,01
1910	161,87	78,37	508,34
1911	188,62	91,48	522,34
1912	199,69	95,42	657,09

¹⁴⁷ Americano, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895-1915). São Paulo, Edição Saraiva, 1957, pág. 111.

¹⁴⁸ Paula Souza, Geraldo Horácio de. "Algumas Considerações sobre a Mortalidade Infantil no Estado de São Paulo". Comunicação apresentada no 1º Congresso Brasileiro de Hygiene, 1923.

1913	192,52	99,09	554,22
1914	172,75	91,34	499,08
1915	151,41	74,92	456,45
1916	155,42	75,79	455,63
1917	148,82	75,74	449,63
1918	222,72	85,81	829,65
1919	180,36	85,95	590,26
1920	176,76	87,95	536,18
1921	176,36	80,75	555,10
1922	179,26	83,52	527,08

De acordo com a tabela acima, é fácil verificar o peso que as afecções no trato digestivo exerciam para o aumento das taxas de mortalidade infantil no Estado de São Paulo.

Segundo Paula Souza: “(...) *Em São Paulo, de 1909 a 1916, (...) a estatística para os óbitos no primeiro ano de vida o seguinte resultado:*

<i>Causa-mortis</i>	<i>Óbitos</i>	<i>%</i>
<i>Diarrheea e enterite</i>	<i>9.971</i>	<i>48,02</i>
<i>Afecções do aparelho respiratorio</i>	<i>3.792</i>	<i>18,27</i>
<i>Debilidade Congenita</i>	<i>3.704</i>	<i>17,85</i>
<i>Meningite</i>	<i>810</i>	<i>3,90</i>
<i>Convulsões</i>	<i>388</i>	<i>1,87</i>
<i>Syphilis</i>	<i>179</i>	<i>0,96</i>
<i>Coqueluche</i>	<i>167</i>	<i>0,80</i>
<i>Tetano</i>	<i>150</i>	<i>0,72</i>
<i>Sarampo</i>	<i>150</i>	<i>0,72</i>
<i>Outras causas</i>	<i>1.434</i>	<i>6,91</i>

Vê-se dos dados reproduzidos a enorme porcentagem das affecções do aparelho digestivo que entre nós, se eleva quasi a 50%.

*Para taes molestias as causas se encontram na má alimentação e nas doenças infecciosas. (...)*¹⁴⁹

Segundo o Dr. Francisco Borges Vieira, a doença nas primeiras décadas do século XX em São Paulo era endêmica e encontrava como uma das principais vias de transmissão a contaminação pelo leite. Os índices comparativos entre São Paulo e outras cidades do mundo eram os seguintes¹⁵⁰:

Cidades	Óbitos	População	Coefficiente por 100.000 hab
Cairo	259	859	30.15
Paris	243	2.871.000	9.88
New York	477	5.971.000	7.98
São Paulo	66	907.065	7.27
Rio de Janeiro	95	1.556.000	6.10
Madrid	77	796.000	9.67

As doenças do trato intestinal eram em sua maior parte relacionada à contaminação vinda do leite de vaca e de cabra e tinham na regulamentação sanitária capítulos próprios, determinando cuidados no contágio com estes animais.

Apesar disso, cabe aqui salientar que outras doenças encontravam em animais uma via de transmissão para doenças entre os habitantes da cidade. Um exemplo disso eram doenças como a raiva, a lepra, a sarna adquirida pelo contato com o enorme número de cães pelas ruas da cidade.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Borges Vieira, F. "Considerações sobre a epidemiologia de algumas doenças transmissíveis em S. Paulo, Brasil". Boletim nº 29, Instituto de Hygiene de São Paulo, 1928.

Em algumas imagens das coleções analisadas podemos ver que estes animais, tal como ocorre hoje em dia viviam à solta pelas ruas da cidade, se alimentando de pequenos restos perambulando por aqui e ali. Coleiras, focinheiras ou qualquer indicativo de propriedade eram simplesmente inexistentes. Um destes casos é a foto nº 10 da coleção Vincenzo Pastore, onde o cão anda a solta pela rua.



Foto n. 10 – Coleção Vincenzo Pastore

Neste sentido, um projeto de autoria do vereador Almerindo Gonçalves nos permite verificar algumas estatísticas sobre este assunto:

“(...) os donos dos cães não os matriculam, e, o que é peor, não tem com elles o necessario cuidado, deixando-os sahir á vontade á rua, de onde, mordidos por outros hydrophobos, ou tendo contacto com os leprosos e de outra fórma doentes, voltam para casa e se tornam transmissores de muitas molestias, quando nao é na via publica que ferem os transeuntes, causando-lhes tantos males. (...)”

Basta dizer, (...) , que em 1909 do grande numero de cães, superior, talvez, a 50.000, existente na cidade de S. Paulo, foram registrados na Prefeitura apenas 2.436(...)

(...) Desde o tempo em que teve inicio a administração official do Instituto Pasteur, isto é, a 1º de abril de 1916, até 31 de dezembro do mesmo anno, os registros accusam 910 casos de affecção daquelle genero; entre 1º de abril e 31 de dezembro de 1906, este numero se elevou a 1382. (...)

*(...) destes 1382 casos, 513 sao da capital, ou sejam 37% do numero total; em 1918, esses casos foram de 1460, dos quaes a nossa cidade deu 361: em 1919, finalmente, esta cidade ascendeu a 1584, concorrendo a capital com 249. (...)*¹⁵¹

De acordo com os dados disponíveis, o número de afecções envolvendo animais domésticos era grande e gerava sempre discussões sobre qual deveria ser a melhor forma de intervir. No caso específico da raiva transmitida por cães a proposta era a criação de imposto para os que quisessem manter tais animais, além de pesadas multas no caso de serem encontrados soltos pelas ruas. Além disso, uma política de vacinação anti-rábica colaborou para a diminuição dos casos na cidade de São Paulo, conforme verificado nas estatísticas fornecidas pelo próprio vereador.

Lisboa também encontra neste período problemas com a sua população canina, já que o número de cães pelas ruas da cidade mostrava-se bem superior aos efetivos que trabalhavam no combate à raiva. Em officio dirigido a Câmara Municipal, o Presidente da Comissão de Administração solicita a dispensa de dois homens por dois ou três dias para auxiliar no extermínio de cães que vagueiam em grande número pela cidade¹⁵².

O combate à raiva era possibilitado em grande parte pelo trabalho de apanha dos animais soltos pelas ruas e vielas da cidade. Esclarecendo o tipo de equipamento usado neste trabalho, o Diretor responsável explicava:

“(...) A apanha de cães, não é feita por meio de rede, mas por um pequeno aparelho que denominamos porta-laço, constituído por um cabo de madeira, tendo uma das

¹⁵¹ Projecto nº 67 de 1920. Coleção Actos e Decretos do Municipio, pág. 754 e 755.

¹⁵² Officio nº 452 de 07.12.1907.

*extremidades, uma correia almofadada, com o comprimento calculado da grossura do pescoço d'um cão, ligada a um francalete que passa por uma argola, afim d'apertar e segurar o animal apanhado. (...)*¹⁵³

Ainda segundo este mesmo ofício ficamos sabendo que participavam desta operação dois policiais, um carroceiro e dois serventes. Numa tentativa de normatizar e controlar a quantidade de cães pela cidade, a Câmara Municipal cria na Postura de 1º de Junho de 1921 um imposto a ser cobrado pela licença dos animais, e que deveriam por ocasião do pedido de licença, apresentar uma coleira contendo em chapa metálica o nome e a morada do seu respectivo dono.

Além deste problema específico vários outros ocupavam a preocupação de sanitaristas e autoridades.

Dos locais de contaminação analisados e dos espaços conhecidos como responsáveis por transmissão de doenças e foco de inúmeros problemas alimentares estavam os mercados e feiras da cidade. Caminhos de abastecimento, rota de perigos sanitários.

¹⁵³ Ofício nº 118 de 07.12.1910.

Mercados e Mercadores

“(...) Era hora da venda de peixes no atacado. Um velho colocava uma cesta de ouriços numa carreta; pensei reconhecê-lo; (...)

(...)Uma quitandeira pesava uma couve na balança e colocava-a dentro de uma cesta presa por um barbante que uma garota abaixava de um balcão. A garota era igual a uma da minha cidade que enlouquecera de amor e se suicidara. A quitandeira ergueu o rosto: era minha avó.(...)”

(Ítalo Calvino In: “As Cidades Invisíveis”)

Se a cidade e suas vias podem ser comparadas a artérias que distribuem o sangue por todo o corpo, os mercados seriam os rins que teriam uma função à depuração sangüínea. Com uma função filtradora, os mercados estariam selecionando o que circularia pelas vias urbanas.

Sempre portador da imagem de trocas quer econômicas, quer sociais, símbolo de abastecimento de todos aqueles que não produzem seu sustento, os mercados rapidamente são incorporados à cena urbana, e ganham a partir de meados do século XIX e início do XX a característica de estarem diretamente ligado às políticas públicas de fornecimento de mercadorias indispensáveis à sobrevivência quotidiana.

Os mercados são uma boa referência para procurarmos compreender o sentido de troca e circulação, que no olhar fotográfico mostra-se importante e fundamental para a vida da cidade. É no apregoar constante dentro do mercado que a vida urbana se movimenta e desenvolve. Sob este olhar, o mercado mais do que qualquer outro ponto da cidade significa troca. Troca de bens, mercadorias e onde o dinheiro circula; local de relacionamentos estreitos entre produtores e consumidores, espaço que nasce como norma, é esquadrinhado e dividido por funções. É deste universo que saem os diferentes tipos de vendedores

ambulantes, devidamente abastecidos, para com seus produtos, invadir as ruas e os bairros de toda a cidade.

Igual em todas as partes, e fundamental para a vida de qualquer cidade, o mercado representa um campo de forças sociais, onde as políticas de controle visam se manifestar. Espaço de trânsito diverso oferece variedade não apenas de produtos, mas de condutas e modos de viver. Local onde estratégias de fiscalização e regulamentação de ofertas de mercadorias para consumo são impostas aos que trocam, compram ou vendem suas mercadorias, determinando a constituição de uma intrincada rede de produção, distribuição e consumo de produtos.

No universo de produção fotográfica, o espaço do mercado recebe uma atenção muito grande por parte dos diferentes fotógrafos. Ponto de encontro para onde convergem produtores, mercadores e consumidores, o mercado oferece a quem dele se ocupa diferentes ângulos de uma cidade. Caracterizado como espaço de troca, o mercado é um convite ao movimento. Movimentos de corpos, transportes, produtos e valores. Sem dúvida elementos caros às políticas reguladoras e saneadoras.

Em relação aos mercados de Lisboa, sua história retrocede no tempo e tem sua origem nos mercados romanos e árabes dos conquistadores da Península. Como país de vocação marítima, o comércio via mercados sempre esteve presente na vida de seus habitantes e era o espaço de troca dos produtos vindos das conquistas ultramarinas.

Seus consumidores desciam das partes altas da cidade em direção aos mercados localizados nos portos e ali encontravam tudo para seu abastecimento: desde produtos de primeira necessidade como alimentos e roupa até objetos exóticos vindos de terras distantes, como os produtos vindos de África, Oriente e Brasil.

A passagem do tempo não alterou muito esta tradição que conciliava porto e mercados¹⁵⁴ e já no século XVI surge o Mercado da Ribeira Velha, que fornecia aos cidadãos inicialmente peixes, para em seguida também incluir a venda de frutas, hortaliças e até animais.

Em 1766, o mercado da ribeira de Lisboa foi transferido para a parte ocidental do Terreiro do Paço, e em alvará expedido em 1771 pelo próprio Marquês de Pombal ficou determinada toda a providência para seu funcionamento, sendo imediatamente chamado de Mercado da Ribeira Nova. Este mercado era inicialmente um quadrado de 132 telheiros e cabanas, tendo ao todo 256 bancas.

Em 1882, com um projeto de Ressano Garcia, o novo edifício do Mercado da Ribeira Nova ou também conhecido como Mercado 24 de Julho, era inaugurado. Tendo um espaço maior e considerado mais higiênico do que o anterior é descrito por Marina Tavares:

“(...) A construção, com estrutura de ferro, mantinha todas as bancas da praça dentro de portas, melhor dizendo, de oito imponentes portões gradeados. A coxia central era uma das novidades do novo edifício onde, pela primeira vez, ao longo do vasto corredor os vendedores dispunham de água em abundância. (...)”¹⁵⁵

Dos mercados cobertos estabelecidos pela cidade o mais antigo é o de Campo de Santa Clara, nas imediações da Feira da Ladra, concluído em 1877.

Outros mercados se sucederam a partir do segundo quartel do século XIX, quando a Companhia de Mercados e Edificações Urbanas foi criando edifícios com o objetivo de aglutinar bancas de vendas de produtos que estavam espalhadas por diferentes pontos da cidade. Dentre estes locais estavam as bancas estabelecidas diariamente no Rossio, Terreiro do Paço ou no Campo de Santana, onde se ofereciam hortaliças e frutas para os moradores da cidade.

¹⁵⁴ As informações referentes aos mercados de Lisboa foram extraídas de Dias, Maria Tavares. Lisboa Desaparecida. Lisboa. Quimera Editores, 1990, vol. 2

¹⁵⁵ Dias, Marina Tavares. Lisboa Desaparecida. Lisboa. Quimera Editores, 1990, vol. 2, pág. 143.

“(...) Servindo a parte ocidental de Lisboa, o Mercado de S. Bento abriu as portas a 1 de Janeiro de 1881. O edifício de ferro (...) possuía 29 lojas, todas de sobreloja, e 22 lugares centrais. Peixe, fruta, bebidas e toda espécie de víveres constituíam o recheio da praça, que servia as populações da zona do Rato, São Bento e Campolide. (...)”¹⁵⁶

Para os mais carentes, o abastecimento provinha do Mercado de Alcântara – área industrial à margem do Tejo. Situado entre as ruas de Alcântara e da Fábrica da Pólvora, e estava destinado à venda de gêneros alimentícios, plantas e flores.

É do mercado que saem as vendedoras de figos, melões, hortaliças e melancias de Benoliel (fotos nº A6361 e A3906, por exemplo), para abastecer as ruas de Lisboa e que são tão exaustivamente fotografadas no desempenho de suas funções. Saem sempre em grupos, para se dividirem mais adiante trazendo consigo sempre os filhos que as auxiliam nas vendas dos produtos da terra. Trabalho feminino, realizado em sua totalidade por mulheres e crianças.



Fotos do AFCML n. A6361 – Vendedoras de figo no Cais da Ribeira Nova

¹⁵⁶ Idem. Pág. 145.



Foto do AFCML n. A3906 – Vendedoras de hortaliças

Eram estas as mulheres, que com seu trabalho alimentavam a vida alfacinha e que tiravam daí a subsistência para suas famílias.

Alimentavam também uma produção literária e imagética sobre os viveres desta cidade debruçada sobre o mar. Poetas, literatos, cronistas, folcloristas sempre se encarregaram de descrever este trabalho feminino, com cores vibrantes. Olhadas como aguerridas, as mulheres de Lisboa, com seu apregoar típico desfilavam pelas ruas e traziam a quem quisesse os frutos de um trabalho duro: vendiam quase que tudo – de animais a frutas, legumes e hortaliças, peixes e doces, além de ajudarem no descarregamento de produtos que chegavam pelo mar como era o caso do carvão, do sal ou areia. Podiam também ser vistas às portas das fábricas esperando para descarregar cimento, tijolos, gesso ou outros materiais¹⁵⁷.

¹⁵⁷ Abel, Marília. “As profissões femininas na Lisboa Ribeirinha” In: II Colóquio Temático: Lisboa Ribeirinha, Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Património Cultural/Divisão de Arquivos, pág. 282.

Destes espaços onde o ritmo dos movimentos se iniciava já com os primeiros raios de luz, Benoiel indica-nos através de suas imagens que o trabalho demandava tempo e envolvia o trabalho de muitos. É o que podemos verificar das imagens nº A10556 e A5320. Nos dois casos, os clichês nos revelam uma visão muito particular deste cronista fotográfico, que é o trato com a multidão. Benoiel mostra-nos um espaço ocupado por consumidores vindos de todas as partes de Lisboa, produtores, em sua maioria saloios que vendiam seus produtos.



Foto do AFCML n. A10556 - Mercado



Foto do AFCML n. A5320 - Mercado

O ganho chegava através de diferentes produtos, como hortaliças (nº A3957); cebolas; peixes; figos, castanhas, entre outros, comercializados como já mencionado, não apenas nas praças dos mercados, mas também na venda ambulante pelas ruas e praças da cidade e representava em boa parte um trabalho de subsistência feminino.



Foto do AFCML n. A3957 – Vendedoras de hortaliças

Em todos os registros Benoliel procura o espaço da troca, o momento onde interesses se cruzam. De um lado o consumidor interessado em obter o que precisa a um bom preço. De outro lado, o comerciante que procurava fazer de seus produtos um bom negócio. É o caso do registro nº A1108, onde a rua é o espaço da troca, da negociação, ponto de encontro de diferentes interesses e possibilidades de realização de negócios.



Foto do AFCML n. A1108

Vozes pela cidade: pregões e seus pregoeiros

Do trabalho diário e vigoroso vinham os sons que enchiam as ruas de Lisboa: eram os pregões¹⁵⁸ típicos e identificadores de produtos e fornecedores que enchiam a cidade de musicalidade:

– *Ó freguesa, venha abaixo!* Este era o apregoar da varina que chamava com voz estridente seus compradores. As saloias convidavam seus clientes chamando atenção para os frutos que traziam às mãos:

– *Quem quer figos, quem quer merendar? Ó figuinhos de capa rota!...(…)*

Dos aguadeiros, conhecidos e podendo ser encontrados próximos de qualquer esquina ou chafariz vinham os sons que procuravam chamar a atenção ao seu trabalho gritando. Gritava pelas ruas o seu conhecido: *Aú... Aú...*

Dos arredores de Lisboa, vinham os alimentos frescos e os sons dos animais que comporiam as mesas alfacinhas. O chamado pelas ruas da cidade identificava à distância os produtos comercializados:

– *Galiiiiiii...nhas! Quem nas quer e com ovo?!*

– *Cá estão nabos, cenouras, tomates ou pepinos e tudo o que a horta dá!*

– *Os morangos são de Sintra! Olha o cabaz de morangos!*

– *Quem quer queijões e queijinhos frescos?*

– *Ó petroliiiiiine...Azeite doce e vinagre!*

– *Trin – ta reis de as-la-mim quem quer a-zei-to...nas no...vas?*

¹⁵⁸ Os pregões abaixo relacionados e em negrito foram extraídos de Dinis, Caldeiron. “Tipos e factos da Lisboa do meu tempo”. Lisboa, Editorial Notícias, s/ data, 2ª edição.

-Raparigas casadoiras, comprei pinhões do Manel, se querem ter boa pele!

-Ó rica amora da horta! Amoras frescas!...

-É da Vár-ze...a me-lan-ci-a à fa...ca!

Batendo à porta e trazendo diferentes produtos acompanhados por seus pregões, vinham o homem do ferro velho, o amolador ou o rendeiro (que vinham em sua maior parte de Espanha e comercializavam suas rendas para as vaidosas alfacinhas). Dos produtos acima mencionados temos alguns destes pregões:

-Rendeiro à porta! Rendeiro à porta!

-Fe.....rro ve...lho

-A ...moladôôôôôô...res! Cunxerta xapéus-de-xol e loixa de barro!

Não apenas os espanhóis povoavam as ruas com seus pregões típicos: havia os judeus, que vendiam tâmaras, ou os chineses que vendiam gravatas:

-Tâmaras, Tâmaras! Doce muit belo, mui bom!

-Tâmaras, tâmaras doces!

-Qui quer glavatas de lindas cores? Qui quer deixar de padecê reumatique?

Da Costa da Caparica, vinha a sardinha que era apregoada pelas ruas da seguinte forma:

- *Ó vi...va da Cos...ta*

Tais pregões ganhavam as ruas e também os mercados da cidade. Podiam ser ouvidos dentro ou fora de seus muros e tal como os mercados eram parte do abastecimento da vida urbana.

Martinho de Brederode, um provável colaborador da ILP descreve este som típico do apregoar e se concentra na figura da varina leiteira. Sua crônica assim a descreve:

*“(...) Lisboa de pregões sonora e linda,
Lisboa de pregões linda e sonora,
Frases cantantes de saudade infinda,
Vozes que a chama d’ alegria córa.*

*Os pregões de Lisboa – cantilena,
Notas confusas de pregões sem fim,
Alguns chorosos, trêmulos de pena,
Outros vibrando em notas de clarim.*

*Duas simples palavras sem enfeite
- Mas n’uma voz de tal suavidade! –
A adorável meiguice do “iá leite!”
Adorável de graça e de saudade.*

*Quem tão doce pregão cedo apregoa
N’ rua triste, quase sem ninguém?
É a varina, a leiteira de Lisboa,
De pés bem feitos, nús, pisando bem!*

*Como é graciosa e linda! .. E com que planta
Corre essas ruas de Lisboa inteira.
Tem raça grega – é neta d’ Atalanta,
Essa escultura viva, essa leiteira! (...)”¹⁵⁹*

¹⁵⁹ ILP. “Pregões de Lisboa: as Leiteiras”. 09/06/1913.

Mercadejando na Paulicéia

Com uma tradição que nem de longe se remonta no tempo como ocorre com os mercados portugueses, a instalação de mercados na Paulicéia é de origem bem mais recente. Ernani Silva Bruno nos dá conta de que o mais antigo seria o mercadinho de São João, localizado na baixa do Acu, e que teria sido edificado na época da Proclamação da República. Sua construção toda em ferro contrastava com o seu entorno: local onde só existiam, coqueiros e bambuais. Inaugurado em 1890 e destinado basicamente à venda de verduras, foi descrito como sendo um “(...) *edifício asseiado, bastante claro e com quartos espaçosos e arejados*”.¹⁶⁰

Quando a avenida São João foi aberta o mercadinho foi transferido para a rua Anhangabaú, embaixo do Viaduto Santa Ifigênia, mantendo como característica ainda a venda de frutas e verduras.

Jorge Americano nos relata sobre o que se oferecia aos consumidores nestas praças do mercado:

“(...) Havia frutas, cereais, legumes, verduras, lingüiças, frangos, tôda a pequena produção das chácaras dos arredores da cidade, e um setor de peixe, vindo de Santos. Nada de artigos que não fôssem comestíveis, a não ser as cestinhas e peneiras tecidas em taquara e os potes e moringas de barro. Nos comestíveis, bacalhau sêco, mas não produtos enlatados (...)”.¹⁶¹

A comercialização destes produtos seguia de perto as especificações legais que normatizavam o funcionamento destes estabelecimentos e que constavam no Código de Posturas de 1886. Entre outras regras o código rezava:

¹⁶⁰ Bruno, Ernani Silva. História e Tradições da cidade de São Paulo. Metrópole do café (1872-1918) e São Paulo de Agora (1918-1953). Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editôra. 1954, pág. 1143

¹⁶¹ Americano, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895-1915). São Paulo. Edi o Saraiva. 1957, pág. 109.

“(...) Art. 151 – Além da praça do mercado existente e que serve de centro á compra e venda de generos alimenticios, haverá a praça de verduras, onde unicamente é permitida a venda de legumes, fructas, etc., bem como outro qualquer comestivel (...)”¹⁶²

Além deste havia o Mercado Velho de São Paulo, construído em 1867, e que já possuía em 1873 trinta e três quartos, e era assim descrito por Carl Von Koseritz: *“(...) Faz muita falta ao rico São Paulo um mercado conveniente, porque o que existe são uns telheiros baixos, nas proximidades da ilha dos Amôres, em uma praça onde as vendedoras oferecem ao ar livre as suas mercadorias (...)”¹⁶³*

À sua frente, permaneciam algumas quitandas funcionando na rua das Casinhas, que deixaram de funcionar quando o Mercadinho do Acu foi inaugurado.

A cidade contava também com o Mercado do Largo da Concórdia, mais elegante, porém menos freqüentado. Construído em 1897, era um edificio quadrangular, tendo no centro um pátio com chafariz ladeado por casas de comércio. No depoimento de Alfredo Moreira Pinto era *“(...) Todo rodeado por duas galerias interiores, com o madeiramento em forma de xadrez, com quatro portas de entrada e quarenta e oito janelas, era em 1900 o mais elegante, embora o menos concorrido dos mercados de São Paulo (...)”¹⁶⁴*

Todo este investimento nestas edificações procurava atender de perto regulamentações previstas em lei, e que determinava entre outras coisas que tais estabelecimentos estariam sujeitos à Intendência de Polícia e Higiene e que tinham como principal objetivo servir de centro para a compra e venda de gêneros alimentícios. Sobre seus horários e formas de funcionamento somos informados:

¹⁶² Código de Posturas do Municipio de São Paulo, 1886, pág. 32.

¹⁶³ Bruno, Ernani Silva. História e Tradições da cidade de São Paulo. Metrópole do café (1872-1918) e São Paulo de Agora (1918-1953). Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editôra. 1954, pág. 1134.

¹⁶⁴ Idem. Pág. 1144.

“(…) Art. 2º - As praças de mercado abrir-se-ão diariamente ás 5 horas da manhã de 1º de outubro a 1º de abril, e ás 6 horas de 1º de abril a 1º de outubro, fechando-se ao anoitecer, com excepção dos domingos, em que estarão abertas até ao meio dia.

Art. 3º - Os quartos, compartimentos, barracas, bancas etc., serão alugados ás pessoas que nelles quizerem se localisar(…)

Art. 7º - A Intendencia de Policia e Hygiene poderá permitir que nas praças de mercado se faça o commercio, além dos generos alimenticios, de quaesquer outros de consumo da população, restringindo o quanto possivel o numero de estabelecimentos de armarinho, quinquilharias e outros congeneres, segundo a importancia e condição de cada mercado

Art. 8º - Fica prohibida a venda de generos nas praças de mercado fóra dos logares que lhes forem destinados.

Art. 9º - Nas praças de mercado, em tudo que se relacione com seu commercio e que possa interessar á saude publica, serão observadas as posturas codificadas e leis da Camara, de accôrdo com os actos e instrucções do Intendente de Policia e Hygiene.

Art. 15º - Os quitandeiros e mais pessoas que venderem fructas, hortaliças ou legumes, não o poderão fazer sentados ou parados nas ruas e praças da cidade, devendo para isso diirigir-se ás praças de mercado, sob pena de 5\$000 de multa e 2 dias de prisão (Lei provincial nº 4 de 7 de março de 1872, art. 28)

Art. 36 - Fica prohibido, nas praças de mercado, o ajuntamento de pessoas que não estejam comprando ou vendendo e que possam embaraçar o movimento regular de taes transacções(…)”¹⁶⁵

¹⁶⁵ Acto nº 11, de 23 de setembro de 1896. Coleção Actos e Decretos do Municipio, pág. 221.

Alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1907 um antigo edifício é demolido na rua Vinte e Cinco de Março para a construção de um novo mercado na cidade. “(...) *Este mercado ficava no fim da ladeira João Alfredo, com face também para a Vinte e Cinco de Março. Fronteiro e quase anexo a êle ficava o chamado mercado dos caipiras, sede de roceiros procedentes de Cotia, de Guarulhos, de Santo Amaro, de Itapeçerica, de Parnaíba, que expunham ali mercadorias como caximbos e panelas de barro e colheres de pau (...)*”¹⁶⁶.

Segundo Jorge Americano “(...) *Quem partisse do Largo do Tesouro, esquina da Rua 15 de Novembro, descendo pela Ladeira João Alfredo (hoje General Carneiro) encontraria lá em baixo, à direita, na esquina da Rua 25 de Março, o “Mercado Grande”.*

Era uma construção em pavilhões de alvenaria, cobertos de telhas coloniais, onde se encontrava tudo o que existia no “Mercadinho”.

Ao que parece o “mercadinho” sortia-se no “Mercado Grande”.

O “Mercado Grande” sortia-se diretamente das chácaras dos subúrbios à margem da “Central do Brasil”(...)”¹⁶⁷

Abastecidos pela área em torno da cidade, estes mercados contavam com o trabalho de diferentes chácaras que forneciam gêneros alimentícios diversos, em especial os hortifrutigranjeiros.

Uma outra categoria de mercados existia na cidade cumprindo funções diferentes dos acima descritos. Eram chamados mercados rurais. Em Acto nº 361 de Julho de 1910 obtemos informações sobre o funcionamento do mercado rural de Pinheiros:

“(...) Art. 1º - O mercado rural de Pinheiros, creado pela lei 1240, de 20 de setembro de 1909, abrir-se-á diariamente, ás 5 horas da manhã, de 1º de abril a 30 de setembro, fechando-se ao anoitecer, com excepção dos domingos, em que funcionará até o meio dia.

¹⁶⁶ Ibidem. Pág. 1144 e 1145

¹⁶⁷ Americano, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895-1915). São Paulo. Edição Saraiva. 1957, pág. 109.

Art. 2º - No referido mercado, além dos artigos de comercio dos tropeiros, será localizado o commercio de madeiras e mais materiaes de construcção, procedentes de Santo Amaro e outros logares, o qual actualmente é feito no largo Treze de Maio. (...)”¹⁶⁸

Procurando atentar para questões relativas ao abastecimento da cidade surgem as feiras – livres em 1914, ao mesmo tempo em que os mercados do Largo da Concórdia e o do Largo do Riachuelo já haviam sido desativados, e a câmara buscava formas de demolir o mercado do Anhangabaú.

Segundo Ernani Silva Bruno, “(...) *A primeira feira-livre realizada a título de experiência – e com comparecimento de vinte e seis feirantes – teve lugar no largo General Osório. A segunda se localizou no largo do Arouche, com a presença de cento e dezesseis mercadores. E a terceira no largo Morais e Barros. Em 1915 elas já eram sete, sendo duas no Arouche, duas no largo General Osório e as demais no largo Morais e Barros, no largo São Paulo e na rua São Domingos. (...)”¹⁶⁹*

O autor prossegue citando um cronista que comenta aspectos curiosos da feira do Arouche:

“(...) Há uma desordenada mistura de fôlhas sêcas, raízes, cascas de pau, frutas esquisitas e exóticas, figas de todos os tamanhos e côres, chifres de veado e de bode, unhas de cabra, couros de animais, pelos e uma infinidade de outras bugigangas milagrosas que servem para bruxarias e malefícios. (...)”¹⁷⁰

A tradição se manteve no tempo e no espaço e tornaram a venda de folhas e ervas em praças e feiras da cidade uma constante, fazendo conviver uma medicina popular com uma institucional que vende a cura nas farmácias estabelecidas pelas ruas de São Paulo. Tais feiras funcionavam na cidade assim distribuída:

¹⁶⁸ Acto nº 361, de 28 de Julho de 1910. Coleção Actos e Decretos do Municipio, pág. 101.

¹⁶⁹ Bruno, Ernani Silva. História e Tradições da cidade de São Paulo. Metrópole do café (1872-1918) e São Paulo de Agora (1918-1953). Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editôra. 1954, Pág. 1145.

¹⁷⁰ Idem. Pág. 1146.

Segundas – Feiras.....	Praça General Osório
Terças – Feiras.....	Praça Senador Moraes Barros
Quartas – Feiras.....	Praça São Paulo
Quintas – Feiras.....	Praça General Osório
Sextas – Feiras.....	Rua São Domingos
Sábados.....	Largo do Arouche ¹⁷¹

Todos estes centros de abastecimento na cidade, localizados em diferentes pontos trouxeram consigo a necessidade de se instituir meios de transportes que se encarregassem de escoar todas as mercadorias comercializadas. Assim, em 1915 a Prefeitura de São Paulo estabelecia um contrato de serviços para o transporte de cargas, mercadorias e passageiros com “The S. Paulo Traway Light and Power Company Limited”.

Alguns artigos deste contrato especificavam que:

“(...) Art. 6º - As cargas serão entregues em qualquer ponto das ruas por linhas de bondes
(...)

Art. 7º - Os carros destinados ao serviço de cargas só poderão transportar os passageiros que acompanharem as cargas, (...) custando ao passageiro cem réis (...)

Art. 8º - As cargas e passageiros para os Mercados Livres serão transportados nas seguintes condições:

a) Os mantimentos serão transportados em um carro aberto, que rebocará um outro de segunda classe para transporte de pessoas que despacharem mantimentos pelo carro aberto.

b) Pelo transporte de mantimentos de qualquer dos bairros (...) até aos Mercados Livres, serão cobrados duzentos réis por volume (...)

¹⁷¹ Tabela constante no Acto nº 717, de 23 de Setembro de 1914. Coleção Actos e Decretos do Municipio, pág. 154.

c) *Pelo transporte de passageiros, de qualquer dos bairros (...) para os Mercados Livres, serão cobrados cem réis por pessoa (...)*¹⁷²

Este transporte tinha como itinerários e horários a seguinte tabela¹⁷³:

Mercado livre do largo General Ozório.....Segundas e Quintas – feiras
Chegada á ladeira da Penha.....5.30 am
Partida da ladeira da Penha.....6.00 am
Chegada ao Mercado.....7.00 am
Partida do mercado (regresso).....11.10 am

Chegada a Pinheiros.....5.40 am
Partida do Pinheiros.....6.10 am
Chegada ao mercado.....6.50 am

Mercado livre do largo Senador Moraes Barros.....Terças – feiras
Chegada á ladeira da Penha.....6.00 am
Partida da ladeira da Penha.....6.25 am
Chegada ao mercado.....6.55 am
Partida do mercado (regresso).....11.10 am

Chegada a Pinheiros.....5.00 am
Partida dos Pinheiros.....5.25 am
Chegada ao mercado.....7.00 am

Mercado livre da praça de S. Paulo.....Quartas – feiras
Chegada á ladeira da Penha.....5.10 am
Partida da ladeira da Penha.....5.40 am

¹⁷² Acto nº 768, de 09/06/1915, pág. 135. Coleção Actos e Decretos do Municipio.

¹⁷³ Idem.

Chegada ao mercado (regresso).....	11.10 am
Chegada a Pinheiros.....	5.25 am
Partida dos Pinheiros.....	5.55 am
Chegada ao mercado.....	6.55 am

Mercado livre da rua São Domingos.....Sextas – feiras

Chegada á ladeira da Penha.....	4.40 am
Partida da ladeira da Penha.....	5.10 am
Chegada ao mercado.....	7.00 am
Partida do mercado (regresso).....	11.10 am

Chegada a Pinheiros.....	5.40 am
Partida dos Pinheiros.....	6.05 am
Chegada ao mercado.....	6.55 am

Mercado livre do largo do Arouche.....Sábados

Chegada á ladeira da Penha.....	5.20 am
Partida da ladeira da Penha.....	5.50 am
Chegada ao mercado.....	7.00 am
Partida do mercado (regresso).....	11.10 am

Chegada a Pinheiros.....	5.45 am
Partida dos Pinheiros.....	6.15 am
Chegada ao mercado.....	6.55 am

Os percursos como se verifica, saíam de dois pontos opostos da cidade e transportavam os passageiros às feiras–livres. Todos transitavam nas primeiras horas do dia até cerca de meio-dia. Os percursos eram longos, levando aproximadamente uma hora para chegar aos seus destinos.

Os itens transportados envolviam uma lista de produtos de toda a natureza e nos permitem conhecer um pouco do que circulava como mercadoria e que eram comercializados nos mercados da cidade. Conforme tabela abaixo discriminada podemos não só verificar os tipos de produtos que eram transportados, como também os custos que representavam para os que dele faziam uso.

Artigos.....	Preços
<i>Amarrados para uso doméstico, até 15 quilos.....</i>	<i>\$100</i>
Amarrados para uso industrial, até 25 quilos.....	\$200
Amarrados para uso industrial, até 75 quilos.....	\$600
<i>Barricas vazias, pequenas.....</i>	<i>\$100</i>
Barricas c/ líquidos ou comestíveis, até 40 quilos.....	\$200
Barricas com líquidos ou comestíveis, até 80 quilos.....	\$400
Barricas com líquidos ou comestíveis, até 100 quilos.....	2\$000
Banheiras de zinco grandes.....	\$800
Biciclétas.....	\$300
Caixas com sêcos até 25 quilos.....	\$100
Caixas com sêcos até 100 quilos.....	1\$000
Caixas com garrafas ou vidros até 25 quilos.....	\$200
Caixas com garrafas ou vidros até 100 quilos.....	1\$500
Caixas de mascate, pequenas.....	\$600
Caixas de mascate, grandes.....	1\$000
Caixas de dôces.....	\$300
Cestos até 25 quilos.....	\$100
Cestos até 50 quilos.....	\$200
Cama grande.....	\$800
Carinhos de mão, pequenos.....	\$600
Carrinhos de mão, grandes.....	1\$000

Cabra, carneiro, cão.....	\$500
Carne (em saco).....	\$300
Embrulho ou pacotes até 15 quilos.....	\$100
Fardo pequeno.....	\$600
Fardo grande.....	\$800
Feixe de canas.....	\$300
Gaiolas com ou sem pássaros, pequenas.....	\$200
Gaiolas com ou sem pássaros, grandes.....	\$300
Galinhas, cada uma.....	\$100
Garrafão.....	\$100
Gramofone.....	\$300
Jacá ¹⁷⁴ com aves, grande.....	\$200
Jacá com aves, pequeno.....	\$100
Jacá com leitão, grande.....	\$300
Jacá com leitão, pequeno.....	\$200
Jacá com legumes.....	\$200
Jacá com toucinho.....	\$500
Lata pequena.....	\$600
Lata grande.....	1\$000
Lata de confeitaria, pequena.....	\$800
Lata de confeitaria, grande.....	1\$200
Lata de banha.....	\$200
Lata de querozene, oleo ou tinta.....	\$200
Lata com leite.....	\$200
Máquina de costura, com pedal.....	\$700
Máquina de escrever.....	\$300
Mesa grande.....	1\$500
Mesa pequena.....	\$800
Malas ou baús.....	\$400
Motocicléta.....	\$60

¹⁷⁴ Cesto grande de vime para transporte.

Peru ou pato.....	\$100
Porco.....	\$50
Papagaio.....	\$200
Piano.....	3\$000
Pá, cada uma.....	\$100
Panelas, cada uma.....	\$100
Relógio de parêde.....	\$300
Roda de carro.....	\$600
Realejo.....	\$600
Sacos com cereais até 80 quilos.....	\$200
Sacos com cereais até 100 quilos.....	\$400
Sacos com miudezas até 25 quilos.....	\$100
Sacos com miudezas até 50 quilos.....	\$200
Sacos com garrafas ou vidros até 25 quilos.....	\$200
Sacos em amarrados, pequenos.....	\$100
Sacos em amarrados, grandes.....	\$200
Saco com carvão.....	\$400
Sorveteira.....	\$300
Trouxa de roupa.....	\$200
Taboleiro ou cesto com roupa, grande.....	\$600
Taboleiro ou cesto com roupa, pequena.....	\$300
Telefone (aparelho).....	\$200
Tacho pequeno.....	\$300
Tacho grande.....	\$400
Tina com flôres, pequena.....	\$300
Tina com bacalháu.....	\$300
Vassouras, cada uma.....	\$100
Zinco (telhas de), uma.....	\$200

Têm-se com isso, que o caráter de fornecedor e centralizador de gêneros alimentícios dos mercados e feiras-livres da cidade gerou no decorrer do tempo diferentes problemas

intimamente relacionados a aspectos sanitários e que acabaram sendo largamente discutidos em diferentes instâncias como veremos a seguir.

Mercado & regulação: controle de fluxos

Símbolo de vida, circulação, movimento, portador de diferentes cores, odores e sabores os mercados traziam para o cotidiano da cidade a multiplicidade de vida ao mesmo tempo em que se relacionava com o seu contrário. Frutos hoje viçosos e perfumados teriam no dia posterior as cores e o odor da putrefação. Fonte de riscos e de preocupações higiênicas.

As acusações contra os mercados tão festejados quando inaugurados, eram muitas e podiam ser lidas na imprensa, em relatórios sanitários ou mesmo em documentações oficiais dirigidas às Câmaras Municipais, tanto em São Paulo quanto em Lisboa.

É o caso da correspondência da Associação Comercial, dirigida à Câmara Municipal de Lisboa contra o mercado da Praça da Figueira:

“(...) Aquele estabelecimento geralmente considerado como principal mercado de Lisboa, (...) não corresponde cabalmente as indispensáveis exigências da salubridade e do conforto, pois que tem as entradas obstruídas com taboleiros de quinquilharias; os passeios tomados com canastras e caixotes; as ruas transversaes esburacadas com grandes poças de d’agua; alguns lugares de aves bastante faltos de aceio e misturados quinquilheiros e adelos com vendedores de generos e de flores, sendo essa promiscuidade não só desagradavel mas imprópria dum recinto destinado especialmente a comestíveis (...)”¹⁷⁵

As atenções neste caso voltavam-se para aspectos higiênicos e de distribuição do espaço no interior do mercado, com uma ênfase maior na quantidade de vendedores e de produtos dispostos sem organização e limpeza.

Manoel Gonçalves, Delegado de Saúde ao inspecionar um outro mercado em Lisboa, dirige seu relatório ao Presidente da Câmara Municipal nos seguintes termos:

¹⁷⁵ Ofício dirigido à CML em 14/01/1907.

“(...) Pelo que respeita às condições hygienicas do mercado, mais uma vez chamo atenção de V. Ex^a para o estado de nenhuma limpeza em que se encontram aqueles locais. Ha ali valeta que só são limpas duas vezes por semana, ha peixe deitado para os terrenos da Companhia dos Caminhos de Ferro, ha depositos de lixo e de peixe que se ancotôam na frente do barracão de lavagem, fazendo represar as aguas sujas as quaes, em vez de removidas logo que acaba o mercado, ficam para o dia seguinte com todos os inconvenientes desnecessarios de apontar(...)”¹⁷⁶

A situação de venda de peixes e hortaliças era sempre apontada como as mais críticas nos diferentes mercados. A tônica sempre girando em torno da questão da água e dos locais onde estes eram oferecidos ao consumidor. Diferentes officios enviados à Delegação de Saúde abordavam este assunto. Um destes officios tratava da questão do reaproveitamento do gelo utilizado na conservação do peixe e o rastro de descaso para assuntos ligados à higiene. O officio redigido pelo então Delegado de Saúde Manuel Gonçalves e dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Lisboa rezava:

“(...) Informa o subdelegado de saude da 13^a circumscripção sanitaria que, no mercado do peixe, é costume aproveitar-se, para revender, o gelo servido nas canastras que transportam o peixe dos barcos para a lota. Esse gelo, bastante conspurcado por contactos com pavimento e valetas do mercado, sempre em pessimas condições de limpeza, volta assim a ser empregado na conservação do peixe dos revendedores, quer em domicilio quer nas remessas para a provincia. (...)”¹⁷⁷

Em um outro officio, a questão tratada era o problema da utilização dos quartos de venda como moradia, no Mercado de Belém, além das condições de venda dos produtos em especial as hortaliças. O officio segue nas seguintes palavras:

¹⁷⁶ Officio n° 388, de 22/07/1911.

¹⁷⁷ Officio dirigido à Camara Municipal de Lisboa em 15/05/1912.

“(...) Informa o subdelegado de saude da 7ª circumscripção sanitaria que uma grande parte dos logares de venda, no mercado de Belem, teem sotãos e casas de habitação, mas estas sem chaminés nem pias, dando logar a que os locatarios procedam contra preceitos hygienicos e contra as posturas municipaes, cosinhando em fogareiros e fazendo o despejo dos seus dejectos nos ralos do proprio mercado.

Mais me informa o referido sudelegado, ainda relativamente ao mercado de Belem: que tanto a hortaliça e fructas como o peixe são expostos ao chão, ficando as bancadas, e ha-as de sobejo, desoccupadas, com prejuizo da hygiene e dos interesses camararios; que os moradores dos logares lavam suas roupas sujas, em celbas, e a qualquer hora, dentro do recinto do mercado; que as gallinbeiras teem a criação á solta; que a limpeza dos logares deixa muito a desejar. (...)”¹⁷⁸

O ofício, redigido como forma de denúncia nos permite perceber uma indefinição de uso nos espaços do mercado, já que além de ponto de venda este também surgia como uma forma de aglomeração de moradias, onde vida privada confundia-se com uma vida pública. Os limites eram tênues e muitas vezes se sobrepunham, deixando aos expectadores a impressão de que tudo era apenas uma única coisa. Águas servidas para esgoto ou para a limpeza de roupas sujas eram as mesmas que serviam as bancadas para a venda de hortifrutigranjeiros.

Esta situação de uma política ostensiva contra os mercados não se limitava ao caso de Lisboa. São Paulo também tinha seus problemas e as discussões em torno destes surgiam em diferentes instâncias.

Profundamente criticados anos após suas instalações pela cidade, os mercados em São Paulo, encontravam principalmente por parte das autoridades insistência em tentá-los banir da cena urbana. É por exemplo o caso do discurso proferido pelo vereador Luciano Gualberto na Câmara do Município, em sessão de abril de 1920:

¹⁷⁸ Ofício dirigido a Camara Municipal de Lisboa em 07/08/1912.

“(...) Matadouro Municipal, (...) não passa de um factor de miasmas, de um fóco de pestilencias, em cujas vizinhanças, ao se passar, leva-se naturalmente, o lenço ao nariz, na protecção instinctiva dos pitritas. (...)

Há, porém, ao lado deste monstrengo, outro ainda peor e também digno de alguma picareta modernizadora ou, mesmo, de algum bonde piedoso e demolidor da benemerita Companhia Light, que descarrillasse, indo-lhe de encontro. (...)

Refiro-me tambem ao mercado municipal da rua 25 de Março, que, junto ao Matadouro de igual nome, constitue a liga a favor da tuberculose (riso) e de outras affecções de S. Paulo.(...)

Abortos e mostrengos, como o matadouro e o mercado, só podem merecer uma medida: - o seu arrazamento e sua reconstrução, de accôrdo com as regras do que de moderno há na mais moderna hygiene.(...)

Edificio sem conforto e acanhado, onde as regras de hygiene não entram, nem sequer em nome, vêem-se no seu bojo todos os absurdos concebiveis e inconcebiveis: - flores misturadas com carnes verdes, productos de lacticinios casados a fructos...Isto na parte moderna (!) e na parte antiga, ao lado de verdadeiros pantanos de aguas mortas e esverdeadas, peixes, que, vindo de Santos, deixam, após a sua venda, um fetido que attrae sobre os seus tectos a turba multa de corvos esfomeados. Paredes rotas e derruindo, paredes de metro e pouco de altura; tectos esborcinados, que se tocam com as mãos, pois distam tão pouco do solo.(...)”¹⁷⁹

O Mercado da Rua 25 de Março em São Paulo, passa a ser acusado de toda forma de crimes contra a hygiene e é identificado principalmente pelas más condições das instalações e pelo odor que dele provém. O vereador se detém em diferentes aspectos ligados à salubridade como ventilação, construção e distribuição dos espaços, além das águas que o servem. Sua proposta é clara: só sua destruição completa resolveria tantos problemas.

¹⁷⁹ Sessão na Câmara do Município em abril de 1920. Coleção Actos e Decretos do Município

Cinco anos mais tarde, já em 1925 os mercados ainda se apresentavam como pauta de discussão em discursos proferidos na Câmara Municipal. Comentando sobre o chamado mercado dos caipiras o vereador Julio Silva dizia:

“(...) o mercado caipira é tão ordinario como o mercado de verduras. O local é pequeno, sem água, sem o menor conforto de hygiene... Dizem que é calçado de parallelepipedos. Diriamos melhor “cacos de parallelepipedos”...O lamaçal existente é horrivel, emfim, é um mercado que não devia existir na terceira cidade da America do Sul. (...) si o meu nobre collega fôr até o mercado, não suportará o ar pestilento que de lá emana. (...)”¹⁸⁰

E em sessão posterior, temos o mesmo vereador prosseguindo com suas descrições sobre o mercado municipal a partir de uma visita que fez a convite de uma comissão de comerciantes do mercado, que pretendiam mostrar as origens de suas reclamações junto à Prefeitura e ao administrador do mercado:

“(...) Entrei no mercado pelo portão do lado esquerdo, e qual foi a minha surpresa ao observar, desde logo, um verdadeiro lago de materias provindas dos exgottos das duas unicas privadas ali existentes! É tal o mau cheiro que dahi se desprende que, mesmo á grande distancia, é insupportavel.

Accresce mais, sr. Presidente, que, por sobre essa poça, existem algumas barracas, feitas a expensas dos negociantes, as quaes permanecem immundas, devido ao estado em que se encontra o local.

As verduras nesse mercado são atiradas a esmo, por cima até de estercos e são depositadas também sobre os escrementos que cobrem o solo (...)

O seu piso é lastimavel e para a sua cobertura foram aproveitadas as telhas que existiam no antigo mercado. (...) o piso do mercado esta abaixo do meio - fio, mais de

¹⁸⁰ Sessão na Câmara do Município em maio de 1925. Coleção Actos e Decretos do Município

um palmo: de sorte que, na ocasião das chuvas, a água ali se acumula. E parece incrível, que esse é o lugar escolhido para depósito de verduras, que, confundindo-se com o lodo, às vezes, difficilmente delle se distinguem!

Succede ainda, (...) que, em todo o mercado existe apenas uma torneira e esta installada onde? – Na privada...(…) essa unica torneira existente no mercado fornece água ás gottas.

Quanto ás installações sanitárias, são ellas quasi primitivas. Há duas privadas, uma munica de porta e outra sem porta (...)

(...) completa é a ausência de luz, acanhado o espaço destinado ás mercadorias, absoluta a falta de hygiene.

As verduras destinadas á venda são transportadas para o mercado, durante a madrugada. A essa hora, é lugubre o aspecto daquelle local: escuridão completa, muros quasi em ruina – e isso ao lado de montões de lixo, por todos os cantos, donde, por vezes, se despreendem fogos fatuos(...)”.

Diante de tantos problemas de ordem sanitária, o vereador encerra sua fala com um convite: *“(…) Parece-me, sr. Presidente, que a Prefeitura e o illustre sr. Director do Serviço Sanitario, o dr. Geraldo de Paula Sousa, precisam, quanto antes voltar suas vistas para aquelles sitios (...)*”¹⁸¹

Não sabemos se de fato foi uma resposta a tal convite, ou uma preocupação anterior presente na vida de Paula Souza, mas o que de concreto temos é uma série bastante significativa de registros fotográficos dos mercados e feiras da cidade.

O mercado no olhar deste médico sanitarista é um local para onde convergem diferentes personagens da vida urbana. Ali estão os mercadores ambulantes de frutas, verduras,

¹⁸¹ Idem.

hortaliças, que com seus cestos de vime, carroças puxadas à mão ou por animais de carga transportam seus produtos a diferentes pontos de venda. No espaço do mercado, homens, mulheres e crianças (meninos em sua maioria) distribuem-se em diferentes funções e os que de nada se ocupam inquirem com seu olhar o cronista fotográfico (fotos nº 38 e 39).



Foto n. 38 – Mercado da Rua 25 de Março em São Paulo (Coleção Paula Souza)



Foto n. 39 – Mercado da Rua 25 de Março em São Paulo – (Coleção Paula Souza)

No interior do mercado o abacaxi é vendido em clima de festa sob um telhado pequeno por onde entra a única luminosidade do local (foto nº 42). Lado a lado estes comerciantes partilham dos mesmos problemas e dificuldades para a manutenção de suas existências.



Foto n. 42 – Mercado da Rua 25 de Março em São Paulo (Coleção Paula Souza)

Espaço irregular, de piso em desnível calçado por paralelepípedos em espaços completamente descobertos são documentados através do registro de Paula Souza, e indicam ao fundo os locais destinados ao estacionamento de carroças que cumprem as tarefas de carga e descarga (foto nº 37 e 41). Talvez seja este o espaço descrito pelo vereador como sendo àquele que ficava cheio de poças d'água e onde o lamaçal dificultava discernir o lodo da chuva e as verduras que nele eram espalhadas.

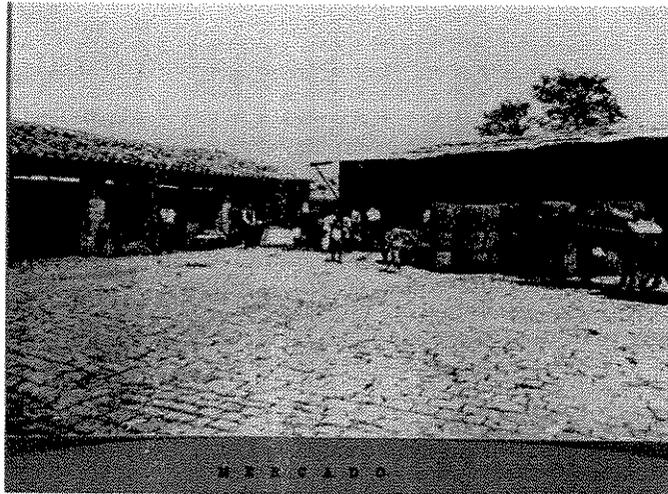


Foto n. 37 – Mercado da Rua 25 de Março em São Paulo (Coleção Paula Souza)

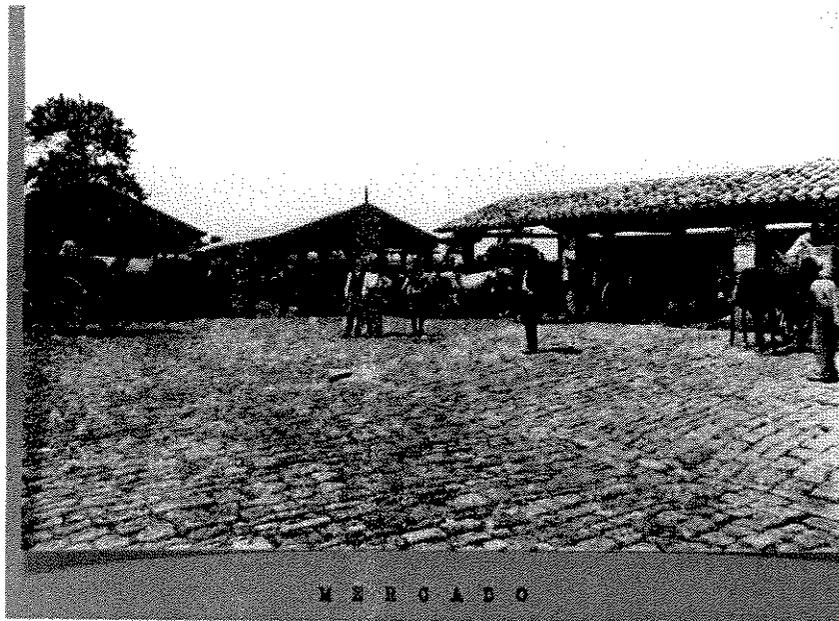


Foto n. 41 – Mercado da Rua 25 de Março em São Paulo (Coleção Paula Souza)

Como todos os estabelecimentos os mercados também possuem suas entradas. Nelas encontramos diferentes personagens e que poderiam ser classificados em algumas categorias: há àqueles que aguardam uma oportunidade de compra e venda de produtos, ou simplesmente coloca-se à margem quer como consumidores eventuais, quer como meros espectadores. Fora deste espaço também encontramos diferentes transportes contendo produtos comercializados ou não no interior do mercado. Os registros fotográficos revelam este trânsito de pessoas, bens e mercadorias e de alguma forma nos mostram o movimento

existente dentro de suas portas. O registro casual, não possui por objetivo captá-las, mas sim mostrar as instalações existentes e o tipo de comércio praticado.

São também às portas do mercado que todos os produtos rejeitados ou não consumidos são levados como lixo, e aguardam o momento oportuno para ser transportado para longe (foto nº 40). No caso deste registro – e que será melhor aprofundado em outro capítulo, a questão dos resíduos mostra uma profunda preocupação com uma legislação em vigor sobre os destinos do lixo e seu transporte pela cidade.



Foto n. 40 – Mercado em São Paulo (Coleção Paula Souza)

O espaço externo do mercado é mostrado por Paula Souza e parece nos indicar qual é a fachada deste centro abastecedor (foto nº 36). Sua entrada parece estreita e tem seus muros ruídos pelo tempo e pelo descaso, ao longe se observa os quartos de venda de produtos, muitos com os telhados feitos em retalhos, indicando uma constante improvisação contra as intempéries do tempo.

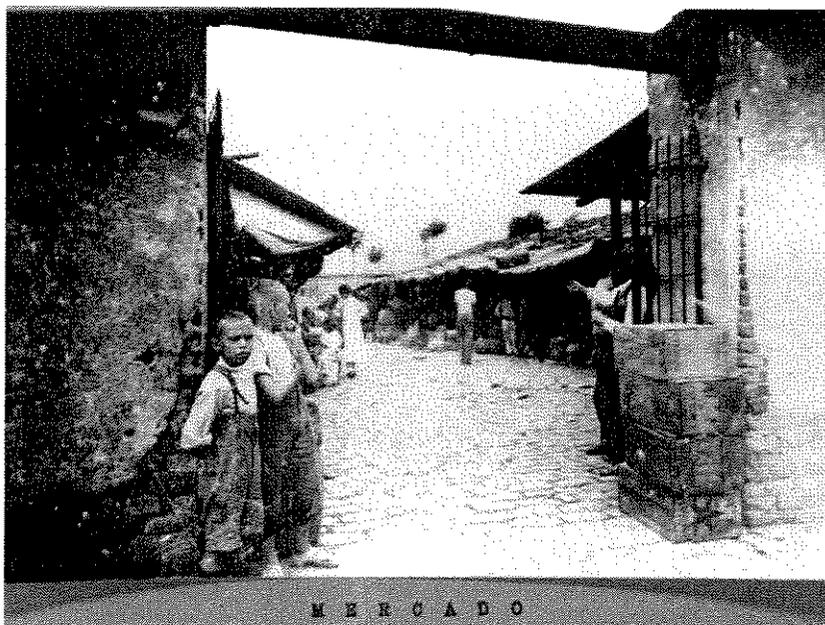


Foto n. 36 – Mercado da Rua 25 de Março em São Paulo (Coleção Paula Souza)

Não apenas o mercado, mas as feiras-livres tiveram a atenção de Paula Souza, onde sua preocupação volta-se para a organização destas pelas ruas da cidade. O registro tomado desta feita se refere à praticada na Avenida Tiradentes e mostra um detalhe das bancas em que se comercializavam produtos secos e molhados (foto nº 44)



Foto n. 44 – Feira-livre em São Paulo (Coleção Paula Souza)

Os registros, como ocorre com outras séries deste fotógrafo revelam fortes preocupações sanitárias documentadas através do registro fotográfico e provavelmente serviam de *prova*¹⁸² para seus estudos sobre a aplicação de leis sanitárias ao espaço urbano.

¹⁸² O sentido aqui da palavra é o sentido que lhe atribuíam nas expedições sanitárias e não representam um juízo de valor da autora.

Inspeção e polícia sanitária

Os serviços de inspeção sanitária instituída na capital tinham entre suas principais atribuições visitas periódicas a estes estabelecimentos. Denominados pela municipalidade como guardas-fiscais, tinham entre outras obrigações toda a fiscalização que envolvesse a limpeza pública e particular, construção e alargamento de passeios, aterros, fiscalização da caça e comércio respectivo, apreensão de cães soltos; intimação para extinção de formigueiros e capinzais. Além destas atribuições e diretamente relacionado aos aspectos sanitários envolvidos na comercialização de produtos pela cidade, a lei municipal instituía que tais funcionários deveriam visitar:

“(...)g) casas de quitanda, hoteis, estalagens, cortiços, botequins, padarias, confeitarias, armazens de víveres e bebidas, fábrica de produtos alimentícios, cortumes, depositos e fabricas de sabão, oleos, adubos, torrefações de café, etc., para que sejam regularmente denunciadas e punidas as infracções dos preceitos sanitarios;

Além de realizar:

h) a fiscalização do commercio de carnes, nos açougues e em outros logares permitidos.

i) o exame de genero dos expostos á venda, a apreensão dos que devam ser submetidos á analyse e a inutilização dos deteriorados e imprestaveis;

j) a verificação das marcas de vaccas de leite, pelas respectivas cadernetas, e o exame desse liquido, para que não seja vendido com alteração ou mistura prejudicial á saude;

o) a fiscalização do serviço de desembarque de suínos nas estações das estradas de ferro, de modo a serem conduzidos pela cidade em vehiculos apropriados(...)¹⁸³

O alcance de tais medidas acabou por colocar em relevância uma forma de polícia sanitária, onde se procurava exercer um controle médico sobre a população, através de medidas punitivas e às vezes coercitivas, envolvendo todos os aspectos da organização social e

¹⁸³ Acto nº 362, de 30/07/1910, pág. 103 e 104. Coleção Actos e Decretos do Municipio.

espacial. Neste sentido, buscava-se controlar aspectos relacionados à alimentação, habitação, circulação, produção e destino de lixos e outros resíduos, destinos das águas e esgotos, entre outros, tendo na figura do inspetor sanitário seu principal responsável e executor.

A primeira reforma sanitária ocorre no ano de 1896 e mantém mais ou menos a mesma estrutura até a reforma de 1917/18. Segundo esta reforma, “(...) *O serviço sanitário continuou definido como municipal e estadual, e o estado dividido em três zonas (Capital, Santos e Campinas: o restante dos municípios), subdivididas em 30 distritos. A cada um destes distritos coube um inspetor sanitário (...) A reforma administrativa de 1896 detalhou (...) o exercício das profissões na área de saúde, a atividade industrial, o saneamento urbano, a fiscalização dos alimentos, a limpeza pública e privada, e o funcionamento dos hospitais, entre outros, que permaneceram em suas linhas gerais até (...) 1918. (...)*”¹⁸⁴

Alguns anos mais tarde, em 1906 um decreto estadual dispunha sobre a divisão destes distritos e o papel dos inspetores sanitários. Segundo este decreto, os distritos sanitários do Estado passariam a estar dividido em 14, com treze subdivisões para o distrito que compreendia a capital e quatro subdivisões para o 2º distrito que compreendia a cidade de Santos, para o 3º distrito haveria duas subdivisões: cidade de Campinas e Santa Bárbara.

As circunscrições em que estava subdividido o 1º distrito, que era o da capital, incluía entre outras as seguintes regiões: Norte da Sé; Sul da Sé e Vila Mariana; Brás; Belenzinho, Penha e São Miguel; Consolação; Santa Efigênia e Santana; Santa Cecília e Freguesia do Ó; e demais municípios do distrito¹⁸⁵.

No mesmo decreto, as atribuições dos inspetores sanitários ficavam bem claras, e determinavam que cada distrito teria seu inspetor sanitário e dentre os poderes que lhe eram concedidos na atribuição de suas funções estavam:

¹⁸⁴ Talarolli Neto, Rodolpho. Poder e Saúde. As epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo. São Paulo. Unesp, 1996, pág. 209.

¹⁸⁵ Decreto nº 1343, de 27/01/1906, pág. 5-7. Coleção Actos do Poder Executivo.

“(...) Art. 21 – (...) auctoridade e competencia para fazer cumprir as disposições das leis sanitárias e respectivos regulamentos, expedindo intimações, applicando multas e tomando quaesquer outras providencias necessarias (...)”

Art. 22 – Incumbe aos inspetores sanitarios:

§ 1º - O serviço diario de policia sanitaria e vigilancia medica.(...)»¹⁸⁶

Este serviço de policia sanitária incluía entre outras prerrogativas todos os trabalhos envolvendo fiscalização, desinfecção e remoção de doentes com doenças transmissíveis; extinção de focos epidêmicos; trabalhos de profilaxia às doenças, incluindo-se aí vacinação, e controle de medidas higiênicas pessoais e domésticas, e no que se refere ao aspecto que nos interessa no momento: a alimentação pública.

“(...) § 11 – Fiscalizar a alimentação pública, inspecionando as fábricas, padarias, refinações, torrefações e as casas commerciaes que expõem á venda generos alimenticios e bebidas nacionaes e estrangeiras e fazendo as necessarias apprehensões. (...)»¹⁸⁷

Tais serviços de ordem municipal e estadual contribuía para que houvesse uma política que se propunha vigilante e procurava alcançar todos os aspectos da vida urbana. Deste modo, a constante supervisão dos estabelecimentos de gêneros alimentícios indicou um número muito grande de falsificações nos alimentos consumidos pela cidade.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Ibidem.

Os envenenadores do povo

Diferentes produtos são citados como sendo alvo de falsificações, sendo os mais visados para fraudes: o leite, a cerveja, a farinha de trigo, os sorvetes, entre outros produtos.

Da constatação de diferentes fraudes, a Câmara em sessão no ano de 1920 indicava a necessidade de se intensificar a repressão às fraudes no preparo e venda de gêneros alimentícios incluindo-se mercados e feiras-livres. Em defesa desta proposta o médico e também vereador Luciano Gualberto comentava sobre as doenças provocadas pela contaminação de produtos alimentícios:

“(...) Como é sabido, em S. Paulo temos actualmente uma epidemia calamitosa de appendicite, bem como de intero-colite, colite e gastro-interite, tudo devido não só a falta de fiscalização dos generos de primeira necessidade, como também á má conservação desses generos, inclusive para a alimentação infantil, do leite, que em S. Paulo é pessimo. (...)”

Prosseguindo, o médico relata uma das muitas formas de falsificação praticadas na cidade:

“(...) Um senhor, entrando numa marmoraria, viu que lá se fazia moagem de marmore; e, (...) perguntou ao dono qual o fim a que se destinava esse pó de marmore. A resposta foi que elle se destinava ás padarias da capital, que, assim, augmentavam o peso do pão. (...)”

(...) Mesmo os que, como nós outros, usam bons assucares, têm oportunidade de encontrar pós extranhos nelles, assim como na farinha de trigo, como kaolim, areias, etc., (...)”¹⁸⁸

¹⁸⁸ Indicação nº 201, de 1920, pág. 280. Coleção Actos e Decretos do Municipio.

Os itens de contaminação eram muitos e variados e distribuía-se nos principais alimentos consumidos diariamente. Ao leite, por exemplo, teria sido constatada a presença de bicarbonato de sódio e miolo de vitelas misturadas ao líquido¹⁸⁹.

A imprensa também registrava inúmeras denúncias sobre as falsificações, levando, por exemplo “*A Rolha*”¹⁹⁰ a publicar uma série de artigos, acompanhadas sempre com bastante humor por charges e caricaturas. Um destes artigos citava um dos tipos de falsificação envolvendo o azeite de oliva:

*“(...) publicamos sobre os falsificadores dos azeites italianos pelas Industrias Reunidas F. Matarazzo e outros gananciosos industriaes e negociantes. (...) Amanhã outros jornaes nos secundarão na nossa utilissima campanha, abrindo os olhos aos consumidores, e então os grandes falsificadores ver-se-ão obrigados a acabar com o comercio criminoso e aladroadado que os está enriquecendo. Si quizerem vendam o azeite que produzem com a verdadeira denominação, de oleo de caroço de algodão ou oleo de sementes, e pelo seu justo valor, e cessem com a monstruosa exploração que fazem vendendo, como “Puro Olio d’Oliva”, os azeites baratos que extrabaem dos amendoins, caroços de algodão e da mamona (...)”*¹⁹¹

Além desta falsificação, outras são citadas pela mesma publicação. Em um artigo de capa intitulado “*Os envenenadores do povo*”, os articulistas listam a infinidade de falsificações ocorridas pela cidade. Um breve olhar nos permite verificar que as falsificações pareciam multiplicar e proliferar sem quaisquer medidas coercitivas, visando inibir ou punir responsabilidades. Muitas delas chegando a verdadeiros absurdos, como misturar areia ao açúcar, milho e palha ao café, bebidas com plantas e minerais nocivos para alterar-lhe a cor ou a consistência:

¹⁸⁹ Ribeiro, Maria Alice Rosa. “História sem fim...Um inventário da Saúde Pública. São Paulo 1880 – 1930”. Tese de Doutorado/Unicamp, 1991, pág. 133.

¹⁹⁰ Revista Ilustrada publicada em São Paulo

¹⁹¹ A Rolha. “Fraudes e Falsificações – Echos de nossa campanha”, de 02.04.1918.

“(...) São ladrões. Peior: são assassinos. Roubam o povo quando misturam agua ao vinho, ao leite, á banha: quando adicionado margarina á manteiga, areia ao assucar, kaolim ao trigo, palha e milho ao café; quando impingem oleo de caroço de algodão como puro azeite de oliveiras: quando vendem fructas verdes ou apodrecidas, ovos chocos, carne deteriorada, arroz mofado, feijão e milho com caruncho; quando usam medidas viciosas; quando, emfim, não vendem, pelo preço que ajustarem, a mercadoria que dizem vender. Envenenam-no ao fabricar cervejas, vinhos e licores com plantas e mineraes nocivos á saude; ao juntar aos generos alimenticios, para augmentar-lhe o volume e o peso, corpos extranhos que vão atacar estomago, o figado, os rins, os intestinos; ao falsificar drogas e medicamentos, nacionaes e estrangeiros; ao praticar todas as conhecidas fraudes que deviam tornal-os réos de policia e entretanto fazem delles millionarios e titulares.

Aos poderes publicos essa vil gente devia merecer attenção por tres motivos. Um, directamente financeiro: a Fazenda Nacional é por elles lesada em quantiosas sommas; dahi a necessidade da intervênção dos agentes fiscaes do imposto do consumo. Outro, criminal: o Codigo Penal commina penas contra os adulteradores e falsificadores; dahi caber a acção repressiva da policia e, depois, da justiça. O terceiro, da saude pública, gravemente ameaçada; dahi deverem estar attentas as repartições de bygiene, pelos seus delegados e inspectores.

Entretanto, elles triumpham. Montam por abi, em todos os cantos, as fabricas da fraude e as usinas da morte. Falsificam de tudo, com ostentação, annunciando nos jornaes. Vendem sem disfarces as suas misturas e as suas beberagens. Realizam negocios polpudos. Enriquecem. E quando pensamos que, acicatados pela imprensa e pelas associações commerciaes, lhes vão cabir em cima os agentes fiscaes do imposto de consumo, a policia e justiça os delegados e inspectores do Serviço Sanitário, - eil-os que surgem, victoriosos, orantes, dominadores, adornados de adjetivos na imprensa, de commentadas no peito e de coroas noviliarchicas na cabbeça! Em vez de multa, do carcere e da infamação publica, - as homenagens da sociedade, nesse ponto legitimamente americana, com a theoria de que só ha uma nobreza, a dos plutocratas.

Estamos reduzidos á adoração de o Bezerra de Ouro, embora produzido pela alchimia do Braz e do Bom Retiro.(...)»¹⁹²

As contaminações podiam ser ainda encontradas nas banhas de porco e nos sorvetes. No caso da primeira, chegava-se a acrescentar a cada quilo de banha, 300 gramas de água¹⁹³. No caso dos sorvetes, as falsificações mereceram estudo acadêmico resultando em uma tese de doutorado¹⁹⁴. Isto porque, enquanto alimento o sorvete era um dos que ofereciam maiores condições e elementos a se falsificar. Segundo estudos no período, se poderia usar leite contaminado por substâncias diversas, como: ovos e açúcar velhos, farinhas com pós-estranhos, corantes e perfumes de origem duvidosa para acentuar cor e sabor. As infecções no trato digestivo e intestinal geravam na maior parte das vezes cólicas, vômitos, náuseas, dores de estômago, diarréias, entre outros problemas¹⁹⁵.

Além de oferecer riscos durante o seu manuseio no momento de preparo, os sorvetes também ofereciam problemas de acordo com a forma em que eram guardados, acondicionados e expostos à venda. É o que nos pretende mostrar a foto n° 46 do Dr. Paula Souza. Neste caso específico, as legendas testemunham as intenções do fotógrafo que nos dirige o olhar, orientam nossa leitura em um determinado sentido, procurando realçar/ocultar aspectos presentes no registro fotográfico, compondo uma crônica intencional daquilo que se retrata. É o caso, por exemplo, da legenda que procura esclarecer uma foto de um estabelecimento que vende sorvetes: **“Sorveteria onde se vê o vidro com os copos de sorvete destapados”**.

¹⁹² A Rolha. “Os envenenadores do povo”, de 23.04.1918.

¹⁹³ A Rolha. 16.04.1918.

¹⁹⁴ Moraes Junior, João de. “Contribuição para o estudo sanitario do sorvete na cidade de São Paulo”. Tese de doutoramento na Cadeira de Hygiene. Faculdade de Medicina de São Paulo, 1933.

¹⁹⁵ Idem. Pág. 16.



Foto n. 46 – Sorveteria em São Paulo (Coleção Paula Souza)

A preocupação em registrar fotograficamente estes locais e imprimir-lhes legendas prende-se ao fato provável da preocupação do sanitarista com aspectos ligados à higiene de produção e distribuição de alimentos pela cidade, além dos meios de transporte utilizados na sua distribuição. A legenda ganha com isso um sentido de denúncia. Leia-se a respeito deste tema o boletim produzido pelo Instituto de Higiene de autoria do próprio Paula Souza, sob o item “*Sugestões para a melhoria da legislação sanitária estadual sobre gêneros alimentícios*”:

“(…) Art. - Ao serviço de fiscalização dos gêneros alimentícios, incumbindo da vigilância sobre a produção e consumo de gêneros destinados à alimentação pública, compete:

(…) b) - inspecionar os estabelecimentos e lugares em que esses gêneros forem produzidos, fabricados, manipulados, acondicionados, armazenados ou simplesmente expostos à venda (...)”¹⁹⁶

Paula Souza nesta oportunidade procura registrar as limitações e dificuldades encontradas no trabalho de fiscalização dos gêneros alimentícios na capital e registra a metodologia de trabalho empregada pelos técnicos envolvidos na vigilância sanitária:

¹⁹⁶ Paula Souza e Nicolino Moreno. Sugestões para a melhoria da legislação sanitária estadual, sobre gêneros alimentícios. Instituto de Higiene – Boletim nº 20, 1924

“(...) Os inspectores de alimentação, acompanhados de guardas sanitários (...) procedem a exames rudimentares no local da apreensão, orientados tecnicamente pelos químicos do laboratório, para execução de pequenas analyses qualitativas especiaes. Os productos de deterioração verificavel por simples inspeção, são immediatamente apprehendidos, inutilizados ou rejeitados; dos suspeitos colhem-se amostras para exame ulterior no laboratório (...)”¹⁹⁷

A abrangência desta fiscalização poderia ser verificada num artigo posterior:

“(...) Art. - Ter-se-á como exposta ao consumo qualquer porção de producto alimentar encontrada em estabelecimentos que se destinem a esse ramo de commercio, ou em qualquer de suas dependencias, salvo se estiver no recipiente do lixo, ou inutilizada para ser removida pela limpeza pública.

Art. - A fiscalização sanitária das substancias alimentares se extenderá a todos os logares em que se depositem, preparem, fabriquem, transportem ou vendam essas substancias, com o objetivo de verificar se são proprias para o consumo, colher amostras das suspeitas de alteração, falsificação ou de conter substancias nocivas á saude, e inutilizar os generos manifestamente deteriorados.

Paragr. Único - A busca para a fiscalização se extenderá mesmo aos armazens e vehiculos das empresas de transporte em que essas mercadorias estejam depositadas ou em transito, ainda que nocturno, e aos domicilios em que se achem occultadas. (...)”¹⁹⁸

A inspeção como se observa, se estende a todos os locais possíveis quer de sua manipulação para produção, quer dos locais para sua venda e/ou consumo.

A lista de produtos abrangidos por esta proposta é extensa e inclui entre outros: cereais, leguminosas e farinhas (tais como massas e biscoitos), conservas, geléias, açúcares, doces e confeitos, limonadas e refrigerantes, sorvetes, água e gelo, mel de abelhas, condimentos,

¹⁹⁷ Idem. Pág. 5

¹⁹⁸ Ibidem. Pág. 9 e 10.

sal, óleos, banhas e outras substancias gordurosas, café, chás, guaraná, cacau e chocolates, vinhos, cervejas, aguardentes e licores, vinagres, carnes e derivados, leite e laticínios.

De propostas, estas sugestões passaram a fazer parte da reforma do Código Sanitário de 1925 que passou a ser chamada de Reforma Paula Souza.

Em relação ao pão e ao seu preparo, Alcântara Machado propunha um projeto que visava sanar às más condições de higiene em que era preparado. Este projeto consistia em isentar de imposto por um período de cinco anos as padarias que utilizassem apenas processos mecânicos em seu preparo. Justificando seu projeto o então vereador comentava que:

“(...) a amassadura braçal, como ainda hoje se effectua em as nossas padarias, é um processo perigoso para a saude publica, penoso para o operario e repugnante para o consumidor. Há mais de 50 annos, Paysen dizia o seguinte: “Um dia virá, sem dúvida, em que os nossos descendentes, ao lerem a tecnologia do seculo XIX, perguntarão si realmente nesta época de progresso industrial, se preparava o mais importante dos alimentos communs, pelo processo grosseiro, de que somos testemunhas, - processo em que os braços do padeiro mergulham na massa, e que exigem esforços taes, que exgotam os operarios semi-nús e ensopam de suor a substancia alimentar”.

*O problema industrial do preparo mecanico do pão está resolvido: as amassadeiras mecanicas são de preço e custeio que as collocam ao alcance das padarias mais modestas, e dão á massa as mesmas qualidades que tem o pão amassado braçalmente (...)*¹⁹⁹

Crítica semelhante podia também ser lida nas páginas da imprensa lisboeta. A acusação de falta de higiene no fabrico do pão era descrita da seguinte forma:

“(...) O nosso pão é o mais caro da Europa, fabricado em condições de immundicie que só os padeiros e os sub-delegados de saude conhecem. O Processo é primitivo.

¹⁹⁹ Projecto nº 56, de 1911, pág. 411 e 412. Coleção Actos e Decretos do Municipio.

A fabricação mechanica que o limite de padarias nos prometteu, continua sendo um modernismo lá de fóra, incapaz de aclimatar-se. O lisboeta continua esperando o dia em que a machina o há de livrar de comer pão amassado com o suor do rosto do padeiro, adubado com tudo quanto elle possa tirar do nariz, e preparado em casas que podem confundir-se com estrumeiras.

*E depois de cozido até chegar á nossa, póde passar por mãos de sarnentos, de tuberculoso, de syphilitico, trambolhar pelo chão, rolar nas calçadas sobre excrementos, tornar-se em summa n'um repositorio de immundicie e agentes pathogenicos. (...)*²⁰⁰

O articulista além de comentar as condições de fabrico do pão faz referência ao sistema de distribuição deste pelas ruas da cidade, que eram feitos normalmente pelo padeiro que o entregava de casa em casa acondicionado em cestos. Benoliel os registra pelas ruas da cidade. Entregues de casa em casa, chegavam cedo aos lares alfacinhas trazidos pelas mãos de jovens trabalhadores e ganhavam sua vida distribuindo o pão para as mesas. É o caso dos registros números A3912 e A3909. Quer em cestos quer em carrinhos de mão, a entrega chegava quase sempre ao seu destino.



Foto n. A3912 do AFCML – Entrega do pão em Lisboa

²⁰⁰ O ventre de Lisboa. Ilustração Portuguesa, 09.05.1910.



Foto n. A3909 do AFCML - Entrega do pão em Lisboa

Alimento antigo, produzido quase sempre de forma artesanal, com receitas que remontavam no tempo, o fabrico do pão em Lisboa também oferecia elementos para discussões sanitárias e econômicas na imprensa e em órgãos competentes.

Regido por uma lei cerealífera, o pão e sua produção eram anteriores a promulgação deste regime, que data dos anos anteriores a 1899 descritos como tendo “(...) *descido á miseria extrema: nem higiene, nem fiscalização, nem resultados economicos. A esse tempo as padarias eram, salvo raras exceções, antros sem higiene e capacidade suficiente, em que se misturavam, n’uma vergonhosa amalgama, as farinhas e as camas do pessoal, os utensílios da panificação e os que serviam aos usos domesticos dos operarios, miseravelmente pagos, desprovidos de qualquer instrução profissional (...)*”²⁰¹

As palavras acima citadas por Antonio Castanheira de Moura, industrial e presidente da Companhia de Panificação Lisbonense têm seu lugar numa época em que Lisboa sofre com o encarecimento do trigo, matéria-prima para o fabrico do pão. É uma fase de greves, discussões infundáveis na imprensa e a explicação dada para tais problemas estavam nas leis de proteção cerealífera.

²⁰¹ Jornal O século. “Lavoura, moagem e panificação”. 03.03.1913, pág. 4

Segundo entrevista de Castanheira de Moura ao Jornal O Século, Portugal era o único país do mundo com o preço do trigo fixado previamente e completamente independente da produção dos demais países. Tal regime cerealífero foi sendo desenhado a partir de vários diplomas com datas de 1893, 1899, 1905 e 1911. As bases desse regime poderiam ser assim discriminadas:

“(...) a) proteção á lavoura nacional por processos diretos e indiretos, isto é, pela fixação do preço de compra do alqueire de trigo nacional em 750 réis e pela graduação d’um direito sobre o trigo exótico importado que eleva o preço do respectivo alqueire a 650 réis; b) proibição de importar trigo exótico quando pelo manifesto do trigo de produção nacional se averigüe que este chega para o consumo interno; c) obrigação imposta á moagem de comprar a produção nacional por aquele preço de 750 réis cada alqueire; d) rateio, pelas empresas de moagem matriculadas, do trigo nacional e exótico, de maneira que a distribuição do trigo exótico compense o sacrificio da compra do trigo nacional; e) uma apertadissima engrenagem de fiscalização da industria panificadora, que, determinando avultadas despesas, foi de principio compensada pelo limite das padarias²⁰² e pelo regime de pão de luxo²⁰³; f) como coroloario forçado de todo este artificio, a obrigação da industria panificadora comprar, só á moagem, as farinhas de que necessita por um preço invariavel e a vender o pão que fabrica por um preço oficialmente estabelecido(...)”²⁰⁴

De tal sorte, que tal regime, segundo Castanheira era o mais iníquo e perverso do mundo, já que os preços preestabelecidos não levavam em conta as oscilações do mercado e com isso boas ofertas de preços externos tinham que ser desconsiderados, sob pena de pesadas multas. Uma incoerência que acabava gerando descontentamento dos industriais, falta de farinha no mercado e por conseqüência greves, muitas greves...

²⁰² Segundo leis anteriores a 1911, as padarias em Lisboa não poderiam exceder ao número de 250, com a lei de 1911 tal exigência deixou de existir, já que há muito tal limite não era respeitado.

²⁰³ Pela lei de 1911, pão de luxo era àquele que tivesse peso inferior a 200 gramas.

²⁰⁴ Jornal O Século. “Lavoura, moagem e panificação”. 03.03.1913, pág. 4

PARTE III – REJEITOS E DEJETOS

*Rastreando rejeitos, conhecendo dejetos –
os rastros dos restos*

De Rejeitos e Dejetos

“Nas calçadas, envoltos em límpidos sacos plásticos, os restos de Leônia, de ontem aguardam a carroça do lixeiro. (...) O certo é que os lixeiros são acolhidos como anjos e a sua tarefa de remover restos da existência do dia anterior é circundada de um respeito silencioso, como um rito que inspira a devoção, ou talvez apenas porque, uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém quer pensar nelas”

(Ítalo Calvino In: As cidades invisíveis)

A literatura, bem como a ficção por várias vezes tomou a produção do lixo como metáfora de uma existência produzida a partir de restos, sobras, rejeitos. O personagem neste sentido pode ser conhecido e discutido a partir daquilo que seu lixo contém e a partir do que sua existência exclui.

Calvino ao falar de Leônia, trabalha com esta mesma metáfora: uma cidade que tem as *“escamas do seu passado solidificada como uma couraça impossível de se tirar, que se renova todos os dias, e conserva-se integralmente em sua única forma: a do lixo de ontem que se junta ao lixo de anteontem”*²⁰⁵

Pensando a partir destas metáforas, como ocorre com a cidade descrita por Calvino, as cidades em geral, poderiam ser tomadas a partir do que produzem e do que rejeitam e desta forma, tal como um personagem, dar-se a conhecer aos que sobre ela se debruçam.

²⁰⁵ Calvino, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, pág. 106.

Fornecendo imagens, criando caminhos, a trajetória dos rejeitos e dejetos de uma cidade nos remete a diferentes aspectos de sua existência, neste sentido, os fluxos de águas servidas, os esgotos, o lixo, nos informam sobre aspectos físicos relacionados ao sanitarismo, enquanto outras formas de rejeitos nos levam a compreender aspectos morais relacionados à mesma teoria. Neste sentido, os tratamentos dispensados aos marginalizados urbanos, incluídos aí os mendigos, presidiários, loucos, mortos, desempregados ocupam o centro das reflexões.

Personagens urbanos de meados do século XIX e princípios do XX relacionados às tarefas que estivessem ligadas de perto aos rejeitos da cidade eram tomados constantemente como referência a estudos sociológicos, médicos, políticos além da própria literatura. Dentre estes poderiam ser citados tripeiros, corticeiros, limpadores de fossas, trapeiros, presidiários, marinheiros, soldados, e os deficientes mentais.

A preocupação em analisar tais tipos urbanos está relacionada à chamada medicina urbana, que encontra terreno pleno para sua proliferação na França de meados do século XVIII e que segundo Foucault poderia ser caracterizada por três objetivos:

“(...) 1º) Analisar os lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que, no espaço urbano, pode provocar doença, lugares de formação e difusão de fenômenos epidêmicos ou endêmicos. São essencialmente os cemitérios. (...)”

2º) (...) o controle da circulação. Não da circulação dos indivíduos, mas das coisas ou dos elementos, essencialmente da água e do ar. (...)”

3º) (...) É o problema da posição recíproca das fontes e dos esgotos ou dos barco-bombeadores e dos barco-lavanderia. (...)”²⁰⁶

²⁰⁶ Foucault, Michel. “O nascimento da medicina social” In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Grall, 13ª edição, 1998, pág. 89 e 90.

O temor representado pelos locais de propagação de doenças leva a busca de esquadrinamento dos espaços considerados perigosos neste sentido. Incorporadas nas preocupações desta medicina urbana estão as questões voltadas à circulação. Não de pessoas, mas especificamente do ar e da água. Criam-se grandes avenidas: largas e arborizadas objetivando uma ampla circulação do ar, além de se buscar criar meios para eficiente fluxo das águas e sistemas de esgotos na cidade.

Segundo Foucault, esta *“(...) medicalização da cidade, no século XVIII, é importante por várias razões:*

1º) Por intermédio da medicina social urbana, a prática médica se põe diretamente em contato com ciências extras-médicas, fundamentalmente a química. (...) A inserção da prática médica em um corpus de ciência físico-química se fez por intermédio da urbanização.

2º) A medicina urbana não é verdadeiramente uma medicina dos homens, corpos e organismos, mas uma medicina das coisas: ar, água, decomposições, fermentos; uma medicina das condições de vida e do meio de existência. (...) A medicina passou da análise do meio à dos efeitos do meio sobre o organismo e finalmente à análise do próprio organismo.

3º) Com ela aparece, pouco antes da Revolução Francesa, uma noção que terá uma importância considerável para a medicina social: a noção de salubridade. (...)”²⁰⁷

A partir desta medicalização da sociedade, a noção de salubridade acaba por influenciar profundamente uma série de políticas públicas e sociais a partir do século XVIII e intensifica-se a partir do século XIX e XX.

Salubridade, passa a ser definida como não sendo *“(...) a mesma coisa que saúde, e sim o estado das coisas, do meio e seus elementos constitutivos, que permitem a melhor saúde possível. Salubridade é a base material e social capaz de assegurar a melhor*

²⁰⁷ Idem. Pág. 93.

*saúde possível dos indivíduos. E é correlativamente a ela que aparece a noção de higiene pública, técnica de controle e de modificação dos elementos materiais do meio que são suscetíveis de favorecer, ou, ao contrário, prejudicar a saúde. Salubridade e insalubridade são estado das coisas e do meio enquanto afetam a saúde; a higiene pública – no século XIX, a noção essencial da medicina social francesa – é o controle político-científico deste meio. (...)*²⁰⁸

Segundo esta concepção, a salubridade se ligava especificamente ao meio físico e aos seus elementos constitutivos que são entre outros a água, o ar, o solo, etc. Assim, conforme Sakaguchi, “(...) *Salubridade, higiene, e depois higienismo e saneamento, tornam-se termos chave para a discussão dos problemas da cidade. (...)*”²⁰⁹

A higiene pública por sua vez, teria como pressuposto o controle político-científico deste meio físico. O que se desdobraria mais tarde na noção de polícia sanitária, buscando dar conta dos diferentes problemas da cidade. Esta noção de polícia sanitária ganha no Brasil a seguinte definição pelo vereador Armando Prado em discurso à Câmara do Município: “(...) *Polícia é o conjuncto de disposições que visam garantir a ordem, a segurança, e a commodidade dos cidadãos. E, quando esse conjuncto de disposições salvaguarda a saúde publica temos a policia sanitária. (...)*”²¹⁰

Na definição de um médico português no começo do século XX, salubridade seria definida como:

“(...) conjunto de medidas a executar permanentemente quanto aos meios e condições naturais da vida, de forma a promover para o indivíduo um estado de saúde perfeita. É difícil destrinçar dela a higiene individual e a higiene de educação. (...)

²⁰⁸ Ibidem. Pág. 93.

²⁰⁹ Sakaguchi, Maria Akemi. “Da medicina ao urbanismo as origens do primado da mobilidade”. Dissertação de Mestrado apresentada à FAU/USP em 1999, pág. 125.

²¹⁰ Projecto, nº 7 de 1913, p’g. 35. Coleção Actos e Decretos do Município.

*Salubridade é assim um dos capítulos da administração sanitária; o mais vasto, sendo sem dúvida o mais característico o da epidemiologia(...)*²¹¹

Segundo o mesmo médico seriam atribuições da salubridade:

“(...) na de povoações, a sua localização, a implantação das suas edificações, a largura dos seus arruamentos: mas é indispensável que no seu crescimento se atenda às possibilidades económicas das municipalidades, de forma a que não possa suceder que o crescimento das despesas resulta da extensão (arruamentos, canalizações, etc) venha a exceder os rendimentos, (...)

*(...) na de povoações ainda as possibilidades de um conveniente abastecimento de água potável e a de uma indispensável remoção de resíduos. (...)*²¹²

Tal medicina urbana insere-se no campo da medicina social assentada em um tripé. Representando uma primeira direção está a medicina de Estado que se desenvolveu na Alemanha no começo do século XVIII, e que tinha como característica a máxima estatização das atividades relacionada saúde da população. Nestes casos, médicos e seu saber produzido estariam subordinados a uma administração central, onde vários médicos estariam integrados a uma organização médica estatal²¹³.

Uma segunda direção tomada pela medicina social e onde a medicina urbana se integraria seria a urbanização. O fenômeno aqui é completamente diferenciado do que ocorreu na Alemanha, e será disseminada na França. Seria a partir do amplo desenvolvimento urbano de Paris que algumas questões passariam a ser consideradas quanto à salubridade das cidades. Foucault aponta pelo menos três razões para tais preocupações. A primeira seria de ordem econômica e estaria diretamente relacionada à questão da centralização econômica via centros urbanos além disso, por se tornar além de um centro consumidor um centro

²¹¹ Braga, António Augusto Gonçalves. Administração Sanitária e Salubridade In: Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge. Ano I, nº 03, Lisboa, 1946, pág. 170.

²¹² Idem. Pág. 177

²¹³ Foucault, Michel. “O nascimento da medicina social” In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Grall, 13ª edição, 1998, pág. 84.

produtor a cidade teria que possuir mecanismos reguladores que fossem ao mesmo tempo coerentes e homogêneos. A segunda razão seria de ordem política e que estaria relacionada na visão da cidade como *monstro urbano*, tentacular, perigoso e, portanto, local carregado de tensões, necessitando por isso, de um poder político que fosse capaz de esquadriñar e conter tal população. Finalmente, uma terceira razão seria o desenvolvimento de uma *atividade do medo*, uma angústia generalizada em relação à cidade. Nas suas palavras:

“(...) Nasce o que chamarei medo urbano, medo da cidade, angústia diante da cidade que vai se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo, também, das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das caves sobre os quais são construídas as casas que estão sempre correndo o perigo de desmoronar. (...) Este pânico urbano é característico (...) inquietude político-sanitária que se forma medida em que se desenvolve o tecido urbano. (...)”²¹⁴

A terceira direção tomada e parte do tripé em que se divide a medicina social seria a medicina voltada para os pobres e que tem no caso inglês seu principal exemplo.

Durante todo o século XVIII os pobres nunca foram tomados como sendo uma classe perigosa. Ao contrário, segundo Foucault, os pobres seriam àqueles que forneciam as condições para a existência urbana. Eram afinal, os pobres que desempenhavam todas as funções consideradas menos nobres mas fundamentais para a manutenção da vida nas cidades, como por exemplo, o transporte de cargas, carregamento e destino do lixo, recolhimento de trapos, transporte de água e dejetos, entre outras coisas. Foi somente a partir do século XIX, que estes pobres passaram a ser considerados perigosos por pelo menos três razões: a) uma razão política, ligada especialmente aos movimentos gerados pela Revolução Francesa e pelas agitações sociais da Inglaterra; b) criação de serviços prestados agora pelo estado e que antes eram realizados pelos pobres, como carregamentos e entregas

²¹⁴ Idem, pág. 87.

postais; c) a cólera que grassou pela Europa em 1832 atingindo preferencialmente classes pobres e operárias levou à sociedade uma série de medos políticos e sanitários.²¹⁵

A medicina social à inglesa teria como componente básico à idéia de uma assistência e intervenção controlada, de modo que se satisfazia a necessidade dos mais pobres ao mesmo tempo em que se protegia as camadas mais ricas dos primeiros. Estava estabelecido o que o autor chama de *cordão sanitário autoritário* na cidade, separando nitidamente pobres e ricos²¹⁶.

A respeito da contribuição inglesa no caso das habitações populares, um engenheiro sanitário português comentava que:

“(...) Devem-se aos ingleses as ideias renovadoras de habitação; foram eles que quebraram a tendência verificada mais para o ornamento exterior do que para a higiene do interior. (...)”

Inspiraram a urbanização, a divisão dos terrenos, a construção em blocos ou quarteirões, as casas de aluguer, permitindo assim que se caminhe na solução do superpovoamento, cancro social da co-habitação. A profilaxia de muitas doenças contagiosas, e à frente temos a velha tuberculose. (...) Em todo o mundo o anseio de uma casa para cada família preocupa os governantes e autoridades sanitárias, pois tem de se reconhecer que da habitação salubre depende a saúde física e moral do povo, tanto para os sãos como para os doentes, nos hospitais, sanatórios, hospícios, asilos, etc.(...)”²¹⁷

Como se vê para o engenheiro os campos por onde a seara do sanitarismo se estende compreende em especial a atenção dispensada as moradias, incluindo-se aí não apenas residências, mas também instituições de reclusão ou tratamento como acontece com hospitais, asilos, sanatório ou hospício. A relação estabelecida entre salubridade e virtude é

²¹⁵ Ibidem. Pág. 94.

²¹⁶ Ibidem. Pág. 95

²¹⁷ Prazeres, Angelo. “Importância da engenharia sanitária” In: Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge. Lisboa. Ano I, nº 04, 1946, pág. 276 e 277.

colocada como esta sendo sinal de saúde física e moral. Insalubridade, em outras palavras, estaria relacionada ao vício e a imoralidade, caracterizando em última instância alguma forma de patologia.

Além da preocupação com as habitações, a higiene social teria com o aumento das cidades o acréscimo de outros problemas. Comentando a respeito do caso português o engenheiro sanitário nos informa:

“(...) Em Portugal não escapámos a esse movimento e inicia-se um grande trabalho coordenado de urbanização, infelizmente à margem do Serviço de Saúde Pública no intuito de maior comodidade, mais bem estar, mais saúde, maior desafogo no tráfego, enfim mais civilização. Evidentemente que nasceram problemas novos: a limpeza das cidades, que é por si um dos problemas mais difíceis da engenharia municipal, a que não falta, em via de regra, o cortejo das poeiras, dos maus cheiros, das moscas e dos ratos; os da iluminação e os da ventilação; a construção pròpriamente dita e o arranjo das casas e suas dependências. (...)”²¹⁸

Desta forma, e como seria de se esperar, a higiene pública, já no século XX teria uma característica *transdisciplinar*, no sentido de ter diferentes áreas de conhecimento se comunicando e interferindo nos aspectos relacionados à higiene nas cidades.

Para o mesmo engenheiro, o *“(...) complexo que hoje se considera higiene pública é cerzido da medicina, da bioquímica, da bacteriologia, da física, da engenharia, das humanidades e da moral, e ao qual não é estranho nem a agronomia, nem os estudos veterinários nem a entologia. (...)”²¹⁹*

É preciso, no entanto salientar, que tal visão é a de um engenheiro sanitário que nos escreve em 1946 e, portanto já tinha em mãos os desdobramentos das diferentes áreas citadas e sua relação com a saúde pública. No entanto quando nos reportamos ao começo do século o que

²¹⁸ Idem, pág. 277.

²¹⁹ Ibidem, pág. 271.

temos são alguns médicos reunidos em torno de algumas teorias e algumas disciplinas que ainda estavam em desenvolvimento.

Neste respeito, seria interessante pensarmos na visão que os primeiros sanitaristas já apresentavam, e de que forma trabalhavam em prol das transformações na área da higiene, com vistas ao espaço das cidades.

Caminhos do sanitário lusitano

No caso português, destacamos o Dr. Ricardo Jorge (1858 – 1939), médico epidemiologista português que já em 1899 publicou uma lei de Saúde, e que, em 1901 a complementava por um regulamento que permaneceu por mais de meio século, sofrendo apenas uma reforma no ano de 1926. Esta reforma entre outras coisas trazia às mãos de especialistas o estudo, a orientação e a execução de questões ligadas à saúde pública.

Dr. Ricardo Jorge, originário do Porto atuou nesta cidade até 1899, quando diagnostica a epidemia de peste. Este também é o ano em que é criado o Instituto de Higiene. Com a entrada do novo século Portugal ganha em 1901 uma reforma dos Serviços de Saúde Pública, com Ricardo Jorge como Inspetor Geral de Saúde. Neste mesmo ano é criado o Curso de Medicina Sanitária no Instituto Central de Higiene, Escolas Médico-Cirúrgicas e Faculdade de Coimbra. Dois anos depois se iniciam os cursos de Medicina e Engenharia Sanitária e que entre os anos de 1914-1926 passa a denominar-se Curso Especial de Higiene Pública. É também deste mesmo período a reorganização dos Serviços de Saúde Pública em Decreto nº 12.477, de 12 de Outubro e que foi completamente inspirada nas idéias de Ricardo Jorge. A promulgação do Regulamento das provisões desta reorganização sai logo a seguir, em 1927 no Decreto 13.166 de 28 de Janeiro²¹⁸.

Após tanta dedicação ao Serviço Sanitário português, Ricardo Jorge tem seu nome dado ao Instituto Superior de Higiene em 1929.

²¹⁸ Pina, Luis. “Um capítulo português da História da Higiene em Portugal”. Porto, Imprensa Portuguesa, 1955, pag. 571 e 572

Geraldo Horácio de Paula Souza e os caminhos do sanitarismo em São Paulo

Para o caso brasileiro citamos o Dr. Geraldo Horácio de Paula Souza, elaborador da reforma sanitária de 1925, denominada posteriormente de Reforma Paula Souza.

Anterior a tal reforma e com características diversas, a legislação sanitária tinha outros preceitos.

Um consenso na classe médica em fins do século XIX e princípios do XX via nas grandes obras urbanas o meio eficaz para auxiliar na profilaxia e/ou diminuição de casos de diferentes doenças, responsáveis por epidemias como era o caso da febre tifóide, febre amarela, cólera, tifo e outras doenças relacionadas ao trato intestinal e que levavam um grande número de vidas infantis; além destas outras doenças exigiam alguma forma de reclusão ou de desinfecção como era o caso do sarampo, coqueluche, difteria, tuberculose. Dentre tais obras urbanas poderíamos citar a canalização de águas e esgotos, recolhimento e tratamento do lixo, entre outras providências.

Seguindo esta tendência, em 1911 é elaborada uma reforma no Código Sanitário de 1894 e que tinha como centro das preocupações as relações entre sanitarismo e urbanização, além de estar determinando quais seriam as esferas de interferência dos poderes estaduais e municipais. Ao Município caberia a fiscalização de estabelecimentos comerciais e industriais, dos mercados municipais, matadouros, a distribuição, venda e consumo de gêneros alimentícios, além da realização de obras de infra-estrutura urbana, em especial as relacionadas ao fornecimento e tratamento das redes de água e esgoto e recolhimento de lixo. Ao estado estaria reservada a tarefa de tratamento e profilaxia de doenças epidêmicas e endêmicas, além da fiscalização de estabelecimentos ligados ao exercício da medicina e odontologia e a distribuição de medicamentos, como era o caso das farmácias.

Data desta reforma os primórdios de uma legislação trabalhista caracterizada por uma série de artigos que visavam normatizar a inserção da fábrica no espaço urbano, criando regras claras quanto à produção de barulhos, de lixo industrial, ou destino de resíduos. Esta reforma também contemplava a questão do trabalho de menores, aplicando regras quanto aos tipos de trabalho a ser desenvolvidos e a proibição do trabalho noturno para menores de 18 anos.

Com a reforma sanitária de 1925 e a proposta de Paula Souza a mudança de eixo para a ação da política sanitária, alterando-se a visão sanitária de policiamento para a educação. Conforme esclarece o próprio decreto sobre os objetivos e as formas desta educação sanitária:

“(...) Artigo 47 - É criada (...) uma Inspeção de Educação Sanitária e de Centro de Saúde, que se incumbirá de promover a formação da consciência sanitária da população em geral e dos serviços de prophylaxia geral e especifica (...)”

Artigo 50 - A educação sanitária se fará sempre com toda a generalidade possível e pelos processos mais praticos, de modo a impressionar e convencer os educandos e implantar habitos de hygiene. (...)”

§ 2º - O serviço de educação sanitária visará de modo especial a hygiene individual, a pre - natal, a infantil e a da idade escolar, assim como o censo da morbilidade em geral; aproveitará quanto possível a oportunidade que se manifesta na infancia e na mocidade para imprimir ou desenvolver habitos de hygiene e sempre que operar o serviço fóra do centro, fará propaganda intensiva das vantagens da população em frequental-os. (...)”²¹⁹

A política ostensivamente policial da legislação começa a ganhar um caráter eminentemente educacional. Para Paula Souza a educação era o único meio de se obter os resultados desejados.

²¹⁹ Decreto nº 3876 de 11 de Julho de 1925. Coleção Leis e Decretos do Estado de São Paulo de 1925. Aprovada com modificações, Lei nº 2121 de 30/12/1925.

Além destas, outras modificações foram acrescentadas no que concernia a aspectos relacionados ao trabalho. Segundo Maria Alice Rosa Ribeiro, a “(...) reforma de 1925 tornou obrigatória a notificação de moléstias profissionais, como deformações ósseas de origem profissional, dermatoses produzidas por substâncias tóxicas, pneumoconioses produzidas por inalação de vapores e poeiras, intoxicação pelo chumbo, mercúrio, arsênio, zinco fósforo e outros químicos, de moléstias infecto - contagiosas, de tuberculoses e de moléstias venéreas, de sífilis. (...) a reforma eliminou os artigos que diziam respeito à proibição do trabalho de menores e de mulheres, resultando na retirada de temas próprios de uma legislação trabalhista. (...) reforçou o policiamento das fábricas no tocante à engenharia sanitária, à segurança do trabalhador junto aos maquinismos e às doenças profissionais. (...)”²²⁰

Era criada com isso uma Inspetoria de Higiene do Trabalho, com um pessoal efetivo de sete inspetores sanitários e dez guardas sanitários.

O alcance desta reforma se fez presente também no âmbito das moradias, com a criação de uma Inspetoria de Policiamento Domiciliário, que contava com um efetivo de 3 delegados de saúde, 12 inspetores sanitários e 20 guardas sanitários, e que teriam como função fiscalizar o cumprimento de normas existentes no Código Sanitário no que concernia a aspectos relacionados à higiene das habitações, em especial a instalação de esgotos, latrinas, banheiros, etc.

Para as questões referentes à distribuição e venda de gêneros alimentícios, uma inspetoria era criada e denominada como Inspetoria de Policiamento da Alimentação Pública, incumbida basicamente da fiscalização sanitária do comércio de gêneros alimentícios, e mais uma das novidades trazidas pela reforma. Para esta inspetoria o número de funcionários envolvidos era composto por 13 inspetores sanitários, 8 químicos, 3 assistente microbiologistas, 6 auxiliares microbiologistas, 16 praticantes (auxiliares químicos), 26 guardas sanitários.

²²⁰ Ribeiro, Maria Alice Rosa. História sem fim...Um inventário da saúde pública. São Paulo – 1880 – 1930. Tese de Doutorado apresentada à Economia/Unicamp, 1991, pág. 286 e 287.

A esta inspetoria cabia:

“(...) a) submeter a analyse qualquer substancia alimenticia;

b) inspeccionar os estabelecimentos e logares em que estes generos forem produzidos, fabricados, manipulados, acondicionados ou simplesmente expostos à venda;

c) apreender e inutilizar com observancia das formalidades legaes, generos que se julgarem falsificados, alterados ou deteriorados;

d) fiscalizar os matadouros, açougues, frigorificos, entrepostos e quaesquer outros estabelecimentos destinados ao commercio de carnes verdes ou preparadas;

e) fiscalizar os estabulos, leiterias, fabricas e usinas de preparo e beneficiamento do leite e laticinios em geral os estabelecimentos e locaes onde se produzam, manipulem ou exponham ao consumo leite ou laticinios;

f) exercer a policia sanitaria dos mercados, feiras, hoteis, restaurantes e quaesquer outras casas de pasto, e armazens e depositos de generos alimenticios ou de qualquer outros estabelecimentos que explorem esse commercio, quer quanto ás installações e ao funcionamento, quer quanto ao estado de saúde das pessoas em contacto nesses estabelecimentos, com substancias ou productos destinados á alimentação publica. (...)²²¹

A fiscalização do exercício médico e farmacêutico seria uma atribuição da Inspetoria de Fiscalização da Medicina e Farmácia e Verificação de Óbitos. As atribuições desta inspetoria eram assim determinadas:

“(...) § 1º - Na fiscalização atribuida a essa Inspetoria se comprehenderão igualmente a fiscalização da odontologia, a policia sanitaria dos hospitaes e estabelecimentos congeneres, a fiscalização do commercio de toxico e a dos laboratorios clinicos. (...)

²²¹ Decreto nº 3876 de 11 de Julho de 1925. Coleção Leis e Decretos do Estado de São Paulo de 1925. Aprovada com modificações, Lei nº 2121 de 30/12/1925.

Artigo 17 – A verificação de óbitos, a cargo da Inspetoria será feita na Capital, e aos inspetores sanitários a que fôr attribuída, compete:

- (...) b) verificar a realidade da morte, sempre que solicitado;*
- c) determinar a causa – mortis, quando repentino o fallecimento ou ocorrido sem assistência médica;*
- d) examinar os nati-mortos;*
- f) proceder, após intervenção ou com assentimento da autoridade policial, a exames cadavéricos dos que fallecerem nas vias publicas;*
- g) informar a autoridade policial dos indícios de criminalidade colhidos na verificação de obitos. (...)*²²²

Toda esta rotina de trabalho estaria nas mãos de 14 inspetores sanitários, um anatomo-patologista, um auxiliar-jurídico, entre outros.

Para doenças infecto-contagiosas foi criada a Inspetoria de Moléstias Infecciosas e que teria como principal função o encaminhamento de portadores de moléstias infecciosas ao Hospital de Isolamento (posteriormente Hospital Emilio Ribas), além de exercer o combate às doenças transmissíveis por agentes como ratos, moscas, mosquitos, através de desinfecção de áreas afetadas ou suspeitas. Era de todas as inspetorias a que contava com o maior número de funcionários e estavam representados entre outros por 6 médicos auxiliares de tempo integral, 8 médicos auxiliares, 2 farmacêuticos, 15 enfermeiras, 10 ajudantes de enfermeira, 40 guardas sanitários, 30 desinfectores, 40 motoristas, 10 cocheiros.

A reforma procurava considerar os diferentes aspectos do viver urbano e estabelecia normas que envolviam o funcionamento de casas de barbeiro e cabeleireiros, escolas, esgotos e abastecimento de água, estábulos e estrebarias, hospitais, maternidades e casas de saúde, habitações em geral, esgotos domiciliares, latrinas e mictórios²²³.

²²² Idem.

²²³ Os artigos que se referem a estes aspectos serão considerados a seu tempo, a medida que cada uma destas instituições for analisada.

Imagens de um percurso: Paula Souza e o olhar sanitaria sobre a cidade

Com todas estas preocupações em mira, o olhar sanitaria procura ser tentacular e responder a diferentes necessidades higiênicas do espaço urbano. Uma análise detida da produção fotogrâfica do Dr. Paula Souza nos auxiliará a trilhar pelos caminhos da construção deste discurso sanitário sobre a cidade e seus habitantes.

A coleção divide-se didaticamente em espaços considerados de insanidade: física, moral ou mental e passa por contraste, para àqueles que na visão sanitaria, têm a solução para os problemas sociais encontrados na cidade: são os espaços destinados à educação, saúde e disciplina, personificados aqui por escolas, prisões, hospitais, quartéis, fábricas, entre outros. Na maioria dos casos, ao mesmo tempo em que disciplinam e “educam” oferecem a reclusão como instrumento de ação moral. Com rígidas regras comportamentais e higiênicas tais espaços de reclusão/educação propiciam o controle e supervisão de rotinas que visam oferecer aos indivíduos ali reclusos ofícios, ordens, hierarquias, higiene; objetivando-se contribuir desta forma para a formação de uma sociedade mais ordeira e, portanto mais saudável.

Os espaços registrados fotogrâficamente são segmentários e são atentamente mostrados ao olhar perscrutador: a cidade passa a ser considerada como merecedora de estudo e análise especializada. O sanitaria a disseca e fragmenta, numa esperança de melhor compreendê-la e/ou mostrá-la ao olhar estrangeiro – entendido aqui não apenas por aquele que não reside na cidade, mas também por aquele que não a conhece por não ter o olhar de especialista.

Neste ponto, não se deve esquecer dos equipamentos desta *dissecação*, dentre os quais está a própria fotografia. Recortando e selecionando espaços a ser detidamente examinado, o olhar fotográfico cumpre a função de *relatar e propor*. Relata as diferentes condições de vida encontradas no tecido social e propõe soluções que estão diretamente relacionadas a atividade e o ofício do médico-sanitarista. Deste modo, o conjunto de imagens se coloca como um documentário sobre a cidade: seu lixo, suas águas, sua circulação, seus personagens, suas construções, etc.

Seus registros fotográficos refletem de forma incontestável um método de trabalho: os espaços urbanos tornam-se imensos laboratórios de estudo de patologias sociais que interferem diretamente na saúde física, mental e emocional devendo, portanto ser conhecidas, para em seguida poderem ser combatidas.

Os registros, como ocorre com outras séries deste fotógrafo revelam fortes preocupações sanitárias documentadas através do registro fotográfico e que provavelmente serviam de *prova* para seus estudos sobre a aplicação de leis sanitárias ao espaço urbano.

Os serviços de inspeção sanitária instituídos na capital tinham entre suas principais atribuições visitas periódicas a diferentes espaços urbanos numa forma bastante conhecida de polícia sanitária, onde a prioridade era exercer um controle médico sobre a população, através de medidas punitivas e às vezes coercitivas, envolvendo diferentes aspectos da organização social e espacial. Tal cerceamento ia da alimentação, à habitação, da circulação à produção e destino de lixos e outros resíduos, os destinos para águas e esgotos na cidade, além do destino dado aos mortos.

Estes últimos merecendo uma série de registros sobre os transportes utilizados para o tráfego de mortos pelas vias urbanas. É o caso, por exemplo, dos registros nº 56 a 58, onde os veículos são cuidadosamente fotografados em um pátio e são indiciais sobre

preocupação do sanitarista com um transporte tão específico e “potencializador” de agentes transmissores de doenças pelo tecido urbano.

Dos espaços tidos como de reclusão/educação, Paula Souza opta por alguns registros muito pontuais. Lá está, por exemplo, a mulher que atrás da reclusão de um cárcere acena com os braços aos que por ela passam (foto nº 61). O registro nos faz pensar sobre duas formas de reclusão: uma que é física e que é dada pelo confinamento atrás de grades, que lhe tiram e tohem os movimentos e que lhe reservam apenas a possibilidade do aceno, outra é a idéia da exclusão social e o abandono, vividos provavelmente pela doença mental.



Foto n. 61 – Mulher reclusa - (Coleção Paula Souza)

Um outro exemplo, são os detentos que revolvem o lixo produzido pela Penitenciária do Estado de São Paulo, localizada no bairro do Carandiru (foto nº 60). Num único registro dois dos grandes problemas da cidade são tratados: o destino e o tratamento para o lixo e a reclusão como instrumento de reeducação e reintegração do criminoso na sociedade.



Foto n. 60 – Presidiários na Penitenciária do Carandiru em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

Sob este último aspecto, o princípio da chamada profilaxia social via na disciplina e no trabalho organizado, ordenado e limpo o resgate do indivíduo ao meio social²²⁴. Tais objetivos ficam claros quando analisamos os regulamentos para o trabalho desenvolvido por tais detentos.

No capítulo IV do Regulamento da Penitenciária, onde se trata da disciplina e das obrigações do condenado, observam-se alguns preceitos que a imagem fotográfica procura focar:

“(...) Artigo 12º. Ao condenado cumpre:

- 1) Obedecer, sem observações, nem murmurios, aos encarregados da sua vigilancia e direcção, e executar tudo o que lhe é prescripto neste regulamento e no regimento interno;*
- 2) Ter sempre em atenção que, enquanto cumprir a pena, só será chamado e conhecido pelo seu numero;*

²²⁴ A questão do tratamento dispensado ao recluso no caso português é interessante, já que estes não tinham nem mesmo o direito de comparecer publicamente com seus rostos descobertos. Benoliel registra em um de seus clichês a “queda do capuz” nas penitenciárias de Portugal. Trata-se do registro nº A24823, onde o capuz é abolido e os presos passam a ter autorização de mostrar seu rosto e ter visitas semanais aos domingos.

- 3) *Compenetrar-se da sua situação, da necessidade de evitar punições e de merecer, pela sua conducta, applicação aos estudos e dedicação ao trabalho, a benevolencia do que o dirigem;*
- 4) *Guardar completo silencio, evitando toda communicação com seus companheiros, mesmo quando trabalharem juntos;*
- 5) *Mostrar-se delicado e polido no trato com empregados do estabelecimento:*
- 6) *Entregar-se ás suas occupações, nas officinas, na escola ou na secção agricola, não podendo, sob pretexto algum, recusar o trabalho que lhe fôr ordenado;*
- 7) *Velar com muito cuidado, pelo asseio do seu corpo e de sua cella e pela conservaçoão do mobiliario e de suas roupas de uso e de cama(...)*²²⁵

De acordo com isso, observa-se no registro fotográfico a preocupação em valorizar os itens acima e o modo como estes vinham sendo cumpridos, em especial os que se referiam à obediência incondicional e limpeza dos trajes utilizados no trabalho. Os detentos na imagem realizam seu trabalho em pequenos grupos, supervisionados de perto por um agente penitenciário de forma ordeira e com os trajes limpos e arrumados apesar de estarem lidando diretamente com o lixo.

O trabalho é nesta instância pensado como forma de recuperação onde rejeitos sociais e morais tratam os dejetos físicos. Situação metafórica sem dúvida...

²²⁵ Decreto nº 3706 de 29/04/1924. Coleção Actos e Decretos do Executivo.

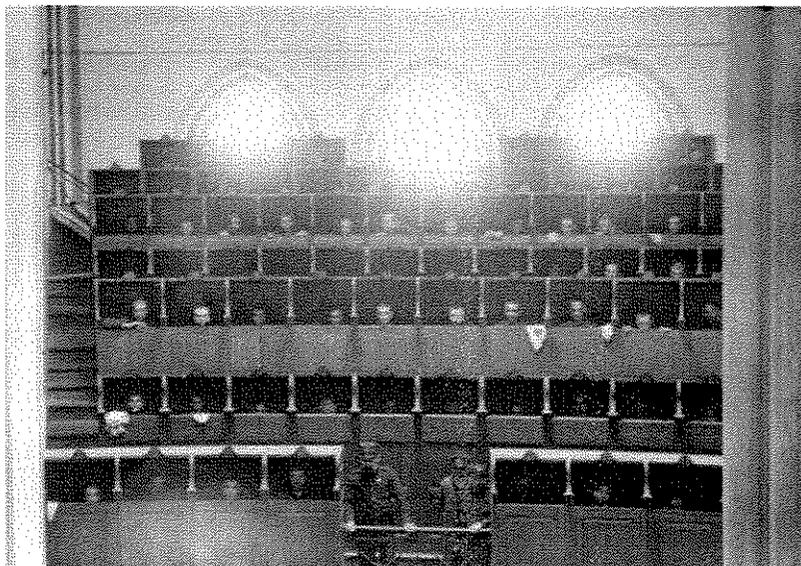


Foto n. A24823 do AFCML - A queda do capuz nas Penitenciárias Portuguesas

No caso do lixo, as imagens da penitenciária não são as únicas no interior desta coleção e revelam uma preocupação constante do sanitarista. Ainda nos Estados Unidos como bolsista da Fundação Rockefeller, Dr. Paula Souza visitou a Estação Central de tratamento de lixo em Atlanta (foto nº 16 e 18), onde mais uma vez detêm-se sobre a forma como este é tratado pelos trabalhadores.

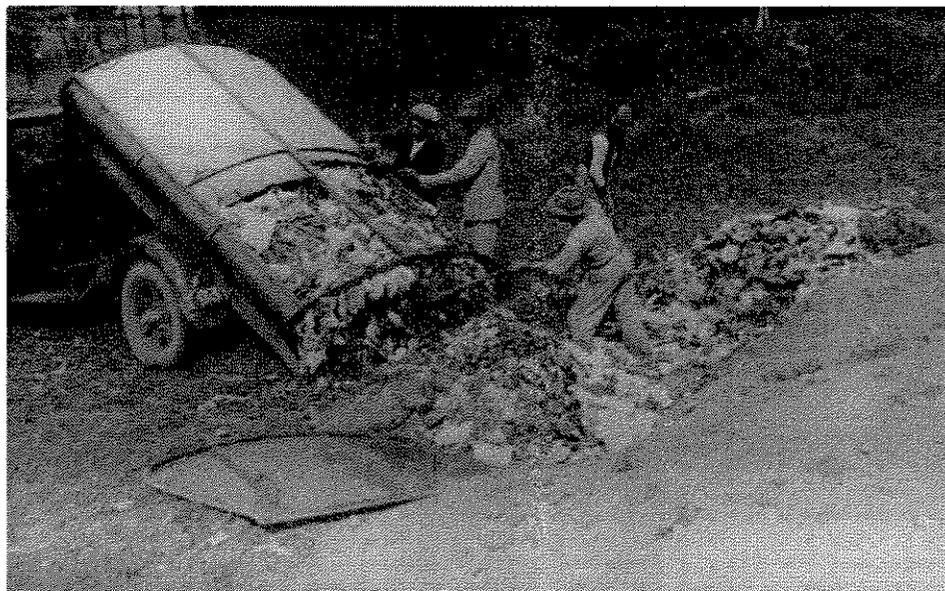


Foto n. 16 - Estação de tratamento de lixo de Atlanta, EUA - (Coleção Paula Souza)

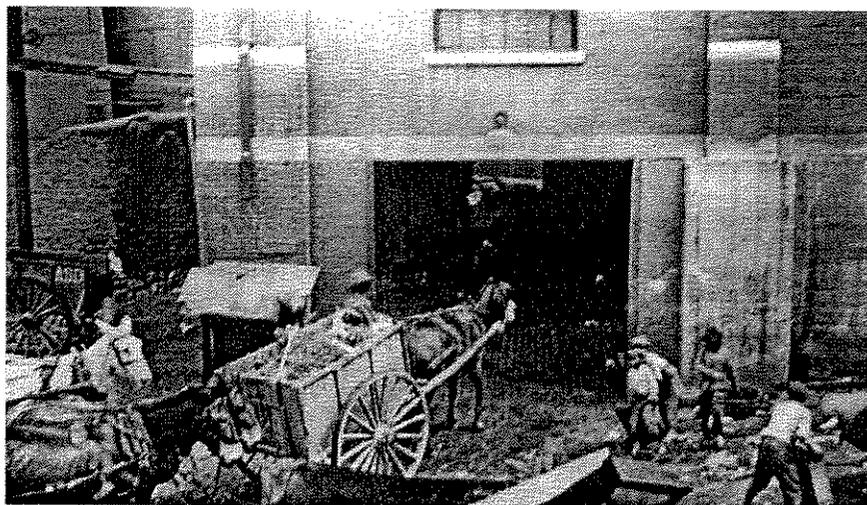


Foto n. 18 – Estação de tratamento de lixo de Atlanta, EUA - (Coleção Paula Souza)

Tal interesse pelo lixo se justifica pelo evidente risco de contaminações e doenças transmitidas através de um tratamento indevido e pouco eficiente favorecendo a contaminação do meio e a propagação de moscas²²⁶.

No começo do século várias doenças eram atribuídas ao lixo. Dentre estas, a febre tifóide era sem dúvida, o grande fantasma sobre a cidade de São Paulo. Chamada nos meios clínicos como *febre paulista* ou *dos intestinos* apresentava diferentes causas reconhecidas para sua propagação dentre as quais estavam as contaminações por moscas, água e leite, alimentos crus e a famigerada falta de higiene da população.

A questão da febre tifóide ocupava os estudos de Paula Souza desde 1913, e nas palavras de seu principal companheiro de trabalho, Dr. Borges Vieira tomavam boa parte de seu tempo e esforços à frente do Instituto de Higiene:

“(...) logo que regressou dos Estados Unidos e tomou a direcção interina do Instituto de Hygiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, entendeu de fazer um estudo acurado de todas as causas productoras da febre typhoide, afim de avaliar as

²²⁶ A questão do papel das moscas gerou tamanha discussão nos meios acadêmicos que entre tantas publicações, houve uma tese de doutorado, intitulada “Da disseminação dos Bacilos de Koch e Erberth pela Mosca Domestica”, de Alvaro dos Santos Fortes, apresentada em 1926.

suas relativas importancias, applicando para esse estudo epidemiologico os processo modernos desse ramo da sciencia.

Para isso foi ter com o Director do Serviço Sanitario e obtive a permissão para fazer indagações pessoas nos domicilios onde apparecessem casos de doenças infecciosas. (...) Dessa fórma se criava tambem no Instituto de Hygiene um Departamento de Epidemiologia, hoje a nosso cargo, tendo sido a febre typhoide escolhida como primeira doença a ser inuestigada, dada a sua importancia entre nós.

*Juntamente com o dr. Paula Souza iniciámos os trabalhos de colheita de dados em Novembro de 1920 (...)*²²⁷

A análise feita acabou por indicar que o surto do final da década de 1910 tinha duas causas principais: a água contaminada conhecidas como Água Funda e a abundância de moscas conjugadas com a ineficiência de sistemas descargas e esgotos domiciliares. As conclusões iam mais longe e identificavam os bairros de maior incidência das doenças com os bairros de várzeas e baixadas, como o Brás, Mooca e Belenzinho.

Segundo o mesmo relatório:

“(...) Além da pessima agua que era distribuida a estes bairros, grande parte da população lá vive em meio verdadeiramente rural, sem exgotos, muitas vezes sem latrinas de especie alguma, usando aguas de poço ou fonte, lançando lixo ao redor das habitações e, por essas e outras más condições hygienicas vivendo em commensalismo com grande quantidade de moscas. (...)

(...) S. Paulo é, infelismmente, o paraizo das moscas.

*O lixo é um dos pontos preferidos para a sua multiplicação e o mau systema de seu tratamento entre nós é uma das causas que contribuem para a grande proliferação desses insectos.(...)*²²⁸

²²⁷ Borges Vieira, F. “Estudo Epidemiologico de Febre Thyphoide em S. Paulo” In: Boletim nº 12, Instituto de Hygiene, 1922, pág. 4.

²²⁸ Idem. Pág. 25.

Novamente as questões do abastecimento de águas na cidade, conjugadas com problemas relacionados ao lixo trazem a baila os problemas enfrentados pela cidade de São Paulo.

Problemas esses que poderiam estar divididos em pelo menos duas instâncias: uma sanitária, procurando identificar conter e tratar epidemias causadas pelos sistemas hídricos, esgotos e tratamento e destino do lixo e outra instância que compreendia aspectos administrativos e econômicos para estes mesmos problemas.

Os caminhos dos rejeitos e dejetos: rastros de restos...

As discussões em torno destes temas seguiam nos meios clínicos, acadêmicos e administrativos. Cada um apontando e propondo soluções, que em alguns casos se comunicavam e interseccionavam.

Em discurso feito à Câmara Municipal de São Paulo, o vereador Orencio Vidigal comentava a cerca de constantes reclamações que tomava contato quer através da imprensa, quer através de eleitores e relatava suas impressões dos diferentes locais visitados:

“(...) Iniciei portanto, uma série de visitas aos bairros de Sant’Anna, Barra Funda, Bom Retiro, Braz e parte da Móoca, e forçoso me é confessar que, a impressão causada foi simplesmente desoladora no tocante á hygiene da cidade. (...)

(...) A cada passo, observam-se: aguas estagnadas, tanto nas ruas como valletas; grande accumulos de lixo dispersos no solo e vallos, tudo isto exposto aos raios solares, sujeito a putrefações e fermentações. (...)

(...) é de consequencias funestas á saude publica, dil-o o Boletim de Demographia do nosso Serviço Sanitario, onde se destacam 71 fallecimentos de febre-typhoide, no estreito período de 1 de janeiro á 31 de maio do corrente anno. (...)”²²⁹

É importante frisar que Orencio Vidigal antes de ser vereador já teria sido inspetor sanitário, e portanto, toda a sua construção discursiva sobre o lixo e seus problemas tinha um olhar profundamente influenciado por sua função anterior.

²²⁹ Coleção Actos e Decretos do Municipio, 1913, pág. 217.

Voltando à questão da escolha de tais bairros: de forma alguma era aleatória – eram periféricos, limítrofes e representavam os limites de uma cidade que crescia vertiginosamente e de forma desordenada. Eram bairros operários, pobres e com todas as carências próprias destes: ausência de um sistema de abastecimento de água e esgotos, além dos problemas relacionados a altas taxas de mortalidade infantil e doenças contagiosas.

Além de todos estes problemas, era ali num limite natural dado pelo rio Tietê que estava localizado um destes bairro-limítrofes da cidade: a Ponte Pequena. Sua localização favoreceu rapidamente sua utilização como um dos muitos destinos dado ao lixo produzido na capital. Era ali, sob os olhos de quem os quisesse ver que verdadeiras montanhas de detritos eram depositados dia a dia. A descrição nas palavras de Orencio Vidigal deste bairro e dos outros que o circundavam seguem contundentes:

“(...) Em San’Anna, o trecho compreendido entre Ponte Grande e Ponte Negra não tem exgotos; esta grande quadra é toda baixa e alagadiça, cortada no centro pela rua dos Voluntarios da Patria. (...) Abi não é possivel fazer fossa fixa porque a agua do lençol superficial passa a um metro quasi da superficie do solo, de forma que os despejos são feitos na superficie do solo.

Todos esses despejos e reunidas as aguas servidas são arrastados para o centro da varzea, ponto mais baixo, e abi se accumulam, estagnando-se. (...)

(...) É notavel o que se passano deposito de lixo da Ponte Pequena: aos olhos de quem por lá transita, ergue-se ima collina de detriectos de toda a especie, ocupando uma

*grande área em verdadeira decomposição ao ar livre e desagregando-se pelos ventos(...)*²³⁰

As descrições reservadas à estes pontos da cidade encontram diferentes versões e são alvo de constantes críticas, como se verifica em um outro discurso realizado na Câmara do Município de São Paulo:

*“(...) O que se passa nesta cidade em materia de limpeza publica é uma cousa intoleravel. Todo mundo reclama, todo mundo fala e o lixo lá continua amontado na Ponte Pequena. Aquillo é um fóco de miasmas, um fóco pestilencial! (...)”*²³¹

Alvo de atenções das autoridades administrativas, o depósito de lixo da Ponte Pequena não passava despercebido também das autoridades sanitárias, e por isso, não sem surpresa encontramos na coleção Paula Souza registros sobre este bairro (foto nº 151). Sua atenção no entanto, não foi retratar o depósito de lixo, mas antes a própria ponte que dá nome ao bairro e que se configurava como obra arquitetônica de ligação entre a área central e o bairro de Sant’Anna.

²³⁰ Idem. Pág. 218.

²³¹ Parecer nº 41, das Comissões reunidas. Coleção Actos e decretos do Municipio. 16.04.1912.

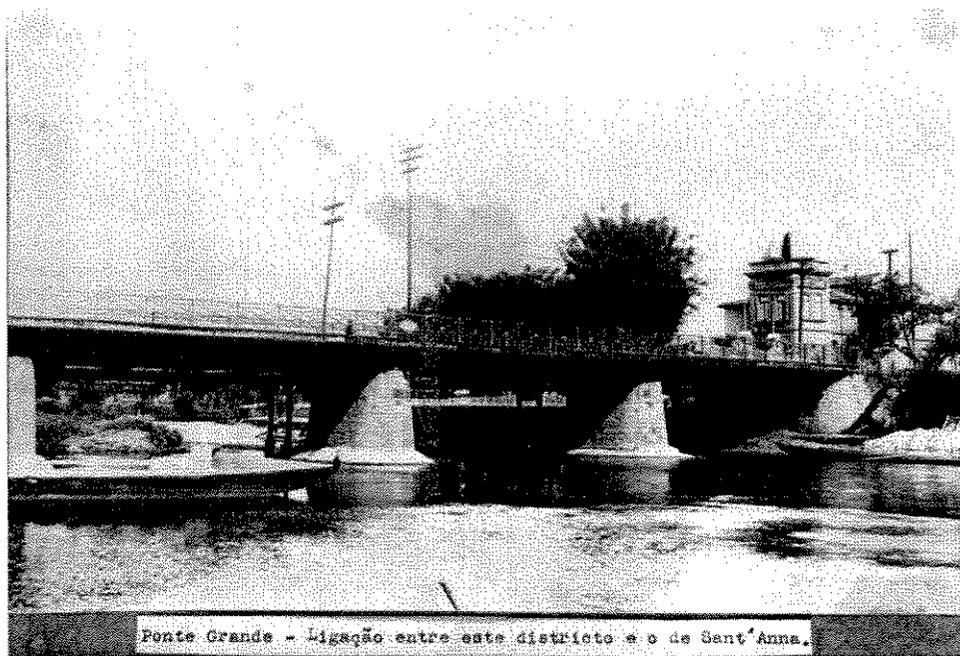


Foto nº 151 – Coleção Paula Souza

O ângulo escolhido para o registro destaca a monumentalidade da construção que se estende sobre o Rio Tietê, e sua legenda **“Ponte Grande – Ligação entre este districto e o de Sant’Anna”** não revela muita coisa, nos fazendo crer que o interesse pelo bairro de fato estava em ser um território limítrofe distante do centro e que oferecia a ligação às regiões mais afastadas da cidade, ao mesmo tempo em que possuía o maior depósito de lixo da cidade, sendo por isso um local considerado como foco de contaminações.

Tal idéia se confirma quando em meio aos diferentes registros da cidade, encontramos a visita a outro dos bairros da capital que ofereciam riscos de contaminação devido às suas águas e depósitos de lixo, que eram a Barra Funda e o Córrego Pacaembu.

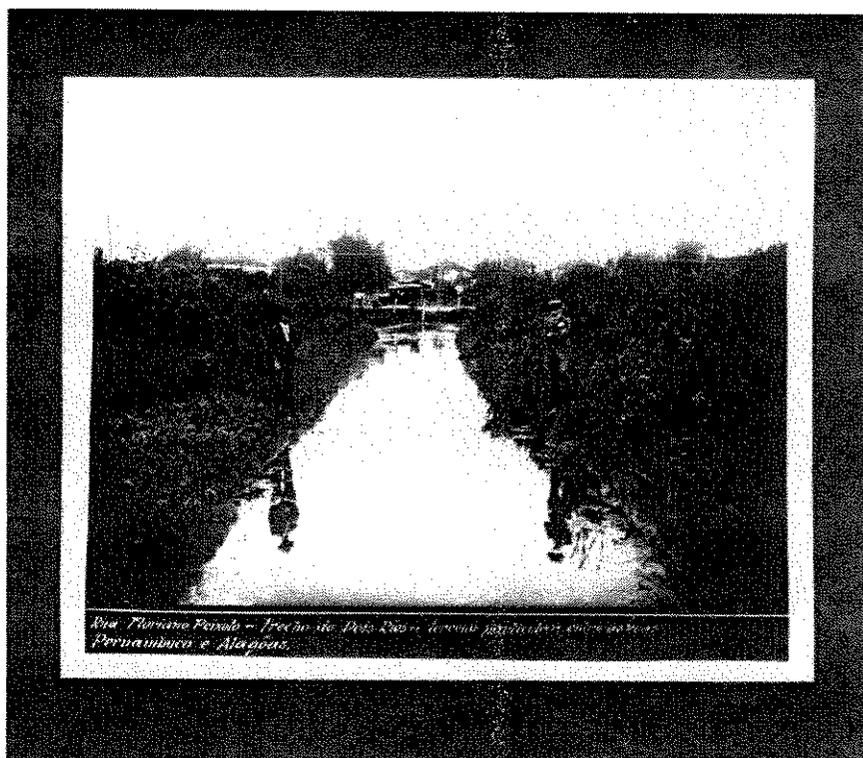


Foto s/ n. - Córrego Pacaembu em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

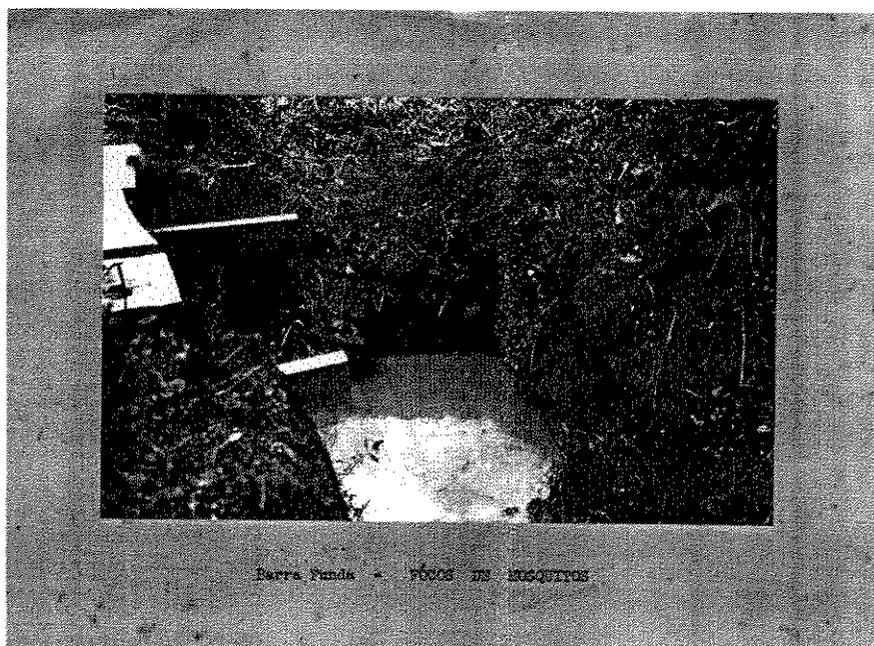


Foto s/ n. - Córrego na Barra Funda em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

Na mesma seqüência apresentada por Orencio Vidigal, Paula Souza se ocupa em identificar o que chama através de sua legenda de *“focos de larvas de mosquitos localizados em poças de água nos córregos do Pacaembú e na Barra Funda”*. Novamente o sanitarista se detém a bairros distantes e considerados potencialmente perigosos e detentores de altos índices de contaminações. Para o caso destas imagens, as legendas são claras.

Nos dois casos o sanitarista se fixa focos de larvas e em poças de água que propiciavam a proliferação de moscas e mosquitos: agentes prioritários na disseminação de diferentes doenças. Ao redor, preocupou-se em mostrar seu entorno: local margeado pelo crescimento de vegetação natural e sem qualquer tratamento pela municipalidade. A ausência de calçamento e o crescimento desordenado da vegetação indicam o desleixo existente e condenável higienicamente.

Na fala de Orencio Vidigal, o próximo bairro visitado após a Ponte Grande também era a Barra Funda, e em seguida é justificada sua visita. Em suas próprias palavras:

“(...) Minha inspecção á Barra Funda, autoriza-me a afirmar que o deposito de lixo na rua Anhanguéra soube contituir com vantagem um fóco permanete de infecção(...) é certo que para o referido deposito são conduzidas, diariamente, cerca de 100 toneladas de lixo.

O que, no entretanto, não é do conhecimento de todos é que apenas 10 por cento dessas toneladas são incineradas no forno do Araçá! Isto quer dizer que 90 toneladas

ou noventa mil kilos de lixo, lá ficam no Anhangüera, sujeitos á exploração mercantil, sem previa desinfecção para os que lá vão resolvendo-os, para catar trapos e papeis servidos. (...)

(...) São, pois, 90.000 kilos que pelos raios solares soffre o processo das decomposições e fermentações, concorrendo para o quociente de letalidade no bairro.

Srs. Edis, a remoção e extinção do lixo do deposito do Anhangüera, impõe-se como medida de urgencia, porque a sua permanencia modifica o ambiente, constituindo e mantendo magníficos viveiros de moscas e mosquitos, transmissores de molestias infecciosas.

*Finalmente o accumululo do lixo no deposito do Anhangüera é um attentado á saude dos habitantes dos bairros da Barra Funda, Campos Elyseos e Bom Retiro. (...)*²³²

A questão do lixo na cidade rendeu inúmeras discussões e produziu páginas e páginas de relatórios, pareceres, discursos e nos fornecem muitas informações sobre os caminhos dos rejeitos nas ruas da cidade.

O convívio com o lixo no âmbito doméstico vem de longa data e apenas no início do século XX é que se experimenta uma intensificação na regulamentação destes rejeitos. Deixando o ambiente doméstico e ganhando um estatuto de competência administrativa os caminhos do lixo passam diretamente pelo informalismo de diferentes profissões, dentre as quais a dos trapeiros e catadores. Excluídos de um mercado produtor e de consumo, tais profissões

²³² Ibidem. Pág. 218 e 219.

vivem de um **informalismo reciclável**, onde das sobras se retiravam a matéria-prima para o produto consumível de amanhã.

Do universo das sobras e rejeitos é que trapeiros e catadores retiravam sua subsistência e de suas famílias, vendendo para empresas os produtos de suas buscas: papéis, trapos, ferros e outros materiais. Aparentemente tais trabalhadores tinham livre trânsito pela cidade e obtinham autorização de **catar** mesmo nos lixos domésticos e particulares. Tal atividade aos poucos se integrava de forma regular à rotina da cidade, criando um sistema de informalização de tarefas na cadeia produtiva ao mesmo tempo em que se gerava, segundo especialistas, sérios problemas referentes à higiene domiciliária. O hábito de depositar detritos de forma domiciliária, para depois ser vendido parecia ser mais comum do que se pensa.

Chamando atenção à esta prática, o vereador Orencio Vidigal relata que em visitas à domicílios ainda como inspetor sanitário verificava:

“(...) muitos e verdadeiros armazens de trapos, intra-domicílios, imundos, aptos á transmissibilidade de molestias, contra cuja infracção ás leis sanitarias agiamos, para vermos esta infracção repetida pouco tempo depois. (...)”²³³

²³³ Indicação nº 247, de 1913. Colecção Actos e Decretos do Municipio.

Mesmo em uma economia quase informal e ambulante, diferenças substanciais eram verificadas por aqueles que se dedicavam ao assunto do lixo na cidade. Um exemplo disso é o artigo dum médico sobre as diferenças entre catadores e trapeiros:

“(...) O trapeiro atacadista é um parasita do catador e para este o negocio não é vantajoso; dá apenas para matar a fome, pois o máximo que um homem activo pode catar durante a noite, são 30 kilos de mercadorias, que a \$100 dão um salário de 3\$000, uma miséria para um trabalho nocturno.

Para o trapeiro atacadista não podemos dizer o mesmo; a industria é das mais rendosas, requer um capital diminuto (50\$000) e no maximo 100\$000, e os lucros são phantasticos. (...)”²³⁴

O trapeiro que realizava seus trabalhos de forma individual e ambulante pelas ruas da cidade dificilmente conseguia reunir uma quantidade significativa de dinheiro. Era um trabalho que garantia apenas a sobrevivência quotidiana e talvez por isso encontremos um número grande de mulheres e crianças envolvidas nesta atividade, nos fornecendo o indício de que dificilmente uma família inteira seria sustentada pelo trabalho de um único membro.

Diversos relatórios sobre o trabalho realizado nos depósitos espalhados pela cidade encontram-se recheados de registros fotográficos onde mulheres e crianças aparecem como principais personagens no trabalho de catagem e separação de trapos.

²³⁴ Marcondes, A. Vieira. “Considerações sobre a nociva industria de trapos em São Paulo”. Monografias do Serviço Sanitario. São Paulo, Delegacia de Saúde, nº 6, 1919, pág. 8.

O trabalho ambulante de comercialização de sobras envolvia uma outra atividade desenvolvida em especial por espanhóis, que era o transporte e comercialização de sucatas.

Os sucateiros como eram conhecidos, vivam da atividade de compra e venda de ferros-velhos em geral. A comercialização da sucata possuía uma dinâmica muito própria de funcionamento, citada por José Leonardo do Nascimento:

“(...) Os carrinheiros, via de regra imigrantes recém-chegados, buscavam os carrinhos nos depósitos e algum dinheiro para a faina do dia. Os depositários recebiam no final do expediente os produtos que eram então separados, classificados e transferidos para os comerciantes andaluzes do Brás. Daí a mercadoria seguia finalmente para as usinas de fundição. Cada nível de atividade pressupunha, ainda algum desenvolvimento técnico e saber específico. O carrinheiro dominava saber da cidade, arrastando o carrinho pesado de produtos relegados pela população. Levava consigo, além do carrinho, uma pequena balança e um ímã para identificação dos ferrosos. (...) O depositário aparecia como especialista de maior porte. Exercia uma verdadeira taxicomania dos materiais, preparando-os para revenda. Ao vendedor imprescindia uma técnica de intervenção sobre a matéria. Fazia-se necessário prensar latarias, chaparias, forando pacotes de metal. A massa sucutada era ainda cortada, e preparada para o trabalho futuro de laminação. (...)”²³⁵

²³⁵ Nascimento, José Leonardo do. “Trabalho e prestígio social: os espanhóis em São Paulo”. Araraquara, mimeo.

O rastro de todos estes rejeitos era novamente a possibilidade de alimentar ainda mais um mercador produtor e consumidor que encontrava cada vez mais alternativas de vida e trabalho.

A cidade desta forma, mostrava seu lado autofágico...

Nos caminhos dos rastros dos restos alfacinhas

Este trabalho desenvolvido nas ruas e autorizado muitas vezes pelas próprias donas-de-casa podia ser igualmente encontrado nas ruas de Lisboa. Benoliel registra este trabalhador no desempenho de suas atividades em pelo menos dois registros: o primeiro foto n° A3942 é de um pequeno trapeiro à porta de uma casa á procura de trapos, papéis e outros objetos de interesse para ser comercializado. As pequenas mãos, são ávidas, donas de uma curiosidade seletiva e nenhum outro cuidado com eventuais perigos de contágio. Ao seu lado um saco guarda provavelmente os produtos do seu dia de trabalho.



Foto n. A3942 do AFCML – Catadores em Lisboa

O outro registro é a foto n° A3962 onde mais uma vez o trapeiro tem sua imagem sequestrada enquanto distrai-se na decisão sobre o que incluir na coleta do seu trabalho. Como quase sempre ocorria, o catador realizava seu trabalho às portas das casas, nos vãos

das escadas e em outros locais muito próximos das residências. A familiaridade do catador com o lixo domiciliar fica evidente e mostra-nos que o hábito de se guardar o lixo em casa era corriqueiro e freqüente, levando os catadores a ter uma rotina de coleta com a permissão dos residentes.



Foto n. A3962 do AFCML – Catadores em Lisboa

Este hábito de deixar o lixo acondicionado em caixotes nas entradas das casas ou nos vãos das escadas facilitava o revolvimento do lixo por trapeiros e catadores lisboetas, de tal sorte que se costumava expedir ofícios à Câmara para se protestar contra este hábito. É o caso por exemplo do ofício abaixo:

“(...) a Comissão tem a observar que o lixo encontrado nos passeios e patamares pode provir do revolvimento por pessoas, ou por cães e gatos, da contenda dos caixotes, enquanto estes demoram ás portas dos moradores.

*O nº 2 do at. 4º da Postura nº 37, permite que quando ao morador não convenha esperar pela carroça, elle possa collocar, do lado de dentro da porta da rua, o vaso tapado; mas o que gualmente succede é que os recipientes não tem tampas, e assim abandonados ás portas, prestam-se a ter o seu conteúdo espalhado pelos passeios e patamares. (...)*²³⁶

Além do hábito de deixar o lixo em caixotes nas portas das casas, existia o hábito de jogar na própria rua os detritos produzidos.

O Jornal O Século trouxe em diferentes momentos reportagens abordando este problema, sendo que em uma delas lemos:

“(...) Ha ruas onde não se pode passar, tal é o cheiro nauseabundo que exalam; e tudo isto porquê? Porque os civicos de serviço são uns paineis de palha, (...) e dão logar a que, na sua frente, todos os detritos e immundicies sejam arremeçados de maneira a cairem a seus pés. (...)

(...) Em um dos dias da semana passada, na rua do Arco da Graça, uma mulher lançou da janella para a rua um volume bastante volumoso, contendo residuos de peixe e restos de comida.

²³⁶ Officio 46, de 03.05.1907, assinado pelo Diretor Geral-Chefe de 3ª Repartição, sr. Antonio Maria dos Santos Viegas.

Como este facto presenciado pelo guarda civico nº 783, a quem por alcunha chamam o Cabrito; este immediatamente subiu escada acima, resolvido a proceder á competente autoação, como de facto procedeu, e muito bem.

*Porém, a mulher é que não gostou da intervenção do guarda e veio para rua, berrando e fazendo um barulho tal, que d'ali a pouco estava rodeada e uma grande multidão, que, em vez de applaudir o acertado e justo procedimento do civico, ainda contra elle protestava, dizendo que elle não devia ter multado a mulher, porque era uma obra de caridade dar de comer aos gatinhos(...)*²³⁷

Diferentes officios eram dirigidos à Câmara Municipal de Lisboa, onde as reclamações em torno do lixo se avolumavam. Um destes officios relata o descompasso existente entre recolha do lixo e produção deste pelos moradores da cidade:

“(...) É de facto muito eficiente a limpeza municipal, não sendo facil melhora-la nem mesmo torna-la sequer soffrivel, porque não ha canalisação d'esgoto e tudo o que é logradouro ou via publica está em terreno natural. A superficie do sitio ou largo denominado Rocio só por si occupa um espaço de cerca de 94.000 metros quadrados.

Dizem os supplicantes que os largos mais frequentados são verdadeiros focos de infecção, e que só dois varredores alli apparecem, uma vez por semana. (...)

²³⁷ Jornal O Século. “A Esthetica e a Limpeza da Cidade”. 20.09.1911.

*(...) enquanto a superfície a limpar fôr em terreno natural e os moradores fizerem despejos para a via publica; mas reclamam os supplicantes, para se evitar a continuação do facto que vem ser apontado, que uma carroça destinada a receber os dejectos dos moradores percorra a localidade, e tal já succedeu como dizem: porem se de novo fosse restabelecido este serviço nem por isso se conseguiria o resultado justamente desejado, porquanto das inforamções a que a Comissão mandou proceder resulta terem declarado alguns moradores que não poderiam reter em casa, até o transporte chegar, os dejectos produzidos por familias compostas de seis e mais pessoas. (...)*²³⁸

²³⁸ Informação nº 31, Processo 10476, de 05.01.1910

Os caminhos administrativos dos rejeitos da Paulicéia

No caso de São Paulo, o lixo em verdade, não era apenas tratado de forma informal, mas também recebia um tratamento organizado e administrado pela prefeitura e incluía o recolhimento deste em transporte feito em carroças e que de acordo com sua localização chegava a ter um itinerário diário.

De tal sorte, e provavelmente por este motivo e não relacionado à aspectos sanitários que Vincenzo Pastore direcionou suas lentes para tais trabalhadores da limpeza urbana e registrou-os em ação. Preocupado com extrair da cidade tipos urbanos em diferentes situações de trabalho, Pastore registra-nos o serviço público de remoção de lixo feito através de carroças (foto nº 22). Tal como Paula Souza, o registro é feito às portas de um Mercado. Local onde por todo o dia e tempo sobras se avolumam e aguardam o momento de serem removidas.



Foto n. 22 – Remoção de lixo em São Paulo – Coleção Vicenzo Pastore

No caso deste registro, não podemos atribuir-lhe qualquer intenção de denúncia ou queixa em relação à forma como o trabalho transcorria. O registro faz parte do inventário que seu produtor faz dos personagens e trabalhadores urbanos. Diferente do que ocorre com o registro de Paula Souza para este mesmo tema, que é a foto nº 40.

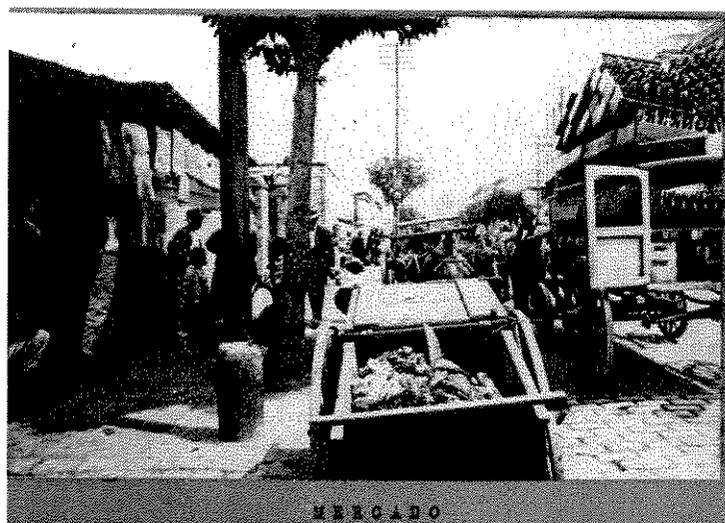


Foto n. 40 – Recolha de lixo em mercado de São Paulo – Coleção Vincenzo Pastore

Para este registro, o que nos chama atenção é o local escolhido para a tomada da imagem: a entrada principal de um mercado. Local como já citado anteriormente como alvo de críticas quanto aos problemas sanitários presentes na comercialização de gêneros alimentícios. Em segundo lugar, o registro procura focar em primeiro plano a carroça aberta de transporte de lixo que aparenta estar simplesmente estacionada, sem qualquer indicação de trabalhadores à sua volta. Isto em si seria alvo de preocupação sanitária, já que o código sanitário era claro quanto a necessidade do lixo estar sempre tampado e somente quando encontrasse o seu destino, longe no mínimo 200 metros de qualquer residência é que deveria ser destampado.

É importante ressaltar que a questão do lixo e a possibilidade de lucros advindos de seu aproveitamento surgem em um momento bem posterior. No entanto, desde os primeiros anos do século XX as discussões em torno do que fazer com ele já era bastante corrente.

Um histórico sobre esta questão facilitaria a compreensão para as políticas que vieram a ser propostas na década de 1920 em São Paulo.

A lei nº 1.043 de 30 de Setembro de 1907 lançava a concorrência pública para o tratamento do lixo na cidade de São Paulo e determinavam quais seriam as bases para a sua contratação. Em um primeiro momento determinavam-se quais seriam as atribuições do serviço de limpeza pública, para em seguida tratar das tarefas cabíveis, como varredura, irrigação, transporte e remoção de lixo (incluindo-se aqui inclusive uma definição para o que seria lixo):

“(...) Art. 2º. – O serviço de limpeza publica compreende:

- 1. Nas ruas calçadas, qualquer que seja a natureza do calçamento, a sua varredura e remoção do producto desta, bem como a de todos os objectos e detritos existentes;*
- 2. Nas ruas calçadas (...), a lavagem do pavimento e passeios por meio de jacto e escova;*
- 3. Nas ruas sem revestimento a varredura dos passeios, sargetas, cruzamentos (...) e a remoção de todos os objetos e detritos existentes nas mesmas ruas;*
- 4. Nas ruas calçadas e macadamizadas, a irrigação da sua superficie e a lavagem e desinfecção dos pontos de estacionamento de vehiculos de animaes;*
- 5. Em qualquer ponto da cidade, a remoção do producto das capinações, limpas e podas da vegetação e arborização dos logradouros publicos e do lixo que tiver sido clandestinamente lançado ou depositado nos terrenos baldios, publicos ou particulares;*
- 6. Em qualquer ponto da cidade, a limpeza e desinfecção das boccas de lobo;*

7. *Finalmente, a remoção e destino dos animais mortos, encontrados em lugar público, e de todos os outros que a Prefeitura entender que devam ser removidos para conveniente destino (...)*²³⁹

A competência da limpeza pública segundo a abertura desta concorrência ia desde a varredura e limpeza de ruas e bocas de lobo, até a remoção de animais mortos encontrados em vias públicas e a desinfecção de áreas de trânsito e estacionamento de veículos à tração animal. Também eram em seu interior que ficavam determinadas as competências da chamada limpeza particular, que compreendia:

“(...) Art. 3º. O serviço de limpeza particular compreende:

1. *A remoção do lixo de todos os prédios, estabelecimentos públicos ou particulares de qualquer ordem e casas de habitação da cidade, que fôr depositado ou lançado na via pública;*
2. *A remoção do lixo, imundícies ou detritos de qualquer natureza, provenientes das varreduras e limpeza dos mercados cobertos ou descobertos, públicos ou particulares, e de todos os outros estabelecimentos ou repartições públicas de qualquer ordem; (...)*²⁴⁰

Em relação à varredura das ruas, a lei determinava grupos de ruas onde a limpeza seria diária, outra que seria realizada a cada dois dias e um terceiro grupo que seria realizada a cada três dias. O horário para tais tarefas seria sempre o noturno, iniciando-se sempre à meia-noite e tendo seu término previsto para antes das cinco horas da manhã. Para o

²³⁹ Lei nº 1.043 de 30 de Setembro de 1907. Coleção Actos e Decretos do Município.

²⁴⁰ Idem.

transporte dos detritos ficava determinado o uso de carrocinhas que passariam no decorrer do dia quantas vezes se fizesse necessário.

Outro trabalho previsto para a limpeza pública era a irrigação das ruas calçadas e macadamizadas. Igualmente separada em grupos, havia as que recebiam irrigação até duas vezes por dia. Em dias de chuva o mesmo pessoal trabalharia na remoção da lama acumulada. Para a lavagem dos estacionamentos e bocas de lobo, determinava-se como procedimento:

“(...) Art. 8º - A lavagem dos pontos de estacionamento de veículos e animais deve ser feita duas vezes por dia, das 8 às 11 da manhã e das 2 às 5 da tarde. Esse serviço será feito com vassouras apropriadas, água abundante e de modo a deixar a superfície do pavimento completamente limpa de detritos orgânicos.

À lavagem seguir-se-á a desinfecção do local, feita pela irrigação com o desinfetante que for indicado pela Prefeitura, aconselhado pela junta de higiene (...)”²⁴¹

Parte desta concorrência especificava o que deveria ser considerado lixo e o que não poderia ser assim chamado. Para lixo, definia-se:

“(...) é considerado como lixo: o produto sólido da limpeza de qualquer prédio e casa de habitação, inclusive a dos jardins, pátios, etc; os detritos sólidos de cozinha, e os

²⁴¹ Ibidem.

demais da vida domestica, commercial ou industrial, como papeis, latas, vasos, trapos, cacos, pequenos animais mortos, cinzas, serragem, etc.

O lixo deve ser collocado sobre a via publica, em recipientes apropriados, de fórma e peso manuseaveis, sem limite do numero desses recipientes para cada predio ou casa de habitação. (...)”

Não era considerado lixo:

“(...) 1. Os objetos de uso doméstico que, pelas suas dimensões, volume, peso, não possam ser contidos nos recipientes acima referidos;

- 2. Os residuos vegetaes, provenientes de limpeza e poda de jardins ou chacaras, bem como terra, estrume, etc, desde que, pela sua quantidade, não possam ser depositados juntamente com o lixo nos recipientes destinados á remoção destes;*
- 3. Os residuos industriaes de qualquer natureza e os objetos imprestaveis ou condemnados para o consumo (...);*
- 4. Os restos de materiais provenientes de obras em construcção e os productos de demolição e desentulho de qualquer natureza. (...)*”²⁴²

Quanto ao transporte e a remoção destes detritos a lei especificava que:

“(...) Art. 14º. - Terminado o carregamento das carroças empregadas nos diversos serviços, seguirão estas perfeitamente fechadas, sem demora ou parada, até ao logar de

²⁴² Ibidem.

destino, não sendo permitida durante o percurso qualquer baldeação ou depósito fóra dos pontos determinados pela Prefeitura. (...)

Art. 15º. - (...) As carroças e carrocinhas a que se referem os artigos anteriores, devem ser solidas, estanques, apropriadas ao fim especial a que se destinam e mantidas em bom estado de conservação e asseio.

Estas carroças serão munidas de tampas que fechem completamente, de fôrma a não deixar cabir ou vasar parte alguma de seu conteúdo. Essas tampas só serão levantadas para carga ou descarga.

Deverão ser lavadas diariamente e desinfectadas em dias e por processos indicados pela Prefeitura. (...)

Nas carroças destinadas á remoção do lixo serão collocadas sinetas de aviso, de modo que de longe possam ser ouvidas pelos moradores para melhor execução de tal serviço.

As carrocinhas de mão serão construídas de modo a ocupar espaço diminuto na via publica. (...)²⁴³

As especificações previstas em lei eram bastante claras e minuciosas, mas como todas as leis, sabemos do seu alcance e poder de sua execução...

²⁴³ Ibidem.

Conforme verificamos na imagem registrada por Paula Souza, a carroça transportadora do lixo estacionada em frente ao mercado, provavelmente de competência da limpeza particular, nem de longe obedecia estas especificações, comuns às duas instâncias de limpeza: a pública e a privada.

Quanto às sinetas de aviso, muitas vezes tinham um efeito bem diferente do desejável, e em alguns casos mal serviam para indicar perigo à transeuntes desatentos ao tráfego e velocidade das mesmas. Carlos Pimenta, Delegado da 5ª Circunscrição de São Paulo, escrevia em um inquérito sobre um acidente envolvendo uma de tais carroças pelas ruas da cidade:

“(...) O soldado da guarda civica Anthonio Athanasio da Silva, estando em ronda na rua Pedrozo, no dia 19 do corrente, ás 17 h 15’, ao atravessar uma esquina, foi apanhado pelo caminhão nº 70 da Limpeza Pública, que descia pela rua Martiniano de Carvalho, em disparada. O cocheiro José de Oliveira não tinha rédeas na mão, deixando os animaes correr a vontade, de modo que a victima foi apanhada pelas costas e jogada ao chão e duas rodas do vehiculo, passaram sobre a perna esquerda do soldado (...)

(...) Foram ouvidas 4 testemunhas. As duas primeiras ouviram gritos da victima e então observaram que um caminhão da Limpeza Pública, puxado por tres animaes e que caminhava em marcha regular, havia apanhado o soldado (...) ferindo-o. Atribuem o desastre á propria victima, que estava destrahido, não ouvindo o barulho da carroça e os gritos do cocheiro (...).

(...) As duas ultimas, ao contrario, dizem que o caminhão, (...) cujos animaes iam em disparada, pelo facto do cocheiro (...) ter dado uma paulada na cabeça de um dos animaes e espantados os outros saíra em disparado, indo pegar o soldado (...) E tanto isto é exacto que o indiciado não nega a disparada dos animaes. Disse que conduzia o caminhão nº 70, (...) e ao virar para entrar na mão na rua Pedrozo, um dos animaes bateu num soldado (...) derrubando-o (...)

(...) Os animaes estando acostumados a ir para a coqueira ás 17 horas, ao sentirem o caminhão vazio, puseram-se a correr, não obedecendo as redeas, (...) fez uma descida forte. Gritou para que o soldado se afastasse, mas destrahido como estava junto ao passeio, não se moveu resultando ser apanhado pelo caminhão. Parece-nos que a culpa está mais do lado do cocheiro (...), porque numa rua central, de movimento, não se dá pauladas no animal, para não disparar. (...)²⁴⁴

Conforme se verifica, anos após a redação da lei, ou seja, 15 anos depois, as carroças de limpeza urbana continuavam a circular pela cidade, e o uso de sinetas de aviso pareciam não ser tão eficientes assim.

Através do inquérito, podemos verificar que o horário de funcionamento para as carroças na cidade não excedia às 17 horas, concluindo-se que todo o trabalho de recolhimento do lixo e descarga do mesmo deveria ser feito antes deste limite: horário em que os animais utilizados deveriam ser levados à coqueira. Pelo inquérito, somos levados a crer que o trabalho de remoção do lixo era realizado pelo próprio cocheiro, que além de ser

²⁴⁴ Inquérito redigido por Carlos Pimenta, Delegado da 5ª Circunscrição de São Paulo, 28.07.1922.

responsável pela condução do veículo, ainda respondia pela tarefa de recolha dos detritos deixados em recipientes nas ruas à frente de casas comerciais e residências.

A análise detida da lei 1.043 nos revela ainda um fato interessante quanto ao aproveitamento do lixo e seu eventual uso industrial.

A lei especificava que só teria direito sobre o lixo o contratante que se dispusesse incinerá-lo ou tratá-lo de alguma forma, caso contrário todo o direito sobre o seu produto estaria à cargo da Prefeitura. Tais implicações a longo prazo dariam frutos e inúmeras discussões em plenário, como analisaremos a seguir.

Nos próprios termos da lei:

“(...) Si o contractante se obrigar a incinerar ou a tratar por meio de algum processo de redução pelo vapor o producto da limpeza publica ou particular, pertencer-lhe-á o producto em sua totalidade, com excepção do que requisitar a Prefeitura para fins experimentaes e para jardins, parques e estabelecimentos agricolas (...)

(...) No caso de não se obrigar o contractante a dar destino ao lixo, quer por cremação, que por utilização agrícola, nenhum direito terá sobre o mesmo, que deverá ser transportado para onde melhor entender a Prefeitura.

*Para esse caso deverá a Prefeitura fixar desde logo o ponto ou os pontos para onde deverá o contractante remover o lixo da cidade. (...)*²⁴⁵

Em nenhum momento a Prefeitura coloca de forma clara qual seria exatamente o destino final do lixo em caso de tornar-se sua responsabilidade, e esta continuou sendo uma característica dos atos seguintes.

Desta concorrência, só apresentou-se um único concorrente e solicitava que pelos serviços prestados à Prefeitura lhe fossem pagos 1.030 contos de réis. Devido ao alto preço solicitado e à dependência de liberação de uma verba orçamentária, decidiu-se renovar por 18 meses o contrato já existente de limpeza pública, isto em 21 de Junho de 1908.

Transcorridos os 18 meses de prazo, já em abril de 1910 prorrogou-se por mais 2 anos o contrato existente. Antes do vencimento deste prazo e com base ainda na lei nº 1.043, a Prefeitura criou a chamada “taxa sanitária” de 20 de Abril de 1911, sem contudo solucionar a questão do destino do lixo para a cidade de São Paulo. Nela ficava especificado:

“(...) Art. 14º. - (...) Até que a Camara delibere definitivamente sobre o destino final do lixo, a Prefeitura poderá permitir que os refugos urbanos sejam despejados em um ou

²⁴⁵ Lei nº 1.043 de 30 de Setembro de 1907. Coleção Actos e Decretos do Municipio.

mais depositos situados para além da zona habitada, a 200 metros, no minimo, de qualquer habitação e de qualquer rua ou estrada publica. (...)»²⁴⁶

Em 15 de Outubro de 1911, novo contrato é assinado e de novo o destino do lixo fica indeterminado:

“(...) 18ª cláusula. (...) terminado o carregamento das carroças empregadas nos diversos serviços, seguirão as mesmas perfeitamente fechadas, sem demora ou parada para o ponto ou pontos que foram marcadas pela Prefeitura e aprovados pela Camara, pontos estes em que os contractantes devem observar a distancia minima de duzentos metros das habitações mais próximas, rua ou estrada publica, de modo que não constituam inconveniente, incommodo, ou contrangimento ao publico, ficando expressamente prohibido o lançamento nos rios de qualquer quantidade de lixo. (...)»²⁴⁷

Neste momento ainda não se consideram as potencialidades do uso industrial do lixo, e em primeira instância se busca simplesmente um destino final para o lixo. Na opinião da administração pública o problema passava por duas questões fundamentais: de um lado o aspecto sanitário, onde o lixo entrava como maior contribuinte das altas cifras de doenças infecciosas na cidade e de outro lado, como um aspecto económico, considerando-se os custos para implantação de fornos incineradores e o transporte do lixo de diferentes pontos

²⁴⁶ Lei nº 1.043 de 20 de Abril de 1911.

²⁴⁷ Lei nº 1.043 de 15 de Outubro de 1911.

da cidade para locais determinados. Os defensores da incineração em oposição a desvantagens dos altos custos para a implantação e manutenção dos fornos incineradores, colocavam como vantagens a superioridade de tal processo e uma resposta eficaz aos aspectos sanitários envolvendo o tratamento do lixo. Argumentavam que os combustores não representavam apenas um local para destruição, antes, colocavam-se como centros produtores de energia a partir da combustão do lixo. Além do mais, seria uma substituição rentável de uma utilização simplesmente agrícola para o lixo por uma eminentemente industrial.

Em indicação feita à Câmara Municipal de São Paulo, o vereador Armando Prado referindo-se ao problema do lixo acrescentava:

“(...) o problema chegou ao seu periodo agudo. A voz da imprensa, alliada á voz do povo; as indicações dos vereadores; o estado lamentavel de immjundicie em que chafurdou a nossa capital; o aspecto das nossas ruas e praças, mais poeirentas do que as veredas dos desertos; o immundo sequito de cabungos que, por altas horas do dia, transitam pelas ruas da cidade com o lixo á mostra, pingando sordicias sobre o solo e exhalando emanações para os ares, tudo isto vem mostrar á saciedade que a situação não póde continuar como está. (...)”²⁴⁸

O mesmo vereador trazendo consigo um relatório de um Membro da comissão Parlamentar de Higiene da cidade de Paris, datado de 1º de Junho de 1908 sobre a fabricação de carvão

²⁴⁸ Indicação nº 209 de 1912.

comprimido a partir de detritos orgânicos, onde se dizia que se tratava de um processo que oferecia um duplo benefício às cidades: de um lado a solução para os problemas do lixo e de outro o fornecimento de um combustível acessível à população. A proposta ia além da incineração, propondo uma forma alternativa de combustível.

O relatório seguia descrevendo as principais operações envolvidas no processo de secagem e trituração e encerrava por discriminar suas vantagens:

“(...) A seccagem da immundicie triturada é, pelo lado pratico e, sobretudo pelo hygienico, o ponto capital desta série de operações. Trata-se, realmente, de desinfectar a materia mal cheirosa (...).

(...) Verifiquei, outrossim, que os agglomerados de carvão de immundicie são um combustivel muito gordo, produzindo uma chama longa (...). Além disso, a combustão é facil (pegam fogo instantaneamente) e só dexia uma cinza leve, fina e desprovida de escorias. Ardem em todos os fogões e forros sem exhalar odor, e pode-se dizer, sem produzir fumaça, porque si há um pouco de fumaça, no momento em que começa a combustão, fumaça que nenhum combustivel pode evitar, ella totalmente desaparece um quarto de hora depois.

Eis, pois, resolvido, de maneira absolutamente hygienica e pratica, um problema que, ha tanto tempo, preoccupa intensamente as adminstrações municipaes das grandes cidades.

Não vacillo em declarar que este processo me parece, sob todos os pontos de vista, muito preferivel a todos os que têm sido até hoje ensaiados para destruir a immundicie

*e o lixo; não só destróe essas materias de maneira hygienica, mas tambem retira dellas um producto de primeira necessidade de custo pouco elevado. (...)*²⁴⁹

Após as considerações sobre o relatório francês e sua aplicabilidade para o caso de São Paulo, o vereador Armando Prado coloca em votação um substitutivo para a questão do lixo em relação a uma solicitação vinda da parte do Sr. Ernesto de Campos Lima, que solicitava à Prefeitura em abril de 1912, a concessão por 25 anos para si e sua empresa utilizar-se de todo o lixo coletado na cidade de São Paulo para fins industriais. O mesmo Sr. Ernesto solicitava pelos serviços prestados uma área de 8.000 metros quadrados para instalação de seus equipamentos.

O substitutivo posto e aprovado em votação propunha a divisão da cidade em zonas, destinando ao concessionário apenas uma delas para realizar seus experimentos, ficando as demais aos cuidados da Prefeitura. Ao final do prazo de um ano se analisaria o avanço alcançado pelo concessionário e se estudaria sua viabilidade para todas as demais zonas.

O substitutivo é votado e aprovado em sessão de 4 de Maio de 1912. A aprovação do substitutivo se dá em função de já ter sido aprovada a concessão ao Sr. Ernesto de Campos Lima em sessão de 16 de Abril de 1912, onde este ganhava o direito sobre $\frac{3}{4}$ do lixo produzido na cidade pelo período de 25 anos, sendo o último $\frac{1}{4}$ reservado para utilização agrícola. Os motivos para a concessão eram elencados na seguinte ordem:

²⁴⁹ Ibidem.

“(...) a continuação por mais tempo do deposito e accumululo do lixo nas proximidades da Ponte Grande constitue uma ameaça e um grande perigo á saúde publica, dando logar quiçá ao desenvolvimento na cidade de uma epidemia de febres de mau character, peste ou outra qualquer enfermidade que assolam a humanidade nos centros onde não há verdadeira observancia dos preceitos hygienicos; (...)

(...) a quantidade de lixo, ultimamente collectada diariamente, é de 300 toneladas, que dentro de pouco tempo se duplicará;

(...) que a Camara, para incinerar tamanha quantidade de lixo, teria de levantar pelo menos quatro fornos de incineração, em pontos differentes da cidade;

(...) com a economia dessas despesas, por espaço de 25 annos, reverteriam para os cofres municipaes muitas centenas de contos de réis; (...)²⁵⁰

Transcorrido aproximadamente um ano, o mesmo vereador Orencio Vidigal ainda ocupado com as questões do lixo, fazia um novo discurso na Câmara concentrando-se em dois aspectos deste tema: a coleta e a remoção do lixo produzido na cidade.

Em sua fala a questão da salubridade urbana encontra força e procura destacar muitos dos problemas vivenciados pelos habitantes da cidade.

“(...) Não é ocioso repetir que nenhum problema interessa mais ao hygienista, do que

²⁵⁰ Parecer nº 44 das comissões reunidas de justiça, hygiene e finanças. Coleção Actos e decretos do Municipio, 16.04.1912.

o da remoção e destino do lixo das habitações nas grandes cidades. (...) É á custa dos restos de alimentos contidos no lixo das habitações que engorda e prolifera a alluvião de ratos, que á noite cruzam os passeios e as ruas mais commerciaes.

Ao perigo imminemente de transmissão de molestias infecto-contagiosas nas habitações, há a notar-se o desagradavel espectáculo das ruas, pela manha, enfileiradas de caixões e vasilhas de toda a especie, aos pedaços uns, repellentes outros, e todos sem tampa, deixando aos olhos do povo toda a sorte de detritos (...)

(...) Convém salientar que o lixo assim fica mujitas vezes exposto ao rigores do sol, revolvido pelos cães, espalhado pelas calçadas e sargetas, até que a carroça de remoção possa tardiamente removê-lo.

Não só os cães, cuja inconsciencia os apadrinha, mas até os homens e crianças que se exercitam no commercio de trapos, concorrem para aquelle espectáculo tão repulsivo á vista, quão nocivo á saude publica. (...)²⁵¹

Do seu discurso, mais uma vez o destaque para a quantidade de lixo acumulado e espalhado pelas ruas da cidade, trazendo a transeuntes e moradores o convívio cotidiano com ratos e moscas, gerando por parte do vereador a proposta de vasilhames adequados à coleta e remoção do lixo. Em suas palavras, a remoção de lixo deveria prever recipientes adequados e uniformes para o transporte de lixo na cidade. As qualidades necessárias para tal uniformidade, seriam obtidas a partir da consideração de determinados preceitos, como: o tipo de material utilizado e sua forma. Deste modo, sugeria que os recipientes fossem

²⁵¹ Indicação nº 247, de 1913. Coleção Actos e Decretos do Municipio

estanques; de ferro galvanizado; munidos com tampa e com dimensões que facilitassem seu manuseio pelo carroceiro na hora de transportar o lixo para fora das residências e portões.

Quanto à remoção, o vereador criticava o uso de carroças que em muitos casos, permitia que o lixo transportado fosse derrubado pelas ruas à medida que avançava pelos diferentes bairros, e propunha o uso de automóveis que segundo estimativas transportaria um total de 4 toneladas de lixo por viagem. Segundo seu raciocínio, após 12 horas de trabalho, a cidade ficaria livre de 20 toneladas de detritos e, mantendo-se esta mesma proporção, apenas 6 veículos seriam suficientes para remover 2/3 de todo o lixo produzido então pela cidade de São Paulo, ou mais precisamente 120 toneladas.

Apesar de tantas discussões, mais de uma década depois a mesma Câmara de São Paulo era palco de novas denúncias e projetos para o destino do lixo. Em 1925, Heribaldo Siciliano descrevia:

“(...) nada mais deprimente do que o espectáculo a que assistimos diariamente pela manhã: recipientes anti-hygienicos para o deposito de lixo, espalhados aos montões; vehiculos ainda mais immundos que os proprios recipientes - tudo isso depois de transitado pelas nossas ruas, que, mal calçadas, deixam cabir, aqui e acolá, restos de immundicies, as mais asquerosas, e que despreendem de si um cheiro insuportável.

*Todo o nosso aparelhamento para o serviço do lixo é dos mais primitivos e adequados ao desenvolvimento de verdadeiras epidemias (...)*²⁵²

Conforme verificamos as discórdias em torno do lixo, sua remoção e tratamento passavam por discursos divergentes, mas que sem dúvida convergiam para um mesmo ponto: o papel crucial do tratamento deste para garantir a salubridade do espaço urbano.

Os destinos do lixo, seus caminhos e suas formas de remoção iam também há outras direções e centravam-se em preocupações que envolviam outras formas de rejeitos e dejetos.

²⁵² Requerimento nº 305, de 27 de Junho de 1925. Colecção Actos e Decretos do Municipio.

Fabricando Anjos

O princípio do século tanto para São Paulo como para Lisboa vê surgir o mal que vem pelas águas...

O tifo invade os lares e ceifa vidas em especial de crianças, sempre mais suscetíveis de adoecerem e acabavam sendo levadas, muitas vezes pelas más condições de vida e existência, à morte prematura.

Os agentes transmissores da doença eram citados como vindo de diferentes fontes: águas contaminadas, alimentos crus contaminados, moscas e ausência de tratamento de esgoto e o contato direto com pessoas contaminadas.

Descrevendo tais agentes transmissores, o Dr. Borges Vieira, colaborador de Paula Souza escreve em um relatório especialmente preparado para abordar o tema da febre tifóide em São Paulo:

“(...) As hortaliças para as saladas são muitas vezes provenientes de chacaras, onde a ausência de exgottos tona a sua polluição facil, podendo ser ainda lavadas com agua polluida. O mesmo se applica a certas fructas, que crescem rasteiras ao chão, como os morangos.(...)”

(...) Como as saladas, as moscas influenciam entre nós mais endemia do que epidemia.

(...) São Paulo é, infelizmente, o paraizo das moscas.

O lixo é um dos pontos preferidos para a sua multiplicação e o mau systema de seu tratamento entre nós é uma das causas que contribuem para a grande proliferação desses insectos.

Certos hábitos da nossa população também contribuem para prosperidade desses mensageiros de doenças.

Assim é que o uso do papel hygienico nas latrinas, por exemplo, ainda carece de propaganda em S. Paulo. O nosso povo em geral quasi o considera uma superfluidade, essa ignorancia merecendo que se educasse em sentido opposto. Em vez do papel hygienico, que uma vez usado seria lançado dentro da bacia da latrina e se desfaria na agua do exgotto, assim impedindo o entupimento daquela, usa muita gente de jornaes ou outros papeis, que, pela sua consistencia, não podem ser collocados dentro de latrinas sem intupil-as. Após o uso são por este motivo, lançados numa caixa ao lado, quando não no proprio chão, onde servem de pasto ás moscas. Estas, na occasião em que os moradores da casa tomam as refeições, saem das latrinas e vão passear sobre os alimentos na mesa de jantar, espalhando com as patas, defecando e regorgitando os germes que de lá trouxeram, muitas vezes bacillos typhicos.(...)”²⁵³

A questão da higiene de latrinas e o uso indevido de papéis para as mesmas preocupavam por todos os motivos especificados acima, além de ser um indício de más condições de vida e habitação. Nos registros de Paula Souza o tema das latrinas comuns aparece em suas imagens e chegam a receber legendas específicas. São os casos das fotos números 67 e 68 onde aparecem com a seguinte legenda: “*Cortiço do Snr. Gordinho – a primeira porta é a latrina commun abrindo-se para a rua*”.

²⁵³Vieira, F. Borges. “Estudo Epidemologico de Febre Typhoide em S. Paulo – epidemia 1920-1921” In: Boletim nº 12 do Instituto de Hygiene, 1922, pag. 24 e 25



Cortiço do Snr. Gordinho - a primeira porta é a latrina
commum abrindo-se para a rua.

Foto n. 67 - Cortiço em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

O registro tomado de seu exterior tem posicionado à sua frente um número grande de pessoas, dentre elas mulheres e crianças, provavelmente as únicas que se mantinham em casa durante o dia no momento em que o registro foi feito. A quantidade de pessoas fotografadas formando um grupo procura enfatizar o grande número de pessoas que se serviam desta latrina e de certa forma procuram mostrar que as maiores vítimas suscetíveis de doenças eram as próprias crianças.

Os índices de mortalidade infantil por doenças contagiosas dentre elas o tifo eram grandes e figuravam nas estatísticas com quadros preocupantes.

A atenção dispensada ao tratamento do lixo e os destinos das águas tomava em conta também o crescente problema de contaminação das águas que serviam a população e que tornava-se a grande transmissora de epidemias como era o caso do tifo. Tanto São Paulo

como Lisboa sofriam os problemas causados pela contaminação das águas e os problemas daí decorrentes.

A febre tifóide em São Paulo era também conhecida em fins do século XIX como *Febre Paulista* ou também *Febre gástrica*, em alguns casos chegava a ser confundida com malária ou mesmo gripe. A partir de pesquisas levadas a cabo por diferentes médicos, chegou-se ao diagnóstico correto da doença e a conseqüente busca de tratamento nos pacientes infectados. Foi assim, que a partir de 1897 tendo à frente do Serviço Sanitário o Dr. Emílio Ribas que se iniciou um trabalho de efetivo combate da doença, conseguindo-se um declínio do mal que ia de 96 por 100.000 habitantes para em 1908 apenas 11 em 100.000²⁵⁴.

Os estudos realizados no período para a cidade de São Paulo indicavam que havia uma incidência maior de casos nos meses mais quentes e que coincidiam com um maior índice pluviométrico e de distribuição das chuvas. Segundo relatório do Dr. Borges Vieira a explicação para este aumento poderia ser dado da seguinte maneira:

“(...) Estas chuvas, em enxurradas, lavam os terrenos e, deste modo, incorporam ao abastecimento de águas assim como aos poços mal protegidos um grande numero de bacterias, muitas dellas possivelmente patogenicas. (...)”²⁵⁵

A cidade de São Paulo conviveu com surtos epidêmicos de tifo nos anos de 1914 e posteriormente em 1921. Nos dois casos devido ao fornecimento de água para a população vinda do rio Tietê. Além desta via de contaminação vinda pela água, outras surgiam como responsáveis pelo aumento do número de casos da doença. Era o caso do leite e frutas contaminados e ingeridos crus, as moscas e o próprio contato com os portadores dos bacilos

²⁵⁴ Informações extraídas do “Estudo Epidemiológico de Febre Typhoide em S. Paulo – epidemia de 1920-1921”, realizado pelo Dr. F. Borges Vieira e publicado no Boletim nº 12 do Instituto de Hygiene do ano de 1922.

²⁵⁵ Vieira, F. Borges. “Estudo Epidemiológico de Febre Typhoide em S. Paulo – epidemia de 1920-1921” In: Boletim nº 12 do Instituto de Hygiene, São Paulo, 1922.

(contaminação vinda por fezes e urina na maioria dos casos, e mais extraordinariamente escarro e suor).

O mal que vem das águas: o tifo em Lisboa

Em Lisboa, a situação do tifo também não era muito diferente. Era uma doença que mal diagnosticada levava a confusões quanto aos índices de mortalidade. Confundida com banais *influenzas*, *sarampo* ou *escalartina* ceifava vidas ao mesmo tempo em que confundia a população e médicos em geral. Seu rastro seguia preferencialmente duas populações: uma marítima, que se estendia ao longo da costa e outra montanhosa, de populações serranas. Para especialistas, Portugal nesta altura podia ser considerado um país tífico. É o que afirmava o Dr. Ricardo Jorge em um relatório apresentado ao Conselho Superior de Higiene, em sessão de 19 de Fevereiro de 1918:

“(...) Portugal é um país tífico. Mostra-o desde logo a estatística. No decénio de 1901-1910, apesar da espantosa deficiência da nossa inscrição obituária no tocante as causas de morte, a cifra anual dos casos oscila entre 31 e 65, semeados por quási todos os distritos; no triénio 1913-1915 não passa de 30, 23 e 21. Estes róis dão idea da disseminação, nada mais, dados aos percalços notados; é muito mais elucidativo o registo epidémico. (...)”²⁵⁶

O relatório seguia com instruções para o combate ao tifo pelas delegações e subdelegações de saúde, e explicitava os procedimentos a ser seguido a partir do momento em que fosse diagnosticado um caso de tifo. As instruções que se seguiam determinavam que:

“(...) 3.^a - Todo enfermo deve ser sujeito, de entrada, ao despiolhamento para que se torne inocente aos que lhe assistem. Despido completamente, o doente será estendido sôbre um colchão coberto de tela impermeável, ensopando-se-lhe o cabelo e as regiões pilosas com um tónico inseticida, tal como o petróleo, a creolina, a benzina, a essencia

²⁵⁶ Jorge, Ricardo. “Tifo exantemático ou tabardilho”, Lisboa, Imprensa Nacional, 1918, pág. 6.

de terebentina, a de eucalipto, o xilol, o iodofórmio, etc. (...) Aos indivíduos do sexo masculino deverá cortar-se o cabelo e queimá-lo. (...)

*4.^a - O doente veste-se de roupa lavada, e tudo quanto despiu, será imediatamente desinfectado. (...)*²⁵⁷

Além do tifo comum, o tifo exantemático era temido como uma meio rápido de levar à morte os que fossem contaminados. Descrevendo a sintomatologia desta doença, o Dr. Artur Bebiano afirmava em uma entrevista concedida ao Jornal O Século que os coeficientes de mortalidade chegavam a 60% dos casos. A doença era assim descrita pelo médico:

“(...) O período de incubação (...) é variável, oscilando entre uma e tres semanas. O periodo de invasão principia, em geral, por um violento calafrio, a que se podem seguir outros mais ou menos intensos. A temperatura sobe rapidamente a 40 e 41 graus. A frequencia do pulso está quasi sempre em proporção com a temperatura, chegando o numero de pulsações a passar de 100 e 120. O doente sente-se logo gravemente atingido e a fraqueza e vertigem obrigam-no a recolher á cama. O delirio não tarda em aparecer, seguido na maioria dos casos de surdez e zumbidos nos ouvidos. A face torna-se vermelha e turgescente, os olhos um pouco espantados, com as conjuntivas bastante injetadas; a lingua cobre-se de um induto cinzento ou amarelado. Os labios secos, gretados, sangrando facilmente, e quando secam tornam-se fuliginosos. O apetite perde-se e a sede é imensa.

O figado e o baço resentem-se a ponto de se poder apreciar o seu aumento de volume, especialmente do baço. De principio dá-se uma constipação do ventre seguida de um pouco de diarréia. As urinas são raras e albuminosas.

Este periodo de invasão dura de tres a cinco dias, após o que aparece a erupção, que se mostra especialmente no peito e no ventre, seguindo para o resto do tronco e para os membros, e a cara nem sempre é poupada. (...)

²⁵⁷ Idem. Pág. 22

*A morte pode vir, quer antes da aparição do exantema, devido á elevada temperatura, quer no periodo agudo da doença, e, raramente depois da crise.(...)*²⁵⁸

Diante de tão graves sintomas, era natural que as autoridades sanitárias tentassem de alguma forma precaver-se deste mal. Apesar de esforços neste sentido, Lisboa vive o ano de 1912 com uma grande epidemia de tifo, que levou as autoridades a persistentes investigações sobre o regime de águas que serviam a cidade.

A imprensa noticiava que de um total de 4.550 doentes internados nos hospitais, 684 eram vítimas da febre. Os leitos dos hospitais mostravam-se insuficientes e já não comportavam os doentes que chegavam de diferentes partes de Lisboa e arredores. De tal forma que se montou uma comissão para investigar o que de fato ocorria com o fornecimento de águas para a cidade.

A comissão presidida pelo então Diretor Geral de Saúde, o Dr. Ricardo Jorge, contava também com os doutores Manuel Gonçalves Marques, Delegado de Saúde de Lisboa; Anibal Betencourt, Diretor do Instituto Bacteriologico Camara Pestana; José Evaristo de Moraes Sarmiento, médico do Instituto Bacteriologico, e o engenheiro Manuel Rondan y Pegam, representando o ministério do fomento.²⁵⁹

²⁵⁸ “O tifo exantematico é endemico em alguns pontos do paiz”. Jornal O Século, 24.01.1912.

²⁵⁹ Jornal O Século, 08.03.1912, pág. 2. “A doença em Lisboa - Os casos de Febre Tifoide ”

A comissão iniciaria seus trabalhos pela visita ao Aqueduto das Águas Livres – construção realizada por D. João V, quase toda em arcadas e com pequenos trechos subterrâneos e grandes abastecedora de água para diferentes pontos da cidade.

A delegação citada foi captada pelas lentes de Benoiel e integraram as páginas do jornal logo na manhã seguinte após sua formação. Trata-se do registro nº A4162. Nela, o então diretor do Instituto Bacteriológico colhe amostras da água do reservatório.



Foto n. A4162 do AFCML – Teste de água no Aqueduto das Águas Livres em Lisboa

O sentido para este registro fotográfico e para todo o trabalho de reportagem era o de tentar tranquilizar a população que se mostrava temerosa pelo rastro de doença e morte trazido pela contaminação das águas. Benoiel assume aqui mais uma vez seu trabalho de repórter fotográfico.

Anos depois, a questão das águas e sua distribuição pela cidade preocupavam especialistas e ainda se podiam encontrar registros de depoimentos tais como o do químico do laboratório do Instituto Central de Higiene que escrevia um artigo publicado no Jornal O Século, onde descrevia com minúcias o que considerava uma verdadeira “incubadora” de bacilos tíficos. Seu artigo segue em alguns trechos com a seguinte descrição:

“(...) Logo sobranceiro á nascente e na espessura da rocha abre-se por oeste uma larga galeria para onde se sobe com facilidade. Ao fim d’esta galeria patenteia-se um algar ou abismo insondavel, feito na rocha, de arestas vivas e muito angulosas (...)

(...) Raro era o visitante que então, (...) se não permitisse atirar pelo algar uma e mais pedras apanhadas por ali para gosar os efeitos da trepidação das pedras batendo em outras que encontravam na queda e depois o choque na agua lá no fundo. (...)

(...) E não era apenas para gosar taes efeitos que atiravam pedras pelo algar abaixo, mas tambem para mobilizar grande numero de morcêgos que se acoitam de dia n’aquela escuridão. (...)

(...) Ora os morcegos são animaes carnivoros e de noite é que saem na faina de arranjar alimento, ratos, baratas, escaravêlhos, lombrigas, moscas e outros animaes que podem apanhar, animaes que bem podem viver por montueiras e alimentar-se de excrementos. (...)

*(...) Carnívoros e pequenos como são, o seu intestino é relativamente curto, a breve trecho depõem pelas frinchas onde se acoitam no algar, ou deixam cair na agua lá do fundo os seus propios excrementos. (...)*²⁶⁰

Sua sugestão para solucionar o problema, era que fosse feita uma queima de toda a entrada do local com enxofre num braseiro, permitindo que o gás sulfuroso descesse até o fundo do algar desinfetando e matando eventuais habitantes inoportunos e sendo feitos posteriormente o cercamento de toda a área com redes de arame de ferro para evitar o trânsito destes animais.

Toda esta preocupação se dava em função do sério perigo de contaminação que esta doença oferecia. O contacto físico com o doente era o mais temido e, portanto, locais com grande concentração de pessoas e ausência de ventilação passavam a ser locais visados pelas autoridades sanitárias.

Eram por exemplo os cortiços sem dúvida, uma das formas de habitação que mais preocupavam todos os que se ocupavam em normatizar os espaços urbanos. Tanto em São Paulo quanto em Lisboa eram espaços freqüentemente visitados e onde se procurava fazer todo tipo de críticas sobre o modo de vida em tais lugares.

Espaços saturados de odores... espaços da aglomeração inculta, carregada de hábitos e modos de viver que nem de longe eram consideradas como ideais.

Os registros fotográficos de Paula Souza para São Paulo e os registros de Benoliel para Lisboa refletem este tipo de preocupação.

²⁶⁰ Jornal O Século, 31.01.1917, pág. 1. "As aguas de Lisboa e a Febre Tifoide"

Cortiços em Lisboa

Lisboa sendo uma cidade de encostas e colinas, debruçada sobre o mar e com um casario antigo ganhava através do tempo quer através da literatura, da poesia e mesmo da música a fama de abrigar em suas ruelas estreitas e sinuosas uma população de caráter duvidoso com feitiço dado às desordens e aos crimes. Foi assim com Alfama, Madragoa, Mouraria entre outros: bairros construídos a partir de um imaginário de vida mundana e noturna, vistos como sendo carregados de vícios e pouca moral.

A maioria destes bairros, no entanto, eram na realidade compostos por operários e trabalhadores de poucas habilitações solidarizados pela pobreza e pela fome. Com um casario quase sempre muito apertado e compartilhado por grande número de pessoas, a vida transcorria quase sempre na rua, às vistas de todos. Conforme nos descreve um articulista do jornal O Século em matéria especial acompanhando o Sub-delegado de Saúde de Lisboa, Dr. Carlos Santos em visita ao bairro de Alfama e que contou com clichês de Benoliel²⁶¹:

“(...) Como as casa são apertadas e escuras, aquela gente vive na rua. D’ai a legião enorme de garotos, semelhante a formigueiros, que enxameia o bairro. Trabalha-se, cozinha-se, lava-se e cose-se á porta de casa. (...)”

No pateo do Penereiro, por exemplo, um sapateiro batia sola sobre o joelho, duas mulheres, sentadas no lageado, remendavam uma vela de lona, enquanto uma outra ainda estendia nas cordas alguns trapos encardidos.

²⁶¹ Os registros escolhidos para integrar este trabalho são a imagens números 10965, A8820, A8779, A8686 e A8669.

*No beco do Almotacé, nas soleiras das portas, as mulheres cozinhavam e cosiam, cantando e conversando umas com as outras. (...)*²⁶²



Foto n. 10965 do AFCML – Cortiço em Lisboa

²⁶² Jornal O Século. 21.08.1912, pág. 1. “Lisboa Miserável – Como se Vive em Alfama – Uma visita áquele centro domiciliario de operarios miseravelmente pagos, de vagabundos, famintos e gatunos”.



Foto n. A8820 do AFCML – Cortiços em Lisboa

A vida vivida aos olhos de todos era uma das características principais de todos estes cortiços. A solidariedade em torno das mesmas dificuldades fazia com que para além da ausência de espaço houvesse familiaridade entre os diferentes moradores.

Dentre estes trabalhadores mal remunerados ainda havia aqueles que se encontravam numa via de exclusão: quer pela doença – já que muitos levados por más condições de vida e trabalho ficavam doentes, em sua maioria tísicos e sífilíticos – quer pelo desemprego, transformando-se em vadios e gatunos. Nestas duas últimas categorias se incluíam muitos ex-trabalhadores que movidos quer pela indolência ou fascínio pelo ganho fácil se dedicavam à mendicância ou ao furto.

Os registros de Benoliel ressaltam exatamente a miséria e o grande número de crianças que transitam por todo o bairro. As moradias estreitas, com janelas de frente para a rua, sempre congestionadas pelas roupas estendidas que se confundem com a estreiteza e sinuosidade dos becos que escondem atrás de si sempre alguém a espreitar. Em alguns registros a decadência das construções está exibida nas paredes ruída e carcomida pelo tempo, descuido ou abandono.



Foto n. A8779 do AFCML – Cortiço em Lisboa



Foto n. A8686 do AFCML – Cortiços em Lisboa

São registros arquitetônicos de uma miséria que além de material é também social. Passa pelos territórios da exclusão e da marginalidade *alfacinha*.

Dos territórios desta marginalidade e exclusão surgem personagens vítimas de sua sorte e integram as cifras anuais de doentes que chegavam ao óbito por diferentes enfermidades.

Das doenças responsáveis pelo maior número de doentes está a tuberculose, que atingia famílias inteiras devido ao exíguo espaço de convivência. Descrevendo estas habitações e os que nelas viu o articulista prossegue:

“(...) Seguindo o doutor sub-delegado, entramos em várias habitações. Em nenhuma entramos propria para moradia de seres humanos, mas ao habito de vêmos espeluncas repelentes, uma ou outra menos escura e menos suja nos parecia regular. No entanto, essas mesmas que, por relatividade, achavamos menos más eram pessimas e caríssimas. Compunham-se de cozinha, dois quartos interiores e uma saleta com janela e por estas quatro casinhas pagam os seus miseraveis inquilinos 4\$500 réis por mes! (...) Um vão de escada dezoito tostões e uma habitação com tres casas pequenas e escuras, sem uma unica janela, recebendo o ar e a luz apenas pelo postigo da porta, 24 e 26 tostões. (...)

E n'esses casebres vivem em média de 5 a 6 pessoas, dormindo tres e quatro na mesma cama, sem distinção de sexos.(...)

Enxergas no chão, um alguidar de barro partido sobre um banco de pino servindo de lavatorio, na cozinha uma meza, dois tachos, tres pratos, outros tantos copos e duas cadeiras desconjuntadas.

No pateo das Canas nada menos de tres mulheres tuberculosas, uma d'elas grávida, enchiam a escada com o ruido da sua tosse continuada e seca.

Na rua da Adiça, 21, loja, deparou-se-nos ao abrimos a porta, um catre sobre o qual jazia um homem forte, olhar desvairado, d'uma palidez de morte. Compunha-se a casa

de um quarto com uma janela, outro interior e cozinha também sem ventilação. Quando chove, a água escorre pelas paredes. Por esse tugurio exige o senhorio a renda mensal de 2\$500 réis!

Vivem ali mulher e marido e um filho de 12 anos. O homem está tuberculoso e há cinco anos não trabalha. Era vendedor de hortaliça. O rapaz já anda na rua, tuberculando-se, ajujado ao peso das gigas.

N'uma mansarda baixa e lugubre, que consta apenas de um corredor onde cozinham e de um quarto esconso, vive ali outro casal e um pequenito de cinco anos que, sentado ao canto, no chão, semi-nú, a cara e as mãos imundas, roia um pedaço de pão negro e seco.

O pae está tuberculoso e a mãe em adeantado estado de gravidez.

Não tem nenhum recurso. Segundo nos disseram, vivem de esmolas. De tres filhos que este casal teve resta um. Os outros dois morreram tísicos. (...)²⁶³

Todo o relato é construído a partir da idéia de decadência física e moral estendida para os espaços de vida e quase morte. De certa forma, a miséria social se ligaria à miséria moral tornando quase que obrigatória à idéia de que a hereditariedade e/ou estratificação social se encarregariam de manter todos onde estavam: já que pais e filhos, nascidos ou ainda por nascer, estariam condenados a manter e reproduzir esta decadência física, moral e espacial.

A situação não é diferente para a visita realizada a Mouraria, onde a descrição prossegue, sempre ressaltando o caráter miserável das instalações, e de seus habitantes.

Semelhante na conformação dos moradores de Alfama, a Mouraria guardava nos seus becos e vielas estreitos inúmeras casas de tolerância e aproximava-se de Alfama no que concernia ao excessivo número de crianças, vadios e de doentes. Os aluguéis, tal como ocorria com Alfama eram altos demais para as condições de existência oferecida.

²⁶³ Idem.

Sua população era formada em sua maioria por vendedores ambulantes, moços de fretes e muitos, muitos típicos.

A descrição do articulista para este bairro segue da seguinte maneira:

“(...) A Mouraria não é melhor que Alfama. Emparelham-se, ou, melhor, aquela é a continuação, o prosseguimento d’esta. (...) Pelo seu estado insalubre, pela sua construção, parecem covis e não habitações onde se albergam seres humanos. Vive-se, ou melhor, suicida-se ali lentamente, em verdadeiros pardieiros, porcos, estreitos, não ventilados, onde a entrada do sol é vedada (...)”²⁶⁴

Em relação à distribuição do espaço por atividades, o articulista prossegue falando sobre suas ruas e ruelas:

“(...) Ruas ha, como a travessa das Fontainhas, a S. Lourenço, onde cada porta é um bordel, em que o cheiro pestilento que exalam chega a causar nauseas. Na rua de S. Pedro Martir, onde se aglomeram os depositos de ovos e carnes salgadas dos negociantes da praça e onde se fabrica calda de tomate, se curtem azeitonas e se fazem chouriços, por processos que se fossem conhecidos pelos consumidores declarar-lhes-biam boycottage, o cheiro constitue um grave perigo para os seus moradores.

Principiando cá em baixo, proximo ao Rocio, nas ruas dos Vinagres, Silva e Albuquerque e dos Canos, d’um e outro lado encontram-se tabernas, em baiucas indecentes, frequentadas de noite por gente duvidosa; manholsas hospedarias e casas para pernoitar, (...) alcouces repelentes e nauseabundos, por cujo aluguer as suas inquilinas, rameiras fanadas e sifiliticas, pagam nove e doze mil réis mensaes ás

²⁶⁴ Jornal O Século. 23.08.1912, pag. 3 – Lisboa Miseravel – Atravez da Mouraria.

*mulheres que as sublocam (...) Ali vive a miseria, com todo o seu horrivel sequito de imundicie, depravação, crimes, vicios e doenças hereditarias. (...)*²⁶⁵

A argumentação construída por parte do articulista segue em torno de relacionar todo o tempo a miséria moral e física, onde odores, vícios e condição moral levam à degeneração e exclusão social. Os odores degustativos aliam-se aos odores dos vícios e práticas consideradas depravadas.

A descrição de uma das casas visitadas nos dá uma dimensão das condições de vida e existência de alguns destes moradores:

“(...) Na mesma rua da Guia, no numero 22, ha tambem uma especie de pateo abobadado (...)

Em volta d'este pateo vê-se uma porção de portas, cada uma das quaes corresponde a uma habitação de dois ou tres compartimentos absolutamente sem ventilação e sem luz. Todos os moradores fazem cá fóra, no pateo, onde passam o dia, a sua cozinha comum.

Porém o espanto, amalgama de dôr, de repugnancia e de revolta, que todos estes quadros miseráveis nos despertam, atinge o cumulo quando entramos n'um rez-dochão do apertado beco dos Tres Engenhos. A casa compõem-se de muitos compartimentos mas todos eles apertadissimos.

²⁶⁵ Idem

Os tetos são tão baixos que é preciso andar-se curvado lá por dentro, por aquele labirinto, e são tão escuros que para o percorrermos foi-nos indispensável acender continuamente fosforos.

*Respira-se um ar fresco, humido e bafiento. Sentimos absolutamente a impressão de que percorremos uma mina, de que estamos uma dezena de metros sob o solo. Na cozinha, perdida lá no fundo, envolta em densas trevas, o soalho faz ao centro uma coxa bastante pronunciada (...)*²⁶⁶

O médico sanitaria inquirido pelo repórter sobre o que fazer diante de tão graves problemas responde:

*“(...) Todas as obras aqui são inúteis. O unico remedio, a unica coisa aqui ha fazer-se é arrazar tudo isto, não deixar pedra sobre pedra, mas não a camartelo ou a alvião, que isso seria um grave perigo para a cidade pela poeira e pelos microbios que levantaria. Devia ser destruida pelo fogo. (...)”*²⁶⁷

A solução, no entanto, não chegou no formato e no modo proposto pelo médico sanitaria e ao contrário das expectativas ainda conseguiu alastrar-se e atingir outros bairros localizados em outros pontos de Lisboa.

²⁶⁶ Ibidem.

²⁶⁷ Ibidem.

As condições de vida e salário levavam a um aumento diário no exército de pedintes e começou a gerar nas autoridades envolvidas a preocupação com a medincidade, vadiagem e todos os ociosos em geral que habitavam e percorriam ruas e praças da cidade.

Um dos registros de Benoliel (foto nº 14 Cx 103) sobre esta situação na cidade é de uma mão que estende uma esmola. Um auxílio anônimo àquele que pede e perambula pelas ruas. Hábito questionado e muitas vezes criticado, já que em muitos casos se tornava um incentivo ao viver de préstimos alheios. A forma do registro de Benoliel é interessante: revela a partir do que exclui. A mão anônima se transforma na metáfora da sociedade, que por pequenos gestos acabava por incentivar práticas que levavam à manutenção de vidas marginais. Com pequenos gestos de aparente generosidade, a sociedade ia tecendo as teias invisíveis da imobilização, jogando no anonimato social cidadãos que não conseguiam se alinhar ao trabalho produtivo.



Foto n. 14 da Cx 103 do AFL

Diferentes projetos de lei e propostas para a solução da vadiagem nas ruas da cidade proliferavam na mesma proporção em que o número de pedintes. Tanto que, em um determinado ponto a imprensa diária e ilustrada começaram a publicar artigos atacando o número sempre crescente de ociosos pelas ruas de Lisboa.

Em um destes artigos, o articulista procurava em linhas rápidas definir suas origens e procedências:

“(...) O exercito dos mendigos é enorme. Há-os recrutados em todas as edades, d’ambos os sexos, de diversas taras e deformidades. Vêem-se, mal saídos dos braços das mães, invadindo os estabelecimentos, assaltando os transeuntes, dormindo aos pares nos portaes, á chuva e ao frio; vêem-se aleijados, expondo as suas miserias n’um

*mostruário de feira sertaneja; onde houver um episódio festivo é contar com um esquadrão de pedintes. (...)*²⁶⁸

A comparação do articulista com o número de vadios pelas ruas como sendo um exército, procura dar a dimensão do número exagerado de pedintes pelas ruas da cidade.

Nos registros de Benoliel (fotos nº A6867 ou A3936) eles se encontram distribuídos por diferentes pontos da cidade e são flagrados por nosso repórter. Nos bancos do Rossio e da Praça da Figueira, na Praça do Comércio e pelas ruas do Chiado, novos e velhos, todos desfrutando apenas e tão somente da vida que passava ao largo, sem trabalho, sem pressa no ritmo dos que nada esperam, além de uma oportunidade de dinheiro fácil vindo por mãos caridosas, ou através da distração alheia, na forma de pequenos e oportunos furtos.



Foto n. A6867 do AFCML – Mendigos em Lisboa

²⁶⁸ Jornal O Século, 21.12.1911, pag. 1. “Mendicidade”.



Foto n. A3936 do AFCML - Mendigos em Lisboa

Não apenas homens, mas também mulheres entregam-se a vida de pedinte e em alguns casos já estão completamente assimilados à determinados pontos da cidade, tornando-se conhecidos daqueles que zelariam pela segurança da sociedade. É o caso do registro nº 8 da Cx 189, onde a mulher sentada à sarjeta troca palavras com o policial. Esta aparece acompanhada por um menor, que como ela vive do que lhe ofertam.

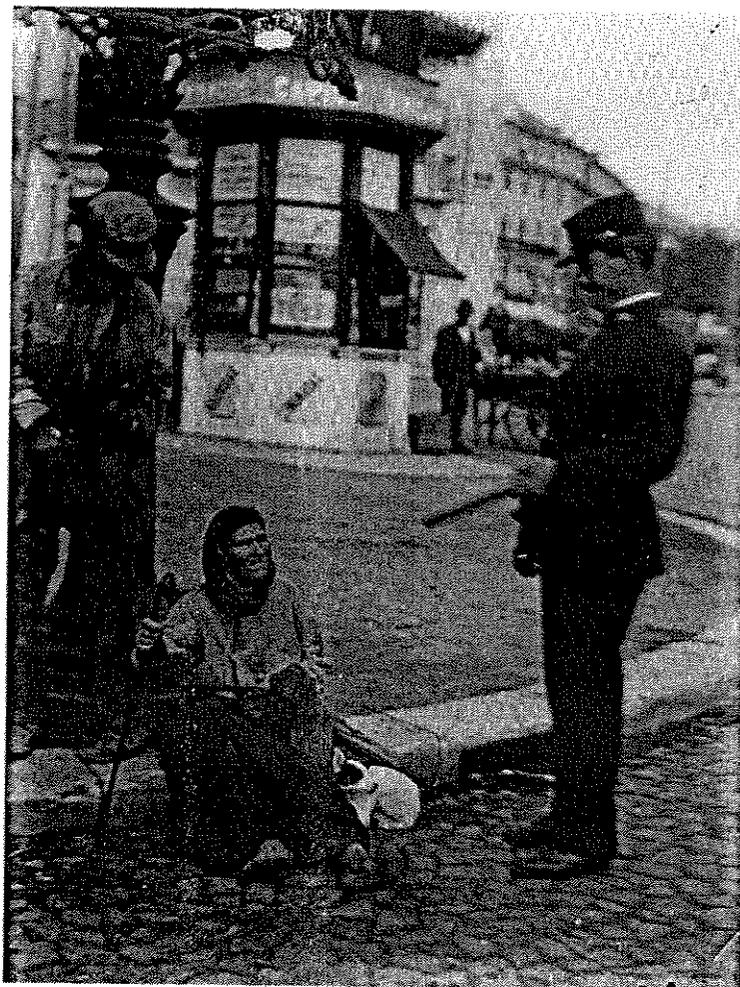


Foto n. 8 Cx 189 do AFL – Pedinte em Lisboa

A idade também não parecia ser um impedimento para o exercício da marginalidade, e conforme diferentes relatos o número de vadios alcançava pessoas de diferentes idades. Benoliel, por exemplo, não apenas os registra em sua fase madura, em que a velhice parece ser o maior dos impedimentos. Aparecem também como homens jovens ou mesmo crianças. É o caso, por exemplo, da imagem nº 3 da Cx 141.

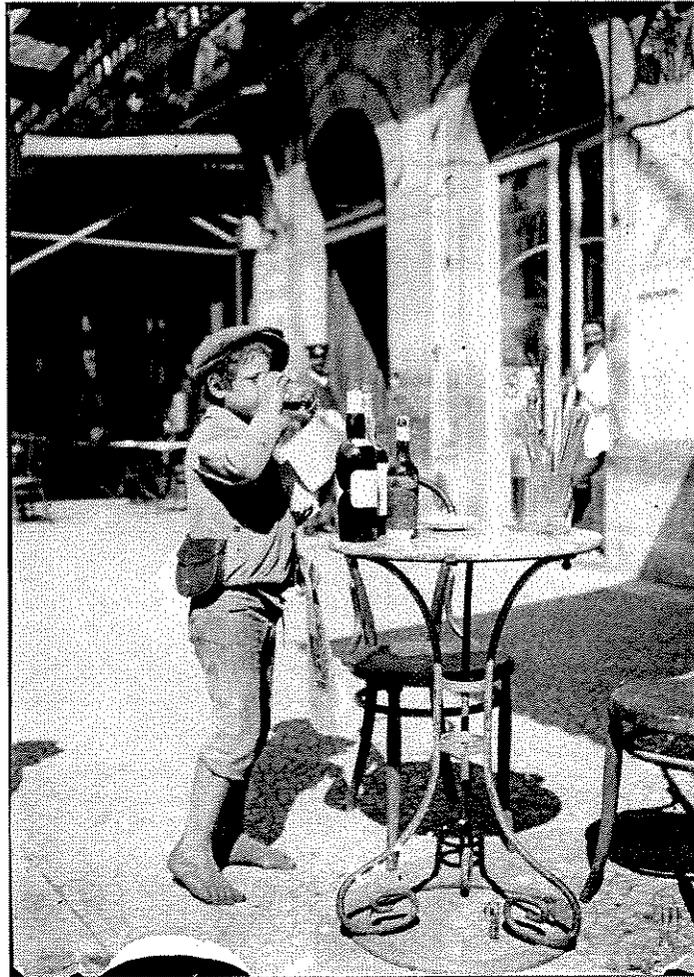


Foto n. 3 Cx 141 do AFL

Neste registro Benoliel surpreende um menino, com idade provável bem inferior aos 10 anos e que distraído se “sacia” de sua sede com sobras deixadas em um copo sobre uma mesa em alguma esplanada da cidade. O registro foi produzido para compor reportagem sobre um dia de calor em Lisboa. Mas para além de simplesmente falar do tema de pauta, Benoliel sugere com seu registro muito mais. O registro revela para além da origem paupérrima do menino um outro sério problema: vivendo na rua e das sobras de outras

existências, tais jovens pedintes cedo começavam a ganhar intimidade com outras formas de vícios que não apenas o de esmolar – a bebida alcoólica sendo uma delas.

Para muitos, tal modo de vida acaba por levá-los a instituições de acolhimento a menores infratores, ou mesmo de abandono.

Em um dos registros de Benoliel os vemos atrás de grades. É o calabouço instalado no Convento de S. Francisco.(foto nº A5286, que por motivos técnicos não pode ser aqui reproduzida)

Por trás de sua reclusão, os olhares inquiridores e desafiadores miram a objetiva, e não se recolhem numa tentativa de anonimato. Ao contrário, dão-se a conhecer.

Para as meninas a prostituição chegava como mais um elemento deste contexto de miséria e de busca para manter a sobrevivência. Diferentes relatos poderiam ser citados sobre a introdução de tais meninas neste mundo de marginalidade e exploração, um destes relatos é trazido pela imprensa diária e segue da seguinte forma:

“(...) A porta está aberta par em par, travada por um banco de pinho na soleira!

Afasta-se com a ponta da bengala a coberta de chita, já sem côr e besuntosa, a estrangular-se, enfiada n’uma corda que vae d’um lado ao outro da parede, vedando o interior da casa.

Na penumbra, ao fundo, divisa-se uma mulher, que logo se aproxima, esguedelhada e uma sáia que talvez tenha sido branca, n’alguma época remota. Está descalça, os pés

estriados de preto, mas sem calos, e as mãos d'unhas compridas, tarjadas de negro, mas sem vestígios de terem sido molestadas por qualquer trabalho.

- *Em que se emprega?*

- *Pois não vê?...*

- *...*

- *Ab! Desde que idade?*

- *Eu sei cá. Já não me lembro. Olhe tinha treze annos, tenbo vinte e oito, faça-lhe a conta. (...)*

A porta é a única abertura que permite a entrada ao ar, saturado das emanações do beco, onde o sol passa de raspão, dando uma luz que mal chega para a rua, quanto mais para iluminar o interior das casas.

As paredes são salttrosas, cobertas de sal que brilha como geada sobre a relva.

O chão está roto, as taboas gemem debaixo dos pés, quando se calcam os pensos de lascas de caixotes, applicados nas feridas de que estão crivadas. (...)

Reparei então ao longo da face tinha uma enorme cicatriz com vestígios de pontos naturaes. Ia da boca á orelha.

- *O que foi isso?*

Demorou-se em responder.

- *Foi uma operação...*

Decidiu-se então a confessar que tinha sido um risco. Uma questão enorme, em que tinham entrado muitos gajos e gajas e vae depois elle... Roubou-a, fartou-se de comer á custa d'ella e a paga foi aquella recordação, uma costura de quasi um palmo.

Depois veio o resto da história.

Tinha onze annos apenas. Uma mulher desinquetou-a, prometteu-lhe nem se lembra o quê, e vendeu-a, sabe lá por quanto.

A mãe vivia mal com o pae; lá em casa era um inferno. Começou a andar de companhia com outras da mesma idade e aos treze annos a policia apanhou-a e deu-lhe um posição social tolerada pelos usos. Bastou declarar que tinha 16 annos para ser admittida sem reluctancia.

Viveu alguns annos em Alcantara, vindo depois para o bairro.

Tem levado muita pancada e passado muita fome. Esteve quatro vezes na cadeia e cinco no hospital, tudo já se vê por embirração dos médicos e da policia. (...)²⁶⁹

Os ingredientes para estas histórias eram sempre os mesmos: miséria familiar, seguida por promessas de melhoria de condições de existência e perpetuação de uma vida ligada à prostituição e a outras formas de exploração.

A melhoria de vida prometida não chegava e as dificuldades não cessavam, levando muitas destas mulheres a não obter com os seus corpos o suficiente para seu alimento, já que a maior parte do dinheiro ganho ia para o pagamento dos quartos de aluguel e como meio de sustento de profissionais da exploração feminina. Os clientes vinham de diferentes procedências e ganhavam a descrição de uma destas toleradas²⁷⁰:

²⁶⁹ Jornal O Século, 13.12.1910, pag. 1. “Percorrendo Alfama – No fundo do abysmo”.

²⁷⁰ Prostitutas que tem o nome inscrito nos registros administrativos e está sujeita à inspeção e regulamentação policiaes

“(...) Os frequentadores do estabelecimento são carroceiros, marítimos, peixeiros e soldados, os magalas, chamou-lhe ella. A’s vezes custam muito a aturar, veem borrachos²⁷¹ a cair, não são dellicados e pagam mal. (...)”²⁷²

Para além de seus próprios clientes, estas toleradas tinham que conviver com exploração de rufiões²⁷³ – exploradores do seu trabalho e detentores da maior parte do dinheiro que conseguiam fazer. Do outro lado, conheciam a exploração e o descaso da própria polícia, que em muitos casos eram os responsáveis por seus defloramentos e conseqüente introdução ao mundo da prostituição.

Os diferentes vadios que perambulavam pelas ruas de Lisboa organizando-se em grupos e vivendo desta maneira possuíam códigos de conduta próprios, determinando áreas de atuação e delimitação de espaços a ser ocupado dentro da cidade.

De tal sorte que se iniciou por parte das autoridades um movimento de tentativa de definição para punir a medincidade. Assim, em meio a uma série de discussões sobre o chamado problema da vadiagem nas ruas de Lisboa, apresentou-se ao parlamento uma proposta de lei pelo então ministro da justiça, o sr.dr. Macieira que entre outras coisas procurava explicitar o que era um vadio e de que modo poder-se-ia criar normas para seu controle:

²⁷¹ Bêbados.

²⁷² Idem.

²⁷³ Definido como aquele que vive às custas de mulheres ou que briga por elas.

“(...) Como se é considerado vadio e o destino que se lhe assinala:

Artigo 1º - Aquele que, sendo maior de 16 anos, não tenha meios de subsistência, nem exercite habitualmente alguma profissão, ou ofício, ou outro mister em que ganhe a sua vida, não provando necessidade de força maior que o justifique de se achar n’estas circunstancias, será declarado vadio e internado n’um dos estabelecimentos a que se refere o artigo 14º, por tempo não inferior a tres mezes, nem superior a seis anos.

Art. 2º - Todo o individuo apto para ganhar a sua vida pelo trabalho que fôr encontrado a mendigar será condenado a prisão correccional até dez dias.

Art. 3º - Será condenado em prisão correccional d’um mez a um ano:

(...) 2º - Os mendigos que simularem enfermidades ou que empreguem ameaças ou injurias.

3º - Aquele que explorar a mendicidade com menores de 16 anos.

Art. 4º - Será condenado em prisão correccional de seis mezes a dois anos aquele que viver a expensas de mulher prostituta. (...)²⁷⁴

A lei portuguesa acabou por encontrar uma definição que distinguia o vadio do mendigo²⁷⁵. Deste modo, para a Lei de 20 de Julho de 1912 o mendigo era o individuo mesmo estando apto ao trabalho não o fazia e era encontrado na mendicância. O vadio era aquele que com mais de 16 anos que não tinha qualquer meio de subsistência, que não exercia qualquer tipo de atividade remunerada e que não fosse capaz de comprovar qualquer tipo de

²⁷⁴ Jornal O Século, 04.06.1912, pág. 1. “Repressão da Vadiagem”.

²⁷⁵ Consultar anexo sobre os vadios na cidade de Lisboa.

impedimento. Para o caso português, vadiagem e mendicidade eram assuntos diferentes, apesar de representarem modalidades da ociosidade.

Nas palavras de um advogado: *“(...) Quanto à vadiagem, a falta dos meios de subsistência, além da maioria de dezesseis anos, unida à ausência de qualquer profissão, ofício ou outro mister em que ganhe a vida, deperta, com a razão, a desconfiança da sociedade. (...)”*

“(...) Quanto à mendicidade, (...) a sua repressão abrange unicamente o que explora a caridade pública por vício ou por ociosidade e não o indigente, o desgraçado que, tendo procurado trabalho, não o encontra, e se vê por isso forçado, obrigado pelo estado da necessidade, a recorrer à caridade doutrém; assim, mendigar é apelar para a caridade pública. (...)”²⁷⁶

Resumidamente o que teríamos, segundo esta vertente, era que a mendicidade seria apenas o pedir esmolas, enquanto que a vadiagem significaria a ausência de domicílio sem busca de trabalho ou qualquer meio de subsistência. No entanto, eram assim mesmas vistas como estágios de criminalidade e que, portanto, deveriam ser combatidas.²⁷⁷

Para o caso de São Paulo a mendicidade experimentada tinha muito que ver com a guerra ocorrida a partir de 1914. Com a crise fabril e o aumento de imigrantes europeus fugindo

²⁷⁶ Reis, Mário Simões dos. *A Vadiagem e a Mendicidade em Portugal*, Lisboa, 1940, Imprensa Libanio da Silva, pág. 42.

²⁷⁷ *Idem*, pág. 55.

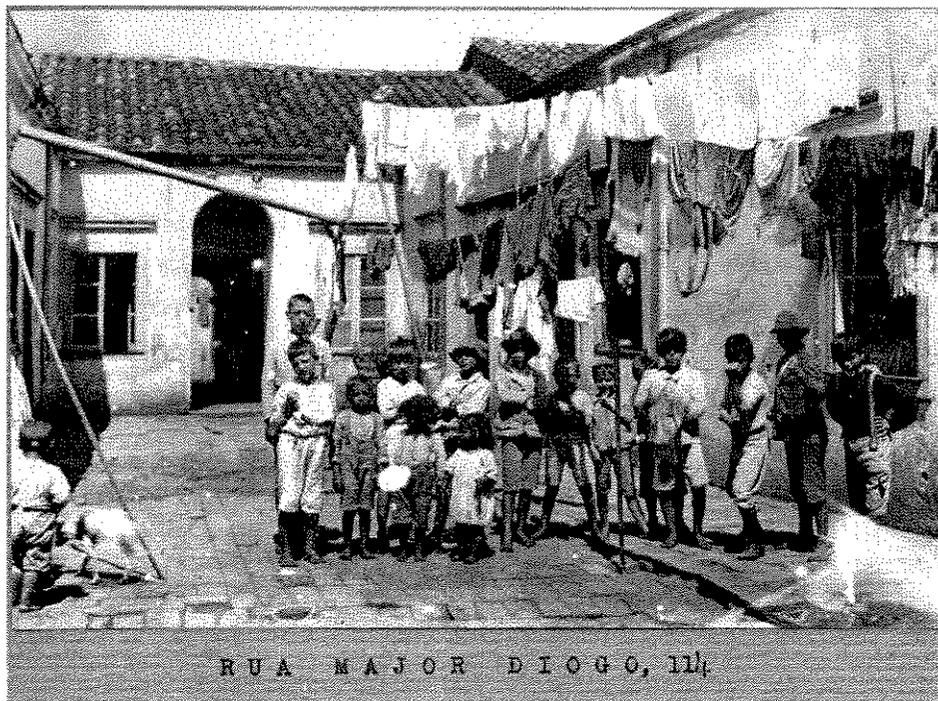
do conflito, as ruas ganhavam um número cada vez maior de pessoas que se espalhavam pelos arredores da cidade, formando áreas de exclusão semelhantes às encontradas em Lisboa.

Vida nos cortiços da Paulicéia

Os registros de Paula Souza, sobre as habitações coletivas em São Paulo são muito claros e incisivos. Demora-se em registrar estes espaços e as formas de viver e morar de seus habitantes. Alcança-os através de sua objetiva e procura registrar os elementos constitutivos destes espaços. É o caso, por exemplo, dos registros que faz de números 64, 66 e 70. Como ocorre na maioria dos seus registros, o elemento humano é excluído em detrimento de outros elementos, como bacias contendo água para a lavagem das roupas que se encontram estendidas ou sendo quaradas, paredes desgastadas e puídas pelo tempo, espaço comum exíguo, partilhado e compartilhado por muitas e pequenas portas e janelas que servem como entrada de luz para as habitações comuns a várias e numerosas famílias, que são lançadas à rua, contaminando e sendo contaminados por doenças, vícios e toda sorte de imoralidades.



Foto n. 64 - Cortiço em São Paulo - (Coleção Paula Souza)



RUA MAJOR DIOGO, 111

Foto s/n. – Cortiço em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

Para o olhar clínico do sanitarista é no cortiço que as diferentes patologias sociais, morais e físicas se manifestavam e onde a educação moral deveria começar. São neste território de exclusão social que habitam alcoólatras, prostitutas, sífilíticos, tísicos, vadios, inválidos, desempregados ou trabalhadores de baixa renda com suas respectivas famílias e em alguns casos suas pequenas vítimas – filhos que passam cedo a servir como meio de ganho através da caridade alheia.

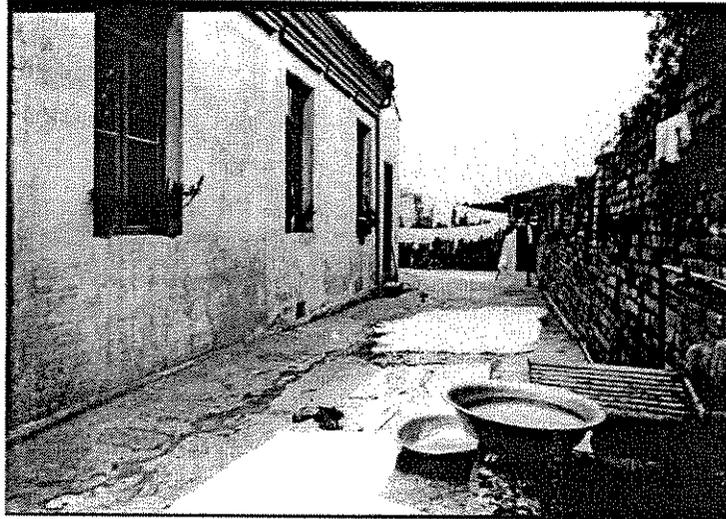


Foto n. 70 – Cortiços em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

Esta forma de conceber o espaço do cortiço e o perfil de seus moradores pode ser observada no registro n° 63. Ali está o bêbado caído ao chão... metáfora de uma decadência não apenas física, mas também moral. Todos os elementos de composição dos demais registros ali estão, e se somam a imagem do homem caído, embriagado e completamente dominado pelo seu vício.



Foto n. 63 – Bêbado caído ao chão em cortiço de São Paulo - (Coleção Paula Souza)

Mesmo a literatura se encarrega de construir imagens sobre este tipo de habitação, e talvez seja no romance “O Cortiço” de Aluísio Azevedo que encontremos uma descrição à altura: “(...) *naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a ferulhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea como larvas no esterco (...)*”²⁷⁸. O cortiço é representado como algo vivo, que pulula e se reproduz, como vermes, onde seus habitantes parecem brotar e proliferar por todas as partes.

O espaço do cortiço aparecia tanto em São Paulo como em Lisboa como área limítrofe dos territórios da marginalidade. Em muitos casos seus moradores eram confundidos com os excluídos sociais que “contaminavam” a sociedade com seus vícios e vida pouco virtuosa.

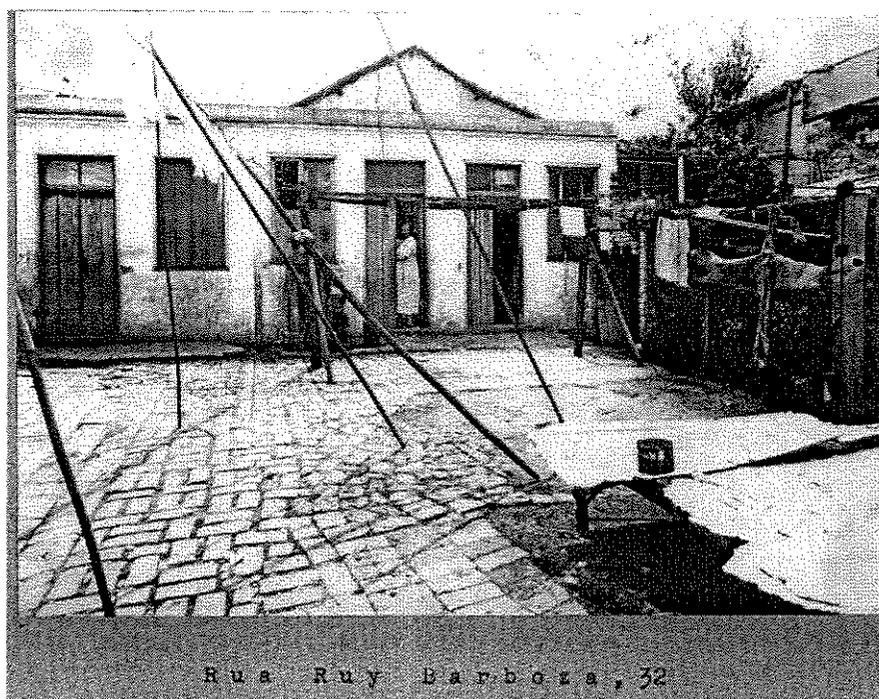


Foto n. 66 – Cortiços em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

Confundindo-se os territórios da pobreza, miséria e exclusão os cortiços tornavam-se um território de solidariedades diversas e campo de forças sociais de diferentes agentes. Ali

²⁷⁸ Azevedo, Aluísio. “O Cortiço”. São Paulo, Editora Ática, 1986, pág. 21.

estavam os trabalhadores urbanos que ganhavam a vida apregoando e mercadejando pelas ruas da cidade e pequenos trabalhadores da indústria e do comércio. Havia também os pequenos comerciantes e aqueles, é claro, que não pertenciam a qualquer extrato produtivo, aguardavam pelo emprego nunca obtido ou perdido pela doença, velhice ou vício. Eram estes últimos que engrossavam os números e fileiras do exército de inativos que perambulavam pelas ruas da cidade. Compunham uma chamada classe de inativos que por diferentes motivos encontravam-se à margem de todas as formas de ocupação e trabalho.

Era também neste território de exclusão que a prostituição ganhava território e fazia suas vítimas.

Vítimas eram as meretrizes que buscavam através do seu corpo o ganho para a sua sobrevivência... Vítimas eram muitos dos seus clientes contaminados pela sífilis e outras formas de doenças contagiosas.

Estudos nestes sentido indicavam que a maioria dos casos de contaminação por sífilis vinha do contágio através de relações com prostitutas, chegando ao final da década de 1920 com índices de 94%.

Em tese de doutoramento defendida na Faculdade de Medicina de São Paulo e orientada pelo Dr. Paula Souza, alguns dados numéricos apontavam para esta questão. Segundo o autor, era a prostituição a responsável pelo mal da sífilis no meio paulista, e que, portanto, se deveria encontrar uma forma profilática de combate à doença sem, contudo, acabar com a prostituição. Os dados fornecidos pelo seu estudo eram os seguintes²⁷⁹:

²⁷⁹ Lentino, José. “Algumas considerações em torno do Problema da Syphilis em São Paulo”. These de Doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo – Cadeira de Hygiene em 19 de Dezembro de 1930.

Anno de 1926

Syphilis e molestias venereas. Fontes de Infecção:

Prostituição aberta.....	1249
Prostituição clandestina.....	142
Conjugal.....	325
Hereditaria.....	134
Prostituição reservada.....	24
Innocente.....	70
Accidental.....	31

Centro “Oswaldo Cruz”
396 doentes matriculados
Fontes de Infecção:

Meretrício.....	247
Sem denominação.....	149

As áreas de consumo do meretrício encontravam-se intimamente relacionados com áreas empobrecidas e marginalizadas da cidade e alvo constante de visitas sanitárias por especialistas e autoridades.

As soluções para os diferentes problemas sanitários vinham através do discurso eugênico de purificação de raças e defendido pelo sanitarismo como meio de solucionar os problemas sociais existentes nas cidades devido às imigrações.

Nos registros de Paula Souza a atenção para este fato pode ser indicada por diferentes imagens dos locais onde imigrantes viviam. De alguma forma tais registros procuravam mostrar uma “certa promiscuidade” no ajuntamento de diferentes pessoas, com idades e sexos diversificados. É por exemplo, o caso dos registros sobre alojamento de imigrantes armênios fotos nº 71 e 72.



Foto n. 71 - Alojamento clandestino de imigrantes armênios em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

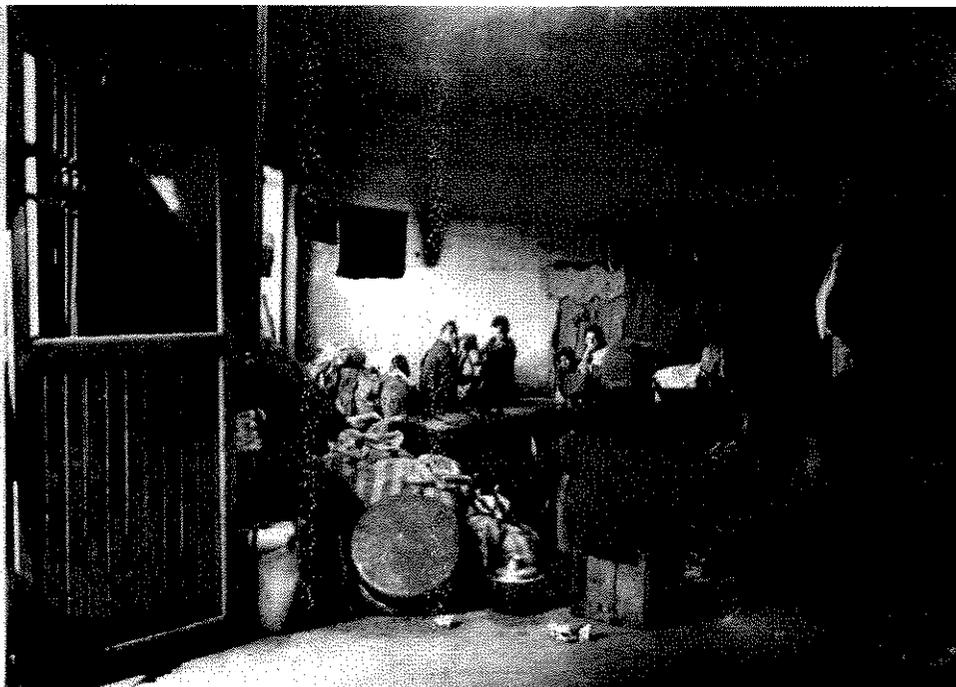


Foto n. 71 - Alojamento clandestino de imigrantes armênios em São Paulo - (Coleção Paula Souza)

Para o período, a eugenia surgia como um atributo e uma possibilidade de correção de problemas morais e patológicos.

Para seus divulgadores **eugenia** poderia ser definida como tendo por fim: *“(...) cooperar para o augmento progressivo dos homens physica, psychica e moralmente sadios: para diminuição paulatina do contingente dos fracos, doentes, degenerados, - concorrendo, desse modo, para a constituição de uma sociedade mais sã, mais moralizada, em summa, uma humanidade equilibrada, composta de individuos fortes, bellos, elementos de paz e de trabalho. (...)”*²⁸⁰ Enquanto que o **eugenismo** podia ser definido como correspondendo *“(...) ao culto e á pratica da acção eugenica no sentido amplificado, sem limite claro e explicito, visando proteger e favorecer o individuo em relação a si proprio e ao meio que o cerca. (...)”*²⁸¹

Segundo seus principais divulgadores no Brasil, a eugenia oferecia a possibilidade de melhoramento da espécie humana em todos os seus aspectos: moral, fisico e mental, além de servir como instrumento profilático na prevenção de doenças e vícios. Segundo o primeiro número do Boletim de Eugenia, publicado no Rio de Janeiro em 1929, a síntese do pensamento higienista preconizada por Sir Francis Galton²⁸², poderia ser assim expressa: *“(...) Aperfeiçoar as qualidades e reduzir ao minimo as imperfeições humanas. (...) Prendem-se os seus designios ao estudo e applicação das questões da hereditariedade, descendenciae evolução, bem como as questões relativas ás influencias do meio,*

²⁸⁰ Kehl, Renato. Boletim de Eugenia, Abril de 1929, Vol. I, n. 4.

²⁸¹ Kehl, Renato. “Eugenia e Eugenismo” In: Boletim de Eugenia, Agosto de 1929, Anno I, n. 8.

²⁸² Francis Galton era médico, naturalista, antropologista e filósofo, primo de Charles Darwin e divulgador dos princípios de eugenia.

*economicas e sociaes; está dentro de sua esphera inuestigar o papel representado pela educação, costumes, emigração, immigração, mestiçagem, e todos os demais factores que atuam sobre os nossos semelantes, - com o fito não só de derivar novos conhecimentos e de abrir outros campos de investigação, como de estabelecer valiosos ensinamentose regras praticas para a regeneração continua da especie. (...)*²⁸³

Daí a atenção despertada por elementos de outras nacionalidades. No caso de Paula Souza, sua visão era de que a pureza de raças serviria para a profilaxia de diferentes patologias. Uma sociedade sã a partir de princípios eugênicos.

²⁸³ Kehl, Renato. "Propósitos" In: Boletim de Eugenia, Janeiro de 1929, Vol I, n. 1.

Considerações finais

Considerações finais

A finalização de um trabalho sempre nos leva a fazer um balanço sobre os objetivos propostos e as realizações alcançadas. Neste ponto, acredito ser fundamental deixar registrados os caminhos de um encontro muito especial.

O contato com as diferentes coleções de fotografia possibilitou um alargamento da concepção que até então tinha de trabalho com fontes fotográficas. Mostrou ser um caminho prazeroso onde a aproximação com as duas cidades acontecia de forma natural e a familiaridade com as temáticas trazidas pelas imagens instigava a curiosidade investigativa. Cada imagem revelava meandros de uma tessitura rica em detalhes que podia ser “puxada” em diferentes direções. A comunicação das imagens com as diferentes fontes ajudou a dar consistência e segurança para a costura que me propunha fazer. Afinal, interessava-me descortinar olhares... descobrir formas de ver a cidade. Caminhava por suas ruas, perdia-me em suas ruelas, conhecia seus habitantes através das lentes dos fotógrafos.

Cada um ao seu modo e de acordo com seu repertório oferecia um modo ver e de pensar a cidade.

Pensado em sua forma estendida e tentacular, o espaço urbano se revelou como sendo o centro de diferentes preocupações e instâncias políticas, econômicas e sociais. Campo de forças onde as relações sociais se colocam, nas suas diferentes formas: resistências, lutas, tensões, assim como nas suas solidariedades, anseios e projetos. O viver urbano se desenha desta forma, como uma tessitura de diferentes interesses.

Os limites, os muros da visibilidade da exclusão não são visíveis, nem são facilmente dectados. Diferentes das cidades medievais com suas linhas retas, seus muros altos e bem marcados impondo e determinando limites e territórios de marginalidade, de fronteiras e áreas de comércio e trocas materiais, simbólicas, sagradas e profanas, as cidades analisadas conhecem a indefinição destes limites. Outros são os critérios para a

exclusão, a marginalidade, o informalismo do trabalho e as redes de solidariedade e lutas sociais.

Ritmo e movimento pulsam de suas ruas e dos seus habitantes. A experiência da urbanidade é viva, toda ela cheia de ritmos e movimentos. É veloz. Com sons e tons vindos da sua circulação. Circulação de riquezas, pessoas, vida.

Os registros fotográficos apontaram nesta direção e representaram uma das portas de acesso a outras fontes, igualmente eloqüentes e comunicadoras desta nova forma de viver a urbanidade. A fotografia neste sentido representou um dos muitos olhares possíveis sobre a cidade. Através delas e do cruzamento com as diferentes fontes chegou-se a variados temas, dentre eles: o sanitarismo e a regulação sanitária abrangendo seus diferentes campos de atuação; a multidão na cidade – entendida em seus diferentes movimentos: nas trocas econômicas e simbólicas, no trânsito e tráfego de pessoas por ruas, feiras, avenidas, mercados, nas greves e em diferentes formas de ajuntamento, ou mesmo na sua ociosidade despropositada por ruas, praças e becos; os sistemas de escoamento dos dejetos físicos como os sistemas de abastecimento hídrico e sistemas de despejos como os esgotos e finalmente, a rede de abastecimento e regulação de leis de mercado: produção, distribuição e consumo.

Do jogo de imagens e da aproximação com os personagens urbanos, notou-se a formulação de regras para um crescente mercado de trabalho, onde novas e antigas profissões convivem em uma cidade que se espalha e que vê crescer consigo diferentes necessidades. Um mercado se institui, onde as relações de troca e relações sociais são normatizadas por meio de contratos formais que começam a substituir formas informais de economia.

Deste universo, as greves surgem como uma forma de resposta às inúmeras tentativas de normatizações e servem para indicar que as “regras” para o jogo social nem sempre possuem adeptos voluntários...

Os trabalhadores urbanos revelados através das imagens são muitos e indicavam uma nova tendência comportamental para aqueles que vivem em cidades que se metropolizam. Assim, por exemplo, as varinas trazidas pelas lentes de Benoliel revelam

uma forte tendência à modificação nos papéis da economia monetária, onde tais mulheres colocam-se à parte de seus companheiros, independentes e igualmente circulando em diferentes funções. O papel do trabalho feminino nas ruas tanto de São Paulo como de Lisboa indicam um predomínio das mulheres em diferentes funções e espaços urbanos, em especial nas atividades ligadas ao abastecimento e manutenção de existências. São as vendedoras de hortaliças, aves, e frutas que circulam nas imagens tanto de Benoliel quanto de Pastore. Andam por todas as partes ganhando sua sobrevivência e dos seus dependentes.

No universo masculino diferentes trabalhadores surgem e estão pelas ruas transportando água, como no caso dos galegos aguadeiros, que além da água podiam ser vistos fazendo quase que um pouco de tudo: de entregador de bilhetes de amor à carregadores de mudanças, eram os “imperadores” dos chafarizes em tempos de seca. Ou podiam ser os vendedores de rendas, e outros produtos da produção saloia. Ou quem sabe, os carregadores de malas da Estação da Luz em São Paulo, ou mesmo os vendedores de bilhetes de loteria e jornais, ou os trabalhadores da limpeza urbana, os engraxates, vendedores ambulantes de diversos produtos, vendedores estabelecidos de diferentes gêneros, etc.

Se há um mercado que abastece, nutre e movimenta a cidade, há também uma periferia, que em muitos momentos exclui, marginaliza e degrada. São estes que compõem a margem da sociedade, que estão localizados nos bairros limítrofes, nos cortiços e pensões, em vielas e becos escuros, ou atrás da reclusão dos cárceres, hospitais e outras instituições de confinamento, onde a doença entra como mais um elemento de marginalização e de exclusão do mercado produtivo. Estes sim têm em seu em torno os limites colocados por grades e muros... Vivem a reclusão de forma bem marcada e definida. Mantidos nesta condição deixam de ser preocupação da sociedade, que os prefere ver cercados e distantes.

E é através do olhar do cronista/fotógrafo que muitos destes espaços puderam ser visitados e onde por meio de seus clichês nos permitiram tomar contato com algumas das diferentes formas de ver e interpretar seu tempo e o seu mundo.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

100 Anos de Propaganda, São Paulo: Abril Cultural, 1980.

70 anos de Teatro Municipal. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura. s/d

A Cidade. “A cidade : jornadas inter e pluridisciplinares” : acta/coor. Maria José Ferro Tavares. 1ª ed., Lisboa, Universidade Aberta, 1993.

Abel, Marília. “As profissões femininas na Lisboa Ribeirinha” In: II Colóquio Temático: Lisboa Ribeirinha, Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Património Cultural/Divisão de Arquivos, s/ data

**Acervo – Revista do Arquivo Nacional – volume 6 – número ½ - Jan/Dez –1993-
Fotografia**

Adans, Ansel. Exemples: the making of 40 photographs. Little, Brown and company, Boston, 1983

Afonso, Maria Graziela Gomes. “Estudos de casos: prostituição e espaço social: o caso do intendente”. Lisboa, UNL, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1984.

Almeida, Carlos de. “Portugal: Arquitectura e sociedade”. 1ª edição, Lisboa, Terra Livre, 1978.

Amarante, Eduardo. “Portugal simbólico: origens sagradas dos lusitanos”. Lisboa, Nova Acrópole, 1991.

America & Lewis Hine. Photographs 1904 – 1940.

Arantes, Antônio A. “A Guerra dos lugares - sobre fronteiras e liminaridades no Espaço Urbano” In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cidade, nº 23, 1994, Rio de Janeiro.

Araújo, Ana Cristina dos Santos Bartolomeu de. “A morte em Lisboa: atitudes e representações: 1700-1830”. 1ª edição, Coimbra, 1995. Tese de Doutorado em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- Araújo**, Vicente de Paula. “Salões, Circos e Cinemas de São Paulo”. São Paulo: ed. Perspectiva. 1981.
- Argan**, Giulio Carlo. “A história da arte como história da cidade”. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- Argan**, Giulio Carlo. “Arte Moderna”. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- Ariès**, Philippe e Duby, George (dir.). História da vida privada. São Paulo: Cia das Letras, 1987-1992. 5v.
- Arriaga**, Noel de. “Portugal de hoje”. 1ª edição, Lisboa, Campanha nacional de Ed. de Adultos, 1956.
- Aumont**, Jacques. “A Imagem”. São Paulo, Papyrus Editora, 1993.
- Avancini**, Atilio José. “Em Flagrante – Leitura de fotografia de rua do cotidiano da cidade de São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX”. Dissertação de Mestrado apresentada à ECA/USP, 1999.
- Azevedo**, Aroldo de. “A Cidade de São Paulo”. São Paulo: Brasiliense. 1958. Vol. 1,2,3,4
- Balcão**, Lier Ferreira. “A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulistana – 1900/1913” (mimeo). Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de História da PUC/SP. 1998
- Bandeira**, Filomena. “A universidade popular portuguesa nos anos 20, os intelectuais e a educação ao povo: entre a salvação da república e a revolução social”. Dissertação de mestrado em História dos séculos XIX e XX, secção do século XX, apresentada à FCSH-UNL
- Baptista**, Luis António Vicente. “Crescimento urbano e migrações interna: contrastes e alterações sócio-espaciais, e redes de interconhecimento: o Bairro do Rego: Lisboa, 1900-1985”. Lisboa, 1987. Dissertação de mestrado em sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Barata**, Ana Cristina Martins. “Lisboa 1860-1930: realidade, desejos e ficções”. 1ª edição, Lisboa. Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Barata**, Cipriano Nunes. “O exclusivo do fabrico e venda do sabão em algumas terras da Beira-Baixa: digressão histórica”. Lisboa, Império, 1962.

- Barthes**, Roland. “A câmara clara: Nota sobre a fotografia”. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- Bastos**, António de Sousa (1844 – 1891). “Lisboa Velha: sessenta anos de recordações: 1850 a 1910”. 1ª edição, Lisboa, Câmara Municipal, 1947.
- Bastos**, Sênia. “Na Paulicéia por conta própria 1870 – 1886”. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC/SP, 1996.
- Batista**, Luís António Vicente. “A cidade em reinvenção: crescimento urbano e emergência das políticas sociais de habitação: Lisboa, século vinte”. 1ª edição, Lisboa, 1996. Tese de Doutorado em Sociologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Batista**, Paulo Arthur Ribeiro. “A Casa Biel e as suas edições fotográficas no Portugal de oitocentos”. 1ª edição. Lisboa, 1994. Dissertação de mestrado em História da arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Beguín**, François. “Les Machineries Anglaises du confort. Recherches”. Fontenay-Sous-Bois, nº 29, 1978.
- Beluzzo**, Ana Maria de Moraes. “Voltolino e as Raízes do Modernismo”. São Paulo: ed. Marco Zero. 1992.
- Benjamin**, Walter. “Documentos de cultura, documentos de barbárie”. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1986.
- Benjamin**, Walter. “Rua de mão única”. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- Bernardet**, Jean-Claude. “O homem na rua: cinema”. In: Cadernos de História de São Paulo/Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 55-60, jan-dez 1993,
- Borges**, José Pedro de Aboim. “Joshua Benoliel: o rei dos fotógrafos”. Lisboa, 1984. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Bourdieu**, Pierre. “Choses ditas”. 1ª ed., Paris, 1987.
- Bourdieu**, Pierre. “Razões práticas sobre a teoria da acção”. 1ª ed., Oeiras, Celta, 1997.
- Bourdieu**, Pierre. “Un art moyent: essai sur les usages sociaux de la photographie”. Paris, Minuit, 1978.

- Braga**, Pedro Manuel Bebiano Dinis Ferreira. “Mobiliário urbano de Lisboa: 1838-1938”. 1ª edição, Lisboa, 1995. Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Bresciani**, Maria Stella Martins (org). “Imagens da Cidade – séculos XIX e XX. São Paulo”. AMPUH/São Paulo- Marco Zero/FAPESP, 1994.
- Bresciani**, Maria Stella Martins. “História e historiografia das cidades, um percurso” In: Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo, Ed. Contexto/USF, 1998
- Bresciani**, Maria Stella Martins. “Lógica e dissonância. Sociedade de trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e - Resistência Operária” In: Revista Brasileira de História, nº 11 – Sociedade e Trabalho na História, São Paulo, Editora Marco Zero/ANPUH, 1986.
- Bresciani**, Maria Stella Martins. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)”. Revista Brasileira de História ns. 08/09/1985.
- Bresciani**, Maria Stella Martins. “Nas ruas, os caminhos da cidade”. In: Cadernos de história de São Paulo/Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 27-38, jan-dez 1993.
- Bresciani**, Maria Stella Martins. “Permanência e ruptura no estudo das cidades”. Campinas, 1990, mimeo.
- Bresciani**, Maria Stella Martins. “Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza”. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- Bruno**, Ernani Silva. “História e Tradições da cidade de São Paulo”. Rio de Janeiro: ed. José Olympio. 1953. Vol 1,2,3
- Bruno**, Ernani Silva. “História e tradições da cidade de São Paulo”. Vol III, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
- Bruno**, Hernani Silva. “História e tradições da cidade de São Paulo”. Metrópole do café (1872 – 1918) e São Paulo de Agora (1918 – 1953). Rio de Janeiro, José Olympio Editôra, 1954.
- Bueno**, Laura Machado de Mello. “O saneamento na urbanização de São Paulo”. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU/USP, 1994.
- Burke**, Peter. “A cultura popular na idade moderna”. São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- Burke**, Peter. “A escrita da história”. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

Cabido, José Jacob. “Reflexões sobre o interior doméstico”. 1ª edição, Lisboa, 1994. Tese de Doutorado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Cabral, Manuel Villaverde. “Portugal na alvorada do século XX: forças sociais, poder político e crescimento econômico de 1890 a 1914”. Lisboa, A Regra do Jogo, 1979.

Caldeira, Maria de Fátima C. G. Silva. “De meninos se fazem os homens: assistência infantil e juvenil na cidade de Lisboa durante a 1ª República”. Lisboa, 1993. Dissertação de mestrado de História dos séculos XIX e XX, secção século XX, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL).

Calvino, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

Camargo, Ana Maria de Almeida e Belloto, Heloísa Liberalli. “Dicionário de terminologia arquivística”. São Paulo. Associação dos arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo/ Secretaria de Estado da Cultura – Departamento de Museus e Arquivos, 1996.

Camargo, Luís Soares. “Sepultamentos na cidade de São Paulo: 1800/1858”. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC/SP.

Camargo, Mônica Junqueira e Mendes, Ricardo. “Fotografia-cultura e fotografia paulistana no século XX”. São Paulo, SMC, 1992.

Campos, Cristina de. “A cidade através da Higiene, 1925-1945. As propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para São Paulo”. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e urbanismo da Universidade de São Paulo-FAU/USP, 2001.

Campos, Cristina. A formação médica e higienista de Geraldo Horácio de Paula Souza. Brasil e Estados Unidos. 1908 a 1920”. Trabalho Programado apresentado ao Programa de Pós – Graduação em Estruturas Urbana da FAU/USP, 2000

Campos, Fernando F. “Um fotógrafo, uma cidade: Augusto Malta”. Rio de Janeiro, Maison Graphique, 1987.

Candeias, Nely Martins Ferreira. “Memória Histórica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – 1918-1945” In: Revista de Saúde Pública. São Paulo: nº 18, 1984

- Candido**, Antonio (org.) “A Crônica”. São Paulo: Editora UNICAMP; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- Candido**, Antonio. “O Discuro e a cidade”. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 1993
- Cardoso**, Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo (org.) “Domínios da História – Ensaio de Teoria e Metodologia”. 5ª edição. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1997.
- Carmo**, Renato Miguel Eunídio do. “A desconstrução do espaço: estudo compreensivo sobre os fundamentos e a forma do espaço social”. 1ª ed., Lisboa. Dissertação de mestrado em Sociologia aprofundada e realidade Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Carneiro**, Cláudio. “Pregões”. Porto, Imprensa Social, 1942.
- Carvalho**, Maria Alice Rezende de. “Quatro vezes cidade”. Rio de Janeiro, Livraria Sette Letras Ltda, 1994.
- Carvalho**, Telma Campanha de. “Fotografia e Cidade: São Paulo na década de 1930”. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC/SP, 1999.
- Carvalho**, Vânia Carneiro de e outros. “Fotografia e História: ensaio bibliográfico”. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, N. Ser. V. 2 jan./dez. 1994.
- Carvalho**, Vânia Carneiro de. “A plasticidade urbana: as representações da cidade de São Paulo nas fotografias de 1950”. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, p. 111-120, jan-dez. 1993.
- Carvalho**, Vânia Carneiro de. “Do indivíduo ao tipo: as imagens da (des) igualdades nos álbuns fotográficos da cidade de São Paulo na década de 1950”. São Paulo, 1995. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP.
- Certeau**, Michel de. “A Cultura no plural”. Campinas, Papyrus Editora, 1995.
- Certeau**, Michel de. “A escrita da história”. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.
- Chaloub**, Sidney. “Cidade Febril – cortiços e epidemias na corte imperial”. São Paulo, Companhia das Letras, 1996
- Chartier**, Roger (org.) “Práticas de Leitura”. São Paulo: ed. Liberdade. 1996.
- Chartier**, Roger. “A história cultural: entre práticas e representações”. Lisboa, Difel, 1990.
- Chartier**, Roger. “A ordem dos livros”. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2ª edição, Brasília. UnB, 1998.

Cordeiro, Graça Índias. “Um bairro no coração da cidade: um estudo antropológico sobre a construção social de um bairro típico de Lisboa”. 1ª edição, Lisboa, 1995. Tese de doutoramento em Antropologia Social, apresentada ao Inst. Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).

Correia, Fernando da Silva. “Portugal sanitário: subsídios para os seu estudo”. Lisboa, Direcção Geral de Saúde Pública, 1938.

Correia, Fernando. “Doenças sociais e higiene: conferência realizada em Lisboa...durante Semana Portuguesa de Higiene...”. Caldas da Rainha, Dispensário de Profilaxia Social, 1932.

Correia, Telma de Barros. “Pedra: Plano e Cotidiano Operário no Sertão – o projeto urbano de Delmiro Golveia”. Tese de Doutorado apresentado à FAU/USP, 1995.

Costa, Helouise. “Aprenda a ver as coisas: Fotojornalismo e modernidade na revista 'O Cruzeiro' ”. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 1996.

Costa, Helouise. “Pictorialismo e imprensa: o caso da Revista O Cruzeiro (1928-1932)”. In: Fabris, Annateresa, Org. “Fotografia usos e funções no século XIX”. São Paulo: Edusp, 1991.

Costa, Maria Cristina Castilho. “O retrato feminino na pintura brasileira 1800-1950: do realismo ao romantismo, análise estética e sociológica”. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP, 1985.

Cruz, Heloisa de Faria (Org.). “São Paulo em Revista”. São Paulo, Cedec/Arquivo do Estado, 1997.

Cruz, Heloisa de Faria. “Na cidade, sobre a cidade - Cultura letrada, periodismo e vida urbana - São Paulo 1890/1915”. São Paulo, tese de doutorado apresentada a FFLCH/USP, 1994.

Damatta, Roberto. “A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil”. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

David, Henrique Manuel Pebre Rodrigues. “As crises de mortalidade no Concelho de Braga: 1700-1880”. 1ª edição, Porto, 1992. Tese de Doutorado em História Moderna e Contemporânea, apresentada à Faculdade de letras da Universidade do Porto.

Dean, Warren. “A Industrialização de São Paulo”. São Paulo: ed.Difel. s/d

Dias, Jaime Lopes. “Beira-baixa”. Lisboa, Bertrand.

- Dias, Jaime Lopes.** “Etnografia da Beira: lendas e romances, costumes, indústrias rurais, crenças e superstições, linguagem”. Lisboa, Ferin, 1942.
- Dias, Maria Tavares.** “Lisboa desaparecida”. Vol. 4. 2ª edição. Lisboa, Quimera, 1994.
- Dias, Maria Tavares.** “Lisboa desaparecida”. Vol. 5. Lisboa, Quimera, 1996.
- Dias, Maria Tavares.** “Lisboa desaparecida”. 5ª edição. Lisboa, Quimera, 1987.
- Dias, Maria Tavares.** “Lisboa desaparecida”. Vol. 2. 4ª edição. Lisboa, Quimera, 1990.
- Dias, Maria Tavares.** “Lisboa desaparecida”. Vol. 3. 3ª edição. Lisboa, Quimera, 1992.
- Dias, Marina Tavares.** Lisboa Lisboa Desaparecida. Quimera Editores, 1990, vol. I a IV
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral.** “A ciranda dos nomes na toponímia de São Paulo”. In: Cadernos de história de São Paulo/Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo, n.2, p. 61-71, jan-dez 1993.
- Dinis, Caldeiron.** “Tipos e factos da Lisboa do meu tempo”. Lisboa, Editorial Notícias, s/ data, 2ª edição.
- Dubois, Philippe.** “O ato fotográfico”. São Paulo, Papyrus Editora, 1994.
- Duby, George.** “A história continua”. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- Eco, Umberto.** “A estrutura ausente”. Trad. Pérola de Carvalho, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.
- Esparteiro, António Marques.** “Portugal no mar: 1608 – 1923”. s/d
- Essus, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade.** “O olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória”. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, p. 25-40, jan-dez. 1993.
- Essus, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade.** “Sob o signo da imagem: a produção e o controle dos códigos de representação da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX”. Tese de doutorado, UFF/RJ, Novembro de 1990.
- Fabris, Annateresa (org.).** “Fotografia: usos e funções no século XIX”. São Paulo, EDUSP, 1991.
- Fadigas, Leonel de Souza.** “A natureza da cidade: uma perspectiva para a sua integração no tecido urbano”. 1ª edição, Lisboa, 1993. Tese de Doutorado em Planeamento Urbanístico apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.
- Faro, J. Sousa e.** “Portugal no Atlântico: portos principais, comércio, turismo, estratégia”. Lisboa, 1938.

- Fenelon**, Déa Ribeiro. “Cultura e história social”. In: Projeto/História, nº 10, PUC/SP, 1994.
- Fernández**, Basco Hugo. “Portugal através de alguns números”. 4ª ed., Lisboa, Prelo, 1976.
- Ferrara**, Lucrecia D'Aléssio. “Ver a cidade”. São Paulo, Nobel, 1988.
- Ferreira**, Carlos Alberto Miguel. “Os sanatórios marítimos: construção social da vila da Parede como estância sanatorial”. 1ª edição, Lisboa, 1996. Dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa, apresentada à FCSH-UNL
- Ferreira**, José Medeiros. “Portugal na Conferência de Paz: Paris, 1919”. 1ª edição, Lisboa, Quetzal, 1992.
- Ferreira**, Maria do Rosário. “Águas doces, águas salgadas: da funcionalidade dos motivos aquáticos da Cantiga de Amigo”, 1ª ed, Lisboa, 1996. Dissertação de Mestrado em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa – época medieval, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Ferreira**, Vitor Matias e outros. “Lisboa, a metrópole e o Rio: centralidade e requalificação das frentes de água”. 1ª edição, Lisboa, Bizâncio, 1997.
- Ferrez**, Gilberto. “A fotografia no Brasil: 1840 – 1900”. Rio de Janeiro, Funarte, 1985.
- Ferrez**, Gilberto. “O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez; paisagens e tipos humanos no Rio de Janeiro (1865 - 1918)”. Rio de Janeiro, Ed. Libris/João Fortes Engenharia, 1984.
- Ferrez**, Gilberto; Vasquez, Pedro. “A fotografia no Brasil no século XIX: 150 anos do fotógrafo Marc Ferrez 1843/1993”. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1993.
- Figueiredo**, Fernando Augusto de. “A morte na região de Lisboa de 1900 a 1918”. 1ª edição, Lisboa, 1994. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea (secção do século XX) apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Flerse**, Villen. “Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia”. São Paulo, Hucitec, 1985.
- Foucault**, Michel. “Microfísica do poder”. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- Foucault**, Michel. “O nascimento da medicina social” In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 13ª edição, 1998.

- Frade**, Pedro Miguel Duarte Moreira Simeão. “A fotografia antes de sua cultura: aventuras do olhar e desventuras da razão no século de Daguerre”. Lisboa, 1989. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Francastel**, Pierre. “A realidade figurativa”. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1982.
- Freire**, Cristina. “Além dos mapas – os monumentos no imaginário urbano contemporâneo”. São Paulo, Annablume editora. Comunicação/FAPESP / SESC - São Paulo, 1997
- Freire**, Gilberto de Melo. “O retrato brasileiro: fotografias da coleção Francisco Rodrigues 1840 – 1920”. Rio de Janeiro, Funarte/Fundação Joaquim Nabuco, 1983.
- Freire**, João Paulo. “Lisboa do meu tempo e do passado: do Rocio à Rotunda”. Lisboa, Parceria A M Pereira, s/d.
- Freund**, Gisèle. “La fotografia como documento social”. Barcelona, Editora Gustavo Gili, 1976.
- Furet**, François. “A oficina da história. Lisboa”, Gradiva, 1985.
- Ginzburg**, Carlo. “A micro-história e outros ensaios”. Rio de Janeiro, Difel, 1991.
- Ginzburg**, Carlo. “O queijo e os vermes”. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- Gomes**, Mara Helena de Andrea. “Tradição e Progresso Técnico – a medicina e o ensino médico na Escola Paulista de Medicina”. Dissertação de Mestrado apresentado à PUC/SP, 1992.
- Grangeiro**, Cândido Domingues. “As artes de um negócio: a febre photographica”. São Paulo 1862-1886. Campinas, 1993, Dissertação de Mestrado, Unicamp.
- Guinote**, Paulo Jorge Alves. “Quotidianos femininos (1900-1933)” – vol. 1 e 2. Lisboa, 1997
- Guinote**, Paulo Jorge Alves. “Quotidianos femininos, 1900-1933”. 1ª edição, Lisboa, 1994. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea - século XX, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Hardman**, Francisco Foot. “Os negativos da história: a ferrovia-fantasma e o fotógrafo cronista”. Resgate, Campinas, n. 5, p. 9-21, 1993.
- Hillman**, James. “Cidade & Alma”. São Paulo, Nobel, 1993.

- História da Vida Privada no Brasil 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- Hobsbawn, Eric J.** “A invenção das tradições”. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- Holston, James.** “A cidade modernista”. São Paulo, Cia das Letras, 1993.
- Homem de Mello, Francisco Inácio Scaramelli.** “Cidade, Fotografia, Tipografia”. Tese de Doutorado apresentado à FAU/USP, 1994.
- Hunt, Lynn.** A “Nova História Cultural”. São Paulo: Martins Fontes. 1992
- Instituto Moreira Salles.** “São Paulo de Vincenzo Pastore”. Catálogo de Exposição, 1997
- Iyda, Massako.** “Cem anos de Saúde Pública: a cidade negada”. São Paulo, Editora Unesp, 1994.
- Kossoy, Boris.** “A fotografia como fonte histórica”. São Paulo, Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São paulo, 1980.
- Kossoy, Boris.** “Álbum de photographias do Estado de São Paulo 1892: estudo crítico”. São Paulo: Kosmos, 1984.
- Kossoy, Boris.** “Fotografia e história”. São Paulo, Ática, 1989.
- Kossoy, Boris.** “Fotografia: câmaras e aparelhos de dois séculos”. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/ Museu da Imagem e do Som/ Museu Foto-Hitorama de Agfa-Gevaert, 1981.
- Kossoy, Boris.** “Hercules Florence. 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil”. São Paulo, Duas Cidades, 1980.
- Kossoy, Boris.** “Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX”. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1980.
- Kubrusly, Cláudio Araújo.** “O que é fotografia”. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- Labasse, Jean.** “La ciudad y el hospital: geografia hospiteleira”. 1ª ed. Madrid, Inst. De Estudios de Administracion local, 1982.
- Lamas, José M. Ressano Garcia.** “Morfologia urbana e desenhos da cidade”. Tese de Doutorado em Planeamento Urbanístico, apresentado a Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura.
- Le Goff, História e Memória.** São Paulo: ed. Unicamp. 1996.
- Le Goff, Jacques.** “Memória/História”. Enciclopédia Einaudi, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

- Le Goff**, Jacques. Chartier, Roger e Revell, Jacques. "A Nova História". Coimbra, Almedina, 1990.
- Le Goff**, Jacques; Nora, Pierre. "Histórias: novos problemas, novas abordagens, novos objetos". Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- LeGoff**, Jacques. "Por amor às cidades". São Paulo, Editora Unesp, 1998.
- Lehan**, Richard. "The city in Literature. Na intellectual and Cultural History". University of California Press, 1998.
- Leitão**, José António. "Lisboa: o ser e o sonho: sobre o imaginário da cidade no 1º quarto do século XX". Dissertação de Mestrado em História da Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Leite**, Míriam L. Moreira. "A fotografia e as Ciências Humanas". Anpochs, Dib 25, Rio de Janeiro, 1988.
- Leite**, Míriam L. Moreira. "A imagem através das palavras". Ciência e Cultura, v. 38, nº 09, 1986.
- Leite**, Míriam L. Moreira. "Fotografia de família: potencialidade e limitação da documentação fotográfica". Cadernos Ceru, São Paulo, n. 18, p. 79-89, maio 1983.
- Leite**, Míriam L. Moreira. "Fotografia e história. Ciência Hoje", s. 1.v. 7, nº 39, p.24-32, jan.-fev., 1988.
- Leite**, Míriam L. Moreira. "O retrato de casamento. Literatura e Memória Cultural": Anais, v. 1, Belo Horizonte, Abralic, 1991.
- Leite**, Míriam L. Moreira. "Retratos de família". São Paulo, EDUSP, Texto & Arte nº 09, 1993.
- Lima**, Ivan. "A fotografia é a sua linguagem". Rio de Janeiro, Coleção Antes, Aqui e Além, Espaço e Tempo, 1995, 2ª edição.
- Lima**, Solange Ferraz de. "Espaços projetados: as representações da cidade de São Paulo nos álbuns fotográficos do início do século". Acervo - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, p. 99-110, jan-dez 1993.
- Lima**, Solange Ferraz de. "O circuito social da fotografia: estudo de caso – II". In: Fabris, Annateresa, org. Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo: Edusp, 1991.

Lima, Solange Ferraz de. “São Paulo na virada do século: as imagens da razão urbana - a cidade nos álbuns fotográficos de 1887 a 1919”. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1995.

Lisboa Iluminista e o seu tempo. “Lisboa iluminista e o seu tempo: a evolução do urbanismo da cidade de Lisboa: modelos urbanistas reticulares na Europa no ultramar”. 1ª edição, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, 1997.

Lisboa, Câmara Municipal. II Colóquio Temático. “Lisboa Ribeirinha”. Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Patrimônio Cultural/Divisão de Arquivos.

Lobo, Maria Teresa Figueiredo Beco de. “Para o estudo da ilustração e do grafismo em Portugal: publicidade, moda, mobilidade: 1920-1940”. 1ª edição, Lisboa, 1998. Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)

Lopes, Maria Antónia da Silva Figueiredo. “Pobreza, assistência e controle social em Coimbra: 1750-1850”. 1ª edição, Coimbra, 1999. Tese de Doutorado em História Moderna e Contemporânea, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Lopes, Rosana Miziara. “Nos rastros dos restos: as trajetórias do lixo na cidade de São Paulo”. Dissertação de Mestrado apresentado à PUC/SP, 1998.

Lucas, Meize Regina de Lucena. “Imagens do Moderno: os sentidos do olhar de Jacques Tati”. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Puc/SP, 1996.

Lynch, Kevin. “A imagem da cidade”. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

Machado, Arlindo. “A ilusão especular: introdução à fotografia”. São Paulo, Brasiliense/Funarte, 1984.

Maciel, Laura Antunes. “A Nação por um fio. Caminhos, práticas e imagens da ‘Comissão Rondon’”. São Paulo. Educ/Fapesp, 1998.

Magnani, José Guilherme Cantor. “A Rua e a evolução da sociedade”. In: Cadernos de história de São Paulo/Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 45-54, jan-dez 1993.

Mah, Sérgio. “Fotografia e a imagem construída: o privilégio de um olhar moderno”. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)

- Maio**, José Alberto e outros. “Mercado 24 de Julho”. Lisboa, Câmara Municipal. Direcção Municipal de Abastecimento e consumo, 1991.
- Maluf**, Marina. “Ruídos da memória”. São Paulo, Editora Siciliano, 1995.
- Mariani**, Riccardo. “A cidade moderna entre a História e a cultura”. São Paulo, Nobel/Instituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1986.
- Marques**, A. H. de Oliveira. “Portugal no século XX: Problemas de História Portuguesa, 1900 – 1930”. Lisboa, 1969. Separata da Revista Ocidente, vol. 76.
- Marques**, Gabriel. “Ruas e Tradições da cidade de São Paulo”. São Paulo: Secretaria do Governo. s/d
- Martins**, Joaquim Pedro de Oliveira. “Portugal Contemporâneo”. 8ª edição, Lisboa, Guimarães, 1976-1979.
- Marx**, Murillo. “Breve percurso pela cidade no Brasil”. Dissertação de Mestrado apresentada à FAU/USP, 1980.
- Mascaro**, Cristiano Alckmin. “A Fotografia e a arquitetura”. Tese de Doutorado apresentada à FAU/USP, 1994.
- Melo**, Francisco Manuel. “A visita das Fontes: Apólogo Dialogal Terceiro”.
- Mendonça**, Alice Maria Ferreira. “As crises de mortalidade no Concelho de Évora na segunda metade do século XIX”. 1ª edição, Lisboa, 1996. Dissertação de mestrado em Demografia Histórica e Social apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL).
- Menezes**, Marluci. “Territórios e representações colectivas do espaço: estudo de caso: Bairro da Madragoa”. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Menezes**, Raimundo. “Histórias das histórias de São Paulo”. São Paulo: ed. Melhoramentos. 1954
- Menezes**, Raimundo. São Paulo de Nossos Avós. São Paulo: Coleção Saraiva. s/d
- Meyer**, Regina Maria Prosperi. “O papel da rua na urbanização paulistana”. In: Cadernos de história de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 13-26, jan-dez 1993.
- Moreira**, Adriano. « Saneamento Nacional ». 2ª edição, Lisboa, 1976.

- Morse**, Richard. “Formação Histórica de São Paulo, São Paulo”: Difusão Européia do Livro, 1970.
- Moura**, Carlos Eugênio M. (org.). “Retratos quase inocentes”. São Paulo, Nobel, 1983.
- Moura**, Maria Helena Castel-Branco Lisboa Barata. “Os engenheiros em Lisboa, urbanismo e arquitectura (1850-1930)”. 1ª edição, Lisboa, 1996. Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Moura**, Mário Fernando Oliveira. “Memórias dos Moinhos da Ribeira Grande: um percurso pedestre à terra dos moinhos de água”. 1ª ed., Ribeira Grande: Amigos dos Açores, 1997.
- Moura**, Paulo Cursino de. “São Paulo de Outrora”. Belo Horizonte: ed. Itatiaia Ltda. 1980.
- Munford**, Lewis. “A cidade na história. São Paulo”, Martins Fontes/UNB, 1982.
- Nascimento**, José Leonardo do. “Trabalho e prestígio social: os espanhóis em São Paulo”. Araraquara, mimeo.
- Neiva**, E. “A imagem”. Rio de Janeiro, Ed. Ática, 1987.
- Nora**, Pierre. “Ensaio de ego história”. Lisboa, Edições 70 Ltda., 1989.
- Novaes**, Adauto. “O olhar”. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- Oliveira**, Enídio Rosa de. “Pesquisa em torno da fotografia: ou da marca fotológica que impregna a reflexão teórica”. Lisboa, 1984. Trabalho apresentado como Prova de competência científica do Departamento de comunicação Social da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Oliveira**, Luísa Tiago. “A saúde pública no vintismo: estudo e documentação”. 1ª ed., Lisboa, João Sá da Costa, 1991.
- Oliveira**, Márcia Ribeiro de. “Múltiplas visões: fotografias da cidade de São Paulo nas décadas de 1970, 1980 e 1990”. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC/SP.
- Pacheco**, José do Nascimento. “As representações da sexualidade humana, ao longo da história e o seu impacto no tempo presente”. 1ª edição, Lisboa, 1996. Dissertação de Mestrado em sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Pailhous**, Jean. “La représentation de l’espace urbain”. 1ª ed. Paris, Presses Universitaire de France, 1970.

- Pais**, José Machado. “A prostituição e a Lisboa boémia do século XIX aos inícios do século XX”, 1985.
- Paoli**, Maria Célia. “São Paulo operária e suas imagens (1900-1940)” In: Espaço & Debates, nº 33, 1991
- Passos**, Maria Lúcia Perrone (coord). “Evolução urbana da cidade de São Paulo. 1872 – 1945”. (Bibliografia de São Paulo). São Paulo, Eletropaulo, 1989.
- Passos**, Maria Lúcia Perrone. “Monumentos urbanos de São Paulo”. In: Cadernos de história de São Paulo/Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 2 , p. 72-79, jan-dez 1993.
- Pechman**, Robert Moses. “Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade”. In: Cadernos IPPUR/URFJ, ano VI, nº 1, Dezembro, 1992.
- Pereira**, Maria Paula. “A Associação Comercial de Lisboa e a grande burguesia da praça de Lisboa: um projecto de desenvolvimento do comércio externo português (1890-1926)”. 1ª edição, Lisboa, 1994.
- Perrot**, Michelle. “Os excluídos da História”. São Paulo, Paz e Terra, 1988.
- Pinheiro**, Maria Luiza Ugarte. “A cidade sobre os ombros – trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899 – 1925)”. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC/SP, 1996.
- Pinto**, Luís Leite. “Subsídios para a história do abastecimento de água na cidade de Lisboa”. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1972.
- Pinto**, Maria de Fátima M. Martins. “Os indigentes na cidade de Lisboa durante o 1º terço do século XX”. 1ª edição, Lisboa, 1995. Dissertação de mestrado em História dos século XIX e XX, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Pinto**, Maria Ines Machado . “Cotidiano e Sobrevivência”. São Paulo: Edusp. 1994
- Pita**, João Rui. “Família, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)”. 1ª ed., Coimbra, Minerva, 1996.
- Portugal 1900** – Catálogo de Exposição Museu Calouste Gulbenkian (29 de Junho – 10 de Setembro de 2000).

Portugal Contemporâneo. “Portugal Contemporâneo: a fragilidade do Estado Republicano: os fracassos do liberalismo econômico: um novo clima cultural: outros valores, outro quotidiano”. Lisboa, Alfa, cop. 1990.

Portugal Contemporâneo. “Portugal contemporâneo: a implantação do regime democrático e a descolonização: a modernização da economia e da sociedade: a cultura em liberdade: os novos valores”. Lisboa, Alfa, cop, 1992.

Portugal Contemporâneo. “Portugal Contemporâneo: consolidação e decadência da monarquia liberal: esperanças e frustrações da nova ordem socio-econômica: as tensões culturais: a evolução das mentalidades”. Lisboa, Alfa, cop. 1989.

Portugal de Ontem. “Portugal de ontem: Portugal de hoje: Portugal de amanhã”. Ed. Lit. Secretariado de propaganda Nacional. 1ª edição, Lisboa, Secretariado de Propaganda Nacional, s/d.

Portugal em Mapas e números. “Portugal em mapas e em números”. 2ª edição, Lisboa, Ed. Jorge Gaspar, Livros Horizonte, 1981.

Portugal. Ministério dos negócios estrangeiros. “Portugal na primeira Guerra Mundial: 1914 – 1918”. Ministério dos negócios estrangeiros, 1997.

Primeira Reunião Olisoponense: teses, estudos, comunicações/ ed. Lit. CML. Lisboa: Câmara Municipal, 1948.

Quintas, Maria da Conceição Fausta Pegado Cabrita de Pinto. “O aglomerado urbano de Setúbal: crescimento económico, contexto social e cultura operária: 1880-1930”. 1ª edição, Coimbra, 1995. Tese de Doutoramento em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Rama, Angel. “A cidade das letras”. São Paulo: ed. Brasiliense.1985

Ramos, Ricardo. “Do reclame à comunicação”. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Rattazzi, Maria (1833-1902). “Portugal de relance”. 1ª edição, Lisboa, Antígona, 1997.

Rau, Virgínia. “Feiras medievais portuguesas: subsídios para o seu estudo”. 2ª edição, Lisboa, Presença, 1983.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cidade. Nº 23, 1994.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fotografia. Nº 27, 1998

Revista Projeto História nº 13. “Cultura e Cidade”. Revista do Programa de Estudos Pós – Graduados em História e do Departamento de História da Puc/SP, Educ/Fapesp, 1996.

Revista Projeto História nº 17. “Trabalhos da Memória”. Revista do Programa de Estudos Pós – Graduados em História e do Departamento de História da Puc/SP, Educ/Fapesp, 1998.

Revista Projeto História nº 19. “Campo e Cidade”. Revista do Programa de Estudos Pós – Graduados em História e do Departamento de História da Puc/SP, Educ/Fapesp, 1999.

Rezende, Eliana Almeida de Souza. “Alquimia sedutora substanciada em imagem: a crônica fotográfica de São Paulo nas primeiras décadas do século XX”. Dissertação de Mestrado apresentada à Puc/SP em 1996.

Rezende, Eliana Almeida de Souza. “A cidade e o Sanitarista – imagens de um percurso”, publicado na Revista Projeto História Nº 21 do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da Puc/SP, especial de História e Imagem, Novembro de 2000

Rezende, Eliana Almeida de Souza. “Olhares sobre o Tejo: Benoliel o fotógrafo de Lisboa”, Cadernos Ceom, nº 12, 2000 – Educação Patrimonial e Fontes Históricas, editora Chapecó: Argos, 2000. Publicação da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Rezende, Eliana Almeida de Souza. “Imagens na cidade: clichês em foco – o olhar sanitaria” In: Revista de História Social – Revista de Pós-Graduação em História IFCH-UNICAMP n. 7, Campinas, 2000.

Ribeiro, Maria Alice Rosa. “História sem fim... inventário da saúde pública em São Paulo”. São Paulo, Ed. UNESP, 1993.

Ribeiro, Maria Alice Rosa. História sem fim...Um inventário da saúde pública. São Paulo – 1880 – 1930. Tese de Doutorado apresentada à Economia/Unicamp, 1991.

Rittaud-Hutinwr, Jacques. “Os Irmãos Lumière, A Invenção do Cinema”. São Paulo: Scritta.1995.

Rocha, Clara. “Revistas literárias do século XX em Portugal”. Coimbra, Faculdade de letras de Coimbra, 1985. Tese de Doutorado em Filosofia Românica, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra.

Rodrigues, Benjamin Gonzalez. “Las bases sociales de la enfermedad mental”, s/ data

Rodrigues, Eduardo de Jesus. “Olhar para São Paulo: anotações para uma leitura visual possível para a paisagem urbana da cidade”. Tese de Doutorado, FAU/USP, 1994.

Rodrigues, Maria da Conceição Mosteiro. “Sepulturas megalíticas em Portugal: análise crítica de tratamento de dados”. Lisboa, 1984. Tese de Doutorado em Pré-História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)

Rodrigues, Teresa Maria Ferreira. “Lisboa no século XIX: dinâmica populacional e crises de mortalidade”. Lisboa, 1993. Tese de Doutoramento em História Económica e Social dos séculos XIX e XX apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)

Rolnik, Raquel. “A cidade e a lei. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo”. São Paulo, Livros Studio Nobel/Fapesp, 1997

Rolnik, Raquel. “Cada um no seu lugar!. São Paulo, início da industrialização: Geografia do poder”. Dissertação de Mestrado, FAU/USP, 1981. (mimeo).

Rolnik, Raquel. “História urbana: história na cidade?” In: Cidade & Cidades: Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. UFBA/ Arquitetura.

Rolnik, Raquel. “São Paulo na virada do século: territórios e poder”. In: Cadernos de história de São Paulo/Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 2, p. 39-44, jan-dez 1993.

Roncayolo, Marcel. “Cidade”. In: Enciclopédia Einaudi, vol 8. Região, Lisboa, Ed. Casa da Moeda, 1985.

Rouanet, Sérgio Paulo. “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?” In: Revista USP, nº 15, set/nov., 1992

Sá, Vasconcelos e, e outros. “Lisboa e os seus encantos”. Lisboa. CML, 1959.

Sakaguchi, Maria Akemi. “Da medicina ao urbanismo, as origens do primado da mobilidade”. Dissertação de Mestrado apresentada à FAU/USP, 1999.

Samain, Etienne (org.). “O Fotográfico”. São Paulo, Editora Hucitec / CNPq, 1998.

Santos, António Maria dos Anjos. “Para o estudo da arquitectura industrial na região de Lisboa (1846-1918)”. 1ª edição, Lisboa, 1996. Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)

Santos, Inácio Antonio dos, e outros. “Leite pasteurizado”. Lisboa, Câmara Municipal, 1963.

- Santos**, Milton. Espaço & Método. 4ª edição, São Paulo, Nobel, 1997.
- São Paulo Registros 1899 –1940**. São Paulo: Eletropaulo. 1982
- Schmidt**, Afonso. “São Paulo de Meus Amores”. São Paulo: ed. Brasiliense. Vol. X
- Schorske**, Carl E. “Viena Fin-de-Siècle: política e cultura”. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- Sennett**, Richard. “Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental”. Rio de Janeiro, Editora Record, 1997.
- Serpa**, Alberto de. “Rua”. 1ª edição, Lisboa, Inquérito, 1945.
- Sevcenko**, Nicolau (org.) História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. Vol. 3
- Sevcenko**, Nicolau. “Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república”. São Paulo, Cia das Letras, 1985.
- Sevcenko**, Nicolau. “Orfeu estático na Metrópole (São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20)”. São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- Silva**, Eduardo. “As Queixas do Povo”. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1988
- Silva**, Marcos A. “Caricata República”. Zé Povo e o Brasil. São Paulo, Editora Marco Zero/MTC/CNPq, 1990.
- Silva**, Maria de Lurdes S. Pereira Reizinho e. “Mortalidade e mobilidade sócio-demográfica no concelho de Setúbal no século XIX”. 1ª edição, Lisboa, 1999. Dissertação de mestrado em Estudos da População Demografia Histórica apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Silva**, Maria Raquel Henriques de. “As avenidas novas de Lisboa, 1900-1930”. Lisboa, 1985. Dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Silva**, Pedro Ribeiro da. “Saúde: objeto de comunicação”. 1ª edição, Lisboa. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Silva**, Raquel Henriques da. “Lisboa romântica: urbanismo e arquitectura, 1777-1874”. 1ª edição, Lisboa, 1997.
- Soler**, Angélica e Matos, Maria Izilda (org.). “A cidade em debate”. São Paulo. Olho d’Água, 1999.

- Sontag**, Susan. Ensaio sobre fotografia. Rio de Janeiro, Arbor, 1981.
- Sottili**, Rogério. “MST: A Nação além da cerca – a fotografia na construção da imagem e da expressão política e social dos sem – terra”. Tese de Doutorado apresentada à PUC/SP, 1999.
- Souza**, Gilda de Mello e. “O espírito das roupas: a moda no século dezenove”. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- Subtil**, José Manuel Lousada Lopes. “O vintismo e a criminalidade (1820-1823)”. 1ª edição, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História dos séculos XIX e XX, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Süssekind**, Flora. “As Revistas de Ano”. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1986.
- Süssekind**, Flora. “Cinematógrafo das Letras”. São Paulo: Companhia das Letras. 1987
- Tausk**, Petr. “Historia de la fotografía en el siglo XX. De la fotografía artística al periodismo gráfico”. Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A, 1978.
- Teixeira**, Luís. “Lisboa e os seus cronistas”. Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal, 1943.
- Telarolli Junior**, Rodolpho. “Poder e Saúde – As epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo”. São Paulo, Unesp, 1996.
- The work of Atget**. Volume II. Modern Times. The Museum of Modern Art New York, 1982
- The work of Atget**. Volume IV. Modern Times. The Museum of Modern Art New York, 1985
- Thompson**, E. P. “Tradición, Revuelta Y Consciencia de Clase”. Barcelona, 1981.
- Thompson**, E. P. A Miséria da Teoria: ou, um planetário de erros. São Paulo, Zahar, 1981.
- Toledo**, Benedito Lima de. “São Paulo: três cidades em um século”. São Paulo: Livraria Duas Cidades. 1983.
- Turazzi**, Maria Inez. “As artes de um ofício – Fotografia e memória da engenharia no século XIX”. Tese de Doutorado apresentada à FAU/USP, 1997.
- Turazzi**, Maria Inez. “Poses e trejeitos na era do espetáculo - a fotografia e as Exposições Universais no século XIX (1839 - 1889)”. São Paulo, Fundação Vitae, 1992.
- Vasconcelos**, Maria da Penha C. Memórias da Saúde Pública. A fotografia como testemunha. São Paulo, Hucitec/Abrasco, 1995, pág. 59.

- Vasconcelos**, Rui Manuel Dias de Almeida e. “Indústria e indústrias na 2ª metade do século XIX: Portugal, 1845 – 1890”. 1ª edição, Lisboa, 1998. Dissertação de mestrado em História do século XIX, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Velho**, Gilberto (org). “Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal”. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.
- Velloso**, Monica Pimenta. “Modernismo no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. 1996.
- Vieira**, Maria do Pillar e outros. “A pesquisa em História”. São Paulo, Ática, 1989.
- Vieira**, Paula Cristina A dos Ramos Pinto. “Os cemitérios de Lisboa no século XIX: pensar e construir o novo palco da memória”. 1ª edição, Lisboa, 1999. Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea (séc. XVIII-XX), apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
- Vigarello**, Georges. “Lo limpo y lo suicio: la higiene del cuerpo desde la edade media”. 1ª ed., Madrid, Aliança Editorial, 1991.
- Vigarello**, Georges. “O limpo e o sujo. Uma história da higiene corporal”. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- Vovelle**, Michel. “Ideologias e mentalidades”. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- Wenders**, Win. “A paisagem urbana” In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- Williams**, Raymond. “Cultura e Sociedade”. Rio de Janeiro, Cia Ed. Nacional, 1969.
- Williams**, Raymond. “Cultura”. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1992.
- Williams**, Raymond. “Marxismo e literatura”. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- Williams**, Raymond. “O Campo a Cidade”. São Paulo: Companhia das Letras.1990.
- Wiser**, William. “Os anos loucos”. Rio de Janeiro: José Olympio.1995
- Zurier**, Rebecca e outros. “Metropolitan Lives. The ashcan artists and their” New York. National Museum of American Art In Association with W. W. Norton & Company, New York – London, 1996.

Theses de Doutoramento da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

Barreto Neto, Luiz Pereira. “Febre typhoide e proteinotherapia”. Cadeira de Therapeutica, 1923.

Caldarelli, Alberto. “O clinico e a Saude Publica”. 1926.

Candelaria, Jayme. “Questões de Assistencia – A visita domiciliar e o problema da organização da assistencia em São Paulo”. Cadeira de Hygiene, 1921.

Farinha Filho, João Pires. “Do actual systema de esgotos da cidade do Rio de Janeiro e de sua influencia sobre a salubridade publica”. Cadeira de Pathologia interna. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1875.

Fortes, Alvaro dos Santos. “Da disseminação dos Bacilos de Koch e Erberth pela Mosca Domestica. Tese de doutoramento, apresentada em 1926.

Guimarães Filho, Alvaro. “Da hygiene mental e sua importancia em nosso meio”. Cadeira de Hygiene, 1926.

Lentino, José. “Algumas considerações em torno do problema da syphilis em São Paulo”. Cadeira de Hygiene, 1930.

Malheiros, Raul. “A cidade de São Paulo – contribuição para o estudo epidemiologico das principaes molestias infecciosas”. Cadeira de Hygiene, 1926.

Moraes Junior, João de. “Contribuição para o estudo sanitario do sorvete na cidade de São Paulo”. Tese de doutoramento na Cadeira de Hygiene. Faculdade de Medicina de São Paulo, 1933.

Moura e Albuquerque, Arthur de. “Da nocuidade da putrefação dos cadaveres sepultos e dos meios de que dispõe a hygiene para attenual-a na construcção e manutenção das necropoles”. Faculdade de Medicina da Bahia, 1904.

Oliveira, Ubaldino Antunes. “Prophylaxia Social”. Cadeira de Hygiene, 1924.

Passos, Leopoldino José. “Percentagem da loucura no Estado de São Paulo”. Cadeira de Psychiatria, 1919.

Vianna Junior, Felix. “Contribuição ao estudo do leite e seu fornecimento na cidade de S. Paulo”. Cadeira de Hygiene, 1921.

Fontes Primárias

A lucta contra a tuberculose e a obra da Assistencia Nacional aos Tuberculosos: 1899-1928. (Lisboa)

A Rolha (periódico paulista).

ABC, nº 149, 24/05/1923 – “As grandes reportagens gráficas”

Alvares, Camilo Dionisio. “O leite de Lisboa e a tuberculose”, 1901. Tese de Doutorado.

Amaral, Amadeu. “Memorial de um Passageiro de bonde”. São Paulo: ed. Cultura Brasileira. s/d

Amaral, Amadeu. Memorial de um Passageiro de bonde. São Paulo: ed. Cultura Brasileira. s/d

Americano, Jorge. “São Paulo Atual (1935 – 1962)”. São Paulo: ed. Melhoramentos. 1963.

Americano, Jorge. “São Paulo naquele tempo (1895 – 1915)”. São Paulo, Edição Saraiva, 1957.

Americano, Jorge. “São Paulo Nesse Tempo (1915- 1935)”. São Paulo: ed. Melhoramentos. 1962.

Americano, Jorge. São Paulo Atual (1935 – 1962). São Paulo: ed. Melhoramentos. 1963.

Annaes do Primeiro Congresso Medico Paulista. São Paulo, 1917.

Arriaga, Noel de. “Portugal de hoje”. 1ª edição, Lisboa, Campanha nacional de Ed.. de Adultos, 1956.

Ascensão, Leão Ramos. Liga Nacional da Moralidade Pública. “Saúde Moral: boletim da Liga Nacional da Moralidade Pública”.

Barbosa, Pedro. “Lisboa: o Tejo, a terra e o mar (e outros estudos)”.

Boletim de Eugenia. Ano de 1929, números 1, 2, 4, 8, 10, 18, 30, Rio de Janeiro, Brasil.

Boletim do Instituto de Higiene Doutor Ricardo Jorge. Ano I, números 03 e 04; Ano II números 05, 08 e 10, de 1947. (Lisboa)

Boletim do Instituto de Hygiene de São Paulo, anos 1922, 1924, 1928, 1929, 1930 e 1936.

Borges Vieira, F. “Estudo Epidemiológico de Febre Typhoide em S. Paulo” In: Boletim nº 12, Instituto de Hygiene, 1922

Braga, António Augusto Gonçalves. Administração Sanitária e Salubridade In: Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge. Ano I, nº 03, Lisboa, 1946

Brites, Geraldino. “Febres Infecciosas: notas sobre o Concelho de Loulé”. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914.

Brito, Gomes de. “Lisboa do passado, Lisboa de nossos dias”. 1ª edição, Lisboa, Livraria Ferim, 1911.

Brito, J.J. Gomes de. “Ruas de Lisboa: notas para a História das vias públicas lisboenses”. Lisboa, 1935.

Carvalho, Lopo Manuel Carocha de. “A tuberculose social: considerações sobre a sua profilaxia”, 1923.

Carvalho, Silva. “Portugal: história da medicina portuguesa”. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.

Cid, José de Matos Sobral. “A clinica psiquiátrica de Lisboa (Manicômio Bombarda): propostas de reorganização apresentadas a S. Exa o Ministro da Instrução Pública”, 1925.

Código Comercial Português, 1905

Código Comercial Português. “Código Comercial Português: publicação ordenada por decreto de 23 de agosto de 1888”. 5ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional.

Código de Posturas do Município de São Paulo de 1886.

Código de Posturas municipais: alterações feitas pela comissão executiva da Câmara Municipal em sessão ordinária de 4 de novembro de 1914.

Coleção Actos do Estado de São Paulo, período de 1886 a 1930.

Coleção Actos do Poder Executivo.

Coleção Actos e Decretos do Município

Coleção Actos e Decretos do Município de São Paulo, período de 1886 a 1933.

Coleção de actos e decretos do município de São Paulo. 1910/1915/1920/ 1924/1925

Coleção do Jornal O Século e Diário de Lisboa. (1900 a 1928)

Coleção Leis e Decretos do Estado de São Paulo de 1925.

Correia, Fernando da Silva. “Portugal sanitário: subsídios para os seu estudo”. Lisboa, Direcção Geral de Saúde Pública, 1938.

Correia, Fernando. “Doenças sociais e higiene: conferência realizada em Lisboa...durante Semana Portuguesa de Higiene...”. Caldas da Rainha, Dispensário de Profilaxia Social, 1932.

Correspondências de Geraldo Horácio de Paula Souza endereçadas à sua mãe.

Costa, João Alves e Castela, Miranda. “Droga e prostituição em Lisboa”, s/d.

Dias, José Lopes. “A saúde pública e os médicos”, s/d.

Dinis, Caldeiron. “Tipos e factos da Lisboa do meu tempo”. Lisboa, Editorial Notícias, s/ data, 2ª edição.

Doutor Ricardo Jorge. Lisboa. Ano I, nº 04, 1946

Esparteiro, António Marques. “Portugal no mar: 1608 – 1923”, s/d.

Faro, J. Sousa e. “Portugal no Atlântico: portos principais, comércio, turismo, estratégia”. Lisboa, 1938.

Felgueiras, Guilherme. “Os saloios, grupo étnico de Lisboa suburbana”.

Filartesanato e Sarabando, João. “Saloios e alfacinhas”, 1986

Fonseca, José da Silva. “O velho Mercado da Praça da Ribeira”, 1935

Fontes, Vítor. “A saúde mental e a criança”, 1965

Forjaz, António. “Portugal contemporâneo, 1905”. 1ª edição, Rio de Janeiro: “O Malho”, 1905

Freire, João Paulo. “Lisboa do meu tempo e do passado: do Rocio à Rotunda”. Lisboa, Parceria A M Pereira, s/d.

Freitas, Afonso A. “Tradições e Reminiscencias Paulistanas”. São Paulo: ed. Revista do Brasil. 1921.

Galenson, David W. “Los Mercados en la historia : estudios económicos del pasado », 1991

Galis, Alfredo. “Chibos” (tuberculose social), 1926.

Galis, Alfredo. “Malucos?” (tuberculose social), 1902

Galis, Alfredo. “Mulheres perdidas” (tuberculose social), 1902.

João do Rio. “Portugal d’agora. Lisboa – Porto notas de viagem – impressões”. Rio de Janeiro – Paris. H. Garnier, livreiro editor, 1911.

Jorge, Ricardo. “A influenza: nova incursão peninsular”. 1ª edição, Lisboa, Imprensa nacional, 1918. (Relatório apresentado ao Conselho Superior de Higiene na sessão de 18.VI.1918)

Jorge, Ricardo. “Canhedo dum vagabundo: impressões de viagem”. Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1923.

Jorge, Ricardo. “De Ceca a Meca: impressões e estudos de viagem”. Lisboa, Minerva.

Jorge, Ricardo. “Em verdade: cartas publicadas no jornal República de 21 de Julho a 1 de Julho”. Lisboa: Adolpho de Mendonça, 1911.

Jorge, Ricardo. “La fièvre jaune et son extinction a Rio de Janeiro”. 1ª edição, Paris: Office International d’Higiène Publique, 1930

Jorge, Ricardo. “Passadas d’erradio: impressões e estudos de viagem”. Lisboa, Fluminense, 1924.

Jorge, Ricardo. “Tifo exantemático ou tabardilho: relatórios apresentados ao Conselho Superior de Higiene”. 1ª edição, Lisboa, Imprensa nacional, 1918.

Jorge, Ricardo. “Um pseudo-historiador justificado”. Lisboa, Libânio da Silva, 1932.

Jorge, Ricardo. “Une épidémie ictéro-hémorragique à Lisbonne d’origine hidrique per os : nosologie, bacteriologie, epidémiologie ». 1ª edição, Lisboa, Libânio da Silva, 1932. (Separata do Jornal Lisboa Médica, nº 1, ano IX, 1932)

Jorge, Ricardo. «Le typhus exanthématique à Porto 1917-1919 ». 1ª edição, Lisbonne, Imperie Nationale, 1920.

Jornal O Século

Lisboa, Camara Municipal e Morgado A . “código de Posturas do Municipio de Lisboa de 30 de Dezembro de 1885.

Lisboa, Câmara Municipal e Morgado, A . “Código de posturas do Municipio de Lisboa de 30 de Dezembro de 1886.

Lisboa, Câmara Municipal. “Postura da câmara Municipal de Lisboa de 23 de Maio de 1870 alterando algumas disposições do código de posturas na mesma Câmara e adicionando-lhe outra”.

Lisboa, Governo Civil. “Regulamento policial dos mendigos na cidade de Lisboa de 17^{de} Setembro de 1900 publicado no “Diário do Governo” nº 211 de 19 do mesmo mez e anno”.

Machado, Antonio de Alcântara. “Novelas Paulistas”. São Paulo: ed. Itatiaia Ltda. 1988

Marcondes, A. Vieira. “Considerações sobre a nociva industria de trapos em São Paulo”.

Marques Neto, Luís. “A pesca de “Varela” no rio Tejo, em Ortiga”.

Martins, Joaquim Pedro de Oliveira. “Portugal nos mares: ensaios de crítica literária, história e geografia”. Lisboa, Parceria António Maria pereira, 1924.

Melo, Francisco Manuel. “A visita das Fontes: Apólogo Dialogal Terceiro”.

Mendes, A Maio. “A saude publica: hebdomario de hygiene”, 1887

Monografias do Serviço Sanitario. São Paulo, Delegacia de Saúde, nº 6, 1919

Oliveira, Arantes. “Esgotos de Lisboa: estudos de anteprojecto”.

Oliveira, Carlos Alberto Gomes de. “Incidência da febre tifóide em Lisboa no ano de 1935 (balanço epidemológico)

Orencio Vidigal em discurso na Câmara Municipal de S. Paulo, em 1913.
Parceria A M Pereira, s/d.

Paula Souza e Nicolino Moreno. Sugestões para a melhoria da legislação sanitaria estadual, sobre gêneros alimentícios. Instituto de Hygiene – Boletim nº 20, 1924

Paxeco, Fran. “Lisboa não é Ibérico”. Lisboa, Tipografia Torres, 1932.

Pessoa, Fernando. “Lisboa: o que o turista deve ver”. Lisboa, Livros Horizonte, 1992.

Piçarra, Mariano e Medeiros, Carlos Laranjo. “Antigos lugares de vender”, 1960

Pina, Luis. “Um capítulo portuense da História da Higiene em Portugal”. Porto, Imprensa Portuguesa, 1955.

Pinto, Luis Leite. “História do abastecimento de água à região de Lisboa”, 1984
Portugal, Cruz Vermelha Portuguesa. “Principios de hygiene: reprodução da brochura da comissão americana de preservação contra a tuberculose”, 1924.

Portugal. “Código de Posturas no Municipio de Lisboa conforme última edição acrescentado com um appendice: legislação Municipal”, 1893.

Portugal. “Manicômio Bombarda: regulamento dos serviços technicos e administrativos decreto de 18 de agosto de 1911”.

Portugal. Código Civil Portuguez anotado”. 2ª edição, Coimbra, 1894-1905.

Portugal. Código Civil Portuguez anotado”. 2ª edição, Coimbra, 1894-1905.

Prazeres, Angelo. “Importância da engenharia sanitária” In: Boletim do Instituto Superior de Higiene

Primeira Reunião Olisoponense: teses, estudos, comunicações/ ed. Lit. CML. Lisboa: Câmara Municipal, 1948.

Reis, Mário Simões dos. A Vadiagem e a Mendicidade em Portugal, Lisboa, 1940, Imprensa Libanio da Silva.

Reis, Mário Simões. “A vadiagem e a mendicidade em Portugal”.

Relatório de Comissão de exame e inspeção das habitações operárias e cortiços no distrito de Santa Efigenia

Revista Bichinha Gata: revista, Lisboa, Galhardo & Costa, 1921

Revista de Engenharia, primeiro volume, 1911 a 1912.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cidade. Nº 23, 1994.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fotografia. Nº 27, 1998

Revista dos Médicos. Lisboa., Fev. 199_.

Revista Fon-Fon!

Revista Ilustração Portuguesa, entre os anos 1903 e 1920.

Revista Ilustrada (1890-1892)

Revista Portuguesa de Saúde Pública

Revistas literárias do século XX. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa

Rio, João do. A Alma Encantadora das Ruas. Rio de Janeiro

Rodrigues, Benjamin Gonzalez. “Las bases sociales de la enfermedad mental”.

Sá, Vasconcelos e, e outros. “Lisboa e os seus encantos”. Lisboa. CML, 1959.

Serpa, Alberto de. “Rua”. 1ª edição, Lisboa, Inquérito, 1945.

Simões, António Augusto da Costa. “Esgotos nas cidades e nos hospitais”

Souza, Geraldo Horácio de Paula. “Algumas considerações sobre a mortalidade infantil no Estado de São Paulo”. Apresentado no 1º Congresso Brasileiro de Hygiene no Rio de Janeiro, em Outubro de 1923.

Souza, Geraldo Horácio de Paula. “Eugenia e Immigração”. Rio de Janeiro, 1928.

Souza, Geraldo Horácio de Paula. “O Estado de São Paulo e alguns dos seus serviços de Saude Publica”. Memória apresentada no 1º Congresso de Hygiene no Rio de Janeiro, em Outubro de 1923.

Souza, Geraldo Horácio de Paula. Documentos avulsos e manuscritos de sua autoria.

Tácito, Hilário. “Madame Pommery”. São Paulo: Ed. Monteiro Lobato. 1919

Telles, Francisco Teixeira da Silva. “Vias Públicas” In: Annaes do primeiro Congresso Medico Paulista. São Paulo, 1917.

Toth, Thiamér. “Eugenia e Catolicismo”, 1956.

Transcrição de entrevista do Dr. Paula Souza à Rádio Departamento de Cultura em 23/11/1950.

Trigo, Mário Dias. “Transportes ferroviários: subsídios para a história dos Caminhos de Ferro, 1826-1934”.

Vieira, F. Borges. “Estudo Epidemologico de Febre Typhoide em S. Paulo – epidemia de 1920-1921” In: Boletim nº 12 do Instituto de Hygiene, São Paulo, 1922.

ANEXOS e APÊNDICES

Apêndice 1

Benoliel e o Século

O fornecimento de clichês de Benoliel para a ILP era também produto de um trabalho realizado diariamente como repórter fotográfico para o Jornal O Século. Nesta função, suas imagens procuravam informar o público leitor sobre os principais acontecimentos da vida lisboeta e quase sempre suas imagens teriam que ter um apelo a mais não apenas como ilustração do texto jornalístico, como também como apelo e incentivo à venda dos jornais.

As imagens produzidas para este tipo de reportagem procuravam ser complementar ao texto, e certamente eram diferentes enquanto objetos de informação. Enquanto na ILP as imagens visavam ser o “texto”, falar por “si”, no jornal diário as imagens tinham que ser complementares ao texto.

Em muitos casos, as imagens utilizadas eram as mesmas. E como a edição da ILP era semanal a escolha das imagens podia ser feita a partir das melhores produzidas na semana, em especial se estas cobriam um evento que tivesse repercussão e tivesse sido fartamente ilustrado.

A preferência de “pauta” para as imagens de Benoliel pareciam ser similares ao que lhe cabia enquanto repórter fotográfico de ILP. Os eventos iam de encontro aos temas que “movimentavam” os acontecimentos da cidade e do país. Normalmente para Benoliel cabia a cobertura de visitas oficiais, grandes catástrofes, greves e outros eventos político-sociais.

Suas imagens eram mais utilizadas para as repórtagens de primeira página e eram sempre temas das manchetes principais.

Diferente do que ocorria com a ILP o crédito das imagens não era atribuído ao fotógrafo. Deste modo, pode-se saber que as imagens pertencem ao fotógrafo quer pelo seu “estilo”, quer pelo reconhecimento do tema fotografado ou da imagem que eventualmente foi creditado

na edição da revista. Outros fotógrafos que eventualmente possam ter sido companheiros de Benoliel tem sua identificação prejudicada pelo mesmo motivo.

Das imagens produzidas pelo Jornal O Século, muitas delas se perderam e não conseguiram ser preservadas. Mesmo o espólio pertencente ao jornal e custodiado pelo Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia mostra-se incompleto e boa parte de suas imagens não podem ser recuperadas.

Em geral, as imagens produzidas para O Século e que tinham que ver com a temática da cidade encontram-se no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.

Um olhar sobre as imagens produzidas por Benoliel para estas duas agências noticiosas revela um perfil muito próprio, e como mencionado em outras oportunidades, dá à sua produção um “estilo”, e ao conjunto de sua obra uma “narrativa” sobre a cidade, seus viveres e fazeres.

Este “estilo” pode ser reconhecido facilmente pelo enquadramento, luminosidade, ângulos de visão escolhidos pelo repórter e essencialmente o “movimento” dado as sequências de imagens e a atenção dispensada aos “personagens” da sua “narrativa”. O elemento humano ganha em Benoliel uma preferência e uma importância nunca antes dada por nenhum outro fotógrafo. Somado a tudo isso a riqueza e qualidade técnica de suas imagens, revelando um fotógrafo maduro, atualizado e com uma visão de conjunto muito própria.

Sabia que tinha em suas mãos meios de fazer “falar” seus clichês e os usava sem restrições. Com isso ganhavam todos: as agências noticiosas com uma produção muito rica e absolutamente integrada ao texto jornalístico, os leitores que tinham imagens abrangentes de temas inquietantes e nós com belíssimos registros do viver lisboeta do começo do século XX.

Em função disto, as imagens de Benoliel não podem ser tomadas em termos comparativos em relação aos outros dois fotógrafos trabalhados. As diferenças de qualidade técnica e abordagem do objeto fotográfico são muito grandes.

Deste modo, as imagens são analisadas em função dos temas que trazem e não a partir da estética visual, ou o fim para a sua produção, bem como a sua circulação. São os temas abordados e o olhar sobre estes que são considerados nesta pesquisa.

Apêndice 2

Benoliel e a Ilustração Portuguesa

Este anexo é parte de um levantamento realizado na Ilustração Portuguesa para identificação de clichês de Benoliel em reportagens fotográficas publicadas pela revista durante todo o período de seu trabalho como repórter fotográfico. Do levantamento inicial, feito apenas para quantificar o número de clichês, pode-se fazer uma análise das transformações sofridas pela revista no decorrer do tempo e que acabou resultando num resumo das principais características editoriais do que foi considerado no decorrer da pesquisa o “estilo Benoliel” de fotografar.

Optou-se em considerar neste levantamento as principais características da ILP no período que precedeu sua entrada iniciando-se por isso, no ano de 1903, e se estendendo até o ano de 1918, quando Benoliel produz seu último clichê.

Deste modo, segue-se sinteticamente:

1903 (2º Semestre)

A revista tem o seu primeiro número editado em 09 de novembro de 1903. Sai em grande formato, e tem como editor José Joubert Chaves. O endereço para funcionamento de redação, administração, atelier de desenhos e oficinas de photogravura, zincographia, stereotipia, typographia e impressão situavam-se à rua Formosa, 43 em Lisboa.

As primeiras edições surgiam com o número de 16 páginas com um formato maior para as ilustrações e imagens fotográficas, propiciado pelo maior tamanho da própria revista. Os clichês apresentavam boa qualidade técnica e eram usados como ilustração para matérias de páginas inteiras em diferentes processos fotográficos.

O sentido de *revista ilustrada* para este período é bem maior do que na segunda série desta revista. Os artigos que a compõe são poucos e tendem a ser longos, muitos deles continuando em números posteriores (caso dos folhetins). A revista normalmente tinha uma Crônica com temas da vida social e mundana em suas primeiras páginas e um folhetim nas páginas posteriores.

1904

Diferente do que ocorreu posteriormente, as capas neste período são quase sempre de fotografias com boa qualidade técnica. Não se utilizam desenhos em quantidade como observamos posteriormente.

Os fotógrafos do período são, entre outros: Bobone, Phot. Camacho.

De acordo com pesquisa realizada as imagens neste período não apareciam creditadas. O único caso encontrado para este semestre foi o do fotógrafo Bobone.

1905

O perfil da ILP se mantém nestes anos tal qual nos seus primórdios em 1903. Os créditos aos fotógrafos são raros, e a utilização de diferentes processos para ilustração uma constante. Mantêm-se os grandes formatos de registros de imagens, muitas ocupando páginas inteiras. As reportagens são extensas, mas em número de temas bastante reduzido.

No decorrer do período surge o fotógrafo A. Novaes.

1906 (1º semestre)

É o ano da Nova Série da ILP. Segundo anúncio em 05/02/1906 a nova ILP começaria a circular em 26/02/1906 na sua segunda série e teria como principais características:

- Capa colorida enfocando o principal tema da semana (sob a ótica da revista)
- Um mínimo de 32 páginas de texto ilustrado.
- Proposta de ser uma revista que abordasse acontecimentos mundanos, políticos, literários e artísticos “(...) onde ficarão arquivados, pela *photographia*, pelo *desenho*, pelo *interview*

*e pela descrição e reportagem literárias, todos os aspectos da vida portuguesa contemporânea (...)*²⁸⁴

- Custo de 100 réis.

O Diretor responsável era Carlos Malheiro Dias²⁸⁵.

Para este novo período, vários fotógrafos começaram a colaborar com seus clichês: Casa Bobone, Guedes d'Oliveira, Mesquita de Figueiredo, J. Novaes, Alvaro Rebello Valente, Phot. J. Gonçalves, Photo J. M. dos Santos.

Características deste período: A revista apresenta um número considerável de imagens, só que com textos bem mais extensos do que em períodos posteriores. As imagens já possuem crédito e isto nos permite saber os nomes dos fotógrafos que forneciam clichês para seus números. A revista neste período tem uma característica de revista ilustrada (no sentido de abordar temas relacionados à vida mundana e não propriamente ilustrada no sentido fotográfico), talvez por isso, a extensão dos artigos.

As capas são feitas no formato de desenho. Regra que acaba valendo para muitas imagens do interior das reportagens. A qualidade das imagens fotográficas são bastante simples e quase sempre compostas por retratos.

O primeiro clichê de Benoliel na revista é no número 2 da Série II. Intitula-se “*O estrudo em Lisboa*”. Para os moldes da Ilustração Portuguesa deste período, o número de clichês é alto: 18 em um artigo de apenas 7 páginas. A qualidade técnica das imagens é muito inferior ao que se obterá em anos posteriores, mas o sentido de Benoliel de retratar o povo e a rua já se encontra nestes clichês. Os ângulos e planos escolhidos para retratar privilegiam o grande número de pessoas presentes e de certa forma busca o *movimento* dos acontecimentos. Benoliel não se detém apenas à multidão, foca detalhes como se estivesse com uma câmara

²⁸⁴ ILP. 05.02.1906, pág. 93.

²⁸⁵ Escritor, que viria na década de 1910 a assumir a direção da “Revista da Semana”, publicada no Rio de Janeiro.

VHS nas mãos. Sua maturidade como repórter fotográfico viria mais tarde, mas seu primeiro trabalho na ILP já mostrava ser bastante promissor.

Seu segundo trabalho vem vários números depois: é no número 18 da Série II. Foi uma reportagem fotográfica sobre a morte do Monsenhor Giuseppe Macchi. Neste segundo trabalho a característica de reportagem fotográfica ganha contornos e a matéria é feita completamente por imagens, é uma reportagem com 12 imagens distribuídas em 4 páginas, sendo que a primeira delas é de página inteira e mostra o arcebispo em seu leito de morte. O “*estilo*” Benoliel está presente: preferência por planos amplos e às vezes o foco dirigido a personalidades ou acontecimentos paralelos relevantes. Sua objetiva parece passear pelo acontecimento e busca dar uma visão panorâmica de diferentes ângulos. A qualidade técnica de impressão das imagens ainda não é boa, mas a revista começa a ganhar as características e os contornos que mais tarde lhe identificarão.

Um precursor de Benoliel na ILP e com contribuição em reportagens fotográficas aparece neste período, é António Novaes.

O número de imagens de Joshua Benoliel para este semestre inaugural é de 12 clichês.

1906 (2º semestre)

A edição do 2º semestre de 1906 se inicia com o mesmo número de páginas, ou seja, 32 . A qualidade de impressão das imagens mostra-se muito incipiente: o papel tem uma qualidade inferior, as imagens não possuem a definição e qualidades encontradas posteriormente.

As reportagens possuem muito mais um caráter informativo sobre temas diversos do que propriamente a temas ligados à vida mundana, os textos são longos e o número de imagens é bastante reduzido para a maioria dos casos.

O terceiro trabalho de Benoliel na ILP é de 02/07/1906 e se trata da cobertura sobre um Concurso Hípico na Tapada da Ajuda. No caso específico desta reportagem o que temos é o *estilo* Benoliel: planos amplos objetivando mostrar o número de pessoas presentes e imagens dos animais em *movimento*, algo que se repetirá inúmeras vezes em centenas de clichês de Benoliel. O *movimento* neste contexto é o destaque de sua produção fotográfica nesta

reportagem e nas que se seguirão. O número de clichês, como de costume para as reportagens de Benoliel é grande: 09 clichês para apenas 03 páginas. As imagens desta reportagem parecem ter sofrido alguma melhora na qualidade técnica: a nitidez obtida e os contrastes de tons são facilmente perceptíveis.

Ainda para este segundo semestre, a utilização de fotografias para compôr a primeira página se mostra muito reduzido. São raríssimos estes casos, sendo que a preferência ainda se recai sobre desenhos.

Após um intervalo de vários números Benoliel tem clichês publicados na edição de 09 de Julho de 1906, onde mais uma vez a cobertura é feita sobre exercícios de artilharia no Hipódromo de Belém. A impressão das imagens tem uma qualidade muito boa, apesar do seu tamanho reduzido: são 11 imagens distribuídas em apenas duas páginas. No entanto, a distribuição das imagens não ficou prejudicada pela ausência de espaço, ao contrário, ganharam leveza e atingiram um dos objetivos de Benoliel: o *movimento*. Homens, animais e canhões em perfeita sintonia e ritmo.

No transcorrer de todo este segundo semestre de 1906, as contribuições de Benoliel são um tanto esparsas, muitas vezes chegando há vários números sem qualquer publicação. No entanto, verifica-se que seu estilo está presente e latente e que alguns temas são aprioristicamente oferecidos ao reporter fotográfico. Quase sempre temas que envolvam um certo grau de dificuldade para a sua cobertura. Nestes casos, suas lentes atentas e curiosas guiam os leitores da ILP e faz de suas imagens o texto.

A ILP mantém seu perfil inicial neste segundo semestre com reportagens extensas e imagens de pequena qualidade técnica. A utilização de desenhos distribuídos por suas páginas ainda é bastante recorrente e a utilização das imagens fotográficas como reportagem bastante tímida.

Surgem os anúncios publicitários ao final de cada edição onde se procura vender quase que de tudo.

O questionamento que se coloca para a diferença nos casos das reportagens de Benoliel é se ele possuía autonomia para fazê-lo do modo e da forma que lhe conviesse, ou se isto era estabelecido através de uma pauta jornalística previamente elaborada.. Através de tudo o que já vimos a respeito deste fotógrafo somos tentados a dizer que a primeira hipótese é a mais viável e a que melhor explica a diferença substancial de tratamento das imagens para publicação nos casos de sua reportagem.

Se eventualmente a forma de obtenção dos registros fosse um requisito para as reportagens da ILP teríamos como efeito diferentes fotógrafos fazendo o mesmo, ou ao menos tentando, o que definitivamente não é o caso.

Os demais fotógrafos colaboradores da ILP parecem experientes, muitos deles com estúdios próprios e uma produção exterior à revista significativa, mas nenhum com *estilo* tão bem vincado como o que vimos impressos na produção de Benoliel.

Em 17/12/1906 surge o *esboço* do que será a coluna Figuras e Factos, que por anos seguidos terá os clichês de Benoliel, e se caracterizará, como o próprio nome diz pela cobertura fotográfica de eventos, pessoas e acontecimentos importantes. Seria uma coluna inteira feita apenas por clichês sem qualquer texto escrito, tendo no máximo apenas uma legenda explicativa.

O diretor da revista continua a ser C. Malheiro Dias, e alguns nomes de fotógrafos que colaboraram neste semestre eram: Antonio Mesquita de Figueiredo (que também assinava vários artigos), José Ferraz, Amador Julio Worn, Félix, Arnaldo da Fonseca.

Para este semestre o número de clichês de Benoliel passa para 105.

1907 (1º semestre)

Director: Carlos Malheiro Dias

Director Artístico: Francisco Teixeira

Editor: José Joubert Chaves

Nestes primeiros números do ano de 1907, se nota um número ainda reduzido de clichês e um número bem maior de outros processos fotográficos e de impressão para o conjunto da revista.

Ao lado de Benoliel aparecem fotógrafos como: José Bastos dos Santos, Arnaldo Fonseca, Henrique de Carvalho, Vasques, Engenheiro Vieira da Silva, Amador A. C. dos Santos

Nos números em que as imagens de Benoliel começam a aparecer em quantidade a preferência será por imagens pequenas, quase sempre com um número muito grande de imagens numa mesma página. Fotografias de página inteira são bem reduzidas.

Aparentemente, as transformações na ILP ganham solidez e passam a ser constantes sua forma, formato, temas e apresentação da publicação. O *estilo* Benoliel começa a se avultar e a revista começa a ter as características de seu melhor repórter fotográfico.

É também neste semestre que Benoliel faz sua 1ª capa: ela é de 08/04/1907 e é intitulada como “*A Tômbola das Amendoas no Largo de S. Domingos*”. Como acontecia em muitos casos, esta capa não remetia para qualquer reportagem no interior da revista. Era apenas uma capa sobre um tema atual, que provavelmente tinha como objetivo chamar atenção e ajudar a vender a edição.

O número de clichês de Benoliel dá um grande salto e chega a 915 clichês no semestre. O número de capas chega a 6.

1907 (2º Semestre)

Director: Carlos Malheiro Dias

Propriedade de J.J. da Silva Graça

Director Artístico: Francisco Teixeira

Nomes de outros fotógrafos e/ou agências internacionais: Vasques, Armando Silva, Agence Photo-Nouvelles, Photographia Teixeira, Carlos Pereira Cardoso, A. Novaes, Monteiro, Carlos Gomes, Vasques.

Para este segundo semestre o que se verifica é que a presença dos clichês tende a crescer na mesma proporção em que a extensão dos textos se reduz. A revista passa a ter um caráter “ilustrativo” muito maior e as reportagens fotográficas começam a ganhar maior destaque que o texto escrito.

Benoliel por esta época é responsável por uma produção considerável dos clichês publicados na ILP e fornecendo imagens para temas diversificados.

Número de clichês = 1152

Capas = 11

1908 (1º e 2º Semestre)

A constância encontrada nos anos de 1907 irá se repetir no ano de 1908. E Benoliel continuará cobrindo inúmeras reportagens e tendo a maioria dos clichês existentes em seu interior. Este é o ano do atentado e morte do Rei e seu Príncipe, e a ILP este ano se ocupará de fazer subir a popularidade do novo El-Rei D. Manuel

1909 (1º Semestre)

Fotógrafos do período: Fernandes, Vidal & Fonseca, Phoptographia Allemã, Vasques, Ch. Delius, M. Branger, Camacho, Cardoso & Correia, Gabriel Tinoco, Lima, Arnaldo Fonseca (que aparece com diferentes reportagens ao exterior: Rio de Janeiro, Espanha, etc

1909 (2º Semestre)

Fotógrafos: Cardoso & Correia, Phot. Fernandes, Bobone, Arnaldo Fonseca, amador João Azevedo, Vasques, Félix, Novaes, J. Azevedo

1910 (1º Semestre)

O ano de 1910 inicia com a introdução de capas de espécies de pinturas.

Observa-se também sensível diminuição do número de páginas da revista, e participação de um número maior de fotógrafos profissionais e amadores.

Nomes de fotógrafos utilizados pela Ilustração para reportagens do estrangeiro : Delius, Word's Graphic Press

1912 (1º Semestre)

OBS: A partir deste ano a ILP começa a inserir muito mais reportagens sobre moda, teatro e acontecimentos no estrangeiro. O número de páginas da revista é reduzido, se comparado aos anos anteriores. A distribuição gráfica das imagens também é modificada: as imagens são menores em tamanho e com isso consegue-se maior número de imagens concentradas por página (provavelmente uma medida de economia).

É muito claro isto na Coluna de responsabilidade de Benoliel Figuras e Factos que passa a ter duas páginas e um número bem maior de imagens, já que possuem um tamanho reduzido. Além disso cada grupo de imagens, ou cada imagem em separado é acompanhado de um pequeno texto. Algo que não ocorria anteriormente, quando a coluna era feita apenas e tão somente por imagens.

A partir de Março de 1912, a Coluna Figura e Factos passa a ter suas fotos numeradas ao lado da imagem e com legendas no pé da página.

O tratamento dado às capas dos números obedece mais ou menos o que já vinha sendo em 1911, ou seja, imagens coloridas feitas a partir de fotografias, mas com um tratamento de pintura.

Benoliel, pelo menos nestes primeiros meses continua a ser figura constante e marcante na produção dos números da revista. Continua a ser o responsável por boa parte das reportagens publicadas pela revista.

Os temas neste período ligam-se já deste 1911, em especial a acontecimentos políticos: greves, visitas de reconhecimento da República e manifestações pró e contra a republica e sua política de governo.

Surgem outros nomes de fotógrafos como Carlos Pereira Cardoso, Tinoco

1912 (2º Semestre)

OBS: Em reportagem fotográfica de 29.VII.1912, intitulada “Ainda em defeza da patria”, é feita pela primeira vez com a colaboração de uma fotógrafa amadora, chamada sra. D. Elisa Carmem Miranda, que fotografou o acampamento de tropas em Ruivães, e continuou a fornecer imagens sobre os problemas enfrentados no Norte. Alguns números mais tarde, mais precisamente em 02.09.1912 outra fotógrafa fornecia seus clichês, e provavelmente pertencia a mesma família, tratava-se de D. Elvira Miranda, que colaborou com 01 clichê para a Coluna Figuras e Factos.

1913 (1º Semestre)

Outros fotógrafos e agências internacionais: A. Mesquita de Figueiredo (além de fotografar escreve os próprios artigos), Chusseau Flaviens, Archives du Miroir, Louis Hugelmann, Carlos Pereira Cardoso, Alvaro Martins, Central Photos, J. Fernandes, Alves Pereira, Albino Pereira de Carvalho (fez a série de fotos de Costumes Portugueses), Phot. Alemã

Os primeiros meses do ano são marcados por algumas colunas que se repetem com frequência. É o caso da coluna sobre a Guerra dos Balkans com imagens sobre a guerra, uma outra constância é uma coluna chamada Vida Colonial que tratava de questões relacionadas às Colônias Portuguesas na África. O naufrágio do Veronese ocupou vários números da ILP. Há também uma quantidade crescente de clichês de agências internacionais cobrindo eventos no estrangeiro. (observações aqui válidas para os meses de Janeiro e Fevereiro)

1913 (2º Semestre)

Outros fotógrafos e/ou agências internacionais: Alvaro Martins (fotógrafo do Porto), Archives du Miroir, Biel (fotógrafo do Porto), Arnaldo Rodrigues, Carlos Pereira Cardoso, Carvalho, J. B. Passaporte, Alvão (Porto),

Os primeiros meses do 2º semestre possuem algumas reportagens que se desdobram por vários artigos. É o caso por exemplo da série “O Pará Industrial”, onde se enfoca diferentes indústrias que se instalaram neste estado brasileiro. Esta série se abre com a reportagem “A industrialização portuguesa no Brazil - o Pará Industrial”. Nestas reportagens destacam-se o interior das fábricas, máquinas e equipamentos e seus principais industriais. Dentre as

indústrias destacadas estão por exemplo: Fábrica de Cordas Amiagem, Fabrica de Cerveja Paraense, Grandes Oficinas Mecânicas

O segundo semestre vê o aparecimento de inúmeras capas do fotógrafo Alvão, do Porto, sempre tomando como tema mulheres típicas.

A Coluna Figuras e Factos neste 1º semestre ganha mais uma alteração: passam a ser inseridas mais fotografias sendo sua maioria no formato retrato em que os seus fotógrafos não são identificados. Benoliel continua a fazer clichês dos eventos, mas os retratos são agora a maior predominância...

1914 (1º Semestre)

Fotógrafos: Vasques, Aurelio da Paz dos Reis, Bobone, Fernandes, amador Joaquim Menezes Barbosa, Alvaro Martins, João de Magalhães Junior, Alvaro Martins, Tavares, amador Alfredo Pereira, Ruah, Garcez

Algumas reportagens ganham imagens com tons azulados e sépia acastanhado...

A inovação mais uma vez é a Coluna Figuras e Factos que passa a ganhar micro-reportagens em seu interior, com direito a título, foto e texto escrito.

1914 (2º Semestre)

Fotógrafos: G. Tinoco, J. Fernandes, Alvaro Martins, João Canela

Com a explosão da 1ª Guerra Mundial o número de clichês de agências internacionais aumenta consideravelmente no interior da ILP, como se pode observar...: Achives du Miroir, Chusseau-Flaviens, Delius, Central-Photos, M. Branger, Berliner Illustration. Com a explosão da Guerra há o surgimento de uma coluna intitulada “A Europa em Guerra”, onde os diferentes temas relacionados à guerra são veiculados. As reportagens são em quase sua totalidade fotográficas com pequenos textos ou legendas. As imagens ganham um maior formato: quase sempre estão distribuídas em 1 ou 2 imagens por página.

As imagens procuram mostrar exercícios militares, cidades bombardeadas e destruídas, vítimas civis e movimentos militares. Neste sentido, as imagens ganham um caráter informativo e exclui-se a presença de texto escrito na maior parte dos casos.

Também se inclui nestas reportagens informações sobre cidades afetadas ou em vias de ser, incluindo-se imagens destas antes de sua destruição.

Na impossibilidade de fotografias para determinados acontecimentos, utiliza-se o recurso do desenho ilustrado.

Os clichês de Benoliel para a Coluna Figuras e Factos começa neste período a sofrer franca redução e conforme já vinha ocorrendo há algum tempo inicia-se a inserção de inúmeros retratos, estes quase sempre sem identificação. As imagens maiores e que tinham um caráter de “crônica ilustrada” tem seus autores identificados

1915 (1º Semestre)

* Coluna Figuras e Factos não aparece com crédito para fotógrafo.

A ILP a partir de Fevereiro de 1915 além de lançar mão de clichês sobre imagens da guerra, insere também uma boa quantidade de gravuras e desenhos ilustrativos e em fins de fevereiro introduz algumas páginas de ilustrações coloridas.

As imagens estavam disponíveis através de agências internacionais, bem como os desenhos e as ilustrações.

Alguns fotógrafos do período: Joaquim Osorio, Alvão, Serafim Pimenta, A. Praça, Ferreira, Manuel Moreira da Silva, M. Fernandes, José da Silva Correia, Melo d'Abreu, Antonio Alves da Rocha, Alvaro Martins (Porto), Manoel Moreira da Silva, amador Eduardo Cristino, amador Raul Saraiva de Carvalho, Sebastião de Carvalho Ferreira, A. A. gomes da Junqueira, A. Garcez, Jaime Paes, Vasques,

Internacional: Le Mention Photo-d'Excelsior, Chusseau Flaviens, The Sphere (ilustração), L'Ilustrazion Italiana, M. Branger, Stuart Carvalhaes (desenhos), The Illustrated London News (ilustração), The Sketch (charges), Aires,

1915 (2º Semestre)

* Capa de edição 22.11.1915 foi feita por uma fotógrafa: Rita Martin.

Os primeiros números do segundo semestre de 1915 permanecem dedicando inúmeras páginas à questão do conflito mundial. Cada vez mais, e provavelmente facilitado por novas tecnologias de impressão o número de imagens sobre a guerra aumenta e é de naturezas diversas: desenhos, ilustrações, e fotografias, muitas fotografias. As ilustrações ganham muitas cores em especial tons vermelhos e amarelos. As dificuldades de obtenção de papel de qualidade geram uma mescla de diferentes tipos de papéis, sendo reservado o melhor destes para as imagens sobre a guerra.

As reportagens sobre temas internos diminuem sensivelmente, e revelam provável tempo de dificuldades.

A tendência para eventos ligados a levantamento de fundo para vítimas de guerra ainda permanece e as questões de política interna cede sempre lugar a questões com o estrangeiro.

A Coluna Figuras e Factos, deixa de contar apenas com Benoliel, e com bastante frequência chega a ser feita inteira por outros fotógrafos.

Os fotógrafos anteriores ainda se mantêm e ainda podem ser incluídos outros nomes: Garcez (cabe a ele agora a cobertura de imagens de touradas, regatas e reportagens que envolvam movimento, por exemplo).

Neste segundo semestre é também eleito o terceiro presidente da república portuguesa: sr. dr. Bernardino Machado (nascido em 28.03.1851, no Rio de Janeiro).

1916 (1º Semestre)

Para este período inicial de 1916 as reportagens sobre a guerra ainda concentram bom número de páginas, mas já começam a dividir espaços com outras matérias mais relacionadas à vida interna de Portugal, além de alguns eventos ligados à chamada vida mundana.

Também se observa um crescimento no número de clichês de Garcez e um maior espaço dado às imagens produzidas por ele. Uma observação rápida parece indicar que Garcez fez “escola” nos moldes fotográficos de Benoliel, tendo um olhar muito semelhante e talvez por isso seus clichês parecem substituir as imagens feitas por Benoliel em outros tempos. Em alguns momentos, e de acordo com algumas temáticas, Garcez nos confunde pela semelhança na forma como aborda fotograficamente alguns temas.

1916 (2º Semestre)

* A partir da edição de 03.07.1916 o número de páginas da ILP é reduzido de 32 para 20 páginas.

Com a entrada de Portugal na Grande Guerra, Benoliel passa a “assinar” mais uma coluna: Portugal na Guerra. Esta coluna tinha como característica informar sobre assuntos ligados à participação de Portugal na Guerra, em especial sua atuação em África. Benoliel é constantemente enviado como correspondente especial em Tancos para acompanhar exercícios militares de artilharia e infantaria.

As imagens produzidas neste período apresentam um Benoliel “maduro”, seguro do que pretende informar. Apesar de parecerem sempre muito iguais, Benoliel tira destas imagens bom partido e consegue fazer como poucos excelentes imagens dos exercícios militares.

A ILP também tem a partir deste segundo semestre diminuído seu número de páginas, passando de 32 para 20 páginas, o que provavelmente decorreu das dificuldades na obtenção de papel que já vinha sendo anunciada na revista em algumas ocasiões. As 20 páginas de ILP mesclam papel de boa qualidade com papéis de qualidade inferior. Com a diminuição do número de páginas, é óbvio que o número de imagens sobre o conflito e sobre outros temas venham a diminuir.

As imagens do conflito ainda mantêm-se em sua maior parte de gravuras e desenhos e um número reduzido de imagens fotográficas. Incluem-se nesta poucas páginas charges e desenhos humorísticos sobre a guerra e sobre seus principais personagens.

Os temas da ILP voltam a enfocar um pouco mais de eventos sociais, políticos e esportivos – já que provavelmente a Guerra já faz parte do cotidiano das pessoas e por isso já foi assimilada enquanto rotina, deixando de ocupar todas as páginas disponíveis da revista.

Neste sentido e por esta razão Benoliel volta a ter uma presença mais constante nas páginas da ILP, apenas tendo uma redução de número de clichês gerado pela redução no número de páginas da revista.

Benoliel continua a dividir espaço nas reportagens fotográficas com diferentes fotógrafos profissionais e amadores, sendo que a parceria com Garcez parece ser no grupo dos “novos” fotógrafos a presença mais constante.

Portugal nas páginas da ILP neste período não assiste grandes problemas internos. Há um ufanismo patriótico na participação do país na Guerra e o apoio aos aliados é trabalhado pelos articulistas da revista como sendo um privilégio... As demonstrações de apoio ao governo e seu posicionamento na Guerra ganham destaque nos números da revista e são enfaticamente trabalhados.

Questões ligadas à greves, acidentes, catástrofes naturais etc., mantêm-se ausentes dos números da revista.

De certa forma a ILP se esforça em manter uma tônica aos aspectos ligados à vida mundana: mesmo quando e ainda o mundo todo esteja em Guerra.

OBS: A ILP e a Guerra

A influência da Guerra na produção da ILP é bastante interessante, apesar do tema ser o mais importante e o que movimentava maior número de reportagens é com a Guerra que a

publicação ganha uma variedade de temas e intersecciona-se mais com os demais países da Europa.

Incorporam-se Charges, tiras humorísticas, etc., dando uma forma diferente aos conteúdos e formatos apresentados ao público.

1917 (1º Semestre)

26.11.1917 - O Século Comico, pág. 3

O Pão e o carvão

“(...) Entra para casa de D. Genoveva uma nova criada. A dona da casa ordena-lhe que acenda o fogão e esta agarra núma substancia escura que encontrou na cosinha. A D. Genoveva:

-Que vai você fazer?

-Deitar este bocado de coque no fogão.

-Ó mulher! isso é pão, não é carvão!

D’ai a pouco serve-se o almoço. A D. Genoveva, chamando:

-Ó Maria! traga mais um pão para a mesa.

A criada obedece.

D. Genoveva, depois de varias tetativas com a faca.

-Não sou capaz de partir este pão...

Examinando:

-Mas isto é carvão, Maria! Você enganou-se!

A Maria despede-se e resolve só voltar a ser criada depois de terminar a guerra, quando o pão se puder distinguir do carvão. (...)”

1917 (2º Semestre)

10.09.1917, “Os últimos acontecimentos”, aparentemente se tratam de uma nova coluna: sem texto apenas com pequenas legendas tentando dar conta de acontecimentos da semana.

Alguns números anteriores falavam-se por exemplo dos incidentes nas ruas por causa da questão do pão. Neste caso específico há imagens sobre prisão de grevistas dos correios e imagens do trabalho sendo feito por escoteiros.

Neste segundo semestre de 1917 e já a partir do fim do 1º semestre Garcez desaparece das páginas da ILP.

1918 (2º Semestre)

* número inteiro utilizando papel jornal

Sidônio Paes é assassinado em 14 de dezembro e é sucedido pelo vice-almirante Canto e Castro, ministro da pasta da Marinha

** Última reportagem de Benoiel na ILP: 02.12.1918.

O ano de 1918 assiste o declínio no número de imagens de Benoiel desde o primeiro semestre e culminará com o término de sua contribuição a ILP na primeira edição de dezembro.

A ILP transformou-se bastante nestes últimos anos e em especial no ano de 1918. A “influência” de Benoiel na produção da revista é bem menor e o “estilo” Benoiel antes presentes em inúmeras páginas cedia lugar a novos fotógrafos e diferentes formas de se fotografar.

Além do mais, a qualidade das imagens perdia-se em função de muitas delas se referirem à Guerra e serem imagens enviadas pelo próprio exército. O que tornava as imagens semelhantes a um catálogo com bustos de soldados em cobate. Um simples álbum de retrato.

É também um período de inúmeros fotógrafos amadores, contribuindo com seus clichês. A ILP parece sofrer de um “mal” chamado “democratização da produção de imagens”.

Benoiel despede-se da ILP encerrando definitivamente um capítulo para o fotojornalismo em Portugal e marcando uma época com um estilo muito próprio, que alimentou e deu vida a uma das mais duradouras publicações ilustradas do país.

Precursor no seu tempo, Benoliel imprimiu sua marca na forma de registrar o “efêmero”, o “miúdo”, era de fato um “raptor” das cenas urbanas. Curioso, atento, perpicaz, sempre posicionado em um ângulo especial. Transformava em tons a vida dos que trafegavam pela cidade.

Apêndice 3

Distribuição de matérias com clichês de Benoiel na ILP²⁸⁷

1º Semestre de 1906

Data	Tema (n ^a de clichês)	Assunto	n ^o
n ^o 1 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 2 - II série	Entrudo em Lisboa. (18)	Reportagem.	
n ^o 3 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 4 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 5 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 6 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 7 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 8 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 9 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 10 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 11 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 12 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
21.05.1906	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 14 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 15 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 16 - II série	Não há clichê de Benoiel.		
n ^o 17 - II série	Não há clichê de Benoiel.		

²⁸⁷ Este levantamento se refere a todas as matérias publicadas na ILP em que houve clichês de Benoiel. O nome da reportagem é sempre seguido do número de clichês em seu interior. Com o termo **reportagem** no assunto refiro-me à matérias que possuam um conteúdo textual significativo. Quando há a menção **reportagem fotográfica** se quer dizer que a reportagem quase não possui texto escrito. A abreviatura **Arq.** significa que a imagem está localizada no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa. Com o (*) se quer dizer que a imagem pertence ao acervo do Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia. Os espaços em branco são imagens que não puderam ser identificadas. Em vários casos se percebe que as imagens publicadas são parte de uma mesma missão fotográfica, mas não podem por isso, ser tomadas como a mesma imagem existente no arquivo. Consideraram-se apenas imagens que sejam idênticas aos clichês existentes nos respectivos arquivos.

nº 18 - II série	Monsenhor Giuseppe Macchi, Arcebispo titular de Thessalonica e Nuncio apostolico em Lisboa, morto na manhã de 7 de junho. (01)	Foto de página inteira.	
nº 18 - II série	O enterro de monsenhor Macchi... (11)	Reportagem fotográfica.	

O primeiro número da Ilustração Portuguesa parece ter sido na última semana de Fevereiro de 1906. Seu diretor era Carlos Malheiro Dias, e outros fotógrafos colaboraram com seus números, dentre eles estavam: Casa Bobone, Guedes d'Oliveira, Mesquita de Figueiredo, J. Novaes, Alvaro Rebello Valente.

Neste primeiro semestre Benoliel colabora com 30 clichês, distribuídos de forma esparsa e irregular.

2º Semestre de 1906

Data	Tema (nª de clichês)	Assunto	Nº
02.07.1906	O Concurso Híppico na Tapada da Ajuda. (09)	Reportagem fotográfica	
09.07.1906	Não há clichês de Benoliel		
16.07.1906	Não há clichês de Benoliel		
23.07.1906	Não há clichês de Benoliel		
30.07.1906	Não há clichês de Benoliel		
06.08.1906	Não há clichês de Benoliel		
13.08.1906	Não há clichês de Benoliel		
20.08.1906	Não há clichês de Benoliel		
27.08.1906	Nas vésperas da eleição. (19)	Série de reportagens fotográficas onde nem mesmo aparece um título para as imagens.	
03.09.1906	As insubordinações da Armada - julgamento das praças do Cruzador D. Carlos. (15)	Reportagem sobre julgamento.	
10.09.1906	Não há clichês de Benoliel		
17.09.1906	Não há clichês de Benoliel		
24.09.1906	Um naufrago do "Sirio". (01)	Foto de página inteira sem título, apenas com legenda.	
01.10.1906	Não há clichês de Benoliel		
08.10.1906	Não há clichês de Benoliel		
15.10.1906	Conjunto de 06 clichês dispostos em duas páginas com legendas distintas e sem um título que as una: Tres grandes amigos, A chegada do Sr. Ministro dos Estrangeiros a S. Bento, A eloquencia do chapéo, Os republicanos em S. Bento, A chegada do Sr. Marquez de Soveral a S. Bento.	Reportagem fotográfica.	
22.10.1906	Não há clichês de Benoliel		
29.10.1906	Não há clichês de Benoliel		
05.11.1906	A Camara dos deputados eleita em 19 d'Agosto. (12)	Reportagem fotográfica.	
12.11.1906	Não há clichês de Benoliel		
19.11.1906	Não há clichês de Benoliel		
26.11.1906	Não há clichês de Benoliel		
03.12.1906	O Cruzador Benjamim-Constant no Tejo - a viagem d'um coração. (22)	Reportagem	
10.12.1906	Não há clichês de Benoliel		
17.12.1906	Cobertura de eventos políticos e esportivos, mas sem qualquer título de matéria apenas legendas para fotos ²⁸⁸ . (20)	Reportagem fotográfica.	
24.12.1906	Não há clichês de Benoliel		
31.12.1906	Cobertura de eventos políticos e esportivos, mas sem qualquer título de matéria apenas legendas para fotos. (07)	Reportagem fotográfica.	

²⁸⁸ As imagens aqui aparecem aglutinadas no que mais tarde passará a ser uma coluna e se intitulará Figuras e Factos.

A Edição do 2º semestre de 1906 inicia-se com o mesmo número de páginas. A qualidade de impressão das imagens mostra-se muito incipientes, o papel tem uma qualidade inferior. As imagens não possuem a definição e qualidades encontradas posteriormente.

As reportagens possuem muito mais um caráter informativo sobre diferentes temas do que propriamente temas ligados à vida mundana. As reportagens podem ser caracterizadas por um texto longo e a utilização de poucas imagens para a maioria dos casos.

A direção continua com C. Malheiro Dias, e outros fotógrafos começam a colaborar com as edições da revista. Alguns nomes são: Antonio Mesquita de Figueiredo (que também assina vários artigos), José Ferraz, Amador Julio Worn, Félix, Arnaldo da Fonseca.

Neste segundo semestre o número de clichês sobe um pouco mais e chegam a 111.

1º Semestre de 1907

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
07.01.1907	Não há clichês de Benoliel		
14.01.1907	Não há clichês de Benoliel		
21.01.1907	Não há clichês de Benoliel		
28.01.1907	Não há clichês de Benoliel		
04.02.1907	Não há clichês de Benoliel		
11.02.1907	A explosão a bordo do palhabote "Novo Machado". (04)	Reportagem com montagem fotográfica, contendo as primeiras imagens do ano de Benoliel.	
25.02.1907	Não há clichês de Benoliel		
04.03.1907	Reportagem fotográfica sobre o Príncipe Guilherme sem título ou texto. (21)	Reportagem fotográfica	
11.03.1907	A Festa no Quartel de Marinheiros. (21)	Reportagem fotográfica de apresentação de ginástica militar.	
18.03.1907	O Rei de Saxe em Lisboa - a visita official. (42)	Reportagem fotográfica.	
25.03.1907	Lisboa com séde. (15)	Reportagem sobre falta de água em chafarizes	Arq.
25.03.1907	A exposição Raphael Bordallo Pinheiro no salão da Illustração Portuguesa. (04)	Reportagem fotográfica.	
25.03.1907	Uma festa da Colonia Israelita no Atheneu Commercial. (11)	Reportagem.	
01.04.1907	Um match de foot-ball em Alcantara - entre o grupo da "Tejo" e o grupo Sport do Arsenal. (08)	Reportagem fotográfica.	

01.04.1907	SPORTS – A primeira corrida no Velodromo. (14)	Reportagem fotográfica.	
08.04.1907	Capa: A Tombola das Amendoas no Largo de S.Domingos.	Não há reportagem interior sobre tema	
08.04.1907	A Semana Santa em Lisboa. (28)	Reportagem. O grande número de imagens é explicado pelo seu pequeno formato.	Arq.
08.04.1907	Acabou-se o Magro! (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre o fim da Semana Santa e o consumo de carnes nas Salsicharias da cidade.	Arq.
08.04.1907	A Real Casa Pia de Lisboa. (44). Colaboram com esta reportagem: Benoliel, Casa Bobone, Amador Alves Mendes.	Reportagem.	*
15.04.1907	Capa: REGRESSO DE SEVILHA	Capa remete para artigo interior.	
15.04.1907	Como se ataca um incendio - o fogo do Largo da Bibliotheca. (12)	Reportagem fotográfica	
15.04.1907	Uma tarde de sport no Hippodromo. (21)	Reportagem fotográfica.	
15.04.1907	Sua Magestade a Rainha em Villa Maringue - REGRESSO A LISBOA. (05) Colaboração de J. Barrera, de Sevilha.	Reportagemfotográfica.	
15.04.1907	Solidarios com Coimbra! Nas Escolas de Lisboa. (28). Colaboraram com este artigo Benoliel, Valério Santos.	Reportagem.	
22.04.1907	Capa: A morte pelo fogo??	Capa remete a artigo interior.	
22.04.1907	Morte pelo fogo - o grande incendio da Rua Magdalena. (28) Colaboram nesta reportagem Benoliel e Valério Santos.	Reportagem fotográfica. De Benoliel são 03 clichês	
22.04.1907	Desbento para o Terreiro do Paço. (08)	Reportagem.	
22.04.1907	Coluna Figuras e Factos - Tina di Lourenzo. (01)	Reportagem fotográfica.	
22.04.1907	Dize-me por onde andas... (10)	Reportagem sobre o calçamento das ruas de Lisboa.	
29.04.1907	Capa: Procissão da Saude.	Capa remete para artigo interior.	
29.04.1907	Coluna Vida Mindana - um casamento elegante. (05)	Reportagem fotográfica sobre o casamento dos Marqueses de Alegrete.	
29.04.1907	Dez dias de Lazareto. (12)	Reportagem.	
29.04.1907	A Procissão da Saúde. (12)	Reportagem.	
06.05.1907	Capa: Os surdos-mudos.	Capa remete a artigo interior.	*
06.05.1907	Os surdos-mudos falam! (17)	Reportagem	**
06.05.1907	Torneio de tiro aos Pombros - Taças Eduardo VII e Affonso XIII. (20)	Reportagem fotográfica.	
06.05.1907	Bendicto é o fructo. (64). Colaboram nesta reportagem Photographia Vasques	Reportagem.	

06.05.1907	Coluna Figuras e Factos - o Descensor espiral". (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
13.05.1907	Ser Ministro! (07)	Reportagem.	
13.05.1907	No mundo diplomatico, um casamento elegante.(16)	Reportagem fotográfica.	
13.05.1907	A ceramica portugueza. (08)	Reportagem.	
13.05.1907	O Primeiro de Maio. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre comício realizado no antigo Theatro do Rato.	
13.05.1907	A Sociedade Silva Porto no Salão da "Ilustração Portuguesa". (13)	Reportagem.	
13.05.1907	Vida Militar - uma Revista de Brigada no Hippodromo. (09)	Reportagem fotográfica.	
20.05.1907	Rumo á Terra Nova. (14)	Reportagem sobre partida de barcos para pesca do bacalhau.	
20.05.1907	O Conde de Fontalva. (23)	Reportagem.	
20.05.1907	Uma festa no Ribatejo - a Parada Agricola em Villa Franca de Xira. (20)	Reportagem fotográfica.	
20.05.1907	A Batalha de Flores no Campo Grande - promovida pela sociedade de propaganda de Portugal. (28) A. Novaes colabora com 01 clichê.	Reportagem fotográfica.	
27.05.1907	Capa: Vendedor de Rendas	Capa remete a artigo interior.	Arq.
27.05.1907	Vida Militar. (05)	Reportagem.	
27.05.1907	A Ferro e Fogo! O comicio de 19 de maio. (08)	Reportagem fotográfica.	
27.05.1907	Rendas! Rendas! (09)	Reportagem sobre vendedores ambulantes de rendas.	Arq.
27.05.1907	Alarme de fogo. (14)	Reportagem sobre combate a incêndios.	
27.05.1907	A nossa casa - como se ensaiam os materiaes de construcção. (10)	Reportagem sobre ensaio de material de construção feitos em laboratórios por engenheiros.	
27.05.1907	Lei de Imprensa - o primeiro julgamento de Lisboa. (08)	Reportagem.	
27.05.1907	O Segundo Julgamento. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
27.05.1907	Vida Colonial. (04)	Reportagem fotográfica sobre exercícos militares.	
03.06.1907	Capa: O ex-presidente do Brazil	Capa remete à reportagem interior.	
	Exposição de Avicultura no Parque Eduardo VII. (14)	Reportagem fotográfica.	
03.06.1907	O Ex-presidente da Republica Brasileira em Lisboa seis horas na nossa capital. (12)	Reportagem.	
03.06.1907	A Ferro e Fogo! O comicio da Avenida D. Amelia. (16)	Reportagem fotográfica.	

03.06.1907	Vida Militar - visita d'El-Rei ao quartel de Lanceiros 2. (07)	Reportagem fotográfica.	
10.06.1907	A Ferro e Fogo! A jornada ao paço. (09)	Reportagem.	
10.06.1907	Vida Militar. (37)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.06.1907	Corpus Christi - a procissão em Lisboa. (08)	Reportagem fotográfica.	
17.06.1907	A Ferro e Fogo! O município de Lisboa. (05)	Reportagem fotográfica.	
17.06.1907	Festas Escolares - a Escola Academica no Velodromo. (14)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.06.1907	Luctosa - O enterro do conselheiro Eduardo Costa. (08) Bobone colabora com 01 clichê.	Reportagem fotográfica.	
17.06.1907	Vida colonial. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre embarque de navio para a África.	
17.06.1907	Ruy Barbosa em Lisboa. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre visita de escritor e político brasileiro.	
17.06.1907	Sports - Athleticos no Velódromo. (20) A. Novaes colaborou com um clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.06.1907	Sports - Uma regata na Azambuja. (06)	Reportagem fotográfica.	
24.06.1907	Capa: Hippiismo: Prova na Corrida de Obstáculos.	Capa não remete à reportagem interior.	
24.06.1907	A Ferro e Fogo! Os Comícios do Ribatejo. (31)	Reportagem fotográfica. Benoliel enviado como correspondente especial.	
24.06.1907	Os grandes acontecimentos políticos - A viagem ao Porto. (19)	Reportagem fotográfica. Benoliel enviado como correspondente especial.	

Nestes primeiros números do ano de 1907, se verifica um número ainda reduzido de clichês e uma maior utilização de desenhos e gravuras, algumas delas se parecendo com pinturas.

Ao lado de Benoliel aparecem fotógrafos como: José Bastos dos Santos, Arnaldo Fonseca, Henrique de Carvalho, Vasques, Engenheiro Vieira da Silva, Amador A.C. dos Santos

Nos números em que as imagens de Benoliel começam a aparecer em quantidade a preferência recai por imagens pequenas, quase sempre com um número muito grande de imagens numa mesma página. Fotografias de página inteira são bem reduzidas.

Para este semestre Benoliel colabora com 815 clichês e é responsável por 8 capas.

2º Semestre de 1907

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
01.07.1907	Capa: Mudanças	Capa remete à reportagem interior.	
01.07.1907	Os grandes acontecimentos políticos. (21)	Reportagem fotográfica	
01.07.1907	A Ferro e Fogo! A jornada das Camaras Municipaes ao Paço. (11) A. Novaes colabora com esta reportagem com 06 clichês.	Reportagem fotográfica.	
01.07.1907	As nossas exposições. (12) Colabora com esta reportagem a Sra Rosalina Lima.	Reportagem fotográfica.	
01.07.1907	Os tumultos em Lisboa. (14)	Reportagem fotográfica sobre ida de presos para o forte Duque.	
01.07.1907	As Mudanças (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.07.1906	Exposição Híppica na Tapada. (14)	Reportagem fotográfica	
01.07.1907	Dois elogios historicos na Academia Real das Sciencias. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.07.1907	Capa: Volteio por um soldado	Capa remete à reportagem interior.	
08.07.1907	Viagem do Principe Real às Colonias - a partida. (11) Colaboram nesta reportagem Benoliel e A. Novaes.	Reportagem fotográfica.	
08.07.1907	Concurso Híppico na Tapada da Ajuda. (19)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.07.1907	Concurso Híppico na Tapada D'Ajuda. (18)	Reportagem fotográfica	
08.07.1907	Touros em Azambuja - uma festa do Club Tauromachico. (20)	Reportagem fotográfica de tourada	
08.07.1907	Torneio de Esgrima - a Taça Penha Longa. (17)	Reportagem fotográfica.	
15.07.1907	Capa: Concurso da Primavera	Capa remete à reportagem interna.	
15.07.1907	As novas obras de Santa Engracia - o futuro Liceu de Lisboa. (09)	Reportagem	
15.07.1907	Na Carreira de Tiro - o Concurso Nacional. (10)	Reportagem	
15.07.1907	Concurso Híppico na Tapada D'Ajuda. (04)	Reportagem	
15.07.1907	Concurso da Primavera - a Exposição dos Premios. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
22.07.1907	De Villa Real ás Pedras Salgadas - inauguração da nova linha ferrea. (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
22.07.1907	Concurso da Primavera - a Exposição dos Premios. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.07.1907	Sport Nautico - uma festa do Real Club Naval. (07)	Reportagem fotográfica.	
29.07.1907	Vida Militar (07)	Reportagem fotográfica.	

29.07.1907	Concurso da Primavera - o sorteio dos premios. (06)	Reportagem fotográfica.	
05.08.1907	A homenagem a Bernardino Machado. (19)	Reportagem fotográfica.	
05.08.1907	A velha Igreja dos Anjos - um templo que desaparece. (04)	Reportagem sobre demolição de igreja para alinhamento da avenida D. Amélia.	
05.08.1907	A nova linha das Pedras Salgadas - aspectos pitorescos. (19). O fotógrafo amador A. Lopes Martins, de Villa Real colabora com 03 clichês.	Reportagem sobre linha férrea Villa Real - Pedras Salgadas. Benoliel vai como enviado especial.	
05.08.1907	Um grande perigo ameaça as nossas Colonias - a doença do somno. (12). Colaboram com esta reportagem Benoliel e o Dr. Annibal de Bettencourt.	Reportagem.	
05.08.1907	O funeral do Ministro da Hollanda. (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.08.1907	Concurso da Primavera - a distribuição de premios. (08)	Reportagem fotográfica.	
12.08.1907	Hintze Ribeiro - a sua morte - o seu enterro. (38) Colaboram nesta reportagem Benoliel e Bobone	Reportagem fotográfica.	
12.08.1907	Uma burricada ao Sabroso. (10)	Reportagem sobre ida à Sabroso, aldeia transmontana de burrico. OBS: foto de crianças e porcos em casa rural	Cx12n15, Cx41n21 e Cx41n23
19.08.1907	Portugal Catholico - o Jubileu Patriarcal. (37)	Reportagem.	
19.08.1907	Casamento elegante. (12)	Reportagem fotográfica.	
26.08.1907	Capa: O Almirante Japonês Goro Ijuin	Capa remete à reportagem interior.	
26.08.1907	A Coudelaria Nacional - na Fonte Boa. (16)	Reportagem sobre Coudelaria Nacional, que visa o melhoramento da produção equina no país.	
26.08.1907	O Japão Moderno - dois navios japonezes em Lisboa. (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre visita.	
26.08.1907	O caso do dia - a Quinta de Cazellas. (06)	Reportagem fotográfica sobre um processado.	
02.09.1907	Capa: Um doente do somno	Capa não remete à reportagem interior.	
02.09.1907	Os casamentos elegantes. (06)	Reportagem fotográfica.	
02.09.1907	O duplo Raid Hippico. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.09.1907	Vidago - a bella estancia de aguas. (20)	Reportagem sobre estancia na regio de transmontana.	*?
02.09.1907	Tourada em Cintra. (10)	Reportagem.	
02.09.1907	Cirios e Romarias dos arredores de Lisboa. (08)	Reportagem fotográfica.	
09.09.1907	Capa: A hora do repouso	Capa não remete à reportagem interior	

09.09.1907	De Cintra á Figueira - S. A o Infante D. Manoel faz o percurso a cavallo. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.09.1907	Capa: A medalha do Raid	Capa remete  reportagem interior.	
16.09.1907	Nas estradas do itinerario - preparando o Raid. (07)	Reportagem	
16.09.1907	Desafio de natao. (07)	Reportagem	
16.09.1907	A catastrophe do Porto no "Jornal de Noticias". (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	*
16.09.1907	Viaturas militares. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.09.1907	O percurso do Raid - Figueira da Foz. (09) Colaboram nesta reportagem Benoliel e Monteiro.	Reportagem.	
23.09.1907	Vida militar - o aniversario do combate de Magul em Infanteria 2. (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.09.1907	Luctuosa - o enterro do Sr. Conselheiro Dias Ferreira. (07)	Reportagem fotográfica.	
23.09.1907	O 1 Raid Hippico promovido pela Ilustrao Portuguesa - a Pesagem. (14)	Reportagem fotográfica.	
23.09.1907	O 1 Raid Hippico promovido pela Ilustrao Portuguesa - a Partida. (25)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.09.1907	O Porto Agricola - a ornamentao dos jugos e cangas dos bois. (06)	Reportagem sobre ornamentao de cangas de bois na região do Minho e do Douro.	*
23.09.1907	Sports - Natao. (06)	Reportagem fotográfica.	
30.09.1907	Capa: Um douche numa tape	Capa remete  reportagem interior.	
30.09.1907	As tapes do Raid I. (35)	Reportagem	
30.09.1907	O Porto Antigo. (08)	Reportagem. OBS: foto de crianças em degrau de pedra e mulher com capoeira em porta de comércio.	CX41n04 e CX20n07
07.10.1907	Capa: Chegada ao controle d'E vora	Capa não remete  reportagem interior	
07.10.1907	As etapas do Raid I. (26)	Reportagem. OBS: Foto de Benoliel com ponche	Arq
14.10.1907	Capa: O tenente Beltrão chegando ao Mercado de Gados	Capa remete  reportagem interior.	
14.10.1907	O Raid - da Castanheira a Lisboa - A chegada ao Campo Grande. (13) Colaboram nesta reportagem Benoliel e A. Novaes.	Reportagem.	
14.10.1907	A Ribeira do Porto. (13)	Reportagem OBS: Fotos das ruas da Ribeira, varinas e outros ambulantes, crianças  frente de casas humildes.	Arq.
14.10.1907	As tapes do Raid I. (43)	Reportagem	
21.10.1907	As Regatas em Cascaes. (11)	Reportagem fotográfica.	
21.10.1907	Ezequiel de Carvalho - a chegada a Lisboa dos vencedores da 2 seco. (10)	Reportagem.	

21.10.1907	Da Bahia de Casacaes a Festa da Armada. (09)	Reportagem.	
28.10.1907	Capa: Um busto de criança, de Costa Motta.	Capa não remete à reportagem interior	
28.10.1907	Os vencedores do Raid - como eu fiz o percurso. (10)	Reportagem de depoimento do tenente Luiz Teixeira Beltrão.	
28.10.1907	A Festa Escolar. (18)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.10.1907	Esmola de Luz - livros escolares distribuídos pelo "Seculo" às crianças pobres. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.10.1907	As inundações em Santarém. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.11.1907	Capa: Uma jogadora do diabo	Capa remete a reportagem interior	
04.11.1997	O Diabo. (11)	Reportagem sobre jogo praticado especialmente por mulheres.	
04.11.1907	Luctuosa - o enterro de Alfredo Keil. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.11.1907	Premios do Raid. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.11.1907	Capa: Dar de beber a quem tem sede	Capa não remete à reportagem interior	
11.11.1907	O chefe do partido regenerador - o Sr. Julio de Vilhena. (04)	Reportagem	
11.11.1907	Estações de verão - a Praia de Cascaes. (16) Colaboram nesta reportagem Benoliel e o amador Alberto Camacho	Reportagem	
11.11.1907	Vida Militar - Abertura da Escola do Exercito. (12)	Reportagem.	
11.11.1907	Morte do Professor Bocage. (02)	Reportagem.	
11.11.1907	Premios do Raid. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.11.1907	Sports - O tiro aos pombos. (04)	Reportagem fotográfica	
11.11.1907	Os vencedores do Raid - como eu fiz o percurso. (07)	Reportagem de depoimento do sargento José Ezequiel de Carvalho.	
11.11.1907	Gente do fogo. (10)	Reportagem sobre trabalhadores de fornos e caldeiras. OBS: Foto de descarregamento de carvão	Arq
18.11.1907	Capa: Depois da venda	Capa não remete à reportagem interior	
18.11.1907	O Director da "Renascença" em Lisboa. (02)	Reportagem.	
18.11.1907	Os grandes lavradores do Ribatejo - o Sr. Palha Blanco. (23)	Reportagem.	
18.11.1907	Premios do Raid. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

18.11.1907	Coluna Figuras e Factos ²⁸⁹	Reportagem	
18.11.1907	Festas Escolares - distribuição de prémios. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.11.1907	Crisanthemos. (09)	Reportagem.	
25.11.1907	A principal vítima da explosão do dia 17 do corrente. (01)	Foto de página inteira. OBS: foto de homem morto ao chão.	*
25.11.1907	Exequias de Hitze Ribeiro. (11)	Reportagem fotográfica.	
02.12.1907	Os ptolomeus em Lisboa. (04) Colaboram nesta reportagem Benoliel e Novaes	Reportagem sobre os Ptlomeus, família dos Lagidas que governaram o Egito.	
02.12.1907	Vida Militar - As novas viaturas militares. (09)	Reportagem	
09.12.1907	Capa: Quente e boas!	Capa não remete à reportagem interior.	
09.12.1907	Um grande sábio português - J. V. Barbosa du Bocage. (20) Colaboram nesta reportagem Benoiel, Dr. May Figueira, José Roma Machado e A. Novaes.	Reportagem sobre importante zoologista.	
09.12.1907	Quanto custou a liberdade. (12)	Reportagem	
16.12.1907	As reuniões políticas - o Partido Regenerador. (11)	Reportagem fotográfica.	
16.12.1907	Da invasão francesa á concentração liberal - historia de um velho palacio. (10)	Reportagem sobre o Palácio da Ega.	
16.12.1907	Lactario de Lisboa. (44)	Reportagem. OBS: fotos de bebês nas balanças e no consultório médico.	*
16.12.1907	O Deputado D.Rafael Calzada - em Lisboa. (05)	Reportagem fotográfica.	
16.12.1907	As classes inactivas. (13)	Reportagem. OBS: Fotos dos inativos e mendigos.	Arq
16.12.1907	A Festa da Padroeira na Sé. (03)	Reportagem fotográfica	
23.12.1907	O regresso da Expedição ao cuamato em 13 de Dezembro de 1907. (06)	Reportagem fotográfica.	
30.12.1907	De regresso da Haya desembarca em Lisboa a figura primacial da conferencia. (06)	Reportagem sobre retorno de Ruy Barbosa de Haya.	
30.12.1907	Os Alfarrabistas. (05)	Reportagem	

Para este semestre os nomes de outros fotógrafos e/ou agências internacionais são entre outros: Vasques, Armando Silva, Agence Photo-Nouvelles, Photographia Teixeira, Carlos Pereira Cardoso, A. Novaes, Monteiro, Carlos Gomes, Vasques.

²⁸⁹ Aqui se faz menção pela 1ª vez do nome da coluna Figuras e Factos.

Aqui a coluna ainda se parece com uma reportagem comum: imagens, mas também bastante texto...

Benoliel colabora neste período com 1098 clichês e faz 15 capas. Há um crescimento sensível do número de clichês e de reportagens com sua “assinatura”.

1º Semestre de 1908

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
06.01.1908	Capa: Olha o Papão!	Capa remete a reportagem interior	
06.01.1908	Memórias de uma boneca de trapos (16)	Reportagem escrita no formato de memórias de uma boneca de trapos	
06.01.1908	Vida Colonial – o regresso da expedição ao Guamato (04)	Reportagem fotográfica de uma página	
06.01.1908	Coluna Figura e Factos (10). De Benoliel são 03 clichês. Colaboram com esta reportagem Phot. Fernandes, Eduardo Jozs de Mons, Officinas Photographicas.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos	
06.01.1908	Coluna Figuras e Factos (09). Com colaboração de um clichê de Bobone.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre obras de caridade da Associação Protectora da Primeira Infância e Associação de Socorros Mutuos Silva Graça	
13.01.1908	A guloseima nacional (10). Colabora com esta reportagem A. Novaes	Reportagem sobre a fabricação de doces e guloseimas em Portugal através da história	
13.01.1908	O enterro de D. João da Camara (13)	Reportagem fotográfica sobre funeral	
13.01.1908	O dispensario de Santa Izabel (05)	Reportagem sobre o 3º aniversário do dispensário ligado à Paróquia de Santa Izabel	
20.01.1908	Capa: O Duque de Abruzzos	O duque em posição de conduzir seu automóvel. (o registro não remete à qualquer reportagem interior)	
27.01.1908	Vida Artistica (09). Colaboram com esta reportagem Biel (1) e Phot. Vasques (02).	Reportagem sobre o pintor Malhõa e alguns de seus quadros	
27.01.1908	O Duque de Abruzzos em Villa Viçosa (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
27.01.1908	O Duque de Abruzzos em Lisboa (08)	Reportagem sobre a visita do Duque à capital.	
03.02.1908	De Lisboa ao Rio de Janeiro em quatro dias (02). Colabora nesta reportagem o desenhista Alonso ²⁹⁰	Reportagem “ficcional” sobre um paquete que atravessasse o Atlantico em 4 dias.	
03.02.1908	Suas majestades em Villa Viçosa (14). Colaboram com esta reportagem: Sr. José	Reportagem sobre visita de El-rei, sua majestade a Rainha, as altezas	

²⁹⁰ Interessante reportagem fotográfica casada com desenhos formando verdadeiras montagens fotográficas. A qualidade perfeita dos desenhos confunde o leitor tornando difícil a percepção entre fotografia e desenho.

	Pinto dos Santos com 5 clichês, S. A. O Príncipe Real (02) e S. M. El-Rei (04)	Príncipe Real e o Infante D. Manuel em visitas e caçadas na Tapada real.	
10.02.1908	Capa: A Cem metros do Trono	Capa remete a reportagem interior	
10.02.1908	O atentado de 1 de Fevereiro (22). Colabora com esta reportagem Bobone, com 1 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre o atentado que pôs fim a vida de D. Carlos e seu filho ²⁹¹	
10.02.1908	Homenagem ao Conde de Fontalva (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre homenagem do hipismo ao Conde Fontalva.	
10.02.1908	Uma excursão sportiva a Madeira (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre viagem de tenistas portugueses ao Funchal	
17.02.1908	Capa: Quo Vadis?	Capa remete à artigo interior	
17.02.1908	Rei Posto (64). Colaboram com esta reportagem Bobone com 10 de D. Manuel em diferentes idades, e Antonio Novaes com 2 clichês.	Reportagem fotográfica sobre funeral de D. Carlos e D. Manuel ²⁹²	
14.02.1908	Na orphandade (01)	Uma imagem com a seguinte legenda: “Os desventurados filhos do professor Buiça ²⁹³ , Elvira, de 7 annos e Manuel, de 5 meses”	
14.02.1908	A Caminho do Exilio (01) OBS: imagem colocada na mesma página que o clichê anterior.	Uma imagem com a seguinte legenda: “O dictador João Franco saindo do paço, apoiado ao antigo ministro da guerra, depois da despedida official do seu ministerio”.	
14.02.1908	O ministerio da concordia (02)	Reportagem fotográfica sobre novo ministério que se apresentaram a El-rei	
24.02.1908	Capa: Sua Majestade El-Rei D. Manuel II	Capa remete à reportagem interior	
24.02.1908	Ainda o atentado (16). Colaboram com esta reportagem Antonio Novaes com 2 clichês e o amador Sr. José Gonçalves com 3 clichês	Reportagem fotográfica sobre homenagens e funeral de Príncipe e Rei	

²⁹¹ No caso desta reportagem, o peso está sobre as imagens do atentado, em especial dos mortos envolvidos (rei, príncipe e assassinos, rapidamente mortos pela polícia). O assassinato deu-se quando a família real desembarcava em Lisboa em retorno de Vila Viçosa. OBS: A ILP havia se preparado para ter várias edições sobre a estada da família real em Vila Viçosa e, portanto, mesmo após esta reportagem sobre o atentado irão surgir reportagens sobre as caçadas e passeios da família.

²⁹² Neste número da ILP a dimensão de reportagem fotográfica ganha sua maior expressão... As imagens têm aqui a responsabilidade de transmitir ao público emoções, informações e recordações... As imagens estão colocadas de forma a compôr uma narrativa, quer dos fatos propriamente ditos, quer da trajetória de vida de suas altezas, ou mesmo da sequência do ritual funerário...

²⁹³ Assasino do Príncipe Real D. Luis Filippe, com uma carabina Winchester, modelo de 1907, nº 2137.

24.02.1908	Semana – Tragica (32)	Reportagem tentando reconstituir os acontecimentos e os personagens envolvidos no assassinato do Rei e Príncipe Real e que é assinado por Cunha e Costa e complementada por nota da redação da ILP.	
02.03.1908	Capa: As famílias dos marinheiros perdoados e dois advogados saindo das necessidades.	Capa remete à reportagem interior.	
02.03.1908	No reinado da clemencia e da lei (02)	Reportagem fotográfica sobre agradecimento de marinheiros deportados por indulto concedido.	
02.03.1908	Theatro – Um grande successo theatral (04). Phot. Vasques colabora com 3 clichês.	Reportagem fotográfica sobre peça “A Filha das Ondas”, de Luiz de Aquino, no Theatro da Avenida.	
09.03.1908	O Rei que não reinou (21). Colabora com esta reportagem Bobone com 2 clichês.	Reportagem sobre o Príncipe Real, procurando-se dar a conhecer aspectos de sua vida pessoal e prematuramente tirada.	
09.03.1908	Um casamento elegante (04)	Reportagem fotográfica sobre o casamento da filha do Conselheiro Calvet de Magalhães	
09.03.1908	Uma campanha humanitária (01)	Registro fotográfico colocado na mesma página que a reportagem anterior, sobre exame médico aos alunos da Voz do Operario.	
09.03.1908	A Agonia no entrudo alfacinha (1908). (06)	Reportagem fotográfica sobre o carnaval alfacinha pós-atacado	
09.03.1908	A Festa das creanças no Colyseu (08)	Reportagem fotográfica sobre carnaval infantil	
09.03.1908	Sport de inverno Patinagem (14)	Reportagem sobre a patinação	
16.03.1908	Capa: O novo Patriarcha D. Antonio Mendes Bello, lançando a benção.	Capa remete à reportagem interior	
16.03.1908	A posse do novo Patriarcha de Lisboa (10)	Reportagem	
16.03.1908	Theatro – Uma revista de aclamação, “Em nome do padre...” de Camara Lima, no Theatro da Trindade (06)	Reportagem fotográfica.	
16.03.1908	Vida colonial (07)	Reportagem fotográfica sobre expedicionários entrando a bordo	
30.03.1908	Coluna Figuras e Factos (04)	Reportagem fotográfica sobre manifestação de encorajamento por restabelecimento de saúde ao Dr. Bernardino Machado e imagens da fábrica de Moagem meio destruída pelo fogo.	
06.04.1908	Capa: Rotação de Presidencias	Capa remete à reportagem interior	
06.04.1908	O novo ministro do Brazil em Lisboa (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	

06.04.1908	Coluna figuras e Factos (06)	Manifestação de juizes e delegados de Lisboa	
06.04.1908	Comicios eleitoraes em Lisboa (07)	Reportagem fotográfica	*
06.04.1908	Comicio de Lisboa: aspecto geral (01)	Uma foto de duas páginas sobre o comício	
13.04.1908	Capa: A Uma eleitoral de S. Domingos.	Capa remete à reportagem interior	
13.04.1908	Portuguezes contra suecos – a partida de foot-ball em Alcantara (10)	Reportagem fotográfica	
13.04.1908	A eleição em Lisboa (21)	Reportagem fotográfica sobre os incidentes e mortos durante as eleições em Lisboa ²⁹⁴ .	
13.04.1908	O 1º Raid Hippico Nacional promovido pela Illustração Portuguesa – a distribuição dos premios no Parque Pavalhã. (24)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto ²⁹⁵	
13.04.1908	Sports – Uma sessão de gymnastica sueca pelos marinheiros do cruzador “Fulgia” no lyceu do Carmo (04)	Reportagem fotográfica	
20.04.1908	Capa: O toureiro Antonio Fuentes	Capa remete à reportagem interior	
20.04.1908	Os últimos acontecimentos – os feridos (03)	Reportagem fotográfica ²⁹⁶	Arq.
20.04.1908	As rugas (04)	Reportagem fotográfica sobre condução de presos para o Caes do Sodré pela força de caçadores 6.	
20.04.1908	A despedida de um grande toureiro – Fuentes (10)	Reportagem fotográfica ²⁹⁷	
27.04.1908	Capa: A nova Ministra do Brazil	Capa não remete a reportagem interior	
27.04.1908	Quem é o Rei de Portugal (21). Colaboram com esta reportagem Bobone com 7 clichês, Iride – Roma com 1 clichê e Camacho com 3 clichês	Reportagem seriada sobre a biografia de D. Manuel.	
27.04.1908	O Sr. Millié Lacroix em Lisboa (07)	Reportagem sobre visita do ministro das colonias francesas.	
27.04.1908	A gymnastica na marinha de guerra (06)	Reportagem fotográfica	
27.04.1908	Sport Maritimo (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
04.05.1908	Capa: A Procissão da Saúde	Capa não remete a uma única foto em reportagem interior	
04.05.1908	A Sessão de abertura das Camaras (01)	Foto de página inteira	
04.05.1908	A Procissão de N.S. da Saude (01)	Foto de meia página	
04.05.1908	O Congresso de Instrucção Primaria (01)	Foto de página inteira	

²⁹⁴ Novamente para este caso a fotografia é utilizada absolutamente como crônica e nem mesmo as legendas chegam a esclarecer muito ao leitor os fatos. Espera-se que as imagens falem por si. O número de imagens é grande por página: chega em alguns casos a conter 5 imagens numa única página.

²⁹⁵ As imagens de Benoliel como sempre ocorre para estes casos é de um movimento e ritmo encantador... Consegue captar a sintonia existente entre cavaleiro e cavalo e as reações dos expectadores.

²⁹⁶ Aqui fotografia existente no Arq. onde aparece o interior da enfermaria de Santo Antonio do Hospital de S. José onde estariam os feridos, que eram soldados Caçadores 5.

²⁹⁷ Aqui mais uma vez os clichês de Benoliel captam movimento de um espectáculo esportivo envolvendo uma tourada.

04.05.1908	As exequias officiaes de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filippe (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
11.05.1908	Quem é o rei de Portugal (21). Colaboram com esta reportagem: Bobone com 6 clichês, Antonio Novaes com 1 clichê, Charles Abéniaçatt com 1 clichê.	Reportagem seriada sobre a biografia de D. Manuel.	
11.05.1908	A nossa ourivessaria – Como se trabalha a prata em Portugal – a Casa Leitão (10)	Reportagem	
11.05.1908	O 1º de Maio – A Jornada de Lisboa (02)	Reportagem fotográfica	
11.05.1908	A Acclamação de S. M. El-Rei D. Manuel II (01)	Foto de página inteira	
11.05.1908	Os cães – a primeira exposição portugueza (13)	Reportagem sobre evento	
11.05.1908	A abertura da Côrtes – o primeiro Parlamento no Reinado de D. Manoel (04)	Reportagem fotográfica	
18.05.1908	Capa: O Sr. Conde de S. Lourenço proclamando o novo Rei.	Capa remete à reportagem interior	
18.05.1908	Quem é o Rei de Portugal (14). Colaboram com esta reportagem: Arnaldo Fonseca com 2 clichês, Antonio Novaes com 3 clichês, o amador Abilio Secco com 1 clichê e D'El-Rei D. Carlos com 1 clichê.	Reportagem seriada sobre a biografia de D. Manuel	
18.05.1908	Exposição do Rio de Janeiro – Partida de Jorge Colaço (01)	Foto de meia página	
18.05.1908	A acclamação de El-Rei D. Manuel II (14). Colaboram com esta reportagem: M. Martins com 1 clichê, Phot. Vasques com 1 clichê e Antonio Novaes com 1 clichê	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.05.1908	Capa: A saída da escola do exercito: Viva El Rei	Capa remete à artigo interno	
25.05.1908	Uma grande manifestação monarchica – os portuenses em Lisboa (06)	Reportagem fotográfica	
25.05.1908	A festa na escola do Exercito – a primeira visita official de El-Rei (08)	Reportagem fotográfica	
25.05.1908	A 10ª conferencia Telegraphica Internacional de Lisboa (06). Bobone colabora com 2 clichês para esta reportagem	Reportagem fotográfica	
25.05.1908	Uma pintora portugueza – Emilia Santos Braga (09)	Reportagem sobre o trabalho da artista	
01.06.1908	Capa: A visita de El-Rei á Escola Naval	Capa remete a reportagem interna	
01.06.1908	Quem é o Rei de Portugal (14). Colaboram com esta reportagem: Antonio Novaes com 2 clichês, Bobone com 1 clichê e o Sr. José Pinto dos santos com 3 clichês	Reportagem seriada sobre a biografia de D. Manuel	
01.06.1908	Visita de S. M. El-Rei á Escola Naval (01)	Foto de página inteira	
01.06.1908	10ª confedrencia Telegraphica Internacional em Lisboa (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	

01.06.1908	Exposição de Arte Feminina – os trabalhos das discipulas de D. Emilia Santos Braga (04)	Reportagem fotográfica	
01.06.1908	Uma Garden Party na Quinta Allegre (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
01.06.1908	A Exposição de Carlos Reis no seu atelier (05)	Reportagem fotográfica sobre pintor	
08.06.1908	Capa: Na Garden-Party de Carcavellos	Capa remete à reportagem interna	
08.06.1908	X Conferencia Telegraphica Garden-Party em Carcavellos (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
08.06.1908	A manifestação monarchica da Universidade de Coimbra (19)	Reportagem fotográfica	* + Arq
08.06.1908	A 10ª Conferencia Telegraphica Internacional – a visita á Batalha (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
08.06.1908	Visita de S. M. El-Rei ao Regimento de lanceteiros 2 (01)	Foto de página inteira	
15.06.1908	Capa: Visita dos congressistas ao Bussaco	Capa remete a artigo interior	
15.06.1908	O Missal de Estevam Gonçalves – uma obra prima da illuminura portugueza (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
15.06.1908	Primeira Comunhão (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
15.06.1908	X Conferencia Telegraphica Internacional – A Batalha de Flores (08)	Reportagem fotográfica	
15.06.1908	Uma revista militar (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
15.06.1908	Quem é o Rei de Portugal (09). Colaboram com esta reportagem: Arnaldo Fonseca com 1 clichê, Bobone com 2 clichês	Reportagem seriada sobre a biografia de D. Manuel	
15.06.1908	Vida militar (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
15.06.1908	Os lentes da Universidade no Paço (02)	Reportagem fotográfica	
15.06.1908	A 10ª conferencia telegraphica Internacional – visita á Casa Pia (04)	Reportagem fotográfica	
22.06.1908	Capa: Os vencedores da Taça de Lisboa em 1908	Capa remete a artigo interno	
22.06.1908	X conferencia Telegraphica Internacional – a excursão ao Bussaco (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
22.06.1908	No Hospital de S. José – a visita de el-Rei (05)	Reportagem fotográfica	
22.06.1908	Sport Nautico – a Taça Lisboa (07)	Reportagem fotográfica	
22.06.1908	El-Rei no Collegio Militar (06)	Reportagem fotográfica	
22.06.1908	Quem é o Rei de Portugal (13). Bobone colabora com 1 clichê	Reportagem seriada sobre a biografia de D. Manuel	
29.06.1908	El-Rei na Procissão do Corpo de Deus (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	

A colaboração nos números de Janeiro são de: A. Novaes, Bobone, Phot. Vasques, Phot. Alvão, Biel.

Na reportagem de 20/01 há uma reportagem sobre Florença e as imagens são de Alinari.

Durante este primeiro semestre Benoliel teve uma participação bastante grande nos números da ILP. Colaborava com seus clichês na maioria das reportagens e praticamente não havia matéria onde não houvesse o produto de suas lentes.

Com o atentado sofrido à casa da família Real, Benoliel passa a cobrir principalmente eventos ligados a família real, em especial durante o período em que a ILP trabalha para compôr a imagem do novo Rei.

Deste período também se deve considerar a colaboração de diferentes fotógrafos em reportagens onde havia imagens de Benoliel

2º Semestre 1908

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
06.07.1908	Capa: Um salto em altura	Capa remete a reportagem interior	
06.07.1908	Uma festa Academica no Velodromo (08)	Reportagem fotográfica	
06.07.1908	O Comicio Republicano na Avenida D. Amélia (05)	Reportagem fotográfica	
06.07.1908	A Semana de Armas – Sessão de esgrima na Escola do Exercito (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
06.07.1908	O coração de Jesus na Basilica da Estrella (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
13.07.1908	Capa: Uma péga rija	Capa remete a artigo interior	
13.07.1908	Uma festa no Parque de Pavalhã (08)	Reportagem fotográfica	
13.07.1908	Visita de El-Rei á Polytechnica (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
13.07.1908	O que é e o que será a “Ilustração Portuguesa” (23). Benoliel colbora com apenas 2 clichês para esta reportagem. Os demais clichês são do fotógrafo Rocafull	Reportagem sobre as inovações na 2ª série da Ilustração Portuguesa	
13.07.1908	Festas religiosas (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
13.07.1908	Um dia de touros – bombita no Campo Pequeno (06)	Reportagem fotográfica	
13.07.1908	Viagem ao Cruzador D. Amélia ao Brazil (06). Colabora com esta reportagem: Phot. Vasques com um 1 clichê	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
20.07.1908	Capa: Exposição de crianças do “Seculo: 7 meses, 11 kilos e 450 grammas”	Capa remete à artigo interno	
20.07.1908	O duello Penha Garcia – Afonso Costa (01)	Foto de página inteira	
20.07.1908	A Exposição de Crianças promovida pelo “Seculo” (01)	Foto de página inteira	
20.07.1908	No Campo pequeno – a festa de Manuel Casimiro (09)	Reportagem fotográfica	
27.07.1908	Missão de Piedade – El-Rei no Hospital da Estrella (03)	Reportagem fotográfica	
27.07.1908	Um Debut no Campo Pequeno (03)	Reportagem fotográfica	
27.07.1908	As Creanças portuguezas são bellas e fortes? (10)	Reportagem	
27.07.1908	Uma Garraiada em Algés – organizada pelo Club Tauromachico (05)	Reportagem fotográfica	
03.08.1908	Capa: Agua fresca e capilé!	Capa remete a artigo interior	
03.08.1908	Pelas liberdades municipaes (02)	Reportagem fotográfica	
03.08.1908	As creanças portuguezas são bellas e fortes (21)	Reportagem	

10.08.1908	Capa: Em regata: o barco vencedor	Capa remete a artigo interior	
10.08.1908	Regata de Canôas Monotypos (07)	Reportagem fotográfica	
10.08.1908	El-Rei passeia a cavalo pelas ruas de Lisboa (04)	Reportagem fotográfica	
10.08.1908	35° á sombra (09)	Reportagem sobre o calor em Lisboa durante o verão e a venda de refrescos e capilés	
10.08.1908	El-Rei no Castello de S. Jorge (07)	Reportagem fotográfica	
17.08.1908	Os crimes celebres – a varina Maria dos Anjos (11). Colabora com esta reportagem o fotógrafo Lima, com 1 clichê	Reportagem sobre assassinato de pequena varina de 13 anos de idade	
17.08.1908	Trindade Coelho – a sua morte (03)	Reportagem fotográfica	
17.08.1908	Uma Revolução mallograda – o julgamento dos sargentos implicados no movimento de Janeiro. (05)	Reportagem fotográfica	*
24.08.1908	Capa: El-Rei dirigindo-se para bordo do yacht “Amelia”, acompanhado pelo Sr. Governador Civil de Lisboa.	Capa remete a reportagem interior	
24.08.1908	Uma revolução mallograda – outro julgamento de militares implicados no movimento de janeiro (03)	Reportagem fotográfica	*
24.08.1908	Uma festa na legação dos Estados Unidos (02)	Reportagem fotográfica	
24.08.1908	A obra da infancia – os premios da Santa Casa (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	Arq?
24.08.1908	Visita D’El-Rei a Infantaria 2 (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
31.08.1908	Capa: A obra da Infancia do “Seculo”: os banhos da Trafaria	Capa remete a artigo interior	
31.08.1908	A obra da infancia do Seculo – os banhos da Trafaria (06)	Reportagem.	
31.08.1908	A Batalha do Vimeiro – a sua comemoração (09)	Reportagem	
07.09.1908	Protecção a infancia – a matinée no salão da Trindade (01)	Foto de página inteira	
07.09.1908	Uma festa elegante em Cintra (01)	Foto de página inteira	
07.09.1908	A grande excursão venatoria ao Gerez (06). Benoliel colabora com apenas 1 clichê	Reportagem	
07.09.1908	O almoço dos jornalistas parlamentares ao presidente da camara dos deputados (02)	Reportagem	
14.09.1908	Uma festa elegante em Cintra (14)	Reportagem fotográfica	
14.09.1908	Os grandes paquetes – o “Orcoma” da carreira do Brazil (03)	Reportagem fotográfica	
14.09.1908	Defeza maritima do Tejo – exercicios de torpedos em Paço D’Arcos (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
21.09.1908	Capa: A esquina	Capa remete à reportagem interior	
21.09.1908	Guerra á fardal (09)	Reportagem sobre os moços de frete	Arq
21.09.1908	A familia real em Cintra (01)	Foto de página inteira	
28.09.1908	Capa: Uma espera de caça na Serra do Gerez	Capa remete a artigo interior	

28.09.1908	Tres dias na Serra do Gerez (15)	Reportagem sobre caçada no norte	
28.09.1908	Os medicos allemães em Lisboa (08)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto	
05.10.1908	Capa: o primeiro curso morto na Serra do Gerez	Capa remete a artigo interior	
05.10.1908	A caçada do Gerez – como a “Ilustração Portuguesa” planeou e realizou a grande excursão venatoria, scientifica e de turismo ás mais accidentadas montanhas de Portugal (17)	Reportagem	
05.10.1908	A tourada de 17 de setembro no Campo Pequeno (03)	Reportagem fotografica	
05.10.1908	As exequias de D. Pedro IV (05)	Reportagem fotografica	
05.10.1908	O ensino de Bellas Artes na academia de Lisboa (09)	Reportagem.	
12.10.1908	A caçada do Gerez (16)	Reportagem	
12.10.1908	Artes e Letras (02). Apenas 1 clichê é de Benoliel	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto sobre a obra do escritor Paulo Osório	
12.10.1908	Uma revolução em S.Carlos – o novo empresario e a nova epoca (04). Phot. Vidal & Fonseca colabora com 1 clichê	Reportagem sobre obras no teatro S. Carlos	
12.10.1908	Coluna Figuras e Factos (04)	Reportagem fotografica sobre corrida de vendedores de jornal O Século.	
19.10.1908	A caçada dos Gerez (15). Colabora com esta reportagem o amator Guilherme Ferreira Pinto Bastos com 6 clichês	Reportagem	
19.10.1908	A tuna commercial de Lisboa (03)	Reportagem fotografica	
02.11.1908	Capa: O Theatro por dentro	Capa remete a artigo interior	
02.11.1908	O leque – arma de guerra (13)	Reportagem sobre uma exposição de leques	
02.11.1908	A caçada do Gerez (26)	Reportagem	
02.11.1908	O Theatro por dentro (24)	Reportagem.	
02.11.1908	A festa escolar de Lisboa no Parque das Laranjeiras (10)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto	
02.11.1908	O Marechal Hermes da Fonseca em Lisboa (03)	Reportagem fotografica	
02.11.1908	O Comicio Republicano (03)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto	
09.11.1908	O Theatro por dentro (10)	Reportagem	
09.11.1908	Excursão Scientifica ao Gerez (09). Benoliel colabora com apenas 1 clichê, demais clichês do amator J. S. Tavares	Reportagem	
09.11.1908	Escola do exercito (08)	Reportagem fotografica	
16.11.1908	Capa: El-Rei e o Governador Civil do Porto	Capa remete a artigo interior	

16.11.1908	A viagem do Rei ao Norte (35). Colaboram com esta reportagem: Bobone com 5 clichês e Vidal & Fonseca com 1 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
16.11.1908	Luctuosa	Reportagem fotográfica sobre as exéquias do escritor brasileiro Arthur d'Azevedo	
23.11.1908	Capa: As manifestações a El-Rei no Porto	Capa remete a artigo interno	
23.11.1908	A viagem de El-rei ao Norte (74)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
30.11.1908	Capa: Typos populares do Norte	Capa remete a artigo interior	
30.11.1908	A viagem d'El-Rei ao Norte (47). O Bazar Photographico colabora com 1 clichê	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
30.11.1908	O circo por dentro (20)	Reportagem	
07.12.1908	Capa: El-Rei em Aveiro	Capa remete a artigo interior	
07.12.1908	A viagem d'El-Rei ao Norte (40)	Reportagem	
14.12.1908	Capa: duas realezas	Capa remete a artigo interior	
14.12.1908	A viagem d' El-Rei ao Norte (25). Colaboram com esta reportagem: Phot. Biel com 1 clichê, Cardozo com 1 clichê e Lima com 6 clichês.	Reportagem	
14.12.1908	A Festa da Infancia na Praça do Campo Pequeno (13). Lima colabora com 1 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
21.12.1908	Coluna Figuras e Factos (04)	Reportagem fotográfica	
21.12.1908	A viagem de El-Rei ao Norte (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
28.12.1908	Capa: O estado actual da política portuguesa: passos perdidos	Capa não remete a reportagem interior	*
28.12.1908	Coluna Figura e Factos (08)	Reportagem fotográfica	

O que apreende da verificação deste segundo semestre é o peso de Benoliel para a ILP. Quando por algum motivo tinha de se deslocar para cobrir reportagens como a viagem do Rei ao Norte a ILP ficava desfalcada de outras reportagens. Dando-nos a sensação de que Benoliel era um dos poucos fotógrafos da ILP, ou sobre quem pesava a responsabilidade de produzir clichês suficientes para “recheiar” toda a edição da revista que era semanal. Não parecia haver outro “coringa” na redação que conseguisse gerar clichês tão eficientemente e qwue fosse capaz de tornar a ausência de Benoliel imperceptível.

1º Semestre de 1909

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
04.01.1909	Não há clichê de Benoliel		
11.01.1909	O Concurso d'O Seculo de 1908. (02)	Reportagem fotográfica.	
18.01.1909	Não há clichê de Benoliel		
25.01.1909	Como estudam as nossas pianistas. (07) A Photographia Vasques colabora com 01 clichê.	Reportagem sobre pianistas portuguesas.	
25.01.1909	Um teatro que abate. (01)	Foto de página inteira sobre o desmornamento do Teatro Moderno, na Avenida D. Amelia.	
25.01.1909	Como Lisboa resiste ao progresso. (06)	Reportagem sobre não realização de projetos para a cidade.	
25.01.1909	A Sedução de Lisboa. (13) Colaboram para esta reportagem Benoliel, Camacho, Cardoso & Correia.	Crônica de João do Rio (escritor brasileiro), sobre Lisboa.	
01.02.1909	A Exposição Annual da Escola de Bellas Artes. (11)	Reportagem fotográfica.	
01.02.1909	Coluna Figuras e Factos. (04) De Benoliel apenas 01 clichê e de Avelino Barros 01, os demais sem identificação.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.02.1909	O Chá das cinco. (06)	Reportagem sobre comédia teatral.	
08.02.1909	Por encostas e ladeiras. (08)	Reportagem sobre elevadores e ascensores das ruas de Lisboa.	
08.02.1909	O pintor Alves Cardoso - a sua exposição. (08)	Reportagem sobre exposição.	
08.02.1909	O Duello Wenceslau de Lima - José D'Azevedo. (04)	Reportagem fotográfica.	
08.02.1909	A Comemoração Funebre da Sé. (01)	Fotografia de página inteira sobre o rei e a rainha saindo após exéquias de 1 de fevereiro	
08.02.1909	Guarda dos Archeiros. (15) Colaboram com esta reportagem: Benoliel, Bobone, Coutinho.	Reportagem sobre a guarda real.	
15.02.1909	A reunião do Partido Regenerador. (03)	Reportagem fotográfica.	
15.02.1909	Visita de El-Rei á Casa Pia. (03)	Reportagem fotográfica.	
15.02.1909	Pro Italia! O Concurso do Real Gymnasio. (03)	Reportagem fotográfica sobre atividades esportivas realizadas para arrecadar fundos para vítimas de terremoto na Itália.	
15.02.1909	A Festa Annual do Lactario. (04)	Reportagem fotográfica.	
22.02.1909	Affonso XIII de Hespanha - um rei que sabe reinar. (20)	Reportagem. De Benoliel apenas 01 clichê de página inteira.	
22.02.1909	A entrevista em Villa Viçosa. (08)	Reportagem sobre visita do rei de Espanha a Villa Viçosa.	

22.02.1909	Os Caminhos de Ferro do Estado - as oficinas do sul e sueste no Barreiro.	Reportagem.	Cx64n03 a Cx64n07, Cx64n11, Cx64n13
01.03.1909	Affonso XIII de Hespanha - um rei que sabe reinar. (16) Benoliel colabora com 01 clichê.	Reportagem.	
01.03.1909	Monumento do Duque de Saldanha. (04)	Reportagem fotográfica.	
01.03.1909	O escultor Moreira Rato - o seu projecto de monumento a João de Deus. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.03.1909	A abertura da Cortes. (01)	Foto de página inteira.	
08.03.1909	Os Ciganos. (17)	Reportagem	L050110, L0501n8, L0501n9, L0501n5, L05117, L05118, L0501n7, L05-111, L05114, L05115, L05119, L05120.
15.03.1909	Coluna Figuras e Factos. (04) Colaboram com esta reportagem: Benoliel, Nuevo Mundo, Photographia Vasques.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. De Benoliel são 02 clichês.	
15.03.1909	A morte do Duque de Loulé. (02)	Reportagem	
22.03.1909	Industria Nacional. (03)	Reportagem fotográfica sobre visita do rei a nova fabrica de refinação da Companhia de Assucar de Moçambique.	
22.03.1909	Navios ingleses no Tejo - El-Rei a bordo. (04)	Reportagem fotográfica.	
22.03.1909	Uma caçada aos javardos ²⁹⁸ . (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.03.1909	Os Postiços. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre peça teatral.	
29.03.1909	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica.	
29.03.1909	O Comicio do dia 21. (01)	Foto de página inteira.	
29.03.1909	Sociedade Silva Porto - a sua exposição. (07)	Reportagem fotográfica.	
29.03.1909	A Exposição de Aves no Parque Eduardo VII inaugurada no dia 18 de Março.	Reportagem fotográfica.	
29.03.1909	O duello Espregueira-Caeiro da Matta. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.03.1909	Mazzantini. (19)	Reportagem sobre o toureiro espanhol Luiz Mazzantini.	

²⁹⁸ Porco montês.

05.04.1909	Um grande logro - o Concurso do Monumento Comemorativo da Guerra Peninsular. (21)	Reportagem.	
05.04.1909	Theatro. (02) Um clichê de Benoliel e outro de Vasques	Reportagem	
05.04.1909	Coluna Sports. (09)	Reportagens fotográficas sobre diferentes eventos esportivos: Festa no Collegio Campolide, exercícios esportivos no quartel de engenharia, competições estudantis no Velódromo.	
12.04.1909	Coluna Figuras e Factos. (07) Colaboram com esta reportagem Benoliel com 02 clichês e Arnaldo Fonseca com 01 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
12.04.1909	M.me Juliette Adam em Lisboa. (03) Clichês de Benoliel e Vasques.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.04.1909	R. Theatro de S. Carlos - A Opera "Salomé". (01)	Foto de página inteira.	
12.04.1909	Coluna Sports. (08)	Reportagem fotográfica sobre competição de estudantes em Pavalhã.	
19.04.1909	O Congresso Pedagógico. (02)	Foto de página inteira com montagem das duas imagens.	
19.04.1909	Junot - embaixador em Lisboa. (20)	Reportagem	
19.04.1909	A Joia moderna em Portugal - João da Silva. (15)	Reportagem	
19.04.1909	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem.	
26.04.1909	O Congresso Municipalista. (18)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.04.1909	O Congresso Pedagógico. (12)	Reportagem.	
03.05.1909	A terra treme - o terremoto do dia 23. (13)	Reportagem sobre terremoto em Benavente.	*
03.05.1909	Lisboa Nova - o premio Valmôr de 1909. (02) Imagens de Benoliel e de Bobone	Foto de página inteira com montagem das duas imagens.	
03.05.1909	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
03.05.1909	Quadros Novos. (21)	Reportagem sobre pintura.	
03.05.1909	Um inventor portuguez - o Aeroplano Gouveia. (10)	Reportagem.	
03.05.1909	O Congresso Municipal. (06)	Reportagem fotográfica.	
10.05.1909	Capa: A Senhora da Paz no acampamento de Benavente.	Capa remete à reportagem interior.	
10.05.1909	O grande escriptor francez Anatole France passa em Lisboa. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.05.1909	Vida Parlamentar - o duello Moreira-Junior-Caeiro da Matta. (06)	Reportagem fotográfica.	
10.05.1909	O duello Mello Barreto - Rodrigues Nogueira. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

10.05.1909	Coluna Figuras e Factos. (07) Colaboram com esta reportagem Benoliel, Fernandes, Delius, CH. Abeniagar.	Reportagem sobre diferentes acontecimentos. De Benoliel são 03 clichês.	
10.05.1909	Através dos escombros do Ribatejo - o terremoto de 23 d'abril. (47) Dr. Samuel Maia colaborou com 03 clichês.	Reportagem fotográfica sobre vítimas do terremoto. Todo o número desta edição é praticamente dedicado a esta reportagem.	
17.05.1909	Um trabalho que mata. (08)	Reportagem sobre trabalhadores em pedreira fabricando cal.	
17.05.1909	A tourada do dia 6 em beneficio das victimas do terremoto. (08)	Reportagem fotográfica.	
17.05.1909	O athleta Manuel da Silveira - recordman do mundo. (12) Colaboram com esta reportagem Benoliel, Vidal & Fonseca.	Reportagem sobre campeão de halterofilismo. De Benoliel são 10 clichês.	
17.05.1909	Junot Governador de Lisboa. (22). Colaboram nesta reportagem Benoliel, Phot. J. Barcia, Vasques.	Reportagem. De Benoliel apenas 01 clichê, sendo que a maioria das imagens são litogravuras e gravuras.	
24.05.1909	O Concurso Hippico. (14)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
24.05.1909	Blasco Ibañez em Lisboa. (05)	Reportagem sobre literata espanhol.	
24.05.1909	O 4º Ministerio do Novo Reinado. (01)	Foto de página inteira.	
31.05.1909	Capa: Uma curveta pelo cavallo "Elmo".	Capa remete à reportagem interior.	
31.05.1909	Um inventor portuguez - o aeroplano Gouveia. (14) Colaboram com esta reportagem Benoliel, Neves, Vasques.	Reportagem.	
31.05.1909	O Concurso Hippico. (32)	Reportagem	
31.05.1909	O Concurso Hippico - as últimas provas. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
07.06.1909	Arte e Artistas - em casa de Roque Gameiro. (11)	Reportagem sobre pintor.	
07.06.1909	No Salão da "Ilustração Portuguesa". (01)	Foto de página inteira.	
07.06.1909	A Batalha de Flores. (11)	Reportagem fotográfica.	
07.06.1909	A Febre Amarella - os doentes do "Lanfranc" no Lazareto. (04)	Reportagem fotográfica sobre chegada de vapor com doentes.	
07.06.1909	No Hippodromo a revista de cavallaria. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.06.1909	O bando precatório dos estudantes. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre cortejo de alunos angariando doações para as vítimas do terremoto de Benavente.	
14.06.1909	Machaquito no Campo Pequeno. (06)	Reportagem fotográfica sobre tourada com o toureiro espanhol Rafael Gonzalez.	

14.06.1909	Taça Lisboa - a Regata de Remos. (09)	Reportagem fotográfica.	
14.06.1909	No Velodromo de Pavalhã. (04)	Reportagem fotográfica.	
14.06.1909	Raça Turina - o Concurso do Campo Grande. (06)	Reportagem fotográfica sobre gado bovino.	
21.06.1909	A Bateria 5 de Queluz. (07) Mr. Chusseau Flavien colabora com 01 clichê	Reportagem fotográfica sobre visita de El-Rei à Bateria de Queluz.	
21.06.1909	A Procissão do Corpo de Deus. (02)	Reportagem fotográfica sobre o dia de Corpus Christi.	
21.06.1909	No Castello de S. Jorge - a festa de Caçadores 5. (05) Mr. Chusseau Flavien colabora nesta reportagem	Reportagem fotográfica	
21.06.1909	No Campo Pequeno a Festa de Manuel Casimiro. (07)	Reportagem fotográfica sobre tourada.	
21.06.1909	No Velodromo - vence o Collegio Militar. (06)	Reportagem fotográfica.	
28.06.1909	O elogio de D. Carlos na Academia. (03)	Reportagem fotográfica.	
28.06.1909	Coluna Sports. (03)	Reportagem sobre amazonas portuguesa.	
28.06.1909	A Exposição de Ceramica de Manuel Gustavo. (08)	Reportagem.	

A colaboração neste período de outros fotógrafos vinha, por exemplo, de: Fernandes, Vidal & Fonseca, Phoptographia Allemã, Vasques, Ch. Delius, M. Branger, Camacho, Cardoso & Correia, Gabriel Tinoco, Lima, Arnaldo Fonseca (que aparece com diferentes reportagens ao exterior: Rio de Janeiro, Espanha, etc).

Neste semestre Benoliel colabora com 624 clichês e 02 capas.

2º Semestre de 1909

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
05.07.1909	O incendio da Rua da Magdalena - é addiado o julgamento. (16) De Benoliel são 14 clichês, sendo 02 de vitimas carbonizadas e fotografadas pelo dr. Silva Amado.	Reportagem fotográfica sobre julgamento de acusados de incêndio ocorrido em 1907.	
05.07.1909	A Corrida de Beneficencia. (14)	Reportagem fotográfica sobre tourada.	
12.07.1909	Capa: Na Eira: Acarretando o pão	Capa remete a reportagem interior.	
12.07.1909	O Duello e a Briga em Portugal. (14)	Reportagem. Maioria das imagens são reproduções de gravuras.	
12.07.1909	Campeonato de Lawn Tennis. (04)	Reportagem fotográfica.	
12.07.1909	As Debulhas. (09)	Reportagem sobre colheita do trigo.	*
12.07.1909	O grande incendio de Chellas. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.07.1909	Centenário da Guerra Peninsular - a viagem regia ao Porto... Em Amarante. (06)	Reportagem fotográfica.	
12.07.1909	O Salão Nobre na Academia Real das Sciencias. (07)	Reportagem	
12.07.1909	A Regata dos marinheiros da Armada. (06)	Reportagem fotográfica.	
19.07.1909	Capa: A comemoração da guerra peninsular no Porto: o rei e o bispo na cerimonia do lançamento da primeira pedra do monumento.	Capa remete à reportagem interior.	
19.07.1909	Guerra Peninsular - as comemorações de Amarante e do Porto. (27)	Reportagem.	
26.07.1909	Capa: O Macaco Moritz: "Frum frum, que vou para Angola".	Capa remete a artigo interior.	
26.07.1909	Moritz I - o Rei dos Macacos. (17)	Reportagem sobre macaco adestrado	Cx212n05
26.07.1909	O julgamento de Magdalena - novo adiamento. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.08.1909	Capa: Nas Caldas: Vendedora de pinhões em dia de mercado.	Capa remete à reportagem interna.	
02.08.1909	A Esquadra Ingleza. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.08.1909	A manifestação do Cemitério dos Prazeres. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre peregrinação anual de populares ao túmulo de uma criança morta: Sarah de Mattos.	
02.08.1909	A Cantina Escolar de Alcantara. (07)	Reportagem fotográfica.	

09.08.1909	Esquadra Ingleza em Lisboa. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
09.08.1909	As cantinas escolares ²⁹⁹ . (03)	Reportagem.	
09.08.1909	Contra os Frades. (18) Bobone colabora com 02 clichês.	Reportagem sobre comícios de manifestação contra instituições religiosas nos país.	
16.08.1909	A casa do Sr. Lopes Roberts. (10)	Reportagem sobre residência de chefe de legação espanhol.	
16.08.1909	No paiz do vinho a Revista da Trindade. (10) Colaboram com esta reportagem: Benoliel, Vasques, Fernandes.	Reportagem fotográfica. De Benoliel apenas 01 clichê.	
16.08.1909	O Tesouro Sacro da Casa Real. (11)	Reportagem.	
16.08.1909	A Regata do Real Club Naval de Lisboa. (06)	Reportagem fotográfica.	
23.08.1909	Capa: Fazendo compras na feira.	Capa não remete para artigo interior.	
23.08.1909	Coluna Figuras e Factos. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.08.1909	Como se funde o aço. (13)	Reportagem sobre o trabalho de fundição.	
23.08.1909	O Principe de Mônaco em Lisboa. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.08.1909	Na praia das Maçãs - uma festa elegante. (14)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre aniversário do neto da duqueza de Palmella.	
30.08.1909	Feiras Portuguesas - a Feira das Caldas. (17)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	Cx173n13 / Arq.
30.08.1909	Um submarino no Tejo. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.08.1909	No Cassino do Monte Estoril. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.08.1909	O Aquario. (18) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (14), J. Rhodes (01), Anthero de Seabra (03).	Reportagem sobre instalações e trabalho de coleta de espécies para o Aquário Vasco da Gama.	
06.09.1909	O Sport no Exercito - uma partida de foot-boll em Mafra. (03)	Reportagem fotográfica.	
06.09.1909	Os exercicios finaes da Escola Pratica de infantaria, em Mafra. (07)	Reportagem.	
06.09.1909	As Festas Híppicas das Caldas da Rainha. (11)	Reportagem fotográfica.	
13.09.1909	As Festas Híppicas das Caldas da Rainha. (22)	Reportagem fotográfica.	
13.09.1909	O enterro da senhora Duqueza de Palmella. (05)	Reportagem fotográfica.	
20.09.1909	Os banhos de creanças pobre na Trafaria. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

²⁹⁹ Empreendimento do Jornal "O Século" de construção de cantinas escolares nos estabelecimentos de ensino.

27.09.1909	Capa: Mademoiselle Flora Cardoso distribuindo o pão a crianças nos banhos da Trafaria.	Capa remete à reportagem interior.	
27.09.1909	As Juntas de Parochia de Lisboa continuam levando aos banhos da Trafaria as crianças pobres da cidade. (06)	Reportagem fotográfica.	
27.09.1909	A alimentação que o mar nos pode dar. (28) Colaboram nesta reportagem: Benoliel (25), Arnaldo Fonseca (01), Lima (01), Antonio Maria Lopes (01).	Reportagem.	*/ Arq.
27.09.1909	A travessia do Tejo a nado. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.10.1909	A Festa de Domingo no Sporting Club de Cascaes. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.10.1909	Coluna figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de dois pequenos textos: um sobre torneio de esgrima e outro sobre rapaz português de 2,08m de altura.	
04.10.1909	As Exequias por alma de D. Pedro IV na Sé. (01)	Foto de página inteira.	
11.10.1909	Coluna figuras e Factos. (04) Colaboram Benoliel (01), Cardoso (01) e Branjer (01), João Azevedo (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Pela primeira vez se introduz uma foto colorida de página inteira com uma técnica chamada trichromia.	
11.10.1909	A Colonia Balnear do recolhimento de s. Pedro D' Alcantara. (05)	Reportagem fotográfica.	
18.10.1909	Lisboa subterranea - As Thermas Romanas da Rua da Prata. (16)	Reportagem	Arq.
18.10.1909	A Exposição dos meios de transporte Coloniaes. (02)	Reportagem fotográfica.	
18.10.1909	Um five-o'clock da Colonia Israelita nos jardins da sinagoga. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a festa de <i>suachot</i> (ou tabernáculos).	
18.10.1909	A Semana de Cascaes - a Regata. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.10.1909	O Campeonato de Law-Tennis. (04)	Reportagem fotográfica.	
18.10.1909	A viagem do Estado Maior - El-Rei em Leiria. (06)	Reportagem fotográfica.	
25.10.1909	Concurso Híppico no Estoril. (06)	Reportagem fotográfica.	
25.10.1909	A primeira experiencia de aviação em Lisboa. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.10.1909	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos. Um sobre os novos quiosques de venda do Jornal O Século, outros sobre o novo Liceu Camões.	

01.11.1909	A partida de S. A. Senhora Duqueza D'Aosta para a Madeira. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.11.1909	A Kermesse no parque Gandarinha em Cascaes. (21)	Reportagem fotográfica.	
01.11.1909	Incendios e explosões. (05)	Reportagem fotográfica.	
08.11.1909	A Exposição de Crysanthemos na Camara Municipal. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.11.1909	Coluna Figuras e Factos. (04) Colaboram com esta reportagem Benoliel (01), Phot. Oliveira d'Almeida (01), Fonseca & Cia (01), Emilio Biel & Cia. (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.11.1909	O Sudario da Madre de Deus.	Reportagem.	
08.09.1909	O Baptizado de umfilho de Little Walter. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.11.1909	A viagem do chefe do Estado ás côrtes de Hespanha e de Inglaterra. (23) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (19), Vasques (03), Bobone (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
22.11.1909	O Rei de Portugal em Madrid. (41)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
29.11.1909	A Viagem Real - El-Rei D. Manuel em Toledo. (32)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
29.11.1909	A Viagem Real - a visita ao Escorial. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
29.11.1909	A viagem para a Inglaterra. (07)	Reportagem fotográfica. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
29.11.1909	A viagem para a Inglaterra - em Ports Mouth. (14)	Reportagem fotográfica. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
29.11.1909	El-Rei D. Manuel em Windsor. (23)	Reportagem fotográfica. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
29.11.1909	O incendio da Magdalena - o Julgamento. (09) Colaboram com esta reportagem: Benoliel, Lima e Novaes.	Reportagem.	
06.12.1909	A Viagem Real - a recepção de Guid-Hall. (35)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	

06.12.1909	A Viagem Real - a visita a Eton School. (04)	Reportagem fotográfica. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
06.12.1909	A Viagem Real - a visita a Beaumon-School. (05)	Reportagem fotográfica. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
06.12.1909	A Viagem Real - a visita ao Qaartel dos Scots-Cuards. (04)	Reportagem fotográfica. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
06.12.1909	A Viagem Real - El Rei em Londres. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Benoliel vai como enviado especial da Ilustração Portuguesa.	
13.12.1909	Não há clichê de Benoliel.		
20.12.1909	A Grande Viagem de Circumnavegação do Cruzador "S. Gabriel". (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
20.12.1909	Um trecho da Bohemia em Lisboa. (14)	Reportagem sobre ciganos.	
27.12.1909	Carreira de uma grande atriz - Lucinda Simões. (18) Colaboram nesta reportagem: Benoliel (16), Bobone (01) e Luciano Simões (01)	Reportagem.	
27.12.1909	O Natal dos bebés. (03) De Benoliel apenas 01 clichê e Dellius 02.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

Fotógrafos colaboradores neste semestre: Cardoso & Correia, Phot. Fernandes, Bobone, Arnaldo Fonseca, amador João Azevedo, Vasques, Félix, Novaes, J. Azevedo.

De Benoliel são 711 clichês e 6 capas.

1º Semestre de 1910

Data de Publicação	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
03.01.1910	Portugal devastado pelas águas - os grandes temporais de Dezembro. (28)	Reportagem fotográfica sobre inundações em Lisboa e Porto	*
03.01.1910	A Legação de Itália - antes e depois do incêndio (23). Há fotos da Phot. Achilles, mas não se identificam quais são.	Cobertura jornalística e fotográfica sobre incêndio na embaixada da Itália, onde se perderam muitos objetos de arte.	
10.01.1910	Capa: A cheia do Douro Caes da Ribeira	Capa remete para artigo em interior da revista	
10.01.1910	A cheia do Douro. (28)	Reportagem fotográfica.	*
10.01.1910	A cheia do Tejo. (12)	Reportagem fotográfica	*
10.01.1910	Uma festa infantil em casa do Sr. João Baptista Dotti. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto funcionando como nota social.	
10.01.1910	A abertura do Parlamento	Reportagem fotográfica	

10.01.1910	A manifestação da associação dos lojistas á Camara Municipal de Lisboa. (06)	Reportagem fotográfica	
10.01.1910	A explosão da Rua de S. Julião (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequena nota sobre uma explosão de gás.	
10.01.1910	Operários e patrões (01)	Reportagem fotográfica com uma foto de página inteira dos trabalhadores de Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense e seus diretores.	
17.01.1910	Coluna Figuras e Factos (04) Apenas 01 e Benoliel	Coluna de personalidades e eventos.	
17.01.1910	El-Rei em Infantaria 16 (04)	Reportagem fotográfica com pequeno texto	
24.01.1910	As Revistas do Anno - actualmente em scena nos theatros de Lisboa (18)	Reportagem jornalística e fotográfica sobre espetáculos em Lisboa	
24.01.1910	Como acaba o 1º acto de um drama judiciario (05)	Reportagem fotográfica sobre os implicados em roubo do cartuchame da Alfândega	
31.01.1910	-	Imagem de página inteira com a seguinte legenda: "A entrada da esquadra franceza em Lisboa na manhã de 19 de Janeiro".	
31.01.1910	A Divisão Naval do Almirante Aubert no Tejo (07)	Reportagem fotográfica contendo pequeno texto.	
31.01.1910	Os implicados no crime de cascaes (06)	Reportagem jornalística e fotográfica sobre um crime.	
31.01.1910	O grande Match de Foo-ball (07)	Reportagem fotográfica, contendo pequeno texto.	
31.01.1910	Coluna Figuras e Factos (03)	Reportagem jornalística e fotográfica. Pequenos textos acompanhando as imagens.	
07.02.1910	O 2º anniversario do regicidio reuñem os dirigentes do partido republicano. (09)	Reportagem jornalística e fotográfica.	
14.02.1910	A recita de amadores no Theatro D. Maria. (05)	Reportagem sobre evento social.	
14.02.1910	O entrudo de 1910. (18)	Reportagem fotográfica.	*
21.02.1910	A feira do Diabo - de Eduardo Schwalbach no Theatro D. Amelia (10)	Reportagem sobre espetáculo.	
21.02.1910	Coluna Figuras e Factos (03)	Reportagem sobre acontecimentos culturais	
21.02.1910	Coluna Figuras e Factos (04)	Crianças plantando árvores.	
21.02.1910	O baile infantil do Theatro D. Maria (16)	Reportagem sobre baile à fantasia infantil. Reportagem com muitos efeitos de montagem fotográfica.	

28.02.1910	Coluna Figuras e Factos (03)	Dos clichês apenas 01 pertence a Benoliel.	
07.03.1910	A visita de El-Rei à Alfandega de Lisboa (03)	Reportagem sobre visita.	
07.03.1910	Uma obra prima de Malhõa (02)	Reportagem sobre o pintor José Malhõa (pintor de fados)	
07.03.1910	Exposição de João Vaz (05)	Reportagem sobre os quadros de João Vaz sobre marinhas.	
07.03.1910	Bartolozzi em Portugal (20)	Reportagem sobre artista italiano.	
14.03.1910	A eleição presidencial da Republica do Brasil (02)	Reportagem sobre o novo presidente da República do Brasil: Marechal Hermes da Fonseca.	
14.03.1910	Coluna Figuras e Factos (05)	Cobertura de diferentes eventos, sendo de Benoliel apenas 02 clichês, um sobre acidente envolvendo um elétrico e outro sobre grupo de sérvios em passagem por Lisboa.	
14.03.1910	O terror do anarquismo (05)	Italianos a bordo de navio suspeitos de anarquismo.	
21.03.1910	Coluna Vida elegante ³⁰⁰ - uma grande festa mundana (12) Colaboram com Benoliel nesta reportagem Vidal & Fonseca e Bobone.	Reportagem sobre evento social. De Benoliel são apenas 03 clichês.	
21.03.1910	Os actores reclamam (06)	Reportagem sobre reclamações trabalhistas de atores teatrais nas temporadas portuguesas.	
21.03.1910	A "Santa Inquisição" no Theatro D. Amelia. (01)	Imagem de página inteira acompanhada de pequeno texto.	
28.03.1910	Quanto custam os padres. (13)	Reportagem sobre custos e gastos da Igreja. Reportagem recheada de montagens e de desenhos.	
28.03.1910	Um grande exito theatral - a Santa Inquisição - de Julho Dantas no Theatro D. Amelia (23). Colaboraram nesta reportagem os fotógrafos Vasques, Fernandes, Phot. Allemã, Cardoso & Correia.	Reportagem sobre a produção teatral exibida na cidade. De Benoliel são 04 clichês.	
28.03.1910	El-Rei o Snr. D. Affonso e a comitiva real á sahida ... na Sé (01)	Imagem tomando duas páginas e título funcionando como legenda.	
28.03.1910	O juramento do herdeiro presumptivo (07)	Reportagem sobre o juramento de El-Rei.	
28.03.1910	A morte de um grande actor - João Rosa. (07). Bobone colabora em 01 clichê nesta reportagem.	Reportagem sobre os funerais de João Rosa.	
28.03.1910	A desforra do Carcavellos Club (04)	Reportagem esportiva.	

³⁰⁰ Coluna quinzenal de vida mundana em Lisboa

28.03.1910	A festa militar do corpo de marinheiros (10)	Reportagem sobre exercícios de marinheiros em festa militar.	
04.04.1910	As legações estrangeiras em Lisboa - a legação da Argentina (10). Colabora com Benoliel em 01 clichê o fotógrafo A. Futami.	Reportagem sobre interior da embaixada Argentina em Lisboa.	
04.04.1910	Cincoenta annos de teatro - a festa do actor Queiroz. (03) O fotógrafo Fernandes colabora com 01 clichê.	Reportagem sobre festa de despedida do teatro do ator Queiroz.	
04.04.1910	A commemoração do centenario de Alexandre Herculano. (05)	Reportagem fotográfica.	
04.04.1910	O comicio contra o juiso de instrucção criminal. (03)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
04.04.1910	A partida de foot-ball entre os jogadores do Porto e de Lisboa. (04)	Reportagem sobre jogo.	
04.04.1910	Coluna Vida Elegante - chronica quinzenal da vida mundana de Lisboa. (05) As Officinas Photographicas colaboram com 02 clichês	Reportagem sobre acontecimentos sociais.	
04.04.1910	A primeira tourada de 1910. (03)	Reportagem.	
11.04.1910	O torneio de cricket em Carcavellos (05)	Reportagem esportiva	
11.04.1910	A festa sportiva no Quartel de Engenharia. (10)	Reportagem de competições esportivas.	
11.04.1910	Machaquito no Campo Pequeno (08)	Reportagem fotográfica sobre tourada com pequeno texto. Imagens procuram ser seqüência de um lance	
18.04.1910	O prodigio do Hercules açoriano. (04)	Reportagem sobre demonstração de força de açoriano.	
18.04.1910	Bienvenida e Machaquito no Campo Pequeno. (14)	Reportagem sobre tourada com imagens de melhores momentos.	
18.04.1910	Um grande artista Augusto Rosa. (25). Colaboraram com clichês para esta reportagem além de Benoliel, Bobone, A. Heitor (do Rio de Janeiro), Fernandes.	Reportagem. De Benoliel são 04 clichês.	
18.04.1910	Coluna Figuras e Factos. (05).	De Benoliel apenas 02 clichês. Um sobre o comício promovido pela associação de caixeiros de Lisboa e o outro sobre a nova sucursal do jornal "O Século".	
18.04.1910	A partida do D. Carlos para a Argentina. (02)	Reportagem.	

26.04.1910	Rendas portuguesas - a exposição da Exma Sra D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro. (12)	Reportagem	*
26.04.1910	O juramento dos recrutas em Infantaria - 1. (09)	Reportagem	
26.04.1910	Coluna Figuras e Factos. (07)	De Benoliel apenas 02 clichês.	
26.04.1910	Uma festa á "Chantecler". (01)	Foto de página inteira.	
02.05.1910	A sessão parlamentar de 22 de Abril. (02)	Reportagem fotográfica.	
02.05.1910	Saleri, Cocherito de Bilbao no Campo Pequeno. (14)	Reportagem com imagens de melhores momentos.	
02.05.1910	A Missa Campal em Artilharia 1 - o capelão levantando a Deus. (09)	Reportagem sobre evento.	
02.05.1910	Uma feira de gado. (01)	Foto de página inteira.	
09.05.1910	O match de foot-ball no Lumiar (05)	Reportagem fotográfica.	
09.05.1910	O centenário de Alexandre Herculano no Porto. A comemoração em Lisboa. (20)	Reportagem.	
09.05.1910	O torneio das escolas de Lisboa no velódromo de Pavalhã. (05)	Reportagem fotográfica	
09.05.1910	Fuentes no Campo Pequeno (09)	Reportagem fotográfica sobre tourada	
09.05.1910	O ventre de Lisboa (15)	Reportagem sobre a alimentação do lisboeta	Arquivo
09.05.1910	Pela primeira vez Lisboa vê homem voar... (08)	Reportagem fotográfica.	
16.05.1910	Coluna Vida Elegante - Chronica quinzenal da vida mundana de Lisboa. (11) Colaboram com esta reportagem os fotógrafos Vidal & Fonseca e Vasques.	Crónica ilustrada. De Benoliel são 04 clichês.	
16.05.1910	Touradas - reaparição dos cavaleiros Adelino Raposo e Morgado Covas. (10)	Reportagem, com destaque de imagens para melhores lances da tourada e detalhes da platéia.	
16.05.1910	A exposição de rosas dos jardins da Camara Municipal. (06)	Reportagem.	
16.05.1910	O Presidente da Republica do Brasil em Lisboa. (02)	Foto de duas páginas apenas com legenda.	
16.05.1910	Coluna Figuras e Factos. (04). Imagens de Benoliel e Phot. Allemã.	Coluna de eventos sociais. De Benoliel 01 clichê.	
16.05.1910	A exposição da Associação dos Jardineiros na garage da Sociedade Portuguesa de Automoveis. (03)	Reportagem.	
23.05.1910	A Companhia de Zarzuela do Theatro D. Amelia (02)	Reportagem fotográfica.	
23.05.1910	Pazos e Fuentes no Campo Pequeno. (05)	Reportagem fotográfica de tourada.	

30.05.1910	Os officios funebres por alma de Eduardo VII na Egreja de S. Jorge em Lisboa. (03)	Reportagem sobre os officios fúnebres ao Rei da Inglaterra.	
30.05.1910	Coluna Vida Elegante - Chronica quinzenal da vida mundana em Lisboa. (13) Colaboram nesta reportagem Benoliel e Vasques.	Reportagem sobre evento teatral. De Benoliel são (02)	
30.05.1910	Uma iniciativa da Sociedade Hippica Portuguesa - o mercado de cavallos no Parque de Pavalhã. (03)	Reportagem fotográfica.	
06.06.1910	Os peloutiqueiros em Lisboa. (10)	Reportagem	Arq.
06.06.1910	A Regata da Taça Lisboa em que ficou vencedora a Real Associação Naval. (05)	Reportagem fotográfica.	
06.06.1910	A corrida de Marathona. (04). Clichês de Benoliel e Senna Cardoso	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.06.1910	O primeiro dia do Concurso Hippico. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.06.1910	A Procissão de Corpo de Deus em 1910. (01)	Reportagem fotográfica com imagem de página inteira.	
06.06.1910	Relampaguito e Bienvenida no Campo Pequeno. (08)	Reportagem fotográfica sobre tourada.	
13.06.1910	Capa: O tenente Casal Ribeiro, vencedor do "Premio de Lisboa" saltando o <i>val pum</i> no seu cavallo <i>Gauthois</i>.	Capa remete a artigo interior.	
13.06.1910	O Concurso Hippico em Pavalhã. (27)	Reportagem.	
13.06.1910	A receita de amores em D. Maria. (05)	Reportagem sobre espetáculo teatral.	
13.06.1910	Concurso Hippico - o Grande Premio de Lisboa. (07)	Reportagem.	
13.06.1910	O duello de Affonso Costa - Alexandre D' Albuquerque. (04)	Reportagem fotográfica.	
13.06.1910	Concurso de Pecuária do Campo Grande. (03)	Reportagem	
13.06.1910	A festa da legação da Argentina. (11) Vasques contribui com 01 clichê.	Festa comemorativa do centenário de independência da Argentina. Imagens mostram local vazio, mas decorado.	
13.06.1910	Os bastidores de uma procissão - o S. Jorge do Corpo de Deus. (12)	Reportagem.	
20.06.1910	O Concurso Hippico de Pavalhã (continuado do n° antecedente). (31)	Reportagem.	

20.06.1910	O Theatro de Amadores. (23). Colaboram nesta reportagem Vasques e Benoliel.	Reportagem. De Benoliel são 02 clichês.	
20.06.1910	A Festa de José Bento. (05)	Reportagem sobre tourada.	
20.06.1910	As Festas Populares dos Jogos Olympicos. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
27.06.1910	A Guarita. (08)	Reportagem sobre usos e funções das guaritas. De Benoliel apenas 01 clichê, demais são da Delius.	
27.06.1910	A Semana D' Armas Portugueza. (13)	Reportagem sobre esgrima.	
27.06.1910	Os Premios do Heroismo. (02)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
27.06.1910	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica.	
27.06.1910	O Match de tennis na Tapada D' Ajuda. (04)	Reportagem fotográfica sobre jogo de ténis feminino.	
27.06.1910	A Festa Sportiva na Escola Acadêmica. (06)	Reportagem.	
27.06.1910	A revista militar no Hippodromo. (06)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	

O ano de 1910 se inicia com a introdução de capas em cores numa espécie de pintura.

Observa-se também sensível diminuição do número de páginas da revista e uma participação maior de fotógrafos profissionais e amadores.

Nomes de fotógrafos utilizados pela Ilustração para reportagens do estrangeiro: Delius, Word's Graphic Press

Benoliel continua ainda assim com uma contribuição semelhante a semestres anteriores: 743 clichês e 02 capas.

2º Semestre de 1910

Data	Tema / nº de clichês	Assunto	Nº
04.07.1910	O Concurso de Cavalleiros Tauromachicos no Campo Pequeno. (07)	Reportagem fotográfica com pequeno texto sobre tourada.	
04.07.1910	O torneio da Taça Penha Longa. (07)	Reportagem sobre torneio de esgrima.	*
04.07.1910	Exposição Alberto Silva no Salão da Ilustração Portuguesa. (05)	Reportagem sobre exposição de pintura.	
04.07.1910	Uma bateria de pé de guerra - os exercicios de artilharia 1 em Belém. (06)	Reportagem sobre exercicios militares.	*
11.07.1910	O novo ministério. (07)	Reportagem sobre o Ministério Parlamentar.	
11.07.1910	O Presidente eleito da Republica Argentina em Lisboa. (02)	Reportagem.	
11.07.1910	A festa dos cavalleiros Manuel e Jose Casemiro. (11)	Reportagem fotográfica com pequeno texto sobre tourada.	
11.07.1910	O Comicio Republicano do dia 3 de Julho. (03)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	*?
11.07.1910	A visita de El-Rei ao Lyceu Camões. (03)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
18.07.1910	Capa: Um aspecto das tribunas na corrida de automoveis.	Capa remete a reportagem interna.	
18.07.1910	Uma escultora portugueza - D. Ada da Cunha. (06)	Reportagem	
18.07.1910	A corrida de automoveis e motocicletas. (21)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	Arq.
18.07.1910	Mulheres Artistas - Adelaide Lima Cruz. (04)	Reportagem sobre pintora.	
25.07.1910	Um philosopho - João de Freitas Branco. (13)	Reportagem	
25.07.1910	Os campos salgados das Lezirias. (13)	Reportagem sobre trabalho de agricultura em solo salgado.	
25.07.1910	Coluna Figuras e Factos. (04). De Benoliel apenas 01 clichê.	Reportagem de eventos culturais.	
01.08.1910	A Seda. (13)	Reportagem sobre a produção da seda.	
01.08.1910	Os novos quadros do Museu Nacional de Bellas Artes. (03)	Reportagem.	
01.08.1910	A festa dos Sport Lisboa e Bemfica. (08)	Reportagem sobre festa esportiva com diferentes competições.	
01.08.1910	Coluna Figuras e Factos. (08) De Benoliel são 05 clichês.	Reportagem sobre eventos sociais e culturais.	
08.08.1910	O duello Beltrão-Solano. (04)	Reportagem	
08.08.1910	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica	
15.08.1910	Como se faz uma professora. (20)	Reportagem	
15.08.1910	O Match de Cricket em Carcavellos. (05)	Reportagem fotográfica.	

15.08.1910	Coluna Figuras e Factos. (06) De Benoliel são 03 clichês.	Reportagem fotográfica. As imagens de Benoliel são sobre a vacinação contra a epidemia de variola em Lisboa.	
15.08.1910	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem sobre as novas sucursais do Jornal O Século.	
22.08.1910	Coluna Figuras e Factos. (04) De Benoliel são 03 clichês	Imagens de Benoliel são sobre vinda de gado bovino para abastecimento de Lisboa.	
22.08.1910	Lerroux em Lisboa. (01)	Visita de Alberto Lerroux, democrata espanhol. Reportagem fotográfica.	
22.08.1910	Tempo de melancias. (06)	Reportagem	Arq.
22.08.1910	A corrida de natação da Real Associação Naval. (04)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
29.08.1910	As hecatombes da Tuberculose. (19)	Reportagem	
29.08.1910	Os exercicios na Escola de Cavallaria. (09)	Reportagem	
29.08.1910	Coluna figuras e Factos. (07) De Benoliel são 04 clichês.	Imagens sobre um incêndio e uma visita oficial.	
05.09.1910	A entrega das insignias da Aguia Negra. (08)	Reportagem sobre condecoração prussiana	
05.09.1910	Toros de Puntas em Alfeizeirão. (10)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
05.09.1910	As eleições em Lisboa. (08)	Reportagem.	
05.09.1910	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
12.09.1910	Uma embaixada inglesa em Lisboa. (05)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
12.09.1910	Luctuosa. (03)	Reportagem sobre a morte de Zofimo Consiglieri Pedroso, democrata.	
19.09.1910	Capa: No concurso hippico das Caldas: Salto de sebe por um campino.	Capa remete para reportagem interior.	
19.09.1910	Concurso Hippico nas Caldas da Rainha. (17)	Reportagem.	
19.09.1910	Uma merenda operaria. (03)	Reportagem sobre pic-nic dos operários da fábrica de louça de Sacavém.	
26.09.1910	Capa: A volta do fundo do mar.	Capa remete para artigo no interior da revista.	
26.09.1910	O mergulhador. (13)	Reportagem. Muito boas imagens! Bonita foto só das botas, parte do equipamento do mergulhador.	
26.09.1910	Em duas horas emeia substitue-se uma ponte. (09)	Reportagem acompanhando a substituição de uma ponte em Sacavém.	

26.09.1910	Ar, Sol e Agua. (06)	Reportagem fotográfica sobre banhos de mar na Trafaria (parte de programa de atendimento a menores carentes do Jornal O Século).	
26.09.1910	Uma festa em Seteas. (07)	Reportagem.	
03.10.1910	No Bussaco - o centenario d'uma grande victoria. (08)	Reportagem fotográfica sobre comemorações do centenário da Batalha contra as tropas de Massena em 1810.	
03.10.1910	Lisboa Porto Postal. (08)	Reportagem sobre o Porto de Lisboa.	
03.10.1910	Coluna Figuras e Factos. (02)	Reportagem fotográfica. Imagem das exéquias de D. Pedro IV e de sessão de abertura do Parlamento.	
03.10.1910	Os novos pares do reino. (16) Quadro de retratos dos conselheiros do reino. Colaboram diferentes fotógrafos: Benoliel, Biel, Bobone, Vidal & Fonseca.	De Benoliel são 02 clichês.	
10.10.1910	Os frades da Aldeia da Ponte. (11) Colaboram nesta reportagem: Benoliel, J. Fernandes, Ayres.	Reportagem. De Benoliel são 02 clichês.	
10.10.1910	Reivindicações Operarias. (08)	Reportagem sobre greve dos corticeiros (ligados à ind. de cortiças para rolhas), e outras categorias relacionadas como: tanoeiros e garrafeiros.	Arq.
10.10.1910	O assassinato do Dr. Miguel Bombarda. (01)	Reportagem fotográfica de página inteira.	
10.10.1910	A Proclamação da Republica. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	*?/ Arq
10.10.1910	O Marechal Hermes da Fonseca em Lisboa. (08)	Reportagem sobre visita do Presidente do Brasil	
10.10.1910	Como aborta uma conspiração. (11)	Reportagem sobre como atuaria "a polícia secreta".	*?/ Arq
17.10.1910	A Familia Real em Gibraltar (01)	Reportagem fotográfica de página inteira.	
17.10.1910	Como se proclamou a Republica em Portugal. (25). Colaboram nesta reportagem Benoliel e Bertrand.	Reportagem. De Benoliel são 08 clichês.	*?/ Arq
17.10.1910	Urnas com os corpos dos srs. dr. Miguel Bombarda e Candido Reis. (01)	Reportagem fotográfica de página inteira.	
24.10.1910	Capa: A senhora condessa de Penha Longa na sua escola com o sr. ministro da Justiça.	Capa remete para reportagem interna.	
24.10.1910	O chefe do Governo Provisorio. (16)	Reportagem	

24.10.1910	O Ministro da Justiça e as Congregações Religiosas - visitas aos hospícios do Telhal e Idanha e á Escola Penha Longa. (05)	Reportagem	
24.10.1910	Os funeraes nacionaes de Miguel Bombarda e Candido Reis. (15)	Reportagem.	
24.10.1910	Antonio José D'Almeida - Ministro do Interior. (06)	Reportagem.	
24.10.1910	Em busca dos subterraneos dos conventos. (03)	Reportagem fotográfica mostrando buscas de militares a interiores de conventos.	
24.10.1910	Os estragos das balas no quartel D'Artilharia 1 e proximidades. (03)	Reportagem sobre efeitos de balas no quartel no 5 de Outubro.	
24.10.1910	Ministro da Justiça em Gabinete (01)	Foto de página inteira.	
24.10.1910	O ultimo acto official do Rei deposto. (01)	Rei deposto a bordo de navio à caminho de Gibraltar, acompanhado pelo Marechal Hermes da Fonseca. Foto de página inteira.	
24.10.1910	A Cruz Vermelha na sucursal do Seculo no Rocio. (02)	Reportagem fotográfica.	
24.10.1910	Dois destroços. (06) De Benoliel há apenas 01 clichê.	Reportagem sobre D. Maria Pia, mãe de D. Affonso.	
24.10.1910	Fecham-se os conventos. (03)	Reportagem sobre as visitas do Ministro da Justiça que fecha os conventos e garante zelar pelos asilados doentes e indigentes, secularizando tais instituições.	
24.10.1910	Uma revolução na Universidade. (18)	Reportagem sobre revolta estudantil dos estudantes da Universidade de Coimbra.	
24.10.1910	O Propheta da Revolução. (01)	Retrato de página inteira do poeta Guerra Junqueira.	
24.10.1910	Um alvo de balas e granadas. (07)	Reportagem referindo-se as explosões ocorridas na casa do sr. Henrique de Mendonça, durante tiroteio da bateria de Queluz para a Rotunda.	
24.10.1910	A Academia de Lisboa pede para as familias das victimas da revolução. (02)	Reportagem fotográfica.	
07.11.1910	Os jesuitas em Portugal. (13)	Reportagem sobre expulsão de jesuitas pelo governo republicano.	
07.11.1910	A expiação. (03)	Reportagem sobre o ex-ditador João Franco, último Presidente do Conselho do Rei D. Carlos.	
14.11.1910	Capa: O ex-sultão de Marrocos em Lisboa	Capa remete para reportagem interior.	
14.11.1910	A expulsão dos jesuitas. (10)	Reportagem fotográfica, acompanhada de pequeno texto.	

14.11.1910	O ex-sultão de Marrocos visita a Republica Portuguesa. (02)	Reportagem.	
14.11.1910	Dia de Finados. (02)	Reportagem fotográfica.	
14.11.1910	A primeira solenidade militar do novo regime. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.11.1910	A visita dos Ministros do Interior e da Guerra ao Porto. (09)	Reportagem fotográfica	
14.11.1910	João Chagas. (04)	Reportagem sobre um diplomata e cronista.	
21.11.1910	O apóstolo da Republica. (10) Colaboram nesta reportagem além de Benoliel, J. Fernandes, A. Novaes.	Reportagem sobre Magalhães Lima. De Benoliel são 08 clichês.	
21.11.1910	A reabertura das cozinhas economicas. (03)	Reportagem fotográfica sobre a reabertura destas cozinhas fechadas, por serem de instituições religiosas e reabertas após secularização.	
21.11.1910	Coluna Figuras e Factos. (09)	Reportagem fotográfica sobre os bandos precatórios que percorrem as ruas solicitando donativos para as vítimas de “revolução”	
21.11.1910	As manifestações republicanas da Provincia Castelo Branco. (03)	Reportagem fotográfica	
21.11.1910	A greve do pessoal dos electricos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.11.1910	Os Ministros do Interior e da Guerra no Porto. (11)	Reportagem	
28.11.1910	O fim de um pesadelo - a manifestação de 20 de novembro (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto, sobre a regulamentação da lei de inquilinato para meses e a manifestação popular de apoio.	
28.11.1910	O lançamento á água da canhoeira Ibo. (03)	Reportagem fotográfica.	
28.11.1910	Coluna Figuras e Factos. (07)	Reportagem fotográfica.	
28.11.1910	Os naufragos do “Lisboa”. (05) Colaboram diferentes fotógrafos: Benoliel, Fernandes, Comissário Fonseca.	Reportagem sobre encalhamento de vapor. De Benoliel apenas 01 clichê	
05.12.1910	Os batalhões voluntarios da Republica. (03)	Sobre criação de batalhões de voluntários para a República. Reportagem fotográfica com pequeno texto escrito.	
05.12.1910	O enterro do último Duque de Palmella. (04)	Reportagem fotográfica.	
05.12.1910	A grande manifestação dos caixeiros de Lisboa. (03)	Reportagem fotográfica sobre manifestação de caixeiros para ouvir decisão a respeito de nº de horas de trabalho.	
05.12.1910	Coluna Figuras e Factos. (05). Há um clichê de Vasques.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

12.12.1910	A greve dos telephones. (04)	Reportagem sobre greve de telefonistas por salário e horas de trabalho.	
12.12.1910	A nova Bandeira Portuguesa. (07)	Reportagem.	
12.12.1910	Coluna Figuras e Factos. (02)	Reportagem fotográfica.	
12.12.1910	A Festa da Bandeira. (08)	Reportagem fotográfica sobre as festividades ao dia da Bandeira.	?
12.12.1910	O Cruzador Almirante Reis. (07)	Batismo de cruzador em homenagem ao marinheiro Almirante Reis, morto no período “revolucionário” da implantação da República.	
12.12.1910	A festa em infantaria 5. (03)	Reportagem fotográfica	
19.12.1910	A Republica Argentina reconhece a Republica Portuguesa. (03)	Reportagem fotográfica com imagens de página inteira.	
19.12.1910	A adesão da Provincia. (10)	Reportagem fotográfica sobre as “multidões” vindas das diferentes provincias apoiar o governo provisório da República.	*
26.12.1910	O novo presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa. (02)	Reportagem fotográfica com imagens de página inteira.	
26.12.1910	A festa offerecida ao Governo a bordo da “Presidente Sarmiento”. (04)	Reportagem fotográfica.	
26.12.1910	A Fragata “Presidente Sarmiento” em Lisboa. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

Se analisarmos os diferentes meses, verificaremos que Benoliel mantinha uma certa média de produção de clichês:

Julho = 110

Agosto = 115

Setembro = 95

Outubro = 133

Novembro = 72

Dezembro = 69

Ou seja, um total de 628 clichês e 5 capas no semestre.

1º Semestre de 1911

Data	Tema (n ^a de clichês)	Assunto	n ^o
02.01.1911	Influencia da Republica no teatro - o "Noventa e trez" no Theatro Garret. (05)	Reportagem	
02.01.1911	A bandeira republicana é solememente hasteada no quartel da 6 ^a Companhia da antiga Guarda Municipal. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.01.1911	O sr. ministro da justiça visita os conventos de Lisboa. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.01.1911	A inauguração do Lyceu Passos Manuel. (04)	Reportagem. Imagens exteriores da edificação.	
02.01.1911	O que se manifestam a favor da Lei do Inquilinato. (02)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
09.01.1911	A bomba a serviço da Revolução. (25)	Reportagem. Há a foto do homem morto próximo a uma mesa.	*
09.01.1911	O Museu da Revolução. (09)	Reportagem	
09.01.1911	Como nos devemos alimentar. (02)	Reportagem.	
09.01.1911	A Festa do Vintem Preventivo. (06)	Reportagem sobre almoço com crianças e ministros.	
16.01.1911	Coluna Figuras e Factos. (07)	Reportagem Fotográfica	
16.01.1911	Foto de página inteira, sem título de matéria.	Jantar oferecido a João Chagas em Paris.	
16.01.1911	O empastelamento da Imprensa Monarchica. (04)	Reportagem fotográfica com pequeno texto sobre a invasão de populares à imprensa monárquica, como o Correio da Manhã, Diário Ilustrado e Liberal.	
16.01.1911	O Governo dá recepção. (13)	Reportagem fotográfica.	
23.01.1911	A greve geral dos Caminhos de Ferro. (18)	Reportagem.	
23.01.1911	A greve dos gazomistas de Lisboa. (11)	Reportagem.	
23.01.1911	Como se proclamou a Republica. (09) Bobone contribui com 01 clichê para esta matéria	Reportagem.	
23.01.1911	Os caixeiros de Lisboa - um dia de greve. (10)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
30.01.1911	Capa: Um aspecto da parede dos alumnos do Lyceu Passos Manoel	Capa remete à matéria interna.	
30.01.1911	A parede dos estudantes do Lyceu Passos Manuel. (03)	Reportagem fotográfica com pequeno texto. Tema da multidão.	
30.01.1911	O embarque das irmãzinhas dos pobres. (05)	Reportagem fotográfica sobre a saída das freiras que se recusaram a fazer parte da secularização de entidades beneficentes promovidas pela República.	
30.01.1911	Os exercicios dos recrutas da guarnição de Lisboa em Mafra. (15)	Reportagem fotográfica.	

30.01.1911	A entrega das bandeiras aos batalhões voluntarios. (02)	Reportagem fotográfica.	
30.01.1911	Como nos devemos alimentar - Madame Selda Potocka. (06)	Reportagem. Há imagens de varinas.	Arq.
06.02.1911	A primeira missão diplomática da Republica. (06). Vasques colabora com 01 clichê.	Reportagem	
06.02.1911	A comedia "A Bi" no Theatro Nacional. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.02.1911	A primeira partida de "Hockey" jogada em Lisboa. (09)	Reportagem fotográfica. Interessantes imagens do jogo em movimento.	
06.02.1911	A comemoração oficial do 31 de Janeiro ³⁰¹ - a viagem ao Porto. (08)	Reportagem fotográfica. Tema de multidão.	
06.02.1911	A Margarida do Monte no Theatro da Republica. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.02.1911	Como se substituíram as irmãs dos pobres. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
13.02.1911	A segunda festa oficial da Republica - a comemoração do 31 de Janeiro. (13)	Reportagem. Multidão	
13.02.1911	A Cerimonia do descerramento da lapide comemorativa do primeiro tiro da artilharia revolucionaria dado na madrugada de 4 de outubro. (01)	Foto de página inteira acompanhada de pequeno texto.	
13.02.1911	Coluna Artes e Letras. (04)	Notas de cultura	
13.02.1911	A manifestação organizada pela associação do registro civil ao cemiterio do Alto S. João. (04)	Reportagem.	
20.02.1911	O regresso dos recrutas da Guranição de Lisboa. (09)	Reportagem.	
20.02.1911	O "Auto do vaqueiro" no conservatorio. (05)	Reportagem sobre encenação de peça de Gil Vicente.	
20.02.1911	A nova sala do Museu da Revolução. (02)	Sala consagrada a João Chagas.	
20.02.1911	O primeiro concerto semanal da guarda republicana. (01)	Foto de página inteira.	
20.02.1911	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica.	
20.02.1911	A Festa Escolar em Sebastião da Pedreira. (04)	Reportagem fotográfica.	
20.02.1911	Como nos devemos alimentar - por Madame Selda Potocka. (06)	Reportagem sobre hotaliças.	Arq.
20.02.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica	
27.02.1911	Coluna Figuras e Factos. (02)	Reportagem fotográfica.	
27.02.1911	O espolio das Congregações Religiosas - a quinta do Bom Despacho dos Padres do Espirito Santo. (10)	Reportagem sobre espólios deixados pelas ordens religiosas expulsas do país.	
27.02.1911	O exercicio dos recrutas da bateria Queluz. (08)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	

³⁰¹ Republicanos comemoram o vigésimo aniversário da "Revolução de 31 de Janeiro", o primeiro movimento contra a monarquia, que foi abolida em 05 de outubro de 1910.

27.02.1911	O congresso de médicos municipalistas. (06)	Reportagem.	
27.02.1911	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica.	
27.02.1911	Como se faz a bolacha. (23)	Reportagem. Clichês sem crédito, mas imagens têm o seu estilo.	
06.03.1911	Capa: A chegada do vapor que os conduzirá á ponte do Terreiro do Paço.	Capa remete à reportagem interna.	
06.03.1911	A festa dos estudantes da escola polytechnica. (09)	Reportagem sobre entrudo.	
06.03.1911	O espolio da Companhia de Jesus - a Quinta do Valle do Rosal. (03)	Reportagem fotográfica sobre espolio deixado por companhias religiosas.	
06.03.1911	O Sr. Ministro da Justiça Concelho de Almada. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.03.1911	Os que a fome ecorraça. (19)	Reportagem sobre emigrantes em movimento devido à miséria.	
13.03.1911	O entrudo de Lisboa em 1911. (20)	Reportagem fotográfica sobre entrudo. Imagens de fantasias infantis.	*
13.03.1911	A Revista "N'um Rufo". (08)	Reportagem sobre encenação teatral	
20.03.1911	A festa da arvore na Avenida da Liberdade. (04)	Reportagem fotográfica.	
20.03.1911	O enviado dos conspiradores do Brasil. (01)	Reportagem.	
20.03.1911	Coluna Figuras e Factos. (13)	Reportagem sobre diferentes temas.	
20.03.1911	Os incendios de Março. (03)	Reportagem fotográfica.	*/ Arq?
20.03.1911	O Concurso Hippico de Pavalhã. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
20.03.1911	A destruição do Bispo do Porto. (02)	Reportagem.	
20.03.1911	O ultimo ministro dos estrangeiros da Monarchia parte para o Brasil. (02)	Reportagem fotográfica.	
27.03.1911	Os preliminares de um concurso sensacional. (06)	Reportagem fotográfica sobre concurso na escola Politécnica para professor.	
27.03.1911	A gréve dos operarios da União Fabril. (04)	Reportagem fotográfica com pequeno texto.	
27.03.1911	A nova Igreja dos Anjos. (02)	Reportagem sobre reconstrução de igreja demolida para abertura de rua.	
27.03.1911	Uma manifestação de grévistas. (03)	Reportagem fotográfica de manifestação de operários da construção civil.	
03.04.1911	Aves da cidade - pombos, pardaes e gaivoltas. (08). Colaboram nesta reportagem Benoliel, Delius. De Benoliel são 02 clichês.	Reportagem.	
03.04.1911	A Exposição dos alumnos de Bellas Artes. (11)	Reportagem.	
03.04.1911	A gréve dos fragateiros. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	Arq.

03.04.1911	Um concurso sensacional. (03)	Continuação da reportagem sobre concurso para professor na Politécnica.	
03.04.1911	A homenagem á memória do Dr. Miguel Bombarda e Almirante Candido Reis promovida pela Associação do Registro Civil. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
03.04.1911	Os diplomatas da República. (02)	Reportagem.	
03.04.1911	A primeira tentativa de uma greve geral frustrada. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	Arq.
03.04.1911	De regresso do Funchal. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.04.1911	A Era de uma Artista Amadora. (13)	Reportagem.	
10.04.1911	Através dos salões desertos da Ajuda. (16) Bobone contribui com 01 clichê.	Reportagem sobre antiga residência monárquica.	
10.04.1911	Coluna Artes e Letras. (03)	Reportagem	
10.04.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica.	
10.04.1911	Descanço semanal - a manifestação dos operários panificadores. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.04.1911	Coluna Figuras e Factos. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.04.1911	O Concurso da estampilha da Republica. (14)	Reportagem.	
17.04.1911	Homenagem á memória do Almirante Candido Reis. (05)	Reportagem.	
17.04.1911	O juramento de Bandeira em Infantaria 5. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.04.1911	O regresso do Governador de Cabo Verde. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.04.1911	A primeira tourada do anno. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.04.1911	A exposição da Sociedade Silva Porto. (10)	Reportagem sobre exposição de pintura.	
24.04.1911	Edição sem nenhum clichê de Benoliel.		
01.05.1911	A mulher funcionária do Estado. (08)	Reportagem.	
01.05.1911	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.05.1911	A Homenagem a Elias Garcia. (09)	Reportagem sobre morte de político republicano.	
01.05.1911	O regresso do S. Gabriel. (08)	Retorno de navio à Lisboa.	
01.05.1911	O juramento de Bandeira em Caçadores-5. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.05.1911	O nosso serviço postal. (16)		???
01.05.1911	A primeira Bandeira Nacional arvorada num velho edifício publico. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.05.1911	A reintegração no exercito do capitão Malheiro. (04)	Reportagem.	
08.05.1911	A evasão de dois presos do Limoeiro. (05)	Reportagem fotográfica.	
08.05.1911	O juramento de Bandeira em Infantaria-16. (04)	Reportagem fotográfica.	

08.05.1911	Os acontecimentos em Lourenço Marques - a partida do alto comissario da Republica. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.05.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica.	
15.05.1911	A recita classica dos alumnos do Conservatorio. (10)	Reportagem sobre encenação teatral.	
15.05.1911	Guarda Civil de Lourenço Marques. (06)	Reportagem fotográfica.	
15.05.1911	Uma recita de caridade promovida pela Colonia Israelita. (16)	Reportagem sobre encenação teatral beneficente.	
15.05.1911	A obra da Nutricia - a leitaria modelo do Campo Grande. (18)	Reportagem sobre indústria alimentícia de leite.	
15.05.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.05.1911	O decano dos republicanos portugueses - a homenagem a Sousa Larcher. (03)	Homenagem a veterano republicano de 90 anos.	
15.05.1911	A visita do Sr. Governador Civil ao Instituto da Torre e Espada. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre instituto destinado a filha de oficiais falecidos.	
15.05.1911	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.05.1911	O Congresso algodoeiro de Barcelona - os congressistas em Lisboa. (06)	Reportagem.	
15.05.1911	A manifestação ao reformador da Instrução Publica. (05)	Reportagem.	
15.05.1911	A visita do ministro do Fomento á Amadora. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.05.1911	Coluna figuras e Factos. (10)	Reportagem sobre diferentes temas: prêmio a mães que apresentaram filhos à Santa Casa de Misericórdia entre outros.	
15.05.1911	O cortejo operário de 1º de Maio. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
22.05.1911	O Congresso de Turismo. (54)	Reportagem sobre o 4º Congresso Internacional de Turismo, com cobertura dos enfeites nas montras das ruas da cidade e desfile de campinos em parada agrícola.	
29.05.1911	O Congresso de Turismo. (14)	Continuação de reportagem.	
29.05.1911	O Concurso Hippico em Palhavã. (19)	Reportagem.	
29.05.1911	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.05.1911	O Match de Foot-ball jogado entre os estudantes de Bourdeus e os grupos portugueses. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.05.1911	A "Garden-Party" do jardim da Estrella. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.05.1911	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica.	
05.06.1911	O Salão de Lisboa - a Exposição da Academia de Bellas Artes. (26)	Reportagem sobre pintura.	

05.06.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.06.1911	Estão eleitas as constituintes - a eleição em Lisboa. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.06.1911	Os congressistas no Norte - Vianna do Castelo, Villa Real, Vidago. (22)	Reportagem	
05.06.1911	Uma exposição de ampliação photographica no Salão da Illustração Portuguesa. (11)	Reportagem.	
05.06.1911	Os congressistas no Porto (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.06.1911	Os turistas estrangeiros no Porto de Leixões. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.06.1911	Os congressistas em Coimbra. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.06.1911	As Constituintes de 22. (13)	Reportagem sobre constituição portuguesa de 1820.	
12.06.1911	O Concurso de Pecuaria no Campo Grande. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.06.1911	O Capital inglez visita Portugal (02)	Reportagem fotográfica.	
19.06.1911	O Legislador da Republica. (23)	Reportagem sobre o ministro da justiça Affonso Costa que gozava de amplo prestígio com a população.	
19.06.1911	Camões - o novo santo de Lisboa. (25)	Reportagem sobre homenagem da República a Camões.	
19.06.1911	Coluna Figuras e Factos. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.06.1911	As estatuas adquiridas pelo Municipio para decorar os jardins de Lisboa. (02)	Reportagem.	
26.06.1911	A minha missão do dia 5 - depoimentos d'um revolucionario por Mariano Martins. (08) Colaboram nesta reportagem Benoliel, Vasques, Phot. Alemã.	Reportagem onde o comissário naval Mariano Martins relata sua ida no 5 de outubro ao quartel general como delegado revolucionário. De Benoliel são 03 clichês.	
26.06.1911	A Republica contra o paladino. (07)	Reportagem sobre Paiva Couceiro e seus partidários que tentam reabilitar o trono português.	

A contribuição de Benmoliel neste semestre foi de 998 clichês e 2 capas.

2º Semestre de 1911

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
03.07.1911	Capa: De Hespanha para Portugal: Galanteria de portuguez.	Capa remete para reportagem interior. (Belíssima imagem!)	
03.07.1911	No paiz dos conspiradores. (66)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos trechos visando tranquilizar a população quanto ao perigo de uma conspiração no Norte do país contra a República. (reportagem que se liga à capa)	
03.07.1911	Tirocinio para a Guerra.... os exercicios de Infanteria 18 em Villa Nova de Gaya. (11)	Reportagem.	
03.07.1911	O passeio ao alfeite dos socios da Associação Naval. (09)	Reportagem.	
10.07.1911	A Republica prepara-se para a lucta. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre o envio de tropas reservistas para combater no Norte do país os homens de Paiva Couceiro.	
10.07.1911	Na expectativa do triumpho - o Aeroplano Gouveia. (03)	Reportagem.	
10.07.1911	Coluna Figuras e Factos. (07)	Reportagem fotográfica	
10.07.1911	A visita do Ministro da Guerra ao Collegio Militar. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.07.1911	O hospital de sangue da Rotunda - inauguração de uma lapide comemorativa. (04)	Reportagem fotográfica.	
17.07.1911	Leal da Camara em Lisboa. (02)	Reportagem sobre visita de caricaturista a Lisboa.	
17.07.1911	Machado Santos - benemerito da Patria. (04). Colaboram nesta reportagem Benoliel e A. Novaes.	Reportagem. De Benoliel apenas 01 clichê.	
17.07.1911	Coluna Figuras e Factos. (07) Há a colaboração de Carlos Pereira de Cardoso com 01 clichê.	Reportagem fotográfica. Neste conjunto há imagens dos reservistas a favor da República, grevistas corticeiros, imagens das 13 sócias da Liga das Mulheres Republicanas, Grevistas dos elétricos e concorrentes de corrida de pedestre promovida no bairro Lumiar.	
24.07.1911	Uma obra d'arte da ourivessaria portugueza - a baixella Freire de Andrade. (11)	Reportagem sobre trabalhos de ourivessaria em objetos.	
24.07.1911	A Regata da Taça Lisboa. (10)	Reportagem fotográfica.	

24.07.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica sobre regresso de reservistas do norte e visita do ministro brasileiro Sr. Costa Motta.	
31.07.1911	A interpretação do teatro moderno pelos alumnos do conservatório. (09)	Reportagem.	
07.08.1911	O novo Parque de Benfica. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a construção de uma avenida ligando Benfica a Alcântara.	
07.08.1911	Um Torneio de Natação de Pedroços á Trafaria a nado. (06)	Reportagem.	
07.08.1911	A Exposição Leal da Camara - o artista e sua arte. (12)	Reportagem sobre obras do pintor.	
14.08.1911	Capa: Diante do edificio do Parlamento: o Presidente do governo e a sentinella.	Capa remete a reportagem interior.	
14.08.1911	A Manifestação do dia 2. (07)	Reportagem. Grupo de Vigilancia Social realiza comício e com apoio popular reúne-se no Largo Camões para ir entregar ao Parlamento proposta de leis mais radicais.	
14.08.1911	O Ministro da America entrega as suas credenciaes. (03)	Reportagem sobre chegada de ministro americano a Lisboa.	
14.08.1911	Coluna figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica sobre julgamento de soldados acusados de atirar contra população civil.	
14.08.1911	Coluna figuras e Factos.(02)	Reportagem fotográfica.	
14.08.1911	Um poeta em Rilhafolles. (03)	Reportagem.	
14.08.1911	O novo equipamento de infantaria. (06)	Reportagem.	
14.08.1911	A ascendencia de um candidato á presidencia da republica - os Arriagas. (09)	Reportagem	
14.08.1911	Capa: O novo major-general da armada, vice-almirante Teixeira Guimarães, na sua primeira visita ao quartel de marinheiros.	Capa remete à reportagem interior.	
14.08.1911	Uma homenagem ao Sr. Magalhães Lima. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.08.1911	A visita do Major-General da Armada ao Copro de Marinheiros. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.08.1911	As caricaturas de Amarethe. (11)	Reportagem.	
14.08.1911	O pão de amanhã - a debulha do trigo. (07)	Reportagem	*
14.08.1911	A classe textil reclama das constituintes. (04) ³⁰²	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

³⁰² A classe textil se reúne e entrega às Constituintes um pedido contendo: pedido de horas geral de 8 horas de trabalho, uniformidade no pagamento de mão de obra aos empreiteiros, unificação de uma tabela de preços para todos os produtos manufaturados, tribunal arbitral, garantia de trabalho a todos os operários e ainda que os industriais sejam convidados a reconhecer a associação.

14.08.1911	A eleição do Presidente da Republica - a reunião do centro de S. Carlos contra a ilegibilidade dos membros do Governo Provisório. (21)	Reportagem. Muitas montagens fotográficas.	
14.08.1911	A eleição do Presidente da Republica - a reunião do Club Nacional a favor da ilegibilidade dos membros do Governo Provisório. (25)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Muitas montagens fotográficas.	
14.08.1911	A Questão Presidencial - a Reunião Conciliadora do dia 14. (05)	Reportagem.	
28.08.1911	Capa: Dr. Manuel d'Arriaga, presidente da Republica Portuguesa, eleito em 24 de agosto pela Assembléia Nacional.	Capa remete à reportagem interior.	
28.08.1911	Os Candidatos á Presidencia no dia 21 ³⁰³ . (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.08.1911	O regresso de Caçadores 5 da Fronteira (02).	Foto de página inteira.	
28.08.1911	O Torneio de Natação da Associação Naval. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.08.1911	O Ministro da Guerra em Barcarena. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.09.1911	O Presidente da Republica Portuguesa ³⁰⁴ . (11)	Reportagem sobre a eleição do Presidente da República Dr. Manuel d' Arriaga.	*
04.09.1911	A Revista Militar do dia 25. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre revista do presidente às tropas aquarteladas em Lisboa.	
04.09.1911	A Sessão Inaugural do Senado. (02)	Reportagem fotográfica.	
04.09.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica	
04.09.1911	A Questão Corticeira - os incendios das fabricas Caramujo. (13)	Reportagem sobre grande sinistro.	
11.09.1911	A crise ministerial. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.09.1911	Um casamento elegante. (05)	Reportagem	
11.09.1911	O Torneio de Jogos Athleticos em Paço D'Arcos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.09.1911	A nova Gréve dos Fragateiros. (20)	Reportagem	*Arq.
11.09.1911	Os banhos ás creanças pobres na Trafaria. (09)	Reportagem.	
18.09.1911	Capa: Vindimadoras.	Capa remete à reportagem interior	
18.09.1911	O Ministerio João Chagas. (03)	Reportagem.	
18.09.1911	Os restos de Pedro Álvares Cabral. (04)	Reportagem sobre a colocação dos restos mortaes do descobridor na Igreja da Graça em Santarém.	

³⁰³ Eram candidatos: D. Magalhães Lima, Dr. Bernardino Machado, D. Duarte Leite e Dr. Manuel de Arriaga.

³⁰⁴ Os resultados da eleição foram: Manuel d' Arriaga = 121 votos, Bernadino Machado = 86 votos, Duarte Leite = 4 votos, Magalhães Lima = 1 voto, Alves da Veiga = 1 voto, em Branco = 4 votos.

18.09.1911	Uma festa no Asylo de Campolide. (04)	Reportagem sobre homenagem de asilados a Aphonso Costa, que esteve à frente da secularização das instituições religiosas no país.	
18.09.1911	Panorama de Lisboa. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre panoramas da cidade.	
18.09.1911	O Match de Cricket em Carcavellos. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.09.1911	Sport Nautico. (03)	Reportagem sobre barcos mandados construir pelo Club Naval especialmente para competições.	
18.09.1911	A hora da vindima. (07)	Reportagem.	
18.09.1911	O passeio do Club Naval a Azambuja. (10)	Reportagem.	
18.09.1911	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Inclui clichês de pedido dos carteiros e boletineiros que entregaram representação ao Parlamento pedindo melhoria em sua classe, ruínas do incendio da fábrica de cortiças, crianças pobres em banho em Pedrouços, etc.	
18.09.1911	A crise do azeite - Portugal reduzido a importar azeite de Hespanha. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.09.1911	As festas de Setubal. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.09.1911	A morte da esposa do Dr. Theophilo Braga. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.09.1911	A visita do Ministro da Marinha ao Quartel de Marinheiros. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.09.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica.	
02.10.1911	A reconstrução de Benavente. (14)	Reportagem sobre trabalhos de reconstrução da cidade de Benavente após terremoto ocorrido em 1909.	
02.10.1911	A visita do Ministro da marinha aos navios de Guerra. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.10.1911	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.10.1911	O ex-presidente da Republica do Brazil em Lisboa. (05)	Reportagem sobre visita do Dr. Nilo Peçanha.	
02.10.1911	Os jardins do Palacio fatidico. (18)	Reportagem sobre o Palácio das Necessidades, antiga residência real.	
02.10.1911	O Torneio de Tennis no Parque Silva Graça no Monte Estoril. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.10.1911	Torneio de Natação no Estoril. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

09.10.1911	Capa: O Busto da Republica: trabalho do escultor Sr. Francisco Santos.	Não há reportagem interior, apenas temas que se referem a manifestações pró e contra a República.	
09.10.1911	A manifestação ao Sr. Dr. Bernardino Machado. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre manifestação no 1º de outubro ao incentivador democrata Bernardino Machado.	
16.10.1911	Capa: O ministro da marinha entregando ao major general da armada a nova bandeira do corpo de marinheiros.	Capa remete a reportagem interior.	
16.10.1911	A colocação da primeira pedra do Monumento aos Heróis da Revolução. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.10.1911	A entrega da Bandeira á Armada. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.10.1911	A Entrega da nova bandeira a artilharia 1. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.10.1911	O Cortejo Cívico. (14)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre as festas de aniversário da Republica.	
16.10.1911	A Parada Militar. (15)	Reportagem sobre os festejos de comemoração do primeiro aniversário da República.	
16.10.1911	O embarque dos marinheiros para o norte. (03)	Reportagem sobre o embarque de tropas da marinha para lutar contra monarquistas liderados por Paiva Couceiro.	
16.10.1911	As Festas Desportivas no Anniversario da Republica. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.10.1911	A incursão de Paiva Couceiro. (02)	Reportagem fotográfica sobre levante no Porto. Benoliel vai como enviado especial.	
16.10.1911	Juramento de Bandeira em Infantaria 5. (05)	Reportagem fotográfica.	
16.10.1911	A visita do Presidente da Republica a Imprensa Nacional. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.10.1911	O Concurso de cavallos de carroça. (05)	Reportagem fotográfica.	
23.10.1911	Capa: EM VINHAES - O capitão Rodolpho São Boaventura Andrade, que primeiro se defrontou com as hostes de Couceiro, fallando com chefe da carbonaria.	Capa remete a reportagem interior sobre alutas contra monarquistas no norte. Benoliel vai como enviado especial.	

23.10.1911	O embarque de Caçadores 5 para o Norte. (03)	Reportagem sobre o envio de Caçadores 5 para combater monarquistas no Norte.	
23.10.1911	A incursão de Paiva Couceiro ³⁰⁵ . (54)	Reportagem sobre a invasão de Paiva Couceiro e cerca de 2000 homens no dia do aniversário da República no Norte.	*
30.10.1911	Capa: EM SAPIÃO - Um quartel general sem escada. O commandante de caçadores 5, tenente-coronel Simas Machado, sahindo do edificio.	Capa remete a artigo interior. Benoliel ainda com enviado especial ao Norte.	
30.10.1911	A incursão de Paiva couceiro - de Traz-os-Montes ao Ato Minho. (44)	Reportagem sobre operações de combate aos monarquistas no Norte. Benoliel ainda como enviado especial.	
30.10.1911	O Século e a gréve dos vendedores de jornaes. (03)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto.	
30.10.1911	A marcha para o Alto Minho. (11)	Reportagem fotografica sobre invasão no Norte. Benoliel como enviado especial.	
06.11.1911	O "S. Raphael" naufragado. (09)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto.	
06.11.1911	O Congresso do Partido Republicano. (04)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto.	
06.11.1911	O funeral de um revolucionario. (04)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto sobre os funerais do capitão-tenente da armada Henrique da Costa Gomes.	
06.11.1911	Coluna Figuras e Factos. (07)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto.	
06.11.1911	A ultima "etape" da incursão? (07)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto.	
06.11.1911	Os Jardins artisticos de Queluz. (17)	Reportagem.	
13.11.1911	O reconhecimento de Republica. (02)	Reportagem fotografica de página inteira.	
13.11.1911	A prova da UVP do Porto a Lisboa em Bicycleta e Motocycleta.	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto.	
13.11.1911	A recepção dos caudilhos... (06)	Reportagem sobre regresso dos srs. drs. Affonso Costa e Antonio José d'Almeida, que vinham de campanha realizada no Porto.	
20.11.1911	A Exposição de um grande artista aguarelista Roque Gameiro. (16)	Reportagem.	
20.11.1911	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotografica.	
20.11.1911	A chegada a Lisboa dos Deputados republicanos hespanhoes. (02)	Reportagem fotografica.	

³⁰⁵ Paiva Couceiro, segundo ILP, era líder de guerrilha monárquica e invadia Portugal através da fronteira com Espanha, entrando por Chaves.

27.11.1911	A incursão do paladino - narrativa coordenada por Jorge d'Abreu. (Coluna). (16)	Reportagem sobre os acontecimentos do Norte.	*
27.11.1911	Coluna Figuras e Factos. (11)	Reportagem fotográfica	
27.11.1911	A gréve dos vendedores de pão. (12)	Reportagem.	
27.11.1911	A primeira festa oficial da Presidencia. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.12.1911	A industria do cinematografo. (34)	Reportagem	Arq.
04.12.1911	As chinezas milagrosas. (13)	Reportagem.	Arq.
04.12.1911	A entrega das credenciaes do Ministro da França. (01)	Foto de página inteira com pequena nota.	
11.11.1911?	A expiação - o julgamento dos presos politicos. (08)	Reportagem.	
11.11.1911?	A entrega das credenciaes do Ministro da Italia. (01)	Foto de página inteira apenas com legenda.	
11.11.1911?	A abertura da Escola de Guerra. (06)	Reportagem.	
11.11.1911?	A Exposição João Vaz. (06)	Reportagem.	
11.11.1911?	A incursão do paladino - narrativa coordenada por Jorge D'Abreu (Coluna). (11)	Reportagem.	
11.11.1911?	O Presidente da Republica na Sociedade Protectora dos Animaes. (03)	Reportagem.	
11.11.1911?	Coluna Arte e Letras. (03)	Benoliel colabora com 01 clichê.	
18.12.1911	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem. A partir deste n° a coluna ganha um novo formato: pequenas imagens para que haja espaço para introdução de pequenas notas textuais.	
18.12.1911	O cinematografo das trinas a fita dramatica dos conspiradores. (21)	Reportagem.	
18.12.1911	Coluna Figuras e Factos. (09)	Reportagem.	
25.12.1911	O reconhecimento oficial da Republica - a entrega das credenciaes do Ministro da Belgica. (01)	Foto de página inteira.	
25.12.1911	A Exposição de Antonio Carneiro no Salão da Illustração Portuguesa. (28)	Reportagem.	
25.12.1911	O reconhecimento official de Republica - o Sr. Ministro da Hollanda entrega as suas credenciaes. (01)	Foto de página inteira.	
25.12.1911	Coluna Figuras e Factos. (11)	Reportagem	
25.12.1911	O reconhecimento official da Republica - o representante da Suécia entrega as suas credenciaes. (01)	Foto de página inteira.	
25.12.1911	O tribunal dos conspiradores. (04)	Reportagem.	
25.12.1911	A Festa da Arvore do Liceu Camões. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

25.12.1911	A partida do “5 de Outubro” para a Madeira. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre envio de navio à Madeira com aviso de guerra, devido à greve de trabalhadores do porto.	
------------	--	---	--

Nesse semestre, Benoliel produz 1006 clichês e 9 capas. Um trabalho bastante intenso e uma visibilidade consistente em toda a produção da ILP para o período.

1912 – 1º Semestre

Data	Tema (nª de clichês)	Assunto	nº
22.01.1912	A incorporação dos recrutas. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre apresentação de jovens dos arredores de Lisboa para recrutas militares.	
22.01.1912	A Manifestação Anti-Clerical do dia 14. (09)	Reportagem fotográfica sobre manifestação de rua, maioria das imagens de página inteira.	
22.01.1912	Um Hotel flutuante (10)	Reportagem sobre transatlântico “Cap. Finesterre” que partiu da América em direção à Europa, e de passagem por Lisboa.	
22.01.1912	Uma Exposição de rendas portuguesas. (09)	Reportagem	*
22.01.1912	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica.	
29.01.1912	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.01.1912	O Concurso para a nova moeda. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.01.1912	A Panther no Tejo. (07)	Reportagem sobre canhoeira alvo de disputas franco-alemãs.	
29.01.1912	O jantar oferecido pelo governo à oficialidade da “Panther”. (03)	Reportagem	
29.01.1912	Sucessos Teatraes - A parodia de Esculapio aos 20.000 dolares” em cena no Teatro Moderno. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.02.1912	Capa: DURANTE GRÉVE: O povo assaltando um carro elétrico	Capa remete a artigo no interior da revista.	
05.02.1912	Coluna Figuras e Factos. (10)	Reportagem	
05.02.1912	O Concurso da moeda da Republica. (24)	Reportagem fotográfica.	
05.02.1912	A Gréve do Operariado de Lisboa. (42)	Reportagem fotográfica	*
05.02.1912	Coluna Figuras e Factos. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

05.02.1912	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem.	
12.02.1912	Durante a suspensão de garantias. (21)	Reportagem sobre os acontecimentos envolvendo o 31 de Janeiro em Lisboa, onde foram presos 584 indivíduos acusados de grevistas e suas mulheres.	
12.02.1912	O Atentado da Moita. (02)	Reportagem sobre morte de um administrador da Moita durante conflitos com grevistas.	
12.02.1912	Coluna Figuras e Factos. (06)	Reportagem.	
12.02.1912	Coluna figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.02.1912	O Ribatejo inundado. (45) Colaborou com esta reportagem o fotógrafo amador F. da Silva, com 13 clichês.	Reportagem sobre inundações.	*
19.02.1912	Coluna figuras e Factos. (06)	Reportagem	
19.02.1912	O novo Ministro da Argentina. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.02.1912	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem sobre o Orfeon Maria Emilia Costa.	
19.02.1912	No Estado de Sítio. (03)	Reportagem fotográfica	
26.02.1912	O Carnaval de 1912. (14)	Reportagem	
26.02.1912	O Baile do Nacional. (17)	Reportagem fotográfica de fantasias infantis.	
26.02.1912	O Carnaval na Faculdade de Ciências. (06)	Reportagem.	
26.02.1912	Os novos Juizes do Supremo Tribunal. (03)	Reportagem fotográfica.	
26.02.1912	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.02.1912	A missas por alma do Barão de Rio Branco. (06)	Reportagem.	
04.03.1912	A Telegraphia sem fios em Portugal. (16)	Reportagem.	
04.03.1912	O naufragio da "Faro". (03)	Reportagem sobre naufragio de uma canhoneira.	
04.03.1912	Coluna Figuras e Factos. (19)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.03.1912	O Ator Vale - algumas criações do grande artista. (11) Fernandes colaborou com 01 clichê.	Reportagem sobre vida do ator José Antonio do Vale.	
04.03.1912	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem.	
04.03.1912	O forte do Alto do Duque - a evasão dos presos políticos. (07)	Reportagem sobre fuga de 12 presos políticos.	
04.03.1912	A Exposição d'água-rela do sr. João Cabral. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.03.1912	O lugar destinado á nova cadeia central. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.03.1912	Capa: NA EXPOSIÇÃO D'ARTE APLICADA: Mademoiselle Maria Joana Mendes Correia, fazendo uma aplicação em estanho.	Capa remete a artigo interior.	

11.03.1912	Uma questão da cidade - a Torre de Belém e a fabrica de gaz. (12)	Reportagem.	
11.03.1912	O desafio de foot-ball entre os teams do Porto e do Internacional. (06)	Reportagem fotográfica.	
11.03.1912	Exposição D'Arte Aplicada - promovida pela professora Sra. D. Adelaide D'Almeida. (04)	Reportagem fotográfica.	
18.03.1912	Os funeraes dos naufragos da "Faro" - pretito em Lagos ...Em Faro ... em Lisboa. (18)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.03.1912	Abastecimento das Aguas de Lisboa - inquérito e análise. (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.03.1912	O Hospital de Repouso no Lumiar. (05)	Reportagem sobre hospital que trata tuberculosos e acolheu também doentes de tifo por ocasião onde outro hospital mantinha presos políticos.	
18.03.1912	Medidas profilaticas de Lisboa - a esterelização da agua. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre medidas contra a febre tifóide.	
18.03.1912	A Fundição da Estatua de Joaquim Antonio de Aguiar. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.03.1912	Coluna figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.03.1912	Harpistas portuguezas. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.03.1912	Coluna Figuras e Factos. (19)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.03.1912	A chegada do Snr. Dr. Affonso Costa a Lisboa. (05)	Reportagem fotográfica sobre retorno de político doente tratado no exterior.	
25.03.1912	A reabertura da Casa Sindical. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.04.1912	A doca flutuante dos submarinos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.04.1912	Teofilo Braga - a consagração do grande Mestre. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre homenagens a escritor.	
01.04.1912	Museu D'Arte Antiga. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.04.1912	A entrega de credenciaes do Ministro dos Estados Unidos da America. (01)	Foto de página inteira.	
01.04.1912	A evasão do Presidio da Trafaria. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre fuga de presos.	
08.04.1912	A escola do Bairro do "Seculo". (03)	Reportagem fotográfica sobre inauguração de escola mantida pelo jornal O Seculo.	
08.04.1912	O rapto da baroneza austriaca. (05)	Reportagem fotográfica.	
15.04.1912	A Primavera em Lisboa - o culto das flores. (20)	Reportagem.	

É muito claro isto na Coluna de responsabilidade de Benoliel Figuras e Factos e passa a ter duas páginas e um número bem maior de imagens, já que possuem um tamanho reduzido.

Além disso, cada grupo de imagens, ou cada imagem em separado é acompanhado de um pequeno texto. Algo que não ocorria anteriormente, quando a coluna era feita apenas e tão somente por imagens.

A partir de Março de 1912, a coluna Figura e Factos passa a ter suas fotos numeradas ao lado da imagem e com legendas no pé da página.

O tratamento dado às capas dos números obedece mais ou menos o que já vinha sendo em 1911, ou seja, imagens coloridas feitas a partir de fotografias, mas com um tratamento de pintura. Não sei poderíamos chamar de fotopintura...

Benoliel, pelo menos nestes primeiros meses continua a ser figura constante e marcante na produção dos números da revista. Continua a ser o responsável por boa parte das reportagens publicadas pela revista.

Os temas neste período ligam-se já deste 1911, em especial a acontecimentos políticos: greves, visitas de reconhecimento da República e manifestações pró e contra a republica e sua política de governo.

Surgem outros nomes de fotógrafos como Carlos Pereira Cardoso, Tinoco.

2º Semestre de 1912

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
01.07.1912	A partida do nosso ministro no Brazil, sr. Bernardino Machado. (03)	Reportagem fotográfica.	
01.07.1912	A greve dos eletricos. (12)	Reportagem	Arq.
01.07.1912	Concurso Hípico. (20)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.07.1912	O Colegio Militar - as provas finais. (13)	Reportagem.	
08.07.1912	O incêndio do Pinho do Aterro. (04)	Reportagem fotográfica.	

08.07.1912	Coluna Figuras e Factos. (23)	Reportagem fotográfica.	
15.07.1912	Coluna Figuras e Factos. (21)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.07.1912	A segunda invasão de Paiva Couceiro. (33) Há a colaboração do fotógrafo Anselmo Dias com 05 clichês.	Reportagem sobre nova tentativa de invasão no Norte do país, através de Chaves.	
15.07.1912	Explosão de dinamite na Costa do Castelo. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre conspirador monárquico.	
15.07.1912	D. Maria Pia de Saboia - a missa comemorativa do primeiro aniversário do seu falecimento. (12)	Reportagem fotográfica.	
22.07.1912	Capa: O conspirador D. João d'Almeida, aprisionado perto d'Outeiro Seco, passando junto a um dos canhões apreendidos aos realistas.	Capa remete a artigo interior.	
22.07.1912	A defeza gloriosa da patria. (32) Colaboram nesta reportagem: Sr. Paulino Serimonias, Nicolau Mesquista (correspondente de Chaves) e Benoliel.	Reportagem sobre luta no Norte do país contra monarquistas. Reportagem com muitos mortos. De Benoliel são 07 clichês.	
22.07.1912	Combate de Chaves - mortos desconhecidos deixados no campo pelos invasores. (70) Colaboraram com esta reportagem os fotógrafos: Paulino Serimonias, Anselmo Dias (correspondente do Século), Central Photos, Nicolau de Mesquita e Benoliel.	Reportagem fotográfica sobre invasão no Norte. Benoliel atua como correspondente da ILP com 45 clichês.	
22.07.1912	Coluna Figuras e Factos. (09)	Reportagem	
22.07.1912	A matinée Benetó no Salão da "Ilustração Portuguesa". (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.07.1912	Capa: O estado maior da coluna mixta que percorre atualmente o norte.	Capa remete a artigo interior.	
29.07.1912	Cabeceiras de Basto volta á normalidade. (66) Contribuíram para esta reportagem os fotógrafos: Candido A. Gonçalves da Silva (correspondente do jornal O Seculo), Sra. Elisa de Miranda e Benoliel.	Reportagem fotográfica. De Benoliel apenas 01 clichê de página inteira.	
29.07.1912	(chegada de Rodrigo Soriano a Lisboa após incursão de Paiva Couceiro). (02)	Foto de página inteira sem título de reportagem.	
05.08.1912	Capa: PRESENTE PARA O HEROE.	Capa remete a artigo interior.	
05.08.1912	Ultimos ecos da incursão. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre os conflitos no Norte.	
05.08.1912	O Estado Maior de Paiva Couceiro. (21)	Reportagem fotográfica composta em sua maior parte por retratos dos "conspiradores".	
05.08.1912	As joias de D. Maria Pia de Saboia vendidas em leilão. (11)	Reportagem fotográfica.	
05.08.1912	O incendio na Escola de torpedos de Vale do Zebro. (03)	Reportagem fotográfica.	

12.08.1912	Capa: REGRESSO DO NORTE.	Capa remete a artigo interior.	*
12.08.1912	Coluna Figuras e Factos. (14)	Reportagem fotográfica.	
12.08.1912	A costureira lisboeta. (18)	Reportagem	Arq.
19.08.1912	A Varina. (15)	Reportagem	Arq.
19.08.1912	O juramento de bandeiras no quartel de Marinha. (03)	Reportagem fotográfica.	
19.08.1912	Homenagem a Trindade Coelho. (04)	Reportagem fotográfica.	
19.08.1912	Coluna Figuras e Factos. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.08.1912	A exposição de Dalias na sociedade de Agricultura. (11)	Reportagem fotográfica.	
26.08.1912	Lisboa: A vida a bordo do Caes. (20)	Reportagem sobre os trabalhadores urbanos à volta de caes de Lisboa	Arq.
26.08.1912	A entrada de presos políticos na Penitenciária. (04)	Reportagem fotográfica.	
26.08.1912	O navio escola americano RANGER. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.08.1912	Os heroes de Chaves em Lisboa. (03)	Reportagem fotográfica.	
26.08.1912	Coluna Figuras e Factos. (08)	Reportagem.	
26.08.1912	A chegada das tropas do Norte. (09)	Reportagem fotográfica.	
26.08.1912	O crime das arribas do Mar. (04)	Reportagem fotográfica.	
02.09.1912	Dr. Manuel d'Arriaga. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre comemoração de aniversário do Presidente da República.	
02.09.1912	No Estoril - Torneio de Tennis no Parque Silva Graça. (10)	Reportagem fotográfica.	
02.09.1912	O ilustre poeta Bulhão Pato - falecido na sua casa do Monte de Caparica a 24 d'agosto. (04)	Reportagem.	
02.09.1912	As melancias. (07)		Arq.
09.09.1912	As escolas de repetição. (08)	Reportagem fotográfica sobre escola militar.	
09.09.1912	A entrega de credenciais do Ministro do Brazil em Lisboa. (01)	Foto de página inteira.	
09.09.1912	As regatas em Paço d'Arcos. (07)	Reportagem fotográfica.	
09.09.1912	A Guarda Republicana de Santarem. (03)	Reportagem fotográfica.	
16.09.1912	Capa: As escolas de repetição: uma avançada de lanceiros.	Capa remete a artigo interior.	
16.09.1912	O regresso das manobras. (03)	Reportagem fotográfica sobre manobras militares.	
16.09.1912	O enterro do sub-inspetor dos bombeiros Conceição. (03)	Reportagem fotográfica.	
16.09.1912	Coluna figuras e Factos. (11)	Reportagem.	
16.09.1912	Os realistas portugueses passam no Tejo. (04)	Reportagem fotográfica sobre 64 "conspiradores" em navio na direção do Brasil.	
23.09.1912	Coluna Figuras e Factos. (10)	Reportagem fotográfica.	
23.09.1912	Nas Escolas de Repetição - cavalaria 2 - e administração militar. (06)	Reportagem fotográfica.	

23.09.1912	Ciclismo – corrida Porto-Lisboa	Reportagem fotográfica.	
23.09.1912	Coluna figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.09.1912	Capa: nas escolas de repetição: um troço da infantaria em atiradores.	Capa remete a artigo interior.	
30.09.1912	Funeral de Francisco Lazaro. (01)	Foto de página inteira sem título de matéria.	
30.09.1912	Na Praia D'Algés - á hora do banho. (11)	Reportagem fotográfica.	Arg.
30.09.1912	Regata em Algés. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
07.10.1912	Coluna Figuras e Factos. (15) Colaboraram nesta edição: Benoliel, Gaston Lot e David. B. da Silva.	Reportagem fotográfica. De Benoliel são 05 clichês.	
07.10.1912	Os conspiradores da carregueira - o Julgamento. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	*
07.10.1912	Uma Festa Operária. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.10.1912	A comemoração dos grandes mortos da Republica. (11)	Reportagem fotográfica, com várias imagens de página inteira.	
21.10.1912	A nova séde da “Voz do Operário”. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.10.1912	Coluna Figuras e Factos. (10)	Reportagem fotográfica.	
21.10.1912	SPORT. (03)	Reportagem fotográfica de jogadores do Sport Lisboa Bemfica.	
21.10.1912	O hidroplano do “Seculo”	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.10.1912	Coluna Figuras e Factos. (09)	Reportagem fotográfica. De Benoliel apenas 06 clichês.	
28.10.1912	Coluna figuras e Factos. (21)	Reportagem fotográfica.	
28.10.1912	A partida do “Adamastor” para Macau. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.11.1912	Coluna Figuras e Factos. (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
04.11.1912	Coluna Figuras e Factos. (09) O fotógrafo Sr. Paixão colabora com 07 clichês.	Reportagem fotográfica.	
11.11.1912	Distribuição de premios na Escola de Guerra. (03)	Reportagem fotográfica.	
11.11.1912	Os novos officiaes do exercito - No dia em que lhes foram entregues os diplomas na Escola de Guerra. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.11.1912	Capa: O hidroaeroplano do <i>Seculo</i> no seu primeiro vôo.	Capa remete a artigo interior.	
18.11.1912	Um contra-torpedeiro grego no Tejo. (03)	Reportagem fotográfica.	
18.11.1912	O Hidroaeroplano do Seculo. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. Muito interessante a distribuição gráfica do artigo...	
18.11.1912	A Exposição de produtos coloniaes na Sociedade de Geografia. (02)	Reportagem fotográfica.	

18.11.1912	Coluna figuras e Factos. (12) Colaboram com esta matéria: Benoliel e V. de Melo.	Reportagem fotográfica. De Benoliel são 10 clichês.	
18.11.1912	Lisboa ao Domingo na Avenida e no Campo Grande. (10)	Reportagem fotográfica.	
25.11.1912	Capa: Na garden-party oferecida pelo Chefe do Estado aos officiaes do "Benjamein Constant": As sras. D. Maria Amelia Arriaga e D. Maxima Arriaga filhas do presidente da Republica e o coronel sr. Matos Cordeiro.	Capa remete a artigo interior.	
25.11.1912	O Benjamin Constant em Lisboa. (10)	Reportagem	
25.11.1912	O Garden Party nos Jardins da Presidencia. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.11.1912	A abertura do Parlamento. (03)	Reportagem.	
02.12.1912	Capa: Na matinée a bordo do "Benjamin Constant"	Capa remete a artigo interior.	
02.12.1912	O almoço a bordo do Benjamin Constant. (04)	Reportagem.	
09.12.1912	No Brazil - o falecimento da esposa do ilustre Presidente da Republica. (01)	Reportagem sobre o falecimento da esposa do Presidente Hermes da Fonseca.	
09.12.1912	O novo mercado de peixe. (09)	Reportagem sobre inauguração de mercado em Santos.	Arq.
09.12.1912	Um casamento elegante. (03)	Reportagem fotográfica.	
16.12.1912	Jantar em homenagem dos chefes das oficinas d' O Seculo. (01)	Foto de página inteira, sem título.	
16.12.1912	O encalhe do "Almirante Reis" - Julgamento e absolvição do seu comandante. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.12.1912	A questão do peixe. (04)	Reportagem fotográfica.	
16.12.1912	Proprietarios e inquilinos. (04)	Reportagem sobre manifestações contra novos impostos.	
23.12.1912	Coluna Figuras e Factos. (08)	Reportagem fotográfica.	
23.12.1912	A Exposição de João Cabral. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.12.1912	O Pintasilgo. (04)	Reportagem.	
30.12.1912	No Centro Hespanhol. (03)	Reportagem fotográfica.	
30.12.1912	A explosão de Chelas. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.12.1912	Coluna Figuras e Factos (19)	Reportagem fotográfica.	

OBS: Em reportagem fotográfica de 29.07.1912, intitulada "Ainda em defeza da patria", é feita pela primeira vez com a colaboração de uma fotógrafa amadora, chamada sra. D. Elisa Carmem Miranda, que fotografou o acampamento de tropas em Ruivães, e continuou a fornecer imagens sobre os problemas enfrentados no Norte. Alguns números mais tarde, mais

precisamente em 02.09.1912 outra fotógrafa fornecia seus clichês, e provavelmente pertencia a mesma família, tratava-se de D. Elvira Miranda, que colaborou com 01 clichê para a Coluna Figuras e Factos.

1º Semestre de 1913

Data	Tema (nª de clichês)	Assunto	nº
06.01.1913	Aspéto do banquete oferecido no Coliseu... (01)	Foto de página inteira sem título	
06.01.1913	A trasladação de Souza Viterbo. (02)	Reportagem fotográfica.	
06.01.1913	No Lactario da Primeira Infancia. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
13.01.1913	As saudações do novo ano. (02)	Reportagem fotográfica onde presidente da república agradece visita dos mesmobros das duas camaras.	
13.01.1913	Na Sé de Lisboa. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
13.01.1913	A deshonra, peça de D. João de Castro, que se representou no Republica. (02)	Reportagem fotográfica.	
13.01.1913	Os cumprimentos do Novo Ano. (12)	Reportagem fotográfica cobrindo evento político.	
20.01.1913	Capa: M.elle PAULUCCI DI CALBOLI, filha do sr. ministro d'Italia, no cavalo <i>Bright</i>.	Capa remete à reportagem interior.	
20.01.1913	O novo ministério. (01)	Foto de página inteira.	
20.01.1913	Os concertos Pedro Blanch. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
27.01.1913	Corpo de marinheiros. (01)	Foto de página inteira.	
27.01.1913	Coluna Figuras e Factos. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
03.02.1913	Capa: NO CARNAVAL: Os ultimos retoques para o baile.	Capa remete a artigo interior.	
03.02.1913	Uma festa d'arte no chiado Terrasse. (06)	Reportagem fotográfica sobre evento social.	
03.02.1913	Ainda o naufragio do "Veronese". (14) Colaboram com esta reportagem Benoliel, A. Vieira & Fº - Fotografia industrial Porto Leixões, Carlos Pereira Cardoso, Aurelio da Paz do Reis.	Reportagem sobre náufragos. De Benoliel são apenas 02 clichês.	
03.02.1913	Em Salva Terra de Magos - a entrega do edificio Escolar creado por subscrição aberta no seculo. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
03.02.1913	A Festa da Arvore. (02)	Reportagem fotográfica.	
03.02.1913	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica.	
10.02.1913	O Carnaval em Lisboa. (28)	Reportagem.	

10.02.1913	A exposição de aguarela, Alberto de Sousa. (04)	Reportagem fotográfica.	
17.02.1913	Capa: NO CAES DE CAMINHA - Desembarque de sargaço.	Capa não remete a artigo interior	
17.02.1913	A abolição do capuz dos penitenciaros. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto. OBS: Foto de presos com capuz	Arq.
17.02.1913	A exposição da ilustre artista D. Emilia Santos Braga. (05)	Reportagem fotográfica.	
17.02.1913	A inauguração da nova sede dos bombeiros voluntarios. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.02.1913	O desastre do aeroplano do aviador Sallés. (02)	Reportagem.	
17.02.1913	Ultimos ecos do Carnaval. (05)	Reportagem.	
17.02.1913	Coluna Figuras e Factos. (13)	Reportagem fotográfica.	
24.02.1913	No Seculo - a visita dos alunos do Liceu Pedro Nunes. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
03.03.1913	Os jornalistas ingleses no norte. (14)	Reportagem.	
03.03.1913	Os jornalistas ingleses no Bussaco e na Batalha. (03)	Reportagem fotográfica.	
03.03.1913	Os jornalistas ingleses em Coimbra. (04)	Reportagem fotográfica	
03.03.1913	Em Lisboa: os jornalistas ingleses. (03)	Reportagem fotográfica.	
03.03.1913	Em Cintra - Os jornalistas ingleses. (04)	Reportagem fotográfica.	
03.03.1913	Coluna Figuras e Factos. (17)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
03.03.1913	O Principe Herdeiro, no Ginasio. (02)	Reportagem sobre espetáculo teatral.	
10.03.1913	Exposição Jose Campas - no salão da ilustração portuguesa. (08)	Reportagem fotográfica.	
17.03.1913	Visitando as escolas. (03)	Reportagem sobre visita de Presidente da República a escolas.	
24.03.1913	No Salão da Ilustração Portuguesa - Exposição d'Arte. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
24.03.1913	Um grupo de mestres de pintura. (05)	Reportagem fotográfica.	
24.03.1913	Centenario de Verdi no salão da Ilustração Portuguesa. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
24.03.1913	Coluna figuras e Factos. (17)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
31.03.1913	A favor d'Assistencia aos Tuberculosos. (04)	Reportagem sobre leilão de quadros em benefício da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.	
31.03.1913	Coluna Figuras e Factos. (15) Colaboram com esta reportagem Benoliel e Pinto Vieira.	Reportagem fotográfica. De Benoliel são 07 clichês.	
31.03.1913	A Festa da Arvore - novos aspectos: em Paço D'Arcos. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
31.03.1913	A festa do Dispensario de Santa Izabel. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
31.03.1913	Coluna Figuras e Factos. (20)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	

07.04.1913	Entre ingleses e portugueses.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre jogo de futebol.	
07.04.1913	A viagem do chefe evolucionista. (03)	Reportagem fotográfica sobre viagem de Antonio José d'Almeida (chefe do Partido Evolucionista) ao norte do país.	
07.04.1913	A Questão do Peixe. (04)	Reportagem.	Arq?
07.04.1913	Coluna Figuras e Factos. (11)	Reportagem fotográfica.	
07.04.1913	Novos Socios do Instituto de Coimbra. (10)	Reportagem fotográfica.	
07.04.1913	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica sobre jogo entre portugueses e ingleses.	
14.04.1913	Reparição dos cavaleiros Casimiros. (05)	Reportagem sobre tourada.	
14.04.1913	Coluna Figuras e Factos. (18)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
21.04.1913	O duelo Carlos Gonçalves - Antonio Osorio (02)	Reportagem fotográfica.	
21.04.1913	A canhoeira alemã "Heber" no Tejo. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.04.1913	Coluna Figuras e Factos. (16)	Reportagem fotográfica.	
21.04.1913	Coluna Figuras e Factos - Um Casamento elegante. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.04.1913	A Festa na Amadora. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.04.1913	A Missão Mascuraud em Lisboa. (04)	Reportagem sobre missão francesa a Lisboa, que representa a Associação de Comércio, Ind. e Agricultura de França.	
21.04.1913	Na "Ilustração Portuguesa" - O concerto da distinta professora de canto, do Porto, sra. D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito. (02)	Reportagem.	
28.04.1913	O telegrafo submarino. (15) Sr. Bryant colabora com 01 clichê.	Reportagem.	
05.05.1913	Os acontecimentos da madrugada de 27 de abril. (16)	Reportagem sobre um movimento de sublevação.	
05.05.1913	O juramento de bandeiras nos regimentos de Lisboa. (03)	Reportagem fotográfica.	
05.05.1913	A inauguração do monumento aos "boers" mortos em Portugal. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.05.1913	Colonia brasileira em Lisboa. (02)	Reportagem fotográfica.	
12.05.1913	Uma festa d'Arte no Salão da Ilustração Portuguesa. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.05.1913	O prédio desmoronado no Alto da Pina. (02)	Reportagem fotográfica. OBS: prédio desmoronado.	*
12.05.1913	Ministros de Hespanha em Lisboa. (02)	Reportagem fotográfica.	
12.05.1913	Coluna Figuras e Factos. (10) De Benoliel apenas 01 clichê.	Reportagem fotográfica sobre julgamento dos envolvidos no "complot de 27 de abril em Evora".	

12.05.1913	Ainda acontecimentos politicos. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre o “complot de 27 de abril”.	
12.05.1913	A festa em homenagem ao Brazil. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.05.1913	A chegada do 34 a Lisboa. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.05.1913	Coluna Figuras e Factos. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.05.1913	Na Escola de Guerra. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.05.1913	As festas em Vila Franca. (03)	Reportagem.	
26.05.1913	Capa: A exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes: M.lle C. A J. quadro a oleo do ilustre pintor Carlos Reis.	Capa remete à reportagem interior.	
26.05.1913	Coluna Figuras e Factos. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.05.1913	Concurso Hípico em Pavalhã. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.05.1913	Sociedade Nacional de Belas Artes - 10ª exposição. Inauguração do palacio de exposições. (74) Colaboram nesta reportagem Benoliel e Coutinho.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
02.06.1913	Mais trabalhos expostos na Sociedade de Belas Artes. (08)	Reportagem fotográfica.	
02.06.1913	Concurso Hípico. (19)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.06.1913	Aspecto de comicio contra aumento de renda de casas. (01)	Foto de página inteira sem titulo apenas com legenda.	
09.06.1913	O concurso de gado turino. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
09.06.1913	Coluna Figuras e Factos. (23)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.06.1913	As provas de aviação no Campo Grande. (04)	Reportagem fotográfica.	
23.06.1913	Coluna figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.06.1913	Coluna Figuras e Factos. (07)	Reportagem fotográfica.	
23.06.1913	Ainda as festas da cidade. (08)	Reportagem inclui uma foto de página inteira onde o Presidente da República visita jornalista de O Seculo ferido por estilhaço de bomba.	
23.06.1913	A Batalha das flôres. (06)	Presidente da República visitando jornalista de O Seculo ferido por estilhaço de bomba	
23.06.1913	O Concurso Hípico. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

23.06.1913	Aviação e ciclismo. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre evento realizado no Campo Grande.	
23.06.1913	A morte do aviador Manio. (05)	Reportagem.	
23.06.1913	Feridos por estilhaços de bomba. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre feridos com bomba lançada na rua do Carmo no Cortejo Camoniano.	
23.06.1913	Coluna Figuras e Factos. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.06.1913	Lisboa embeleza-se - Como se transforma um angulo do Rocio. (03)	Reportagem sobre inauguração de um estabelecimento de venda de automóveis.	
30.06.1913	Capa: Mademoiselle Otavia Stromp, uma das mais distintas tennistas portuguesas durante um torneio realizado no sporting Club.	Capa remete à reportagem interior.	
30.06.1913	As faianças de Manuel Gustavo. (04)	Reportagem.	
30.06.1913	Caridade para com as creanças. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.06.1913	Coluna Figuras e Factos. (22)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
30.06.1913	Desafios de Foot-ball entre Francezes e Portuguezes. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

Outros fotógrafos e agências internacionais surgem nas páginas da ILP: A. Mesquita de Figueiredo (além de fotografar escreve os próprios artigos), Chusseau Flaviens, Archives du Miroir, Louis Hugelmann, Carlos Pereira Cardoso, Alvaro Martins, Central Photos, J. Fernandes, Alves Pereira, Albino Pereira de Carvalho (fez a série de fotos de Costumes Portugueses), Phot. Alemã

Os primeiros meses do ano são marcados por algumas colunas que se repetem com frequência. É o caso da coluna sobre a Guerra dos Balkans com imagens sobre a guerra, uma outra constância é uma coluna chamada Vida Colonial que trata de questões relacionadas às Colonias Portuguesas na África. O naufrágio do Veronese ocupou vários números da ILP. Há também uma quantidade crescente de clichês de agências internacionais cobrindo eventos no estrangeiro. (observações válidas para os meses de Jan, Fev.)

Benoiel colabora neste semestre com 661 clichês e faz 5 capas.

2º Semestre de 1913

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
07.07.1913	O pão. (19). Colaboram com esta reportagem: Benoliel, J. Magalhães Junior, Fernandes.	Reportagem sobre todas as etapas que levam até a chegada do pão às mesas. De Benoliel são 10 clichês.	*
07.07.1913	Professor de piano e alunas. (01)	Foto de página inteira, apenas com legenda e sem título.	
07.07.1913	Coluna figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
07.07.1913	Dois grandes incendios. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
07.07.1913	A falta d'agua em Lisboa. (02)	Reportagem.	Arq.?
07.07.1913	Coluna figuras e Factos. (09)	Reportagem.	
14.07.1913	Telegrafia sem Fios – a Telegrafia sem Fios e o nosso serviço Radiografico de Campanha. (06)	Reportagem sobre o papel militar da telegrafia sem fios.	
14.07.1913	A Morte do Maximombo ³⁰⁶ . (15)	Reportagem.	
14.07.1913	Coluna figuras e Factos. (14)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos sobre diferentes temas, dentre os quais, o casamento do filho de Eça de Queiroz e interior de fábrica onde se mostra máquina de engarrafar e espaço onde é feito o empacotamento de garrafas.	
21.07.1913	Festa oferecida no Club Alemão à oficialidade da canhoeira <i>Eber</i> . (01)	Foto de página inteira, apenas com legenda e sem título.	
21.07.1913	Coluna Figuras e Factos. (15). Colaboram Benoliel, Bobone e Hugelmann. De Benoliel apenas 01 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.07.1913	Os acontecimentos da madrugada de 20 em Lisboa. (14)	Reportagem sobre um chamado “movimento revolucionário” que envolveu civis e militares e bombas de fabrico caseiro.	
28.07.1913	A visita do Presidente da Republica á Exposição de Lavoies da Escola Normal. (01)	Foto de página inteira apenas com legenda e sem título.	
28.07.1913	A corrida de automoveis na Pimenteira. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.07.1913	Coluna Figuras e Factos. (17) O fotógrafo Silva Nogueira colabora com 01 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.08.1913	Capa: EM TANGER: Mademoiselle Delmar no seu traje de noiva judia.	Capa remete para reportagem interior.	

³⁰⁶ Tipo de bonde.

04.08.1913	Uma Viagem a Tanger. (20) O fotógrafo Johan colabora com 02 clichês.	Reportagem de Benoliel sobre a cidade marroquina de Tanger ³⁰⁷ .	*/Arq.
04.08.1913	Coluna Figuras e Factos. (35) De Benoliel são apenas 03 clichês. A maioria das imagens são retratos pequeno formato (tipo 3X4) e não possuem fotógrafo identificado.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.08.1913	A doença do sr. Presidente da Republica. (19)	Reportagem	
11.08.1913	Apreensão das bombas do Monsanto. (04)	Reportagem.	
11.08.1913	Coluna Figuras e Factos. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.08.1913	O submersível "Espardarte" no Tejo. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre primeiro submersível português.	
18.08.1913	A convalescença do Presidente da Republica. (01)	Foto de página inteira, apenas com legenda.	
18.08.1913	O Congresso do Partido Evolucionista. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.08.1913	O Duelo Montercal - Reis Torgal. (02)	Reportagem fotográfica.	
18.08.1913	A Fragata Presidente Sarmiento. (10)	Reportagem.	
18.08.1913	Coluna Figuras e Factos. (14)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
25.08.1913	Coluna Figuras e Factos. (24) Colaboram nesta reportagem Benoliel, amador Rodolfo S. Graça, amador Lourenço Ascenio, amador Gracindo Faial.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos. De Benoliel são apenas 02 clichês.	
25.08.1913	Retificação do juramento de bandeiras na armada. (03)	Reportagem fotográfica.	
25.08.1913	O concurso dos Balões-Pilotos na Amadora. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	*?
25.08.1913	Coluna Figuras e Factos. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
01.09.1913	O juramento de bandeiras nos regimentos de infantaria de Lisboa. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.09.1913	A prova final da Sociedade Militar nº 1. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.09.1913	Coluna Figuras e Factos. (40) De Benoliel são 05 clichês, sendo que a maioria não possui fotógrafo identificado.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
08.09.1913	As experiencias do Himalate e o Dinamite. (07)	Reportagem	
08.09.1913	As Escolas de Repetição. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre escola militar.	
08.09.1913	Coluna Figuras e Factos. (10). Fot. Central colabora com 03 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	

³⁰⁷ Primeira vez que Benoliel assina uma reportagem além de ser seu próprio fotógrafo.

15.09.1913	Um presente de noivado para D. Manuel de Bragança. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre presente em arca parado na alfândega.	
15.09.1913	Os Sapadores Mineiros ³⁰⁸ em Tancos. (16)	Reportagem sobre treinamento de tropas.	
15.09.1913	Coluna Figuras e Factos. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
22.09.1913	Coluna Figuras e Factos. (25) De Benoliel são 19 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
29.09.1913	Não há clichê de Benoliel.		
06.10.1913	Coluna Figuras e Factos. (20) De Benoliel são 11 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
13.10.1913	A recção no palacio da presidencia. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre comemoração do 3º aniversário da República.	
13.10.1913	O Benjamim Constant no Tejo. (07)	Reportagem sobre navio escola.	
20.10.1913	O Congresso do Livre Pensamento. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
20.10.1913	Coluna Figuras e Factos. (35) De Benoliel são 02 clichês. Todos os outros estão sem identificação.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
20.10.1913	A anistia aos presos politicos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
20.10.1913	O comicio Evolucionista no Poço do Bispo. (02)	Reportagem fotográfica.	
27.10.1913	O movimento revolucionário de 21 de Outubro. (17)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
27.10.1913	Uma ferra em Alhandra. (09)	Reportagem sobre a ferra de novilhos.	
27.10.1913	Coluna figuras e Factos. (19) De Benoliel são 11 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
03.11.1913	Não há clichês de Benoliel		
10.11.1913	Coluna Figuras e Factos. (12) De Benoliel são 08 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
10.11.1913	Abertura da Escola de Guerra. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.11.1913	O movimento monaquico. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.11.1913	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica.	
17.11.1913	A Matinée no Coliseu dos Recreios. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.11.1913	Exposição de aguarelas no salão da "Ilustração". (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.11.1913	Coluna Figuras e Factos. (21)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
24.11.1913	Coluna Figuras e Factos. (22) De Benoliel são 02 clichês	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	

³⁰⁸ Espécie de bombeiros que lidam com explosivos.

24.11.1913	As eleições suplementares em Lisboa. (36)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre vitória do Partido Democrata. Acompanha quadro dos eleitos.	
01.12.1913	O 50º aniversário dos Arqueólogos Portugueses. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre aniversário da associação dos arqueólogos portugueses.	
01.12.1913	Coluna Figuras e Factos. (23)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
08.12.1913	O “Serão da Infanta” em S. Carlos. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.12.1913	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
08.12.1913	Coluna Figuras e Factos. (15) Colaboram com esta reportagem Benoliel, Bobone, amador Ricardo Ribeiro.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos. De Benoliel são 03 clichês.	
08.12.1913	Os Teatros. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.12.1913	Sessão histórica d’elogio a Sousa Monteiro e Bulhão Pato. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.12.1913	A Sessão solene de Instrução Militar Preparatória. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.12.1913	O “complot” monárquico de Torres Novas. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.12.1913	A sessão inaugural do Parlamento. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.12.1913	Coluna Figuras e Factos. (20) Archives du Miroir colabora com 01 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
15.12.1913	Coluna Os Teatros. (04)	Reportagem	
22.12.1913	Coluna Figuras e Factos. (23) De Benoliel são 13 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
22.12.1913	Coluna Os Teatros. (04)	Reportagem	
29.12.1913	Coluna Figuras e Factos. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
29.12.1913	Mostrador e maquinismo do relógio público que vai ser instalado no edifício situado a Oeste do escritório da Exploração do Porto de Lisboa. (05)	Reportagem.	
29.12.1913	Caes e Docas no Porto de Lisboa. (13)	Reportagem.	
29.12.1913	A chegada dos presos d’Angra. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.12.1913	Coluna Teatros. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

Outros fotógrafos e/ou agências internacionais dão sua contribuição neste período: Alvaro Martins (fotógrafo do Porto), Archives du Miroir, Biel (fotógrafo do Porto), Arnaldo Rodrigues, Carlos Pereira Cardoso, Carvalho, J. B. Passaporte, Alvão (Porto),

Os primeiros meses do 2º semestre possuem algumas reportagens que se desdobram por vários artigos. É o caso, por exemplo, da série “O Pará Industrial”, onde se enfoca diferentes

indústrias que se instalaram neste Estado brasileiro. Esta série se abre com a reportagem “A industrialização portuguesa no Brazil - o Pará Industrial”. Nestas reportagens destacam-se o interior das fábricas, máquinas e equipamentos e seus principais industriais. Dentre as indústrias destacadas estão: a Fábrica de Cordas Amiagem, Fabrica de Cerveja Paraense, Grandes Oficinas Mecânicas.

O segundo semestre vê o aparecimento de inúmeras capas do fotógrafo Alvão, do Porto, sempre tomando como tema mulheres típicas.

A Coluna Figuras e Factos neste 1º semestre ganha mais uma alteração: passam a ser inseridas mais fotografias sendo sua maioria no formato retrato em que os seus fotógrafos não são identificados. Benoliel continua a fazer clichês dos eventos, mas os retratos são agora a maior predominância...

De Benoliel neste semestre são 593 clichês e apenas uma capa.

Fotógrafos que colaboram neste semestre: Vasques, Aurelio da Paz dos Reis, Bobone, Fernandes, amador Joaquim Menezes Barbosa, Alvaro Martins, João de Magalhães Junior, Alvaro Martins, Tavares, amador Alfredo Pereira, Ruah, Garcez.

Algumas reportagens ganham imagens com tons azulados e sépia acastanhado. A inovação mais uma vez é a Coluna Figuras e Factos que passa a ganhar micro-reportagens em seu interior, com direito a título, foto e texto escrito.

Benoliel colabora com 899 clichês e não faz nenhuma capa.

1º Semestre de 1914

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
05.01.1914	Coluna Figuras e Factos. (09) De Benoliel são 08 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.01.1914	A recepção do ano novo no palácio de Belém (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.01.1914	Coluna Figuras e Factos. (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
12.01.1914	Primeira sessão da nova vereação da Câmara Municipal de Lisboa. (01)	Foto de página inteira, sem título, apenas com legenda.	
19.01.1914	A greve dos ferro-viários. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.01.1914	Os Peixes – Impressões do Aquário d'Algés. (19)	Reportagem.	
19.01.1914	Exposição de aquarelas (22)	Reportagem.	
19.01.1914	Coluna Figuras e Factos (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
26.01.1914	O nevoeiro em Lisboa. (02)	Reportagem.	
26.01.1914	Coluna Figuras e Factos (21)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
26.01.1914	A greve dos ferro-viários (20)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
26.01.1914	Coluna Figuras e Factos. (19) Colaboram com esta reportagem Benoliel (18), e o amador Carlos Gomes (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
02.02.1914	A greve dos ferro-viários (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
02.02.1914	A sessão no Congresso (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
02.02.1914	Coluna Teatros (05)	Reportagem sobre os espetáculos na cidade.	
09.02.1914	Mais uma escola construída pelo "Século" no Ribatejo. (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a construção de escola em área atingida pelo terremoto de 1909.	
09.02.1914	Coluna Figuras e Factos. (05) Colaboram com a reportagem Benoliel (01) e o amador Luiz Terra (01), demais não identificados os fotógrafos	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
09.02.1914	A chegada do sr. Dr. Bernardino Machado a Lisboa. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre chegada de embaixador de de Portugal no Brasil.	
09.02.1914	Coluna Teatros. (05)	Reportagem sobre os espetáculos na cidade.	

16.02.1914	A Festa do Centro Hespagnol. (17) Colaboram com esta reportagem Benoliel (01) e fotógrafo Fernandes (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.02.1914	O abalroamento do "Lutetia" com o "Dimitrios" (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre abalroamento envolvendo um paquete francês e um vapor grego entre os Cabos da Roca e Raso.	
16.02.1914	As experiências d'aplicação dos explosivos na agricultura (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.02.1914	A festa na Sé pela chegada do patriarca de Lisboa (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.02.1914	Coluna Teatros. (06)	Reportagem sobre os espetáculos no texto.	
23.02.1914	O novo governador civil de Lisboa(02)	Reportagem.	
23.02.1914	Coluna Teatros (09)	Reportagem sobre os espetáculos na cidade.	
23.02.1914	O novo governador civil de Lisboa (02)	Reportagem.	
23.02.1914	Coluna Teatros (09)	Reportagem sobre o espetáculo na cidade	
23.02.1914	Coluna Figuras e Factos. (08)	Reportagem sobre o espetáculo na cidade	
23.02.1914	Coluna Figuras e Factos (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de texto	
02.03.1914	No Salão da Ilustração Portuguesa – a Conferencia sobre a "Festa da Arvore". (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.03.1914	O decreto da amnistia (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre anistia à presos políticos.	
02.03.1914	Coluna Figuras e Factos. (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
02.03.1914	(O Carnaval) em Lisboa. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos	
02.03.1914	Coluna Teatros (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno textos.	
02.03.1914	Coluna Figuras e Factos (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos sobre descarrilamento de comboio na greve dos ferroviários e banquete oferecido ao escritor brasileiro João do Rio.	
09.03.1914	Últimos Ecos do Carnaval (28)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre o carnaval, com destaque para as fantasias infantis.	
09.03.1914	Coluna Figuras e Factos (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
09.03.1914	Duas Festas de caridade (03)	Reportagem fotográfica.	

09.03.1914	Coluna Teatros (02)	Reportagem sobre os espetáculos na cidade	
16.03.1914	Coluna Teatros (04)	Reportagem sobre os espetáculos na cidade	
16.03.1914	Coluna Figuras e Factos (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos	
16.03.1914	Uma bela exposição de automóveis (03)	Reportagem	
23.03.1914	O cap. Trafalgar (15)	Reportagem sobre barco da companhia Hamburgo Sul America	
23.03.1914	Coluna Figuras e Factos (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
23.03.1914	A Exposição Olisiponense (19)	Reportagem	
23.03.1914	A festa da Árvore (07)	Reportagem	
23.03.1914	Coluna Figuras e Factos (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
23.03.1914	Coluna Teatros (04)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
30.03.1914	Concerto na Sala de Portugal da Sociedade de Geografia (01)	Foto de página inteira, sem título apenas com legenda.	
30.03.1914	Exposição José Campas (10)	Reportagem sobre exposição de pintura.	
30.03.1914	Coluna Teatros (03)	Reportagem sobre espetáculos na cidade	
06.04.1914	Vigo (10)	Reportagem sobre cidade espanhola	
06.04.1914	A transladação dos ossos dos filhos de D. João IV (04)	Reportagem.	
06.04.1914	A exposição Olisiponense (02)	Reportagem.	
06.04.1914	Exposição Battistini no Salão da "Ilustração Portuguesa" (06)	Reportagem.	
06.04.1914	O enterro de Ramiro Pinto (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.04.1914	Coluna Figuras e Factos (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
06.04.1914	Coluna Teatros (08)	Reportagem sobre espetáculos na cidade	
13.04.1914	Coluna Figuras e Factos (19)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
13.04.1914	A Festa da Arvore na Tutoria da Infância (02)	Reportagem	
13.04.1914	Homenagem ao maestro David de Souza (06)	Reportagem fotográfica	
13.04.1914	Coluna Figuras e Factos (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
13.04.1914	Coluna Teatros (02)	Reportagem sobre os espetáculos na cidade.	
20.04.1914	Coluna Figuras e Factos (02)	Reportagem sobre o ator Jorge Grave	

20.04.1914	Aspetos da corrida na praça do Campo Pequeno. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
20.04.1914	A Semana Santa em Lisboa (14) Colaboram nesta reportagem Benoliel (01) A Garcez (01) e demais clichês sem identificação	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
20.04.1914	Coluna Teatros (14)	Reportagem sobre espetáculos na cidade	
20.04.1914	Coluna Figuras e Factos (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
27.04.1914	O novo embaixador do Brasil em Lisboa (02)	Reportagem	
27.04.1914	Uma bela conferencia no Salão da "Ilustração Portuguesa" (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre conferencia proferida por André Gil sobre Paris	
27.04.1914	Coluna Teatros (04)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
27.04.1914	Coluna Figuras e Factos (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
04.05.1914	O embaixador do Brazil em Lisboa (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.05.1914	O orfeon das Escolas Normaes (09)	Reportagem fotográfica	
04.05.1914	No Liceu Maria Pia (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
04.05.1914	Coluna Figuras e Factos (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
04.05.1914	Coluna Teatros (09)	Reportagem sobre espetáculos na cidade	
11.05.1914	A homenagem em Lisboa pelo aniversário da descoberta do Brazil (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
11.05.1914	O duelo Leote do Rego - Nunes Ribeiro (04)	Reportagem fotográfica	
11.05.1914	A morte do professor Ventura Faria d'Azevedo (02)	Reportagem	
11.05.1914	A revista aos recrutas no Hipódromo (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
11.05.1914	Coluna Figuras e Factos (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
11.05.1914	O 1º de Maio (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
11.05.1914	O Congresso das associações Comerciaes e Industriaes (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
11.05.1914	Coluna Teatros (02)	Reportagem sobre espetáculos na cidade	
18.05.1914	As exéquias por alma do sr. José Luciano (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.05.1914	Homenagem ao Sr. Afonso Costa (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

18.05.1914	A morte da Sra Marqueza da Fronteira (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
18.05.1914	O Congresso das Associações Comerciaes e Industriaes (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
18.05.1914	A exposição d' avicultura	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.05.1914	Coluna Figuras e Factos. (19) Colaboram com esta reportagem: Benoliel, Álvaro Martins, Sr. David Mota (fotógrafo amador de Mafra), Berliner Illustration	A coluna ganha aqui uma inovação que vinha sendo “desenhada” em outros números: micro-reportagens inseridas no corpo da coluna. Neste caso, há as imagens avulsas sobre diferentes temas e 5 pequenas reportagens formadas por imagem, título e pequeno texto.	
18.05.1914	A tourada de Algés (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
18.05.1914	Coluna Teatros (05)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
25.05.1914	O Concurso hípico (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre concurso hípico no Hipódromo de pavalhã.	
25.05.1914	A exposição de Belas Artes (44) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (42), J. Coutinho (01), Furtado & Reis (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
25.05.1914	Coluna Figuras e Factos (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
25.05.1914	Coluna Teatros (05)	Reportagem sobre espetáculos na cidade	
01.06.1914	O Concurso Hípico (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.06.1914	Coluna Figuras e Factos (16)	Reportagem fotográficas acompanhada de pequenos textos	
01.06.1914	Coluna Teatros (01)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
08.06.1914	O Concerto de Manuel Gomes no Salão da Ilustração Portuguesa (19)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
08.06.1914	Coluna Figuras e Factos (25)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
08.06.1914	Uma “poule” á espada (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre um “match” de esgrima.	
08.06.1914	Coluna Figuras e Factos (04)	Reportagem sobre espetáculos na cidade	
15.06.1914	O concerto pelas alunmas da ilustre pianista Sra. Dra. Adélia Heinz no Salão da “Ilustração Portuguesa”(24)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.06.1914	Coluna Teatros (03)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	

22.06.1914	A tourada no Campo Pequeno (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos	
22.06.1914	Coluna Figuras e Factos (21)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
29.06.1914	Coluna Figuras e Factos (16) Colaboram com esta reportagem Benoliel (15) Amador Sr. Melo Abreu (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos	
29.06.1914	No Salão da Ilustração Portuguesa - H "matinée" da distinta professora D. Lucila Moreira (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre recital de piano.	
29.06.1914	As festas da exposição automobilística do Porto, (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
29.06.1914	Coluna Teatros (05)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	

Fotógrafo: Vasques, Aurélio da Paz dos Reis, Bobone, Fernandes, amador Joaquim Menezes Barbosa, Álvaro Martins, João de Magalhães Junior, Álvaro Martins, Tavares, amador Alfredo Pereira, Ruah, Garcez

Algumas reportagens ganham imagens com tons azulados e sépia acastanhado

A inovação mais uma vez é a Coluna Figuras e Factos que passa a ganhar micro-reportagens em seu interior, com direito a título, foto e texto escrito.

2º Semestre de 1914

Data	Tema (nª de clichês)	Assunto	nº
06.07.1914	Coluna Figuras e Factos. (25) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (18), Tinoco (09), Beriner Illustrations Gesellschaft (02), Lazarus (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
13.07.1914	A visita do Presidente da Republica ao Municipio. (03)	Reportagem fotográfica.	
13.07.1914	A missa por alma de D. Maria Pia. (03)	Reportagem fotográfica.	
13.07.1914	Banquete de confraternização e fim do ano letivo realizado no salão da biblioteca do liceu Passos Manuel. (01)	Foto de página inteira, sem título, apenas com legenda.	
13.07.1914	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
13.07.1914	Coluna Teatros. (03)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
20.07.1914	O comício da Avenida Almirante Reis. (03)	Reportagem fotográfica de comício onde compareceram os senhores Camilo Rodrigues, Julio Martins e Estevão Pimentel.	
20.07.1914	Coluna figuras e Factos. (19) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (06), amador Augusto Maximo do Nascimento e Silva (01), José Augusto da Encarnação (01), Alvaro Martins (07), R. Coelho de Arcos de Valdevez (01), demais clichês não identificados.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
20.07.1914	Coluna Teatros. (08)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
27.07.1914	Coluna Teatros. (03)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
03.08.1914	A exposição das alunas da Escola Normal. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a visita do Presidente da República e o Ministro da Instrução - Sobral Cid - à Escola Normal.	
03.08.1914	Coluna Figuras e Factos. (20)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
03.08.1914	A convocação extraordinária das camaras. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a convocação extraordinária da camara para votação de lei eleitoral.	
03.08.1914	Coluna Teatros. (03)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	

10.08.1914	Como o Estoril se transforma. (13)	Reportagem sobre obras de saneamento em Estoril.	
10.08.1914	O vôo das aves. (08)	Reportagem sobre migração de aves de regiões polares para os mares de Portugal.	
10.08.1914	Lactario da paróquia de S. José. (28)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre os serviços prestados pelo lactário a crianças pobres.	
10.08.1914	Coluna Figuras e Factos. (08) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (02), J. Canela (02), demais fotos não identificadas.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.08.1914	Partindo para a Guerra. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a partida de franceses e alemães para seus países de origem.	
17.08.1914	A guerra sobre o mar. (14)	Reportagem sobre navios e submarinos utilizados em combates.	
17.08.1914	Exposição de frutas no Salão da "Ilustração Portuguesa". (05)	Reportagem fotográfica.	
17.08.1914	Coluna Figuras e Factos. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
17.08.1914	Portugal e a guerra. (10)	Reportagem sobre o posicionamento de Portugal quanto à Guerra.	
17.08.1914	Coluna Teatros. (02)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
17.08.1914	A sessão extraordinária da Câmara dos Deputados no dia 7. (01)	Foto de página inteira.	
24.08.1914	Coluna Figuras e Factos. (18) Colaboram nesta reportagem: Benoliel (03), Nina & Pantoja (01), amador Chain J.or, demais clichês não identificados.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
24.08.1914	Campeonato de Esgrima. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
24.08.1914	Exposição de pomologia na escola do Posto Agrário de Queluz. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
31.08.1914	Não há clichês de Benoliel.		
07.09.1914	Movimento humanitário em Lisboa. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a iniciativa do jornal O Século em recolher donativos para vítimas da Guerra.	
14.09.1914	As expedições portuguesas. (03)	Reportagem sobre chegada em Lisboa de contingentes militares enviados a Angola e Moçambique.	
21.09.1914	Para os feridos da Guerra. (03)	Reportagem sobre os resultados da campanha promovida pelo Jornal O Século para arrecadar donativos para as vítimas da Guerra.	

21.09.1914	Regata de vela em Caxias. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.09.1914	As expedições portuguesas á Africa. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.09.1914	O teatro da Republica devorado pelas chamas. (05)	Reportagem sobre incêndio no teatro da República.	
28.09.1914	Os donativos enviados pelo “Seculo” á Cruz Vermelha Franceza. (01)	Foto de página inteira.	
28.09.1914	Lançamento do “destroyer Guardian” ao mar. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.09.1914	Coluna Figuras e Factos. (06) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (01), amador Chaim Junior (02), demais clichês não identificados.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.10.1914	Inglaterra e Portugal. (07)	Reportagem sobre a aliança de Portugal com Inglaterra na Guerra.	
12.10.1914	França e Portugal. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre aliança Portugal e França.	
12.10.1914	A Belgica e a França. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre manifestação civil nas ruas de Lisboa contra os alemães e em apoio ao aliados.	
12.10.1914	Contingentes para a Africa. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.10.1914	Feridos da Guerra. (04)	Reportagem sobre os donativos obtidos pelo Jornal O Seculo.	
19.10.1914	A tourada em favor dos feridos. (31)	Reportagem fotográfica com retratos de todos os toureiros participantes.	
19.10.1914	A explosão da fabrica de gaz.(09)	Reportagem sobre explosão em fábrica de gás localizada na Rua Boa Vista.	
26.10.1914 ³⁰⁹	Os Socorros d’O Seculo aos Feridos da Guerra. (01)	Foto de página inteira dos donativos.	

³⁰⁹ Toda a parte que se refere às imagens de Guerra desta edição apresenta-se em papel de qualidade inferior e amarelecido...

A ILP justificando isso, escreve em sua capa final sob o título “Uma explicação necessaria”: “(...) Todas as ilustrações estrangeiras tem passado por modificações materiaes desde que a guerra veiu dificultar as relações comerciaes entre todos os paizes, obrigando tambem umas fabricas a fechar e outras a reduzir a sua laboração. As fabricas de papel tem sido das mais afetadas. Umas publicações ilustradas tem diminuido o seu numero de paginas, outras empregam o papel primitivo que usavam comoutro de qualidade um pouco inferior.

A Ilustração Portugueza vê-se nas mesmas dificuldades. O papel couchè vinha da Alemanha. Temos feito todos os esforços para obter da Inglaterra e da America do Norte, mas até hoje tem-nos sido impossivel, porque tais paizes lutam com as mesmas dificuldades. Tinhamos um grande deposito d’esse papel, que tem sido na maior parte consumido pelas largas tiragens da ILUSTRAÇÃO. A reserva que ainda possuímos, não ha remedio senão lotal-a com outro papel; e por isso algumas páginas não saem com a impressão nitida das outras. Oxalá que para satisfação de todos tão deploravel estado de coisas tenha em breve solução”.

26.10.1914	A favor dos feridos na guerra - Uma grande festa no "Stadium de Lisboa". (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre competições esportivas em favor de vítimas da guerra.	
26.10.1914	Coluna Figuras e Factos. (14) De Benoliel são apenas 04 clichês. Demais não identificados.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
02.11.1914	Coluna Figuras e Factos. (10) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (03), Chaim Junior (02), demais não identificados.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
09.11.1914	Coluna Figuras e Factos. (12) Colaboram nesta reportagem: Benoliel (01), Armando Dias (01) e demais clichês não identificados.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
09.11.1914	Os trabalhos na vindima. (06)	Reportagem.	
09.11.1914	Coluna Figuras e Factos. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
16.11.1914	Capa: O abraço de despedida...	Capa remete à reportagem interior.	*
16.11.1914	Portugal defende-se. (06)	Reportagem sobre partida de marinheiros para Angola.	
23.11.1914	Coluna Figuras e Factos. (07)	Reportagem fotográfica.	
23.11.1914	Portugal prepara-se para a guerra. (10)	Reportagem sobre exercícios militares.	*
30.11.1914	Para os feridos da guerra. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre donativos arrecadados pelo O Século para as vítimas de guerra.	
30.11.1914	Portugal na Guerra. (01)	Foto de página inteira do Parlamento em sessão extraordinário definindo a posição de apoio às tropas aliadas por Portugal.	
30.11.1914	Coluna Figuras e Factos. (08) De Benoliel, apenas 01 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
07.12.1914	Socorros aos feridos da guerra. (01)	Foto de página inteira acompanhada de pequeno texto sobre arrecadação de donativos pelo Jornal O Seculo.	
07.12.1914	Coluna figuras e Factos. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
14.12.1914	Coluna Figuras e Factos. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
14.12.1914	Exposição de Belas-Artes no Salão da "Ilustração Portuguesa". (05)	Reportagem fotográfica.	
14.12.1914	Beneficiencia da freguezia de S. Mamede. (05)	Reportagem fotográfica sobre inauguração de instituição.	
14.12.1914	Expedições portuguesas para a Africa do Sul. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.12.1914	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	

21.12.1914	A defeza de Angola. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.12.1914	Coluna Figuras e Factos. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
21.12.1914	1º Aniversario da “Mundial”. (03)	Reportagem fotográfica sobre aniversário de companhia de seguros.	
28.12.1914	Agostinho Franco. (02)	Reportagem sobre falecimento de crítico musical e músico.	
28.12.1914	No salão da “Ilustração Portuguesa”. (28)	Reportagem fotográfica.	

Alguns fotógrafos do período: G. Tinoco, J. Fernandes, Alvaro Martins, João Canela.

Com a explosão da 1ª Guerra Mundial o número de clichês de agências internacionais aumenta consideravelmente no interior da ILP, como se pode observar...: Achives du Miroir, Chusseau-Flaviens, Delius, Central-Photos, M. Branger, Berliner Illustration.

Com a explosão da Guerra há o surgimento de uma coluna intitulada “A Europa em Guerra”, onde os diferentes temas relacionados à guerra são veiculados. As reportagens são em quase sua totalidade fotográficas com pequenos textos ou legendas. As imagens ganham um maior formato: quase sempre estão distribuídas em 1 ou 2 imagens por página.

As imagens procuram mostrar exercícios militares, cidades bombardeadas e destruídas, vítimas civis e movimentos militares. Neste sentido, as imagens ganham um caráter informativo e exclui-se a presença de texto escrito na maior parte dos casos.

Também se inclui nestas reportagens informações sobre cidades afetadas ou em vias de ser, incluindo-se imagens destas antes de sua destruição.

Na impossibilidade de fotografias para determinados acontecimentos, utiliza-se o recurso do desenho ilustrado.

Os clichês de Benoliel para a Coluna Figuras e Factos começam neste período a sofrer franca redução e conforme já vinha ocorrendo já há algum tempo inicia-se a inserção de numeros retratos, estes quase sempre sem identificação. As imagens maiores e que tinham um caráter de “crônica ilustrada” tem seus autores identificados.

De Benoliel são 442 clichês e apenas uma capa.

1º Semestre de 1915

Data	Tema (n ^a de clichês)	Assunto	n ^o
04.01.1915	Coluna Figuras e Factos. (02)	Reportagem fotográfica.	
04.01.1915	Coluna Teatros. (02)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
11.01.1915	Coluna Teatros. (02)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
18.01.1915	As novas instalações da Associação dos Empregados no Comercio. (18)	Reportagem.	
18.01.1915	Coluna Teatros. (01)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
25.01.1915	Coluna Figuras e Factos. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.01.1915	Coluna Teatros. (02)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	
01.02.1915	O general sr. Pimenta Castro, presidente do novo ministerio...(01)	Foto de página inteira, sem título e apenas com pequena legenda.	
01.02.1915*	Uma encantadora festa intima. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre comemoração de 32 anos de atuação do industrial Castanheira de Moura em Lisboa.	
08.02.1915*	Coluna Figuras e Factos. (03)	Reportagem fotográfica.	
15.02.1915	Para o sul de Angola. (06)	Reportagem sobre o envio de tropas portuguesas para Angola.	MB!
15.02.1915	Coluna Figuras e Factos. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos, com 10 retratos sem crédito de fotógrafo e apenas 01 cliché de Benoliel.	
22.02.1915	O Carnaval. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
22.02.1915	Monumento a Camões. (04)	Reportagem sobre a maquete para monumento em homenagem a Camões.	
22.02.1915	Coluna Figuras e Factos. (21) De Benoliel apenas 02 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
01.03.1915	Não há clichês de Benoliel		
08.03.1915	Uma grande manifestação militar. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre manifestação de militares a favor do governo que lhes concedeu novamente o direito de voto.	

08.03.1915	A Reunião no Congresso. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre reunião do parlamento onde se negaria validade aos atos ditatoriais do governo.	
08.03.1915	Casamento Hebraico. (02)	Reportagem sobre um casamento israelita.	
15.03.1915	Paginas Historicas. (09)	Reportagem complementar à do número anterior sobre reunião do Congresso contra o governo ditatorial.	
15.03.1915	Dois mortos ilustres. (04)	Reportagem sobre as mortes do Dr. Visconde Gonçalves e o Visconde de Meireles.	
15.03.1915	A Festa da Arvore. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.03.1915	O deputado dr. Henrique Cardoso. (02)	Reportagem sobre o funeral do político assassinado.	
15.03.1915	Coluna Figuras e Factos. (15) Colaboram com esta reportagem: Benoliel (02), amador Abel da Costa Mendes (01), Arthur Segurado (02).	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
22.03.1915	Coluna Figuras e Factos. (19)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
29.03.1915	Reabertura da igreja da Graça.(03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.04.1915	Congresso do Partido Republicano Portuguez. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre delegados de todo o país se manifestando contra a ditadura do governo do sr. Pimenta de Castro.	
12.04.1915	A favor dos feridos da guerra. (07)	Reportagem sobre demonstração esportiva em benefício de vítimas da guerra, com subscrição do jornal O Século.	
12.04.1915	Semana Santa. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.04.1915	Congresso Evolucionista. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.04.1915	Manifestação de simpatia ao governo. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre apoio dado a Pimenta de Castro.	
19.04.1915	Instituto Superior do Comercio - o seu novo escritorio-modelo. (03)	Reportagem sobre inauguração.	
26.04.1915	A Festa da Creança. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre festa de caridade.	
03.05.1915	Coluna Teatros. (02)	Reportagem sobre espetáculos na cidade.	

03.05.1915	Na Camara Municipal de Lisboa. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre dissolução de camaras municipais, inclusive a de Lisboa.	
03.05.1915	O funeral do vereador sr. Lourenço Loureiro. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.05.1915	Congresso do Partido Unionista. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
10.05.1915	Emigrados que voltam. (02)	Reportagem fotográfica sobre retorno de anistiado político Pacheco Soares.	?
10.05.1915	O 1º de Maio em Lisboa. (01)	Foto de página inteira sem título, apenas com legenda.	
10.05.1915	Os progressos da Amadora. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a Escola Alexandre Herculano.	
17.05.1915	Os acontecimentos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre revolta contra o governo Pimenta de Castro.	
17.05.1915	Emigrados que voltam. (02)	Reportagem fotográfica sobre o retorno de Paiva Couceiro à Lisboa.	
24.05.1915	A Revolução. (42)	Reportagem sobre "revolução" contra o governo Pimenta de Castro nas ruas de Lisboa.	
31.05.1915	Ainda os acontecimentos. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre as revoltas em Lisboa contra o governo.	
31.05.1915	O funeral do republicano Manuel A. de Oliveira Ramos. (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
07.06.1915	A eleição do novo Presidente da Republica. (02)	Reportagem fotográfica sobre a eleição do Presidente da Republica Portuguesa sr. dr. Teofilo Braga.	
14.06.1915	Coluna figuras e Factos. (13) De Benoliel apenas 01 clichê e do fotógrafo Manuel Moreira da Silva (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
14.06.1915	Visita do sr. Presidente da Republica á Exposição das Belas Artes. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.06.1915	Liceu Maria Pia. (02)	Reportagem.	
21.06.1915	Coluna Figura e Factos. (36) Colaboram com esta reportagem Benoliel (02), Alvaro Martins (01), João Carreira (01), demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
28.06.1915	Coluna Figuras e Factos. (16) Colaboram com esta reportagem Benoliel (06), Gabriel Tinoco (01), demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	

* Coluna não aparece com crédito para fotógrafo.

A ILP a partir de Fevereiro de 1915 além de lançar mão de clichês sobre imagens da guerra insere também uma boa quantidade de gravuras e desenhos ilustrativos e em fins de fevereiro introduz algumas páginas de ilustrações coloridas. As imagens estavam disponíveis através de agências internacionais, bem como os desenhos e as ilustrações.

Aguns fotógrafos do período: Joaquim Osorio, Alvão, Serafim Pimenta, A. Praça, Ferreira, Manuel Moreira da Silva, M. Fernandes, José da Silva Correia, Melo d'Abreu, Antonio Alves da Rocha, Alvaro Martins (Porto), Manoel Moreira da Silva, amador Eduardo Cristino, amador Raul Saraiva de Carvalho, Sebastião de Carvalho Ferreira, A. A. Gomes da Junqueira, A. Garcez, Jaime Paes, Vasques, Internacional: Le Mention Photo-d'Excelsior, Chusseau Flaviens, The Sphere (ilustração), L'Ilustrazion Italiana, M. Branger, Stuart Carvalhaes (desenhos), The Illustrated London News (ilustração), The Sketch (charges), Aires

2º Semestre de 1915

Data	Tema (nª de clichês)	Assunto	nº
05.07.1915	Coluna Figuras e Factos. (18) Colaboram com esta reportagem Benoliel (01), Julio R. de Castro (02), Pereira Monteiro (01), demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica.	
12.07.1915	Dr. Afonso Costa. (02) Benoliel colabora com 01 clichê e Bobone com outro.	Reportagem sobre queda de um político de um elétrico em chamas.	
12.07.1915	Coluna Figuras e Factos. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
19.07.1915	Não há clichês de Benoliel.		
26.07.1915	Um "Garden-party". (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.07.1915	A Questão do Douro. (01)	Reportagem sobre tratado de comércio com a Inglaterra.	
26.07.1915	14 de maio - 14 de julho. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a homenagem de marinheiros aos mortos na "revolução" de 14 de maio (dois meses antes).	
02.08.1915	Festa de confraternização a bordo do "Vasco da Gama". (03)	Reportagem fotográfica.	
02.08.1915	Os viticultores do sul. (03)	Reportagem fotográfica sobre a crise de viticultores do sul contra o projeto de lei beneficiando produtores do Douro.	
02.08.1915	Coluna Figuras e Factos. (14) Benoliel colabora com 03 clichês. Demais clichês não apresentam identificação de fotógrafo	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
09.08.1915	Liceu Maria Pia. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre exposição de trabalhos do liceu.	
09.08.1915	Coluna Figuras e Factos. (25) De Benoliel são 08 clichês, demais clichês em sua maioria tipo retrato não apresentam identificação do fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
09.08.1915	A "Mundial" e as suas delegações. (04)	Reportagem sobre companhia de seguros "A Mundial".	
16.08.1915	O Porto manifesta a sua simpatia pelo sr. dr. Afonso Costa. (03)	Reportagem fotográfica sobre apoio dado ao político Afonso Costa, após recuperação de acidente.	
16.08.1915	Inauguração do Asilo Elias Garcia. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

23.08.1915	Coluna Figuras e Factos. (26) Colaboram com esta reportagem Benoliel (06), Alvaro Martins (05), amador Manoel Domingos Martins (01), demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
23.08.1915	Instrução Militar preparatória. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.08.1915	A tomada de Ceuta. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre exposição de mostruário industrial que podia ser exportado à colonias em comemoração ao 5º centenário da tomada de Ceuta.	
06.09.1915	Ao heroes de Naulila. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre sessão em honra aos militares que lutaram em Naulila contra os alemães.	
13.09.1915	Não há clichês de Benoliel.		
20.09.1915	Exposição de pomicultura no Salão da "Ilustração Portuguesa". (02)	Reportagem.	
20.09.1915	Coluna figuras e Factos. (16) Colaboram com esta reportagem Benoliel (02), Garcez (06), amador Manuel Gualdino (01), demais clichês em sua maioria tipo retrato, sem identificação do fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
27.09.1915	Não há clichê de Benoliel.		
04.10.1915	Concurso Nacional de tiro. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.10.1915	A guarda republicana confraternizando com os marinheiros. (02)	Reportagem.	
11.10.1915	O novo Presidente da Republica. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.10.1915	Coluna Figuras e Factos. (04) De Benoliel apenas 02 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.10.1915	Caçada em Bucelas. (05)	Reportagem.	
25.10.1915	Campeonato de Esgrima. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.10.1915	Universidade de Lisboa. (02)	Reportagem sobre abertura dos cursos da Universidade de Lisboa.	
25.10.1915	"A Napolitana" - Fabrica de Moagem, Massas e Produtos Alimenticios. (06)	Reportagem.	
01.11.1915	"Garden-party" no Estoril. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
08.11.1915	O "gimkhana" automobilista no Estoril. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.11.1915	Coluna Figuras e Factos (23). Colaboram com esta reportagem Benoliel (01), P. Viana (01), amador Antonio José Rodrigues (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	

15.11.1915	Casamento elegante. (01)	Foto de página inteira.	
22.11.1915*	Coluna Figuras e Factos. (21) De Benoliel são 09 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
29.11.1915	O funeral do diretor do "Mundo". (22)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.12.1915	Não há clichê de Benoliel.		
13.12.1915	Coluna Figuras e Factos. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
13.12.1915	Escola de Guerra. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
20.12.1915	Não há clichê de Benoliel.		
27.12.1915	Em honra dos aliados. (01)	Foto de página inteira de banquete.	
27.12.1915	Coluna Figuras e Factos. (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	

* Capa de edição feita por uma fotógrafa: Rita Martin.

Os primeiros números do segundo semestre de 1915 permanecem dedicando inúmeras páginas à questão do conflito mundial. Cada vez mais, e provavelmente facilitada por novas tecnologias de impressão o número de imagens sobre a guerra aumentam e são de naturezas diversas: desenhos, ilustrações, e fotografias, muitas fotografias. As ilustrações ganham muitas cores em especial tons vermelhos e amarelos. As dificuldades de obtenção de papel de qualidade geram uma mescla de diferentes tipos de papéis, sendo reservado o melhor destes para as imagens sobre a guerra.

As reportagens sobre temas internos diminuem sensivelmente, e revelam provável tempo de dificuldades.

A tendência para eventos ligados a levantamento de fundo para vítimas de guerra ainda permanece e as questões de política interna cedem sempre lugar à questões com o estrangeiro.

A coluna Figuras e Factos, deixa de contar apenas com Benoliel, e com bastante frequência chega a ser feita inteira por outros fotógrafos.

Os fotografos anteriores ainda se mantêm e ainda podem ser incluídos outros nomes: Garcez (cabe a ele agora a cobertura de imagens de touradas, regatas e reportagens que envolvam movimento, por exemplo).

Neste segundo semestre é também eleito o terceiro presidente da república portuguesa: sr. dr. Bernanrdino Machado (nascido em 28.03.1851, no Rio de Janeiro).

1º Semestre de 1916

Data	Tema (nª de clichês)	Assunto	nº
03.01.1916	O Natal do "Seculo". (02).	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre brinquedos distribuídos a filhos de funcionários do jornal.	
03.01.1916	Para as vitimas da guerra. (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre festa realizada em favor da Cruz Vermelha.	
03.01.1916	Visita de estudo ás instalações do SECULO. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre visita de alunos da escola Normal nas dependências do jornal.	
10.01.1916	Ano Novo. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre recepção presidencial.	
10.01.1916	As grandes iniciativas - Uma Nova Fabrica de Moagem. (13)	Reportagem sobre os negociantes de cereais Cruces & Barros.	
17.01.1916	Não há clichê de Benoiel.		
24.01.1916	O grande Cassino de Estoril. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre o lançamento da Pedra Fundamental do Cassino Estoril.	
24.01.1916	A Dança - lição pratica de elegancia. (11)	Reportagem.	
24.01.1916	Um pavoroso incendio. (13)	Reportagem sobre incendio criminoso ao depósito de fardamentos do exército português.	
31.01.1916	Dr. Regis de Oliveira. (07)	Reportagem sobre a morte de embaixador brasileiro em Portugal.	
31.01.1916	Coluna Figuras e Factos. (27) Colaboram com esta reportagem Benoiel (04), Garcez (01), sr. Antonio Vieira Claro (01), demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
07.02.1916	Coluna Figuras e Factos. (18). De Benoiel o1 clichê, demais fotos em sua maioria tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
14.02.1916	Ainda a celebração do 31 de Janeiro. (05) Colaboram nesta reportagem Benoiel (02) e Garcez (01)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
21.02.1916	Coluna Figuras e Factos - Conferências sobre Goya. (14)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.02.1916	Uma elegante caçada ás raposas. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

28.02.1916	Coluna figuras e Factos. (21). De Benoliel 01 cliché, demais clichés tipo retrato sem identificação do fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.02.1916	Exposição Hígino Mendonça. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.03.1916	Navios alemaes. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre o pedido de uso de navios alemães ancorados no Tejo.	
06.03.1916	A Festa da Arvore. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.03.1916	Coluna Figuras e Factos. (14) Colaboram nesta reportagem Benoliel (01), Afonso Praça (01), demais clichés em sua maior parte retratos, sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
13.03.1916	Carnaval em Lisboa. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
13.03.1916	O nosso comercio - Farmacia J. Nobre. (02)	Reportagem.	
20.03.1916	A declaração de guerra a Portugal. (23)	Declaração de guerra da Alemanha à Portugal.	
27.03.1916	Portugal na Guerra. (18)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
27.03.1916	O novo ministerio no Palacio de Belem. (01)	Foto de página inteira, sem título, apenas com legenda.	
27.03.1916	Coluna Figuras e Factos. (07) Colaboram com esta reportagem Benoliel (02), Antonio Teixeira (03), demais clichés sem identificação.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
03.04.1916	Homenagem ao chefe de Estado. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre manifestação de apoio ao presidente da republica organizada pelo Gremio da Mocidade Republicana.	
03.04.1916	Portugal na guerra. (13) Colaboram com esta reportagem Benoliel (11), Garcez (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
03.04.1916	Uma festa elegante. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
03.04.1916	Corrida de trote. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre corrida de cavalos e carruagens.	
10.04.1916	Capa: Marinha de Geurra Portuguesa: preparando um torpedo.	Capa remete para reportagem interior	
10.04.1916	Portugal na guerra. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

10.04.1916	N a doca de Belem. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre visita do presidente do ministerio a embarcação afundada.	
10.04.1916	Homenagem a Olavo Bilac. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre banquete oferecido em homenagem a poeta brasileiro.	
10.04.1916	Coluna Figuras e Factos. (29) De Benoliel apenas 02 clichês, demais clichês em sua maior parte tipo retrato, sem identificação do fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
17.04.1916	Capa: Trabalho de ponteiros em Tancos.	Capa remete à reportagem interior.	
17.04.1916	Portugal na Guerra. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.04.1916	Coluna Figuras e Factos. (27) Colaboram com esta reportagem Benoliel (02), Bernardino Lourenço Oliveira (02), demais clichês, em sua maior parte tipo retrato não possuem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
17.04.1916	Praça do Campo Pequeno. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre tourada.	
24.04.1916	Pavoroso incendio no Arsenal da Marinha. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
24.04.1916	Coluna Figuras e Factos. (22) Colaboram com esta reportagem Benoliel (05), Antonio C. Santos (01), demais clichês tipo retrato sem autoria de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
01.05.1916	O exodo dos alemães. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre embarque de alemães para fora de Portugal.	
01.05.1916	O incendio no Arsenal. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
01.05.1916	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
01.05.1916	Estabelecimentos chics - A Casa A. Serra. (07)	Reportagem sobre a casa de modas A. Serra.	
08.05.1916	Portugal na Guerra. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
15.05.1916	Portugal na Guerra. (15)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre preparativos e convocação de recrutas.	
22.05.1916	Capa: A bordo do cruzador "Vasco da Gama" - Exercícios de tiro.	Capa remete a reportagem interior.	
22.05.1916	Portugal na Guerra. (13)	Reportagem sobre convocação de jovens e seu preparo para combate.	

29.05.1916	Capa: No Pinhal da Marinha, em Cascaes: - o sr. ministro da America e algumas amazonas que tomaram parte no Rally-Paper.	Capa remete à reportagem interior.	
29.05.1916	Concurso hipico internacional. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
29.05.1916	Portugal na Guerra. (15)	Reportagem sobre o movimento de navios nos portos de Lisboa.	
29.05.1916	Um "Rally-Paper" em Cascaes. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.06.1916	Portugal na Guerra. (18) Colaboram com esta reportagem Benoliel (12), Garcez (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre os esforços dos envolvidos e imagens sobre a venda de flores por enfermeiras da Cruz Vermelha.	
05.06.1916	A colonia inglesa e os feridos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre atividade beneficente.	
05.06.1916	O novo Sanatorio do Albergue das Creanças Abandonadas. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.06.1916	Exposição Augusto Pina. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre exposição de pintura.	
12.06.1916	Portugal na Guerra. (13) Colaboram nesta reportagem Benoliel (11) e Garcez (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre atuação de Portugal na costa oriental da África.	
19.06.1916	Festa da Flôr. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre festa iniciada pelo jornal O Século.	
19.06.1916	Cortejo em honra de Camões. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.06.1916	Capa: A DEFEZA DA PATRIA - Embarque de mais uma expedição portuguesa para a Africa.	Capa remete à reportagem interior.	

Para este período inicial de 1916 as reportagens sobre a guerra ainda concentram bom número de páginas, mas já começam a dividir espaços com outras matérias mais relacionadas à vida interna de Portugal, além de alguns eventos ligados à chamada vida mundana...

Também se observa um crescimento no número de clichês de Garcez e um maior espaço dado às imagens produzidas por ele. Uma observação rápida parece indicar que Garcez fez "escola" nos moldes fotográficos de Benoliel, tendo um olhar muito semelhante... e talvez por isso seus clichês parecem substituir as imagens feitas por Benoliel em outros tempos.

Em alguns momentos, e de acordo com algumas temáticas, Garcez nos confunde pela semelhança na forma como aborda fotograficamente alguns temas.

2º Semestre de 1916

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
03.07.1916*	Mais uma expedição. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre envio de tropas à África.	
10.07.1916	Uma brilhante parada das Sociedades de Instrução Militar Preparatoria. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.07.1916	Praça do Campo Pequeno. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre tourada.	
17.07.1916	Um passeio militar dos marinheiros portugueses. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
17.07.1916	Coluna Figuras e Factos. (10) De Benoliel apenas 01 clichê, demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
24.07.1916	Um dia em Tancos. (17) Clichês de Benoliel na condição de enviado especial a Tancos.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre exercícios militares realizados em Tancos.	
24.07.1916	Coluna Figuras e Factos. (21) Colaboram nesta reportagem Benoliel (04), amador J. Castro (04), Vitor Santos (01), amador Humberto Gonçalves, do Porto (01), demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
31.07.1916	Portugal na Guerra. (11) Clichês de Benoliel na condição de enviado especial a Tancos.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre atividades de exercícios militares em Tancos.	
07.08.1916	Capa: TANCOS - Exercícios de grandes destacamentos mixtos. Infantaria em linha de atiradores nos entricheiramentos da Barquinha.	Capa remete à artigo interior.	
07.08.1916	Portugal na Guerra. (18) Clichês de Benoliel na condição de enviado especial a Tancos.	Reportagem sobre exercícios militares em Tancos.	
07.08.1916	O hipopotamo do Jardim Zoologico. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.08.1916	Portugal na Guerra. (11) Clichês de Benoliel na condição de enviado especial a Tancos.	Reportagem sobre exercícios militares em Tancos.	
14.08.1916	Inglaterra e Portugal. (03)	Reportagem sobre sessão parlamentar de apoio português à Inglaterra.	

14.08.1916	Na Escola de Guerra. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.08.1916	Inglaterra e Portugal. (10)	Reportagem sobre envio de navios ingleses para saudar Portugal e agradecer seu apoio na guerra.	
14.08.1916	Ecos de Tancos. (09) Clichês de Benoliel na condição de enviado especial.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre exercícios militares em Tancos.	
28.08.1916	Tancos. (05) Clichês de Benoliel na condição de enviado especial.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre exercícios militares.	
28.08.1916	Interessante diviersão tauromaquica. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre tourada.	
28.08.1916	Aspecto da ultima sessão do congresso da União Republicana. (01)	Foto de página inteira.	
28.08.1916	Oficiaes milicianos. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
28.08.1916	Coluna figuras e Factos. (03) De Benoliel apenas 01 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
04.09.1916	Novo embaixador do Brazil. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre posse do embaixador brasileiro dr. Gastão da Cunha.	
04.09.1916	Propaganda patriotica. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre comicio esclarecendo à população a entrada de Portugal na Guerra. Comicio realizado na cidade de Batalha.	
04.09.1916	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
11.09.1916	Coluna Figuras e Factos. (08) Colaboram com esta reportagem Benoliel (04), amador Antonio Jorge Rodrigues, de S. Thomé (01), demais clichês sem identificação de fotógrafos.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
18.09.1916	Exposição de frutos. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.09.1916	Uma Regata em Cascaes. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.09.1916	Uma festa de caridade em Cascaes. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre festa beneficente em favor de pobres de Cascaes.	
25.09.1916	Uma escola em Pardielas. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.10.1916	Portugal na Guerra. (21)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre movimentação de tropas em Lisboa e cidades ao redor, apresentação de licenciados e requisição de animais.	

02.10.1916	Concurso Nacional de Tiro. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
09.10.1916	Portugal na Guerra. (13) Colaboram nesta reportagem Benoliel (10) e Mario A. de S. Felgueiras (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
09.10.1916	O grande pintor Ramalho. (03)	Reportagem sobre falecimento do pintor	
09.10.1916	Homenagem a Candido dos Reis e ao dr. Miguel Bombarda. (03) De Benoliel apenas 01 clichê.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre cortejo em homenagem à memória de Candido Reis e Miguel Bombarda.	
09.10.1916	Festa sportiva na Amadora. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.10.1916	Portugal na Guerra. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.10.1916	Aniversario da Republica. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.10.1916	Concurso Nacional de Tiro. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.10.1916	Juramento de Bandeira. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.10.1916	Festa no Estoril. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.10.1916	Concurso hipico no Estoril. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.10.1916	Os interesses dos povos. (06) Clichês de Benoliel na condição de enviado especial a Grandola.	Reportagem sobre inauguração de trecho de 23 KM de caminhos de ferro, tendo Grandola como estação final.	
30.10.1916	Coluna figuras e Factos. (10) De Benoliel apenas 01 clichê, demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
30.10.1916	Concurso hipico. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
06.11.1916	O "Gymkhana" no Estoril. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre competição automobilística.	
13.11.1916	Fim de epoca taurina em Cascaes - Uma festa simpatica. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
20.11.1916	Major Afonso Pala. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre funeral.	
20.11.1916	Dr. Veiga Beirão. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre funeral do sr. dr. Francisco Antonio da Veiga Beirão.	
27.11.1916	Não há clichês de Benoliel.		
04.12.1916	Portugal na Guerra. (11)	Reportagem sobre exercícios militares em Tancos.	

04.12.1916	Para os soldados portugueses. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre arrecadação de agasalhos para soldados portugueses em campanha promovida pelo jornal O Seculo.	
11.12.1916	Portugal na Guerra. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre partida de soldados portugueses para linha ocidental de luta.	
18.12.1916	Portugal na Guerra. (08) Colaboram nesta reportagem Benoliel (02) e Garcez (06)	Reportagem informando sobre luta na África.	
18.12.1916	Coluna Figuras e Factos. (18) Colaboram com esta reportagem Benoliel (05), Augusto Soucasaux, de Barcelos (03), Arnaldo Ribeiro (02), demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
25.12.1916	O presepio da Igreja da Estrela (01)	Foto de página inteira acompanhada de pequeno texto.	

* A partir desta edição o número de páginas da ILP é reduzido de 32 para 20 páginas.

Com a entrada de Portugal na Grande Guerra, Benoliel passa a “assinar” mais uma coluna: *Portugal na Guerra*. Esta coluna tinha como característica informar sobre assuntos ligados à participação de Portugal na Guerra, em especial sua atuação em África. Benoliel é constantemente enviado como correspondente especial em Tancos para acompanhar exercícios militares de artilharia e infantaria.

As imagens produzidas neste período apresentam um Benoliel “maduro”, seguro do que pretende informar. Apesar de parecerem sempre muito iguais, Benoliel tira destas imagens bom partido e consegue fazer como poucos excelentes imagens dos exercícios militares.

A ILP também tem a partir deste segundo semestre diminuído seu número de páginas, passando de 32 para 20 páginas, o que provavelmente decorreu das dificuldades na obtenção de papel que já vinha sendo anunciada na revista em algumas ocasiões. As 20 páginas de ILP mesclam papel de boa qualidade com papéis de qualidade inferior. Com a diminuição do número de páginas, é óbvio que o número de imagens sobre o conflito e sobre outros temas venham a diminuir.

As imagens do conflito ainda mantêm-se em sua maior parte de gravuras e desenhos e um número reduzido de imagens fotográficas. Incluem-se nesta poucas páginas charges e desenhos humorísticos sobre a guerra e sobre seus principais personagens.

Os temas da ILP voltam a focar um pouco mais de eventos sociais, políticos e esportivos - já que provavelmente a Guerra já faz parte do cotidiano das pessoas e por isso já foi assimilada enquanto rotina, deixando de ocupar todas as páginas disponíveis da revista.

Neste sentido e por esta razão Benoliel volta a ter uma presença mais constante nas páginas da ILP, apenas tendo uma redução de número de clichés gerado pela redução no número de páginas da revista.

Benoliel continua a dividir espaço nas reportagens fotográficas com diferentes fotógrafos profissionais e amadores, sendo que a parceria com Garcez parece ser no grupo dos “novos” fotógrafos a presença mais constante.

Portugal nas páginas da ILP neste período não assiste grandes problemas internos. Há um ufanismo patriótico na participação de Portugal na Guerra e o apoio aos aliados é trabalhado pelos articulistas da revista como sendo um privilégio. As demonstrações de apoio ao governo e seu posicionamento na Guerra ganham destaque nos números da revista e são enfaticamente trabalhados.

Questões ligadas a greves, acidentes, catástrofes naturais etc, mantêm-se ausentes dos números da revista.

De certa forma a ILP se esforça em manter uma tônica aos aspectos ligados à vida mundana: mesmo quando e ainda o mundo todo esteja em Guerra.

1º Semestre de 1917

Data	Tema (n ^a de clichês)	Assunto	n ^o
01.01.1917	O Natal e as creanças do pessoal do “Seculo” (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre festa do jornal O Século para funcionários e filhos.	
01.01.1917	Os Acontecimentos. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre repressão a movimento “revolucionário” de caráter militar em Tomar.	
08.01.1917	Ano Novo. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a recepção presidencial ao ano que se inicia.	
15.01.1917	Portugal na Guerra. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre partida de tropas para luta contra alemães na Europa ocidental e em Moçambique.	
15.01.1917	Coluna figuras e Factos. (05) De Benoliel apenas 01 cliché.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
22.01.1917	A obra de João de Deus. (03)	Reportagem sobre inauguração de museu João de Deus.	
29.01.1917	Coluna Figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
05.02.1917	O General Fernando Tamagnini e alguns oficiais do seu estado maior. (01)	Foto de página inteira acompanhada de pequeno texto.	
05.02.1917	Coluna Figuras e Factos. (13) Colaboram nesta reportagem Benoliel (01), José Maria dos Santos (01), demais clichês sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
05.02.1917	Arte aplicada. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre exposição de arte aplicada.	
12.02.1917	Capa: A CAMINHO DO DEVER: Um adeus carinhoso.	Capa remete à reportagem interior.	
12.02.1917	A partida das nossas tropas para França. (20)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.02.1917	As raposas. (08)	Reportagem sobre caçada.	
19.02.1917	Tropas portuguesas em França. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.02.1917	Coluna Figuras e Factos. (06) De Benoliel apenas 02 clichês.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	

26.02.1917	Capa: EXPEDICIONARIOS PORTUGUEZES: Escrevendo a um camarada uma carta para a família.	Capa remete à reportagem interior.	
26.02.1917	As nossas tropas expedicionárias. (18)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.02.1917	Belas Artes. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre exposição do pintor brasileiro Navarro da Costa.	
26.02.1917	Um grande navio de vela. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
05.03.1917	A nossa campanha em África (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
12.03.1917	Capa: TROPAS PORTUGUEZAS PARA FRANÇA: Acariciando a filha antes do embarque.	Capa remete a reportagem interior.	
12.03.1917	O sr. dr. Manuel d'Arriaga. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a morte do ex-presidente da República Portuguesa.	
12.03.1917	Mais tropas para França. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre embarque de tropas para a França.	
12.03.1917	A equipagem de S.tº Huberto. (12)	Reportagem sobre culto a Stº Huberto pela Ordem de Cavalaria.	
19.03.1917	Capa: A CAMINHO DA FRANÇA: Comprando fruta antes do embarque.	Capa remete à reportagem interior.	Cx134n17
19.03.1917	Mais tropas para França. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
19.03.1917	A epoca taurina de 1917. (04)	Reportagem sobre temporada de touradas.	
26.03.1917	Capa: VENDA DA FLÔR EM LISBOA: Insistindo gentilmente para que lhe comprem mais flôr.	Capa remete à reportagem interior.	
26.03.1917	Feira do sorriso e das flores. (18)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre a venda de flores em benefício dos soldados que partiram para a França.	
26.03.1917	Partida de novas tropas para a França. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
26.03.1917	A Amadora em festa. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre atividades esportivas realizadas em Amadora.	
02.04.1917	Capa: NO CAES DE EMBARQUE: Preguntando por um parente, que tambem deve partir.	Capa remete à reportagem interior.	
02.04.1917	Canhoneira "Bengo". (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

02.04.1917	Mais tropas para a França. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.04.1917	Exercícios de aviação. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.04.1917	Visita á manutenção militar. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre visita do Presidente da República a inauguração de diferentes áreas de lazer e cultura na Manutenção Militar.	
09.04.1917	Capa: NO CAES DE EMBARQUE: O chefe da missão militar inglesa conversando com um oficial portuguez.	Capa remete à reportagem interior.	
09.04.1917	A caminho do campo de batalha. (07) Colaboram com esta reportagem Benoliel (05) e fotógrafo Ferreira, de Tondela (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
09.04.1917	Tropas para Moçambique. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
09.04.1917	A "Sopa para os pobres". (02)	Reportagem sobre distribuição de sopa para pobres de iniciativa do jornal O Século.	*
09.04.1917	"Sybil", opereta, no Teatro Avenida. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.04.1917	Capa: A PARTIDA PARA FRANÇA: Uma despedida afectuosa.	Capa remete à reportagem interior.	
16.04.1917	Embarque de tropas. (14) Colaboraram com esta reportagem Benoliel (10) e amador António Teixeira (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.04.1917	A Sopa para os Pobres. (03)	R Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre distribuição de sopa para pobres de iniciativa do jornal O Seculo.	*
16.04.1917	Escola de Guerra. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.04.1917	Capa: NO CAES DO EMBARQUE: Um oficial de artilharia dando ordens a um sargento.	Capa remete à reportagem interior.	
23.04.1917	Para os mutilados da Guerra. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre local para abrigar mutilados da guerra.	
23.04.1917	A caminho de França. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.04.1917	Batida ás rapozas. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre caçada.	

23.04.1917	Uma reunião no paço de Belem.(02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre reunião de autoridades de diferentes distritos do país para discutir problemas da miséria da população.	
30.04.1917	Capa: A CAMINHO DA FRANÇA: a bordo de um transporte.	Capa remete à reportagem interior.	
30.04.1917	Mercado Regional. (10)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre feira de objetos da indústria artística portuguesa.	
07.05.1917	Não há clichês de Benoliel.		
14.05.1917	Homenagem ao dr. Magalhães de Lima. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.05.1917	Escola de Guerra. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
14.05.1917	Coluna figuras e Factos. (12) De Benoliel apenas 01 cliché.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
21.05.1917	Não há clichês de Benoliel.		
28.05.1917	Capa: ANTES DO EMBARQUE: Um oficial de infantaria dando ordens.	Capa remete à reportagem interior.	
28.05.1917	“Sopa para os Pobres”. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.06.1917	Tropas para França. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
04.06.1917	Os acontecimentos de Lisboa. (03)	Reportagem falando sobre incidentes em Lisboa por causa do problema do pão.	
04.06.1917	Monumento ao barão do Rio Branco. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.06.1917	Capa: EMBARQUE PARA FRANÇA: Oficiais de um regimento de infantaria com a sua bandeira.	Capa remete à reportagem interior.	
11.06.1917	A festa da flôr. (26)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
11.06.1917	Novos soldados para França. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.06.1917	Concurso Hípico Internacional. (12)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
18.06.1917	Tropas para França. (09)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.06.1917	Os que vão combater em França. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.06.1917	Coluna Figuras e Factos. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.06.1917	Festa do Asilo Antonio Feliciano de Castilho. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	

2º Semestre de 1917

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
02.07.1917	No Jardim Zoológico. (02)	Reportagem sobre evento para arrecadar fundos para a sopa dos pobres.	
02.07.1917	Uma partida de “tennis” na legação de Hespanha. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.07.1917	O ministro de Hespanha visita Mafra e o Estoril. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
02.07.1917	Para a “Sopa dos Pobres”. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre tourada para arrecadação de fundos.	
09.07.1917	No Liceu Passos Manuel. (02)	Reportagem sobre encerramento de ano letivo.	
09.07.1917	Uma grande corrida de motocicletas. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
09.07.1917	Visita d’estudo ao “Seculo”. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre visita de alunas da Escola Normal ao Seculo.	
16.07.1917	Continua o embarque de tropas para França. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
16.07.1917	Um “match” de “base-ball”. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.07.1917	A greve da construção civil. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
30.07.1917	Sessões secretas. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre sessões secretas do parlamento discutindo aspectos relacionados à guerra.	
06.08.1917	Fotografias da Guerra. (01)	Reportagem sobre inauguração de exposição no salão da ILP de imagens de guerra.	
06.08.1917	Excursão automobilística de Lisboa ao Porto. (08)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
13.08.1917	Dr. Augusto de Castro (02)	Reportagem sobre banquete oferecido ao dr. Augusto Castro que escreve no jornal O Seculo sobre a situação da Espanha na guerra.	
20.08.1917	Monumento ao Marquez de Pombal. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
20.08.1917	Tropas para França. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
27.08.1917	Capa: ANTES DO EMBARQUE PARA FRANÇA - Uma refeição volante.	Capa não remete à reportagem interior.	

03.09.1917	Homenagem á Marinha de Guerra. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
03.09.1917	Hospital da Junqueira. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
03.09.1917	Concurso de Patinagem. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
10.09.1917	Os ultimos Acontecimentos*.	Reportagem fotográfica sobre greve dos correios.	
17.09.1917	Não há clichê de Benoliel.		
24.09.1917	A falta dos jornaes. (10)	Reportagem sobre greve dos jornais.	*/Arq.
24.09.1917	Para os soldados portugueses. (02)	Reportagem sobre arrecadação de roupas para os soldados portugueses de iniciativa do jornal O Século.	
24.09.1917	Os serviços dos correios. (13)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre greve nos correios.	
01.10.1917	Concurso Hípico. (11)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
01.10.1917	Um pavoroso incendio. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto em deposito de latas de gasolina.	
08.10.1917	Não há clichês de Benoliel		
15.10.1917	Capa: NOVAS FORÇAS PORTUGUEZAS PARA FRANÇA - No caes, momentos antes do embarque.	Capa rmete à reportagem interior.	
15.10.1917	A favor da pobreza em Lisboa. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre tourada em beneficente.	
15.10.1917	O aniversario da proclamação da Republica. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
22.10.1917	O Presidente da Republica Portugueza em Hespanha. (07)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
29.10.1917	Agasalhos para nossos soldados. (01)	Reportagem sobre campanha do jornal O Seculo para obtenção de agasalhos para soldados portugueses.	
29.10.1917	Centenario da morte de Gomes Freire d'Andrade. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
05.11.1917	A viagem presidencial. (04)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre regresso de viagem do presidente da república à Espanha.	
05.11.1917	Centenario do martirio de Gomes Freire. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
05.11.1917	Em Hendaya. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre viagem de retorno do presidente da república portuguesa.	
05.11.1917	Encalhe no "Porto Alexandre". (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre encalhe de navio.	

12.11.1917	Eleições administrativas. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
12.11.1917	Juramento de bandeira na Escola de Guerra. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
19.11.1917	Não há clichês de Benoliel		
26.11.1917	Capa: RETRATO A PASTEL, (um dos belos trabalhos do ilustre pintor Leopoldo Battistini, exposto no salão da Ilustração Portuguesa)	Capa remete à reportagem interior.	
03.12.1917	A escalada da Basílica da Estrela (03)	Reportagem sobre subida por dois homens à torre da Basílica para desfaldar bandeira.	
03.12.1917	Uma tenta em Monte Pedrogam. (06)	Reportagem sobre diversões tauromaquicas.	
10.12.1917	Não há clichê de Benoliel		
17.12.1917	Capa: No acampamento de Campolide: o major sr. Sidonio Paes, comandante das forças revolucionarias, conversando com o sr. dr. Moura Pinto, no dia 6.	Capa remete à reportagem interior.	
17.12.1917	A revolução em Lisboa. (26)	Reportagem sobre “revolução” comandada por Sidonio Paz, onde se dissolveu o parlamento e destituiu-se o Presidente da República Bernardino Machado.	
24.12.1917	Capa: A caminho do exílio: o sr. Bernardino Machado, ao deixar o apeadeiro de Entre-Campos		

Aparentemente se trata de uma nova coluna: sem texto apenas com pequenas legendas tentando dar conta de acontecimentos da semana.

Alguns números anteriores falavam, por exemplo, dos incidentes nas ruas por causa da questão do pão. Neste caso específico há imagens sobre prisão de grevistas dos correios e imagens do trabalho sendo feito por escoteiros.

Neste segundo semestre de 1917 e já a partir do fim do 1º semestre Garcez desaparece das páginas da ILP...

1º Semestre de 1918

Data	Tema (nº de clichês)	Assunto	nº
07.01.1918	O SECULO e os pobres. (05)	Reportagem sobre campanha patrocinada pelo jornal O Seculo para a "Sopa dos pobres".	
07.01.1918	Para os nossos soldados. (02)	Reportagem sobre exposição de roupas e agasalhos para os soldados no salão da ILP.	
14.01.1918	Não há clichês de Benoliel		
21.01.1918	Não há clichês de Benoliel		
28.01.1918	Não há clichês de Benoliel		
04.02.1918	Não há clichês de Benoliel		
11.02.1918	Não há clichês de Benoliel		
18.02.1918	Não há clichês de Benoliel		
25.02.1918	A visita presidencial. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre visita do presidente Sidonio Paes ao Alentejo e Algarve.	
04.03.1918	Capa: VIAGEM PRESIDENCIAL: O sr. dr. Sidonio Paes, ilustre presidente da Republica, á varanda do Grande Hotel Faraense, em Faro, recebe comovido aclamações entusiasticas do povo.	Capa remete à reportagem interior.	
04.03.1918	No Alentejo e no Algarve. (16)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre visita presidencial.	
11.03.1918	Visita presidencial em Santarem. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.03.1918	Ministros de Hespanha e de Portugal. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.03.1918	Agasalhos para nossos soldados. (04)	Reportagem sobre exposição de agasalhos para soldados no salão de ILP.	
11.03.1918	A gréve dos caixeiros. (01)	Foto de página inteira.	
18.03.1918	Não há clichês de Benoliel		
25.03.1918	Não há clichês de Benoliel		
01.04.1918	Não há clichês de Benoliel		
08.04.1918	Não há clichês de Benoliel		
15.04.1918	Não há clichês de Benoliel		
22.04.1918	Não há clichês de Benoliel		
29.04.1918	A venda da Flôr. (22)	Reportagem fotográfica sobre a venda de flores em benefício de obras assistenciais aos soldados em combate.	*/ Arq.

29.04.1918	A manifestação dos funcionarios publicos. (02)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto sobre manifestação de apoio à Sidonio Paes.	
06.05.1918	As eleições em Lisboa. (02)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto sobre eleições de deputados, senadores e presidente da republica.	
13.05.1918	Os bailados em S. Carlos. (10)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto sobre balé russo apresentado no Coliseu dos Recreios.	
13.05.1918	Ator Augusto Rosa. (05)	Reportagem sobre falecimento e funeral do ator.	
20.05.1918	A proclamação do sr. presidente da Republica. (13)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto sobre posse do sr. dr. Sidonio Paes como Presidente da República.	
20.05.1918	Exposição de Rosas. (08)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto.	

2º Semestre de 1918

Data	Tema (nª de clichês)	Assunto	nº
01.07.1918	Capa: DIPLOMATAS. O sr. ministro dos Estados Unidos da America (...)	Capa remete à reportagem interior.	
01.07.1918	Associação Cristã de Estudantes. (05)	Reportagem sobre inauguração em Coimbra de Associação Cristã de Estudantes.	
08.07.1918	Não há clichês de Benoliel.		
08.07.1918	Aniversário da independência da America do Norte. (04)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto.	
22.07.1918	Marinha Norte-Americana. (02)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto	
29.07.1918	O Chefe de Estado no Congresso (02)	Reportagem fotografica acompanhada de pequeno texto sobre apresentação de sidonio Paes as duas Camaras	
05.08.1918	Não há clichês de Benoliel.		
12.08.1918*	Não há clichês de Benoliel		
19.08.1918*	O funeral do sr. Ministro da Argentina. (04)	Reportagem sobre funeral do ministro D. Baldomero Garcia Sagastume.	
26.08.1918*	Não há clichês de Benoliel		
02.09.1918*	Não há clichês de Benoliel		
09.09.1918*	A XVI turma intensiva da Escola Preparatoria de Oficiaes Milicianos. (06)	Reportagem	

09.09.1918*	Exposição de frutas. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
16.09.1918	Coluna Figuras e Factos. (15) De Benoliel são apenas 03 clichês, demais clichês tipo retrato sem identificação de fotógrafo.	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
23.09.1918	A festa das creanças no Parque da Pena. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
23.09.1918	Mutilados portugueses. (01)	Reportagem	
30.09.1918	Não há clichês de Benoliel		
07.10.1918	Concurso Hípico. (05)	Reportagem	
14.10.1918	Manobras militares. (06)	Reportagem fotográfica sobre exercícios militares.	
14.10.1918	Coluna figuras e Factos. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequenos textos.	
21.10.1918	Campeonato de Portugal de "Law-tennis". (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
28.10.1918	Capa: CONCURSO HIPICO NO ESTORIL. (...)	Capa remete à reportagem interior.	
28.10.1918	Concurso Hípico no Estoril. (06)	Reportagem	
28.10.1918	Casamento inglês elegante. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
04.11.1918	Exposição de flôres. (02)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
11.11.1918	Não há clichês de Benoliel		
18.11.1918	A PAZ. (08)	Reportagem sobre o fim da Guerra.	*/ Arq.
18.11.1918	Armazens reguladores de preços. (06)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto.	
25.11.1918	Pela vitória dos aliados. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
25.11.1918	Belas Artes. (03)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
25.11.1918	Ecos das manifestações de regosijo. (05)	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto sobre comemorações pelo fim da Guerra.	*/ Arq?
02.12.1918	Os nossos bravos que regressam. (06)	Reportagem	
02.12.1918	"Te-Deum" pela vitória dos aliados. (02)	Reportagem	
02.12.1918	Parada militar. (02)**	Reportagem fotográfica acompanhada de pequeno texto	
16.12.1918	Não há clichês de Benoliel		
23.12.1918	Não há clichês de Benoliel		
30.12.1918	Não há clichês de Benoliel		

* número inteiro utilizando papel jornal
Sidônio Paes é assassinado em 14 de dezembro e é sucedido pelo vice-almirante Canto e Castro, ministro da pasta da Marinha.

** Última reportagem de Benoliel na ILP como repórter fotográfico.

Apêndice 4

Comparação entre os fotógrafos

Se no caso de Benoliel os temas, o enfoque, a produção e circulação das imagens encontram números que revelam um trabalho diferenciado e pautado no ato fotográfico como repórter, para os dois outros casos as diferenças são substanciais.

Pastore apesar de fotógrafo e igualmente fornecedor de clichês para publicações ilustradas não encontra as mesmas condições para circulação e divulgação de suas imagens. Além do mais seu “estilo” é muito diferente do estilo de Benoliel e suas imagens buscam mais o pitoresco, concentrando-se especialmente num trabalho que se aproxima muito aos trabalhos realizado em estúdio: os retratos.

Pastore não era um repórter fotográfico e não ganhava a vida como tal. Estava estabelecido e tirava sua subsistência do seu trabalho como fotógrafo de estúdio e de reclames veiculados em revistas ilustradas. concentrava-se basicamente em personagens urbanos e estava sempre em busca do típico.

O caso de Paula Souza é ainda mais particular: sua produção não visava ser publicada e sua circulação é restrita a fins de ensino, pesquisa e publicação acadêmica e/ou como hobby.

No entanto, revelam um olhar muito particular sobre a cidade e a forma como se aproxima do tema é que dá colorido às suas imagens.

Apêndice 5

PERFIL DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS EM LISBOA

Arquivo Arco do Cego

Integrado à estrutura orgânica do Arquivo Histórico, Arquivo do Alto da Eira e Arquivo fotográfico. É um Arquivo Administrativo.

O Arquivo se encontra do bairro de mesmo nome e é instituído em 1935.

O Fundo Câmara Municipal de Lisboa apresenta-se assim dividido:

Órgãos do Município

Que é uma documentação produzida pela Presidência por serviços de apoio como Serviço de Protocolo e o Gabinete de Relações Internacionais no cumprimento de diversas funções.

Neste conjunto destacam-se Atas de Sessões, Editais, Correspondência Oficial (recebida e expedida), Visitas Oficiais, Relatórios, Pareceres.

Datas - limite: 1900 – 1996

Extensão: 240 metros lineares

Serviços Financeiros

Os documentos produzidos referem-se à gestão financeira, incluindo-se aí documentos de concepção e planeamento, como orçamentos até registros diários quanto à receita e despesas municipais.

Datas – limite : 1866 – 1950

Extensão: 200 metros lineares

Taxas e Licenças

Documentação que se relaciona ao estabelecimento de taxas do município impostas á ocupação temporária de lugares e terrenos de uso e logradouros públicos e pela concessão de licenças.

O destaque desta documentação fica para os inúmeros livros de licença, contendo o montante de taxas aplicadas, a saber: de Comércio e Indústria, de Obras particulares, de Habitação, de

Talhos, de Espetáculos, de Ocupação da via Pública, de Veículos de Carga, de Veículos de Condução de Pessoas, de Ambulantes, de Carros de Mão, de Mercados e Feiras.

Datas - Limite: 1866 - 1950

Extensão: 200 metros lineares

Recursos Humanos

Documentação produzida em desempenho de funções de recrutamento, seleção e admissão de pessoal municipal, criação e gestão de um sistema de aperfeiçoamento e formação de pessoal, organização de processos individuais, exonerações, demissões.

Esta secção contém: Processos individuais dos funcionários da Câmara Municipal de Lisboa, Processos Disciplinares, Processos de Averiguação, Processos de concurso, Provas de Concurso, Processos de Aposentação, Verbetes.

Datas - limite: 1911 - 1990

Extensão: 563 metros lineares

Serviços Administrativos

Além de Processos da Secretaria, há séries de controle arquivístico, como Verbetes, Livros de Porta, índices dos Livros de Porta, Diário da secretaria, Despachos em Requerimento, Livros de Registro de Movimento de processos, Pareceres, Informações, etc.

Datas - limite: 1630 - 1950

Extensão: 650 metros lineares.

Serviços Urbanos

Nesta secção destaca-se toda a documentação produzida no âmbito dos seis cemitérios da cidade, a saber: Cemitério dos Prazeres, Cemitério do Alto de s. João, Cemitério do Lumiar, Cemitério da Ajuda, Cemitério dos Olivais e Cemitério de Benfica.

A documentação é composta por séries documentais interessantes sobre Processos de jazigo e Registro de enterramentos, por exemplo. Dos registros de enterramentos, se destacam: elementos de identificação pessoal e informações relativas às causas de morte.

Além desta série, outras integram esta secção, como por exemplo: Petições, Registro de Informações, Ossários, Vistorias Sanitárias, Processos, Avisos de Limpeza e beneficiação de Jazigos, Guias de receita, Folhas de Vencimento de Funcionários, Exumações, Mapas de Movimentos Mortuários.

Datas -limite: 1865 - 1980

Extensão: 350 metros lineares

Notariado Privado

Documentação específica produzida pela Câmara em que se compete lavrar contratos e atos notariais.

Da documentação produzida, destaque para: Livros de sinais, Livros de Contratos Diversos, Livros de Notas, Livros de Compra e Venda de Cemitérios para Jazigos, Livros de Pedido de Naturalização.

Datas - limite: 1848 - 1990

Extensão 360 metros lineares.

Eleições

Documentação produzida no decurso do cumprimento de funções eleitorais. Os livros de Recenseamento Eleitorais contêm o registro dos cidadãos eleitores e elegíveis; referenciam o nome, morada, data de nascimento, estado civil, profissão, preparação literária, rendimentos, contribuições.

Datas - Limite: 1822 - 1971

Extensão: 150 metros lineares

Funções militares

Documentação que se refere ao recrutamento militar de jovens. Além de correspondências recebidas e expedidas, o Arquivo detém livros de Recenseamento Militar, que originarão informações sobre nome, filiação, naturalidade, morada, idade, profissão, altura, causas de exclusão, etc.

Datas – limite: 1856 – ca. 1900

Extensão: 5 metros lineares

Urbanismo

Contribuem para a produção documental desta secção além da Secretaria Geral e o Notariado Privado, serviços ligados diretamente ao planejamento e gestão urbanística da cidade de Lisboa como: o Serviço Geral de Obras Públicas, a Repartição Técnica, a Comissão de Obras e melhoramentos Municipais, a Direção dos Serviços de urbanismo e Obras e a Direção dos Serviços de Urbanismo.

Além da documentação escrita – constituída em sua maior parte por Correspondências recebidas e expedidas, Pareceres, Informações – esta secção integra um vastíssimo acervo iconográfico de grande rigor técnico e cuidado estético. O destaque desta secção vai para inúmeras peças desenhadas, plantas de alinhamento, plantas de localização, alçados, esboços, desenhos aquarelados, Levantamentos da Cidade, Projetos, Planos Gerais da cidade, Pareceres, Informações.

Além desta documentação, este arquivo contém uma série de informações concernentes à equipamentos e mobiliário urbano, incluindo desenhos de bancos de jardim, candeeiros, letreiros, quisques, urinóis, coretos, diversos tipos de gradeamento, empedrados

Datas – limite: 1820-1970

Extensão: 500 metros lineares

Arquivo do Alto da Eira, também conhecido como Arquivo Geral da Câmara

Fundo: Câmara Municipal de Lisboa

Órgão do Município

Secção constituída por documentos produzidos pela Presidência e pelas estruturas que dela dependem. As séries documentais podem ser resumidamente assim descritas: Editais (1754-1989); relatórios de atividades de serviços da Câmara Municipal de Lisboa, Propostas e deliberações camarárias (década de 80), documentação relativa à Administração dos 1º e 4º Bairros de que se destacam: o recenseamento dos chefes de família, atestados de bom comportamento moral e civil, processos de emigração, processos de despejo sumários, relativos a hóspedes de casas particulares, correspondência oficial (1890/década de 1970), inquéritos administrativos e empreitadas diversas.

Data – limite: 1754 – 1989

Extensão 160 metros lineares

Serviços administrativos:

É constituída majoritariamente por requerimentos comuns sobre assuntos práticos, como: iluminação pública, pedidos de licenças de habitação, reclamações sobre vias de comunicação, pedidos de intervenção em situações de indigência ou outro tipo de carências, além de outros aspectos da vida quotidiana.

Datas – limite: 1948 à atualidade

Extensão: 4300 metros lineares

Serviços Financeiros

Processos de abonos a funcionários, autorizações de pagamento, despesas, orçamentos, guias de receita, serviços prestados, guias de cobrança de imposto, etc.

Datas – limite: 1936 à atualidade

Extensão: 1800 metros lineares

Eleições

Documentação constituída por cadernos de recenseamento eleitoral, correspondência oficial trocada entre a Câmara Municipal de Lisboa e outras entidades. Os cadernos de recenseamento se encontram organizados por freguesias, ordenados cronologicamente com informações sobre idade, estado civil, profissão e morada.

Datas – limite: 1822 – 1970

Extensão: 230 metros lineares

Funções Militares

Documentação produzida quanto ao recrutamento militar em várias freguesias da cidade

Datas – limite: início do século XX – 1980

Extensão: 110 metros lineares

Justiça

Constituída por livros de recenseamento de jurados.

Data – limite: 1867 – 1898

Extensão: 50 metros lineares

Controle das Atividades Económicas

Documentação referente ao registro de indústrias poluentes, processos de concessão de alvarás a indústrias consideradas insalubres, incômodas, perigosas ou tóxicas. Há informações sobre os proprietários das empresas, área de implantação e as condições a que o proprietário se obriga para que lhe seja concedido o alvará.

Há também documentação relativa a aferições e conferência de taxímetros, contadores de água, gás, eletricidade e balanças comerciais.

Data – limite: 1901 – 1966

Extensão: 220 metros lineares

Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia³¹⁰

O Arquivo de Fotografia de Lisboa (AFL), arquivo dependente do Centro Português de Fotografia (CPF), foi criado pelo decreto-lei nº 160/97. Em 1999, incorporou os fundos da antiga Fototeca do Palácio Foz e uma parte dos fundos e coleções do antigo Arquivo Nacional de Fotografia (hoje, Divisão de Documentação Fotográfica do Instituto Português de Museus). Foi também a partir de 1999 que começou a funcionar nas instalações do Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo (IAN/TT). Apesar de possuir um carácter provisório, tendo em vista a construção de um novo edifício jnto à Torre do Tombo, permanece até os dias de hoje aguardando que tais instalações se construam. O Arquivo apresenta-se assim dividido:

Fundos e colecções (41 fundos)

Os cerca de dois milhões e meio de espécies fotográficas dividem-se por vários fundos de diversas características:

Imagens do Século XIX

João Francisco Camacho

António Garcia Nunes (1^a e 2^a séries)

Fernando Santana Cardoso

Alfredo Fillon

Rocchini

Publicações periódicas

Jornal *O Século* – c. de 117.000 espécies

Jornal *Diário da Manhã / Época* – c. de 447.960 espécies

³¹⁰ Informações fornecidas pelo doutor Fernando Costa, Coordenador do Arquivo de Fotografia de Lisboa do Centro Português de Fotografia.

Revista *Flama* – c. de 380.000 espécies

Fotógrafos

Joshua Benoliel – c. de 9.000 negativos (reportagem política e social, usos e costumes lisboetas, retratos e visitas reais entre 1898 e 1918)

Jorge Almeida Lima – c. de 5000 negativos já acondicionados (costumes e paisagens de todo o país com especial incidência no sul, atividade agrícola e vida social entre 1903 e 1920)

Claudino Costa Madeira – c. de 40.000 negativos (reportagem fotográfica, vida política e social e desporto entre 1926 e 1976)

Armando Serôdio – c. de 5000 negativos (reportagem fotográfica, vida social e política, levantamentos arquitetônicos de Lisboa e do resto do país entre 1930 e 1973)

Amadeu Ferrari – c. de 9.500 negativos (vistas de todo o país, paisagem, indústria, pesca, acontecimentos políticos entre 1920 e 1950)

Casas fotográficas (retratos de estúdio)

Foto Fidelidade (Lisboa)

Foto Nunes (Lisboa)

Foto Arte

Foto Vasques

Estúdio Nova Goa

Foto Correia (Faro)

Foto Nova União

Foto Oriente (Lisboa)

Foto Graça (Lisboa)

Fundos de instituições

SPN/SNICPT/SEIT/MCS/SECS (reportagem política e documental)

DGCS (reportagem política e documental)

Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional de Portugal, localizada em Lisboa possui um acervo bibliográfico de grandes dimensões e oferece a possibilidade de consulta em microfilme de coleções de periódicos e imprensa diária.

Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa³¹¹

O Arquivo fotográfico de Lisboa foi institucionalizado em 1942 com o objetivo de centralizar toda a produção fotográfica dispersa por diferentes setores. Por ocasião das pesquisas desenvolvidas para a pesquisa de doutorado o acervo contava com um número estimado de 400.000 imagens de valor inestimável para estudos sobre a evolução urbana da cidade de Lisboa, além de fornecer importantes elementos para o estudo da fotografia em Portugal e de seus processos fotográficos, datados desde 1850.

O arquivo conta com uma sala de leitura onde mais de 80 mil fotografias encontram-se disponíveis em base de dados distribuídas por 14 computadores. A biblioteca que serve de suporte às imagens é composta por cerca de 1800 títulos – todos relacionados à fotografia ou sua história e atende uma média de 4.000 leitores permanentes, além de pesquisadores eventuais.

Além de todo este trabalho voltado ao atendimento de consulentes, há um núcleo de conservação e restauro de espécies fotográficas que inclui em suas atividades além do tratamento das imagens contidas em acervo o atendimento a pesquisadores que desejam se especializar nesta área oferecendo estágios supervisionados.

³¹¹ Informações obtidas em publicações institucionais.

Anexo 1

Mapas de Condenações em Lisboa no período de 1897 a 1930

Mapa nº 1 dos Vadios condenados, nos anos de 1897 e 1903 a 1930, segundo idade, elaborado a partir dos Anuários Estatísticos de Portugal.

Anos	Me nor de 18a nos	De 18 a 20 ano s	De 21 a 35 ano s	De 26 a 30 ano s	De 31 a 35 aos	De 36 a 40 ano s	De 41 a 45 ano s	De 46 a 50 ano s	De 51 a 55 ano s	De 56 a 60 ano s	De mai s de 60 ano s	Des con heci da	Total
1897	136	66	88	60	30	25	13	16	6	8	1	-	449
1903	95	34	45	15	16	4	8	3	2	2	-	1	225
1904	80	31	31	27	20	2	4	6	4	-	-	-	205
1905	104	47	47	48	18	14	6	6	2	-	1	-	293
1906	92	49	58	28	17	9	3	3	1	3	1	-	264
1907	109	42	71	35	33	18	14	5	3	-	-	-	330
1908	75	32	35	27	24	14	2	1	-	-	-	-	210
1909	74	27	32	22	12	10	17	4	2	-	-	-	200
1910	43	35	26	31	21	5	2	3	5	1	1	-	173
1911	11	9	22	16	21	16	9	3	1	-	-	-	108
1912	15	15	14	24	13	10	5	4	6	2	-	-	108
1913	10	14	15	17	12	6	4	7	2	2	1	-	90
1914	8	27	17	43	9	8	7	6	-	-	-	1	126
1915	35	28	21	18	10	10	3	2	-	-	2	-	129
1916	26	23	37	27	17	18	9	9	4	-	-	-	170
1917	13	6	14	13	6	11	5	2	-	-	1	-	71
1918	31	42	28	16	11	5	6	1	1	-	2	-	143
1919	20	15	17	7	7	4	2	2	-	-	-	-	88
1920	20	14	11	12	11	9	3	1	-	1	-	-	82
1921	1	7	8	8	6	3	1	-	1	-	1	-	36
1922	6	4	4	5	4	2	2	-	1	-	-	-	28
1923	8	2	17	1	10	2	1	-	-	2	-	-	43
1924	2	2	9	6	1	2	3	1	1	1	-	-	28
1925	8	20	15	10	4	6	1	-	1	2	1	-	68
1926	5	2	6	9	7	3	5	-	-	1	-	-	38
1927	-	1	6	5	7	-	2	2	1	-	1	-	25
1928	-	7	4	2	10	3	2	1	-	-	-	-	29
1929	1	5	7	4	2	1	1	3	1	-	-	-	25
1930	2	4	5	2	5	3	1	1	1	-	-	1	25

Mapa nº 2 da Vadias condenadas, nos anos de 1897 e 1903 a 1930, segundo idade, elaborado à face dos Anuários Estatísticos de Portugal

Anos	Me nor de 18a nos	De 18 a 20 ano s	De 21 a 35 ano s	De 26 a 30 ano s	De 31 a 35 aos	De 36 a 40 ano s	De 41 a 45 ano s	De 46 a 50 ano s	De 51 a 55 ano s	De 56 a 60 ano s	De mai s de 60 ano s	Des con heci da	Total
1897	5	2	1	1	2	1	1	-	-	-	-	-	13
1903	2	3	2	6	1	2	1	-	-	-	-	-	17
1904	-	-	5	-	2	-	2	1	-	-	-	-	10
1905	2	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	5
1906	2	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9
1907	3	4	4	1	2	-	-	-	-	-	-	-	14
1908	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
1909	-	4	1	-	-	2	2	-	-	-	-	-	9
1910	1	2	3	1	3	1	-	1	-	-	-	-	12
1911	1	3	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	8
1912	-	1	2	2	1	-	1	-	-	-	-	-	7
1913	-	1	1	2	-	-	1	-	-	-	-	-	5
1914	-	1	1	1	-	-	1	-	-	-	-	-	4
1915	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-	1	-	4
1916	-	-	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-	4
1917	-	1	5	2	5	1	1	-	2	-	-	1	18
1918	-	2	1	-	-	1	2	-	-	-	-	-	6
1919	1	-	1	1	-	-	1	1	-	-	-	-	5
1920	-	1	2	2	3	-	-	1	-	-	-	-	9
1921	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2
1922	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
1923	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
1924	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2
1925	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	3
1926	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1927	-	-	-	-	4	1	-	-	-	-	-	-	5
1928	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
1929	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	3
1930	3	3	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	8

Mapa nº 3 dos Vadios entrados nas cadeias civis centrais de Lisboa, nos anos de 1900 a 1930 por idade

Anos	Até 20 anos	De 21 a 30 anos	De 31 a 40 anos	De 41 a 50 anos	De mais de 50 anos	Desconhecida	Total
1900	283	187	62	24	6	-	562
1901	322	156	51	23	3	-	555
1902	159	101	35	22	5	1	323
1903	126	60	23	10	2	-	221
1904	181	88	19	14	9	-	311
1905	230	115	36	23	12	3	419
1906	252	135	49	18	1	-	455
1907	443	210	54	23	17	1	748
1908	158	111	33	14	3	-	319
1909	246	150	40	16	8	1	461
1910	251	188	68	21	13	-	541
1911	132	125	73	22	21	1	372
1912	128	149	49	12	14	-	352
1913	88	138	41	28	13	-	308
1914	78	154	56	13	6	-	302
1915	109	215	72	23	7	1	427
1916	75	105	49	23	5	-	257
1917	62	108	59	24	2	1	256
1918	262	245	120	55	14	6	702
1919	144	177	64	36	16	5	442
1920	80	83	54	13	9	2	241
1921	74	140	59	29	10	2	314
1922	38	89	43	13	5	-	188
1923	69	94	31	15	14	1	224
1924	63	82	31	12	4	2	194
1925	93	146	64	34	25	-	362
1926	81	126	47	23	13	2	290
1927	35	65	43	22	8	-	175
1928	49	124	80	41	15	-	309
1929	23	62	30	15	13	-	143
1930	30	62	28	24	11	2	157

Mapa nº 4 das Vadias entradas nas cadeias civis centrais de Lisboa, nos anos de 1900 a 1930 por idade

Anos	Até 20 anos	De 21 a 30 anos	De 31 a 40 anos	De 41 a 50 anos	De mais de 50 anos	Desconhecida	Total
1900	12	5	4	3	2	-	24
1901	15	15	1	-	-	-	31
1902	15	6	1	1	-	-	23
1903	8	1	-	-	-	-	9
1904	8	-	1	-	-	-	9
1905	3	1	7	-	-	-	11
1906	9	5	3	-	-	-	17
1907	8	6	1	-	1	-	16
1908	1	3	-	-	-	1	5
1909	1	3	-	1	-	-	5
1910	10	2	1	3	1	-	17
1911	4	1	5	3	-	-	13
1912	-	1	2	-	1	-	4
1913	4	4	1	2	-	-	11
1914	4	10	3	3	-	1	21
1915	15	7	2	-	-	-	24
1916	6	9	5	-	-	-	20
1917	5	3	1	1	-	-	10
1918	25	19	6	2	1	-	53
1919	7	9	4	2	2	-	24
1920	2	1	-	-	-	-	3
1921	4	2	1	-	-	-	7
1922	14	46	8	5	1	-	74
1923	4	4	4	2	1	-	15
1924	2	4	4	1	2	-	13
1925	1	3	4	-	-	-	8
1926	7	2	-	1	-	-	10
1927	-	2	2	2	-	-	6
1928	1	5	1	1	-	1	9
1929	-	3	3	1	-	-	7
1930	1	1	2	1	-	1	6

Mapa nº 5 dos Vadios entrados na Penitenciária de Lisboa, nos anos de 1900 a 1930 segundo Natureza das Condenações:

Anos	Dano e Ofensas corporais	Desobediência	Fogo posto	Furto	Homicídio Voluntário	Vadiagem	Violação
1900	-	-	-	-	-	-	-
1901	-	-	1	-	-	-	-
1902	-	-	-	2	-	-	-
1903	-	-	-	-	-	-	-
1904	-	-	-	-	-	-	-
1905	-	-	-	-	-	-	-
1906	-	1	-	-	-	-	-
1907	-	-	-	-	-	-	-
1908	-	2	-	1	-	-	-
1909	-	1	-	1	-	-	-
1910	-	-	-	-	-	-	-
1911	-	-	-	-	-	-	-
1912	1	-	-	1	-	-	-
1913	-	1	-	1	-	-	-
1914	-	-	-	6	-	-	-
1915	1	-	-	6	-	-	-
1916	-	-	-	6	-	-	-
1917	-	-	-	6	3	-	-
1918	-	-	-	5	7	-	-
1919	-	-	1	7	-	-	-
1920	-	-	-	8	3	-	-
1921	-	-	-	11	3	-	-
1922	-	-	-	6	-	-	-
1923	-	1	-	7	2	-	-
1924	1	-	-	3	3	-	-
1925	-	-	-	6	-	-	-
1926	-	-	-	4	3	-	-
1927	-	-	-	4	1	-	-
1928	-	-	-	8	-	-	1
1929	-	-	1	10	2	-	-
1930	-	-	-	8	1	-	-

Para as Cadeias Centrais de Lisboa as Naturezas das Condenações tinham um leque mais extenso e eram assim discriminadas:

- Abuso de Confiança
- Aborto
- Corrupção
- Escândalo público
- Fuga
- Agressão
- Ameaças
- Arremesso de Bombas
- Arrombamentos
- Associação de malfeitores
- Atentado dinamitista
- Atentado ao pudor

- Burla
- Dano
- Desfalque
- Desobediência
- Desordem
- Difamação
- Diversos
- Embriaguez
- Emigração clandestina
- Encobrimento
- Estupro
- Falsas declarações
- Falsificações
- Falsificações de Lotarias
- Falso nome
- Ferimentos
- Fogo posto
- Furto
- Furto e vadiagem
- Homicídio
- Ignorados
- Injúrias
- Insultos
- Int. em casa alheia
- Jogo proibido
- Medincidade
- Moeda falsa
- Multa
- Ofensas corporais
- Ofensas à moral
- Ofensas à religião
- Passaportes falsos
- Particip. caluniosa
- Porte de arma
- Resistência
- Roubo
- Rufiagem
- Sodomia
- Ultrage à moral
- Ultrage ao pudor
- Viciação
- Vadiagem

Mapa nº 06 - Vadios entrados nas cadeias civis centrais de Lisboa, nos anos 1890 a 1936 segundo profissões:

Profissões	Totais
Alfaiate	270
Barbeiro	182
Brochantes	6
Caixeiros	264
Carpinteiros	451
Carroceiros	38
Cauteleiros	278
Cigarreiros	4
Cocheiros	14
Comerciantes	9
Contratadores	4
Cortadores	5
Corticeiros	54
Cozinheiros	16
Criados	503
Descarregadores	43
Empregados no Comércio	53
Encadernadores	7
Escoveiros	9
Fabricantes	10
Funileiros	38
Impressores	1
Jornaleiros	54
Marceneiros	244
Marítimos	66
Moços	18
Padeiros	293
Pedreiros	427
Pescadores	32
Pintores	296
Polidores	79
Sapateiros	913
Serralheiros	743
Sotas	7
Taberneiros	9
Tipógrafos	7
Trabalhadores	3.812
Tróilhas	1
Vendedores	54
Vendedores de Jornais	41
Sem modo de vida	433
Diversos	5.954

Anexo 2

Glossário

Aguadeiros:	Eram aqueles que vendiam e acarretavam água para os habitantes da cidade
Alfacinha:	Alcunha dos Lisboaetas
Americano:	Nome utilizado em Portugal para o sistema de viação, que consiste em carros de tração animal, circulando sobre vias férreas, para transporte de passageiro.
Ardina:	Definidos como rapazes que vendem preferencialmente pelas ruas jornais, bilhetes postais, papel, etc.
Canastra:	Cesta larga e pouco alta.
Capoeira:	Cesto grande, gradeado onde se guardam e criam capões ou outras aves.
Corticeiro:	Categoria de trabalhador de cortiça.
Fragateiro:	Tripulante de fragatas no Tejo. As fragatas eram embarcações de guerra, especialmente utilizadas no serviço de transporte de cargas.
Galegos:	Referência aos provenientes da região da Galiza, norte da Espanha
Moço de Frete:	Galegos na função de carregadores.
Rufião:	Definido como aquele que vive às custas de mulheres ou que briga por elas.
Saloió:	Termo que serve para designar o camponês ou aldeão que vive nos arredores de Lisboa, e possui sempre uma conotação de rusticidade. É também um termo sinónimo de Moiro, originário de Salé. Sobre a origem do termo <i>saloió</i> , Marina Tavares explica: “(...) A primeira população árabe instalada nos arredores de Lisboa beneficiara da

tolerância do conquistador cristão. Depois, estendeu-se (...) pagando sempre o seu *çalaio* pelo pão cozido.(...) O estipulado *çalaio* acabou por degenerar em “çaloio” como designação étnica (...)”

- Talho:** Açougue
- Tilburi:** Espécie de cabriolé (antiga carruagem de duas rodas, puxada por um cavalo) leve, com dois acentos
- Toleradas:** Prostitutas que tem o nome inscrito nos registros administrativos e está sujeita à inspeção e regulamentação policial
- Trapeiro:** Catador de Trapos
- Varina:** A vendedora ambulante de peixe. Segundo Marina Tavares, “(...) A designação “varina” – abreviada de ovarina – abrange todas as mulheres oriundas da zona de Ílhavo, Aveiro, Murtosa e Ovar. Diz Pinho Leal, No Portugal Antigo e Moderno, que os vareiros eram oriundo exclusivamente de Ovar (“vareiro”, etimologicamente, de “vara” – percha para conduzir os barcos). (...) Físicamente, o varino reúne uma porção de atributos tidos como herança fenícia: elegância de gestos, altivez de porte, feições enérgicas, olhos invariavelmente escuros. (...)”